
efeito
BORBOLETA
AMAR NUNCA FOI TÃO DOLOROSO
um romance dramático de
L. J. RODRIGUES

efeito BORBOLETA



AMAR NUNCA FOI TÃO **DOLOROSO**

um romance dramático de

L. J. RODRIGUES


wantsgmarie
twitter instagram

Copyright © **2022** de **L. J. Rodrigues**
Todos os direitos reservados

Título: Efeito Borboleta
Revisão: L. J. Rodrigues
Leitura Crítica: Aurora D’amico
Capa: Gialui Design
Diagramação: Gialui Design

TODOS OS DIREITOS DA OBRA SÃO RESERVADOS A **L. J. RODRIGUES**. É PROIBIDO QUALQUER TIPO DE REPRODUÇÃO, CÓPIA NO TODO OU EM PARTES, IMPRESSÃO, DISTRIBUIÇÃO POR MEIOS FÍSICOS E DIGITAIS, REVENDA OU ADAPTAÇÃO.

TODOS OS DIREITOS ESTÃO PROTEGIDOS DE ACORDO COM A **LEI N° 9.610/98, Art. 184 do Código Penal.**

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

ÍNDICE

dedicatória
epígrafe
prólogo
1 – ascenção
2 – declínio
3 – freud explica
4 – (in)competência
5 – sete palmos e meio
6 – olá papai
7 – anjos e demônios
8 – autossabotagens
9 – recaída
10 – o primeiro contato
11 – o sabá de agnes
12 – segredos de família
13 – rumo à tempestade
14 – boas mentiras
15 – efeito borboleta
16 – noite estrelada
17 – crise na relação
18 – amores reais, lembranças fatais
19 – razão x emoção
20 – feito brasa
21 – bons tempos, boas vadias
22 – apocalipse
23 – casa dos sogros
24 – amigo estou aqui
25 – pedido de divórcio
26 – cheiro de vida

27 – águas rasas
28 – quente como o inferno
29 – despedida
30 – papel de pai
31 – imperdoáveis
32 – cilada
33 – lâmina, sangue e dor de cabeça
34 – alguém para amar
35 – mães e filhos
36 – contagem regressiva
37 – recolha meus pedaços
38 – menos um
39 – a consequência
40 – sufocar
41 – volta para casa
42 – resquícios
43 – estrada de tijolos amarelos
44 – promessas quebradas
45 – fim da história
46 – amar foi a pior coisa que ele poderia ter feito
47 – acerto de contas
48 - definitivo
49 – amor e arrependimento
50
51 – sobre perdas
52 – sobre finais
53 – dois meses depois
54 – amar nunca foi tão libertador
epílogo
agradecimentos

nota da AUTORA

Você, leitor, saiba que tem nas mãos mais que um livro.

Efeito Borboleta surgiu na minha vida como algo incerto, uma diversão nas horas vagas de uma adolescente fragilizada; sem que eu percebesse, com o passar dos dias, essa história foi marcando minha alma para sempre. É o projeto da minha existência.

Os personagens que encontrará neste livro são, sobretudo, humanos. Por isso cometeram erros, acertos, machucaram e foram machucados na mesma medida, então peço sua compreensão para entendê-los da forma que você gostaria de ser entendido.

Entretanto, como autora, desejo que os julgue.

Julgue-os com seus valores, amores, alegrias e tristezas, pois foi para isso que trouxe essa história ao mundo, para fazê-los imergir de corpo e alma dentro desse universo caótico e, infelizmente, verdadeiro.

Os temas aqui presentes não foram romantizados, mas sim humanizados. Ninguém sofre do mesmo jeito e cada pessoa se destrói à sua maneira, seja errando, aprendendo… ou amando.

Por fim, quero que seja arrebatado por essa história assim como eu fui. Boa leitura, e lembre-se: esteja preparado para o que acontecerá com a sua vida após esse livro.

aviso de
CONTEÚDO SENSÍVEL

Este livro não é recomendado para menores de 18 anos.

Contém: Conteúdo sexual explícito, nudez total, alcoolismo, distúrbios mentais (depressão, suicídio, ataques de pânico), violência física e psicológica. Caso seja sensível a alguns desses temas, aconselho cautela na leitura.

Para Jonas, o meu verdadeiro
anjinho de asas.

“Tudo o que você faz, um dia volta pra você.
Se você fizer o mal, com o mal mais tarde você
vai ter de viver”
***Boomerang Blues*, Renato Russo**

prólogo

Theo esperou, *debruçado no guarda-corpo da sacada, até o som constante do chuveiro parar. O vento no rosto tinha gosto de mar, e era onde gostaria de estar naquele momento: na praia a menos de um quilômetro dali. Se virasse o rosto para a esquerda já teria um vislumbre do Pacífico.*

Passou pelas cortinas e entrou no quarto de Benjamin. Ele estava diante do espelho na parede, penteando os cabelos ensopados. Usava uma calça de moletom com elástico nas barras e uma camiseta branca, todas as peças eram de Theo.

— Ninguém te ensinou a bater na porta? — Ben provocou. — Ah é, não ensinaram.

Theo deixou escapar um sorriso leve. Não sabia se o aperto no peito era efeito do álcool ou das palavras que estava prestes a dizer. Antes de começar a falar, observou toda a extensão do quarto. Era uma bagunça organizada, violão, armário arrumado, sobre a mesa de cabeceira havia um notebook fechado e um porta-retrato com a foto de Amália; mesmo após dois meses, o idiota não a esquecera.

— Vou falar com a Hannah.

Benjamin parou de policiar os fios escuros, fitando o reflexo do irmão pelo espelho.

— Hein? — Ele riu e se virou. — Virou comediante?

— Não tô brincando.

O caos estava plantado.

— Ficou maluco? O álcool subiu pra sua cabeça? Por que isso do nada?

— Não é do nada. Ela me ligou hoje, na verdade tem ligado há um bom tempo, mas só agora abriu a boca. — Ele pegou o celular no bolso, já no registro de chamadas, e o estendeu. — Olha.

O garoto pegou o aparelho, esboçando um pequeno sorriso irônico; entretanto, o nervosismo estampava o rosto jovem.

— Isso é besteira, acha mesmo que era ela do outro lado da linha?

— Não sou tapado, reconheci a voz.

— Pelo amor de Deus, cara. — Benjamin coçou a nuca. — Isso é só…

Ele olhou para o celular mais uma vez antes de jogá-lo na cama.

— Por que você tem interesse em qualquer coisa que essa mulher tenha pra falar? É óbvio que ela vai te dar outras desculpas pra tudo o que fez!

— Como pode ter tanta certeza disso?

— É o que ela sempre fez! Só vai encher sua cabeça, vai culpar o pai por ter ido embora, dizer que estava infeliz, foi obrigada. Sabe disso!

— Não, eu não sei! — Theo deu um passo à frente, apontando o dedo para ele. — Só o que sei é o que vocês me falam. Nunca pude ouvir uma palavra da boca dela.

— Mas por que quer ouvir? Não mentimos pra você. — Ele torceu as sobrancelhas como sempre fazia quando pensava nas palavras certas. — Se lembra de todas as vezes que ela aparecia e depois sumia de novo?

Houve uma pausa. Theo desviou a atenção para o celular na cama.

— A Hannah não quer você, Theo. Nenhum de nós, nunca quis.

Ele assentiu e encarou o irmão na altura dos olhos.

— Quero que ela me diga isso.

A temperatura do cômodo despencou, igualando-se ao sangue em seus corpos.

— Cara… Como pode ser tão egoísta?

— Egoísta?

— Tem noção do que o pai vai sentir quando souber que você foi atrás dessa mulher?!

Theo reconhecia a mágoa na voz dele, mas por trás de tudo havia uma sombra estranha de preocupação; suas palavras atropeladas, esbravejadas uma após a outra, eram prova do medo incompreensível. Com os músculos retesados e punhos cerrados, ele lutava para não se deixar levar pelas ofensas que sabia que ouviria.

— Não posso fazer nada quanto a isso — esclareceu. — O que ele vai fazer ou sentir a respeito não é responsabilidade minha.

— É responsabilidade sua!

Ele colocou o dedo indicador no peito do irmão mais novo e o empurrou.

— Já tá na hora de começar a pensar nas consequências do que faz — grunhiu, mantendo o toque. — O mundo não gira ao seu redor, nem

tudo…

— Eu tô pouco me fodendo se gira ou não! — Ele afastou a mão de Benjamin com agressividade. — Não me importo, entendeu?

— Com o que se importa, então?

Theo se aproximou mais, quase colado nele, e sussurrou:

— Me importo com a minha vida e com o que vou fazer com ela. Não vai ser você, nem mesmo o pai, que vai me dizer como devo viver. Nunca foi, na verdade.

Seus ombros se chocaram quando ele seguiu em direção à porta.

— É claro que nunca foi — Benjamin falou às suas costas.

Parado sob o batente, Theo se virou para ele.

— Se você tivesse nos ouvido, não teria se transformado nisso. Impulsivo, inconsequente, só liga para a droga do próprio nariz… Talvez alguém até te amasse além do sexo!

— Como a Amália te ama? Ah não, quer dizer, amou. — Ele deu um sorriso debochado. — Ela deve tá sentando em outro agora.

— Fala o que quiser, não me importo.

— Porra, como você é maduro. Tão adulto.

Ele riu mais alto, já começava a sentir os efeitos do álcool. Apesar da postura altiva, o medo estampava o rosto do irmão. Benjamin andou até ele.

— Não vou discutir. Você tá bêbado, não tá falando coisa com coisa…

— Não tô bêbado, porra! E também não vou mudar de ideia, não vim pedir sua permissão, vim avisar.

Todos os cabelos do garoto ficaram de pé. Dos pés à cabeça.

— Isso é um erro. Você vai ferir as pessoas que só estão tentando te proteger.

— Me proteger do que? — Sua voz soou rouca. — Não sou mais aquela criança esperando um conto de fadas.

— Não é, mas continua sendo ingênuo. Um otário de merda!

Theo tentou respirar fundo.

— Como disse, não vim pedir sua permissão. — Ele tentou cruzar a porta, mas Benjamin se colocou no caminho.

— Não vou deixá-lo fazer isso.

— Ah, não? E o que vai fazer? — Ele franziu o cenho. — Você nunca foi bom de briga, eu sempre fui mais forte.

— E mais imbecil. Te conheço, Theo. Por trás dessa fachada de garoto mau só tem um bebezinho implorando por atenção.

Seu rosto endureceu.

— Sai da minha frente — rugiu.

— Não. Daqui você não sai, nem que precise te colocar numa camisa de força. Realmente, é só isso que falta pra você: hospício.

Theo o empurrou, ele bateu na parede do corredor e depois o encarou. Só havia raiva. Ben investiu contra ele, os braços envolveram sua cintura e ambos caíram no chão. Theo acertou o cotovelo na mesa de cabeceira, derrubando o abajur no carpete. Com o corpo dele sobre o seu, estava preso.

O golpe de Benjamin acertou o lábio inferior, que sangrou no mesmo instante, depois outro abaixo do olho. Ele era ágil, mas não tanto. Theo girou o corpo e assumiu o controle, as costas do irmão bateram contra os minúsculos estilhaços da lâmpada do abajur. Ignorando a dor no rosto e a queimação expandindo-se pelos dedos, passou a agredi-lo.

Não soube dizer quantos socos desferiu contra ele.

Antes de dar o próximo golpe, ele sentiu mãos firmes o enlaçarem por baixo dos braços e o puxarem para longe de Benjamin. Caído no chão, Theo viu quando Phil tentou ajudar o filho sangrando. Desdenhando do apoio do pai, ele ficou de pé sozinho.

Tudo aconteceu numa fração de segundos.

— Vocês enlouqueceram?! — Phil urrou.

Theo se levantou enquanto encarava Benjamin. Ambos os olhares eram confusos, e no fundo, decepcionados.

— Alguém pode me explicar que merda aconteceu aqui?!

Nenhum deles respondeu. Ele manteve os punhos cerrados, doloridos, o irmão limpou o sangue do nariz com o braço. Parado entre eles, as mãos espalmadas sobre o peito dos filhos, Phil se mostrava possesso.

— Não foi nada, só uma briga idiota… — Ben mentiu. — Besteira.

Phil se virou para Theo.

— Foi só uma briga idiota — confirmou sem tirar os olhos do garoto.

— Acham mesmo que acredito nisso? Teriam se matado como dois animais imbecis se eu não tivesse impedido!

Enquanto o homem ainda falava, Benjamin pegou as chaves do carro e um par de tênis surrados. Também eram de Theo.

— O que está fazendo? Onde pensa que vai, moleque?

Ignorou a pergunta do pai e andou até Theo. Phil se colocou entre eles novamente mesmo que não fosse necessário. Não haveria mais brigas. Theo engoliu em seco quando Ben o encarou com o rosto mergulhado em desapontamento.

— Eu nunca vou perdoar você.

Após aquelas palavras, Benjamin saiu do quarto.

Para sempre.

1ª ascenção



“Esta noite, eu vou me divertir de verdade
Eu me sinto vivo
E o mundo, eu vou virá-lo do avesso, sim!
Estou flutuando por aí em êxtase
Então não me pare agora
Não me pare…”
***Don’t stop me now,* Queen**

Theo estava destruído, no sentido mais visceral da palavra. Seu corpo tremia em curtos calafrios enquanto tentava, a todo custo, continuar de pé. Mas precisava aguentar, já havia sido fraco o suficiente até aquele momento.

Ele abriu a torneira da pia e mergulhou o rosto suado, a pele nua — exposta pela falta da camiseta — se retesou com o contato gélido da água. Usou a mão para beber parte do líquido, sentindo o organismo agradecer; após todos os litros de álcool ingeridos, aquilo se assemelhava a uma dose forte de energético. Apesar disso, o gosto azedo do comprimido de ecstasy permaneceu na boca, misturado ao delicioso amargor da boceta de Abby.

Ou seja lá qual é a porra do nome dela.

Assim que alinhou o tronco, Theo ouviu graves batidas na porta.

— Eu já arrumei tudo por aqui. Vai continuar trancado nesse banheiro? — A voz da garota soou arrastada ao convidá-lo para a segunda parte da noite. Ele enxugou o rosto na toalha, e evitando o próprio reflexo no espelho, saiu do cômodo.

Nem a visão espetacular que teve a seguir foi suficiente para animá-lo.

Abby estava inclinada sobre a escrivaninha no canto do quarto, os seios fartos nos quais ele havia se afundado minutos antes eram esmagados

pelo peso de seu corpo; a bunda redonda marcada dentro da calcinha que, infelizmente, tinha colocado de volta. Ela girava o pedaço de canudo entre os dedos, indicando as fileiras de pó branco na madeira.

— Disse que ia conseguir, não disse? — Ela levantou as sobrancelhas. — É a melhor.

Theo esboçou o seu melhor e mais sedutor sorriso, e cruzou os braços, encostado no batente da porta.

— Eu tinha certeza, você é tão… — lentamente desceu os olhos pelo corpo seminu, em seguida a encarou de volta — eficiente.

— Nem faz ideia. — Ela gargalhou, envolta em malícia, depois inclinou a cabeça para frente, e com uma extremidade do canudo do nariz e a outra sobre o pó, inalou a primeira fileira.

Theo a assistiu com o olhar faminto, ao mesmo tempo em que sentia uma vontade insuportável de dormir. A mistura do álcool, comprimidos de ecstasy e os inibidores de serotonina controlados pesavam seu organismo como um poderoso sonífero, causando constantes flashes na visão e tonturas recorrentes.

Não era capaz nem de andar longas distâncias e gozar uma segunda vez parecia uma missão impossível. Fazê-la gozar, então, era ainda mais cansativo. A ideia de esquecer daquela maldita noite estava cada vez mais distante; quanto mais ele fingia não se importar, por mais autodestruição sua mente ansiava.

Devia parar, largar as drogas e a bebida e ir para casa, mas nada poderia ser tão exaustivo quanto aquele ambiente calmo e vazio.

Fazendo o que fazia de melhor — ignorar seu bom senso — andou até ela com uma nova feição: indiferença. Nada funcionaria melhor.

Abby sorriu quando ele a agarrou por trás e colou seu corpo ao dela, que já estava bêbada o suficiente para querer outro round. Theo beijou seu pescoço conforme as mãos percorriam cada centímetro de pele: seios, cintura, a bunda que ela fazia gosto de roçar contra ele. Em segundos, a calcinha que ela inutilmente havia colocado, estava no chão.

— Theo — ela gemeu ao ser tocada entre as pernas. — Não vou aguentar… eu...

Com um gesto súbito, ele a virou de frente e pressionou seu pescoço entre os dedos. Ele sabia que, com sua mão longe de onde ela mais precisava, nenhum pedido seria negado. Apertou-a mais, focando no fundo dos olhos

cor de âmbar, embebidos no efeito da cocaína.

— Você não vai gozar agora. Você pediu, então vai aguentar enquanto eu tiver forças pra meter — Ele fez uma pausa e diminuiu o tom de voz. — Entendeu?

A garota não respondeu, apenas esboçou um sorriso cheio de maldade. Ela deslizou as unhas por seu abdômen e as enfiou dentro da calça jeans para agarrá-lo de mão-cheia, junto a um brilho excitante no olhar, como uma boa vagabunda. Contendo um suspiro entrecortado, e usando do último resquício de força, a virou para a mesa novamente. Abby bateu contra o móvel, inclinada sobre a superfície rígida, à espera que ele cumprisse sua palavra.

Vendo-a daquele ângulo, sem que ela tivesse visão alguma de seu rosto, a vontade de chorar era maior do que a de continuar. Ele evitou fechar os olhos para os vislumbres assustadores não retornarem, mas àquela altura já haviam invadido sua mente. Cada um mais fatal e insuportável que o outro.

— Quer uma foto? — Abby reclamou, e só então ele percebeu que ela o fitava por sobre o ombro. — Hein?

Theo gargalhou com o sorriso impuro de volta ao rosto. Sem perder mais tempo, ele pegou o canudo caído sobre a mesa e inalou as últimas duas fileiras da droga como se fossem ouro puro. Um grande e precioso tesouro que daria fim aos seus problemas. Abby arregalou os olhos.

— Caramba! Você vai morrer assim.

— Tem razão… mas só depois de te comer.

Antes que ela pudesse contestar, Theo deu a primeira investida. O que sentia já não era mais prazer, só um sentimento distante e enevoado, nem bom, nem ruim. Apenas o suficiente para fazê-lo esquecer.



Ele perdeu o contato com Abby no instante em que saíram do quarto, e era melhor assim. Não tinha a menor paciência para as carências das garotas pós-orgasmo.

Com uma garrafa de vodca na mão e a falsa energia renovada, Theo costurou por entre a multidão aglomerada no centro da sala, dançando ao som de uma música eletrônica qualquer.

A casa era uma zona. Um aroma fétido, uma mistura de maconha,

bebida e sexo tomava conta do ambiente desde o interior da residência até o quintal, onde os carros estacionados serviam de motel. O ar abafado tornava difícil o ato de respirar, quase o sufocando por baixo das roupas pretas.

Após esbarrar nos corpos aglomerados, cumprimentar pessoas que não lembrava o nome e sentir vertigens em ao menos três pontos do trajeto, Theo encontrou o pequeno sofá no canto da sala. Afastou os copos amassados e as porções murchas de salgadinhos, e como se carregasse uma tonelada inteira nos ombros, desabou sobre o estofado. Menos de cinco minutos atrás estava bem, revigorado, fodendo consigo mesmo e com os outros como estava acostumado, e agora sentia que perderia a consciência a qualquer momento. Ele apoiou a cabeça nas costas do sofá e assistiu a massa disforme de pessoas a poucos metros de onde estava. Música alta, luzes piscando e movimentos demais para seu cérebro acompanhar; estava lento, bêbado e drogado.

Agora estava funcionando.

Quando estava prestes a fechar os olhos — sem saber se tratava de um sono profundo ou um desmaio — uma voz suave surgiu em meio ao barulho. Não era preciso aguçar os ouvidos para reconhecê-la. Linda se despediu das pessoas com as quais conversava e correu até ele, o decote do vestido rodado revelando mais do que deveria.

— Finalmente achei você — ela gritou. — Onde estava?!

Como se pesasse poucas gramas, a garota se atirou no colo de Theo, deixando as pernas caídas sobre o braço do sofá.

— Argh, caralho! — ele gemeu. — Devagar!

O peso das curvas sinuosas se espalhou sobre suas pernas cansadas, mas não parecia dar a mínima. Alguns anos atrás, Linda sofreu para se encaixar no padrão irreal de magreza das revistas, mesmo tendo um corpo carnudo de causar inveja e muitas inimigas, mas agora ela enfim exibia cada centímetro com um merecido orgulho. Pelo jeito ele não tinha sido o único a se dar bem naquela noite.

— Onde você se meteu? — ela repetiu a pergunta, enlaçando os braços no pescoço de Theo.

— Como assim? Eu estava aqui.

— Você estava bem longe, isso sim. Eu reconheço esse cabelinho a mil quilômetros e no escuro.

Theo deu uma risada baixa quando ela brincou com os dedos nos fios

de sua cabeça. Graças ao seu alguma-coisa-avô, seu cabelo era um ruivo acobreado escuro e fechado, num castanho muito esquisito. Uma cor que, combinada ao marrom vazio de seus olhos e a barriga sutilmente definida, abria todas as portas — e pernas — possíveis.

Estava no topo do mundo, até começar a rolar penhasco abaixo.

— É sério. — Ela aumentou a voz devido a troca da música. — Te procurei por uns dez minutos, cheguei a pensar que tinha ido embora sem mim!

— *Lindinha*, não se faz de sonsa — retrucou de forma rude. — Onde você acha que eu estava?

Ele virou o resto do álcool na boca à medida em que Linda esboçava uma expressão enojada, mas nem um pouco sincera.

— Coitada. Quem é a vítima dessa vez?

— Vítima? Não, não. Eu diria que ela foi a sortuda, passou ótimos longos minutos — comentou com um falso orgulho.

Ela gargalhou até mover os ombros de maneira debochada. Um garoto que passava ao redor derrubou sua bebida no ombro de Theo, apoiado no braço do sofá. Ele quase não sentiu o líquido na pele entorpecida, mais preocupado com o borrão que surgia no fundo dos olhos. Sua visão ficou turva por questão de segundos.

— Minutos? — ela zombou. — Você já foi melhor, querido. Eu que o diga!

— Então espera pra ver, só não tô nos meus melhores dias.

A entonação em sua voz saiu como menos gostaria, mesmo com o sorriso nos dentes brancos, era nítido o que havia por trás. Ela sabia. A música parou subitamente e as luzes foram acesas. A loira — dona da festa que ele também não lembrava o nome — surgiu com uma garrafa em mãos, convidando os presentes para o jogo mais inapropriado que pudesse ser feito em uma festa jovem. O silêncio repentino era um alívio, mas nem assim a tontura deixaria de existir. Eles ignoraram o convite enquanto seus amigos se reuniam ao redor da mesa de centro e se voltaram um para o outro.

— Como você tá? — Ela soou séria.

— Melhor do que nunca, não tá vendo?

Theo apontou para si mesmo, depois passou os braços em torno da amiga e parou as mãos sobre suas coxas, batucando na pele negra.

— Eu até poderia acreditar, se não te conhecesse desde os sete anos.

— Ela colocou o dedo indicador em sua testa. — Sou a única garota no mundo que se importa com essa cabeça, e não apenas com a de baixo. Devia valorizar isso.

— Mas valorizo, você é a única que sabe minha senha do banco. — Ele simulou uma careta. — Não é suficiente? Poderia me roubar.

Ela deveria rir, mas ao invés disso, endureceu a feição.

— Para de fazer piada com tudo. Você tá drogado?

Theo revirou os olhos. A pergunta mais parecia uma afirmação, como ela sempre fazia ao contestar o que já sabia apenas para inflar seu ego inteligente. Evitou encará-la, fitando a cozinha no cômodo ao lado e as pessoas reunidas ao redor do barril de cerveja, mas era difícil ignorar os oitenta quilos de pura birra e teimosia pesando em seu colo. Dava para sentir o olhar dela sobre o maxilar.

— Theo — ela chamou, sua voz se sobressaindo à fraca melodia do ambiente.

Ao perceber que ele o ignorava, Linda segurou seu rosto e o virou em sua direção. A pele de Theo ardeu quando se desvencilhou das unhas compridas.

— Olha pra mim, cacete! — ela pediu, voltando a segurá-lo pelo queixo. — O que você usou?

— Eu usei de tudo. — Ele aproximou o rosto ao dela, quase colando seus lábios. — Satisfeita agora?

Sem vontade de ouvir mais reclamações, ele a empurrou de cima do seu colo e se levantou, deixando-a esparramada no pequeno sofá. Por trás de toda a rebeldia, ele só não gostaria que ela percebesse como começou cedo naquele dia, e não apenas na festa.

Conseguiu chegar à cozinha depois de inúmeras tonturas ao longo do curto caminho; diante do gigante barril térmico de cerveja, uma vertigem fez o chão se abrir sob seus pés. Ele sentiu todo o álcool ingerido durante o dia subir à boca do estômago e voltar, corroendo cada centímetro do seu organismo. Seus olhos castanhos se tornaram inúteis.

Theo se viu indo de encontro ao chão.

No momento em que acertaria o rosto direto na base da pia imunda, duas mãos o seguraram pela cintura. Linda o ajudou a ficar de pé novamente, com uma expressão nada gentil.

— Isso é estar bem?

Ele ignorou sua ironia até a visão voltar ao normal e os *flashes* escuros diminuírem. As pupilas ardiam e a garganta queimava forte, além, é claro, do cheiro nauseante de álcool nas roupas. Apoiado com ambos os braços na pia, ele respirou fundo e esperou.

— Será que você pensa nas coisas que faz antes de fazer?! — ela perguntou ao seu lado.

— Não precisa bancar a mamãe, foi só… — outra náusea. Ele fechou os olhos, depois tornou a abri-los. — uma tontura.

Linda cruzou os braços na frente do corpo.

— Você não se aguenta em pé. — Linda continuou enquanto o observava procurar por outra garrafa no freezer. — Se a polícia te pegar na rua, você vai pra cadeia, não esquece que já tem dezenove anos… embora ainda se comporte como se tivesse treze.

Ele pegou uma garrafa de cerveja que nadava no gelo derretido.

— Ia ficar lá por um bom tempo, tenho certeza que o Phil ia pensar muito antes de pagar sua fian…

— Eu já entendi, caralho! — interrompeu, se virando para ela. — Agora, por que você não vai arrumar outro pau pra chupar e esquece do meu?

Sua voz alterada chamou atenção das poucas pessoas presentes no cômodo. Linda moveu os lábios para responder, mas eles se torceram em uma careta zombeteira antes dela começar a rir.

— Uhum, é isso mesmo que eu vou fazer, imbecil. Um bem grande, diferente do seu, aliás. Quer se foder? Não tô nem aí.

Ela o empurrou e deu atenção às bebidas dentro do equipamento, fingindo ignorar sua presença. Theo revirou os olhos pela milésima vez e tomou um longo gole da cerveja, notando como o gosto já não parecia mais tão convidativo.

— Tá... Desculpa!

Linda continuou mexendo nas garrafas que boiavam na água como se realmente procurasse por algo. Ele adorava aquele jogo. Se sentou na beirada da mesa com um sorriso insolente no rosto.

— Tô falando com você.

Ao ouvir aquelas palavras, ela se virou com as mãos na cintura.

— Escuta aqui: sei que você é um fracassado de merda, um otário que só dá desgosto pra todo mundo que te ama… — Ela suspirou. — Mas eu me

importo com você, infelizmente. Então, por favor, odiaria que morresse essa noite.

Ela virou as costas e o permitiu pensar em paz. Theo baixou o olhar para as próprias mãos, cujos dedos dançavam ao redor do vidro da garrafa, tilintando os anéis de prata. Cada movimento carregava a eletricidade que o acometia desde que saiu da cama pela manhã, naquele dia infernal que tentava, de todos os jeitos possíveis, ignorar. Não era muito bom nisso.

Theo se levantou e deu os poucos passos até ela, que agora tentava pegar uma lata parada no fundo congelante. Linda mantinha o quadril elevado, revelando parte da calcinha de renda branca. Ao encostar seu corpo ao dela, a garota gemeu em uma risada desconcertada. Ele enlaçou sua cintura com um dos braços conforme ela arrumava a postura.

— Tira esse negócio de mim. — ela pediu sem nenhuma intenção de que ele obedecesse.

— Qual o problema? — Ele se apertou mais contra ela, distribuindo beijos leves sobre o ombro nu. — Sei que você gosta de levar por trás.

Mesmo com uma pele tão escura quanto a terra molhada, seu rosto queimou de vergonha, embora ambos soubessem que não era nenhuma mentira. Ao vê-la sorrindo novamente, Theo aproximou o rosto do seu ouvido.

— Não precisa bancar a preocupada, eu não poderia estar melhor.

— Você nem deveria estar aqui.

— Tô comemorando. Não é isso que as pessoas fazem nas datas especiais?

Linda nem se quer ousou responder. Agradecido ao seu silêncio, ele levantou a garrafa de cerveja até seus lábios coloridos de batom.

— Agora bebe, você tá *muito* tensa.

Theo virou o recipiente na boca de Linda, acompanhando com os olhos as gotas escorrendo pelo pescoço até se perderem dentro do decote. Após deixá-la vazia, a garota tomou a garrafa de sua mão e se virou frente a ele.

— Como foi que o Phil, um homem tão gentil e cavalheiro, conseguiu criar um filho tão baixo e sem caráter como você? — ela questionou, roçando os lábios no gargalo da garrafa.

Ele deslizou as mãos pela lateral do corpo já familiar ao toque, acariciando todas as curvas, enquanto a fitava no fundo dos olhos como

sempre fazia para deixá-la mansa.

— Me arrisco a dizer que fui o melhor erro que meu pai já cometeu.

— Não, muito pelo contrário… — Ela passou os braços por seu pescoço. — Você, Theo Allen Anderson, é o *pior erro.*

— Por que isso importa, quando eu sou o único que faz suas pernas tremerem?

Como resposta, Linda o puxou para beijá-lo. O gosto dos diferentes tipos de álcool tornava o movimento das línguas inebriante, e de certa forma, enjoativo. Porém, ele a agarrou com mais intensidade ao senti-la descer as mãos pelo seu peito.

— Calminha… — ele murmurou contra sua boca, sorrateiro. — Quer mesmo fazer isso em público?

— Eu adoraria, mas hoje não.

O sorriso de Theo se desfez quando ela rumou para o bolso esquerdo de sua calça. Abaixou os olhos a tempo de vê-la pegar a chave da moto.

— Nada de voltar pra casa dirigindo hoje. — Ela balançou o objeto no ar, tremulando o chaveiro enferrujado do Queen. — Isso fica comigo.

— Você é um pé no meu saco.

— E você é um péssimo melhor amigo. Só tenta sobreviver até o fim da noite, ela…

Ele a beijou novamente para não ouvir o resto da frase. Conheceu aqueles lábios aos quatorze anos, na mesma época em que, pouco tempo depois, descobriram que a atração física e o sexo sem compromisso não abalariam o que construíram. Theo gostava de ter uma melhor amiga e gostava de transar, mas essas duas coisas juntas às vezes lhe davam muita dor de cabeça.

Continuaram aos beijos, cada vez mais longos e quentes, e ele apenas se afastou quando outra náusea subiu pelo estômago. Theo escorregou a cabeça para o ombro de Linda e fechou os olhos, quase escorado na beldade à sua frente. Ela era deslumbrante. Possuía longos cabelos cacheados jogados sobre os ombros, olhos castanhos, lábios grossos que hidratava constantemente e uma irritante paixão por lojas esotéricas e horóscopos.

— Se você vomitar em mim de novo eu te mato.

De novo. Provavelmente ele já havia feito, mas a única percepção agora era da música alta voltando a tocar no cômodo ao lado. Ele parecia ser atingido por marteladas a cada batida grossa da melodia, tão dolorosas quanto

a efervescência na barriga.

— Acabou de dizer que não quer que eu morra — conseguiu provocar.

— Salvo algumas exceções.

Theo levantou a cabeça quando achava que a visão havia voltado ao normal. Mas estava errado. Enxergava em sua frente 10 Lindas disformes. Franziu o cenho e deu um passo atrás mas sentiu que o pé afundava no chão, semelhante ao degrau fantasma de uma escada.

— O que deu em você? — Linda voltou a perguntar — Tá bem?

— Eu… — falhou em pronunciar qualquer palavra.

Sua voz parecia estar longe, ou era ele que estava indo para algum lugar distante, perdido na própria mente. Linda movimentou os lábios sem que nenhum som saísse de sua boca. A música também parou, assim como o murmúrio da multidão e qualquer outro típico ruído de uma festa regada a drogas, comprimidos e sexo ruim. Ele sentiu a reviravolta no estômago, mas já era tarde demais.

Theo vomitou sobre os pés dela um líquido grosso, amarelo ocre, de pura vodka e cerveja sem ter controle algum do próprio corpo.

— Eu não acredito! Seu filho da…

O xingamento de Linda foi a última coisa que ouviu antes de acertar o rosto no chão. A partir daí, o mundo imergiu em escuridão.



“Talvez eu devesse chorar por ajuda
Talvez eu devesse me matar…”
***Sail,* Awolnation**

— Eu odeio você. Odeio você com todas as minhas forças, todos os meus guias espirituais odeiam você, entendeu?

— É uma pena, porque eu sou o grande amor da sua vida.

Linda bufou, de pé ao lado do amigo. Theo lhe deu uma piscadela safada, nem um pouco convencido de sua declaração de ódio. Ele tentava mover o mínimo possível os músculos do rosto, que agora trazia um grande hematoma roxo na bochecha esquerda. Assistia através dos olhos semicerrados enquanto Mike — seu padrinho quarentão, um médico extremamente competente, bronzeado e mulherengo — mexia na bolsa de glicose acima deles, ligada à veia intravenosa de sua mão.

— Vai demorar pelo menos uma hora até a solução acabar — explicou ao liberar o lento fluxo do soro. — Vê se não se mexe.

Ele concordou com um aceno de cabeça e voltou a apoiá-la no encosto da poltrona. Terminado o trabalho, Mike tirou as luvas e jogou no lixo ao lado.

— Onde vocês estavam, por falar nisso?

— Numa festa incrível, até esse… infeliz me taxar de privada — Linda reclamou.

— Nem deu para notar, acreditem, o cheiro de bebida está muito pior.

Theo tornou a abrir os olhos, e ignorando a ardência em cada um deles, fitou o padrinho.

— Tá tão ruim assim?

— Parece que você tomou um banho de vodka e não se enxugou,

aliás… — Mike se aproximou em tom sério, as mãos descansando nos bolsos do jaleco. — Ele está furioso.

— Imaginei que estivesse.

— Boa sorte.

Mike sorriu de lado e deixou a sala do pronto-socorro, cujo silêncio contrariava a normalidade dos dias cheios. Já passava das 3 da manhã, e embora as luzes estivessem acesas, a maioria dos pacientes dormia nas macas separadas por cortinas e telas gradeadas. Acidentados, diabéticos e aqueles que quase morreram de overdose. Ele já se sentia mal fisicamente, mas sabia que a ressaca moral do dia seguinte seria mil vezes pior.

Como se adivinhasse seus pensamentos, Linda se sentou na maca vazia ao lado, os pés descalços — e agora limpos — balançando no ar. Theo estendeu a mão livre para ela o acalentar.

— Sai daqui. — Ela o afastou. — Satisfeito agora?

Ele levantou a sobrancelha.

— Bebida, drogas, sangue de virgem e seja lá mais o que você tenha usado hoje, sua intenção não era morrer?

— E eu tô morto por acaso?

— Você tá no hospital, imbecil!

— Isso é bem longe de morrer — disse e riu desanimado. — Se não fosse tão fraco, talvez tivesse conseguido.

Linda murmurou um palavrão, mas ele relevou. Voltou sua atenção para o braço exposto sobre o apoio da poltrona, quase sentindo o açúcar através das veias como vermes nadando em seu sangue. Mais um efeito da maconha, ecstasy e… *Que porra eu usei mesmo?*

— Mas, me diz… — ela continuou. Theo a fitou ao perceber a dualidade em seu tom de voz. — O que disse é verdade?

— O que? — perguntou ao engolir a ânsia de vômito.

— Você é o amor da minha vida?

Ele abriu um sorriso de orelha a orelha, expondo os dentes alinhados dos quais tinha orgulho. Era incrível como nunca perdeu nenhum deles durante as brigas em que se envolvia.

— Sei o quanto sou lindo e irresistível, mas pro seu próprio bem… é melhor que eu esteja errado.

Eles se entreolharam por poucos segundos e foi suficiente para caírem na gargalhada. Todos os anos que passaram juntos não suportavam esse tipo

de relação, então preferiam se amar incondicionalmente de outra maneira. Theo riu tanto que jogou a cabeça para trás, ignorando a ardência em diferentes pontos do rosto e o fato de que logo precisaria de outro vaso para despejar suas nojeiras. O som ecoou pelo ambiente silencioso como um insulto aos que não gostariam de estar ali ou contra a vontade, mas ele gostava de rir das desgraças, era preciso para conseguir sobreviver. Estava no hospital levando glicose direto na veia devido a uma quase overdose, e tudo não passava de uma grande piada de mau gosto.

Mas a alegria foi curta demais.

O sorriso desapareceu de seu rosto quando a cortina azul que separava seu espaço dos outros foi aberta. Phil trouxe consigo uma tensão insuportável. Ele tirou o estetoscópio do pescoço e o jogou sobre o armário na parede com uma brutalidade contida.

— Qual é a graça? — Alternou o olhar entre eles. — Podem me dizer?

Nenhum deles respondeu. Theo olhou para a amiga e moveu os lábios em um “vai embora” inaudível, permitindo-a se livrar daquela inquisição.

— Nem precisa pedir, bebê. — Ela desceu da cama e pegou o par de sapatos sujos do chão. — Tchau, tio.

Phil não respondeu a despedida, evitando qualquer tipo de contato quando ela passou ao seu lado e tomou o rumo da saída. Só isso foi suficiente para Theo perceber o quão puto ele estava. A jovem era, como costumavam dizer, sua terceira filha, e por mais sério que fosse, Phil era quem mais se divertia com sua personalidade excêntrica e todas brincadeiras ácidas protagonizadas por ela e seu filho. Apesar do falso ódio gratuito, nenhum deles hesitaria em se atirar na frente de um carro por Linda.

— Não precisava tratar a garota assim, a culpa não é dela.

— É claro que não. — Ele cruzou os braços. — Até porque ela está de pé, sóbria. Diferente de você.

Um a zero. O homem se aproximou e levantou o queixo do filho para analisar o hematoma de diferentes tons escuros.

— Pelo menos não precisei buscá-lo na cadeia.

Theo se afastou dos dedos cálidos com hostilidade, para então encará-lo novamente.

— É uma pena, *papai*. Eu não sou tão otário a esse ponto.

— Já nem sei mais quem você é. Parece que estou morando com um

completo estranho.

Ele fechou os olhos para evitar os revirar de novo, em seguida pendeu o corpo para frente e apoiou o rosto na mão. Com o contato direto, agora percebia que Mike estava certo, sua pele emanava álcool, um cheiro tão forte que o entregaria a qualquer pessoa mesmo a quilômetros de distância. Além é claro da mistura de aromas menos presente: maconha, nicotina, suor preso em cada fio de cabelo acobreado, e até o frescor da camisinha de morango continuava grudado entre seus dedos.

Estava grotesco, da forma como desejou ficar quando saiu de casa.

Voltou a encarar o pai, que agora vislumbrava seu belíssimo e indecente prontuário. A prancheta envelhecida parecia oscilar em suas mãos trêmulas, mas Theo chegou à conclusão de que não passava de outro delírio. Phil sempre teve o controle de tudo.

O renomado neurocirurgião, referência na pesquisa de cirurgias minimamente invasivas, pobre pai dedicado que havia perdido seu filho mais promissor, financeiramente bem — falando com modéstia — sucedido, frequentava a academia e por isso parecia um muro de tijolos, auge dos 45 anos: doutor Phil Anderson. Seu nome ressoava entre aqueles que não o conheciam, mas Theo, cuja presença foi constante por dezenove anos, sabia o que se escondia por baixo do jaleco impecável e a barba feita.

— Já não bastasse o álcool, agora passou para as drogas? — Ele cortou o silêncio e se virou para o filho. — O que eu faço com você?

— O que quer fazer? — Voltou a se encostar no estofado, displicente. — Seja sincero.

— Nada, não quero fazer nada.

Theo levantou as sobrancelhas, nem ao menos tentava evitar o escárnio.

— É isso mesmo. — Phil deixou a prancheta na maca. — Faz o que quiser, lavo as minhas mãos.

— Lavar as mãos? — debochou em meio a um sorriso. — Fala sério. Nessa altura do campeonato você até… sei lá, já tomou banho. E olha que eu não faço nem metade das coisas que acha.

— Não me interessa o que você fez ou deixou de fazer!

— É claro que não, você sempre tira suas próprias conclusões.

— Não faz isso, não tenta me transformar no vilão. — Embora o tom severo, seus olhos suplicavam. — Pedi que ficasse em casa hoje…

— *Eu* pedi que você ficasse em casa hoje!

Sua voz alterada estalou pela enfermaria, atraindo olhares rápidos dos pacientes e enfermeiros que fingiam não prestar atenção na conversa. Phil varreu o local preocupado — única e exclusivamente — com sua imagem profissional que já tinha sido comprometida desde que o filho pisou no hospital.

Quando Theo se deu conta, os pés já dançavam frenéticos no chão.

— Pedi que ficasse hoje, ontem e todos os outros dias que insistiu em vir pra essa merda de hospital — continuou com a voz baixa, tensionando os músculos da face em cada palavra que o pai fingia ignorar enquanto fitava o chão. — E não me surpreende você ter passado o plantão pra hoje.

— E desde quando você sabe da minha rotina aqui? — duvidou.

— Cacete, tá zoando? Eu não tenho mais cinco anos. É só olhar pra esse hospital. — Theo apontou para o ambiente quieto. — Se tem alguém morrendo aqui, é de tédio.

Agora não era preciso esquadrinhar ao redor, os ruídos invisíveis dos poucos pacientes falavam por si. Phil tentou pronunciar algo, mas som nenhum soou de seus lábios finos. Com uma expectativa ingênua, Theo permaneceu olhando para o pai que — ele tinha certeza — não sustentaria o olhar por muito tempo. Na mosca. O médico lhe deu as costas e voltou a fingir interesse na prancheta.

O silêncio pairou sobre eles por uns instantes e logo foi interrompido pelo bater abafado de um par de tênis sobre o piso. Theo se odiou internamente por ela estar ali e vê-lo daquela maneira.

Vanessa flutuava a cada passada elegante. O cabelo ondulado acompanhava o movimento do corpo, jogados sobre os ombros erguidos e a blusa de caimento fresco. Uma mulher linda, doce e com um poder de fogo a nível nuclear. Como sempre, o perfume em sua pele negra chegou primeiro que ela.

— Ótimo, estão aí — grunhiu ao se aproximar. — Será que vocês não tem um pingo de consideração?

Ninguém respondeu.

— Acordei com o barulho do celular, virei para o lado, e nossa… estava sozinha na cama. Quando saiu? — Ela se virou para o enteado, irritada. — E você? Pulou a janela?

— Foi uma emergência, não quis acordá-la…

Vanessa lançou um olhar assassino ao marido e o calou. Simples e direta.

— O que aconteceu? — ela se alternou entre o rosto machucado de Theo e a agulha presa à mão. — Ok, já entendi.

— Não bebi tanto assim. — mentiu.

— Ele chegou aqui inconsciente. Nem queira saber o que esse… — Phil interrompeu a fala.

Theo sorriu de canto.

— Continua, eu aguento — provocou.

— Santo Deus, vocês podem parar? — Vanessa elevou a voz, ainda em um sussurro respeitoso. — Não deveriam estar brigando agora, não é o dia para isso! *Por favor*.

A súplica na voz dela era dolorosa, e junto da dor por trás de seus olhos castanhos, apenas mostrava o óbvio: todos sofriam naquela noite de merda. Ela puxou o marido pelo braço e ambos se afastaram de Theo. Poderia assisti-los discutirem novamente como da última vez em que Vanessa tentou fazê-lo ir para casa depois de 36 horas de trabalho — e é claro, não adiantou — mas preferiu fechar os olhos e torturar-se com a ressaca auto infligida. De fato, os próximos três dias seriam os piores.

Ele só voltou a abrir os olhos sensíveis quando os ouviu se aproximarem. Vanessa chegou primeiro, acompanhada de Phil.

— Vamos embora!

— A glicose ainda não acabou. — Ele apontou com a cabeça para a bolsa transparente, desanimado. — Temos que esperar.

— Tudo bem, então esperamos.

Eles trocaram sorrisos breves e sinceros. Phil se achegou em suas costas e tocou seu ombro.

— Não posso pedir que as pessoas não fiquem doentes, Vanessa.

— Poderia pedir que procurassem outro médico — respondeu sem desviar os olhos de Theo. — Era o mínimo que esperava de você essa noite.

Phil deu um longo suspiro e se despediu com um beijo gélido na bochecha da mulher. Theo fingiu não reparar na decepção moldada no rosto dela, acompanhando o pai sumir pelos corredores sem nem ao menos se lembrar do motivo de estar ali. Nada fora do normal.

Esperaram no hospital por quase vinte minutos. No carro, Vanessa dirigiu atenta pelas ruas íngremes de São Francisco enquanto Theo se

manteve apoiado no vidro, prestes a cair num sono profundo.

Não conseguia pensar na moto que deixou para trás, ou com quem Linda voltaria para casa, muito menos se seu vídeo sendo carregado como um saco de batatas para o hospital já estaria circulando por aí, em nada. Nada além da sensação de desânimo e morte. Vez ou outra era despertado pelos flashes dos postes de luz, mas apagava logo em seguida.

A cidade estava fria como um corpo num caixão. Conveniente. Ao chegar em casa, toda a calmaria que ele havia sentido quando estava fora deixou seu corpo, que foi tomado pela mesma sensação incapacitante de quando saiu, porém, um milhão de vezes pior. Seu interior estava frio, vazio e escuro. Ele preferiu não acender nenhuma luz conforme seguia pelo corredor que levava para a ampla e sofisticada sala de estar.

Theo se sentou no sofá, no assento do meio como sempre foi. Benjamin, ele e Phil, com Vanessa em seu colo. Mas dessa vez estava sozinho. Nem o álcool ou a maconha, nem mesmo o sexo, o fizeram esquecer da zona na qual se encontrava. Estava ali de novo, como se nunca tivesse saído do lugar.

— Bonito para sua cara, hein? — Vanessa acendeu as luzes, uma por uma, até a cozinha. — Isso é coisa de gente irresponsável, sem maturidade nenhuma. Vocês não sabem beber para se divertir? Tem logo que acabar com…

Ela parou de falar. Theo não precisou olhar para saber que ela descia os poucos degraus que separavam a sala da cozinha e vinha em sua direção, imergindo nas sombras para ampará-lo. Dessa vez, deixou as luzes apagadas.

— Você está bem? — ela perguntou quando se sentou ao seu lado. — Devia ter me dito que ia sair, eu tentaria impedir.

— Não ia adiantar.

Theo movia os pés em um ritmo desordenado, roçando o solado do tênis no tapete fofo. O silêncio era ensurdecedor e a escuridão parecia queimar sua pele, resultado da inquietação lutando para sair do corpo. Ele respirou fundo e a encarou.

— Dá pra acreditar que tá fazendo um ano? Hoje?

— Não parece, mas é. O tempo passou tão rápido, quase voando.

— Pra mim, não. — Ele negou com a cabeça. — É como se nada tivesse mudado, e eu vivo nesse caralho de dia desde que aconteceu.

Ele desviou o olhar para que ela não percebesse como estava prestes a

chorar, suas pálpebras trêmulas para afastar cada gota acumulada. Com as mãos sobre o colo, suadas e frias como uma pedra de gelo, Theo começou estalar os dedos um por um, metodicamente. *O mindinho da mão esquerda, depois o restante, agora o mindinho da direita… repete.*

— Não!

Vanessa envolveu suas mãos com as dela. O choque de temperatura o pegou de surpresa.

— Porra Vanessa… não enche o meu saco — resmungou.

— Você não vai fazer isso. Olha para mim — ela pediu, e como sempre ele se rendeu à sua doçura. — Não deixa ela vencer.

— Vencer? — Ele riu. — Eu já perdi faz tempo.

— Uma batalha, não a guerra. E você não está sozinho nela.

Eles se olharam até que um sorriso surgisse nos lábios de Theo, triste e desanimado, ainda assim, uma ponta de alegria. Vanessa parecia possuir toda a bondade do mundo guardada em seus olhos castanhos. Era de uma beleza genuína, e não só por dentro. Ela apertou suas mãos um pouco mais antes de soltá-las e se levantar.

— Tudo bem, agora vá tomar um banho, você está fedendo a vodca… — Ela inclinou a cabeça e cheirou o topo de seus cabelos. — E a outra coisa que eu prefiro não dizer.

— É melhor não dizer mesmo, seria constrangedor.

Ela fez uma careta enojada e saiu da sala, deixando-o sozinho. O sorriso que ele esboçou segundos antes desapareceu como se nunca tivesse existido, dando espaço para a mesma inércia de sempre. Assim que a ouviu bater a porta do quarto, Theo voltou a estalar os dedos. Apesar da glicose e das palavras de carinho, nada era suficiente para impedi-lo de se destruir.

Era questão de tempo até os danos se tornarem irreparáveis.

3 - freud explica



“Doutor, olhe nos meus olhos
Eu estive respirando o ar, mas não há nenhum sinal de vida
Doutor, o problema é no meu peito”
***Cold Cold Cold,* Cage The Elephant**

— Você comprometeu todo o tratamento, é como se fossemos começar do zero.

— Então é só fazer isso. Não é o que sempre diz que preciso fazer? Recomeçar?

— Ressignificar, na verdade.

A vista do consultório, localizado no 9° andar do prédio, lhe transmitia uma segurança necessária. São Francisco estava amena e estranhamente em paz, a névoa cobria o topo da Golden Gate e a copa dos prédios mais altos, apesar disso, ainda parecia um cenário de filme romântico. Theo deu uma última olhada no memorial Martin Luther King antes de se virar, deixando o amplo parque de Yerba Buena para trás.

Apesar do tom de voz calmo de Lauren, seu rosto magro transbordava preocupação.

— É, tanto faz… é a mesma coisa — desdenhou.

— Não é a mesma coisa. — Ela passeou os dedos pela caneta Bic. — Recomeçar é retornar, voltar e esquecer o que aconteceu antes. Ressignificar é, como o nome já diz, encontrar outro significado para algo. Já estamos trabalhando nisso há quase um ano.

— Eu sei Lauren, cacete! — Ele se sentou no parapeito da janela com as costas apoiadas no vidro. Respirou fundo antes de continuar. — Me desculpa, tá bom? Não pensei em nada na hora de encher a cara. Foi mal.

— Não precisa pedir desculpa para mim, estou aqui justamente para isso, ajudá-lo a controlar essas compulsões. Agora já foi, vamos… — Ela

inspirou fundo. — você sabe.

— Recomeçar? — Ele sorriu. — Puta merda.

Theo usou os dedos para pressionar as pálpebras cansadas. Sentia algo pesar em suas costas como se tivesse sido atropelado por uma centena de carros, os membros continuavam doloridos mesmo após três dias desde que tinha passado dos limites. Plena segunda-feira, trabalho para fazer. A vontade de continuar o dia todo na cama se tornava inútil já que o sono nunca durava mais que quatro horas, sem exceções.

— Você trouxe?

A voz da psicóloga surgiu no ambiente. Ele a observou com a visão borrada e o cenho franzido.

— O que eu tenho pedido há mais de três semanas — ela completou. — Lembrou?

— Sim senhorita, não esqueci dessa vez.

Dessa vez. Ele se levantou e foi até o sofá de frente a Lauren, onde começou a vasculhar na mochila que havia deixado no chão.

— Não fiz nada nesses dias — comentou enquanto procurava. — Estava tudo uma merda e não consegui nem cozinhar um ovo.

Entregou a ela um bloco de desenho envelhecido de folhas A4, quase todas preenchidas por rabiscos — contraditoriamente — perfeitos. Tudo que saía de suas mãos era um completo desastre, então era quase obrigatório reconhecer quando fazia algo bom. Mesmo sendo raro.

Theo se sentou no sofá vendo-a analisar folha por folha com um semblante admirado, até aquelas que já tinha visto antes. Lauren uniu o útil ao agradável: sua habilidade com o realismo e os exercícios da terapia. “Não gosta de falar? Desenhe”. Era um saco.

— Você tem um talento extraordinário — elogiou sem tirar os olhos do papel. — São incríveis.

— São só uma porcaria de rascunhos, já fui bem melhor.

Tudo já havia sido bem melhor. Ele descansou as costas no encosto do sofá, depois voltou a apoiar os cotovelos nos joelhos; pés inquietos, dedos estalados vez após outra, causando um desconforto doloroso nos ossos, pêlos arrepiados mesmo por baixo da jaqueta de moletom. Poderia ser apenas o vento gelado do ar condicionado, se o coração também não errasse as batidas e sua mente não gritasse tão alto, quase deixando-o surdo.

Embora ninguém mais ouvisse.

Theo mordeu o lábio inferior ao vê-la parar sobre uma folha específica, e sabia exatamente de qual se tratava. Lauren virou o caderno para ele, batucando o dedo sobre o desenho.

— Por que fez isso?

A mistura do pedaço de carvão, grafite e tinta aquarela representava a fachada de sua antiga casa no alto de um gramado verde, localizada no coração da área de Sea Cliff. Conseguiu atingir um nível de realismo absurdo, tanto que podia até sentir a brisa salgada do Pacífico vinda da praia a menos de um quilômetro dela.

— Foi um sonho, ainda morávamos lá. Os quatro. Parecia comercial de margarina. — Ele riu, mas logo depois voltou à expressão séria. — Era patético.

— E você a desenhou, porque…

— Sei lá, quer dizer… não sei. Só desenhei.

Ele deu de ombros na tentativa de demonstrar indiferença, mas seus pés — começando a se mover mais rápido — o entregaram.

— O Ben ia odiar essa que estamos agora — ele continuou, distante. — É tão escura, cheia de *não-me-toques*.

— E você? Já está lá há um bom tempo. — Lauren fechou o caderno. — Não se acostumou?

— Claro que sim. As coisas tão ótimas.

— Acredito em você.

Pela expressão em seus olhos, ela não acreditava, e esse era seu papel. Depois de passar pelas mãos de dois terapeutas e sair pior do que estava antes, Lauren French caiu do céu como uma anja loira, magricela e de rosto fino. Em quase um ano de terapia, combinado aos remédios receitados pelo psiquiatra ranzinza, Theo podia dizer que fazia progresso, mesmo em ritmo lento e capenga.

Ele pegou o caderno que ela estendia em sua direção e o guardou de volta na mochila.

— Você está fazendo exercícios? — Ela se levantou. — Trinta minutos de caminhada por dia, no mínimo?

— Mais ou menos.

— Sim ou não?

— No fim de semana busquei minha moto na casa de um amigo, então precisei andar até a estação e pegar a Powell-Hyde. — Ele ergueu as

sobrancelhas. — Andei pra caralho.

— Não está fazendo, já entendi.

Tempos depois, o relógio na parede marcou o fim da consulta. Ele esperava horas de sermão, mas acabou sendo só outros longos segundos de conversa; imaginava que, se Lauren pudesse esquecer da ética por alguns minutos, ele sairia de lá com um olho roxo.

Theo a seguiu até a porta, mas foi interceptado antes mesmo de cruzar a soleira.

— Só um minuto — ela pediu, cruzando os braços. — Como andam as consultas com o doutor Kinney?

— Ele me deu isso.

Ele pegou uma receita amassada dentro da mochila e entregou a ela. Lauren desfez as dobras, atenta aos garranchos em forma de letras.

— Lítio? E o remédio antigo?

— Segundo ele… — Theo pigarreou e imitou a voz do médico: — "não proporcionou os resultados necessários". Agora tenho que tomar isso aí, e fazer aquela merda de exame de sangue.

Diante da zombaria em seu tom de voz, a psicóloga o repreendeu com o olhar, mas ele não se importou. Pegou a receita e guardou-a no bolso da jaqueta.

— Lembre-se que precisa levar o tratamento a sério se quiser melhorar — ela advertiu.

— Eu levo a sério! Venho na terapia, tomo aquela porcaria de remédio, se não faz efeito a culpa não é minha.

— Não é só isso. Você tem que parar de beber, fazer os exercícios, tomar os chás que te ajudam a dormir. Suas atitudes prejudiciais não vão ajudá-lo.

— Ah, jura? — ironizou, dando de ombros. — E o que vai me ajudar?

— Corpo saudável é uma mente saudável. Caso contrário, elas vão voltar.

Theo sentiu um arrepio na nuca ao ouvir aquelas palavras. A mão que mantinha no ombro, segurando a alça da mochila, passou a suar contra o tecido; ele sorriu e negou com a cabeça.

— Nem fodendo, isso não vai acontecer. Já faz quase dois meses que tô limpo.

— Sei disso. — Ela respirou fundo, como se cada palavra doesse. —

Mas uma crise não escolhe hora, nem momento, você sabe disso mais do que ninguém.

Ele permaneceu paralisado, a encarando. As mãos suavam, a boca estava seca como se tivesse ingerido água do mar, o coração batia rápido e descompassado. Sentiu o nó no estômago ao se lembrar do começo de tudo, os meses após o acidente de Benjamin que se arrastaram tão dolorosos quanto uma facada. Choro, crises, a vontade de morrer que, sem saber como, havia conseguido conter.

Theo deu o seu melhor e mais falso sorriso, munido do sarcasmo, humor e da capacidade de fingir que não estava à beira do precipício.

— Sem chance. Eu não poderia estar melhor.

4 - (in)competência



“Abra seus olhos
Olhe para os céus e veja
Eu sou só um pobre garoto
Eu não preciso de compaixão
Porque eu venho fácil, vou fácil…”
***Bohemian Rhapsody,* Queen**

Aquele era o pior dos cenários possíveis: o restaurante fervia como um formigueiro, o fornecedor de verduras do segundo turno estava atrasado e, para variar, Henry sumiu para o escritório há mais de uma hora, deixando-o à mercê dos gastrônomos formados e incompetentes. Theo já havia consertado mais de cinco pratos, suas mãos trabalhavam mais rápido do que o dinheiro entrando na conta absurda do Saliere.

Segunda-feira, mesas reservadas para os próximos dois meses e ele mantinha o sorriso no rosto. A comida parecia sugar todos os problemas do mundo.

Enquanto preparava o segundo prato de *Penne*, uma voz gritou seu nome pela milésima vez em meio ao denso bater de panelas da cozinha. Ele sussurrou um palavrão antes de se virar e topar com Lionel — o novato quarentão — que corria em sua direção com uma frigideira.

— O que foi agora?

— Houve um problema.

Theo tomou a frigideira dele e seu queixo caiu. O cheiro de queimado brotava do que, algum dia foi, um alimento, agora transformado em uma crosta preta e endurecida.

— Que merda é essa? — Ele semicerrou os olhos. — Não vai me dizer que é a cebola?

— Eu deixei passar um pouco do ponto. O que eu faço? Se o Henry

ver isso…

Passar do ponto era elogio. Lionel parecia desesperado, e ele entendia o porquê: pela exigência de Henry com seus funcionários, seu mais novo emprego dependia daquela merda de cebola. Theo levou a mão esquerda aos cabelos, dando leves puxões enquanto pensava. As mangas do uniforme do colega, que deveriam sempre ficar dobradas até os cotovelos para evitar sujeiras e possíveis acidentes, cobriam parte de suas mãos, melecadas por uma dezena de molhos diferentes. Seus olhos queimaram ao ver aquilo.

— Tá, termina o Penne. — Indicou os pratos atrás de si. — Eu dou um jeito nisso.

Ele jogou o guardanapo que tinha sobre os ombros para o homem e saiu entre os funcionários, cada um mais insano que o outro.

Gastrônomos experientes se misturavam aos jovens promissores que acabavam por colocá-los no chinelo, e era ali que ele entrava. Depois de assistir a uma única competição de culinária francesa na tv, aos nove anos, Theo decidiu que seria o melhor chef dos Estados Unidos. Simples assim. Começou lavando pratos, e graças a uma linda cagada de um dos cozinheiros principais, teve a chance de mostrar o que suas mãos sabiam fazer; depois de cair nos olhos do chef, agora estava lá: na cozinha de um dos maiores e mais prestigiados restaurantes do país.

Devido ao período nebuloso que passara há um ano, naquele momento poderia estar na maior escola gastronômica do mundo, porém, essa era apenas mais uma das milhares de oportunidades que havia deixado passar enquanto desejava apenas morrer.

Chegou no fundo da cozinha onde trabalhavam na louça suja, atrás de um imenso balcão de metal. Ele se inclinou sobre a superfície plana e procurou pelo espaço até encontrá-la. E lá estava ela, de novo.

— Linda!

Debruçada sobre uma torre de pratos imundos, ela mantinha a atenção num livro de folhas amareladas, com parte do avental mergulhado na água. Ela revirou os olhos ao vê-lo e guardou o livro no bolso de trás da calça.

— Ai meus deuses, eu não tenho um minuto de paz de espírito. — Andou até ele com as mãos na cintura. — O que foi?

Theo lhe estendeu a frigideira queimada.

— Faz alguma coisa útil.

Ele cruzou os braços, apoiado no balcão, e a assistiu cumprir sua

tarefa com um bico nos lábios.

— Imagino o que o Henry faria se soubesse que paga 1.500 dólares pra você ficar parada — provocou, sorrindo de lado.

— Isso deve ser o que ele paga de academia por semana. E também muito pouco comparado ao que você ganha, né? Seu esnobe.

— Não tenho culpa se sou competente.

Linda parou de raspar a colher na camada grossa do fundo e subiu o olhar para ele. A roupa de lavadeira certamente não a favorecia, e muito menos aos cabelos enrolados presos na touca.

— Você já bateu uma pra sua própria foto hoje?

— Não, hoje não… ainda.

Ela torceu o rosto em uma careta que significava "você é ridículo e egocêntrico, mas eu te amo". Ele reconhecia todas. Theo batucava os dedos no metal enquanto a esperava trabalhar com um terço da velocidade das outras lavadeiras, tentando ignorar parte da bagunça às suas costas. Panelas caindo, legumes em chamas e muito desespero interno.

De repente, seus olhos vislumbraram o livro que Linda guardava no bolso. Ver a lombada gasta e manchada de tinta já foi suficiente. Ele puxou o exemplar de Macbeth do jeans, fazendo-a interromper a tarefa.

— Você vai refazer essas falas até quando? — Balançou o livro no ar. — O teste já foi, não dá pra fazer mais nada.

— Vou refazer o quanto eu quiser! — Ela tomou o livro e o guardou de volta no bolso. — Eles ainda têm duas semanas pra me dar uma resposta e vou sofrer até lá.

— Isso é ridículo.

Há mais de um mês ela repassava as falas da sua audição para a Academia de Artes Dramáticas de Londres, na qual sonhou entrar a vida inteira. O teste do ano passado foi um fracasso, mas como "uma boa sagitáriana", como sempre dizia, Linda tentou de novo, mas vê-la se torturando daquela maneira era um porre.

— Você vai passar — ele garantiu com uma expressão confiante. — É ótima nisso.

— *Tenho* que passar, não vou ficar lavando pratos pelo resto da vida. Quero ser a próxima Viola Davis.

— Você vai ser, confia em mim.

Linda gargalhou e desligou a torneira.

— Queridinho… a última vez que confiei em você, acabei algemada na sua cama.

— O fetiche era seu, eu só realizei.

Ambos receberam olhares constrangidos dos funcionários ao redor. Theo estava prestes a mandá-los cuidarem de suas vidas quando sentiu uma mão tocar seu ombro; calmo, ele se virou e se deparou com Beth, a supervisora, a poucos centímetros de distância.

— O chef quer te ver. Está te esperando no escritório.

As poucas palavras o deixaram tão frio quanto o peixe no congelador. Ele se virou para Linda, em choque.

— Será que ele sabe do fim de semana?

— Que você quase morreu drogado? Provavelmente sim. — Ela pendeu a cabeça para o lado. — Ai, ai… seria uma peninha se ele te demitisse.

— Vai se foder.

Ele deu um tapa sobre o balcão e saiu, ignorando as risadas debochadas da amiga às suas costas. Foi em direção ao escritório ao fundo, mais afastado; as janelas amplas eram voltadas para a cozinha e as cortinas sempre escancaradas. Assim que viu as persianas fechadas, seu corpo tremeu.

— Ótimo, tô no olho da rua.

Respirou fundo antes de bater na porta e esperou ansioso até ouvir o comando. A cadeira atrás da mesa estava voltada para a janela dos fundos, e Henry Bianchi se virou quando o ouviu entrar, sorrindo torto com o telefone na orelha.

— *Allora*, garoto. Entra!

Pelo menos o irritante sotaque italiano continuava amigável. Theo fechou a porta e sentou na cadeira à frente dele, as mãos pousadas sobre o colo e os pés tamborilando no chão, como sempre. Esperou até a ligação terminar para começar a se arrepender de ter bebido tanto.

— Sócios. — Henry jogou o celular sobre a mesa. — *Boh*.

— Tá tudo bem?

— E por que *no* estaria? Tem algo que queira me contar?

— Claro que não! — disparou, quase pulando da cadeira. — Quer dizer… *não*.

O chef deu um sorriso suave por trás dos lábios secos. A tensão começava a deixar seu corpo conforme o clima descontraído se prolongava,

mesmo que a dúvida ainda se fizesse presente. A cozinha era uma bagunça e seu dono estava sentado trocando cerimônias com um jovem rebelde.

— Vamos direto ao assunto. — Henry fez uma pausa dramática, coçando o cavanhaque grisalho. — Garoto, sabe por que te mantenho aqui?

— Eu deveria saber?

— *Eh sì!* Mas é claro! Não é porque os clientes mais fiéis te adoram, também *non* é porque tua comida é melhor que a da maioria desse pessoal aí fora. Mas sim porque você é o mais jovem daqui.

— E o Carlos? — Ele franziu o cenho e apontou para a cozinha atrás de si.

— Acabou de fazer 21. Fizemos até *una* festa, não se lembra?

Ele negou, remexendo-se na cadeira, desconfortável. Não estava gostando do rumo da conversa.

— Meu avô acreditava que a alma jovem é suficiente para fazer tudo dar certo. Ele não estava errado, *non é?*

Com certeza não. Giovanni Bianchi apostou tudo o que tinha em seus 23 anos. Podia ter sido um tiro no próprio pé abrir um restaurante no auge da Segunda Guerra Mundial, quando Hitler ainda nem pensava em se suicidar, mas o risco valeu a pena. A roleta russa alavancou o Saliere para o topo da lista de melhores e mais caros restaurantes dos Estados Unidos, e a sede em São Francisco se tornou quase um patrimônio histórico da cidade. Entretanto, o que tornava o local realmente importante era sua excelência em apostar nos novos talentos, mantendo o legado de Giovanni mesmo estando apodrecido no caixão. Os melhores chefs do país possuíam uma parte do Saliere consigo.

— É por isso que meu avô fundou esse programa de estágio. Se pelo menos um jovem aprender a verdadeira arte da cozinha já é o suficiente. O que acha?

Ele engoliu em seco como única resposta possível. Uma vez por ano, o Saliere abria inscrições para o programa de estágio para jovens de 18 à 23 anos. A única oportunidade — até para os próprios funcionários que apenas seguiam ordens — de aprender diretamente com Henry Bianchi, a lenda por trás do sucesso em fazer jus às merecidas cinco estrelas. O escolhido do ano passado havia sido, na melhor das palavras, uma merda.

Ao notar seu silêncio, o chef se arrumou na cadeira e cruzou as mãos sobre a maciça mesa de mogno.

— *Scusi*, as inscrições já estão terminando, recebemos centenas delas.

Li algumas e bem, depois do último fiasco… — Henry fixou os olhos em Theo, mortal e assustador. — Confesso que fiquei procurando a sua inscrição. Caso tivesse encontrado, *non* seria necessário ver nenhuma outra, entende?

Theo sentiu um frio na espinha, no fundo — bem no fundo — era um arrepio de orgulho. Henry esperava que ele se inscrevesse, tinha expectativa demasiada nos olhos velhos que fizeram um buraco em sua consciência.

Após o susto, ele arrumou a postura e manteve as costas eretas. As mãos suavam sobre o colo.

— Eu pensei em me escrever — mentiu —, mas não fazia muito sentido. Acho que tem pessoas muito melhores por aí.

— Me corrija se estiver errado, mas você foi muito disputado pelo Instituto de Culinária quando acabou o colegial, *non è?* — Theo assentiu. — E pela Cordon — completou.

— Consegui vaga nas duas — esclareceu de uma vez. — Escolhi a Cordon, mas…

Seus dedos trabalharam mais rápido ao se lembrar daquela época, a interrupção na fala foi mais longa do que gostaria. Alternou o olhar entre Henry e o quadro da fotografia de Giovanni pendurada na parede à sua frente, esperando o bolo na garganta descer ao estômago.

— Enfim, estava sem cabeça pra isso. Foi quando meu irmão… eu recusei a vaga.

— *Non* precisa me dar explicações, *va bene?* — Ele o tranquilizou com um sorriso amarelo. — Mas quero que perceba como é capaz. Chegou aqui lavando pratos, *ora* está aí.

Num ato programado, Theo encarou o quadro de novo, já sabendo onde Henry queria chegar.

— Sem chance! — disparou. — Uma coisa é trabalhar aqui, te ver três vezes na semana, outra coisa é…

— Aprender direto comigo?

— Parece assustador. — Ele levou a mão à nuca e puxou alguns fios de cabelo. — Por isso nem me inscrevi, e você tem muitas opções.

Pra caramba. E qualquer pessoa, até aquela em que não acredita no poder do forno pré-aquecido, seria uma escolha mais estável.

— Tenho várias, realmente. Mas por que *non* considerar este nepotismo válido? Gostaria muito de vê-lo usando isso.

Henry tocou o peito, aumentando o peso da responsabilidade que o assombrava. Como anjos, todos os funcionários usavam branco, desde a gola, mangas e lapela, e como um demônio detentor do poder, apenas o chef vestia preto. E quem viesse, talvez, a substituí-lo. Não era o que Theo esperava para aquela conversa, àquela altura desejava estar no olho da rua. Apesar da paixão pela comida e o talento inato, sua vontade de um dia vir a se tornar chef desapareceu conforme perdia a esperança e o gosto do ar nos pulmões. A ideia de seguir Henry e, como consequência, ter o mesmo cargo o apavorava; ele nunca foi de questionar o próprio talento, mas agora era o maior crítico dele, levando em conta sua instabilidade e precário autocontrole.

— Eu não…

— *Un mese.* — O chef levantou o dedo indicador. — Um mês para pensar. *Va bene?*

Theo quis contestar, dizer que não era preciso um mês, sua resposta estava redonda na ponta da língua. Mas sentindo o suor frio entre os fios ruivos percebeu que ia sufocar a qualquer momento. Não havia muito o que fazer, seria mais um para a lista de grandes decepções.

— *Va bene*.



A BMW estava estacionada em frente a garagem, mas nenhum sinal de Phil. Por um senso ridículo de inocência, Theo imaginou que o encontraria com Benjamin, cozinhando um prato horrível em companhia da autocrítica de Vanessa. Todos estariam felizes à sua espera para salvar o jantar.

Imbecil.

Vanessa estava debruçada sobre o Macbook na ilha da cozinha, rodeada por papéis que evidenciaram sua noite péssima. Já era quase uma da manhã e ela nunca costumava ficar acordada até tão tarde. Quase nunca.

— Noite ruim? — ele perguntou ao entrar no cômodo, jogando a mochila no chão.

— Tirando o fato de que meus alunos não sabem usar uma tesoura sem ponta sem se cortar inteiros, tudo perfeito.

— Não é um problema, eu também não sei.

Ela sorriu da brincadeira sem se desviar da tela; seus olhos pareciam

tortuosos por trás do óculos de grau. Após cumprimentá-la com um rotineiro beijo na testa, Theo olhou ao redor a procura de Mary Austin, que estava cada dia mais senil e debilitada. A cadela estava *morrendo,* era a palavra certa, como tudo ao seu redor.

— Ela está no seu quarto. — Vanessa notou sua preocupação. — Não quis tomar o remédio, precisei enfiar garganta abaixo.

— E meu pai?

— Subiu há uns dez minutos.

É claro que Phil teria ido para a cama minutos antes do filho chegar. Ele suspirou contornando a ilha, e abriu a geladeira à procura da última cerveja que havia escondido.

— Joguei fora aquela latinha — Vanessa explicou às suas costas.

Irritado, ele se virou.

— E por que?!

— Chega de beber. — Ela pousou os olhos nele. — Não importa o quanto beba na rua, aqui temos lei seca.

Ela apontou para algo no armário. Theo seguiu o gesto dela até o estoque renovado de chás terrivelmente amargos.

— Puta merda.

— Deixa de frescura, não são tão ruins. E te ajudam a dormir.

— É ruim pra caralho — comentou ao colocar a água para ferver. — Tem gosto de mijo.

Theo se sentou na beirada da pia e esperou, deixando as pernas balançarem no ar. A cozinha estava iluminada por uma meia luz amarela, vinda da lâmpada opaca acima deles. O silêncio era interrompido apenas pelo batucar de Vanessa no teclado, e ele era capaz de ouvir os próprios pensamentos turbulentos; a dor da ressaca tinha passado, mas o incômodo do sentimento permanecia.

— Está tudo bem? — Ela parou de avaliar seus planos de aula.

— Tudo ótimo — respondeu, fitando o chão.

— Não acredito muito.

Theo levantou a cabeça. Mesmo se quisesse, não conseguia esconder o que havia nos olhos escuros.

— Sabe o estágio que o Henry oferece? Já escolheu a pessoa desse ano.

— Já? É alguém que conhecemos?

— Pode ter certeza… tá olhando pra ele.

Vanessa arregalou os orbes e fechou o Macbook.

— O que? Meu Deus. — Ela tirou os óculos. — Pensei que tinha dito que não ia se inscrever.

— Exatamente! — Se sobressaltou, abrindo os braços. — Não me inscrevi! Só que o Henry surtou, ele me chamou no escritório e disse que se eu quiser, a vaga é minha. Simples e direto.

— Isso é incrível, qual o problema? Você não parece…

— É porque eu não tô.

"Feliz". Comparada a "inseguro", a palavra ficava minúscula e não apenas no tamanho, mas no sentimento. Theo elevou as mãos ao rosto e expirou contra as palmas; embora o clima ameno e a jaqueta de moletom, sua pele transpirava um suor frio.

— Tenho certeza que ele não me daria essa chance se soubesse do que fiz no fim de semana. — Cruzou os braços.

— Senta aqui. — Vanessa arrastou a cadeira ao seu lado. — Por favor?

Theo hesitou, mantendo a pose rígida e indiferente, mas no fim — como sempre — cedeu. Andou até ela e se sentou a uma distância precária.

Vanessa era linda, parecia ter cada parte em seu devido lugar; harmoniosa, rosto oval, nariz arrebitado, uma pele negra que combinava com os olhos e cabelos escuros. Ele pensava que Phil não a merecia. Quase chegou a dizer a ela para dar o fora após uma discussão com seu pai, mas a verdade é que ele não queria que ela fosse embora. Haviam apenas cinco anos que se conheciam, em três ela passou a morar em sua casa, e Theo tinha uma leve sensação de que seu inconsciente insistia em chamá-la de mãe.

Ela era o que faltava naquela casa de três marmanjos desorganizados.

— Já sentei. Pode falar.

A mulher riu.

— Bom, o que você fez não anula o que você é. Se ele te ofereceu essa vaga é porque sabe do que você é capaz.

— Argh, por favor, não vem com essas frases prontas. Não fui capaz nem de controlar o tanto de drogas que usei.

Vanessa tocou a mão dele sobre a ilha, interrompendo os movimentos desordenados de seus dedos. Theo sentiu o coração aquecer mais do que a água fervendo na chaleira.

— Olha, eu acho que você tem mais talento do que muitos senhores por aí. Está tendo essa oportunidade porque mereceu, porque é o melhor daquele restaurante e deve arcar com as consequências disso. Não precisa ficar tão inseguro.

— Não tô inseguro — atirou.

Ele puxou a mão e cruzou os braços, para então descruzá-los outra vez e apoiar o cotovelo no balcão. No último ano, a dúvida e o medo tinham se tornado maiores do que seu velho hábito de assumir riscos, mas ninguém precisava saber.

— É só… sei lá. Não é algo que eu esteja muito afim de fazer. — Inflou o peito com um sorriso afiado no rosto. — Vou deixar o Henry me paparicar mais um pouco, quem sabe.

— Ok, tudo bem. Mas por que não fala com o Phil, quando ele tiver tempo?

— E *quando* isso?

— Quando ele tiver tempo — reafirmou.

O sorriso de Theo foi desfeito. Eles fitaram um ao outro em silêncio, atingidos pelo peso daquelas poucas palavras. A ausência de Phil já não era mais um sentimento, se tornava física, palpável.

— Relaxa, Vanessinha. Não esquenta.

Antes que ela pudesse realmente esquentar, ele levantou e rodeou a ilha. Desligou o fogo da chaleira prestes a zumbir com a certeza de que após aquela conversa nem uma pancada na cabeça iria livrá-lo da insônia. Ouviu quando ela voltou a digitar e mexer nos papéis, mas o gesto foi interrompido tão rápido quanto começou.

— Theo — ela chamou.

— Fala.

Ele abriu a chaleira e despejou a água no ralo da pia, deixando os dedos — propositalmente — sobre o metal quente.

— Independente de tudo, se você quiser pular todos os degraus da hierarquia gastronômica e ser o melhor, ou se preferir continuar onde está… — Ela interrompeu a fala quando ele se virou. — Eu apoio sua decisão, e em nenhuma delas você vai me decepcionar.

Theo enxugou as mãos no guardanapo com o olhar baixo. Não conseguiria encarar a expectativa de Vanessa, assim como a de Henry, Phil, Lauren, da mesma forma como não conseguiu encarar a de Benjamin naquela

noite. Jogou o pano de prato na pia e sorriu.

— Vê se não vai dormir tarde, ou vai ter olheiras horríveis.

Pegou a mochila no chão e deixou Vanessa sozinha.

Subiu as escadas para o segundo andar, evitando olhar a porta entreaberta de onde Phil dormia, ou pelo menos fingia. Quando entrou em seu quarto, a primeira coisa que seus olhos buscaram foi Mary Austin. A cadela estava deitada sobre a cama no canto mais distante, encostada no pôster do *Queen* em *Wembley*, 1986, grudado na parede. Seu espaço favorito. Ela abriu os olhos cansados ao ouvi-lo, mas voltou a fechá-los de novo. Já estava com quase doze anos, e a expectativa de vida de um Bernese Montanhês gordo e peludo o preocupava, os gastos com remédios e as doenças com nomes difíceis de falar só aumentavam na medida que o abano no rabo diminuía.

Era a única espécie feminina que ele insistia em manter por perto.

Theo largou a bolsa e se aproximou. Ela ao menos se moveu quando acariciou o pêlo ralo.

— Acorda garota — sussurrou. — Você tá bem?

Nada. Nem um piscar de olhos.

— Tá bom, já entendi.

Era melhor deixá-la descansar.

Tomou um banho quente para o corpo relaxar, como Lauren indicava, mas nem a água escaldante foi suficiente para acalmar a eletricidade começando a correr nas veias. Ficaria ali por horas se o tempo não o cansasse ainda mais, e talvez graças a isso conseguisse pegar no sono antes do sol nascer. Já fora do chuveiro, ele encarou seu reflexo no espelho que aos poucos perdia a nebulosidade; havia emagrecido no último ano, mas não o bastante para perder os músculos que conseguiu ao lado de Benjamin, que enchia seu saco para ter uma vida saudável. Não adiantou muito, pois agora estava sendo destruída com muito álcool, cigarros e Coca-Cola, descartando, é claro, as drogas ilícitas.

Ele abriu o armário à sua frente e pegou o novo frasco de Lítio receitado pelo psiquiatra. *Dois comprimidos de manhã e à noite para o tratamento dos sintomas depressivos. Você poderá sentir dor de cabeça, boca seca, visão borrada, se sentir ânsia de vômito é indicado que tome…* Engoliu ambos de uma vez.

Deitou-se ao lado de Mary Austin com os earpods nas orelhas e a voz

massiva de Freddie Mercury estourando os tímpanos, mas era uma dor boa. Prolongando a sessão de tortura, Theo esticou o braço e retirou da parede atrás de sua cabeça uma polaroid envelhecida, uma captura de uma das últimas vezes em que fora realmente feliz: estava com o irmão na praia, diante do mar agitado, envoltos pela escuridão fosca daquela noite de lua cheia. Ambos estavam com expressões bêbadas e alegres demais. Também pudera, Benjamin tinha acabado de receber sua carta de admissão para Yale. O filho da puta tinha conseguido. Era um patético conto de fadas.

Ele atirou a foto no chão e aumentou o volume da música esperando ser imerso pela letra de *Bohemian Rhapsody*, insuportavelmente adequada para aquela situação.



Theo a apertou ainda mais contra si. Rebeca puxava seus cabelos cada vez mais forte conforme suas mãos chegavam aos locais proibidos.

— Quer ir pra minha casa? — ela perguntou ao afastar os lábios. — Meus pais não estão.

— Achei que nunca fosse convidar — respondeu em meio a um sorriso sacana.

Ele segurou sua nuca e a puxou para outro beijo cheio de más intenções. Péssimas intenções, pelo menos da sua parte. Quando finalmente alcançou os quadris por baixo da saia extra curta, o toque irritante do celular disparou em seu bolso. Teimou em querer soltá-la, hipnotizado pelas curvas de sua colega de classe, mas algo dentro de si — maior que o tesão — o fez pegar o aparelho na calça jeans. Era Benjamin.

— Espera, princesa. Eu tenho que atender.

Rebeca suspirou.

— Péssima hora, cara — hostilizou. Nem se o mundo estivesse acabando ele deixaria de transar com aquela mulher — O que foi?!

— Precisamos conversar, é urgente. Se tiver com alguma garota é só bater uma depois. Vem pra casa, por favor.

Ele tentou questionar, mas Benjamin encerrou a ligação. Tirou o celular da orelha e checou as horas, quase 6 da noite. A brincadeira só estava começando, ou nesse caso, terminando. Ele preferia mesmo o apocalipse.

— Filho da puta! — Guardou o aparelho de volta. — Tenho que ir.

Theo afastou a garota de seu corpo e levantou da moto na qual estava apoiado.

— É sério? — ela reclamou. — Você vai sair e me deixar assim, pingando?

— Eu compenso outro dia, prometo. — Ele puxou a garota pelo cós da saia. — Você vai levar a noite inteira.

Rebeca sorriu, vencida pelo seu olhar sedutor, antes dele se despedir com outro beijo quente. Subiu na moto e deixou o estacionamento da lanchonete próxima ao colégio às pressas enquanto o sol se punha no horizonte. Já em casa, encontrou o irmão no sofá da sala, a TV na parede exibia um filme antigo do Tom Hanks, mas não emitia som algum.

— Pronto, porra, cheguei. — Ele contornou o sofá. — O que foi?

Benjamin tinha nas mãos um envelope com o imponente emblema azul da Universidade de Yale. Parecia angustiado, com uma gota de suor descendo dos cabelos pretos.

— Chegou? Cacete… Você passou? — Theo questionou, hesitante. O que pesava mais? Ele se mudar para o outro lado do país ou não conseguir realizar seu sonho?

— Não sei, eu não abri. — Ben se levantou, fitando-o na altura dos olhos. — Por isso te chamei aqui.

— Como ainda não? Abre logo! — Aumentou a voz.

— Espera, mas e se eu não passei?

— Então paciência, vai fazer o que? Quem mandou ser idiota e se inscrever numa universidade só?

— Não era essa a resposta que eu esperava.

Theo revirou os olhos diante do medo de Benjamin, mas ele de certa forma entendia. Direito em Yale sempre havia sido seu sonho, desde o grande evento do Big Bang, e não conseguia imaginar que ele superaria essa situação numa boa.

— Me dá isso, eu abro. — Ele tirou a carta das mãos do irmão, que não tentou resistir.

Rasgou o envelope e em seguida leu a carta sobre olhos ansiosos e cheios de expectativa. Aos poucos um sorriso se formou em seu rosto.

— Filho da puta. — Ele o encarou. — Você entrou, Ben.

— Eu... Eu entrei? Não tá brincando comigo?! — A carta voltou para

seus dedos trêmulos. — Meu Deus, eu não acredito!

Theo gargalhou antes de puxá-lo para um abraço apertado. Com o irmão mais velho nos braços, ele sentia algo bom no peito, uma eletricidade que o impedia de parar de sorrir. Orgulho, talvez.

— Eu sabia que você ia passar — comentou ao se afastar, dando leves tapas em sua cabeça. — Agora precisamos comemorar.

Benjamin franziu o cenho quando Theo foi para a cozinha com uma expressão travessa, direto no armário — não tão proibido —, na última e mais escondida porta. Atrás do cereal e das ervilhas enlatadas estava a preciosa garrafa de Macallan Ruby, o malte que seria guardado para a "ocasião mais especial entre todas as ocasiões especiais", segundo Phil. Um filho entrando em uma das maiores universidades do mundo se encaixava nessa lista.

— O pai não vai gostar disso — Ben comentou ao entrar no cômodo. — Nem a Vanessa.

— Ele tem plantão hoje. — Theo levantou as sobrancelhas. — Nenhum deles precisa saber. É só eu, você e a praia.

Eles abriram sorrisos afiados para mais aquele segredo que manteriam embaixo dos panos, assim como todos os outros. Mortais ou não.

5 - sete palmos e meio



“Vou lhe contar meus pecados
Para você enfiar sua faca
Ofereça-me aquela morte imortal
Bom Deus, deixe eu te entregar a minha vida”
***Take me to Church*, Hozier**

Theo odiava o Pacific Heights, e nem era pela arquitetura vitoriana e as madames de nariz em pé, mas porque ficava longe da praia. Ou melhor, da Baker. Mesmo com a vista deslumbrante do Pacífico que tinha das amplas janelas de seu quarto, não se comparava com morar a poucas esquinas do mar, a brisa salgada cortando a pele sempre que abria a janela. Ao pisar com os pés para fora de casa, agora, tudo o que via era o gramado verde do parque Alta Plaza e mulheres passeando com carrinhos de bebê; era tão entediante quanto fingir que nada havia mudado.

Ele continuava vestindo as mesmas roupas pretas; seu guarda-roupa ainda variava entre preto novo, preto desbotado na lavagem e preto desbotado pelo tempo. Continuava comendo as panquecas queimadas de Vanessa no café da manhã e afirmando que estava bem, como ela aprendeu a perguntar desde o início de tudo. Abastecia no mesmo posto, esboçava o melhor sorriso, ignorando que o coração disparado o impedia de dormir.

Fazia o possível para sua vida ainda parecer a mesma.

Tentou evitar perguntas sobre o pai ao se despedir de Vanessa naquela manhã, mas falhou como em todas as outras vezes. Phil havia saído antes do sol nascer devido a uma emergência no hospital, como se nunca tivesse estado naquela casa, se movendo sorrateiro para não acordar a preciosa família.

O clima lá fora estava ameno, uma leve brisa se contrapondo ao mormaço dos raios de sol. Theo subiu na moto e pilotou até Colma, no

condado de San Mateo — há exatos quatorze quilômetros de São Francisco —, no qual marcava presença todo santo dia como forma de punição.

Nada gera mais dor do que ficar cara a cara com seus erros irreparáveis.

Enfim, estacionou frente ao cemitério de *Odd Fellows* na vaga que quase já possuía seu nome, exclusiva. A extensa grama verde preenchida de lápides e capelas acinzentadas se perdia de vista em um labirinto mórbido, ele mesmo se confundiria em meio a essa imensidão de mortes se não tivesse estado ali todos os dias no último ano, sem exceções. Lauren o repreendeu severamente por isso, mas graças ao vício na autodestruição, ele continuava.

Caminhou em silêncio entre o nome das pessoas falecidas, algumas inscrições já tinha decorado. A respiração ficava mais pesada conforme se aproximavam e o vento, embora o clima abafado da primavera, atravessava a jaqueta jeans — preta nova — como cristais afiados de gelo penetrando na pele. Quando se aproximou da lápide envelhecida de Benjamin, a primeira pessoa de sua família enterrada lá, seu corpo implorou por uma dose forte de vodca.

Um novo buquê de rosas vermelhas e frescas — que ele não sabia por quem tinha sido deixado — se destacava em meio às flores mortas, encostado no bloco de concreto acometido pelo lodo das chuvas recentes. Era o próprio conceito de solidão. Theo se abaixou e, com a ponta dos dedos, retirou a sujeira de cada letra grafada na lápide.



Uma grande porcaria, ele pensou. Tirou do bolso da jaqueta um maço de cigarros pela metade e o acendeu, sentindo a nicotina entrar no organismo e levar sua — não tão preciosa — saúde de ferro. Phil, em seu papel de médico o proibiu de fumar; como pai, tinha deixado de se importar com as bitucas jogadas no jardim dois meses atrás, e ele preferia que fosse dessa forma, imperceptível. Cada um se destruía à sua maneira; ele sentia demais enquanto o pai estava anestesiado. Em três dias retirou a cadeira de Benjamin da mesa, em três meses comprou uma casa nova e deixou todos os móveis para trás. Alguns fechavam os olhos, outros os abriam demais, e Theo odiava esses dois extremos.

— Eu sei, merda, não é nem um pouco saudável — comentou em voz alta ao tragar o cigarro uma última vez. — Mas vê se não enche.

Ele jogou a guimba no chão e apagou com o Chucky Taylor surrado. Em menos de um minuto já possuía outro entre os dedos.

— Você ia odiar como as coisas estão agora.

Outra longa tragada, segurando a fumaça nos pulmões o máximo possível.

— Mas até que é bom você não estar aqui — continuou, embora fosse uma mentira ridícula. — Ia ficar me enchendo o saco pra aceitar aquela loucura do Henry. Seria insuportável. — Ele riu. — Ia ser obrigado a te dar um soco na cara.

Dessa vez Theo gargalhou alto. Sua risada falhada soou como um ultraje no lugar onde estava.

— Lembra como eu sempre ganhava nas lutas? Você pode até ser o irmão mais velho... por poucos meses, né? Não vamos esquecer disso. Mas eu sempre fui mais forte, você nunca conseguiu aguentar nem um soco…

Ele parou a frase no momento em que sentiu o peso dela, o sorriso desapareceu tão rápido quanto se formou. De fato, Benjamin não aguentava um soco e deixou bem claro no dia de sua morte, horas antes de bater o carro contra um poste e voar pelo para-brisa. Theo acertou o rosto dele tantas vezes que perdeu a conta, um após outro, cedendo o controle para a garrafa de vinho elevada a cabeça; talvez se Phil não o tivesse impedido, se conseguisse socar o irmão até a raiva passar não houvesse nada além de um nariz quebrado e um eterno pedido de desculpas.

— Filho da puta.

Ele fechou os olhos antes das lágrimas marcarem presença. Sentiu seu rosto queimar num turbilhão de emoções: raiva, pena, tristeza, e a pior de todas, culpa.

— Tá, chega disso — disse a si mesmo, ofegante.

Manteve o cigarro preso entre os lábios para limpar a bagunça de flores mortas próximas à lápide. Tinham muito amigos, mas nenhum deles se importava o suficiente para, mesmo passado um ano, assim como ele, continuar prestando condolências; depois de um certo tempo tudo o que restava eram as lembranças que surgiam vez ou outra durante o mês, e até elas sumiram no fim.

Após juntar os resquícios de flores dentro de uma das embalagens plásticas, ele se levantou e pegou o cigarro da boca, pronto para dar o fora e voltar apenas… *uau*, no dia seguinte. Deu o primeiro passo, mas imediatamente parou ao notar o envelope branco perdido dentro do novo buquê deixado para trás.

O papel grosso já começava a adotar um tom amarelado devido à exposição brutal ao tempo. Seu interior continha uma foto, e no verso do canto superior, um borrão de caneta azul, mas ainda legível. Seu coração

quase saiu pela boca.

Benjamin com 1 ano e 6 meses, Theo com 8 meses, no Six Flags.

Theo tirou a foto do envelope, deixando o buquê escapar do braço e cair de volta no chão. Sentia como se tivesse sido invadido por um caralho de trinta centímetros, o que em sua cabeça seria uma sensação muito melhor do que a que sentia ao ver aquela imagem.

Como escrito no verso, eles ainda eram bebês. Benjamin se lambuzava com um pirulito maior que sua própria cabeça enquanto o irmão chorava, talvez de medo pela montanha russa funcionando apenas alguns metros atrás. O pior de tudo não era o cenário. Ambos estavam no colo da linda mulher de sorriso amplo e cabelos escovados, marcada com uma expressão exausta por não conseguir sustentar o peso dos filhos. Hannah Allen parecia jovem e feliz, bem diferente de quando deixou sua família, chorando e descabelada. Theo acabava de completar cinco anos, mas tinha plena consciência de que a mãe estava indo embora ao beijá-lo com os lábios frios, e talvez por isso tenha tentado segurá-la.

Mesmo depois de mais de dez anos sem vê-la, ele mantinha suas feições tão nítidas quanto antes, decoradas nas poucas vezes em que ela retornou para ver os filhos que, aos poucos, perceberam que ela não era merecedora de nada.

Nem tampouco da tragédia que havia indiretamente causado.

Ele guardou a fotografia no bolso da jaqueta, os dedos oscilando com tremores suaves, mas que tinham tudo para aumentar. Deixou o buquê esparramado no chão e deu as costas para a lápide o mais rápido possível. Imaginava que Benjamin o puxaria pelo pé a qualquer minuto por ainda insistir nesse erro, mesmo após seu pedido.

No caminho até a saída do cemitério, Theo deu uma última tragada no cigarro, mas ao invés de jogá-lo na grama, envolveu a droga com a palma da mão. Sentiu a dor excruciante enquanto a chama se apagava na própria pele, mas achou que merecia.



Em casa, Vanessa tentou se esquivar do noticiário o máximo que pôde, mas no fim acabou sendo atraída para ele como um poderoso imã. Lá

estava sua curiosidade apelando por aquela matéria.

Ela pegou o celular no painel do carro e voltou na página do jornal online. Embora estivesse sozinha no veículo, o espaço se tornou extremamente pequeno. “Não consegui impedir o suicídio do meu filho”.

— Nem um pouco sensacionalista — comentou.

A matéria recém saída na mídia tinha como capa uma linda foto de família com o pai, a mãe e um garoto com cabelo escorrido no rosto. Na sua época costumavam chamá-los de emo. Haviam quase duas páginas e meia de entrevista com os familiares e toda a jornada para evitar que o filho tirasse a própria vida; ele foi persistente, e depois de cinco tentativas aos longo de dois anos, se deu por vencido. “Não devíamos ter deixado aqueles comprimidos lá, ele nunca esteve bem...” Vanessa sentiu uma lágrima descer pela bochecha.

Sabia do que ela falava, infelizmente. Sua casa estava abarrotada de comprimidos, calmantes e sedativos. Lotada de facas e bisturis com cortes cirúrgicos, tudo aquilo ao redor de um jovem com histórico depressivo e tendência a misturar remédios no álcool. Ela quis sair do carro e correr até o imponente prédio do Saliere — a menos de duzentos metros — para lhe dar um abraço caloroso. Estava quase abrindo a porta quando ouviu as batidas no vidro lateral.

Linda esperava do lado de fora com as sobrancelhas erguidas, irritada. Ela deixou o celular de lado e destravou a porta.

— Ótimo — a garota reclamou enquanto se sentava no banco do carona. Colocou a mochila no colo e se virou para Vanessa. — Olha só, eu não sei se você já percebeu, mas ainda não fisguei nenhum neurocirurgião rico e bonitão pra me sustentar, então não posso me dar ao luxo de chegar atrasada nessa droga de emprego.

— Você sabe que essa sua queda pelo Phil é muito estranha, não sabe? Considerando que ele a pegou no colo quando era criança.

— Ele podia me pegar no colo agora.

Um sorriso sorrateiro cresceu nos lábios de Linda. Vanessa suspirou para manter a calma e não cair nas brincadeiras de uma criança com metade de sua idade.

— Você não vai se atrasar. A chamei aqui para falarmos sobre o Theo. — Ela desviou os olhos do restaurante e focou na garota.

— O que tem aquele idiota?

— Tentei conversar com a Lauren, mas ela não pode me dar nenhuma informação sobre nada. Ele é maior de idade e enfim — Ela respirou fundo. Odiava aquele protocolo ético quando se tratava dele. — Preciso saber o que houve naquela festa que o deixou tão mal.

— E por acaso eu tenho cara de babá? — Ela estourou a bolha de chiclete entre os lábios. — Não fico na cola dele o tempo todo.

Vanessa expirou e apertou o volante com as duas mãos.

— Linda, você é a melhor amiga do meu fil…

Ela engoliu o resto da frase, assustada com a naturalidade daquelas palavras. Embora o sentimento a preenchesse por completo, nunca ousou dizê-las em voz alta, mesmo que parecessem estranhas e, ao mesmo tempo, muito boas.

— É óbvio que você sabe mais do que nós. Por favor, estou muito preocupada.

Linda suspirou. Era incrível como conseguia conversar e mastigar ao mesmo tempo.

— Tá, ahmm… nós chegamos e conversamos um pouco, depois ele se embrenhou com umazinha qualquer e sumiu. Apareceu um tempo depois, desse jeito: — ela traçou movimentos circulares com o dedo próximo a orelha — chapadão.

— O que ele usou? — insistiu.

— Segundo o próprio Theo, de tudo. Até peguei a chave da moto pra evitar uma desgraça, mesmo com ele me mandando ir chupar um pau.

Para isso não havia resposta. Mais pessoas chegaram ao Saliere e sumiram prédio adentro, os minutos corriam.

— Acho que é o novo remédio que tá deixando ele assim, mal humorado — Linda comentou, hesitante.

— Novo remédio?

Uma moto avançou na rua, bem ao lado do carro. Ambas saltaram nos bancos, temerosas em serem pegas no flagra mesmo que não estivessem cometendo nenhum crime. Vanessa se sentia uma traidora.

— É, ele não contou? — continuou após o susto.

— Ele não conta muita coisa. — Tentou não soar magoada.

Elas fizeram silêncio pelos minutos seguintes, cada uma presa em suas respectivas paranoias. Vanessa parou o carro entre os muitos estacionamentos lotados da Union Square, perto o suficiente para vê-lo

chegar, mas longe o bastante para não ser reconhecida. Apesar do ar condicionado ligado, o sol escaldante sobre o painel tornava o ambiente sufocante.

— Pra que tudo isso, hein? — a garota perguntou, brincando com o chaveiro da mochila em seu colo. — Ele sempre cometeu essas idiotices.

— Não, é diferente. Tem algo a mais no comportamento dele, na forma como procura uma garrafa de vodca como se precisasse dela para respirar. Está elétrico demais.

— Você acha que ele pode fazer algo ruim?

Ela se virou para Linda ao notar o medo em sua voz frágil, e a sensação também estampava o rosto maquiado. “Algo ruim”. Eram palavras mais sutis para mascarar seu verdadeiro significado, assim como “elétrico”, que era mais fácil do que dizer, sem dó nem pena, que sua liberdade havia virado uma prisão.

— Se ele não se ajudar, nada vai fazer efeito. O tratamento é um conjunto de ações e ele não tem fé em nenhuma delas.

— Não acho que ele faria uma coisa dessas.

Vanessa lançou um olhar pesado, e lá no fundo, doloroso.

— Ele misturou comprimidos no álcool, Linda. Não é uma boa hora de subestimá-lo.

Linda ficou branca como as nuvens do céu. Apesar de tudo, Vanessa sentia apreço por ela e pela forma excêntrica que demonstrava seu amor por Theo.

— Fique de olho nele. — Ela destravou as portas. — E qualquer coisa, ligue para mim imediatamente.

Linda saiu do carro e virou-se para ela, mantendo um braço apoiado na lataria do veículo.

— É um saco, né? — Ela semicerrou os olhos devido a luz do sol. — Ele é teimoso demais até pra deixar as coisas fazerem efeito.

Vanessa sorriu.

— Vão fazer, não se preocupe.

— Acho bom, ele é tão chato… e eu o amo *tanto*.

A garota correu para o restaurante sem dizer mais nada. Vanessa soltou um gemido arrastado, encostando a cabeça no volante e fechando os olhos marejados. Estava cansada, em todos os sentidos possíveis.

Quando conheceu Phil e em poucos dias se viu apaixonada, nunca

imaginava como aquilo poderia mudar a sua vida. Ainda se lembrava do momento ao descobrir que, além de ganhar um marido, ganharia também dois adolescentes — entre eles um pequeno delinquente. Ela pensou em pular do barco antes mesmo de entrar, mas hoje agradecia imensamente por não ter feito isso. Aquela se tornou a parte mais linda do seu mundo. Mundo que desmoronava aos poucos.

Como num passe de mágica, o céu tornou-se nebuloso e carregado por nuvens pesadas, ou era apenas um delírio, uma representação de como estava seu coração naquele momento.

Antes de avançar com o carro, pegou o celular e voltou na página da matéria que já não parecia mais tão sensacionalista. Algo ali era familiar.

6 - olá papai



“Você consegue tudo o que você quer
E o dinheiro sempre fala
Para os idiotas sábios
Agora feche essa boca suja
Se eu pudesse queimar esta cidade
Eu não hesitaria…”
***Choke*, IDKNOW**

Theo conhecia aquele hospital como a palma da mão.

O Centro Médico da Universidade da Califórnia, em especial o *campus* do Monte Sião, havia sido sua segunda casa durante a infância, quando a babá estava de folga e Phil não tinha outra alternativa a não ser levar os dois filhos pequenos para o trabalho. Graças a isso e aos jogos de esconde-esconde com Benjamin, ele sabia de cada corredor e saída de emergência em meio ao labirinto de paredes brancas. Mas naquele dia o prédio parecia minúsculo.

O elevador abriu no 3° andar, setor da neurologia, e ele logo avistou Martha atrás do balcão principal. A enfermeira com pés de galinha na face rugia contra o telefone, seu uniforme azul estava manchado com pequenas gotas de sangue próximas à lapela. Theo se aproximou assim que ela bateu o aparelho no gancho e apoiou o cotovelo na bancada.

— Nem vou perguntar se é um dia difícil.

— Dia difícil num hospital? Imagina. Aliás, — ela colocou as mãos na cintura — soube o que andou fazendo. Sorte sua que não foi no meu plantão ou você ia se ver comigo.

— É uma pena que eu não seja mais um bebê na incubadora —

ironizou.

— Se eu soubesse que você ia virar isso aí, teria desligado seus aparelhos.

Ele riu.

— E meu pai? — Foi direto ao ponto. — Cadê?

— Estava no Centro Osher mas já voltou. Deve estar por aí.

Por aí é muita coisa. Ele saiu e a deixou trabalhar.

Percorreu os longos corredores à procura de Phil, cumprimentando os funcionários pelo caminho; conhecia a maioria, já que alguns o ajudaram com o braço quebrado, e outros foram nas festas de aniversário na infância. Todos faziam parte de algum momento de sua vida.

Ao virar o milionésimo corredor, ele enfim o encontrou em um dos quartos de luxo, onde ficavam os pacientes que esbanjavam dinheiro. Teria chamado seu nome se não fosse pelo casal esperando ansioso ao seu lado enquanto ele acordava o paciente enfaixado na maca. Espiando pela porta entreaberta, Theo conseguia ouvir em alto e bom som o choro das pessoas e as palavras sussurradas pelo médico. O garoto acordou numa confusão aparente, Phil se aproximou do rosto dele com uma pequena lanterna, focando ambas as pupilas. Após constatar o sucesso da operação, a mulher avançou contra seu pai e o abraçou, lamentando em seu ombro antes de dizer as palavras que — ele sabia exatamente por quê — lhe doeram na alma.

— Obrigada, doutor! Obrigada por salvar meu filho.

Com o rosto ardendo em chamas e os olhos vermelhos, ele deixou o local e seguiu pelo corredor sem nem saber exatamente para onde ia. Era uma cena ridícula, uma brincadeira de mau gosto do Deus no qual ele fingia acreditar; já tinha presenciado aquela mesma imagem, mas com um final bem diferente.

“Não consegui salvá-lo, filho. Não pude salvar seu irmão”.

Andou sem rumo até parar em frente a sala de Phil, onde preferiu esperar. As inscrições fixas na placa na altura dos olhos eram familiares.



A placa que havia encarado tantas vezes foi se tornando menos intimidadora conforme ele crescia, mas nunca perdeu sua autoridade. Phil tinha ordenado que batesse antes de entrar, sempre, porém não parecia necessário naquele momento.

O ambiente estava frio e quieto de uma forma assustadora, o ar condicionado soava baixo, quase imperceptível. Ele tocou o interruptor ao lado da porta e acendeu a luz. Correu os olhos pela mesa central e as cadeiras na frente, atrás dela, o sofisticado armário de mogno expunha diplomas, certificados importantes e miniaturas esquisitas de cérebros, na parede lateral, um sofá de dois lugares e uma mesinha com café frio. Cada centímetro imponente e altivo.

Theo caminhou até a mesa e mexeu nos papéis organizados; nada além de ressonâncias e prontuários dos quais não entendia porra nenhuma. Sentia o clima abafado, uma intuição que o mandava se preparar para uma possível Terceira Guerra Mundial prestes a eclodir…

— O que está fazendo aqui?!

Estava tão absorto nos pensamentos que não se deu conta quando a porta foi aberta. Ele se virou e encarou o pai. Theo franziu o cenho diante das linhas de expressão tensas nas feições do médico, quase incompreensíveis, como se corresse o risco de um perigo iminente.

— Eu… — Sua voz falhou. — Estava te esperando.

— Já disse que não pode entrar aqui quando bem entender. — Phil passou por ele e jogou uma pasta sobre a mesa, em seguida mexeu nas gavetas em cada extremidade.

— Não precisa se preocupar, não roubei nada — falou de maneira amarga.

Ele interrompeu os movimentos e ajeitou a postura, encarando-o de cima pelos seus poucos centímetros a mais de altura. Anos atrás aquele olhar o traria um frio na espinha.

— Preste atenção: não o quero na minha sala quando eu não estiver aqui. Entendeu?

Theo fitou o fundo dos seus olhos azuis e autoritários, inerte, antes de torcer os lábios em um sorriso forçado.

— Claro, *papai*.

Bastou ele se virar para o sorriso sumir. Esperou calado, vendo Phil sentar-se atrás da mesa e estudar o notebook como se sua presença fosse invisível. Mas não, ele estava lá, solidificado, suas roupas pretas tão densas quanto a estrutura do prédio. Vislumbrou a sala e parou sobre a máquina de café expresso na pequena mesa; quantos copos Phil já teria tomado enquanto passava dias e noites longe de casa?

— Como você ainda consegue ficar de pé? É a cafeína? — supôs, sarcástico. — Ou tá injetando adrenalina em si mesmo?

— O que veio fazer aqui? — disparou.

— Quero falar com você.

— Não podia falar em casa?

— E eu precisaria esperar você lembrar que ainda tem uma casa?

Phil suspirou, fechou o notebook e indicou a cadeira à sua frente.

— Ora, que gentil.

Ele se acomodou em uma das cadeiras com fundo macio, voltando ao mesmo movimento compulsivo dos pés.

— Tudo bem. O que você aprontou agora?

— Não caguei em nada dessa vez, por incrível que possa parecer pra você. Na verdade, eu queria…

Sua fala foi interrompida pelo toque do celular de Phil, que o atendeu imediatamente. Theo estalou os dedos com mais força enquanto o ouvia conversar na língua dos médicos, usando palavras difíceis de pronunciar tanto quanto a letra ruim nos receituários. Agora um pobre paciente com adrenomi… *foda-se.*

— Tenho o prontuário dela aqui, passo para você até o fim do dia. — Desligou o celular e o jogou sobre a mesa.

Phil começou a procurar nas gavetas uma por uma, pulando a última da direita, sempre trancada. Depois puxou uma ficha grossa e deu atenção aos papéis dentro dela, ignorando a presença do filho. A vontade de Theo em sumir dali crescia, mas não mais do que a de mandá-lo a merda; antes, ele dizia a si mesmo que era a carga de sua profissão: salvava a vida de pessoas e

isso compensava tudo, no fim o pai sempre estaria lá. Mas não conseguia mais acreditar nas próprias palavras.

— Eu engravidei uma garota, você vai ser vovô.

Ele parou, empalidecido.

Theo conteve o riso, estendendo o contato visual. Era bom — embora por uma fração de segundos — ter a atenção de seus olhos azuis só para si.

— Tô brincando. — Ele deu de ombros. — Não foi dessa vez.

— Não tem graça. — Relaxou os músculos. — Eu não duvidaria disso vindo de você.

— Grande novidade. Não me surpreende que *você* sempre tente me transformar no vilão de tudo.

— Você não é vilão, mas também não tem atitudes dignas de um herói. Ou espera que eu bata palmas para tudo isso?

Ele gargalhou.

— E o que eu faço, pai? Além, é claro, de tentar achar um horário livre na sua agenda? — Ele pendeu o corpo para frente. — Não te encontro em casa, não posso te encontrar no hospital, parece até que você some da face da terra sem nunca ter existido.

— Theo, por favor…

— Eu também não queria estar aqui, tá bom? — Revelou sem pensar e se arrependeu no mesmo instante. Voltou a encostar-se na cadeira, frustrado. — Vanessa tem me enchido o saco pra vir há dias — explicou a contragosto. — Ela disse que você precisava conversar com alguém que não estivesse sangrando.

Pobre Vanessa. Eles se observaram durante um tempo, em silêncio. Theo esperou com expectativa uma palavra de conforto, sermão, soco ou xingamento. Ansioso por qualquer merda.

— Você só não veio em uma boa hora — Phil disse por fim. — Tenho muitos pacientes hoje.

Ele soltou a respiração presa nos pulmões. Qualquer hora era uma péssima hora. Sua visão se desviou até a parede atrás dele, na foto exposta em um dos porta-retratos; era dolorosa demais para ser analisada. Colocou um sorriso torto no rosto e se levantou.

— Desculpa.

— Não se desculpe, você só devia ter avisado antes. — Ele o acompanhou com uma sombra de culpa. — Pedi que ligasse…

— Eu já entendi — levantou a voz, quase chegando à porta. — Tenho que ir pro Saliere agora.

Não, ele não entendia porra nenhuma, mas não vinha ao caso agora. E nem nunca. Phil o seguiu até estarem de volta ao corredor. Uma equipe médica corria de um lado para o outro, o que indicava outra possível emergência.

— Vá direto para casa quando sair do último turno.

— Quê? — Ele se virou para o pai. — Você não vai pra casa?

— Hoje não, vou substituir o Mike.

Theo tentou sorrir, gritar ou qualquer gesto que mostrasse que não suportava mais sua ausência. Estava cansado demais.

— Foda-se — respondeu.

Saiu pisando duro e fugiu do hospital depressa, aliviado quando o rosto foi acariciado pelo vento do lado de fora. O clima lá dentro era sufocante.

Subiu na moto e cruzou a Rua Sutter, na primeira esquina, como se estivesse em uma pista de corrida livre; hesitava em apertar o freio sempre que descia ladeira abaixo. Um traumatismo craniano àquela altura do campeonato não seria tão mal visto, considerando que sempre deixava a trava do capacete aberta. Em um ponto qualquer do caminho, mais ao leste da Fisherman’s Wharf, numa zona tranquila e afastada, Theo parou repentinamente no sinal vermelho; ouviu os xingamentos do motorista do carro a frente, mas estava atordoado demais para se importar.

Nunca havia deixado de ter brigas e discussões com Phil, algumas foram feias, outras horríveis, mas sempre passavam no dia seguinte. Não mais. Ele se lembrava do seu aniversário de dezessete anos, quando o pai o levou até um daqueles galpões enfileirados de guarda-móveis, mas a “tralha” que mantinha guardada lá era nada menos que uma Harley Iron 883 dos seus tempos de faculdade; estava pura sucata, mas a consertaram juntos nas tardes de sábado, envoltos por cerveja e muito suor. Esse mesmo homem passou dos beijos na testa para tapinhas nas costas, e mesmo nesses raros momentos já se aproximava com toques frios. Uma relação normal que resistira a todas as desavenças entre um pai e seus filhos.

A todas, menos à perda de um deles. O que deveria uni-los foi responsável por jogá-los a extremos opostos.

Theo ouviu uma buzina alta e só então notou o sinal verde quase no

fim; acelerou e virou a primeira esquina à direita. Foi quando seu coração veio à boca ao passar a poucos milímetros da garota que atravessava a faixa de pedestres. O grito feminino acompanhou o cantar dos pneus, ela foi ao chão junto com a sacola nos ombros e uma centena de tubos de tinta e folhas de papel, espalhados pela calçada. Ele apertou o freio e quase caiu do veículo devido ao solavanco, deixando marcas escuras no asfalto.

Sem pensar duas vezes, Theo desceu da moto para ir em direção a garota que se levantava do concreto frio, agora com um machucado marcando um dos joelhos.

— Você tá bem?! — questionou ao se aproximar.

— Se eu tô bem? Você é cego por acaso?!

Ela se pôs de pé, arrancando os cabelos castanhos do rosto. Theo concentrou o olhar nela e nas feições — para sua desgraça — familiares. Moveu os lábios para respondê-la, mas todas as palavras tinham fugido do vocabulário. Qualquer som ou ruído que pudesse expressar verbalmente era insignificante comparado ao quanto sua mente gritava. O chão se abriu sob seus pés.

Era ela, a filha da puta. Era Amalia.

7 - anjos e demônios



“Todas essas questões, elas são pra valer
Como: Por quem você viveria?
Por quem você morreria?
E por quem você seria capaz de matar?”
***Ride,* Twenty One Pilots**

Theo não fazia ideia se o descompasso no coração era pela adrenalina ou por estar diante dela, naquela situação que nem em seus piores pesadelos esperava enfrentar. A segunda opção era a mais adequada.

Quando a confusão inicial passou e ela se deu conta da situação, Amália abriu um sorriso irônico e bateu com a mão na testa, como se algo ali fosse óbvio demais.

— Meu Deus, é claro. Tinha que ser! — ela berrou. — Quem mais andaria feito louco na rua além de você?!

— Amália — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Esperava outra pessoa?

— Qualquer uma, menos você.

— É uma pena você ser tão incompetente que não consiga nem escolher quem vai atropelar.

Theo quis responder, mas o estresse não valia a pena. O tempo em que se preocupava com as ofensas de Amália foi muito curto, ele já sabia lidar com cada uma delas. Levou a mão à nuca suada e observou o ambiente ao redor; alguns lojistas e clientes saíam dos estabelecimentos para fofocar, mas não tão preocupados o suficiente para se aproximar. Não tinha sangue nem ossos quebrados, apenas uma bagunça de tintas e papéis pela calçada.

— Aposto que nem tem mais licença pra dirigir. — Ela se sentou no degrau de uma loja fechada para olhar o joelho ralado.

— Como é que é? — Ele se virou para ela.

— Já deve ter perdido sua carteira há muito tempo, não é Theo? Quantas pessoas já atropelou antes de mim?

— Eu tenho carteira, idiota. E vê se para com essa frescura, ninguém se machucou.

— *Eu* me machuquei — respondeu entre dentes.

Theo juntou as mãos na cintura e observou o ferimento superficial. Nada além de um belo e sujo esfolado.

— Não chamaria isso de machucado — debochou com um sorriso afiado.

Ela murmurou uma ofensa antes de se levantar para averiguar o estrago dos materiais que carregava.

Como se o tempo não tivesse passado, Amália continuava a mesma. O cabelo castanho escuro continuava curto na altura dos ombros, realçando as clavículas que saltavam da pele. Os expressivos olhos verdes como duas esmeraldas se destacavam em meio ao rubor natural de suas bochechas; quem a visse pela primeira vez poderia jurar que ela havia mergulhado em um lago congelado e estava morrendo de frio. Lábios carnudos, ossos magros que a faziam parecer capaz de se romper a qualquer momento, escondidos sob curvas singelas e perfeitamente desenhadas. Amália lembrava uma boneca de porcelana.

Uma irritante, petulante e insuportável boneca de porcelana.

Teve a infeliz oportunidade de provar seu veneno quando ela e Benjamin mantiveram um longo — e segundo Theo, enjoativo — relacionamento.

Mesmo ao ar livre, ele começava a sentir o oxigênio cada vez mais denso. E sabia porquê. Pressionou o osso do nariz entre as sobrancelhas para afastar a dor de cabeça e voltou a olhar para ela. Amália estava de pé, mais próxima, contemplando a sacola de panos reduzida a retalhos.

— Você tá bem? — ele perguntou contra a vontade.

— Não é possível, você não tá enxergando nada? — Ela abriu os braços para indicar a bagunça no chão, depois balançou a sacola no ar. — Olha o prejuízo que me deu! Tem noção do quanto custou tudo isso?

— Se esse é o problema, então relaxa. Te faço um cheque.

Amália rangeu os dentes. Ele não se importou em conter a risada mesmo que estivesse sufocando por dentro, seu coração batendo tão rápido quanto a melodia de *Don’t stop me now*. Ela jogou o trapo no chão, cruzou os

braços e chegou mais perto. Embora com baixa estatura, ela o enfrentava sem medo e com um senso de superioridade ridículo.

— Eu não quero seu dinheiro. Guarda pra pagar a conta do motel que você leva suas vagabundas, deve tá enorme.

— Calma, anjo! Não precisa se preocupar. — Ele abriu um sorriso indecente. — Elas me recebem em casa.

Ao vê-la enrijecer o corpo, percebeu que ela ainda se lembrava bem daquele apelido mesmo após um ano. De fato, Amália possuía uma atmosfera angelical e tentadora, tal qual uma figura divina conhecida no mundo todo. Theo julgou mais fácil usar a palavra "anjo" ao invés de chamá-la diretamente de Lúcifer.

— Você é nojento.

— E você já encheu minha paciência.

Ele deu um passo atrás.

— Já vi que tá bem, é uma pena. Agora se me dá licença… — Ele ajeitou a gola da jaqueta. — Tenho mais o que fazer.

— Isso mesmo, pode ir! É um favor que me faz!

Theo voltou para a moto com o olhar da garota queimando sobre si. Em outra ocasião levaria na esportiva e a mandaria para a casa do caralho, mas naquele momento — talvez por respeito ao irmão, ou por não se sentir mais capaz de suportar aquela situação de merda — só queria ignorá-la.

— E obrigada por melhorar o meu dia! — ela continuou. — Quando quiser me ferrar é só mandar mensagem, imbecil!

Essa peste…

Peste, praga, demônio, Lúcifer. Nunca encontrou nenhum nome apropriado para descrever Amália Walsh. Ele subiu no veículo com os nervos à flor da pele; sentia as veias dos braços saltarem para fora, os dedos gélidos e dormentes, tornando quase impossível a tarefa de girar a chave na ignição.

Tinha certeza que esses poucos minutos de discussão seriam suficientes para fazê-lo beber por horas, como todas as vezes em que foi obrigado a encarar os resquícios de seu passado. Havia aprendido a lidar com as lembranças, mas as memórias físicas o destruíam de forma arrebatadora. Uma música que ouviam juntos, uma garrafa de vodca, uma camiseta compartilhada, um maço de cigarros. Agora a lembrança mais fodida que poderia encontrar estava bem na sua frente.

Enfim conseguiu dar partida na moto, mas permaneceu no lugar. Os

xingamentos e ofensas pararam, não a ouvia nem resmungar. Theo ajustou o retrovisor na direção dela e focou seu reflexo. A viu agachada no chão, pegando os tubos de tinta e papéis um por um; o joelho bom estava apoiado na calçada suja, e a cada dois segundos ela arrumava a barra do vestido vermelho, colado ao corpo, para não revelar demais. Sempre que fazia isso, um objeto caía de volta no chão. Era humilhante.

— Hora de ser o bonzinho.

Ele desceu do veículo para voltar até ela, mas se arrependeu no exato segundo que se abaixou ao seu lado e recebeu um olhar furioso.

— Me deixa ajudar você.

— Não quero sua ajuda!

— Não tô perguntando se você quer ou não, tô falando que vou ajudar e agora abaixa a bola.

Theo manteve o olhar rígido sobre seus olhos verdes antes que ela voltasse a atenção para a tarefa.

— Tanto faz — ela desdenhou. — Só não espere que eu seja educada.

— Relaxa, meu anjo. Educação é a última coisa que espero de você.

Recolheram os materiais em silêncio enquanto os pedestres passavam ao redor. Ele pegou umas das inúmeras folhas A4 e, de relance, leu algumas das palavras impressas. Nome completo, idade, escolaridade, uma foto três por quatro horrível… “sociável e receptiva”. Só podia ser uma piada.

— Me dá isso. — Ela arrancou o currículo de sua mão.

Theo deu um longo suspiro.

— Você tá bem? — refez a pergunta, incomodado com seus lábios trêmulos.

— Você me assustou. Eu poderia ter morrido, sabia? Isso vale alguma coisa?

Eles juntaram tudo nas bolsas que faziam com os braços e se levantaram.

— Para de drama, eu nem relei em você.

O vento começou a soprar mais forte. Ele observou a pele dela eriçada em contato com a brisa gelada; mesmo na primavera, o clima estava ameno demais para um vestido como aquele.

— Tá, me rendo. Desculpa — ele disse, mesmo se achando certo à sua maneira.

— Tudo bem, você já fez coisas bem piores. — Ela manteve o rancor.

Theo quis retrucar, mas estava cansado demais para isso. Lá se encontrava ele, no pior lugar possível e com a pior pessoa possível, carregando uma tralha que manchava suas roupas. E para ajudar, o suor na pele aumentava e a pressão do corpo diminuía. Precisava dar um fim àquela merda.

— Pra onde tá indo?

— Ah… vou pra academia de artes a três quadras daqui. Ou ia, agora não sei.

— Vou junto. Vai ser minha forma de me redimir.

O queixo de Amália caiu e olhos quase pularam das órbitas.

— Você vai comigo? — ela duvidou. — Tá brincando?

— Ou pode ir chutando toda essa tralha, se quiser. Pra mim tanto faz.

Seu tom irritado a fez baixar a guarda, por fim, ela concordou com um aceno de cabeça. Theo estacionou a moto junto ao meio-fio e prendeu o capacete. Com as chaves no bolso, a tremedeira no corpo e o monte de lixo nos braços, a acompanhou.

Os primeiros passos foram inquietantes. Ele rezava para encontrarem pedestres ao longo do caminho, uma multidão que não o deixasse sozinho com ela, mas São Francisco parecia enfiar o pé no seu rabo. As ruas do bairro pareciam desertas, até a área mais comercial — alguns quarteirões à frente — parecia menos lotada que o normal.

— Já faz tempo, né? — Amália quebrou o silêncio.

— Um ano. — Ele manteve a voz indiferente. Seus olhos buscavam todos os pontos possíveis, menos ela.

— Nem parece, tudo passou tão rápido. Parece que foi ontem… — ela interrompeu a fala. — Nós perdemos contato, você sumiu.

— Então quer dizer que sentiu minha falta?

O sarcasmo em suas palavras trouxe o silêncio entre eles. Os cabelos curtos de Amália serpenteavam no ar conforme andavam a passos estupidamente lentos. Quando passaram frente a uma loja de conveniência, Theo foi pego de surpresa pelo seu reflexo no vidro; era estranho estar ao lado dela depois de tanto tempo, como se nada tivesse acontecido. De maneira ingênua, ele quase esperou por Benjamin, que a qualquer momento apareceria para apaziguar outra troca de farpas.

A memória o fez apertar os materiais contra o corpo.

— E o que tem feito agora que terminou o colegial? Soube que não

foi pra faculdade.

Ele engoliu em seco quando Amália voltou com as perguntas que não queria responder. Atravessaram a rua para a segunda quadra. *Menos uma.*

— Tem namorado muito? — Ela continuou, mais descontraída.

— Namorado? — ele assobiou. — Eu não usaria essa palavra.

— Foi nesse sentido mesmo que perguntei. Nada é impossível.

— Sério, Amália? Acha mesmo que em um ano passei a dormir de conchinha e *fazer amor* estilo… papai e mamãe?

Ela esboçou uma careta de nojo. Chegaram a outra esquina e se viram obrigados a pararem pelo ritmo dos carros na rua. Theo a viu, de soslaio, virar o rosto em sua direção; ele fez o mesmo e a observou pela primeira vez desde que começaram a caminhada.

— Não acho, mas não custava perguntar. — Ela deu um longo suspiro como se estivesse cansada. — Continuo ouvindo as mesmas histórias sobre você, e elas são tão problemáticas quanto antes.

Com uma cara de poucos amigos, Amália avançou pelo meio fio para cruzar a rua sem nem ao menos notar a bicicleta vindo na direção dela. Theo a segurou pelo braço e a puxou de volta para a calçada no momento em que o veículo passava tão próximo quanto sua moto, minutos atrás.

— Você está cega, mulher?! — O pobre ciclista grunhiu pelas costas, avançando após a topada.

Amália cambaleou para trás, desnorteada pelo susto e pelo puxão firme.

— Qual é o seu problema? — Theo insistiu. — Olha por onde anda!

— Obrigada. — Ela jogou os cabelos rebeldes para trás. — Eu não tinha visto.

— É claro que não.

Ele a soltou e recolheu do chão a meia dúzia de tintas que haviam caído. Seus dedos estavam cada vez mais trêmulos, qualquer pessoa que o visse agora ia jurar que ele sofria com o mal de Parkinson.

— Vamos embora, é melhor você ficar em um lugar fechado — comentou com deboche na voz. — E da próxima vez vê se usa o metrô ou qualquer coisa que te deixe longe das ruas.

— Também não precisa falar assim, foi só um acidente.

— Então *agora* foi um acidente?

Os dois se entreolharam antes de revirar os olhos um para o outro e

seguirem o resto — quase inteiro — do caminho em silêncio. Quando estavam na última quadra, Theo avistou a academia de artes; diferente do que tinha pensado, o prédio era de uma arquitetura imponente, de tijolos cinza e uma pequena escadaria que levava a duas grandes portas de madeira. Nada de grafites ou desenhos com giz. As tintas a óleo e a sacola manchada deveriam ter denunciado a ele, logo de cara, que Amália ainda mantinha o gosto pela pintura em tela.

— Esqueci o quanto você é mal-educado.

Ele foi surpreendido com o comentário repentino e soltou uma risada irônica.

— E por que sou mal-educado? — perguntou sem esperar uma resposta. — É porque não fico puxando o seu saco?

Amália parou e virou-se para ele.

— Seu ego do tamanho da Golden Gate te impede de ver que tem outras pessoas no mundo.

— Realmente, meu ego é enorme. Ele só não é maior que o meu… — Theo parou, divertindo-se ao vê-la arregalar os olhos e enrubescer. — Senso de humor.

Foi o que bastou para ela voltar a caminhar, e ele a seguiu com o peito cheio. A cada passo o caminho parecia ficar mais longo e tortuoso, como uma esburacada estrada de terra.

— O planeta não gira em torno de você — ela soltou. — Deveria tratar melhor as pessoas, ninguém tem culpa da sua arrogância.

— Só pra ser feito de trouxa por elas? Igual meu irmão foi feito por você?

Theo deixou as palavras escaparem sem querer e se arrependeu delas logo em seguida. Não foi capaz de conter a amargura na voz.

— Nunca o fiz de trouxa, ele me amava, é bem diferente. — Ela apertou o passo. — Mas é claro que você não sabe o que é isso.

— O que? Amor? — Ele riu — O Ben te idolatrava. Vivia com medo de te perder, ele morreria por você. Que tipo de amor é esse?

Amália parou. Ele nem ao menos percebeu que já estavam em frente ao prédio.

— É o mais comum. Você não sabe, mas existem pessoas pelas quais entregamos nossa vida, de corpo e alma, e isso não é nenhum sacrifício. Muito pelo contrário.

Um riso doloroso escapou dos lábios de Theo enquanto percorria, lentamente, os olhos pela garota, desde o Air Force imundo, as meias brancas acima dos tornozelos, até o vestido delicado e cabelos armados. Era uma pureza enganosa.

— Pode acreditar, eu sei. Conheço muito bem esse tipo de gente, ou melhor… conheci. — Desfez o sorriso, adotando uma expressão séria. — Ben era um idiota, ainda tinha esperança em tê-la de volta. Meu irmão morreu amando você, Amália. E eu nunca vou entender o porquê.

— Eu também o amava. *Ainda* amo.

Para ele, um grande "foda-se".

Não havia mais nada a ser dito; permaneceram em silêncio, contemplando a familiaridade nos olhos um do outro. Amália finalmente abriu um sorriso tímido.

— Bom, obrigada pela sua… ajuda.

— Viu? Não sou esse demônio que você pensa.

— Mas também não faz o tipo angelical.

Ele entregou o resto dos materiais, demorando um longo tempo para encontrar a posição perfeita para cada item, de modo que não caíssem de volta no chão. Do jeito como era destrambelhada, tudo iria para o ar assim que desse o primeiro passo.

Amália moveu os lábios quietos, e ele entendeu sua despedida conforme ela seguia para as portas duplas do estúdio. Theo pensou que estava livre, finalmente começou a refazer o caminho até a moto, mas a sensação foi curta demais.

— Theo — ela chamou ao descer a pequena escadaria. — Espera.

Ele revirou os olhos, voltando-se à ela.

— Que foi?

— Eu ainda tenho umas coisas do Ben.

Puta merda. Sua pressão despencou em questão de segundos, o corpo frio parecia estar mergulhado na neve do inverno. Lutou contra a obstrução invisível na garganta e para que Amália não se desse conta do que acontecia, mas era impossível.

— Que coisas?

— O que ele deixava comigo, ou esquecia em casa. Você sabe, né? Ele só não esquecia a cabeça porque estava grudada, era patético. Eu sempre avisava… — ela se interrompeu ao perceber o falatório. — Acho que ia

querer ficar com elas.

Não, não, não.… Theo já não respirava mais, os olhos sucumbiam às lágrimas, e a julgar pela expressão confusa dela, ele já devia estar mais branco que uma folha de papel.

Ele levou a mão ao rosto e pressionou as pálpebras. A visão continuou turva. Subiu o toque aos cabelos acobreados e deu leves e imperceptíveis puxões. A dor era boa, ela era real. Real.

— Você tá bem?

Enfia essas coisas no rabo e some da minha frente antes que eu passe com a moto por cima de você, dessa vez pra valer.

— Me liga e nos encontramos pra ver essa merda — Se adiantou com a voz falhada, embebida em desespero.

— O que?

— Me liga, porra! Você deve ter meu número, alguém tem, procura!

— Tá bom! — Ela franziu os lábios. — Grosso.

Amália saiu a passos rápidos e sumiu dentro do edifício. Benjamin reprovaria esse pensamento, mas ele desejou com todas as forças que ela desaparecesse da face da terra. Ela, suas tintas, seu temperamento insuportável e as coisas que julgou que ele ia querer de volta.

Theo se arrependeu amargamente de não ter usado aquelas palavras ácidas enquanto se sentava no primeiro degrau da escadaria, sem forças para se manter de pé. Era um pesadelo que estava de volta, mais sombrio do que qualquer outra coisa… porque era real. Existia na sua perturbadora realidade. Tirou a jaqueta e puxou a gola da camiseta na tentativa inútil de respirar, mas cada movimento era doloroso tal qual uma estaca no coração. De repente, até o cantar dos pássaros tornou-se assustador. Com as mãos trêmulas, ele buscou o celular no bolso da calça, derrubando-o diversas vezes antes de conseguir ter o controle sobre os próprios dedos, mas as lágrimas começando a rolar o impediam de enxergar a tela.

Ele nunca chorava, em hipótese alguma. Exceto naquela.

Ainda bem que o número de Lauren estava na discagem rápida.



Theo não entendia nem metade das palavras do padre, ou entendia, só não acreditava nelas. Mas Benjamin era católico e com certeza gostaria

de um padre em seu funeral.

Graças às séries e filmes, ele esperava um dia chuvoso, lamacento e mórbido, mas o céu estava azul e o sol irradiava uma alegria insultante. Observava tudo através dos óculos escuros que escondiam suas olheiras inchadas, assim como de todos ali. Conhecia a maioria, todos tristes, é claro, mas era muito fácil identificar quem de fato se importava: Linda fazia um escândalo no peito do novo ficante; Vanessa mantinha o rosto baixo, rezando em silêncio com um terço na mão; alguns parentes desfaleciam junto aos outros. Theo evitava olhar para Phil desde que saíram do carro, quando ele implorou ao pai para manter o caixão fechado.

Ao ouvir o padre dizer que Benjamin agora descansava ao lado do criador, não foi mais capaz de aguentar. Ele deixou para trás o buraco no chão e saiu entre as pessoas que o observavam com pena. Cada passo pelo caminho era uma tortura, o calor que sentia no corpo era igualável a uma brasa fresca. Talvez já estivesse sentindo a sensação de estar no inferno, considerando o que havia feito.

Theo tirou os óculos e debruçou-se sobre o veículo. As lágrimas puderam correr livres até todo o líquido do corpo ter sido jorrado. Ele afrouxou o nó da gravata e desabotoou a gola da camisa até o terceiro botão; não era bem nessa ocasião que pretendia usar seu terno novo. Vendo-se sozinho depois de horas, finalmente pôde acender um cigarro.

— Fumar não faz bem pra saúde.

A voz feminina soou embargada pelo choro. À sua esquerda, Amália se aproximou devagar; usava preto da cabeça aos pés, o que não combinava com o restante do seu guarda-roupa colorido. Ela parecia ter sido picada por um enxame de vespas e agora tinha o rosto inchado e vermelho. Estava plena, mas talvez porque não aguentava mais sofrer.

A garota tomou o cigarro de sua mão enquanto se encostava no carro ao seu lado. Analisou minuciosamente o corpo cilíndrico, absorta em algum mundo distante. Como ele, ela também sabia que Benjamin odiava cigarros. Theo puxou a droga de seus dedos pálidos e a levou aos lábios outra vez.

— Como você tá? — ela perguntou.

— Vamos pular a cerimônia e ir direto ao assunto. Toda essa educação não combina com você.

— Tem razão, mas esse é o assunto.

— Sendo assim, eu não poderia estar melhor. Não que você se

importe.

Houve um minuto de silêncio. Ao longe era possível ouvir o murmúrio da multidão, provável que chegasse a hora das despedidas e das rosas sobre o caixão. Seriam muitas flores, todos que conheciam estavam lá. Todos, exceto uma pessoa. Ele se sentiu idiota por esperar a chegada de Hannah.

— Eu me importo, acredite ou não.

— Não acredito.

— Como… como isso foi acontecer? Eu não… — Ela engasgou. — Ele sempre foi tão responsável, dirigia devagar…

— Será que dá pra calar essa boca? — cortou. — Essas coisas acontecem, porra. Ele estava distraído, é só mais uma probabilidade.

Theo disse aquelas palavras apenas para confortar a si próprio, uma falsa absolvição. Talvez se fossem ditas em voz alta se tornassem reais. Só um acidente de trânsito, nada de culpa, perdões ou olho roxo, apenas fatalidade.

— Eu ainda o amo, Theo. Não estávamos mais juntos, mas isso não significa nada.

— Você não me deve explicações, e prefiro não ouvir. — Ele jogou a bituca do cigarro na grama e se voltou para ela, as mãos no bolso da calça. — O que você quer?

Amália pensou antes de responder, mantendo a cabeça baixa. Ele quase a chacoalhou pelos ombros, ordenando que fosse breve e o deixasse voltar para sua sentença. Depois de um tempo, ela ergueu o rosto.

— Sei que nós nunca nos demos bem. Na verdade, nos dávamos mal nos melhores dias. — Ela se desencostou do carro. — Fui muito injusta com você.

— Você não é a primeira, e nem vai ser a última pessoa a me julgar com base na quantidade de garotas com quem transo. — Ele parou para sorrir. — E tô pouco me fodendo pra isso.

— Sei que não liga pra muita coisa, mas liga pra tudo que machuca… machucava seu irmão. "O que eu mais quero é que vocês parem de se odiar". Lembra de quando ele disse isso?

Um pássaro cantou entre os galhos das árvores, compondo a melodia perfeita. Amália tinha razão. Theo daria sua vida pelos sonhos de Benjamin, mas por orgulho, e só por orgulho, não concordaria.

— Depois de tanto tempo só trocando farpas — ela continuou, triste.

— Não tem hora melhor pra trocarmos um abraço. O primeiro, e último.

Ele sentiu-se extremamente pequeno ao ouvir seu pedido.

Benjamin sempre deixou claro que se um dia conseguisse estar com Amália no altar, Theo seria seu padrinho, era a decisão mais certa que possuía. Ele, no entanto, graças ao péssimo senso de humor e a mania de ser sarcástico nas horas erradas, sempre negava; "se a noiva for outra, quem sabe". Não tinha certeza se o irmão reconhecia seu tom zombeteiro, e esse questionamento aumentou ainda mais a culpa. "É claro que eu seria seu padrinho, idiota. Quem mais ia discursar sobre o fracasso que foi o seu primeiro beijo?". Daria tudo para dizer aquelas palavras olhando em seus olhos azuis.

Theo se afastou do carro e trouxe Amália para si. A garota passou os braços por seu pescoço, permitindo a ele sentir o aroma único de sua pele. Nunca havia estado tão próximo, e foi obrigado a fechar os olhos para não chorar na frente dela; ela, porém, não fez esforço algum ao desabar ainda mais.

— Eu sinto muito. Sinto muito mesmo — ela disse contra seus cabelos.

Permaneceram nos braços um do outro por alguns segundos, até que Amália beijou seu rosto e o afastou. Eles se mantiveram de mãos dadas, e Theo achava cada vez mais difícil encará-la.

— Pode parecer o fim do mundo, talvez você deseje que seja — ela começou entre soluços — Mas não acabou, ainda tem a sua vida. E eu tenho certeza que ele vai estar com você a cada segundo, como sempre foi.

Ele ficou em silêncio, olho a olho, enquanto ela esperava por uma resposta. O que ele ia dizer? "Ele bateu o carro porque estava atordoado, machucado, porque eu o agredi". Nada além disso.

Quando achava que ia sufocar, um falatório distante desviou sua atenção dos olhos esverdeados de Amália. Algumas pessoas começaram a se dispersar da multidão, buscando refúgio em seus respectivos carros. A tortura havia acabado. Ele a sentiu apertar sua mão mais forte e tornou a olhá-la.

— Adeus, Theo.

Amália lhe deu um sorriso sincero, depois se virou e sumiu no labirinto de carros. Theo ficou no lugar, parado, acometido por uma dor no peito que apenas se intensificava; quis chorar, mas não seria tão fraco a esse

ponto. Precisava arcar com as consequências do que havia feito, e uma lágrima a mais não daria um fim à culpa que o consumiria, minuto a minuto, no resto dos dias em sua vida de merda.

Naquele momento, ele decidiu: não iria mais chorar. Mordeu o lábio inferior para conter as lágrimas, travando uma luta — quase impossível de vencer — com o próprio corpo.

Mordeu mais forte até sentir o gosto do sangue.

8 - autossabotagens



“Tudo em que eu acredito, é um sonho?
Que vem desabando em cima de mim…”
***Smoke and Mirrors,* Imagine Dragons**

Ainda não era hora do almoço, mas Phil quase não se aguentava em pé.

O restaurante de porcarias e comidas gordurosas, localizado praticamente às portas do hospital, havia mudado de horário para atender os funcionários que chegavam na sala de cirurgia já sonhando com o fim do expediente. Ele era um deles, apesar de querer, lá no fundo, que seus horários se estendessem o máximo possível.

Sentia uma dor aguda no pescoço, fruto das horas de cabeça baixa durante outra longa cirurgia. Mas não era apenas isso, ele sabia. As dores nas juntas, hérnia inflamada, a dificuldade de foco nos objetos ao longe começando a apontar. Os 46 anos batiam na sua porta, e quando menos esperasse estaria caquético e senil em uma cama de asilo, Theo o visitaria a cada dois meses até se esquecer do pai para sempre. Foi assim em sua juventude, rápido; num momento estava no banco de trás do carro com a loira mais linda da universidade, no outro, se casando com quem jurava ser seu amor verdadeiro.

Ele observou o hambúrguer no prato à sua frente, tão convidativo quanto uma fruta estragada. Subiu os olhos para o ambiente, as paredes marrons e a música calma pareciam convidá-lo a pegar no sono, remetendo às cores do outono.

Mas despertou ao vê-la.

Vanessa cruzava a avenida entre os veículos parados no sinal vermelho, parecia flutuar sobre o asfalto embaçado do calor da primavera. Ela entrou no restaurante sorrindo para todos diante dela, angelical e serena,

mas o sorriso desapareceu num piscar de olhos.

— Pensei que não ia…

— Eu ia vir — ela cortou, jogando a bolsa com força na mesa. A raiva em seus olhos não era das melhores. — Estava ocupada, não é o único que tem a agenda lotada.

Phil ajeitou a postura enquanto ela se sentava na cadeira do outro lado da pequena mesa.

— Acabei de falar com a Linda.

— E?

— Sabe tanto quanto nós.

Ele fechou os olhos e levou as mãos fatigadas ao rosto. Era outro passo no escuro. Sabia que Lauren não os daria nenhuma informação da verdade por trás do último comportamento destrutivo de Theo, mas a velha esperança de pai era que Linda pudesse lhes dar uma luz. Seria tão mais fácil se o filho voltasse a ter sete anos.

Passou os dedos pela barba rala e olhou para ela.

Vanessa quase chegava aos quarenta, mas ainda tinha o rosto de quem havia parado nos trinta. Ele não estava mais na idade de se apaixonar, o amor perdeu a magia após a rasteira — ou melhor, tombo — que tinha levado de Hannah, mas Phil se orgulhava em dizer que era apaixonado por aquela mulher de rugas finas e unhas sem pintar. Todos os dias desejava tê-la conhecido vinte anos antes, quando destruía corações com seus olhos de mar e o diploma fresco. Antes de viver o verdadeiro pesadelo.

— Ela disse para não nos preocuparmos porque ele sempre faz essas idiotices. — Ela retraiu o rosto, trazendo vincos à pele.

Phil deixou escapar uma risada irônica.

— Realmente, lido com isso há dezenove anos.

— Mas não bastou, continuo preocupada.

Ele franziu o cenho ao reconhecer a tensão em suas feições; colocou os cotovelos sobre a mesa e deixou o tronco inclinado; uma pequena ponta de medo surgia por baixo da camisa.

— Trocaram o remédio, sabia disso? Não nos contou nada. — Vanessa prendeu seu olhar ao dele. — Precisa falar com ele.

— Eu tento, você acha que não? Ele não abre espaço, está sempre com uma resposta afiada na ponta da língua como se eu fosse o pior pai do mundo.

Ela arqueou uma das sobrancelhas. Phil deu de ombros; seu pai havia sido ruim, o abandonou aos cinco anos. A velha história de sair para comprar cigarros, dez anos depois descobriu que o homem nunca teve o hábito de fumar.

— Não, eu não sou um pai ruim.

— Mas também não é um pai presente.

— Existe uma grande diferença entre esses termos, um abismo gigantesco…

— Um abismo não tão grande — ela corrigiu. — É só jogar uma corda.

Phil esboçou um sorriso leve com aquela comparação ridícula. Era orgulhoso demais para refutar… ou fraco demais para admitir que no fim acabou sendo para Theo o mesmo pai que o seu havia sido.

Vanessa pegou uma das batatas-fritas que acompanhavam o hambúrguer, protagonizando caretas hilárias assim que provou a comida.

— Céus, isso está horrível. — Ela afastou o prato de si. — Parece que fui eu que fiz.

— Nem seria servido aos clientes se tivesse sido obra sua. — Brincou. — E não está tão ruim.

— Tem toda razão, acho que estou ficando mal-acostumada.

Havia um tom provocativo em suas palavras. Ele pendeu a cabeça para o lado, confuso.

— Não se preocupa, não tem nenhum homem tentando me laçar pelo estômago. — Ela manteve o ar sensual. Era ótima nisso, aliás. — Quer dizer, só o seu filho. Ele cozinha para mim todo dia.

Phil sorriu cabisbaixo, fitando a rua pela vidraça do restaurante com a lembrança de quando cozinhavam juntos. Ou melhor, Theo cozinhava e eles cortavam os ingredientes, toda quinta-feira à noite. Benjamin reclamava que o irmão enfeitava demais a comida, mas no fim sempre agradecia por isso. Esperava por aquela folga a semana inteira, o contato com os filhos acalentava todo o sofrimento que passava ao ter que anunciar a outros pais o falecimento do seus.

Ele sentiu vontade de chorar.

— Não dá para comparar. Aquela comida, o cheiro... Sinto falta disso, mas não duvido que ele encha meu prato de laxante.

— Só tem um jeito de descobrir.

Era arriscado. Ambos gargalharam ao mesmo tempo. Pelo relógio marcando as horas na parede, o tempo voava e logo ele precisaria voltar à sala fria.

— Theo esteve aqui hoje. — Voltou a encará-la. — Acho que fui… um otário.

Ele assistiu um turbilhão de emoções passarem pelo rosto da mulher. Primeiro euforia, depois foi tomado pela mesma tensão de antes, como se lembrasse de contar uma péssima notícia que tentava adiar; o sorriso deu lugar aos olhos murchos.

— Qual o problema? — questionou, vendo-a endurecer todos os músculos do corpo.

— Foi tão difícil, nós merecemos um pouco de paz. Temo que tudo aquilo volte, e é muito possível que sim.

Phil manteve seu olhar preso nela, sabendo bem sobre o que se referia.

— Mas… você já sabia, não é?

Tentou dar uma resposta que pudesse tranquilizá-la, tamborilando os dedos na superfície da mesa. Mas não havia jeito fácil de falar. Como médico, já estava acostumado com a individualidade dos tratamentos; enquanto salvava uns, outros permaneciam inertes.

Phil ainda se lembrava dos primeiros dias — não que esperasse que as memórias o deixassem, pois sabia que seria impossível esquecê-las — quando a preguiça de Theo de sair da cama se transformou em incapacidade.

“Eu não consigo levantar da cama. Não dá”.

Porém, se intensificaram com as crises, após receber outra fatídica ligação — dessa vez, do diretor da escola.

“Seu filho está emocionalmente instável, por favor senhor Anderson, pode vir buscá-lo?”.

Não adiantou. Cada passo no interior de sua casa era responsável por despertar uma nova memória, todos os cantos eram carregados de lembranças da infância, da pré adolescência e dos últimos dias. Até os últimos segundos antes de Benjamin ir embora. Para salvá-lo da morte, Phil comprou outra casa. E o dinheiro nem ao menos pesou no bolso; bairro novo, móveis novos. Deixaram tudo como estava: sapatos no lugar, talheres na pia e o quarto de Ben, ainda bagunçado da violência trocada entre irmãos.

As coisas estavam mais amenas agora, e talvez Theo caminhasse para

o último estágio do luto: aceitação. Mas ainda não estavam a salvo, levando em conta que o luto estava envolto pela amarga culpa.

Phil se inclinou sobre a mesa e tocou a mão de Vanessa, misturando seu suor frio ao dela.

— Não vai acontecer — garantiu. — Ele está bem, estamos todos bem.

— Não acredito em você, Phil.

— Eu também não.

Ele a apertou mais. Desejava que ela não sentisse o mesmo desespero crescendo em seu peito, mas era impossível que aquele amor incondicional não estivesse acompanhado pelo medo de serem afogados por ele.



Theo estalou os dedos pela oitava vez desde a chegada de Lauren. Seguindo seu pedido, ele tentava falar o mínimo possível para poupar a garganta obstruída minutos antes, que agora ardia como se houvesse feito gargarejo com pregos.

A garçonete chegou com mais um copo de água, ele a devorou em segundos.

— Está melhor agora?

Ele assentiu e pousou o copo sobre a mesa. Suas mãos trêmulas envolviam o objeto com força, tal qual uma relíquia valiosa podendo se partir em pedaços a qualquer momento; mas era preciso se agarrar a algo concreto. Diferente do desespero, angústia e da sensação de estar morrendo, aquilo era real. Aquele copo, a umidade contra a pele, o tilintar dos anéis no vidro. Estava ali, e não no pesadelo criado pela própria mente.

— Consegue falar? — Lauren instigou, sentada na cadeira do outro lado da mesa.

Theo demorou para encontrar sua voz.

— Isso não podia ter acontecido, eu não devia ter…

— Não se culpe — ela interrompeu. — Já conversamos sobre isso. Você não pode escolher quando ela vem, mas pode ter o controle.

— Não consegui, eu tentei. — Subiu os olhos vermelhos para ela. Seu timbre estava rouco e pesado .— Tentei me concentrar na buzina dos carros, mas… porra.

Não era preciso dizer mais nada, o fracasso de ter falhado mais uma vez estampava seu rosto. Lauren havia saído do consultório para encontrá-lo, e agora descansavam em uma das mesas expostas na calçada de uma cafeteria qualquer, não muito longe da academia de Amália. Aos poucos a ansiedade deixava seu corpo, o coração voltava a bater normalmente. O estrago já fora feito.

— Me fale sobre o que aconteceu. — Ela puxou um caderno e uma caneta de dentro da bolsa.

— Pra quê isso?

— Preciso anotar e passar para sua ficha, posso esquecer algum detalhe.

— Você não vai esquecer, eu surtei! — retrucou. — Pode anotar aí: regredi a porra do caminho inteiro.

— Sabemos que não é assim, por favor. Me conta, foi como das outras vezes?

Theo acalmou a respiração e esperou a raiva passar. Lauren batucava a caneta sobre a folha em branco, deixando insignificantes pingos de tinta no papel; ele se concentrou naquele movimento, os olhos fixos na caneta esferográfica.

— Não sei, quer dizer… ela não mudou nada. Continua com aquelas meias ridículas nos tornozelos, o mesmo cabelo, o mesmo jeito de me encher a paciência.

— Como se o tempo não tivesse passado?

— Eu quase o esperei chegar. — Ele a fitou. — Ia pedir pra que parássemos com a encheção de saco. Nunca ficava do lado de nenhum dos dois.

Ele largou o copo e mergulhou o rosto no suor das palmas das mãos. A imagem de Amália continuava na cabeça mesmo que a obrigasse a sair a cada segundo; em certos momentos até se arrependia de tê-la impedido de cruzar a rua e, consequentemente, ser atropelada pela segunda vez. Mas afastava a ideia ao se lembrar que Benjamin desejaria que ele a protegesse.

Quando levantou a cabeça outra vez, minutos depois, Lauren ainda o observava. Mas algo se escondia por trás dos olhos compreensivos.

— Que foi? — ele perguntou.

— Sabe do que precisa fazer, não sabe? — Ela deu um sorriso singelo.

Ele semicerrou os olhos.

— Se as crises voltaram, precisa avisar seus pais. Não acha que eles deveriam saber?

— Não, eu não acho! — aumentou a voz, movendo a cabeça em negação. — Não precisa disso, foi só uma vez.

— Theo, entenda…

— Eu tô bem, Lauren. Chega.

Seus pés começaram a dançar embaixo da mesa, hiperativos, enquanto ele a encarava fundo. Tentava mostrar segurança, exalar uma voz firme e contínua, mas era traído pela própria imagem: suas íris escuras exalavam medo, alguns fios de cabelo caíam sobre a testa, encharcados de suor, os anéis dos dedos sendo girados de forma compulsiva.

Mas Lauren sabia o que se passava em sua mente.

— O que você mais quer na vida? — ela soltou de repente.

— An?

— Seu objetivo, nesse momento.

Encher a cara, tomar um conjunto de analgésicos pesados, cortar os pulsos. Objetivos passageiros, mas que poderiam durar para sempre; Theo escorou as costas na cadeira, pensativo. No meio de tanta autodestruição, um desejo falava mais alto.

— Quero superar — revelou. — Deixar pra trás toda essa merda.

— Vai chegar uma hora em que terá que confiar nas pessoas para isso, na sua família, confiar que eles podem te ajudar. E quando digo isso, é cegamente. Contar tudo: as crises, a insônia… o que houve no dia do acidente do seu irmão. São segredos que te prendem e o impedem de superar. Cada vez que se nega a se abrir, você retrocede.

Theo abriu um sorriso sarcástico, carregado de insultos e má fé.

— O que você quer, então? — Ele balançou os ombros. — Prefere que eu a encontre de novo e sufoque até morrer, crise após crise?

— Ela vai te ligar? Sabe quando?

— Não, e tô pouco me fodendo pra isso. Não vou atender e não vou encontrar com ela outra vez.

Sua voz soou ríspida. Theo bebeu o resquício de água no copo e vestiu a jaqueta jeans, sendo bombardeado pelo vento gélido conforme a pele voltava ao normal.

— Pense que é um pequeno passo.

Ele descansou os braços na mesa.

— Pequeno passo pra quê?

— Como para quê? Você mesmo disse, superar. Pegue essas coisas e faça o que quiser com elas depois, mas vá nesse encontro…

— Não é um encontro — cortou.

Só de pensar em estar no mesmo ambiente que Amália, sendo obrigado a trocar diálogos diretos, sentia o estômago embrulhar, mas graças ao sorriso amarelo no rosto de Lauren, a permitiu continuar.

— Será um pequeno passo, mas um enorme avanço. Você começou a rejeitar suco de laranja porque era a bebida favorita do seu irmão, mas conseguiu encarar nos olhos a lembrança mais viva que ele deixou.

Analisando por esse lado, ela tinha razão.

— Eu nem sei que tralhas são essas que ela guarda — disse, fazendo uma pausa para coçar os cabelos úmidos. — Só sei que vou pôr os olhos nelas e lembrar que ele nunca mais vai fazer nada daquilo.

— E ao invés de ver essas coisas e pensar que ele não vai mais fazê-las, por que não se lembra de quando ele as fez?

O questionamento dela ficou parado no ar, como grandes balões vermelhos flutuando bem na sua frente. Theo se remexeu na cadeira fria, inquieto por saber que, mais uma vez, era o único responsável pela própria falência emocional. Um fetiche esquisito por autossabotagem.

— Ressignificar, então? — perguntou.

Não foi preciso que ela respondesse. Se desse errado, talvez resultasse no golpe que o tirasse da jogada de uma vez por todas. Não seria tão ruim.

Ia encontrar Amália.

9 - recaída



“Sim, eu posso parecer muito forte
Sim, eu posso falar demais
Eu nunca estive tão errado…”
***Strong*, London Grammar**

Mary Austin não foi ao seu encontro, de novo. Não sabia porque ainda a esperava pular aos seus pés abanando o rabo, já que não fazia isso há muito tempo.

Theo ignorou a presença de Phil e Vanessa e foi direto para o quarto. O segundo turno no Saliere começaria em menos de uma hora. Ele precisou ignorar o seu lado inconsequente, que insistia para inventar uma desculpa ao chef e ir direto para cama, e preferiu dar ouvidos à pequena sobra de consideração. Henry lhe confiou uma missão quase impossível de ser cumprida, mas não o decepcionaria até dar sua tão esperada resposta.

Graças ao turbilhão de sensações confusas sentidas em tão poucos dias, ele tentou ficar o máximo de tempo no banho, esperando a água escaldante levar embora os pensamentos sujos e podres da semana, mas seria preciso ficar de molho no mínimo um mês para isso. Ainda era muito para aguentar.

Ao deixar o chuveiro e emergir do vapor do banheiro úmido, a dor de cabeça — que ele esperou erroneamente que pudesse deixá-lo — apenas aumentou.

Phil estava no quarto, contemplando um dos muitos posters colados na parede. *Queen, 1985, Rock in Rio.*

— Eu assisti esse show. — Ele se virou de braços cruzados. — Na tv, é claro.

— Eu também, no Youtube.

Uma risada escapou de Phil; talvez fosse mais expressiva caso a tensão daquela conversa não estivesse ainda tão presente. Theo havia sido enxotado como um cachorro sarnento… tá, não tanto assim, mas era como se sentia. Trocou olhares com o pai antes que o mesmo desviasse a atenção, constrangido. Ele continuou a observá-lo enquanto secava os cabelos molhados na toalha, vestido apenas com a calça jeans.

— O jantar está pronto. Vanessa fez o bolo de carne — Phil comentou.

— Puta merda. — Ele jogou a toalha no ombro nu e arqueou as sobrancelhas. — Aquele bolo de carne?

Não foi preciso dizer mais nada para caírem na gargalhada; existia todo um contexto, de anos e anos, por trás de Vanessa e seu péssimo talento para cozinhar, que se iniciou no primeiro jantar que ela teve a *brilhante* ideia de fazer para sua nova família. Mesmo com o som ameno no ambiente, Theo sentia-se ansioso ao extremo, como era em todas as vezes em que conversava com Phil. Dois estranhos precisando quebrar uma parede de gelo para iniciar uma conversa, e algo podendo dar errado a qualquer momento. Dessa vez estava certo.

Ele acompanhou o olhar do pai até o objeto sobre a mesa de cabeceira e percebeu que, na verdade, os problemas ainda nem tinham começado.

— O que é isso?

Phil pegou a fotografia perdida entre folhas de papel e a analisou sob um semblante furioso, depois tornou a olhá-lo.

— Onde conseguiu essa foto?

— No cemitério, estava na lápide do Ben — disparou. — Pelo jeito não sou o único que ainda vai visitá-lo.

Theo esperou ele urrar de ódio, mas nada aconteceu. Eram as grandes questões que o deixavam tão puto quanto qualquer outra coisa: referências ao fantasma da ex-esposa, e o fato de nunca ir na lápide do filho além do dia do seu aniversário.

— Por que pegou isso? Acha que a Hannah merece que você sofra por ela?!

Ele revirou os olhos conforme Phil se aproximava, encurralando-o contra a porta do banheiro.

— Não acho porra nenhuma.

— Então por que guardar? — grunhiu alto, quase irracional.

Agora estavam a menos de um metro de distância. A presença de Phil era fria, pareciam estar de volta ao último inverno, quando o aquecedor do porão ficou quebrado pelo fim de semana inteiro e todos quase morreram congelados. Diversas vezes Theo desejou ter nascido com os mesmos olhos azuis do resto de sua família, mas nunca deixou que soubessem.

— Não vejo que diferença vai fazer essa merda de foto se você jogou todas as outras no lixo — Theo falou com o homem como falaria com uma prostituta que não sabia trabalhar direito. E ele tinha limites rígidos com putas.

— Se as joguei no lixo, é para ficarem no lixo. A Hannah te abandonou, você e seu irmão. Só não a proíbo de ir no cemitério porque não posso, nós dois sabemos que o Ben não a desejaria lá… e nem que você ficasse com isso.

Ele mordeu o lábio inferior para conter a resposta problemática. Seu pai tinha razão, mas jamais admitiria. Benjamin não queria que tivesse uma foto de Hannah, nem uma lembrança sequer, e surtou quando soube que Theo poderia quebrar essa regra.

Sem dizer mais nada, Phil guardou a foto no bolso da calça e saiu.

Na mesa, mesmo se quisessem fantasiar um clima ameno e familiar, o peso das discussões ainda era maior. O único som presente era o bater dos talheres nos pratos de porcelana, como se todos tivessem receio em serem os primeiros a falar; Theo e Phil pareciam — cada um com seu motivo — não suportarem a presença um do outro.

Theo deu um longo gole na Coca-Cola, girando a lata vermelha entre os dedos. Evitava olhar para jarra cristalina com suco de laranja no centro da mesa, mas as palavras de Lauren faziam sentido agora: a evitava porque era fraco, porque doía mais que as queimaduras de cigarro na palma da mão.

— Mas, Theo… — Vanessa quebrou o silêncio, animada. — Você não tinha nada para falar?

Seu rosto esquentou. Então, de fato Vanessa levou a sério a babaquice de falar com Phil sobre a “oportunidade única” que Henry lhe ofereceu; ele chegou a cogitar uma conversa com o pai, mas depois de hoje… *sem chance.* Semicerrou os olhos e a encarou com uma expressão rude. Foi suficiente.

— Do que estão falando? — Phil despertou de suas preocupações.

— Nada — responderam em uníssono.

— É um assunto idiota. — Ele lançou um olhar para a madrasta. — E irrelevante.

Todos se calaram.

Ele comeu outro pedaço da comida, dessa vez não estava tão ruim. Arrancou um pedaço da carne e jogou para Mary Austin, deitada embaixo de sua cadeira; ela apenas moveu os olhos lentamente, ignorando a comida a centímetros do focinho. Theo esperou-a se levantar num passe de mágica.

— Ela não vai comer.

— Ela vai ficar bem.

Silêncio. Mais batidas de talheres nos pratos. A lâmpada acima de suas cabeças piscou uma vez.

— Não vai. Ela já está muito velha — Phil continuou, sério. — Você sabe da expectativa de vida de um cachorro do porte da Mary.

— E…? — Levantou o rosto. — Não significa porra nenhuma.

— Não vê que ela está com dor? Isso precisa acontecer.

Vanessa suspirou. Ele largou o refrigerante. Até Mary Austin — a inocente responsável pela discussão — ergueu a cabeça.

— Não fala merda.

— Por que não para de prolongar o sofrimento dela só para aliviar o seu?

— Phil… — Vanessa clamou.

— Caralho, por que insiste em foder com tudo?

Theo quase se levantou da cadeira para sua voz soar mais alta. A garganta arranhada o impedia de esbravejar como desejava.

— Só estou tentando fazê-lo entender que isso vai além de você. — Phil colocou os cotovelos na mesa. — Toma uma atitude ou eu mesmo acabo com isso.

— Não pode fazer nada, eu sou o dono.

— Posso, sou seu pai.

Ele riu sem se importar em conter o escárnio.

— Foda-se. Não pode usar esse rótulo pra fazer o que quer! A Mary não é uma foto que pode só jogar no lixo e esquecer, assim como fez com meu irmão e tudo na droga da sua vida.

Tentou engolir aquelas palavras de volta, mas era tarde demais. Vanessa empurrou seu prato para longe, Phil não respondeu, apenas o fitou por longos segundos, inexpressivo. Theo desviou o olhar para a comida antes

de afastar a cadeira da mesa e se levantar. Quis elogiar o jantar de Vanessa após tantas tentativas falhas, mas não tinha noção de como sua voz soaria depois daquilo.

Conversariam depois, ela entenderia.



Aquela banheira tinha ficado pequena demais para eles.

Theo se acomodou no meio das pernas de Linda, deixando a cabeça apoiada em seu ombro enquanto brincava com a espuma concentrada no joelho. Ele divagava enquanto seus dedos faziam desenhos desconexos sobre a pele dela.

— Ela tá tão ruim assim? — a garota perguntou após ouvir sobre Mary Austin.

— O caralho que tá! Os remédios ajudam.

Mentira, mas não vinha ao caso. Estava cansado demais para falar, sonolento depois de outro turno cansativo no restaurante. A água quente, junto às dobras macias do corpo de Linda relaxavam seus músculos, menos a massagem nos ombros que ela insistia em fazer mesmo sendo péssima nisso; suas unhas sempre o arranhavam. Era difícil manter os olhos abertos, porém, ainda mais complicado fechá-los e ter um sono tranquilo.

— Meus deuses, você tá pior que um zumbi.

— Tive um dia de merda.

— Eu duvido. Você só reclama, seu mapa astral deve tá uma bagunça. — Linda parou o carinho em seus cabelos. — Não é um bom mês pra geminianos.

— Nem começa com essas pseudociências. — Ele soltou uma risada fraca. — Me foderam até o talo.

— Nenhuma chance de melhorar?

Theo negou com a cabeça e fechou os olhos, mas não por muito tempo. Ela deslizou a mão por seu abdômen e agarrou seu pau meia-bomba mergulhado na água.

— Nem assim? — ela falou em seu ouvido.

A punheta de Linda já estava na lista das melhores coisas do mundo, mas naquele momento ele parecia anestesiado. Fechou os olhos e liberou da mente tudo além da sensação dos movimentos de vai e vem, mas não bastava.

Ela parou.

Linda começou a se mexer às suas costas, em seguida se levantou e saiu para fora da banheira, molhando o chão ao redor com a água que escorria do seu corpo nu.

— Que foi?

— Encosta lá, vai!

A garota indicou o apoio da banheira, ele empurrou o corpo para trás e ocupou o espaço que ela dela segundos antes. Ela voltou para a água, as pernas dobradas uma de cada lado para se acomodar em seu colo, e sobre o pau que não subiu nem metade do que deveria, apesar das carícias.

— Será que você não cansa? — perguntou enquanto ela enlaçava seu pescoço.

— Posso até cansar, mas do seu… nunca.

A visão do corpo dela tão próximo ao rosto foi suficiente para despertá-lo. Linda o enterrou dentro de si. Theo conhecia cada movimento, cada tática usada para fazê-lo enlouquecer, sentada após sentada, até chegarem ao orgasmo. Eram os únicos momentos de suas vidas que transavam sem camisinha, num acordo firmado há muito tempo. E mesmo após quatro anos de sexo, o amor ainda era de dois amigos que morreriam um pelo outro.

Ele sentia o mesmo tesão e prazer habituais subindo pelo corpo conforme tomava a língua dela com o frescor da pasta de dente. Theo subiu a mão pela pele ensaboada de Linda até a base dos cabelos cacheados, dando um puxão firme e doloroso que a fez gemer e afastar os lábios. Nos poucos segundos daquela troca de olhares, ela diminuiu o ritmo dos movimentos frenéticos e se afundou lentamente, de milimetro a milimetro.

— Você tem sorte… — Theo sentiu Linda se contrair ao seu redor da forma como ele gostava. — Por eu ainda aceitar ser sua vagabunda.

— Você vai ser enquanto eu quiser que seja.

Ela não tinha escolha, e nem queria ter. As mãos de Theo agarraram seus quadris para ditar o ritmo com o qual ela se movia. Linda jogou a cabeça para trás, gemendo e agradecendo aos deuses por ser sua vagabunda mais fiel.

Guarda pra pagar a conta do motel onde leva suas vagabundas.

A voz de Amália surgiu na cabeça de Theo tão viva quanto a respiração ofegante da garota sobre o colo. Ele desviou os olhos do corpo nu

e afrouxou as mãos que seguravam sua carne. O prazer da boceta aveludada desapareceu, dando lugar à imagem broxante de Amália agachada no chão com o joelho machucado.

— Para Linda, chega!

Theo a afastou de seu corpo. Ela se desequilibrou e caiu desengonçada na parte livre da banheira, e uma grande quantidade de água foi jogada para fora.

— Ficou maluco?! Não vem dizer que estava ruim, porque você estava quase gozando.

— Nem cheguei perto.

Ele pegou a toalha no gancho da parede, a enrolou na cintura e saiu da banheira. De volta ao quarto de Linda, vestiu a cueca boxer e a bermuda e, sem forças para mais nada, se afundou no sofá próximo a janela. Pelo canto dos olhos, Theo viu quando a amiga deixou o banheiro e vestiu a camisola minúscula.

— O que tá acontecendo? — Ela abaixou o tom de voz, perguntando para si mesma: — Será que eu esqueci como se senta?

— Não é você, sou eu que tenho muitos motivos pra broxar.

Linda o estudou por alguns segundos, até que suspirou e se sentou no lado oposto do sofá. Ele observou, confuso, ela colocar uma almofada vermelha sobre as pernas.

— Vou te ouvir, idiota. — Ela sorriu de maneira acolhedora.

Ouvi-lo era muito relativo. Estava com muitos problemas que o matavam de dentro para fora; manchas roxas na pele, unhas quebradiças e cabelos caindo. Lauren tinha um nome mais bonito para isso. Entretanto, Theo não hesitou em deitar a cabeça molhada na almofada, desviando os olhos dos seios enormes suspensos logo acima.

No meio de tanta merda, uma fedia mais.

— Sabe quem encontrei há alguns dias? Amália.

— Amália… do Ben?

Ele assentiu, tamborilando os dedos no peito nu. Ficaram quietos por um tempo, imersos na quietude da madrugada correndo preguiçosa, sem nenhum outro resquício de vida no resto da casa dela. Seu quarto estava escuro, iluminado apenas pela luz fraca do abajur e a luminosidade opaca da lua no céu.

— Nunca entendi qual é a birra dela com você — ela soltou.

— Ela acha que eu não presto.

— Olha, se formos pela escala do cafajeste, um cara que dorme com uma garota numa noite é normal. Já um que dorme com duas numa noite é cafajeste. Como eu sei que você já chegou a pegar três, então…

— Três contando com aquele seu boquete péssimo, o que não significa nada — provocou. — Então foram duas.

— Ok, ela tem toda razão. Você não vale nem a minha pior calcinha.

Ele riu baixo. A cada movimento a imagem de Amália surgia na mente, mas não de um jeito bom — *algum dia poderia ser bom?* — e sim comparado a um jingle irritante. A afastava e ela retornava. Tentou se concentrar no carinho de Linda em sua cabeça, no brincar atrapalhado dos dedos nos fios úmidos do cabelo. Ela costumava brincar que Theo não era ruivo de verdade, considerando a coloração exótica; "vermelho no sol e castanho na sombra". Mas aprendeu a reconhecer o tom acobreado escuro quando passou a vê-lo no meio de suas pernas.

— Não entendo porque essa zona — ele continuou. — É só sexo.

— É pra ser feito com quem amamos.

Ele reclinou a cabeça para trás e a observou de baixo.

— Eu te amo, Linda.

— Argh, não esse tipo de amor. — Ela deu de ombros, já blindada contra qualquer expectativa que viesse a ter com Theo. — Você ama nossa amizade, mas não é suficiente.

Ambos riram, mas não havia nada de divertido. Riram das próprias vidas, pulando de cama em cama, mas sempre voltando para a mesma conchinha noturna quando se sentiam sozinhos. E no fim era como estavam: sozinhos.

Sentindo um incômodo inédito no peito, Theo se sentou com as costas escoradas no sofá.

— Você tem vontade, né? — Linda indagou ao perceber sua dúvida. Ele virou o rosto para ela — Achar alguém que vá te amar incondicionalmente.

— Sem chance. Esse tipo de amor só tem sua família… e às vezes nem deles — a imagem de Hannah tomou seus pensamentos, mas a deixou de lado. — Ou você se ama, ou nunca será amada.

Ele a viu tombar a cabeça no encosto do sofá com um sorriso sonhador e ingênuo moldado nos lábios, muito diferente da garota que

implorava por um pau dez minutos atrás. Linda era *pura.*

— E você, Theo? Você se ama?

Theo abriu um sorriso de orelha a orelha, malicioso.

— Não fode, tá cega? Olha pra mim. — Abriu os braços. — Como eu não poderia me amar?

A madrugada os engoliu por completo. Ele vestiu uma das muitas peças que ela costumava lhe roubar; uma camiseta branca do clipe *I want to break free* que trazia uma mancha de água sanitária no rosto fantasiado de John Deacon. Deitado na cama ao lado de Linda, sincronizando sua respiração à dela, Theo agradeceu pela escuridão esconder a dor que tinha nos olhos.

Era um puta mentiroso, ele nunca havia se amado.

10 - o primeiro contato



“Nós embebedamos nossos corações na chuva
E eu, esperei a minha vida toda, por você
Então me leve para o paraíso
Nos seus olhos
Verdes como o dinheiro americano”
***American Money,* BORNS**

Amália devia ter algum sério problema em medir distâncias. Theo recebeu sua ligação cinco dias depois do trágico reencontro, e diferente do que ele pensara, ela sugeriu um lugar totalmente fora da rota e da normalidade. De moto, graças ao péssimo trânsito de São Francisco, ele demorou quase trinta minutos para chegar; provavelmente ela tinha levado o triplo do tempo… se é que não havia sido atropelada pelo caminho.

Ele subiu as pequenas encostas até o Lago Merced — no parque a sudoeste da cidade — com a mochila pesando nas costas e a cerveja no estômago. Lauren o aconselhou a ir, mas não disse que precisava ficar sóbrio. Já tinha arregaçado as mangas da blusa até os cotovelos quando chegou ao local onde ela, infelizmente, já o esperava.

Na passarela que dava acesso ao lago, Amália havia subido alguns degraus na grade de proteção e jogava farelos de salgadinhos para os peixes na água, sorrindo sempre que um deles saltava para alcançar a comida no ar. Por um segundo, ele temeu que ela caísse.

— Tô aqui.

— Te vi chegando. — Ela virou o rosto para ele. — Você é o único ponto preto no meio de todo esse verde.

Theo curvou o tronco sobre o guarda-corpo, apoiado pelos antebraços de maneira despretensiosa. Amália jogou outra bolinha de queijo para o

cardume abaixo, e juntos assistiram a luta de Carpas alaranjadas pelo mísero alimento. Ele tentava controlar sua respiração, concentrado no mormaço do sol na pele.

— Se queria ficar alimentando peixes era só ter comprado um aquário. Não precisava atravessar a cidade pra isso.

— Eu sei, mas gosto daqui. Não achei que se importaria já que tem rodas no lugar dos pés, vai aprender a usar as pernas agora.

Theo gargalhou, fitando um ponto na outra extremidade do lago.

— Amália, meu anjo, eu sei muito bem como usar as pernas.

— Dá pra parar de me chamar assim? — Ela desceu da grade. Theo a observou.

— Qual o problema? — Deu de ombros e voltou a contemplar a paisagem. — Os anjos não são os guardiões do paraíso… ou algo do tipo?

— Não *nesse* sentido. Lúcifer é pecador.

Pecado, ele conhecia bem.

Virou-se de frente para ela. Diferente da escolha de roupas curtas da primeira vez que se encontram, Amália usava uma calça jeans folgada e uma camiseta desbotada do Pearl Jam. Pelo menos tinha bom gosto. Ele desviou a atenção das roupas até seus orbes escuros se unirem aos dela, tão verdes quanto a grama sob seus pés, realçados pelas mechas do cabelo preso caindo no rosto. Ao perceber sua impaciência, ele moldou um sorriso malicioso.

— Como quiser, a partir de agora você vai ser…

— Amália — ela exigiu.

— A chata e irritante.

— Não. Pra você é só Amália.

Theo parou de sorrir, mas a dualidade irônica ainda marcava seu rosto. Ergueu as mãos na altura da cabeça em sinal de rendição, o que a fez revirar os olhos antes de pegar a bolsa no chão e passar a alça pelo ombro e cintura.

— Vamos acabar logo com isso antes que você me enlouqueça.

Amália jogou o resto dos salgadinhos na água e saiu rumo ao centro do parque. Ele observou os animais em uma carnificina total para conseguir o que não precisavam, dilacerando o alimento seco e superficial. Conseguia se identificar.



O campo aberto parecia ter saído direto de um romance de Nicholas Sparks, tão em paz que chegava a ser patético.

Theo se sentou de frente para ela, do outro lado da mesa de madeira. De onde estavam era possível ter uma visão mais ampla do lago e da vegetação que cercava o parque, além dos gansos e gaivotas compartilhando o mesmo ambiente. O lugar perfeito para ter um encontro às escondidas e atos proibidos no meio do mato, mas com uma companhia bem mais degustável do que ela.

— Fico feliz de devolver essas coisas, não sabia o que fazer com elas. — Amália chamou sua atenção, mexendo na bolsa.

— Podia só ter jogado fora.

— Ia me sentir pior do que já estava.

Ele prendeu a respiração ao vê-la colocar sobre a mesa uma caixa de sapatos pequena, amassada nas pontas. Ela bateu as unhas curtas, pintadas de amarelo fosco, sobre a tampa.

— Algumas coisas ele esquecia, outras eu roubava. Principalmente os moletons. — Ela sorriu, sem humor. — Ben ficava muito bravo, mas sempre deixava comigo no fim. Ele preferia fazer as coisas pelos outros…

— Sei disso — interrompeu. — Estamos falando do meu irmão, coloca isso na sua cabeça.

A garota enrubesceu. Theo se arrependeu da própria amargura e lhe deu um sorriso amarelo.

— Só o conheço mais do que você — completou com a voz mansa. — Sei de coisas que nem imagina.

Theo pegou a caixa para amenizar o constrangimento que a acometia. Para ele, Amália parecia frágil, como uma gota de chuva no galho da árvore, sensível à mais leve brisa que viesse derrubá-la. Ele afastou o pensamento ao perceber que ela ainda o encarava. Começou uma contagem silenciosa na cabeça — 4, 2, 6 e 2 — e abriu a caixa. O gosto forte da bile junto da cerveja veio à boca.

Lá estava a camiseta surrada do *Nirvana* que quase ganhou vida pelo tanto de vezes que foi usada; o cheiro do tecido não era mais uma mistura de perfume fresco e suor, mas um fedor podre de mofo. Assim como estava o

cadáver do dono: podre e mofado.

— Ele deixou na máquina de lavar numa das vezes que dormiu em casa. Eu usei… — Ela fez uma pausa, temerosa. — Espero que não se importe.

— Por que me importaria? — retrucou sem tirar os olhos da peça.

A verdade era que ele se importava, e muito. O sarcasmo e a indiferença eram suas maiores armas contra a fragilidade que poderia ser exposta a quem não pudesse vê-la, ou seja, todos. Theo se importava com cada mísera informação envolvendo Benjamin, das mais indecentes até as insignificantes, como um triste viciado em automutilação que se sente melhor ao ver o próprio sangue. Retomou a sequência numérica ensinada por Lauren para tentar conter as crises — inspirar por quatro segundos, segurar por dois, expirar por seis, segurar por dois — mas algo dentro de si tinha gosto em fazer as técnicas falharem, tornando essa mesma sequência em inúteis números desconexos.

— Tudo bem?

Ele elevou o olhar até ela, que o fitava com uma preocupação sincera. Ao perceber que seus dedos ficaram brancos pela força com a qual segurava a camiseta, a deixou de lado.

— Por que parece que você não dorme há dias? — Ela apoiou o queixo na mão.

— É porque eu *não durmo há dias.*

A brincadeira arrancou dela uma risada descontraída, ele se sentiu tentado a pegar carona em sua leveza, esboçando um sorriso contido. Poderia contar que não era outra ironia, mas preferiu apenas vislumbrar as minúsculas sardas sobre o nariz de Amália, quase imperceptíveis se não fosse a luz do sol.

Theo passou para o próximo objeto de tortura: um fone de ouvido branco e imundo. Era capaz de dizer o nome de todas as músicas que ouviram juntos enquanto o dividiam, brigando para escolher a seguinte. Benjamin era instável, ora fã de rap, metal, música clássica, às vezes passava dias só com as melodias tocadas no rádio do carro; já ele não. Desde que aprendera a andar com as próprias pernas, Theo era obcecado pelo rock e indie, preferindo morrer a escolher entre *Queen* e *Arctic Monkeys.*

Afastou o fone de ouvido ao sentir os olhos prestes a transbordarem e voltou a fuçar nos outros objetos. Foi quando um brilho metálico chamou

atenção no fundo da caixa. Ele levantou um envelope grosso — talvez com fotos reveladas que evitaria olhar — e se deparou com a corrente prateada esparramada no papel; a tirou do meio da bagunça, ouvindo o tilintar fantasmagórico dos quatro pingentes redondos que reluziam na luz do dia.

— Não fode que isso estava com você o tempo todo? — grunhiu num misto de raiva, desespero e alívio. *Depois de tanto tempo procurando…*

— Sim. — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Ele deixou comigo um dia, nem me lembro o motivo.

Ele moveu a corrente entre os dedos, paralisado.

— O Ben amava isso — falaram ao mesmo tempo, unidos pela dor.

Trocaram olhares tímidos e sorriram um para o outro. Algo inédito. Amália desviou rapidamente a atenção, mas ele a sustentou por mais alguns segundos até voltar a analisar a peça. Passou o polegar sobre as iniciais marcadas em cada pingente, que não mediam mais de um centímetro cada. P, T, A, V. "É a primeira letra do nome das pessoas que mais amo no mundo, pensei muito se ia colocar você, irmãozinho…" Um calafrio tomou sua espinha ao se lembrar da importância daquele objeto e das incansáveis horas que passou procurando por ele.

Devia estar junto aos ossos de Benjamin agora, debaixo do terno azul escuro com o qual fora enterrado.

Theo sentiu um nó na garganta, tão repentino que o fez tossir, rouco e engasgado.

Não devia estar ali. Amália, a corrente, as fotos reveladas… a única peça faltante do quebra-cabeça, para formar a imagem perfeita, estava morta. O sorriso do irmão invadiu sua mente, seguida das lágrimas misturadas ao sangue. Sangue derramado por sua causa.

Num piscar de olhos, o mundo tornou-se apavorante. O que ele havia feito?

Largou a corrente sobre a mesa. O estalo súbito chamou a atenção da garota, ocupada em admirar as gaivotas no gramado à sua esquerda. Theo sentiu os dedos rígidos ficarem brancos conforme o sangue deixava as extremidades do corpo. Lauren estava certa: não dava para saber quando ela vem.

— Você tá bem? — ela indagou com uma sombra de medo na voz.

Ignorando sua pergunta, ele lhe deu as costas e virou as pernas para fora da mesa. Apoiou os cotovelos nos joelhos, levou as mãos à cabeça e

começou a puxar os cabelos suados. Era aquilo que precisava: dor. Algo possível de controlar, diferente da falta de ar que crescia no peito queimando em chamas. Nem o calor do sol, a brisa fresca do parque ou a voz inquietante de Amália foram suficientes para ofuscar o desespero da mente, pelo contrário, eram sons distantes que se perdiam num ambiente muito mais ensurdecedor: ele próprio. Culpa, arrependimento e medo formavam uma sinfonia terrível.

Seu peito subia e descia tão rápido quanto o ar deixava os pulmões. Ele tentava — em vão — respirar segundo a sequência de Lauren, mas em certo momento os números deixaram de fazer sentido. 4, 4, 5, 2… 7, 4, 6, 8. Theo não sabia nem mais contar.

De repente, sentiu quando ela sentou ao seu lado, permitindo à sua voz soar mais alta. Ele manteve a cabeça baixa, observando o Air Force encardido que ela usava. Amália estava próxima, *colada.*

— Theo?! — ela chamou. — Você tá bem? O que tá acontecendo?!

Amália tocou seu braço, mas ele quase não a sentiu.

— Caramba, você tá congelando. Tá suando frio. — Ela subiu a mão ao seu pescoço.

O toque dela parecia trazer sensações tão angustiantes quanto as que ele já sentia, seus dedos se assemelhavam a enormes aranhas correndo em sua pele.

— Não encosta em mim! — ele grunhiu contra ela. Amália se esquivou, assustada. — Eu preciso sair daqui. Eu preciso…

Theo tentou se levantar, mas as pernas estavam tão fracas quanto naquela festa, segundos antes de desmaiar de bêbado. Apoiou-se na mesa com ambas as mãos, tonto, apavorado, temendo sofrer um infarto iminente ou qualquer outra coisa que pudesse matá-lo ali mesmo.

Então ela veio de novo. Dessa vez, ele não tinha forças para afastá-la.

— Você não vai a lugar nenhum!

Amália passou o braço por sua cintura e o sentou de volta no banco, em seguida se ajoelhou em sua frente, sentada sobre os tornozelos. Nesse momento, eles se encararam. Com o sufocamento aumentando a cada segundo, Theo rezou para todas as entidades possíveis — até Lúcifer — para ela não se lembrar das vezes em que foi vítima do seu sarcasmo, e decidir se vingar, deixando-o para trás. Não ia conseguir sozinho. Nunca conseguiu.

— Fala comigo — ele pediu em um sussurro.

Levou uma eternidade, mas ela finalmente assentiu.

— Ok, olha pra mim. — Ela segurou suas mãos. — Eu tô aqui, você não tá sozinho. Sente isso?

A garota roçou os dedos no dorso de suas mãos como se tentasse trazer calor a elas. Aquilo era bom, mas não era o bastante. Theo segurou as mãos de Amália sem se importar se esmagaria os ossos frágeis; precisava saber que ela estava ali. *Ali.*

— Isso, respira. Sente o vento, tá ouvindo as gaivotas? Presta atenção, ouve como elas são irritantes…

Ela continuou a falar sobre tudo o que os rodeavam. Ele se concentrou apenas nisso e no ar precário em seus pulmões, mantendo a cabeça baixa. Estava apavorado, os pés tremiam, o medo da morte tornava tudo confuso, considerando que, se morresse, estaria livre para sempre daquele inferno. Que piada.

— Respira fundo, Theo. Bem fundo. Sente o ar nos seus pulmões, como ele entra e sai sem problema nenhum.

Theo a obedeceu, respirando profundamente — às vezes em meio a soluços — para buscar o ar que faltava. Até que, sem aviso algum, Amália tocou a lateral do seu rosto, roçando a base dos cabelos e o lóbulo de sua orelha. O gesto repentino o fez erguer a cabeça, e não estava louco: ela o acariciava.

Contemplou os olhos esverdeados tão próximos como nunca antes, e só assim percebeu o quão grande eram. Mais do que sua voz irritante, Theo focou sua presença.

— Consegue sentir isso? — ela continuou num sussurro. — Esse é você, e tá indo muito bem.

Seus lábios secos foram capazes de abrir um sorriso rápido, banhado em desespero e um certo alívio. Permaneceram dessa maneira por cerca de quinze minutos, e nenhuma vez Amália tentou recuar; ela ficou ali, talvez com as pernas doloridas, em silêncio. Theo apertava sua mão para que as dele não oscilassem, fitando seus olhos e cada detalhe do rosto quase colado ao seu: cílios pequenos, lábios macios e sobrancelhas por fazer.

O vento soprou mais forte, os fios de cabelos de Amália roçaram a bochecha de Theo, e ele finalmente voltou a senti-los.

— Você tem olhos verdes — comentou com a voz arrastada.

Amália deixou escapar uma risada irônica.

— Bem observado, parabéns.

— São da cor do dinheiro… É uma tentação.

— O que? Meus olhos ou o dinheiro?

A resposta estava na ponta da língua, mas ele preferiu guardá-la. Não ousou mover um músculo, e por uma fração eterna de segundo, foi hipnotizado pelas esmeraldas valiosas e os lábios desenhados em traços tão únicos que ele jamais conseguiria reproduzir com rabisco nenhum.

Uma gaivota em algum lugar próximo a eles produziu um som esganiçado. Theo percebeu que ainda a segurava. Ele a soltou e endireitou a coluna para se afastar das carícias recebida nos cabelos, e não foi preciso muito para ela se levantar do chão e voltar à expressão aborrecida; Amália cruzou os braços e fingiu estar interessada na paisagem. Ele ergueu a cabeça para inspirar o ar puro de volta aos pulmões, sentindo o peito latejar e o corpo tremer, mas aos poucos o calor do sol o aquecia.

— O que foi isso?

A voz dela soou tão irritante quanto nunca. Theo abriu os olhos e a encontrou ainda de braços cruzados, fitando-o como se tivesse um pau desenhado no rosto.

— Foi uma…

— Não interessa — disparou antes que Amália completasse a frase.

— Interessa.

Puta merda.

— Foi uma queda de pressão, tá bom? Só preciso de um salzinho. — Deu de ombros, indiferente.

A sensação era a mesma: ele se sentia fraco, como se tivesse passado um dia inteiro sem comer, a fome deixava o estômago e se espalhava para outras partes do corpo, tornando-as inúteis. E para completar havia o medo, o desespero de ser pego, a qualquer momento, por um crime que não cometeu.

— Mentira. Sei o que é, minha prima tem isso. Pode não ser da minha conta, mas você ficou branco igual um morto, acho que devia procurar um médico.

Ele bufou e se levantou com o sorriso de volta nos lábios.

— Tem razão, não é da sua conta.

Ela não pareceu se irritar, mas ele estava pouco se fodendo enquanto colocava um fim naquela merda. Lauren deveria pensar seriamente em rever sua licença. Mesmo com os movimentos mais lentos, Theo pegou a mochila e

começou a guardar as coisas que ela havia trazido, primeiro a caixa, depois enfiou a camisa e o fone.

Já estava fechando o zíper quando a imagem dela apareceu no canto de sua visão. Amália ficou parada, em silêncio, até ele perder a paciência.

— Que foi, porra? — perguntou. — Não tem nenhum peixe com fome por aí?

— Um obrigado seria o bastante, não acha?

Não acho. Theo deu um longo suspiro.

— Ou não, tanto faz. — Ela fez menção de se virar, mas ele a segurou pelo pulso.

— Espera. Desculpa. É só… Eu já sei lidar com isso.

Ele esperou, ansioso, que ela enxergasse algo em seus olhos que a fizesse encerrar o assunto de uma vez por todas. Sua vontade era abrir um buraco no chão e enterrar a cabeça para ser devorado por vermes; teria sorte se ela esquecesse de tudo em uma semana, ou não botasse a boca no mundo para contar a todos o que aconteceu ali e como sua imagem de durão era pura fachada para seu cérebro fodido. Mas pareceu funcionar. Amália sorriu pelo canto dos lábios, compreensiva, diferente de tudo que ele ofereceu a ela até aquele momento.

— Você sabe lidar com isso — ela repetiu.

Suas mãos perderam o contato. Amália pegou a corrente da mesa e se sentou no banco, passando o polegar sobre cada um dos pingentes prateados, em especial o último, com a inicial do seu nome.

— Sempre duvidei que ele pudesse me amar tanto assim — comentou baixo.

Rendido à tristeza em seu tom de voz, Theo se sentou próximo dela, cada perna de um lado do banco.

— Não, você sabia. Até um cego era capaz de ver isso, Ben ficou vidrado desde que a conheceu. Me lembro quando ele me falou sobre você pela primeira vez, parecia um psicopata.

— Me sinto tão culpada.

— Por que?

A resposta demorou para vir. Ele começou a girar os anéis dos dedos enquanto mantinha a atenção presa ao perfil dela.

— Não dei chance a ele, nenhuma. — Ela virou o corpo para ele e dobrou as pernas sobre o banco. — Quando Ben disse que ia pra Yale, eu não

consegui pensar, só acabei com tudo. Só consegui imaginar a minha dor, a saudade… o ciúme. Fui covarde e egoísta.

Theo se lembrou da dor materializada do irmão e tudo o que fez para que ele esquecesse aquela filha da puta. Teve raiva do motivo ridículo pelo qual ela o chutou depois de quase dois anos juntos, mas agora, vendo as lágrimas acumuladas no canto dos seus olhos, foi capaz de compreendê-la. As pessoas faziam coisas sem pensar, disso ele sabia. Só restava sofrer as consequências.

— Você não tinha como adivinhar o que ia acontecer. Porra, não dá pra prever a morte de alguém.

— Não, você não entende! Não dei tempo pra ele achar um jeito ou sei lá. Embora eu o amasse, não me imaginei sofrendo daquele jeito e simplesmente… — Ela parou, por um triz de chorar. — Terminei. Eu errei, pulei de um barco que nem tinha saído do cais.

Amália se rendeu às lágrimas. Ele viu seus ombros se moverem, a vermelhidão em sua pele, e lutando contra o rancor e uma força que o mandava não fazer aquilo, arrastou o corpo para mais perto dela e a abraçou. Ela não hesitou em descansar a cabeça em seu ombro — como se fossem grandes amigos íntimos — e chorar as dores que mantinha guardadas só Deus sabe por quanto tempo. Ele esperou, paciente, afagando a base dos cabelos castanhos cheirando a algo forte, mas gostoso.

— Desculpa. — Ela se levantou após o longo choro cessar. — Você já deve tá de saco cheio de mim.

— Ah, eu tô sim, ainda bem que sabe.

Com a ponta dos dedos, Theo enxugou as lágrimas paradas no rosto dela, tendo, pela primeira vez, um contato direto com aquela parte do seu corpo.

— Isso tá errado — comentou quando ele se afastou. — Você não é legal comigo.

— Resolvi te dar uma folga hoje, aproveita.

— Não vai querer jogar meus erros na minha cara?

Ele revirou os olhos, apoiando o cotovelo direito na mesa.

— E que merda vai adiantar ficar se torturando agora? Você foi escrota? Pra caralho, mas agora não adianta mais.

Amália virou o rosto para Theo. Ele acompanhou seus olhos por sobre seu cabelo, maxilar e bíceps como se o analisasse detalhadamente.

Diagnóstico: ego super elevado.

— Esse sim, é você.

Não levou tempo para sorrisos sorrateiros surgirem em seus rostos. Após isso, ficaram em silêncio.

O tempo correu preguiçoso e o mormaço aos poucos diminuía conforme o sol se preparava para se pôr. Theo sentiu-se tentado a assisti-la sob a luz dourada, perdida em pensamentos enquanto brincava com a corrente prateada, as pernas cruzadas no banco tal uma criança despreocupada. As sequelas da "quase" crise ainda se faziam presentes no peito angustiado, apesar disso, ele era tomado por uma duvidosa sensação de paz. Talvez fosse a estúpida paisagem bucólica.

— Acho que ele ia querer que ficasse com você — ela falou de repente.

Amália se inclinou até ele e passou o arco da corrente ao redor de seu pescoço, depois prendeu o fecho. Quando se afastou, Theo carregava os pingentes junto ao peito.

— Nem fodendo vou andar por aí com um colar com a inicial do seu nome.

— É só achar outro significado pra ela.

Outro significado? Assassino, talvez. Agressivo… Ansiedade? Um arrepio percorreu sua espinha ao colocar a corrente gélida para dentro da blusa. Pensando bem, "Amália" era o significado mais adequado, ou menos doloroso. Remetia a Benjamin, ao tempo que viveu os melhores dias antes da sua vida chegar ao fim, e ele não gostaria que fosse substituído por um genocídio sentimental.

— Por que não vai visitá-lo?

A súbita pergunta chamou a atenção de Amália. Ela deixou de lado seu fascínio pelas gaivotas no horizonte.

— Visitar quem?

— O Ben, idiota. A lápide. — Ele fez uma careta. — Você entendeu. Diz pra ele tudo isso que me falou.

Ela mordeu o lábio inferior, analisando a opção. Theo pode ver nitidamente sua vontade, e ao mesmo tempo, receio.

— Acha que ele ia querer isso? Quer dizer, *me* querer lá?

— Mais que qualquer outra pessoa. Ele te amava demais pra te odiar por algo tão insignificante. Um erro, como você disse.

Isso, ou ia querer ver outro rosto além das feições de seu irmão. E de Hannah. Como resposta, ela apenas sorriu. Mas foi um sorriso de orelha a orelha que o obrigou a acompanhá-la com um sentimento esquisito no coração.

— Mas eu quero saber… — Ela fingiu mistério. — Que coisas são essas que ele fez e eu nunca soube?

Ele gargalhou tanto que jogou a cabeça para trás. Por onde começava? Eram muitos desastres, e considerando a lentidão com a qual o sol se escondia na linha das montanhas, ainda tinha tempo até o próximo turno.

Não seria tão ruim passar mais alguns minutos com ela.

11 - o sabá de agnes



“Quando ela era apenas uma garota
Ela esperava conquistar o mundo
Mas isso voou para longe de seu alcance
Então ela fugiu em seu sono
E sonhava com o paraíso”
***Paradise,* Coldplay**

Amália correu o máximo que pôde, mas não adiantou.

Depois do encontro peculiar com Theo e a brilhante ideia de ouvir os podres de Benjamin, é claro que ela se atrasaria. Mas precisava admitir para si que o único motivo de ter encerrado a conversa era a tela que a esperava. A tentativa frustrada de reproduzir, junto com Agnes, *O Sabá das Bruxas*, fez com que Goya se revirasse no túmulo. Estava grotesco, suas pinceladas livres não combinavam com o perfeccionismo da amiga, seriam três meses de trabalho jogado fora, faltando menos de quatro semanas para a exposição.

Ao entrar, seus olhos se dirigiram para o mesmo lugar de sempre: o canto próximo à janela, reservado para elas durante todo o ano de duração do curso, agora estava vazio. O resto do estúdio estava lotado de cavaletes e telas das outras duplas trabalhando a mil por hora, auxiliadas pelo professor. Para piorar, Agnes havia faltado.

Ela suspirou e seguiu para a sala onde as telas ficavam guardadas. Teria que adiantar, com apenas duas mãos, o trabalho feito para quatro. Mas a tela não estava lá.

Amália sentiu o corpo gelar, comparado aos floquinhos de neve do inverno, enquanto procurava sua obra no meio da bagunça de quadros recém-pintados. Questionando sua própria estupidez, ela olhou novamente no espaço que trazia uma etiqueta com o seu nome e o de Agnes. Nada. Levou

as mãos à cabeça, desmanchando ainda mais o coque malfeito, antes de voltar para o estúdio pronta para chamar a polícia para investigar o roubo de uma tela. Não foi preciso. No meio do mar de releituras e obras incompletas, Amália viu, nada menos, que os seios enormes de Agnes por um fio de arrebentar a minúscula blusa de alcinha do outro lado da sala.

— Ai, Jesus! — exclamou.

Andou entre os alunos na direção da amiga que se movimentava frenética atrás do cavalete. Conforme se aproximava, Amália identificou outra silhueta ao lado dela, manuseando o pincel com uma intimidade gritante sobre a tela.

Agnes parecia confortável com Kriss, e abriu um sorriso falso quando ela chegou.

— Ah, você tá aí.

— Sim. — Ela olhou para a outra garota. — Sabe que essa tela é minha, né?

— Era sua. Kriss é minha nova dupla.

Amália quase caiu dura. Tentou identificar alguma ironia nos olhos por trás dos cílios postiços, mas não havia nada.

— Como assim? Ficou doida?

Agnes largou o pincel e jogou os compridos cabelos pretos para trás, cruzando os braços.

— Vou ser sincera, seu estilo estava detonando a tela. Se eu quiser ter destaque na exposição, preciso de outra parceira. Alguém que seja mais… volúvel.

— Alguém que faça suas vontades, você quis dizer?! — Aumentou a voz, sentindo a raiva tomá-la aos poucos. — Não pode fazer isso, essa tela…

— Posso sim. No dia que começamos, eu a registrei no meu nome. Então, tecnicamente, é minha.

Como nos filmes, Amália se viu pulando no pescoço perfumado na nova ex-amiga, causando vergões que não poderia esconder nem sob uma echarpe ridícula. Só não o fez pela presença de Joe, o professor.

— O que está acontecendo aqui, meninas? O teatro é no fim do corredor! — Ele alternou o olhar entre elas, incluindo Kriss, que continuava pintando como se nada estivesse acontecendo. — Podem me dizer?

— Essa vaca roubou minha tela! — Amália apontou.

— Vaca?! Escuta aqui…

— Vaca! Cretina! Desgraçada! — Disparou. — Posso citar o alfabeto inteiro se quiser!

— Ei! Ei! Ei! Fiquem quietas!

As duas se calaram. Protagonizavam o verdadeiro show *business* para o resto da turma. Ela sentia o rosto arder de raiva, vergonha ou o que quer que fosse, os cabelos já caíam livres sobre os ombros graças a presilha perdida em alguma parte do caminho.

— Tudo bem. — O professor voltou para ela. — Você primeiro.

— Essa… — Ela engoliu o palavrão. — Ela roubou minha tela. Estávamos numa dupla e ela acabou de colocar outra no meu lugar!

— Professor, perdão. — Agnes apoiou a mão no ombro de Joe. — A obra está registrada no meu nome, o que significa que eu sou a dona. Pode procurar aí.

Joe hesitou, mas no fim começou a procurar no tablet que carregava. Amália esperou com expectativa, rezando para estar errada; porém, sua esperança acabou ao ver o nome de Agnes — e só o dela — no registro de obras da academia, criado para evitar furtos e trocas de telas exatamente como acontecia naquele momento. Muito bom. Dessa forma, não poderiam fazer nada.

Com os olhos marejados, ela se virou para a garota.

— Como pôde fazer isso? Você sabe o quanto eu preciso dessa tela pra exposição! O portfólio de Berkeley… Falta menos de um mês, como vou fazer uma do zero? E sozinha?!

— Sendo assim, é melhor começar logo.

Agnes soltou uma risada fraca pelos lábios cobertos com batom vermelho, e foi suficiente para Amália aceitar sua derrota.

— Vai se ferrar.

Ela fugiu para o banheiro no fundo do prédio, que graças ao bom Deus, estava vazio. Mergulhou o rosto na pia para afastar as lágrimas e encarou seu reflexo no espelho sujo. A pele tão vermelha quanto um tomate tornava confuso saber se era de raiva ou tristeza pelo trabalho perdido, e nem ela sabia.

Trabalhou na tela para a exposição anual do Museu de Arte Moderna de São Francisco por meses, sua única chance de, como “amadora” desconhecida, mostrar sua arte para pessoas além do próprio círculo social. Ela fantasiava o calor da multidão nos jardins de Yerba Buena e os

incontáveis olhos julgando seu talento, sua paixão. E tudo foi por água abaixo graças ao ego inflado de Agnes, ou sua própria ingenuidade de confiar nos outros.

Ainda com as lágrimas descendo em peso, ela ouviu vozes femininas mais próximas e não pensou duas vezes antes de entrar na primeira cabine e trancar a porta. Sentou-se sobre a tampa do vaso e juntou as pernas ao corpo, abraçando os joelhos na melhor pose dramática possível. Não era *só uma tela*, era *a tela*. Com o fim do ano letivo chegando, o valor cultural da exposição pesava no currículo para a universidade, assim como os mais de cinco anos em que ela e Agnes se trataram como melhores amigas. Ela teria bolsa integral para estudar História da Arte e uma grande parceira íntima, e agora só uma dessas coisas iria acontecer. Ou nenhuma. Se tivesse noção do que ela faria, se pudesse prever...

"Que merda vai adiantar você ficar se torturando agora?"

A voz rouca de Theo veio tão nítida que ela quase acreditou que ele estivesse do lado de fora na cabine, com a testa encostada na porta. Bastou um segundo para ela perceber que ele tinha razão. *E que droga, Theo Allen Anderson tem razão.*

Mais do que Agnes lhe passar a perna, ela precisava admitir que algo ainda mais surpreendente aconteceu naquele dia: conseguiu conversar com Theo mais de dez minutos sem revirar os olhos ou ter vontade de vomitar por alguma piada de mau gosto. E ainda mais: conseguiu tocá-lo. Ainda sentia a maciez dos cabelos dele na ponta dos dedos, junto à frieza de sua pele enquanto ele… *ele o que?* Amália afastou a lembrança ao recordar do desespero em seus olhos, implorando para que ela deletasse o que acontecera ali, e assim ela fez. Naquele momento, por seu senso de humanidade — e só por ele — ela temeu pela vida do garoto que não gostaria de ver nem pintado de amarelo de cádmio, que quase a matou atropelada. *Será que alguém já morreu atropelado por uma Harley?*

O pensamento a fez sorrir com o peito mais leve. E graças a quem? Seu desafeto particular.

A verdade é que Amália Walsh odiava Theo Allen Anderson desde a bendita festa.

Ela namorava Benjamin a menos de três meses, e durante o jogo mais inapropriado do ensino médio, Karen desafiou Theo a chupar seu seio. E foi o que ele fez. A garota botou o seio para fora e ele abocanhou, no meio de

todos na festa, o mamilo escuro, parecendo não se importar com os mais de cem olhos sobre si. Amália se lembrava de dizer ao namorado que o que seu irmão tinha feito havia sido algo depravado, e ele respondeu na maior naturalidade possível: "Exatamente. Esse é o Theo”.

Foi aí que ela percebeu que nada de bom poderia vir de uma pessoa assim, que ama a luxúria, ama ser vista e desejada mais do que tudo. E suas atitudes depois disso só a fizeram perceber o quanto estava certa.

Naquela época, ser atormentada pelo cunhado era sua única dor de cabeça. Entretanto, ela gostava de sofrer pelo passado.

Se lembrava dos momentos de calmaria, quando descansava a cabeça no peito suado de Ben logo depois de fazerem amor, e conversavam por horas sobre suas vidas juntos. Entretanto, essa lembrança sempre vinha acompanhada da tontura que sentiu ao desmaiar depois de receber a notícia da morte do ex-namorado.

Benjamin morreu um mês e meio depois de ouvir que não poderia mais fazê-la feliz.

Amália se torturou por muitos dias com a ideia de como deveria ter feito diferente. E após tantos meses de martírio, a redenção veio pela voz calorosa de Theo, contrariando todas as suas crenças. Talvez se soubesse o que fosse acontecer ficaria feliz em esperar o fim do semestre em Yale, mas estava apenas fingindo, fantasiando uma realidade alternativa. Ela odiava como essas situações mais importantes e difíceis se tornavam banais depois que passava por elas.

O ser humano gostava de se enganar — e ser enganado — e não dava a mínima para isso. Divagando sozinha naquele banheiro frio, Amália recordou a obra mais famosa de Michelangelo, pintada no teto da Capela Sistina; A Criação de Adão deveria ser uma representação respeitosa do nascimento do homem, mas na verdade, a figura divina pintada dentro de um cérebro humano levava a crer que a religião era pura fantasia do intelecto frágil da humanidade. Todos sabiam disso e não se importavam, da mesma forma que sabiam que não havia nada a ser feito para impedir o caos, a imprevisibilidade dos caminhos que percorriam, e principalmente, impedir a perda de quem amavam.

Era preciso se deixar persuadir e fingir que tudo, a todo momento, não estava no fim. Mais inevitável do que os impostos, o homem nascia destinado apenas à morte.

Amália escancarou a porta da cabine, assustando as duas alunas de música que retocavam a maquiagem no espelho. Voltou ao estúdio com a bolsa transversal chacoalhando nos ombros e os olhos malucos à procura de Joe. Por fim, avistou o professor atrás da mesa no fundo da sala.

— Querida, procurei por você…

— Eu preciso de uma tela! Pode ser uma usada, que algum aluno tenha abandonado ou qualquer coisa.

Ele estudou seu rosto determinado com desconfiança, visto que a aquisição das telas era por conta dos alunos. Mas sua atual situação financeira e o silêncio por parte de todos os lugares em que deixou currículo não a permitiam esbanjar.

— Tenho uma ideia com A Criação de Adão e acho que vai ficar muito boa. — Ela pendeu a cabeça para o lado. — Por favor!

— Venha comigo.

Ela o seguiu até a sala onde guardavam os quadros. Joe fuçou em cima do armário empoeirado e tirou de lá uma tela, 60 centímetros por 130, totalmente nova.

— Só porque odiei o que aquela megera fez com você. Vai lá garota.

Amália pegou a tela e retribuiu com um sorriso que mal cabia no rosto. Sem perder nem um segundo e sendo obrigada a engolir a presença da vadia a dez metros de distância, começou a criar. Se prendeu no desenho a lápis — no qual não levava o menor jeito — pelo restante da aula, e quando se deu conta as estrelas já pesavam o céu noturno. Guardou os materiais no lugar de sempre, agora com uma etiqueta apenas com o seu nome, e saiu do prédio.

O drama havia passado, ela se sentia envergonhada por ter chorado e, minutos depois, ter a esperança renovada. Theo deu sua primeira bola adentro: a ideia para uma obra que tornaria o “Sabá de Agnes” uma ofensa ao pré-romantismo.

Estava cruzando a primeira esquina quando uma mão forte a segurou pelo braço. Ela congelou de medo. Teria dado com a bolsa na cabeça do filho da mãe se não tivesse reconhecido a jaqueta do time de basquete.

— Que saco, Jason! — Ela o empurrou. — Você não pode chegar desse jeito por trás de uma garota à noite!

Ignorando sua revolta, ele a agarrou pela cintura e afundou seus lábios aos dela. Amália sentiu um gosto enjoativo de cerveja barata e uma mistura

de perfume e suor jorrando de suas roupas. Jason se afastou após um beijo lento e abriu um sorriso pervertido.

— Não é qualquer garota. É minha namorada.



Enquanto Jason conversava com seu pai, enquanto bajulava Susan, enquanto tentava levar Amália para o quarto mais cedo, os longos arranhões em sua nuca — desde o cabelo loiro até desaparecerem sob o tecido grosso da jaqueta — eram praticamente uma quinta pessoa. Ela notou o quanto estavam avermelhados e frescos. Recentes. Não seria novidade se o namorado estivesse transando com alguma líder de torcida com peitos maiores que os dela, considerando que não sabiam como ainda sustentavam quatro meses de relacionamento.

Era impossível não perceber.

A tensão era palpável ao redor da mesa. Jason estava no mundo da lua, Susan e Vincent não trocaram nenhuma palavra devido às brigas dos últimos dias, mas ela não os culpava. Após Vincent ser demitido junto de mais cinquenta pessoas por corte de verbas, ficava difícil manter o clima familiar com apenas um salário sustentando a casa.

— Amália, e a pintura? Como está? — A voz da mãe a despertou. — Já estão terminando?

— Vou começar outra, sozinha. Agnes é muito individualista.

— Mas a exposição não é em um mês? — O pai deixou de lado a busca por empregos no celular. — Vai conseguir terminar?

— Eu dou conta.

— É claro que dá, essa é minha garota. — Ele piscou.

Ela sorriu para o pai e voltou a remexer as suculentas ervilhas em meio ao banquete que a mãe sempre preparava. Jason passou o braço ao redor dos seus ombros, fingindo orgulho, e aproximou o rosto do seu ouvido; sua voz soou tão baixa que ela quase não decifrou as palavras. Quase.

— Termina logo essa comida, gata, e vamos subir. Tô animado hoje.

Ele voltou à posição anterior com um olhar malicioso que a cansou de imediato.

Seu relacionamento com Jason começou tão rápido quanto se diz “expressionismo”, e esfriou na mesma medida. Talvez nem houvesse calor

para esquentá-lo de fato. Não como costumava ser o antigo namoro de Amália: ávido e aconchegante. Ela gostava do garoto, mas o sentimento peculiar presente no amor verdadeiro nunca deu às caras, e por isso ambos se arrastavam no ócio afetuoso que, em segredo, os enjoava.

Para não vomitar o que acabou de comer, Amália afastou a memória e focou nas coisas boas; em sua mente se encontrava apenas a tela, o desenho inacabado e as razões que a inspiraram. Benjamin surgia a todo segundo, agora acompanhado de seu irmão. Theo trazia consigo o mesmo sarcasmo e objetividade de sempre, mas dessa vez com o dobro de mistério e um abraço acalentador até demais. Ainda podia sentir o toque gélido dos anéis de prata em seu rosto, que lhe causaram um frio na espinha. Ela desejava com todas as forças ter conseguido esconder dele os pelos arrepiados.

— Mãe, a senhora se lembra do Ben?

— O garoto alérgico a camarão e que seu pai quase matou sufocado? — Amália sorriu com a lembrança do primeiro jantar de seus pais com seu namorado. — Era um bom rapaz. Foi uma tragédia aquele acidente.

— Quem é esse cara? — Jason questionou.

— Meu ex namorado — contou, semicerrando os olhos. — Morreu em um acidente pouco depois que nos separamos. Já falei sobre ele pra você.

Não falou, mas adorou a expressão confusa dele ao vê-lo buscar aquela informação na memória.

— Por que esse assunto agora?

Ela ignorou a pergunta do pai, soltou os talheres e cruzou os braços sobre a mesa, voltando-se à mãe.

— Encontrei o irmão dele hoje, devolvi aquelas coisas que estavam no armário. Ele parece… *bem.*

— Ora, e você esperava outra coisa? — Ela encheu a boca de comida. — Já faz o que? Um ano? As pessoas seguem em frente.

Amália pensou antes de falar, fitando a mesclagem de cores da comida no prato.

— Eu estava pensando em ir no cemitério, sei lá… levar umas flores. O que acha?

— É uma ótima ideia, meu bem.

Jason largou o garfo no prato. Ela o ignorou até o fim do jantar, que chegou alguns minutos depois. Relembrando o pedido indecente do namorado, Amália demorou o máximo possível e livrou a mãe da tarefa de

arrumar a cozinha, além de poder dar a ela um descanso para suas olheiras profundas. Vincent também se retirou para o quarto.

Já nos primeiros segundos sozinhos, Jason começou.

— Por que não me disse que tinha se encontrado com esse cara?

— Quê? — exclamou, lavando o primeiro prato. — Falei que tinha encontrado um amigo.

— Um amigo, não o irmão do seu ex.

Ele cruzou os braços, irritado. Sua voz estava baixa, mas rude; não gostaria que os sogros soubessem que não era bem o puxa-saco perfeito.

— Que diferença isso faz? — Ela deu de ombros.

— Qual o nome dele?

Amália fechou a torneira e se virou para ele, a borda encharcada da pia molhou sua camiseta, mas não se importou.

— Se eu disser o nome dele, você diz o nome da garota que arranhou seu pescoço?

Algo na expressão de Jason mudou completamente. Ela sabia por quê.

— Não é o que você tá pensando. — Ele pegou o objeto do escorredor e começou a enxugá-lo. — Nós vencemos o jogo, deve ter sido durante a comemoração. Algumas garotas vieram me parabenizar, só isso.

— *Só isso.*

Passou para os copos, depois os talheres. Que falta fazia uma lava-louças. O garoto ficou em silêncio por um tempo, como um bom moço.

— Eu te levo ao cemitério.

Ela desligou a torneira de novo.

— Leva? — Desconfiou. — Em Colma?

— É claro, achei lindo seu gesto, gata. — Sorriu sem mostrar os dentes, um sorriso maldoso e falso. — Se pensarmos um pouco... ele não é uma ameaça.

Jason tomou a frente da pia e continuou lavando o resto da louça. Amália manteve a cabeça baixa, atingida ferozmente pelo que acabara de ouvir.

— Tranque a porta quando for embora.

Ela sentiu o enjôo enquanto ia em direção ao quarto. Não foi capaz de se virar para olhá-lo.

12 - segredos de família



“Você diz que precisa de mim, depois vai e me derruba
Mas espere
Você diz que está arrependida
Não pensou que eu viraria pra você e diria
Que é tarde demais para se desculpar?
É tarde demais”
***Apologize,* One Republic**

Mais uma vez, Phil optou pelo silêncio e permitiu ao casal digerir a informação. Sabia que não era fácil. Carregava nas costas os mais de vinte anos de notícias ruins que era obrigado a dar aos pais, amigos e familiares dos pacientes que possuíam um diagnóstico complexo ou não sobreviviam, já esteve do outro lado da mesa, afinal. Conhecia a sensação ao ouvir que sua vida jamais seria a mesma; uma parte de você, pela qual dedicou anos, parte que ama mais do que a si próprio, deixaria de existir.

O clima dentro da sala era tão denso quanto um bloco de concreto. Ele batia levemente a ponta da caneta sobre os exames de Laura, sua paciente de sete anos, encantadora e epiléptica, esperando os pais se acalmarem.

— Não faz sentido — a mulher enxugou as lágrimas do rosto —, sei que não é uma cirurgia complexa. Conheço várias pessoas que operaram da epilepsia e estão bem.

— Senhora Weir, talvez a senhora não tenha entendido. — Ponderou. — A cirurgia epiléptica, se tratando da sua filha, consiste em retirar parte do cérebro causadora do distúrbio. Sim, é uma cirurgia simples, mas no caso da Laura é uma parte muito grande a ser retirada.

— Qual o problema nisso? — O marido perguntou.

— No mínimo, sua filha ficará com grandes danos neurológicos,

comprometendo suas funções motoras, intelectuais… — Fez uma pausa. — Vocês entendem?

Ela negou com a cabeça. Apertava cada vez mais forte a mão do marido, que estava nitidamente prestes a desabar. Ele compreendia o sentimento.

— Mas existe uma chance, o senhor nos disse! É pequena, mas não é impossível.

Phil limpou a garganta e respirou fundo, cruzando as mãos sobre a mesa.

— Existe, mas é muito baixa. Precisamos considerar os riscos.

E os riscos eram enormes. Calado enquanto o casal trocava olhares tristes, ele era exposto ao pior mal de sua profissão: estar frente a frente com a morte. Se tivesse controle, nenhuma vida seria perdida em suas mãos, teria salvado *todos.* Sem exceção.

— Doutor — Ela se voltou para ele —, nos disseram que é um dos melhores da Califórnia. Isso é verdade?

— Creio que sim.

— E soubemos também que perdeu um filho. Faz quanto tempo?

Ele encolheu os ombros, sentindo-se estranho dentro do jaleco. Sabia onde ela queria chegar.

— Um ano — disse por fim.

— Sinto muito, de verdade. Mas se tivesse uma chance de salvá-lo, a menor que fosse, e todos estivessem contra… Você o salvaria?



— Você perdeu completamente o juízo?

— Vou operar a menina. — Phil esclareceu, convicto. — Faça o que eu pedi.

Mike revirou os olhos e abriu a pasta para analisar as informações. Phil já esperava aquela reação. Parados no meio da recepção, eles mantinham o tom de voz baixo para a conversa não chegar aos ouvidos das enfermeiras fofoqueiras.

— Phil — Ele abaixou ainda mais o tom. — Você sabe quais são as chances da Laura, os riscos…

— Eu sei dos riscos, mas também sei das chances. Não vou

desperdiçar nenhuma delas.

Eles haviam se conhecido no primeiro ano do ensino médio e eram melhores amigos desde então; mesma faculdade, mesmo hospital onde completaram a residência, e agora empregados lado a lado. Nos bastidores da medicina, existia uma grande sacada por trás da competência entre doutores. Quer saber qual médico realmente é bom? Pergunte a um deles para qual profissional mandariam os próprios filhos caso ficassem doentes. Sua resposta era sempre "Doutor Michael Harding". Ele cuidou de Theo quando o filho da mãe quase entrou em coma alcóolico, também foi Mike quem fez as incontáveis massagens cardíacas em Benjamin após Phil paralisar frente ao corpo inerte do filho.

— O Conselho não vai aprovar isso.

— Deixa comigo, sei do que estou falando. Refaça os exames.

Mike respirou fundo e deu um tapa nas costas do amigo antes de seguir para o laboratório.

Phil se inclinou sobre o balcão, completamente exausto. Pelo tanto de problemas que tinha na cabeça precisaria de, no mínimo, dez anos de férias, ou talvez uma aposentadoria que nem ao menos se aproximava. Graças ao seu excelente trabalho, foi convidado a participar — sem opção de recusa — de outro congresso internacional de neurologia, emendado à uma semana de estudos no Centro Médico Erasmus para avanços na oncologia. Quinze dias em outro país, cara a cara com doutores inflando seus egos inteligentes. Uma técnica mais moderna aqui, um melhor jeito de tratar os pacientes ali; a cura para esses pacientes, entretanto, nenhuma.

Vanessa odiaria essa viagem, mas muito pior que o seu semblante de reprovação será, um milhão de vezes mais certeiro, o de Theo.

Parou de divagar quando o celular tocou no bolso do jaleco. Passou a temer ligações, sempre pressentindo a próxima notícia ruim, e estava certo dessa vez. O número sem identificação na tela arrepiou até seu último fio de cabelo preto. Voltou para sua sala a passos largos e girou a chave na fechadura até a última volta. Cogitou rejeitar a chamada, mas devido aos acontecimentos dos últimos dias, não estava em condições.

Por fim, aceitou a ligação.

— Já falei para não ligar nesse número — falou entredentes.

— *Precisamos conversar*.

— Não tenho assuntos para tratar com você.

— *É importante, Phil. Acredite.*

A voz feminina do outro lado da linha soou grave, ele pôde ouvir uma buzina ao fundo. Levou a mão à garganta, sentindo que sufocava.

— Já paguei o que te devia esse mês. — Endureceu a voz. — Tenho compromissos agora.

— *Espera!* — Ela gritou e ficou em silêncio por um segundo. — *Vou parar de encher seu saco, vai se livrar de mim pra sempre.*

Phil se manteve calado enquanto analisava a proposta. Seu coração batia mais forte a cada segundo no qual a chamada se estendia, e ele se sentou no sofá para não despencar no chão; mas seria um motivo nobre para ter um ataque cardíaco. Era capaz de ouvir a respiração dela pelo celular, pesada.

— *Não vai se arrepender* — ela provocou.

Ele pensou na proposta por mais tempo, sem ter como negar. Nunca teve.

— Me encontre no lugar de sempre.

Não esperou por uma resposta, não queria mais ouvir aquela voz arrastada como a de uma víbora venenosa prestes a dar o bote. Sem conseguir sustentar o peso do corpo, Phil se sentou na cadeira estofada com o cérebro trabalhando a mil por hora, avaliando as possibilidades que a levaram a querer encontrá-lo de novo. Já esperava uma bomba, como em todos os dias nos últimos quinze anos. Conseguia ouvir o murmúrio fora de sua sala, mas talvez não fosse uma boa ideia voltar para o trabalho tão rápido. Não se sentia pronto nem para segurar um bisturi.

Seu castelo de cartas poderia estar prestes a desmoronar.

Foi até o arquivo no fundo da sala, buscando a última pasta da gaveta. Dentro de um prontuário encerrado há mais de dez anos, ele pegou a chave dourada que mantinha escondida. Já de volta à mesa, inclinou-se em direção ao chão e encaixou a chave na fechadura abaixo da madeira; com um único clique, a gaveta trancada foi aberta.

No começo da faculdade, quando ainda não tinha competência para operar um cérebro, Phil estagiou no setor da neuropsiquiatria, no tratamento de usuários químicos. Em contato direto com os demônios de cada paciente, ele não entendia como alguém poderia ter o prazer de se destruir e, pior ainda, ter plena consciência disso. Agora, olhando para as fotos e o envelope no interior da gaveta, compreendia o anseio pela tragédia. Aquilo significava

sua ruína, deveria resumi-las às cinzas e acabar com a possibilidade assombrosa de serem descobertas. Não sendo capaz, ele as mantinha guardadas.

Ele pegou o bolo de fotos e observou uma por uma: o aniversário de Benjamin; a primeira apresentação do dia das mães, quando Theo chorou durante a música inteira; uma sessão de fotos onde Hannah pediu que vestissem seus bebês com enormes becas de formatura e diplomas falsos nas mãozinhas. Todos foram momentos vazios.

Nas noites de insônia, em que se encontrava vítima dos próprios anseios, ele se perguntava onde poderia ter errado para que Hannah fizesse o que fez. Talvez tenha sido no novo corte de cabelo que foi ignorado ou nos dias em que deixou de buscá-la no trabalho, eram muitas incógnitas para considerar. Quando ela engravidou de Theo, poucos meses após o nascimento de Benjamin, Phil teve inúmeras dores de cabeça pensando em quão arriscadas eram as gestações que se seguiam logo após a outra. Considerava todas as mudanças dela como o início do problema, o início de um aborto espontâneo.

Sua esposa entrou em trabalho de parto com seis meses. Ele pensou que não veria o filho crescer, mas Theo se mostrou teimoso desde o primeiro dia de vida.

Passou para a próxima foto, e não fazia ideia do porquê estava ali e não colada na porta da geladeira. Foi tirada durante um dos muitos casamentos de sua irmã; Theo e Benjamin estavam sentados lado a lado em uma das mesas da festa com lindos sorrisos distraídos no rosto. Ben ainda se mantinha comportado dentro do terno, diferente do irmão, que havia alargado a gravata e alguns botões da camisa e tinha uma taça de champanhe na mão. Vê-los lado a lado outra vez evidenciava o quanto eram diferentes: Ben era oito, Theo oitenta, e juntos formavam a equação perfeita.

E sem conseguir lidar com o extremo do filho, Phil o afastou.

Queria que Theo soubesse que o pai ainda guardava na carteira o primeiro desenho feito por ele, aos quatro anos. Queria que soubesse quantas noites Phil passou em claro, temendo perder outra pessoa que mais amava.

Ele fechou os olhos para conter as lágrimas e guardou as fotos. Ao invés de fechar a gaveta, pegou a prova do seu maior fracasso. A carta que Hannah havia enviado, um ano após abandoná-los, estava amarelada e áspera, mas ainda estava nítida. Ele a encarava todos os dias, relendo cada maldita

palavra.

Todas as famílias têm segredos. Era o que repetia a si mesmo, esperando que o peso da culpa o permitisse viver em paz.



Phil tirou o terno de dentro do carro com o maior cuidado do mundo, estava quase em cima da hora. Vanessa abriu a porta de casa, rindo da sua cautela exagerada.

— Sabia que existe ferro de passar roupa? — Ela brincou.

— Sabia que o ferro pode manchar o tecido?

Ele pendurou o cabide nas costas da cadeira de olho no relógio na parede. Tinham noventa minutos para se arrumar, contando que queriam pegar o lugar mais à frente. Se bem que não seria difícil vê-lo na multidão de alunos, modéstia à parte, Theo se destacava em qualquer lugar.

— Você não acha que eu vou ficar cafona com aquele vestido? Ou acha? — Vanessa perguntou ao beber um copo com água.

— Vai ficar perfeita, e acredite — Ele se aproximou —, ele não vai nem reparar.

Phil a envolveu pela cintura e beijou seus lábios gélidos antes de voltar a olhá-la. Havia uma certa rigidez em cada movimento, como se a alegria sentida — embora falsa — fosse inapropriada, levando em consideração a atual situação. Porém era o que precisavam fazer.

— Vou me arrumar. — Vanessa o despertou. — Quero o melhor lugar.

— Não demora.

De repente, o ranger da porta de entrada fez o sorriso no rosto de ambos sumir. Algo dentro dele já sabia. Afastou-se dos braços de Vanessa e foi em direção à porta a tempo de ver Theo deixar as chaves da moto e o capacete no chão. Usava o mesmo moletom dos últimos dias, o cabelo já não era mais uma bagunça charmosa, e sim um emaranhado de fios negligenciados. Nada de terno ou beca.

— O que está fazendo aqui? — indagou, nervoso. — Os formandos não precisam chegar antes?

O garoto não respondeu, apenas se virou para o pai, revelando o diploma intocado em uma de suas mãos.

— Não vou na formatura — Theo admitiu com a voz inerte.

— Como assim não vai?

— Não vou, só isso.

Ele o assistiu passar ao seu lado e ir para a cozinha, de onde Vanessa os observava. Theo abriu a geladeira e pegou uma garrafa de cerveja como se nada estivesse acontecendo. Nada que pudessem ver, é claro. Phil andou atrás do filho, escolhendo minimamente as palavras a serem usadas.

— Theo — chamou. Esperava que a angústia não fosse visível. — É sua formatura. Você estudou a vida toda para isso, não pode só jogar tudo para o alto.

— Eu posso, e vou.

— Por favor, me escute…

— Já disse que não vou! — ele gritou. — Não tô com saco pra encarar essa situação.

Phil fechou os olhos e apoiou as mãos na mesa. Sentiu uma necessidade intensa de chorar, a qual ignorou; trocando olhares com Vanessa, percebia que ela o implorava para manter a calma.

— Todos estão esperando por você. — Foi firme. — Linda, amigos, professores…

— Sabia que tem um quadro gigante com a foto dele bem na porta de entrada?

Theo sustentou o olhar sobre ele por apenas alguns segundos, e foi o bastante para Phil enxergar o clamor escondido em cada palavra. Ele queria ir, mas não conseguia.

— Acho que não faz muito sentido colocar a porra de um terno se eu não tô afim nem de levantar da cama. Né? — ponderou, ansioso por uma confirmação.

Seu coração apertou vendo todas as expectativas de pai coruja irem por água abaixo.

Desde o nascimento dos filhos, sonhava com o dia em que se formariam. Talvez porque ele próprio não teve a presença do pai em nenhuma de suas graduações, ou apenas porque sentisse orgulho dos homens que criou. Benjamin terminaria o colegial com bolsa para Yale, enquanto Theo sairia de lá direto para uma das maiores escolas gastronômicas do mundo. Esses eram os planos antes de tudo ruir.

— Tudo bem.

Theo expirou como se tirasse um peso das costas, embora Phil soubesse que, com ou sem sua aprovação, ele continuaria na cama. Deixou o diploma sobre a mesa e saiu da cozinha sem colocar os olhos no terno engomado.

O silêncio tomou conta do ambiente, não sendo preciso nem um minuto para Vanessa ir atrás do enteado. Ele se sentou na cadeira de ombros caídos, desconsolado. A dor no semblante pálido de Theo era quase material, presente em cada passo arrastado que parecia tão doloroso quanto uma queimadura. Lutando contra as lágrimas, ele pegou o diploma deixado para trás; o relógio marcava 1 hora para a cerimônia começar.

Phil Anderson teve dois filhos, homens íntegros, justos e nobres, e não veria nenhum deles se formar. Saltou da cadeira com o diploma na mão e fugiu para a escuridão do quarto. O terno novo havia caído no chão, mas não importava mais.

13 - rumo à tempestade



“Eu tenho feito coisas em pequenas doses
Portanto, não pense que estou empurrando você para longe
Quando você é a única que eu tenho mantido o mais próximo”
***Crystalised,* The XX**

— Cemitério uma hora dessas? *Deuses… vai se tratar!*

— Mais? Agora só falta eu ir pro hospício.

Linda gargalhou próxima ao telefone.

— Tem razão. Bom, já que não quer ir, nos falamos amanhã.

— Se cuida nessa festa. — Ele tirou a chave da ignição. — Vê se não vai dar pra qualquer um.

— Alguém devia falar isso pras garotas que dão pra você… Aliás, por que tão preocupado?

— Porque você é mais importante do que eu. Te amo.

Ele desligou antes dela reconhecer a apatia em suas palavras. Não costumava dizer que a amava o tempo todo, mas nunca se sabe quando seria a última vez.

Em uma coisa Linda estava certa: não era uma boa hora para estar ali. O sol ainda não estava nem perto de se pôr, mas já se escondia atrás das copas das árvores densas e tornava o local ainda mais pálido e seco. Era por isso que optava pela manhã; a luminosidade precoce do amanhecer lhe dava uma falsa sensação de acolhimento, como se o que fizesse ali fosse completamente normal e não um ato compulsivo.

Caminhou pelo gramado sentindo o caminho que percorria todos os dias mais curto, tal qual andar pelo corredor da morte rumo à cadeira elétrica. Na mosca.

Amália estava abaixada frente a lápide de Benjamin, apesar da

distância, ele reconheceu o botão de rosa azul em uma de suas mãos. Ela seguiu seu conselho, afinal. Ele imaginou a quanto tempo estaria ali, e se de fato teve coragem para dizer ao ex-namorado tudo o que disse no parque, dias atrás.

Não seria tão ruim que ela estivesse mais leve.

Theo continuou lentamente apesar da vontade de dar o fora dali como um animal sorrateiro, mas era teimoso demais. Algo o puxava até ela. A menos de dois metros, ele esperou-a notar o som insignificante do All Star sobre a grama fresca, porém ela continuava parada, movimentando a cabeça devagar enquanto sussurrava desabafos para o pedaço de pedra fria.

— Aí tá você.

Amália berrou tão alto que alguns pássaros alçaram vôo. Ela caiu sentada na grama de maneira desengonçada e apontou o botão de rosa na direção dele como se fosse uma adaga poderosa. Theo gargalhou até perder o fôlego, depois ergueu as mãos na altura do rosto.

— Eu me rendo, senhorita, não atire.

Ela revirou os olhos e deixou o braço cair junto ao corpo. Ele se aproximou e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar.

— Obrigada — respondeu a contragosto.

— Tem licença pra andar armada? — Ele colocou as mãos no bolso da calça, descontraído. — Pode machucar alguém por aí.

Amália não respondeu, ocupada em limpar a terra dos joelhos. Em um deles, ele pôde ver o machucado recém curado.

— Você me assustou. — Ela arrumou a postura.

— Achei que tivesse me ouvido chegar.

— De qualquer jeito, não é legal chegar por trás de uma pessoa num cemitério.

— Calma, estressadinha. Sou só eu. — Brincou. — Preferia que fosse um defunto?

Ela fingiu estar pensando.

— Ao invés de você? Preferia, sim!

Trocaram sorrisos leves, mas o peso do ambiente em que estavam presentes começou a falar mais alto. Amália voltou-se para a lápide, e Theo estranhou, num lugar como aquele, suas coxas expostas pelo pequeno short de cintura alta; os pêlos finos tinham uma cor dourada sob a claridade do dia, quase imperceptíveis na sua pele clara como sorvete de creme.

— Segui seu conselho. — Ela chamou sua atenção.

— Eu percebi.

— E você, seguiu o meu? — Ela colocou as mãos na cintura.

— Claro. Como disse, já sei lidar com isso — mentiu.

Nervoso com aquele assunto à tona — como suspeitava, ela não tinha esquecido — ele se abaixou frente à lápide e pegou a rosa que ela havia deixado no chão, cuidando para não ser furado pelos longos espinhos em seu cabo.

— Isso é seu. — Girou a rosa entre o polegar e o indicador.

— Achei que ele fosse gostar.

Amália acariciou as pétalas azuis e baixou o toque até a ponta dos espinhos, roçando seus dedos nos de Theo.

— Ele me deu um buquê delas uma vez. Eu estava em casa e Ben chegou lá de surpresa, minha mãe achou a coisa mais linda do mundo.

— Sei disso. Fui eu que comprei.

Ela levantou o olhar e fitou seus olhos escuros. Ele apreciou como seu rosto era acariciado pelo cabelo esvoaçado pelo vento. Por um milésimo de segundo, desejou poder fazer o mesmo; incomodado, entregou a flor para ela e deu um passo atrás.

— Ele me ligou, disse que estava com muito trabalho e me pediu pra comprar as flores mais bonitas da loja.

— Você tem bom gosto. — Ela abriu um sorriso de canto.

— É, eu sei. — Deu de ombros, orgulhoso.

Um minuto se passou em silêncio, nenhum deles se arriscou em nada, mas também não ousaram ir embora. Enquanto ela girava a rosa na mão, Theo limpou as escrituras na lápide de novo, demorando-se em cada uma delas. Não queria que aquele momento acabasse.

— Por acaso… — Amália começou, sua voz estava tensa. — você me seguiu até aqui?

A pergunta trouxe um calor imediato ao seu corpo, queimando os músculos debaixo da jaqueta de moletom. Era a mesma sensação de quando achava que, após um descuido, alguém havia descoberto as queimaduras de cigarro na palma de sua mão. Mas passou rápido demais.

Ele se virou para ela, sorridente, batendo as mãos uma na outra para afastar a poeira.

— Tá se achando muito importante, né? — deduziu com malícia.

— Não me acho importante. Só é estranho você aparecer aqui no mesmo minuto que eu.

— Também não tô feliz com isso, minha paciência pra te aturar esgotou no momento em que a moto não passou por cima de você.

Amália fechou os punhos, na defensiva.

— Preferia ter me atropelado?

— Preferia nem ter te encontrado.

— Mas encontrou. E pelo jeito tá adorando. — Ela levantou as sobrancelhas. — Não larga mais do meu pé.

Theo abriu a boca para responder, mas sentia que havia esquecido todas as palavras. Uma estranha euforia subiu por todo seu corpo enquanto a encarava de cima a baixo, como uma onda de adrenalina acendendo-o de dentro para fora. O clima provocativo destoava do ambiente mórbido, mas àquela altura ele já nem se lembrava onde estava.

Se Amália queria jogar, ele ia ditar as regras.

Um sorriso afiado surgiu em seus lábios vermelhos, o melhor que conseguia, o mesmo que esboçava para as garotas antes de dar o bote. Andou até Amália, próximo o bastante para ela sentir o perfume salgado de sua pele.

— Meu amor, pode ter certeza que se eu fosse seguir alguém… não seria você.

— Não? — Ela pendeu a cabeça para o lado. O brinco prateado em sua orelha reluziu certeiro na pupila de Theo.

— Você não tem nada de interessante pra mim. Aliás… — Ele ergueu a mão e prendeu uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. Amália oscilou com o toque, mas ficou no lugar. — não tem nada de interessante pra ninguém.

Amália deu uma gargalhada exagerada, chacoalhando os ombros. Um vento forte soprou entre as lápides, obrigando-os a olharem para o céu; as sobras dos raios do sol sumiram atrás de nuvens carregadas, o clima perfeito para estar num cemitério, e Theo quase esperou um nevoeiro macabro surgir do chão.

— E quem seria interessante? *Você?* — Ela riu de novo. — Você, Theo, não é nada além de um rosto bonito e uma barriguinha sarada.

— Como sabe que minha barriga é sarada? Por acaso já ficou olhando pra ela?

Ela afrouxou os punhos conforme seu rosto queimava de vergonha.

— Não! Não foi isso que eu quis… — ela adquiriu uma expressão enojada. Sua pele tornou-se rubra. — Quer dizer… já ouvi falar. Não que eu fique falando sobre você… também nunca vi…

— Não seja por isso, você quer…?

Theo puxou a barra da camiseta para cima, centímetros o suficiente para Amália vislumbrar sua pele lisa e parte da cueca preta.

— Não! — Ela fechou os olhos. — Para com isso, pelo amor de Deus!

Se já não fosse suficiente, ela jogou a flor no chão e se virou de lado, negando com a cabeça tão rápido que era possível que ficasse tonta. Ainda mais. Mais uma vez, ele não conteve o riso ao vê-la tão constrangida.

— Tudo bem, já parei. — Ele a contornou para fitá-la de frente. — Pode olhar.

Amália hesitou e abriu uma minúscula fresta entre as pálpebras, por onde espiou seu corpo escondido debaixo das roupas. Ela voltou a cruzar os braços, irritada com o sorriso insolente que ele insistia em manter.

— Você tá se divertindo muito com isso, não tá?

— Tô adorando.

O estrondo de um trovão reverberou no topo de suas cabeças.

— Adora ser o centro das atenções? Podia pelo menos respeitar seu irmão — ela apontou para a lápide —, ou quem sabe todas as pessoas que estão aqui.

— Não desconversa, por favor — desdenhou. — Só tem *eu e você* aqui.

Por um lado estava certo. Theo prendeu seus olhos aos dela que — graças a sua cabeça zoada — a cada minuto ficavam mais verdes, ela parecia guardar todas as esmeraldas do mundo ao redor de suas pupilas dilatadas.

— Quer saber? — Ela deu um passo à frente. — Cansei dessa sua ofensa em forma de flerte, que aliás é muito cafona. É assim que você caça suas presas?

— Não, com elas eu costumo usar um método mais… direto. — Ele desceu os olhos pelo corpo pequeno, depois os cravou em seu rosto. — Se eu quero alguma coisa, eu consigo.

Outro trovão cortou o céu, mas ele se manteve centrado na garota até que ela não fosse mais capaz de suportá-lo. E não demorou muito. Amália balançou a cabeça, fingindo estar irritada.

— Vou embora. Vim aqui pelo seu irmão e não pra ouvir suas baboseiras.

Ainda de olho nele, Amália se abaixou e pegou a flor do chão.

— AI!

Tão rápido quanto chegou, ela se afastou num rompante, murmurando ofensas para si mesma. A rosa caiu de volta no gramado e um rastro vermelho vivo começou a descer do seu dedo anelar.

— Que foi?

Theo andou até ela para constatar que havia furado o dedo no espinho da rosa.

— Como você consegue ser tão desastrada?

— Foi um acidente.

Mais um. Ele segurou a mão da garota sobre a sua e observou o sangue descendo em abundância para um furo tão pequeno.

— Tô de saco cheio de ter que te manter viva.

— Achei bem feito. — Ela ergueu o queixo, brincalhona. — Sou seu karma.

Ele revirou os olhos. Tirou do bolso da calça um band-aid novo e, após abri-lo, o enrolou cuidadosamente em seu dedo.

— Quem é esquisito o suficiente pra anda por aí com um band-aid reserva?

— Caso eu me machuque de novo — retrucou sem nem perceber direito as próprias palavras. — Sou meio desatento — completou. — Mas não tanto quanto você.

Ele teve sorte dela não entender o que realmente significava aquela frase.

Apesar do tom de voz hostil, o sorriso em seu rosto o entregava. Eles se olharam em silêncio, mantendo as mãos unidas como se fosse a coisa mais normal do mundo. Talvez começasse a ser. A calmaria pairando sobre eles não era mais constrangedora, tornou-se ansiosa, como se esperassem, nervosos, o próximo gesto um do outro. Theo poderia ficar ali por horas se não fosse disperso por outro trovão, mais próximo e violento que os anteriores.

Em questão de minutos o tempo havia fechado, cobrindo o céu — antes um típico céu de primavera — com nuvens acinzentadas e um vento que parecia trazer pequenos cristais de gelo consigo.

— Droga, preciso ir. — Ela se afastou. — Meu namorado literalmente me deixou aqui e foi embora, então…

— Você... — Ele coçou a nuca, sem saber porque estava tão desconfortável. — Não sabia que estava namorando.

Amália franziu o cenho, parecia estar refazendo suas falas para ter certeza que tinha dito aquilo. Ele colocou as mãos nos bolsos do jeans, alternando o peso do corpo de um pé para o outro; é claro que em um momento sua tagarelice revelaria demais, mas não era isso que o incomodava, e sim a sensação estranha no peito.

— Eu tenho. — Ela deu um sorriso sem graça. — Pedi que ele me trouxesse aqui, bom, ele realmente me trouxe, e só. É meio esquecido.

— Ele é um imbecil. — Sua voz saiu dura.

Por que Theo estava tão irritado com essa merda de informação? Nem ele sabia, só o que sabia é que passou a vê-la com outros olhos naquele momento, olhos muito mais cuidadosos.

— Vai pra onde? — perguntou.

— Pra academia de arte, tem uma tela me esperando.

Ela deu um passo atrás, e mais outro. Ele alternou o olhar entre ela e o céu carregado prestes a desabar. Amália ia pra academia, *aquela* no extremo oposto de onde estavam agora.

— Acha que vai conseguir chegar antes da chuva? — A preocupação transpareceu no modo como falava.

— Tenho que chegar, por isso preciso correr.

Amália se despediu com um sorriso constrangido e saiu pelo gramado. Theo a viu distanciar-se cada vez mais, e a ideia de que ela fosse embora o afetava de uma maneira que não o agradava. Ele sentia uma erva daninha crescendo em seu peito e não existia veneno algum que pudesse contê-la. Mais do que isso, a imagem da garota ensopada e com os lábios — antes rosados e perfeitos — roxos e trêmulos de frio era perturbadora.

Para sua sorte, ou azar, ele nunca pensava antes de tomar uma decisão.

— Amália — gritou. — Espera!

Ela interrompeu o passo e se virou. Ele deixou o irmão para trás — ou o que sobrou dele — e correu até ela, aproveitando todos os segundos antes de recobrar a razão.

— Quer que eu te leve?

— Me levar?

— Te dar uma carona, idiota. Você não vai conseguir andar nem até o ponto de ônibus mais próximo. Não tem nada por aqui.

Amália apertou o dedo machucado, analisando a proposta, no mínimo, surpreendente. No fundo da mente de Theo, a parte mais esquecida dela, ele desejava que ela aceitasse, e essa espera parecia sufocá-lo; mas diferente da sensação paralisante das crises de pânico, era brando e ao mesmo tempo, pesado.

Brando pela forma como, inexplicavelmente, ela parecia tirar todo o peso do seu corpo enquanto o observava com os olhos estreitos, parada e delicada; porém, pesado por ele dar às costas a lápide de Benjamin, brincar de flertar com ela bem na frente dele, embora naquele momento, minutos atrás, ele havia esquecido que estava num cemitério. Naquele cemitério.

Assim era a sensação de encarar a garota pela qual tinha repúdio, os cabelos curtos, o dedo que ela apertava, embalado no curativo que, segundo antes, estava em suas roupas: boa e dolorosa.

— Tudo bem — ela disse. — É melhor do que chegar lá pingando.

Ele soltou o ar dos pulmões e sinalizou para ela continuar o caminho, despedindo-se do irmão internamente para segui-la. Andaram entre as lápides com pressa, em silêncio, até chegarem aos portões do cemitério. Somente quando tocou a lataria preta da moto Theo se deu conta que estava sozinho.

Amália continuava parada próxima a grade enferrujada, mais temerosa do que nunca.

— Você não vem?

— Não tá pensando que eu vou subir nessa moto e sair por aí com você, ou tá?

— Qual o problema? — Mostrou-se impaciente.

Ela abriu os braços como se fosse a pergunta mais estúpida do mundo.

— Eu fui atropelada por ela! Seria meio hipócrita da minha parte aceitar.

Theo deu de ombros, subiu no veículo e tirou o apoio do chão.

— Como quiser, anjo. Você pode ir a pé e chegar lá ensopada, com a roupa toda transparente — provocou. — Ou pode parar de frescura e subir logo na porcaria da moto antes que eu mude de ideia.

Amália comprimiu os lábios, olhando para todas as direções possíveis, menos para ele. Cedeu depois de um tempo e cruzou os braços.

— Não tem capacete — observou.

— Pode usar o meu. Sei como voltar pra São Francisco sem pegar a rodovia.

— E você? Se sofrermos um acidente vai morrer.

— Mas você não. — Ele a ofereceu o capacete. — Tá bom assim?

Ela pensou primeiro, como sempre. Theo sabia que ia aceitar no fim, mas vê-la lutar contra a própria indecisão era hilário. Ele girou a chave na ignição, o ronco forte do motor acendeu. Amália suspirou, aproximando-se para pegar o equipamento.

— Não acredito que esteja fazendo isso — reclamou para si mesma.

A garota colocou o capacete, tendo dificuldade em tirar os cabelos do rosto. Em algum momento — e ele não sabia qual — ela deixou de parecer um desastre. Theo a chamou para perto, e assim que o fez, ele fechou a trava de segurança abaixo de seu queixo pela primeira vez em um ano inteiro.

— Tudo bem? — perguntou. Ela assentiu.

Depois de subir na moto, Amália passou os braços ao redor da cintura de Theo, agarrando com força a barra da jaqueta com ambas as mãos.

— Você vai dirigir a dez por hora! — ela gritou, mas sua voz soou abafada por trás da viseira fosca.

Ele não respondeu, apenas sorriu de orelha a orelha. Ao senti-la o apertar com mais força, uma sensação — bem familiar, aliás — tomou conta do seu corpo.

Não era adrenalina.

14 - boas mentiras



“Mas estes são os dias que nos unem, para sempre
E essas pequenas coisas que nos definem para sempre, para sempre
Todo esse sangue ruim aqui, você não vai deixá-lo secar?
Acabou há anos, você não vai aceitar?
***Bad Blood,* Bastille**

Phil estacionou o carro em frente à garagem da casa após incontáveis horas de trabalho, apenas uma luz no segundo andar estava acesa. O motor cessou e ele se permitiu contemplar o silêncio do dia, o sol estaria se pondo naquele momento se não fossem as nuvens cinzentas que o transformaram em noite. A ideia de ficar no veículo era tentadora como em todas as outras vezes que parava diante da nova casa.

Sabia da vida que o esperava, e não era mais a mesma.

Os cômodos estavam na mais completa apatia, nenhum sinal de conversa jogada fora. Subiu as escadas com o peso do dia desmoronando a cada degrau; no quarto, ouviu o som acolhedor do chuveiro ligado junto ao perfume do shampoo de Vanessa. Ele sentou-se na cama assistindo os pequenos detalhes que o traziam uma paz enganadora. Não duraria para sempre.

Ela saiu do banheiro após o que pareceu uma eternidade. Usava sua camisola de seda preta ganhada no último aniversário, e uma toalha enrolada nos cabelos molhados. Parecia mais jovem a cada dia.

— Meu Deus! — Ela se sobressaltou ao vê-lo, a mão pousada no peito. — Podia ter avisado que estava aqui, quase gritei.

— Perdão, não quis assustá-la.

Phil se levantou e lhe deu um beijo carinhoso nos lábios, sua pele

quente cheirava a sabonete líquido de rosas.

— Não adiantou muito — brincou, desenrolando a toalha da cabeça.

Vanessa voltou ao banheiro para pentear-se frente ao espelho. Ela possuía um ar sereno e calmo, tudo o que ele precisava. Phil a seguiu para abraçá-la por trás, fitando seus reflexos embaçados.

— Você não parece nada bem — ela comentou.

— Não poderia estar melhor.

— Uau, *tão* sério. — Ela se virou para ele, escorada na pia de mármore. — Devo fingir que acredito?

Ele assentiu. A mulher tocou seu rosto, ela nunca se incomodava em ser espetada quando a barba começava a crescer, muito pelo contrário, parecia gostar da sensação. Ele poderia ficar imerso naquela utopia para sempre se não fosse disperso pela vida real.

Uma gota grossa de chuva caiu no telhado, seguida de outras.

— Onde está o Theo? — perguntou.

— Não o vejo desde que saiu essa manhã. Por que?

— O Saliere não abre sexta à noite, onde ele se meteu com esse tempo? — perguntou a si mesmo, em seguida soltou Vanessa.

Phil andou até a cama e pegou o celular para discar o número do filho, mas o aparelho foi tirado de sua mão e colocado na mesa de canto.

— Ele deve estar na Linda — ela explicou. — Agora me fala, o que aconteceu?

Ele desabou sobre a cama com Vanessa ao seu lado, apreensiva. Não era fácil mentir para alguém que estava tão envolvido quanto. Ele virou o rosto para ela, pesaroso.

— Hannah me ligou hoje.

Vanessa empalideceu, mantendo os olhos presos no carpete felpudo.

— Disse que precisa falar comigo — ele continuou. — Era importante, do meu interesse, segundo ela.

— Deus… E você vai? — Ela levantou o rosto.

Os olhos de sua mulher ficaram marejados. Phil conseguia identificar cada sentimento estampado — dor, desespero, medo, raiva — pois era o que sentia, sem tirar nem colocar, exatamente igual; mas diferente dela, depois de tantos anos, ele havia aprendido a escondê-los. Ele desviou o olhar para não vê-la, mais uma vez, tão indignada. A voz de seus pensamentos se tornava mais alta conforme a chuva aumentava lá fora, e pensou onde Theo estaria

naquele momento. Com Linda? Um amigo qualquer? Sozinho? *Com Hannah.*

Phil saltou da cama para afastar aquela ideia, e se virou para Vanessa.

— O que espera que eu faça?!

— Dê um basta nisso! Ela vai arrancar todo o seu dinheiro, e pior — ela se levantou —, tudo por nada, vai continuar fazendo da sua vida um inferno!

— Dane-se o dinheiro, isso não me interessa…

— Não importa! Não é só seu dinheiro, é do seu filho também. Que você conseguiu passando noites inteiras trabalhando enquanto ela estava pelo mundo fazendo sabe-se lá o que!

Ele deu um passo em sua direção, mas ela recuou.

— Não! Para. — Ela ergueu a mão, em seguida fez uma longa pausa. — Isso que ela está fazendo não é mais uma *chantagenzinha* barata, é uma ameaça. Da forma mais baixa e sem caráter.

— E você acha que eu não sei? — Ele ergueu os ombros, rendido. — Mas o que vou fazer se ela decidir dar um fim nisso?

O silêncio se estendeu. Os dois sabiam a resposta, mas não tiveram coragem de dizê-la, temendo que a casa tivesse ouvidos e guardasse aquela informação nas dobras do papel de parede, esperando para revelá-la.

Amar alguém às vezes era difícil, exigia segredos que não eram capazes de guardar como gostariam.

— Isso é cruel. — A voz de Vanessa surgiu como um sussurro contra a chuva no telhado. — O que fazem é… doloroso.

— Já me acostumei com a dor.

— Não me referi a você.

Ela suspirou, foi até a janela e apoiou as mãos no parapeito, assistindo os pingos descerem preguiçosos pelo vidro. Um breve clarão cortou o céu quando Phil se aproximou; ele sentia sua rigidez, seus pequenos músculos afetados por ser obrigada a sustentar um peso que não era seu, trazido de um antigo relacionamento do qual não dizia respeito algum. Ele afastou os cabelos úmidos e deixou um beijo na curva entre seu pescoço e ombro.

— Você sabe que não estou em condições de negar — sussurrou contra a pele morna.

— Eu sei. — Ela se virou para ele, meneando a cabeça. — É por isso que dói tanto. Não consigo te ver de mãos atadas todo santo dia.

— Já aprendi a lidar com isso. — Ele deu um leve sorriso. — Sou

muito profissional.

Vanessa o acompanhou na brincadeira, aconchegando-se em seus braços fortes. Permaneceram em silêncio até o choque da notícia se dispersar, apenas com o eco da chuva como melodia. Aquilo parecia um conto de fadas, um minúsculo ponto de luz e esperança no meio da escuridão eterna, ele poderia abraçá-la por horas, mas melhor do que isso seria não poder envolvê-la. Era assim há mais de um ano, quando ele, seus filhos e sua mulher trocavam abraços mútuos, tornando-o pequeno demais para alcançar todos de uma vez.

Após um tempo, ela afastou o rosto e o fitou.

— Eu admiro muito o homem que você é. Não sei como conseguiu suportar isso por tanto tempo.

— Às vezes penso como teria sido se tivesse feito outra escolha, como as coisas estariam agora. Talvez eles não sofressem tanto, talvez… — Ele segurou o rosto dela entre as mãos. — Nunca me perdoei, Vanessa. Agora é tarde demais para isso, não vou suportar se…

Não conseguiu falar aquelas palavras em voz alta, se ficassem ocultas talvez nunca se concretizassem.

— Não vai acontecer. — Vanessa arrumou a bagunça nos cabelos do marido com os dedos, convicta no que dizia. — Você vai falar com a Hannah e dar tudo o que ela quiser, o quanto quiser.

— Minha vontade é mandá-la para o inferno.

— Já fizemos isso — ela brincou. — Vai dar tudo certo, e mesmo que não dê, tenho certeza que ele entenderia. Theo ama você.

Phil sentiu uma saudade avassaladora do filho. Seu humor ácido, os palavrões em ocasiões inadequadas, o cobre escuro de seu cabelo contrastado com a paleta de cores frias da casa.

— Ele me suporta, é diferente. E no fundo sei que tem razão, vocês dois tem. Eu sou um péssimo pai.

Vanessa se desvencilhou do marido com uma cara fechada. Pegou um creme hidratante no banheiro e, sentada na cama, o distribuiu pelos braços; em instantes o perfume doce tomou conta do quarto.

— Só porque ele não diz, não significa que não sente. — Ela parou a atividade para olhá-lo. — Ele está por aí agora, pensando e sentindo coisas que não vai simplesmente chegar e falar.

— Quais são as ordens, então?

— Acho que já disse. Converse com ele… Fale e *escute.*

Phil concordou. Ela tinha toda razão, como sempre, sua sabedoria levava à obediência.

Ele saiu da janela, tomou a embalagem da Victoria 's Secrets dela e se abaixou em sua frente, como se lesse seus pensamentos, Vanessa estendeu a perna nua. Phil estava sempre disposta a servi-la, a qualquer momento, e só o que havia na mente agora era a pele sedosa da mulher de sua vida.

— Por que não a conheci antes? — indagou ao massageá-la.

— Você me conheceu na hora certa. — Ela o puxou pela gola da camisa, sustentando o corpo dele sobre o seu — Nem muito cedo, nem muito tarde. No tempo perfeito.

Eles trocaram beijos ardentes como se estivessem de volta à adolescência. A cama King Size se tornava pequena para tudo o que queriam fazer.

15 - efeito borboleta



“Porque está muito frio
Para você aqui e agora
Então me deixe segurar
Suas duas mãos nas mangas do meu suéter”
***Sweater Weather,* The Neighbourhood**

— Sua vez de agradecer, não acha?

A voz de Theo foi encoberta pelo barulho da chuva torrencial. Devido à sua insistência em correr — mesmo com a gritaria de Amália na garupa — foram pegos pela garoa cortante cerca de três quadras antes de chegarem, e agora estavam abrigados debaixo da pequena cobertura da academia enquanto o mundo desabava ao redor. Apesar das roupas estarem apenas úmidas, ou nem isso, o vento na pele parecia vir de algum dos polos do planeta.

— Tudo bem, obrigada — ela agradeceu. — Eu ia chegar aqui igual a um picles em conserva.

Amália mal conseguia falar de tanto frio. Theo era capaz de aguentar o frescor na pele, mas ela não tinha alternativa a não ser sofrer com outra escolha de roupas curtas, mantendo os braços ao redor do corpo em busca de calor. Seus lábios estavam brancos e tremiam constantemente. Ele tentou evitar quando estava longe, mas agora, de tão perto, era impossível tirar os olhos da roupa colada, revelando todas as curvas possíveis e com as quais talvez sonhasse, caso dormisse.

— É melhor você entrar antes de virar um picolé.

Theo abriu uma das portas e Amália fugiu para o interior do prédio. Após entrarem, sem nem pensar direito, ele começou a tirar a jaqueta do corpo.

— O que tá fazendo?

— Veste isso ou vai congelar.

Ele estendeu a roupa para ela. Amália franziu o cenho como se não estivesse certa do que acabava de ouvir, mas logo em seguida — talvez pelo frio ou pelo semblante impaciente dele — concordou. Theo passou a jaqueta por seus braços arrepiados, arrumando o capuz em suas costas.

— Devo agradecer isso também? — Ela sorriu pelo canto dos lábios.

— Não… — Não foi capaz de formar uma resposta sarcástica e maldosa enquanto fechava o zíper até o fim. — Só fica quietinha, tá bom?

Seus rostos estavam tão próximos quanto o aroma que saía de suas bocas e se misturavam no ar. Após garantir que Amália não sofreria uma hipotermia, Theo colocou as mãos dela para dentro das mangas da blusa e as levou até os lábios, encarando-a enquanto o vapor de sua boca aquecia a ponta dos seus dedos frios. Naquele momento ele era incapaz de quebrar a conexão na qual seus olhos se encontravam. Uma contrapartida de esmeraldas e pedras de sárdio.

Havia uma diferença gritante, pois Amália tinha uma cara de outono. Era fria, suave e acolhedora. Já Theo, com seus cabelos escuros e voz afiada, era puro verão. Quente, vinha forte.

— Acho… — ela começou em um fio de voz. — Vai esperar a chuva passar pra ir?

— Você quer que eu fique? — perguntou, roçando os lábios em sua pele.

A resposta dela foi aceno humilhantemente minúsculo de cabeça. Ele quase sorriu, e se não fosse pelo resquício de racionalidade que lhe sobrou, teria beijado suas mãos.

— Só porque ia me sentir culpada caso algo acontecesse — completou.

— Então eu fico.

Sem dizer mais nada, ele fechou a porta e deixou a chuva para trás.

Estavam em um comprido e amplo corredor com salas laterais, e no fim um espaço ainda maior, cercado por portas de vidro e janelas sofisticadas. Cada detalhe remetia aos museus antigos: o tom sépia das paredes, as lâmpadas amareladas envoltas por lustres dourados, até o silêncio educado. Cada canto gritava arte. Linda teria adorado.

— Cada sala é uma coisa: teatro aqui. — Amália apontou uma sala à

esquerda. — Música do outro lado, e lá no fundo fica o estúdio.

— É lindo pra cacete. — Seus olhos correram pelo ambiente, fascinados.

— A mensalidade também é.

Reconhecendo o tom irônico, o que era raro para ela, Theo lhe deu atenção. Uma garota loira saiu de uma das salas com um guarda-chuva aberto em mãos, cumprimentou Amália de esguelha, e depois de conferir Theo dos pés à cabeça, saiu correndo na chuva torrencial.

— É por isso que tá procurando emprego? — perguntou.

— É, bem… — Ela escondeu uma mão no bolso da jaqueta e coçou os cabelos com a outra. — Eu não moro no Pacific Heights.

Só isso já dizia tudo. Ele soltou uma risada rígida, imaginando como ela sabia da sua mudança de endereço; a resposta não veio, mas essa familiaridade trouxe um incômodo ao corpo. O que mais ela sabia?

— Ei! — Amália o chamou. Já havia avançado alguns metros pelo corredor enquanto ele divagava nas próprias maluquices. — Você vem?

Caminhou junto dela até o estúdio arejado, ocupado apenas por dois garotos trabalhando atrás de um cavalete, entretanto, parou antes de cruzar as portas de vidro, hipnotizado pela parede lateral coberta por dezenas de telas. Distribuídas do teto ao chão, as obras, em sua maioria releituras impecáveis de pinturas famosas, estavam envoltas por molduras douradas, entalhadas com curvas e desenhos complexos. Abaixo de cada uma ficava uma pequena placa com o nome do artista e uma data.

— Ah é. Esqueci que também tem uma alma artística. — Ela parou ao seu lado. — Lembro dos seus desenhos, eram muito bons… Você podia me desenhar.

— Nem se me pagassem.

— Idiota.

Ele riu sem tirar a atenção da parede. Pelo canto dos olhos pôde notar que Amália continuou a observá-lo.

— São as obras mais bem avaliadas de cada ano de exposição. Geralmente quem vai pra essa parede acaba tendo muito prestígio. Pra um artista amador, é claro.

— E você? Não acho que seja muito boa — ele provocou, sorrindo de lado.

— Acho que eu posso ser *muito boa*.

Theo deu um sorriso sorrateiro e passou a procurar no oceano de telas alguma obra que remetesse às suas meias acima dos tornozelos. Goya, Soyer, Renoir, Munch. No meio deles, parou e apontou uma tela na penúltima fileira.

— Vermeer. Moça com Brinco de Pérola.

— Não acredito! Acertou, como sabia?

— Fácil. — Ele deu de ombros, orgulhoso. — Dá pra ver pelos traços, suas pinceladas são mais firmes, usa cores neutras.

— É sério?

— Aham, e tem mais.

Com ar de mistério, ele sinalizou com os dedos para que Amália chegasse mais perto. Quando ela se aproximou o suficiente para roçar a bochecha em seu ombro, ele sussurrou em seu ouvido:

— Tem o seu nome escrito.

Amália lhe deu um tapa no ombro.

— Argh, não tem graça. — Cruzou os braços. Suas mãos nadavam dentro da manga do casaco — Não sei porque ainda te dou atenção.

— Mas falando sério agora — ele enrijeceu a voz —, você tem talento. Sua tela nessa parede é prova disso, e eu não estava brincando, você é muito marcante.

Mais alguém passou por eles — dessa vez da sala de teatro — indo para as portas duplas, fato que impediu que Theo visse o quanto os olhos de Amália brilharam. A chuva já não estava tão forte, mas ele preferiu ficar onde estava: no cenário de O Fantasma da Ópera, com frio e ansioso, vendo-a aquecida dentro de sua roupa.

— Pensei que poderia ganhar esse ano, mas… — Ela parou. — Fui uma idiota.

— Do que tá falando? — ele insistiu.

— Agnes, lembra dela?

Theo assentiu. Agnes Cohen estava em primeiro lugar na longa lista de pessoas que gostariam de jogá-lo na fogueira, tudo graças ao irmão de pinto pequeno. Após o acidente de Benjamin, a rixa entre ele e Noah — irmão mais velho de Agnes — se intensificou; quando o infeliz continuou a fazer as péssimas piadas ácidas sobre Ben, ele não viu outra alternativa a não ser quebrar seu nariz em pleno refeitório, usando a bandeja dos pratos. Não se arrependia.

Ele a ouviu desabafar em uma confusão de gestos e imitações hilárias de vozes até as lágrimas começarem a descer em peso por seu rosto. O brilho em suas pupilas aumentava sempre que falava da exposição, e desaparecia rápido demais quando a realidade da tela roubada vinha à tona. Ela sofria, e ver aquilo era doloroso.

— Sempre soube que essa vadia não prestava. — Ele cerrou os punhos. — Minha vontade agora era de arrancar toda aquela maquiagem no tapa.

— E você vai bater numa mulher?

— Eu não, mas *você* deveria.

Amália riu e enxugou o rosto.

— É tentador, mas não vou perder meu tempo. Comecei outra tela, que aliás… bem, é por sua causa.

Theo não tentou evitar a malícia em seu sorriso.

— Uau, anjo… Você tá fazendo uma tela pra mim?

— Não é bem assim.

— É em minha homenagem? — Abriu os braços.

— Não Theo! Para, eu… que droga. — Ela passou as mãos nos cabelos, nervosa. — Foi graças a algo que você me disse. Sua fala me inspirou pra fazer uma releitura todinha autoral que vai deixar minha tela… — Balançou a cabeça. — A tela da Agnes, no limbo do mundo artístico.

Theo a escutava como o acústico de *Love of My Life* em um porão vazio. Nada poderia ser tão harmônico. Apesar disso, ele não enxergava nela mais nenhuma grama de felicidade.

— Se já tá pintando outra tela, por que continua bolada desse jeito?

— Porque não vou conseguir terminar a tempo pra exposição! — Seus olhos encheram de novo. — Faz uma semana que tô tentando só desenhar e ainda parece uma arte rupestre, quando não deveria.

— Posso desenhar pra você.

O queixo dela foi ao chão, em êxtase, parecendo estar diante de Leonardo Da Vinci em pessoa.

— É sério? Você jura mesmo? Jura de dedinho?

— Eu jur…

Amália pulou em seu pescoço e o abraçou. Theo cambaleou para trás, quase perdendo o equilíbrio, mas sorrindo como um idiota enquanto ela despejava agradecimentos em seu ouvido. Ele não entendia a maioria deles,

preocupado demais em sentir o corpo junto ao seu; no momento em que tomava coragem para envolvê-la com os braços, ela se afastou.

Longe novamente, eles puderam encarar um ao outro por um segundo constrangedor.

— Desculpa, eu… — Ela agitou a cabeça, depois sorriu. — Vem, a tela tá lá no fundo.

Ela segurou sua mão e o puxou para dentro do estúdio.



— Que merda você tentou fazer aqui?

— Acha que consegue?

— Se eu não me perder nessa zona de rabiscos… — Ele virou o rosto, sorrindo para ela. — Vou dar um jeito.

Amália correu de volta para a sala de materiais. Uma confusão aparente tomou o rosto de Theo no mesmo instante. Ele não tinha a menor noção do que era aquilo.

Observava a tela sobre a mesa tentando decifrar o que cada linha disforme significava, mas no fim acabou constatando, somente, que ela deveria ficar só na pintura. Mas uma coisa tinha que admitir: era uma ideia do caralho.

Diferente da obra original de Michelangelo, o Deus perfeito e divino foi substituído por uma figura andrógina, inserida no centro de uma massa pálida. Segundo Amália, o cérebro vazio da morte, destino com o qual o homem já estava fadado desde a sua criação, como um ciclo infinito.

Não havia Deus, apenas morte. Era assim que Theo compreendia também.

— Acha que isso dá?

Theo se virou ao ouvi-la. Amália trazia uma pequena caixa de madeira abarrotada com materiais de desenho sujos de tinta e a deixou na mesa ao lado do quadro.

— Só preciso de um lápis. Mas com uma condição.

O sorriso dela se desfez. Ele deu um passo em sua direção, mantendo as mãos unidas nas costas.

— Quero meu nome na tela — sentenciou, simples e direto.

— Ficou doido?! — Ela forçou uma risada escandalosa, digna das

vilãs de contos de fadas. — Pode esquecer, *eu* sou a artista.

— Mais do que isso, quero pintar com você. E pelo que já percebi, precisa de uma dupla. Ou tô errado? Então eu vou ser sua dupla, é isso ou pode continuar com essa arte rupestre. Você decide.

Amália só faltou explodir de ódio, servindo apenas para aumentar ainda mais o ego de Theo. Ele desceu os olhos até seus lábios, e estava próximo o suficiente para tocá-los. Ou mais do que isso.

— Desse *tamanhozinho* aqui. — Ela levantou a mão, unindo o polegar e o indicador num espaço mínimo entre eles. — Ouviu? Você vai assinar assim.

— Se você diz.

Após ganhar mais uma, ele começou a desenhar.

Amália se sentou na mesa ao lado da tela, e Theo permaneceu de pé, seguindo à risca as instruções que ela insistia em reforçar a cada segundo. Os alunos presentes na sala acabaram cedendo à tempestade e também foram embora, deixando-os sozinhos dentro do estúdio. Ele não sabia até que horas ficavam abertos, mas considerando a tranquilidade com a qual ela balançava os pés no ar, constatou que ainda tinham muito tempo. Até demais. Theo sentia o olhar da garota queimar em sua nuca exposta e sobre cada linha que traçava na tela; devido a isso — por saber que seus grandes olhos esverdeados o acompanhavam a cada movimento — ele constantemente fazia um traço a mais, errava uma curva, deslizava o grafite um milímetro fora do que deveria, e não sabia por quê.

Estava acostumado à confiança, a ter tudo sobre seu instável controle. Até aquele momento.

— Tinha me esquecido o quanto você é bom nisso — ela comentou após Theo terminar o esboço inicial, deslizando os dedos pelos traços fracos.

— É, modéstia a parte, não tem nada que eu não consiga fazer — garantiu de queixo erguido.

— Já tentou ser menos egocêntrico?

— E você já tentou se dedicar mais no que faz?

Amália franziu o cenho. Ele abriu os braços para indicar toda a extensão do estúdio vazio.

— Você paga uma fortuna nesse lugar, reproduz Vermeer tão melhor quanto a obra original e não consegue fazer a porcaria de um esboço? — Escorou o quadril na mesa, colado na garota. — Chamo isso de

incompetência.

— Pintura e desenho são coisas bem diferentes. Pra mim são extremos opostos, como eu e você.

Sua voz adocicada parecia provocá-lo. Amália mantinha os braços para trás, apoiando o corpo reclinado na mesa enquanto suas pernas brincavam despretensiosamente no ar. Theo sentia seu joelho roçar ao dela a cada movimento, as reações que esse mero toque causava já não eram, assim, tão negativas.

— Não diria isso. Me arrisco a dizer que nós estamos nos entendendo… — Ele fez uma pausa, diminuindo o tom de voz. — *Muito* bem.

Ela engoliu em seco e depois de um extenso contato visual, desviou o olhar.

Em outra ocasião, aquelas poucas palavras significariam “deita nessa mesa que eu vou te comer até você pedir pra parar”, seria o momento perfeito: ambiente vazio e chuva alta o suficiente para abafar os gemidos. Mas Theo adorava dualidades. Diferente do que se passava em sua cabeça doente — doente pelos pensamentos, por permitir que ela estivesse presente neles e por ter plena consciência do quanto era errado — ele abriu um sorriso amplo.

— Quem sabe não te ensino a ser uma artista de verdade algum dia? — provocou. Estava gostando demais daquilo para o seu próprio bem.

Amália revirou os olhos tão profundamente que ele pensou nunca mais vê-los de volta ao lugar, mas havia uma certa felicidade neles. Theo deu atenção ao esboço e ela se ocupou em armar o cavalete ao seu lado, preparar as tintas e pincéis. Com o céu limpo outra vez, o silêncio tomou conta do estúdio.

— Já tá terminando? — ela perguntou depois de um tempo.

— Daqui a pouco, por acaso tá com pressa?

Ele a vislumbrou pelo canto dos olhos assumir o posto de antes, escorada na mesa ao lado da tela. Dessa vez, um pouco mais longe.

— Eu não, mas achei que você estivesse.

Diante do sentido amplo das palavras, e principalmente, do tom de voz indiferente, ele levantou a cabeça para olhá-la. Amália cruzou os braços e deu de ombros.

— É sexta, eu pensei que… Não sei. — Ela bufou, suas bochechas

pareciam dois balões rosados. — Ia querer ter uma noite animada.

— Eu tô tendo uma noite animada.

— Não, quis dizer *animadamente* falando. Sabe, com uma das suas… amigas, daquelas que quando tudo acaba vocês nunca mais se vêem.

Theo largou o lápis. O comportamento dela — a forma como fingia analisar as cutículas da mão, ignorando-o de maneira exagerada e a ênfase na palavra "amiga" — compunha uma imagem perfeita. Ele sentiu algo bom e estranho sob o jeans.

— Se eu não te conhecesse — abriu um sorriso perverso —, poderia dizer que tá com ciúme.

— Ha ha, eu prefiro morrer.

— Ah, amorzinho, não diz isso. — Ele mordeu o lábio inferior, usando sua típica expressão de cafajeste magoado.

— Sinto muito, Theo Allen Anderson, mas não são todas as garotas do mundo que querem você. Pode ir se quiser. — Ela balançou a mão, coberta pela manga da blusa, em direção à saída do prédio. Parecia o *Slander Man* dentro daquela jaqueta de braços gigantes.

Ele assentiu lentamente com os olhos presos nela. Amália não falava a verdade, era visível através dos pés inquietos. Theo pegou o lápis de volta sem dizer nada.

— Não acredito! — Ela arregalou os olhos. — Você não vai?

— Não, Amália. Vou ficar com a gatinha que não me quer.

— Se bancar o difícil com elas pode acabar perdendo.

— Eu nunca perco.

Amália soltou um "uau" pelos lábios rosados. Ele estava tão próximo que pôde sentir o hálito quente.

— Você se orgulha disso? — Ela saltou da mesa e pegou a tela incompleta para colocá-la sobre o cavalete.

— Tá falando do que? — perguntou, seguindo-a com os olhos.

— Do que faz com as garotas — respondeu sobre o ombro.

Theo riu tanto que chacoalhou os ombros. Teve que esperar alguns segundos para tomar fôlego e recuperar a fala, respirando profundamente.

— E o que eu faço com elas, meu anjo?

— Você as usa. — Ela se virou. — Isso não é tão engraçado. Tenho certeza que muitas delas só fazem o que fazem porque esperam dormir de conchinha depois.

Apesar da chuva ter cessado lá fora, o céu clareou por segundos, seguido do estrondo de um milhão de objetos metálicos quebrando ao mesmo tempo. Amália tremeu no lugar como se pudesse ser atingida pelo raio, e mesmo se pudessem, nada seria mais elétrico do que aquilo que sentiam no peito. Theo esperou o fim do barulho e chegou mais perto dela.

— Nunca enganei ninguém. Nunca prometi café na cama e todas sabiam disso.

— Não importa.

— Elas aceitam porque querem e porque são donas da própria vontade. É uma via de mão dupla. Se eu gozei, eu faço gozar. — Ele arqueou as sobrancelhas. — Sabe o que é isso?

Amália semicerrou os olhos.

— Você não é o único que tem vida sexual. — Ela colocou o dedo indicador em seu peito. — E acredite ou não, sei muito bem como enlouquecer um homem.

— Meus parabéns, sorte deles… Mas eu me referi à reciprocidade.

Theo afastou o toque dela do seu corpo, mesmo que sua vontade fosse outra, e pegou o recipiente aberto com óleo de linhaça sobre o cavalete.

— Vamos terminar logo com isso antes que eu me arrependa.

— Tá, tudo bem. — Ela se rendeu, tentando deixar o constrangimento de lado. — Me deixa te mostrar como faz.

— Sei muito bem como usar uma tinta. — Ele desviou o objeto quando ela tentou pegá-lo.

— Mas não tanto quanto eu.

— E quem estava dando mil elogios pro meu desenho há dez minutos atrás?

Amália rangeu os dentes, estava tão próxima do seu rosto que, se movesse o corpo um centímetro a mais, acabariam roçando nos lábios um do outro.

Ela agarrou seu pulso com as duas mãos e começou a puxá-lo para si.

— Me dá isso, me deixa… — Ela puxou de um lado.

— Já disse que sei como se faz! — Aumentou a voz, puxando do outro lado.

— Ótimo, então faz!

Quando ele estava pronto para dar o último e mais decisivo puxão, Amália soltou o recipiente. Theo foi impulsionado para trás, desequilibrado, e

caiu sobre o cavalete armado, indo ao chão com o óleo gosmento que acertava em cheio seus olhos. Ele a ouviu gritar, mas sua visão era impelida pela ardência do líquido escorrendo sobre o rosto.

— Ai Jesus, você tá bem? — Ele a sentiu ajoelhar ao seu lado. — Desculpa! Eu não pensei que… ai meu Deus!

Ele tentou abrir os olhos para a fuzilar com uma expressão furiosa, mas sentia as córneas arderem em chamas. Amália não passava de uma forma borrada.

— Cala essa boca e me ajuda a tirar isso! — grunhiu ao tentar se levantar.

Theo foi guiado até o banheiro e, debruçado sobre a pia, encharcou o rosto com a água gelada para limpar mais um estrago feito por ela, mas a gordura parecia impregnada em cada poro, além de parte da camiseta, junto a um cheiro forte de madeira que parecia vir de dentro das narinas. Nem quando cheirava pó seu nariz ficava tão irritado daquela forma. Ele abriu os olhos depois de muito tempo, entre lágrimas involuntárias e piscadelas; ambas as escleras estavam vermelhas e suas pupilas completamente dilatadas, tornando seu olhar tão escuro quanto um buraco negro. Mas sua fúria foi pelo ralo assim que a viu refletida no espelho.

Amália estava parada na porta do banheiro, destruindo as próprias unhas com os dentes. Havia tantas rugas em sua testa que ela parecia uma velha ranzinza. Seu olhar estava banhado em uma tristeza estranha que o sensibilizou.

— Me desculpa — Ela se aproximou. — Não… não fica bravo. — pediu com voz manhosa.

— Não vou ficar. — Se virou para ela sem ao menos se lembrar do acontecido. — Não faz essa cara, por favor.

— É a única que eu tenho — murmurou.

Ótimo, uma piada, ela não vai chorar.

Provavelmente Theo já a havia feito chorar no passado, mas naquele tempo não importava. Não como hoje. Só de perceber que ela poderia fazer aquilo por sua causa, seus músculos enrijeceram. Ele suspirou aliviado e se sentou na beira da pia, os dedos pressionando o olho esquerdo enquanto mantinha o outro semiaberto.

— Relaxa com isso. Só fiquei cego de um olho, o outro consigo enxergar uns 50% — Ele fez uma careta ao tentar abrir o olho machucado. —

Viu?

Um sorriso tímido escapou dos lábios dela.

— Deixa eu te ajudar, tá?

Amália foi até a parede lateral, próxima às cabines, e puxou uma toalha branca suspensa em um dos ganchos. Conferi-la daquela maneira — de costas, o corpo coberto pela sua jaqueta e as pernas nuas — foi como a morte.

— Espera, isso tá limpo?

— É claro que sim, idiota.

Theo recuou o tronco quando ela aproximou a toalha de si, na tentativa de fazê-la esboçar outro sorriso. E conseguiu. Ela revirou os olhos entre a exposição de dentes brancos e sutilmente tortos depois dos caninos, e todo e qualquer sinal de tristeza, para a sorte dele, havia sumido. Ele deixou os olhos fechados enquanto Amália enxugava seu rosto com uma brutalidade intencional, mas cada toque, mesmo áspero e fedendo a sabão em pó, era fantástico.

— Graças a você, agora tô com cheiro de pau — ele comentou.

Ela arqueou as sobrancelhas. Ok, não era uma boa analogia; Theo riu.

— Nem começa. Esse lado safado não é bem a sua cara.

— E qual é a minha cara? — Ela jogou a toalha na pia e afastou a mão que ele mantinha pressionada no olho. — *Deixa.*

Seus dedos desceram juntos até a perna de Theo, apoiada sobre o mármore, brincando numa bagunça gostosa. Amália aproximou o rosto do seu, e por um segundo ele acreditou que ia beijá-lo; diferente do resto da sua vida, onde iniciava todos os contatos, ele *desejou ser beijado.* Como o primeiro beijo da adolescência, quente e confuso. Mas não aconteceu. Ela fez um bico com os lábios, levou as mãos delicadas até seu rosto e abriu o olho irritado.

Ele sentiu o corpo reagir de todas as formas possíveis quando ela assoprou um ar regular em sua face. Suas pálpebras tremeram, teimando em se fechar, mas Theo as manteve abertas para não perder nem um segundo do que jurava ser o mais tentador e glorioso inferno. Não seria preciso percorrer nem dez centímetros para unir os lábios aos dela, tão convidativos quanto nunca.

Não poderia fazer aquilo, mas gostaria tanto que ela o fizesse.

Amália se afastou, mas manteve as mãos sobre ele.

— Quando fez isso? — Ela passou o polegar na pequena cicatriz em sua pálpebra esquerda.

— Caí do skate com dez anos. Tive a brilhante ideia de descer a escada com ele e… — ele assobiou. — Meu pai ficou desesperado, mas depois de ver que eu ainda estava vivo, me deixou de castigo por um mês.

Ela deitou a cabeça em seu ombro e ambos gargalharam até perderem o fôlego.

Theo não costumava rir das lembranças boas. Não gostava nem de relembrá-las, pois o sentimento de saber que não iam mais acontecer se sobressaia à felicidade. Mas agora se sentia nessa obrigação. Ele se calou e recuperou o ar com a respiração da garota batendo na curva do seu pescoço.

— Não acredito. — Ela se levantou, suspirando. — Pelo visto não sou a única maluca.

— Tem razão, eu sou maluco. Agora você é um completo desastre.

Os olhos escuros de Theo encontraram o mar esverdeado que ela tinha no rosto. Ele a encarou de forma tão profunda e por uma fração de tempo se viu com as mãos em sua cintura, puxando-a para um beijo lento. Amália não aguentou a intensidade em seus orbes castanhos e abaixou a atenção para a toalha, onde os dedos brincavam nas linhas soltas.

— Tem pessoas que gostam, sabia? — Ela pendeu a cabeça para o lado, fingindo modéstia. — Seu irmão, por exemplo, adorava.

Claro.

Ele saiu do estado hipnótico e estalou os dedos de maneira sutil.

— Ben não tinha muito bom gosto — ele brincou.

— Não diria isso. Sabe como nos conhecemos? Foi numa festa, derramei todo meu refrigerante nele. Você devia tá escondido com alguma garota nessa hora.

— É bem provável.

— Depois, você sabe — ela continuou com um brilho nostálgico. — Ele ficou encantado…

— Ficou um idiota, você quis dizer.

Ele se defendeu quando ela o agrediu com a toalha, levantando o braço na altura do rosto. Mas não havia hostilidade, nem na história que Theo costumava odiar. Achava que Benjamin era um imbecil por se deixar guiar por ela, mas agora sentia que, se tratando de Amália, talvez não houvesse outro caminho.

— Pode rir ou o que for, mas o Ben me amava. E queira você ou não, a vida dele… — Ela sorriu. — E a sua, nunca mais foram as mesmas depois de mim. Era inevitável, eu fui o Efeito Borboleta de vocês.

Amália foi colocar a toalha de volta no gancho. Suas palavras ficaram paradas no ar, cutucando a mente de Theo.

Efeito Borboleta. Segundo uma conversa filosófica e alcoolizada que ele e Benjamin tiveram com os amigos anos atrás, o bater das asas de uma borboleta no Japão poderia ocasionar um tornado na Europa; foi sem sentido na hora, mas não precisaram ir tão longe para entender. A mudança mais singela em um sistema poderia gerar consequências significativas o bastante para mudar toda uma existência. A decisão de ficar em casa ao invés de ir ao cinema poderia poupá-los da morte, o estudo de uma disciplina extra no colegial seria o divisor de águas para a pobreza e uma vida invejável.

Esconder um segredo de um ente querido poderia livrá-lo de um acidente de carro.

Enfim Theo se identificava. Caso deixasse o hospital um segundo mais tarde naquele dia, não encontraria Amália. Se tivesse escolhido não levar aquele assunto adiante, ou até mesmo se tivesse dado um soco a menos, Benjamin ainda estaria vivo, e ele não estaria ali com ela, no lugar do irmão que, de forma indireta, assassinou. Apesar de todas as curvas que o caminho poderia dar, o destino era sempre o mesmo, e no fim o único Efeito Borboleta possível era a morte.

— É isso!

Ela parou de lavar as mãos na pia e virou o rosto para ele.

— Isso o que?

— Efeito Borboleta.

— Hein?

— O nome da tela, gênia. — Ele andou até ela, parando ao seu lado com a mão escorada na parede. — Sua premissa não é a morte? Você quer algo mais inevitável que ela?

Amália fechou a torneira e agitou as mãos no ar. Theo podia ver as engrenagens trabalhando em sua cabeça, averiguando se era uma ideia boa ou algo tirado do fundo de uma privada. Tudo não deve ter durado menos de dois segundos, pois logo depois uma lâmpada pareceu ter acendido sobre ela.

— Claro… É brilhante!

Sem que ele esperasse, ela ficou na ponta dos pés e deixou um beijo

estalado em sua bochecha. A sensação de seus lábios foi, para ele, estranhamente boa, e o paralisou como o veneno de uma aranha.

— Desculpa — ela pediu, receosa.

— Esquece. — Ele tocou o pequeno rastro de saliva no rosto. — Acho que eu não fui tão ruim assim.

— Não foi. E só pra esclarecer, eu gosto desse perfume… amadeirado.

Ele apertou os lábios um contra o outro para não sorrir como um idiota, mas era inevitável que uma curva se formasse nos cantos. Não foi capaz de tirar os olhos dela, comparado a um animal faminto de olho em sua presa; poderia devorá-la viva ali mesmo.

— Então acho que a dor valeu a pena.

Amália chacoalhou a cabeça como se tentasse arrumar os neurônios no lugar e foi rumo à porta. Antes de sair, se virou.

— Vai ficar parado aí? Temos uma tela pra pintar.

16 - noite estrelada



“Estamos jogando conversa fora
Eu nem sei o que vou dizer
Eu direi mesmo assim
Hoje é outro dia para te encontrar
Me evitando
Eu voltarei para buscar o seu amor, tá bom?”
***Take on Me (Acoustic),* a-ha**

O orgulho quase não cabia em seu peito, e no fundo Amália tinha razão: devia ser menos egocêntrico. Mas ao vê-la tão duvidosa, era impossível.

— Hum, deve ser outro — ela constatou. — Uma lanchonete que serve hambúrguer com banha de porco.

Theo gargalhou e colocou um braço nas costas do banco estofado, displicente.

— Não, senhorita, é o mesmo Saliere. Levo broncas do Henry todo dia. Pode acreditar, eu consigo ser bom em *muitas* coisas.

Reconhecendo a malícia em suas palavras, Amália pegou uma batata frita da cesta e jogou sobre ele. Depois, é claro, voltou a comer.

Passaram longas horas concentrados na pintura em tela, e em meio às brincadeiras de sujarem um ao outro com os pincéis, conseguiram avançar mais do que ela conseguiria com Agnes. Ela terminaria sozinha, mas deixou claro que o espaço para a assinatura de Theo estava reservado. Depois do som das risadas e das cerdas macias sobre o tecido, o ronco do estômago de Amália soou mais alto, e era por isso que estavam numa lanchonete em algum lugar tranquilo do Álamo, comendo uma enorme porção de batatas fritas engorduradas, sem sal e murchas.

A melhor que ele já havia comido.

— Você deve ter subornado alguém pra estar lá. Henry Bianchi tem alguma filha com mais de quinze anos? — Ela fechou o rosto, o sorriso diminuiu. — Sempre quis comer nesse lugar, mas só de passar na Union Square já fiquei com dívidas pro resto da vida.

Ele riu uma vez, era mais triste do que engraçado. Já passava das 11 da noite, os clientes aos poucos se dispersavam, deixando vazias as mesas coladas ao vidro temperado e os bancos vermelhos como num filme colegial dos anos 2000.

— Pra onde vai tudo isso? — ele brincou, curvando o corpo para frente. — Pra seus peitos é que não é.

Amália parou de mastigar e semicerrou os olhos, um tanto constrangida. Levou uma eternidade para que engolisse tudo, mas ele esperou com um sorriso sacana.

— Qual seu problema com seios pequenos?

— E por acaso eu disse que era um problema? Peitos são peitos. Grandes, pequenos… São a nona maravilha do mundo.

— Nona? — Ela apoiou o rosto na mão. — E a oitava?

Theo parou de sorrir e mordeu o lábio, fingindo pensar em uma resposta elaborada.

— A oitava é… — Levantou as sobrancelhas, direcionando o olhar para a mesa. — Um pouco mais embaixo.

Dessa vez ela atirou toda a cesta de fritas.

Ele saiu da lanchonete com Amália sem vontade alguma de subir na moto e deixá-la em casa. O céu estava tão limpo que o fazia duvidar da tempestade de horas atrás, como se as estrelas tivessem saído apenas para assisti-lo quebrar a cara.

Após alguns minutos andando sem propósito pelo fraco comércio do Álamo, ela começou a insistir no porquê dele amar tanto a gastronomia. Amália conseguia ser irritante quando queria e quando não queria.

— Quando tô no Saliere não é como nos outros empregos, onde contamos os minutos pra dar o fora. Eu aproveito cada segundo. — Pelo canto dos olhos, ele a viu observá-lo como se quisesse que continuasse a falar. Não pôde deixar de sentir o peito crescer. — Tem o barulho das panelas, o calor do forno, a adrenalina de entregar o melhor prato em pouco tempo…

Theo parou e ela fez o mesmo, equilibrando-se sobre o meio-fio como uma criança.

— Nunca tenho o controle de nada, mas quando tô na cozinha sei que tudo vai ficar exatamente como eu quiser. — Ele abriu os braços e gritou: — Eu sou Deus!

— Shh! — Ela tapou sua boca com a mão coberta pela blusa. — Fica quieto. Você tá bem longe de ser uma figura divina.

Ele afastou o rosto de seu toque.

— Tá mais pra um anjo rebelde — ela continuou, irônica. — Igual aquele que foi expulso do paraíso… Não me lembro o nome.

Ambos riram da brincadeira e continuaram a caminhada. Vez ou outra Amália se desequilibrava e era o dever dele segurá-la, sempre que isso acontecia o contato com sua pele ficava mais elétrico.

— Qual é a obra de arte mais linda que você já viu? — ela perguntou.

— Não é óbvio?

— Não vai me dizer que… — Ela se virou. — Jura?

— Anjo Caído, 1847. Alexandre Cabanel. É controverso?

Ela assentiu, achando graça. Theo conseguia tê-la na altura dos olhos, tão próxima que sentia o hálito fresco da limonada saindo de sua boca, bastava esticar o braço para tocá-la; por isso ele mantinha as mãos nos bolsos da calça, tentado demais para deixá-las livres.

— Pensei que desse pra ver a ironia estampada nos meus olhos.

— Não, Theo. Muito pelo contrário. — Amália fechou o rosto. — Eu não vejo nada, nenhum sentimento. Olho pra eles e tudo o que vejo é… uma confusão muito grande.

Theo desfez o sorriso travesso, incomodado. Abaixou a cabeça e observou o lodo no beiral da calçada com receio de encará-la e ouvir outra triste verdade.

Em algum momento da vida — não sabia ao certo qual — ele já havia sido completo. Talvez a sensação de preenchimento estivesse guardada em seu subconsciente, escondida apenas para torturá-lo com a dúvida de como era ser algo, quando levantava de manhã com a plena certeza que ia ser feliz. Ia ser alguém. Antes, as refeições tinham um gosto a mais, o vento no rosto parecia mais intenso, o sexo era mais gostoso. Não tinha a dor no peito ao ser acordado pelo sol batendo nos olhos e saber que tudo começava de novo, dia após dia. Theo nunca precisou de muito para ser feliz, enquanto tivesse

gasolina na moto e ar nos pulmões, tudo estaria bem; mas Amália estava certa de novo: agora só o que tinha dentro de si era uma eterna confusão, uma busca incessante por algo concreto para ser feliz de novo.

Passar uma tarde chuvosa com pessoas boas, viajar sozinho para muito longe, ouvir um “eu te amo” do pai.

— Eu duvido que você consiga olhar nos meus olhos por mais de um minuto — propôs ao levantar o rosto com um novo sorriso. — Sem desviar.

— É o jogo do “não pode rir”?

Como resposta, Theo segurou o queixo dela e endireitou o rosto angelical na linha do seu.

— Tem que olhar pra mim, só pra mim. Entendeu?

Amália concordou. Ele correu o polegar pelo seu queixo antes de soltá-lo, tentado a acariciar os lábios que ela mantinham semiabertos como um convite indecente.

— E qual é o prêmio? — ela falou baixo.

— Você quer mais do que a sensação de vitória sobre o outro? Não era isso que sempre fazíamos? Competíamos pela atenção do Ben como duas crianças.

— Eu sempre ganhava.

— Só pelo que tem no meio das pernas — rebateu, sua voz tão maliciosa quanto as palavras que havia pronunciado. — Não dá pra competir com isso.

Mesmo sob a baixa luz — apenas a iluminação fraca da rua — ele viu a vergonha estampada em cada poro de sua pele. Theo cravou os olhos nela no segundo seguinte com uma expressão que a faria duvidar, ainda mais, do seu caráter. Era muito bom nisso. Amália relaxou o corpo e deixou os braços caírem livres nas laterais, as sobrancelhas curvadas de uma forma quase impossível mostrava o quão esforçada ela estava sendo para não perder mais uma vez para o seu pior inimigo. Ou pelo menos era isso que Theo pensava enquanto encarava o fundo dos grandes olhos dela. *Ela vai cair na risada em três, dois…*

Gotas de saliva voaram em seu rosto quando ela perdeu a batalha e se rendeu à uma risada esganiçada. Terrivelmente linda.

— Não vale! — Ela deu um tapa em seu peito. — Você roubou, imbecil.

Amália tentou se afastar, pegando um rumo qualquer pela rua vazia,

mas Theo a puxou pela cintura antes mesmo de pisar os pés no asfalto.

— Onde pensa que vai? — Ele se aconchegou às suas costas, envolvendo-a com os dois braços. — Não vai se livrar de mim tão fácil.

— Me solta! — ela ordenou, sorrindo.

— Não vou soltar.

Ela tentou afastar seus braços, mas não iriam ceder. Ele arfava contra a bagunça de fios castanhos conforme ela tentava — mas sem nenhuma vontade genuína — correr para longe. Lutaram até estarem de encontro a uma parede de tijolos vermelhos, onde ele a virou para si, pressionada contra o muro.

— Já falei pra me soltar — pediu com as mãos em seu peito.

— Mas eu não tô te segurando.

Theo mantinha seus braços em torno da cabeça dela, escorados na parede. Em nenhum outro momento seu ego esteve tão grande; Amália não queria sair dali, do seu toque, do contato quente que seu corpo proporcionava. Mesmo após constatar que estava livre, ela permaneceu. E não era pelo frio.

— Viu? Não sou esse demônio que você pensa, pode sair se quiser.

— Você se acha o último frango frito do pote, né?

Ele riu.

— Não é uma das melhores analogias. Mas eu não tenho culpa de ser especial a ponto de ser deixado por último, e consequentemente, ser *tão* disputado.

— Não é tão especial quanto pensa. — Ela fraquejou na voz.

Theo dobrou os braços e diminuiu os poucos centímetros que os separavam. Seus lábios pareciam formigar, implorando para experimentarem o sabor que ela oferecia; poderia ser único, com um leve amargor de pecado e coisas proibidas. Ele adoraria ir para o inferno.

— Tem certeza disso, Amália? — insistiu, concentrando-se em suas pupilas dilatadas.

Ela concordou com a cabeça, sem força para expressar palavra alguma. Ele deslizou a mão esquerda sobre a parede áspera até encontrar o osso de seu quadril, lembrando-se de todas as lingeries de marca, de todas as garotas seminuas e nenhuma delas foi tão tentadora quanto aquela na sua frente, de moletom largo e tênis sujo.

— Eu… Chega.

Amália o empurrou, ofegante, e deu alguns passos para longe.

— Já tá muito tarde, minha mãe deve estar surtando. — Fingiu deboche. — Me leva pra casa agora.

— Ainda nem passou da meia-noite.

— Se seus pais não se importam com você, o problema é seu. Pode ser?

Pelo menos um de nós dois tem limite.

Um segundo a mais e teria se afundado nela: Amália Walsh, corpo delicado, olhos verdes, ex-namorada de Benjamin, ou melhor, grande amor de sua vida. Theo suava debaixo das roupas escuras, mas a umidade em uma parte específica do corpo era diferente. Ele levou os dedos ao peito, sentindo a frieza dos pingentes prateados contra a pele que o despertaram da realidade paralela na qual se encontrava.

Que merda tô fazendo?

— Vamos embora.

Ele saiu na frente e a deixou para trás. Precisava tirá-la da cabeça.

17 - crise na relação



“Eu quero me libertar das suas mentiras
Você é tão egocêntrico, eu não preciso de você
Eu tenho que me libertar
Deus sabe, Deus sabe que eu quero me libertar…”
***I want to break free,* Queen**

Amália se deitou de bruços sobre a mesa, ficando na ponta dos pés. Seus seios pequenos eram esmagados e as pernas balançavam no ar enquanto o esperava.

Ele chegou segundos depois.

Theo passou as mãos firmes por suas costas nuas, uma delas subiu até sua nuca e a pressionou ainda mais contra a madeira fria. Mas ela não se importava, seu corpo estava tão quente quanto uma fogueira acesa. Precisava dele o mais rápido possível.

— Por favor… — ela gemeu ao senti-lo se debruçar sobre seu corpo.

— Shh, quietinha — sussurrou em seu ouvido. — Vou te dar o que quer, você já tá… tão molhada. Pronta pra mim.

Aquelas palavras em sua voz rouca era tudo o que ela precisava.

Amália quase implorou para que ele voltasse quando se afastou, mas não foi preciso. Ela ouviu o tilintar de um botão e depois o ranger de um zíper sendo aberto. Theo se deitou sobre ela novamente e esticou o braço para envolver uma de suas mãos, o gesto a fez sorrir e seus olhos lacrimejarem. Era tão intenso que não cabia no peito.

Ela sentiu os lábios dele em seu ouvido outra vez.

— Eu vou meter em você agora.

Amália mordeu o lábio inferior ao ser penetrada, vez após outra, cada vez mais forte. O melhor de tudo, entretanto, era saber que ele estava ali. Ele

era seu. Que era dele. Ela abriu os olhos e contemplou suas mãos unidas, mas nos dedos de Theo não havia nenhum anel prateado, nem as queimaduras ou marcas deixadas pelo sol. Nada.

Uma aflição imediata invadiu seu peito, ela o empurrou com a mão livre e se virou, ficando prensada entre a mesa e o corpo do garoto.

— Qual o problema, meu amor? — Benjamin questionou, e logo em seguida seu rosto se fechou. — Por que tá sonhando com o meu irmão?



Amália acordou com um grito entalado na garganta, e ela se sentou tão rápido na cama que sua cabeça girou repetidas vezes até voltar ao normal. Seus olhos demoraram para se acostumar com a escuridão, mas aos poucos distinguiu as formas sem vida dos móveis. Estava em casa, no quarto. A testa encharcada de suor colava alguns fios de cabelo sobre a pele fria, mas nada comparado à umidade na calcinha, lugar exato de onde surgia um pulsar nojento.

Tudo tão real quanto o ar que respirava, Amália sentia a pressão do corpo de Theo contra o seu, o sussurro no ouvido, o prazer enganoso, e o pior de tudo: ela mesma fora responsável por isso. Naquela mesma noite fazia, exatamente, uma semana desde que ele a deixou em casa e depois arrancou com a moto sem olhar para trás. Foi doloroso não ver seus olhos uma última vez.

A partir daí, como um vendedor irritante de plano de saúde, Theo invadiu todos os seus pensamentos; ora nas lembranças do fim de semana que não a deixavam, ora nos sonhos. Mas agora havia ultrapassado todas as barreiras, talvez fosse melhor voltar ao cemitério — desta vez com o dinheiro para o táxi — e pedir desculpas a Benjamin.

Sua pele queimou como fogo. Ela escondeu o rosto nas mãos quando o constrangimento tornou-se maior que sua coragem, relembrando cada coisinha feita por ele. Coisas que ela desejou que ele fizesse. Voltou a se deitar e virou o corpo para a janela, perdida nos vislumbres da lua pelo balanço da cortina, desejando sumir da face da terra.

Como vou encará-lo agora? O que vou dizer quando nos virmos?

E foi aí que percebeu.

Eles não iriam mais se ver. Não tinha mais desculpa alguma, nem

coincidência, para se encontrarem de novo.

Ela levou a mão ao peito ao sentir o coração ser virado do avesso. Amália amaldiçoou a si mesma; mais precisamente, amaldiçoou o modo como desejou, com todas as suas forças, tê-lo por perto. Sabia que não conseguiria mais dormir, Theo ficaria em sua mente até o amanhecer. Ou mais.



— Eu estou impressionado. Em todos os meus anos como professor, nunca vi uma obra autoral tão intensa quanto essa — Joe elogiou, maravilhado com os traços da tela. — Mas como conseguiu adiantar assim, tão rápido?

— Arrumei outro parceiro. Ele não é daqui, mas combinamos de nos ajudar.

— Meus parabéns, querida.

Joe acarinhou seu ombro e foi orientar os outros alunos.

Ela estava nas nuvens. Diferente do dia em que foi passada para trás, o estúdio não parecia assustador, muito pelo contrário, se parecia com um dia de sol em Paris: depois de passar horas no Louvre, ela se deitaria no gramado de um parque sob o mormaço leve e com um sorvete de morango e baunilha.

— Você se arrumou rapidinho, hein.

Agnes surgiu de trás do cavalete com os olhos presos na tela. Amália quis despejar o óleo de linhaça sobre ela, visto que conheceu o poder de fogo dele, mas apenas levantou o queixo e sorriu.

— Imagina… você gostou? — provocou.

— Quem te ajudou? — Agnes cruzou os braços. — Pra ter feito esse milagre tão rápido só pode ter sido Jesus. Talvez eu queira contratar os serviços…

— Ah não. Você não vai querer, acredite — falou em zombaria, brincando com o pincel nas mãos. A ideia de Agnes perto de Theo era… estranha.

A garota ergueu as sobrancelhas, pedindo que prosseguisse. Conhecendo bem a ex-amiga, apesar da pose provocante, ela sabia que Agnes se mordia de inveja. A tela que partilharam dias atrás foi elogiada com maestria, mas seu trabalho com ele tornou-se um trunfo para a classe toda.

— Theo Allen Anderson me ajudou, esteve comigo no fim de semana. Acho que se você pedir com jeitinho, quem sabe…

— Oi? — Ela fez uma pausa. — Você deu o rabo pra ele como pagamento?

Devido ao sonho de horas antes, ela sentiu as pernas bambas. Amália alternou o olhar entre a obra de arte e a víbora peçonhenta bufando a sua frente.

— Se eu dei, pelo visto valeu a pena.

— Humpf, você é patética.

Ela tentou dar meia-volta para sair do estúdio, mas Amália a segurou pelo pulso.

— Espera! — pediu. Agnes a olhou por cima do ombro, de perfil. — Um dia vai me explicar o porquê disso? Se demorar demais, posso não querer ouvi-la.

Amália sentia a frieza da pulseira dela contra sua mão, mas algo ainda mais frio eram seus olhos cor de âmbar, como se nunca tivessem trocado reciprocidade alguma. Agnes desviou o olhar para a tela por alguns segundos, depois puxou o braço e saiu.



As estrelas chegaram rápido demais. O local da saída foi escolha de Megan, embora ela estivesse aproveitando somente a tela do celular em sua mão; Holly, sentada no banco ao lado de Amália, discutia uma fofoca qualquer com Agnes, cuja presença era forçada a engolir. Ela observava Jason e o restante do time no fundo da lanchonete, concentrados na pista de boliche, chegando à conclusão de que era melhor que ficassem só no basquete. A competitividade do namorado era incompreensível.

Ela não aguentaria por muito mais tempo.

— Amália, você perdeu o filme do ano. — A voz de Holly cortou a melodia do ambiente. — Te ligamos um milhão de vezes, esqueceu que íamos ver o novo do Tom Cruise?

Amália largou o copo de refrigerante e abriu um sorriso, mas Agnes foi mais rápida.

— Ela não perdeu nada. Posso garantir, estava se divertindo mais do que nós.

A garçonete habilidosa sobre os patins apareceu com outro pedido apimentado e cheio de queijo cheddar. O barulho dos pinos sendo derrubados na pista chamou sua atenção, mas preferiu não olhar para Jason novamente.

— Como assim? Onde você foi? — Megan despertou.

— Não contou pra elas, Amália? — Agnes jogou os cabelos para trás dos ombros, pronta para se vingar do que quer que fosse. — Meninas, pensem no cara mais rodado de São Francisco, que anda por aí em cima de uma moto.

— O que tem o Theo? — Holly acertou em cheio. — Convidei ele pra minha festa mas levei o maior vácuo.

— Eu imagino que sim. Foi com ele que ela passou a sexta-feira.

Um silêncio confuso tomou conta da mesa, permitindo que o maior sucesso de Varsity tocasse livremente no fundo. *Tão triste, tão triste, eu nunca poderia fazer você ficar. Que pena…* Mais uma derrubada de pinos, berros ensurdecedores como comemoração. Amália sentiu o corpo pesar.

— Tá transando com ele?

— É claro que não, Megan! — Ela aumentou a voz, para baixá-la logo em seguida. — Ele só me ajudou em algumas coisas.

— Acho bom não transar mesmo, aposto que ele tem AIDS.

Seu queixo caiu.

— O que… Ele não… — Ela balançou a cabeça para tirar aquelas palavras da mente. — Ele não tem AIDS.

— Ok, mas seria compreensível se tivesse — Holly falou com a boca cheia, revelando os pedaços de queijo presos no aparelho ortodôntico. — Ele passou de mão em mão. Se procurarmos seu nome num site pornô com certeza vai aparecer algo.

Todas caíram na gargalhada, mas para ela não havia graça nenhuma. Theo era uma pessoa. Tinha problemas de saúde, comia batata frita e depois lambia o sal dos dedos, era desastrado. Possuía alguns inimigos, muitos defeitos… apesar disso, ainda era uma pessoa.

Tomada por uma sensação estranha, Amália encheu a boca de refrigerante para evitar falar demais, estava a ponto de explodir. As risadas cessaram aos poucos até um clima pesado se espalhar sobre elas.

— Ele meio que surtou, né…? — Megan fez uma pausa, cuidadosa. — Depois que o Ben morreu.

— Surtou como? — Holly se interessou.

— Ah, surtou. Ele já estava meio fora da casinha antes, mas agora… Nas festas é da maconha pra cima, soube até que foi parar no hospital numa dessas.

— Não esperava outra coisa — Agnes zombou. — Vamos ser sinceras, é um desperdício. Deus levou o irmão errado…

— Cala essa boca!

Sua voz soou grossa e direta, exatamente como gostaria. Agnes largou o celular e se virou para ela com uma expressão *a lá* Regina George. Para Amália, só uma menina otária.

— Você só não gosta do Theo porque ele bateu no Noah — lembrou.

— Bateu?! — Ela inclinou-se sobre a mesa, invadindo o espaço da pobre Megan. — Noah levou vários pontos no nariz e até hoje tem uma cicatriz pavorosa, tudo isso porque aquele cretino tem o ego de uma criança de cinco anos e não sabe ouvir umas verdades!

— E quais foram essas verdades? Seu irmão é um idiota e consegue ser bem cruel quando quer, aliás, deve ser de família.

Amália esperou-a voar em seu pescoço. Sentia os cabelos em pé e uma adrenalina difícil de conter, mas a discussão se desfez como tinta na água. Sua mente trabalhava a mil, entre muitos pensamentos, o mais recorrente: deveria seguir o conselho de Theo e partir para as vias de fato.

— Você me surpreende defendendo uma pessoa assim. — Agnes marcou presença de novo, empinando o nariz pontudo. — Todas sabemos, o que o Theo tem de bonito, tem de mau caráter. Mas como só quer sentar até suas pernas cansarem, não faz diferença, né?

— Que história é essa?

Ela estava tão ocupada em livrá-lo da inquisição de galinhas que mal se deu conta da presença de Jason, parado a poucos metros da mesa. Agnes se levantou e saiu com um sorriso fatal no rosto, e pela primeira vez na vida Amália pôde reconhecer a maldade real que sempre esteve por trás dele.

— Do que tão falando? — Jason apoiou os braços na mesa.

— Vamos sair daqui — ela sussurrou para ele.

Definitivamente era melhor uma discussão escondida do que dar vitória para sua nova pior inimiga. Ela se despediu das amigas, ignorando suas tentativas de comunicação, e saiu da lanchonete com Jason logo atrás; a brisa fria da noite tocou sua pele exposta pelo vestido curto, embora o arrepio na nuca fosse por outra coisa.

Mal pisou os pés no estacionamento para sentir um puxão forte no braço.

— Vai me dizer ou não que porra é essa?

— Argh, por favor. Até parece que você não a conhece, ela adora ficar inventando fofoca e disse aquilo só pra me ferrar!

Ele apertou mais forte.

— O que tá fazendo? Solta meu braço!

— Você tá me traindo? — continuou, ignorando seu pedido. — Aquela historinha do ex morto era só uma desculpa pra abrir as pernas pra outro?

— E se for?! — Ela usou toda sua força para se soltar. — Talvez eu tenha procurado alguém que consiga transar por mais de dois minutos!

O rosto de Jason adotou uma expressão carrancuda. Ele se aproximou na mesma sintonia em que ela deu um passo atrás.

— Não me provoca — rugiu entredentes.

— Provoco, porque já tô de saco cheio de você! Pra mim acabou essa… — Ela gesticulou, desordenada. — Isso que temos, esse desserviço que não era nem pra ter começado. E eu preciso te dizer… você é um péssimo jogador.

Ele cerrou os punhos enquanto ela sorria. Sentia-se tomada por uma euforia estranha, e lá no fundo, banhada em medo; quase não chegava a 1,65 de altura, o maior peso que já atingiu foram meros 54 quilos — isso após uma ceia natalina bem gorda — e não praticava nenhuma atividade física, tudo somado ao estacionamento vazio. Não precisava ser nenhum Rocky Balboa. Jason chegou mais perto, e por um senso de coragem ridículo, ela ficou onde estava.

— Quem você pensa que é pra falar assim comigo? — ele falou baixo.

— Tem razão, não sou ninguém, nem mesmo sua namorada. Fique à vontade pra dormir com os caras do time agora, já que passa tanto tempo com eles.

Amália arrumou a bolsa em frente ao corpo e virou as costas para ele pela última vez. Mas a sensação boa não durou nem um segundo. Jason segurou-a novamente com um puxão ainda mais brusco que o anterior, a pele de seu braço queimou.

— Onde pensa que tá indo, biscate?!

Ele a chacoalhou, e foi o suficiente. Amália acertou uma joelhada em cheio no meio das pernas de Jason, foi até capaz de ouvir o barulho prazeroso das finas cascas dos ovos se quebrando. Ele se contorceu num gemido exasperado conforme lágrimas brotavam dos seus olhos.

Livre outra vez, ela não esperou para começar a correr. Sabia que ele não a seguiria, era covarde demais para isso.

18 - amores reais, lembranças fatais



“Do que você está precisando?
Canções sobre lembranças que se escondem
E então estilhaçam sua mente
Como um lembrete constante
Eu só quero descobrir onde você está”
***A Song About Love,* Jake Bugg**

Linda parecia estar com um alto-falante na garganta, *mas pela primeira vez em muito tempo, ele realmente a ouvia.*

— Tem noção do quanto é disputado? — Ela segurou seu braço como faziam as princesas e seus príncipes. — Se eu entrar vou andar a Ilha de Páscoa inteira de joelhos.

— Ilha de Páscoa? Não é aquela do filme do museu? — indagou com os olhos no chão.

— Essa mesma, nem tente entender.

Ele não ia.

O sinal já havia tocado e aos poucos a multidão de alunos se dispersava para dentro das salas. Eles caminhavam preguiçosos até o laboratório de química — na parte traseira do prédio — sem vontade alguma de chegar para mais outra aula complicada. Pelo menos para Theo. Seu cérebro se encontrava quase parado, trabalhando na mesma velocidade de uma máquina de café expresso de dez anos atrás. Os amigos o cumprimentavam no corredor, ele acenava com a cabeça e um sorriso torto sem fazer a mínima ideia de quem era quem. Ouvir o falatório de Linda sobre a Academia em Londres exigia até seu último neurônio, mas considerando o quanto ela estava sendo boa nas últimas semanas, merecia

todo o esforço.

— Quando é a audição?

— Em duas semanas. Vou reproduzir Hamlet!

— Que? Espera, você vai ser Hamlet?

— Sim! — Ela deu um pulo. — Não é incrível?

Ele assentiu, disperso. Dobraram à esquerda, em um dos corredores principais e mais movimentados; o bater de portas de armários era doloroso, alguém parecia enfiar pregos em sua testa sempre que um deles era fechado. Linda estava feliz ao seu lado, agarrada nele como se fosse a própria estatueta do Oscar, e contagiá-la ainda mais com sua atmosfera de morte estava fora de questão.

— O que vai fazer se não passar? — perguntou, tentando manter o ânimo.

— Ah, sei lá, tento no próximo ano. Você bem que podia me arrumar um emprego!

Theo parou no meio do corredor.

— Emprego? — Ele riu. — Não fode, Linda… Você no Saliere?

— Não precisa ser na cozinha, bebê. Até porque seria mais fácil eu passar na audição do que em um teste com Henry Bianchi. Por favorzinho.

Ela fez um beicinho com o lábio inferior, o que o fez rir como há muito tempo não fazia. Sua risada reverberou pelo corredor movimentado e chamou atenção de alguns alunos. É claro que seria estranho vê-lo sorrindo.

— Sei que não vai dar certo, mas… — ele deu uma piscadela — vou ver o que dá pra fazer.

Ela deu um grito esganiçado e se atirou sobre ele. Theo a envolveu num abraço apertado e sincero, realmente sincero; tudo o que desejava era que Linda tivesse um fim diferente do seu, menos trágico. Talvez ir embora para longe fosse o melhor, conhecer novas pessoas, arrumar um novo melhor amigo.

A manteve em seus braços até que seus olhos tiveram um vislumbre do quadro de recados na parede, entre a imensidão de armários azuis e brancos; baile da primavera, reunião de pais e mestres, uma apresentação da orquestra do colégio no fim do mês. Já havia visto aqueles cartazes um milhão de vezes, praticamente os decorara depois das tantas idas àquele lugar.

— Que corredor é esse? — perguntou ao se afastar.

— Acho que é o princi…

Não ouviu o resto da frase. Ele se virou para trás e viu, poucos metros adiante, uma parte dos armários decorada com flores, velas e bilhetes colados do chão ao teto. Em questão de segundos seu rosto pegou fogo.

— Ah, não… Era pra tirarmos isso antes de você voltar.

Antes de voltar ou de conseguir cruzar aquele corredor novamente. Estava tão perdido na conversa que não se deu conta de onde estavam, do caminho que, durante as duas semanas em que voltou à escola, evitou passar a todo custo.

Deixou Linda para trás e foi até o antigo armário de Benjamin. Entre as mensagens, impossível saber qual era a mais dolorosa. "Sentiremos sua falta, Beni"; "papai do céu só leva as melhores pessoas"; "o céu ganhou a estrela mais inteligente". Porém as fotos eram piores. Theo tinha todas, algumas no celular, outras reveladas na máquina polaroid e coladas na parede, acima de sua cama, mas o rosto do irmão não era mais o mesmo. As imagens pareciam de uma época tão distante que ele suspeitava que realmente tivesse existido.

Como num filme de ficção científica, o mundo parou.

Sua visão tornou-se enevoada até não ser mais possível distinguir as formas. Os pelos debaixo da blusa eriçaram, obrigando seus lábios a tremerem como se enfrentasse um frio abaixo de zero, sem roupas, no olho da tempestade. Sentiu quando Linda se aproximou e gritou palavras que não era capaz de ouvir graças ao chiado no fundo do ouvido.

Theo deu um passo atrás e esbarrou na garota que cruzava o corredor, derrubando a pilha de livros dos seus braços. Tentaria ajudá-la se não fosse o aperto desesperado no peito que tornava cada movimento insuportável. Linda chamou seu nome com o cenho franzido, segurando-o pelo braço, mas todos os seus membros estavam dormentes, formigando, e a única coisa perceptível eram as batidas cada vez mais rápidas do coração.

Na infância, durante as horas que passava no hospital com Phil, ele conversou com uma paciente vítima de um ataque cardíaco. As palavras dela faziam sentido agora: "o coração bate tão rápido que dói, você não respira e começa a suar frio, as mãos tremem tanto que parecemos a fonte de um terremoto, ficamos igual a uma pedra de gelo". Era a única explicação, ia morrer de infarto no auge da juventude.

Ele deu meia-volta e seguiu pelo corredor — para sua sorte — já

quase vazio. Trombaria com quem estivesse na frente. A cada passo o caminho ficava maior. Escancarou a porta do banheiro masculino e jogou a mochila no chão; em seu interior, saindo das cabines, estava um pobre garoto no lugar errado e na hora errada.

— Sai daqui — ordenou com a voz fraca.

O garoto franziu o cenho e permaneceu parado, confuso. Com o pânico cada vez maior, não havia tempo para formalidades.

— Anda, moleque, sai fora! — Ele o agarrou pelo colarinho e o expulsou do banheiro.

Sozinho no espaço pequeno, as lágrimas finalmente puderam correr livres. Theo levou as mãos à cabeça e puxou os cabelos úmidos para sentir algo além da dor que irradiava do peito para os ombros e braços. Tentando acompanhar o ritmo frenético do coração, sua mente passou a trabalhar na velocidade da luz, despejando lembranças que não se sentia pronto para suportar: o funeral de Benjamin, as imagens coladas na porta do armário, as milhares de mensagens recebidas horas depois do acidente, dos amigos enlouquecidos querendo saber se aquela merda realmente estava acontecendo. Mas estava. Era tão real quanto o ar faltando nos pulmões.

Ele se debruçou na pia para mergulhar o rosto na água gelada, mas o ato apenas piorou a respiração precária. Arrancou o moletom para sentir o frio nos braços nus, quase ficando com a cabeça presa no capuz, porém nem isso foi suficiente para livrá-lo do sufocamento.

De repente, Linda apareceu ao seu lado tão confusa quanto o pobre aluno enxotado.

— O que foi?! — ela gritou perto o suficiente para ser ouvida. — Você tá bem?

Theo juntou forças para formar a única frase possível:

— Eu tô com medo… Não consigo respirar.

— Hein? Você fumou maconha?

Antes fosse. Antes tivesse enchido o rabo com as piores drogas existentes na face da terra. Qualquer coisa seria melhor que a angústia, o pavor estrondoso da morte. Poderia perder mais alguém, não queria que Linda fosse embora… Phil poderia ficar doente e morrer e logo depois, percebendo que não lhe restava mais nada, Vanessa poderia pegar suas coisas e dar o fora. Todos aqueles que realmente importavam se resumiriam apenas a memórias. Theo chorou mais, livremente, desesperadamente,

balançando a cabeça em negação. Negava a dor, o luto, a culpa, o bolo na garganta que o impedia de respirar.

— Espera aqui! — Linda falou. — Eu vou chamar alguém!

A garota saiu do banheiro como se sua vida dependesse disso. A sua não, mas a dele sim.

Theo se sentou no chão com as costas na parede, encolheu as pernas e colocou a cabeça entre os joelhos, preso no espaço cada vez mais compacto, podendo ser engolido por uma escuridão tenebrosa. Os segundos eram uma tortura, o pesadelo apenas aumentava.

Estava prestes a morrer.



O lábio inferior estava inchado, mais algumas mordidas e começaria a sangrar. Mas Theo continuou.

Tinha saído da poltrona e voltado a se sentar no parapeito da janela alta que Lauren o autorizou a abrir alguns centímetros. O vento no rosto proporcionava uma falsa sensação de liberdade e o fazia esquecer que estava preso em sua bagunça particular.

— Não vai falar nada? — insistiu.

— Bom, Theo… — Ela fez uma pausa e tirou os olhos dos desenhos. — Ela posou para você?

— É claro que não. De onde tirou isso?

Talvez veio dos quase vinte desenhos de Amália, feitos um atrás do outro.

Lauren voltou a folhear as páginas uma por uma, atenta. Theo sabia o que se passava dentro dela: *surtou pra valer*. Mas ele tinha uma ótima explicação. Depois de passar tanto tempo com ela, rodeado por obras artísticas e desenhos fodas, ele foi tomado por uma inspiração impossível de conter; como a garota ainda estava nítida nos pensamentos, ele a desenhou não uma e nem duas, mas diversas vezes. Mas porque não tinha nada melhor em mente e estava com preguiça de procurar referências. Só por isso.

Era o que ele havia ensaiado para dizer caso Lauren perguntasse, mas ela parecia ter engolido a voz desde que pusera as mãos magras nas folhas. Após mais um fodido minuto de silêncio, ele sentiu o gosto do sangue na boca.

— O que fizeram nesse tempo? Enquanto ficaram juntos. — Lauren fechou o caderno.

— Desenhei pra ela e depois pintamos por umas horas. Ah, é… Saímos pra comer também, nunca pensei que ela pudesse comer tanto. Parecia um saco sem fundo. — Ele riu. — Depois fomos embora, acho que ela podia ter problemas com o namorado, pais ou sei lá.

— Ela tem namorado?

— Foi o que acabei de dizer.

— Aparentemente soube disso depois dela ajudá-lo na crise — Lauren supôs para si mesma. — Como se sente quanto a isso?

Theo abriu a boca para responder, mas se calou. Estava amaldiçoado, era a única explicação. Estaria usando a mesma jaqueta de moletom que a tinha emprestado se não tivesse esquecido com ela, e agora a ideia do seu cheiro impregnado em suas roupas era tentadora; no sábado, mesmo depois da transa maluca com a vizinha da rua de baixo no banco de trás do seu Porsche rosa, ele chegou em casa e gastou quase todas as folhas com desenhos daquela garota irritante; no dia seguinte, logo após o nascer do sol, ele debruçou-se na lápide de Benjamin e lhe pediu perdão, jurando que não a veria nunca mais.

A pergunta de Lauren virou uma incógnita.

Amália tinha um namorado, estava comprometida enquanto trocavam olhares estranhos demais para não terem um significado. Ele não era bem o melhor exemplo de homem que respeitava outros homens e suas relações, perdera a conta de quantos socos levou devido ao seu envolvimento em casos extraconjugais. Ainda assim, uma dúvida inédita surgia.

— Como espera que eu me sinta?

— Me diga você, estou tentando entender — Ela sinalizou para o caderno.

— Tô pouco me fodendo. Até poderia me incomodar se meu irmão ainda estivesse vivo, mas agora… — Ele chacoalhou os ombros. — Não me importa com quem ela esteja transando.

Importa, e muito.

Incomodado com os próprios pensamentos, ele tirou do bolso da calça o último cigarro recém comprado, só então percebendo o quanto fumou nos últimos dias. Levou a droga aos lábios e pegou o isqueiro para acendê-lo, mas antes da chama atingir o tabaco, Lauren já estava de pé na sua frente.

— Sabe que não aceito cigarros aqui. — Ela juntou as mãos na cintura. — Aliás, por que tem fumado?

Theo tirou a droga dos lábios. O ferimento auto infligido havia deixado um rastro vermelho no corpo branco, como uma prova acusadora de como estava surtando por dentro.

— Eu ando meio… — Fez uma pausa, tirando e recolocando os anéis dos dedos enquanto pensava numa palavra adequada. Não achou. — Meio tenso.

— Me fala sobre isso. — Ela se sentou na extremidade oposta da janela.

Um longo tempo se passou enquanto ele ponderava.

Nada de Amália, nada de Amália…

— Hannah tem visitado meu irmão — contou.

— Você a encontrou no cemitério?

— Não, cacete. Longe disso. — ele prensou os cabelos contra o vidro e fitou o teto — Achei uma foto no túmulo.

Lauren franziu o cenho.

— Pensei que tivesse dito que Phil as jogou fora.

— Pelo visto ela levou algumas quando foi embora. Mas tanto faz, ele jogou essa também.

Theo ainda sentia o hálito salgado da cerveja que dera um jeito de tomar entre os turnos do restaurante presente na boca; sempre que ingeria uma gota de álcool, a próxima se tornava mais fraca, e consequentemente, o levava até a outra. Lauren odiaria saber.

— Como se sentiu com isso?

— Por que ele não me deixa ter nenhuma foto? — Virou o rosto para ela. — Será que pensa que assim vou esquecer dela? Da mulher que me botou nesse mundo de merda?

— Seu pai pode pensar que está te poupando de um sofrimento. Se alimentar sua carência materna só vai fazê-lo sofrer, ele optou por apagar esse passado.

— Perda de tempo. Se eu quisesse falar com ela, não seria um álbum de fotos queimado que ia me impedir.

Os minutos seguintes foram marcados por um silêncio calmo, mas tenso. Theo se segurava para não estalar os dedos e levar outra anotação para sua ficha, mas era inútil, os anéis já deslizavam livres pelo suor de sua pele.

— Não sente vontade de falar com a sua mãe? — Lauren perguntou, doce como chocolate.

— Não posso, eu prometi.

Seu coração errou as batidas ao perceber as próprias palavras. Não precisou ver a reação da psicóloga para saber que cada um dos seus fios acobreados estava em pé.

— Prometeu para quem?

"Tem noção do que o pai vai sentir quando souber que você foi atrás dessa mulher?"

— Seu irmão? — Ela chegou mais perto. — Esse segredo…

— Não pira, não tem segredo nenhum.

Theo saltou da janela e caminhou até a poltrona, pegou o caderno de desenhos e o guardou de volta na mochila. Um traço do rosto de Amália pôde ser visto entre as páginas.

— Lembra do que disse a você? — ela perguntou ao seu lado. — Esconder seus problemas não vai te ajudar, muito pelo contrário…

— Lauren, chega, por favor — implorou com as órbitas vermelhas.

Ela cruzou os braços. Depois de muitas tentativas — devido às mãos trêmulas — ele fechou o zíper emperrado e jogou a mochila nas costas. Odiava ser estúpido, odiava ser ruim para as pessoas que ainda o suportavam e pelas quais tinha carinho, e por mais que estivesse recebendo para estar ali, Lauren não merecia seus rompantes.

— Eu… desculpa. É que… já contei tudo, tá bom? As crises, a foto, Amália — quase engasgou ao falar seu nome, mas continuou: — não tenho como ficar mais no fundo do poço que isso. Relaxa.

Lauren tentou contestar, mas vendo o sofrimento em seu rosto, apenas assentiu.

19 - razão x emoção



“Querida, nós dois sabemos
Que as noites foram feitas principalmente
Para dizer coisas que não se pode dizer no dia seguinte”
***Do I Wanna Know?*, Arctic Monkeys**

O cheiro do óleo de linhaça tomou conta do quarto. Amália manteve as janelas fechadas para ser imersa por ele. Em seus pensamentos insistia que era porque remetia à sua produtividade e mais obras finalizadas, mas no fim ela admitiu a si mesma o verdadeiro significado: óleo de linhaça agora a lembrava de Theo.

Afastou o constrangimento para focar em outras lembranças enquanto pintava a tela trazida do estúdio; pensou no término com Jason, a festa de Holly no próximo fim de semana — muita bebida, pessoas desconhecidas e garotos com egos maiores que seus pênis minúsculos —, no fato de que seus pais não dormiam mais na mesma cama e na ansiedade esquisita no peito, à espera de algo. Uma notícia.

Uma ligação.

Mais do que qualquer outro, ela havia focado Theo durante todas as horas do seu dia, o coração batendo mais forte ao som de *Radio Ga Ga*, tocando alto no fone de ouvido que só funcionava de um lado, era prova disso. Era irritante, chato, insuportável, babaca, filho da mãe… engraçado, inteligente, bonito, cheiroso…

— Você não tá pensando direito, garota — disse ao arrancar os fones das orelhas.

Ela cobriu a tela antes de se deitar na cama, as costas descansando sobre os travesseiros fofos. Com o celular em mãos, Amália visitou a conta de Benjamin no Instagram. A antiga conta, na verdade.

Quase trezentas postagens a recordaram dos dias seguintes à sua morte, quando os amigos o homenagearam com fotos dos momentos em que ele esteve presente; lembranças publicadas por Megan, Ian, John e muitos outros, até Agnes tinha saído de sua bolha, e no meio de todas, óbvio, estava a sua. Ambos estavam deitados em uma cama de lençóis azuis, ela usava a camiseta dele do Arcade Fire e Ben mantinha o peito à mostra.

Quando perdemos a virgindade juntos. Naquele dia, ela estava tão nervosa a ponto de tremer, mas Benjamin, com a mania de sempre tratá-la como um vaso de cristal, o transformou no momento mais lindo de sua vida.

Amália engoliu em seco.

Todas as pessoas que se importavam estavam naquela conta, ou quase todas. Ela rolou a tela à procura de alguma foto de Theo. Nenhuma.

Em uma das postagens oficiais feitas pelo próprio Benjamin, estava a única foto com o irmão em toda a conta. Uma das últimas adicionadas antes de morrer. Ele estava com o braço ao redor do pescoço de Theo, ambos com óculos escuros e um brilho alcoolizado, o estande do Lollapalooza se perdendo em meio aos fãs da The Neighbourhood. O zoom na tela focou o ex-namorado, e ela não evitou que uma lágrima caísse.

— Espero que você tenha me perdoado, Ben.

Amália chorou até soluçar, mas aos poucos os soluços deram lugar ao silêncio do quarto e a um peito mais leve. Enxugou o rosto com a manga do moletom e voltou os olhos para a foto novamente, observou Benjamin por mais alguns segundos enquanto tentava se livrar daquela ideia ridícula, mas era impossível.

Ela mudou o foco da imagem e Theo ocupou toda a extensão de sua tela.

Sob a luz do sol, seu cabelo deixava o confuso castanho terroso, revelando o verdadeiro tom, um ruivo escuro e acobreado. *Seus cabelos são da cor do inferno… ou o inferno é da cor dos seus cabelos?* Ela vislumbrou as feições marcantes do garoto e a lata de Coca-Cola em sua mão — que ela duvidava que estivesse cheia de refrigerante — até parar onde menos gostaria. Theo não usava camisa. Expunha a barriga levemente definida devido aos poucos anos de academia, os músculos sobressaltados na medida certa perdendo-se para dentro calça.

— Não!

Ela atirou o celular nos pés da cama antes da curiosidade tomar

forma, mas já era tarde demais.

Embora interpretasse seu caráter como duvidoso, seria burrice negar que Theo era perigosamente bonito. Uma beleza capaz de fazê-las cometerem loucuras só para tê-lo entre as pernas. Lindo sorriso, olhos sedutores, cabelos bagunçados com charme. O sonho das garotas e o pesadelo dos namorados. Odiado? Muito. Desejado? Mais ainda. E para ela só mais um babaca, ou pelo menos era isso que achava antes de ouvi-lo sussurrar perto de seu rosto. Theo era intenso e misterioso, e o grande problema era que ele sabia disso.

Ela sentou-se ereta na cama, e lutando contra todas as forças mas já sabendo que perderia, até porque não queria vencer, Amália pegou o celular do chão. O coração batia forte, as mãos suadas faziam o aparelho deslizar entre seus dedos, mas continuou.

Ignorando o bom senso e sem se importar se estava jogando gasolina no fogo, Amália discou o número de Theo.



Theo perdeu a conta do tempo em que estava no banho, mas ficaria ali o quanto pudesse.

Desde que havia recebido o chamado de Henry há três semanas, a cada dia sua decisão se tornava mais incerta. Diferente de quando desistiu da vaga na Cordon, dessa vez não decepcionaria apenas a si mesmo, mas também a grande lista de pessoas que acreditavam no seu potencial inexistente: Henry, Vanessa, Linda… Sim, até mesmo Linda, que não conseguia mais aguentar as escolhas erradas do melhor amigo e ficar de boca fechada. *Tem noção do quanto vai receber por isso? Deixa de ser frouxo.* Frouxo, fraco, brocha. Os xingamentos já não eram mais suficientes para descrevê-lo. Até Lauren, com seu discurso sobre os danos da autopunição, encontrou incoerências em suas palavras como um grande furo no roteiro, principalmente após a última sessão da qual ele fugiu como um homem avarento que foge da pensão dos filhos.

Sua insistência em tocar no nome de Amália foi ridícula, ele a odiou justamente porque tinha razão. A infeliz não saíra de sua cabeça desde o primeiro dia, alternando seus pensamentos entre “vá pra casa do caralho” e “fica mais um pouco”. E o porquê disso era a grande questão. *Era.* Agora não importava mais, tinha um compromisso inadiável naquela noite.

Ele enfiou a cabeça na água corrente para tirar o shampoo dos cabelos quando o toque do celular cortou o som ritmado do chuveiro. Observou através do box transparente o aparelho na pia, vendo todos os seus planos descerem pelo ralo.

— Sinto muito, meu anjo. Agora não. — Voltou a enfiar-se debaixo do chuveiro, fazendo um esforço imenso para ignorar o nome de Amália reluzindo na tela. *Não vou, não vou…* — Ah, que merda.

Apesar da raiva, Theo abriu a porta do box e pegou o celular.

— Alô?

— *Oi!* — Ela soou baixa no viva-voz, mas alegre. — *Como você tá?*

Ele olhou ao redor, como explicaria sua atual situação?

— *Sei que já é tarde…* — Ela se adiantou. — *Pensei em ligar antes, mas imaginei que estava na lanchonete dos hambúrgueres com banha de porco. Aí pensei, ah, se ele chega em casa tão tarde ainda vai estar acordado…*

Lá se foi a vontade de não encontrá-la nunca mais. O falatório atropelado afastou toda a hostilidade que ele insistia em tentar manter, e um sorriso marcou seus lábios fechados. O chuveiro espirrava água contra o celular, mas ele estava pouco se fodendo.

— *Enfim… Fui inconveniente?*

— Na verdade você ligou numa péssima hora. Eu tô pelado agora.

Amália ficou quieta.

— *Ah… Desculpa. Não quero atrapalhar o que esteja fazendo, seja lá com quem…*

— Ei! Espera aí. — Ele a interrompeu, rindo. — Não precisa ir tão rápido.

— *Olha só, Theo, eu não queria…*

— Tá ouvindo isso?

Theo levantou o celular até a saída de água do chuveiro, depois o aproximou do rosto.

— Ouviu? Tô no chuveiro, sua tarada.

Ele grunhiu do outro lado da linha.

— *Você é um idiota.*

— Não fui eu que pensei logo de cara numa cena indecente — zombou com uma nuance aveludada na voz. — Até imagino como tá vermelha agora.

— *Eu não tô vermelha, para com isso!*

— Tenho certeza que tá. Só peço pra parar de me imaginar assim, eu prezo muito pela minha intimidade.

— *An?!* — ela gritou. — *Eu não tô te imaginando coisa nenhuma! Ficou louco?! Meu Deus…*

Dessa vez Theo gargalhou até quase engasgar com a água escaldante descendo pelo seu rosto. Passou a mão nos cabelos molhados, ouvindo a respiração da garota no celular. Banho, nudez, Amália… era a pior combinação possível.

— *Será que dá pra parar?* — ela pediu depois de um minuto quieta.

— Tá bom, já que insiste. Espera aí.

Ele desligou o chuveiro e enrolou a toalha no corpo para sair do banheiro. Só voltou a respondê-la depois de vestir, pelo menos, a cueca, a calça jeans e fechar *muito bem* o zíper.

— Pronto. — Sentou-se na cama. — Pode começar a me imaginar vestido agora.

Amália riu.

— *Sua autoestima devia ser estudada.*

— Não fui eu que te liguei…

Ela não respondeu. Theo enxugou os cabelos na toalha, também em silêncio. A quietude não era uma barreira, ele sabia que ela estava lá, próxima ao seu rosto, ainda vermelha, constrangida, receosa de uma maneira tão linda que fazia seu peito doer. Até podia vê-la: estava sentada sobre uma cama de lençóis que ela mesma pintou, usando apenas moletom e as ridículas meias engomadas nos tornozelos, o cabelo solto e bagunçado. *Devia tá gostosa pra caralho.*

— *Vai na festa da Holly?* — Amália perguntou. — *Ela tá brava porque você a deixou no vácuo.*

Com certeza estava, Holly e todos os outros amigos que Theo ignorava sem vergonha nenhuma. Após toda aquela merda acontecer e sua vida virar um documentário sobre depressão da Discovery Channel, tão triste quanto os episódios de Quilos Mortais que assistia com Vanessa, ele reduziu seu círculo social à Linda, os colegas do trabalho e amizades corriqueiras durante as festas nas quais arranjava coragem para ir.

— Não sei se consigo ir… — começou.

— *Quer ir comigo?* — ela respondeu, rápida e apavorada.

Merda.

— E o seu namorado?

— *Eu quebrei os ovos dele!* — Ela riu.

— Você o que?! — Quase engasgou com a surpresa.

— *Agnes aprontou de novo, nem pergunte. Mas terminamos e eu acertei uma joelhada nas bolas dele.*

Theo fechou os olhos numa careta de dor como se ele mesmo tivesse sido a vítima. Mesmo não desejando aquela sensação miserável para ninguém, foi incapaz de deixar de sorrir, escorando as costas na parede fria.

— Vou ser obrigado a ficar o mais longe possível de você agora, não quero ser o próximo.

— *Não fica, não! Você não tem com o que se preocupar* — falou entre risos. Theo entendeu o que havia por trás das palavras. — *É sábado. E aí?*

Ele fechou o rosto, a nuca tensionada. A não ser pela fraca presença de Mary Austin — que respirava baixo nos pés da cama —, estava sozinho no quarto. Mas não era isso que seu coração dizia. Theo se sentia observado, alguém ainda estava acordado dentro da casa, espreitando-o, sussurrando em seu ouvido qual havia sido o seu pior erro: pecar, e mesmo tendo consciência disso, *continuar* pecando. Ele sabia porque era tão podre.

Tirou da parede ao seu lado uma das polaroids coladas com fita adesiva, onde se divertia com Benjamin no último dia de Ação de Graças. Tinha profanado a memória do irmão de uma forma tão nojenta que o causava ânsia, quando flertou com ela como se a lápide fosse apenas uma pedra qualquer no asfalto; depois quando a desenhou e jurou que nunca mais iria encontrá-la; e agora de novo, sabendo o que estava prestes a fazer.

— Que horas te pego? — perguntou ao esconder a foto debaixo do colchão.

Um suspiro entrecortado ressoou no telefone. Ela sorria, com certeza. *Porra Amália, isso é muito errado.*

— *Pode ser às nove.*

— Vou estar aí.

— *Eu sei.*

Theo não teve forças para soltar o celular mesmo após ela encerrar a ligação, tentando processar o que tinha acabado de acontecer. O coração bateu mais forte, teve vontade de fumar. Quais as possibilidades daquela

merda dar errado? *Todas.* Não devia ir, não podia, era ela. Era Amália.

— Cacete. — Ele bateu a cabeça na parede e fechou os olhos. — Não faz isso.

Agora já era tarde demais. Ligou a tela do celular outra vez e buscou o número nas últimas chamadas efetuadas, levou o aparelho à orelha e esperou.

— *Oi! Já tá vindo?* — A voz feminina surgiu depois do segundo toque. — *Passei aquele creme que você ama.*

— Não, Bella. Não vou poder ir, desculpa.

20 - feito brasa



“A insanidade ri, sob pressão estamos cedendo
Não podemos dar a nós mesmos mais uma chance
Por que não podemos dar ao amor mais uma chance?
Por que não podemos dar amor?”
***Under Pressure,* Queen**

— NÃO, VANESSA! PUTA MERDA!

A mulher franziu o cenho, adotando linhas de expressão entre as sobrancelhas. Ela o olhava como se fosse louco, um surtado, insano, mas Theo não ligava. Aquilo era inadmissível.

— Eu. Falei. Pouca. Páprica.

— Mas é pouca! — Ela apontou para a panela de molho fervendo no fogão.

— Caralho. — Theo bateu a mão na testa. De fato, Vanessa conseguia ser pior que Benjamin na cozinha. — Você jogou um deserto inteiro de páprica lá dentro.

O forno micro-ondas apitou. Ele cobriu a mão no pano de prato e pegou a tigela com o frango finalmente descongelado, colocando-a sobre o balcão da pia.

— Corta a carne — Vanessa orientou.

— Não, *você* corta.

— Pensei que íamos cozinhar juntos — ela retrucou enquanto picava a salsa e o alecrim com uma lentidão absurda.

— Eu nunca disse isso. — Theo encostou o quadril na pia, de onde teve uma visão perfeita da cara de descontentamento da madrasta. — Hoje não. Não quero ficar com cheiro de carne.

Ela deu uma risada abafada.

— Pode ficar tranquilo que esse perfume novo nunca vai deixar que você cheire à carne.

Theo sentiu borboletas no estômago. Era uma sensação horrível.

— Isso foi uma crítica? — Ele curvou o pescoço para cheirar a gola da jaqueta de couro. — Não é bom? Tô fedendo? A puta da vendedora disse que era edição limitada!

— Calma! É ótimo, fique tranquilo. É bem diferente do outro, mas essa nota amadeirada combina com você.

Ele revirou os olhos, aliviado. Não que tivesse comprado um perfume novo com o aroma favorito de Amália e tivesse quase tomado banho com ele, a poucos minutos de ir buscá-la. Mas era bom mudar de vez em quando.

Vanessa jogou os temperos picados dentro da panela de molho borbulhante enquanto ele brincava com a espátula de plástico ao seu lado.

— Tenho pena dos seus futuros funcionários — ela comentou. — Imagina trabalhar pra um chef competente… mas passivo agressivo?

— Se eu tiver vivo até lá.

Theo só percebeu o que havia dito quando o baque da faca sobre a tábua de carne parou. Ele subiu os olhos para Vanessa, que o observava pronta para discutir por horas, mas também prestes a chorar. Ela odiava esse *tipo* de brincadeira.

— Desculpa. — Ele respirou fundo. — Eu quis dizer… — uma pausa. Na verdade, ele disse exatamente o que queria dizer, mas não queria magoá-la. Gesticulou com as mãos até formar uma nova frase na cabeça. — Isso se eu ainda quiser ser chef até lá.

— Você vai ser. — Ela voltou a cortar o frango. — Henry vai te ensinar muitas coisas.

— Não sei se vou aceitar.

Ela se virou para ele. Theo quase deu um passo atrás quando ela apontou a faca diretamente para seu rosto.

— Vai sim. Jovens do país inteiro se candidataram para essa vaga, e mesmo assim o Henry escolheu você. No meio de… quantas pessoas temos no país? Umas 300 milhões?

— Por aí.

— Meu Deus! Você tem total capacidade para aceitar esse estágio…

Um barulho repentino vindo da sala a interrompeu, e só então eles notaram a presença de Phil.

— Do que estão falando? — Ele subiu no primeiro degrau. — Não sabia que tinha feito sua inscrição.

— Pois é, ele não fez! — Vanessa foi mais rápida. — E mesmo assim o Henry ofereceu a vaga! Não é incrível?

Theo e Vanessa se entreolharam. Ele lançou o olhar mais frustrado que conseguiu, e ela voltou a dar atenção ao Deserto da Páprica na panela.

— Por que não me contou? Eu teria te dado…

— Não vou aceitar — cortou.

Adeus à pose de pai atencioso. Theo lavou as mãos na pia e depois as enxugou sob o olhar confuso de Phil, tal qual um réu diante do juiz. Ele observou a mochila em suas costas, e pendurado em uma das alças, estava o jaleco com uma mancha grotesca de sangue; o dia não foi dos melhores.

— Como assim não vai aceitar? Ficou louco?

Ele passou os dedos pelos cabelos.

— Não acho que seja a melhor hora pra isso — explicou do jeito mais simples possível.

— Hora? — Ele meneou a cabeça. — Você já trabalha com o Henry há anos, que diferença vai fazer?

— Vai fazer pra mim. Deu pra entender?

Por que era tão difícil entender que ele não se sentia suficientemente capaz de nada? Ou ao menos aceitar isso. Theo foi obrigado a aceitar quando Phil comprou uma casa nova, de uma hora para a outra e sem aviso nenhum. Parecia o melhor naquele momento, simples e rápido.

Ficaram naquela troca de olhares até que o homem suspirou, cansado, e alternou o olhar entre o filho e a esposa.

— Sinceramente, Theo? Não dá para entender você.

— Pai, não enche, por favor… — resmungou.

— Vou encher! Porque não entendo como consegue desperdiçar sua vida desse jeito, quando se tem tudo. Tudo! E vai jogar mais essa oportunidade no lixo até não restar mais nada.

— Se é assim que você pensa, não é problema meu.

Não esperou por uma resposta, apenas pegou as chaves da moto sobre a ilha e desviou do corpo do pai, indo em direção à saída.

— Não vire as costas para mim, Theo! — Phil esbravejou — Theo!

A voz dele cessou quando Theo passou pela porta, dessa vez, com um capacete a mais.



Nenhuma discussão com o grande e poderoso Phil Anderson poderia deixá-lo tão aflito quanto estar ali, diante da casa dela. Na verdade, tudo no mundo era insignificante comparado àquilo.

Desde o convite de Amália, os minutos pareceram se arrastar, permitindo que ele tivesse mais tempo para se arrepender. Conversou horas com Linda na última noite, quando o celular sinalizou a bateria fraca, o conectou na tomada e continuou as lamentações. Precisava que ela dissesse o quanto aquilo era uma péssima ideia, como ele era um covarde de merda e iria para o inferno, mas a única coisa que ela disse foi: “eu sei o quanto você quer ir, idiota”. Realmente, esconder algo da garota que já lhe dera uma mordida na bunda era uma tarefa impossível.

Tentou focar no “eu não deveria *ir*”, até que esse pensamento se transformou em “eu não deveria *estar aqui*”.

Ele tocou a campainha da casa de Amália, ouvindo a ladainha ecoar no interior da residência até parar, e logo em seguida passos apressados. Desceu os degraus da pequena varanda sentindo vertigens a cada vez que tirava um pé do chão, estava prestes a estalar o primeiro dedo quando ouviu o ranger da porta.

— Tá atrasado.

Theo se virou ao ouvi-la e perdeu o resto da sanidade que ainda lhe sobrava.

Puta merda.

Amália usava um vestido preto curto com fendas laterais, o decote sutil em V valorizava seus seios pequenos e clavículas delicadas. Ao perceber o olhar vidrado — faminto, mais precisamente — sobre seu corpo, ela deu um sorriso travesso e girou devagar, revelando as costas nuas que lhe davam um ar ainda mais provocante. E nada de meias engomadas. Ela estava incrível.

Ele a policiou conforme andava em sua direção, flutuando como um verdadeiro anjo. Conseguia imaginar as curvas livres abaixo do tecido de seda reverberando nas suas partes mais indecentes.

— Tô bonita?

Theo admirou a garota dos pés à cabeça mais uma vez, sentindo a

boca cheia d’água.

— Você tá… — Ele cravou os olhos aos dela antes de continuar. — Uma verdadeira obra de Da Vinci.

— Uau. — Amália enrubesceu por baixo da maquiagem. — É melhor do que esperava.

Um minuto constrangedor de silêncio pairou entre eles enquanto Theo a fitava totalmente hipnotizado com a graciosidade com a qual ela se movia. Sentia-se um virgem de quinze anos.

— Tudo bem?

— Sim… — Ele chacoalhou a cabeça. — Não. Podia ter me avisado que iria vestida assim, eu teria vindo de carro.

— Qual o problema com a minha roupa? — Ela alisou o vestido, ultrajada.

— Tirando que tá quase pelada, nenhum.

Amália arqueou as sobrancelhas antes de colocar as mãos na cintura. Tinha a mesma expressão prepotente de sempre.

— E desde quando se importa se uma garota tá mostrando demais? Você até prefere assim. Então não venha me dizer o que eu devo ou não usar.

Ele gargalhou.

— Usa o que quiser, Amália. Eu não ligo. Só… — Ele respirou fundo. O que era aquilo que sentia no peito? — Como vai andar na moto desse jeito?

— Do mesmo jeito que você.

Theo revirou os olhos, coçando a irritação na nuca.

— Não se importa se os imbecis ficarem babando em você?

Amália chegou mais perto, quase colando seu peito no dele.

— Você se importa?

— Eu? Não, não me importo.

— Então pronto, vamos.

Ela pegou um dos capacetes com um sorriso convencido nos lábios cobertos de *gloss.* Vencido, Theo subiu na moto, estendendo o braço para que ela o acompanhasse. Tentou desviar a atenção da quantidade absurda de pele à mostra, mas simplesmente *não dava.* Na maioria dos casos estava se pouco fodendo para a escolha de roupas curtas de uma garota, ela estava certa, ele até preferia assim, mas agora a ideia de olhos nojentos sobre o corpo dela era intragável.

Amália se aprumou às suas costas, e sentir o corpo pequeno junto ao seu reavivou os mesmos instintos primitivos que surgiam sempre quando estavam próximos. Ela passou os braços ao redor de sua cintura, mais uma vez segurando a barra da jaqueta de couro como se aquilo pudesse livrá-la de um possível acidente. Um ato doce e ingênuo que o envergonhou quando seu corpo reagiu da maneira mais indecente possível. De novo.

21 - bons tempos, boas vadias



“As pessoas adoram quando entram em sua mente
Um pensamento é a moeda do amor
E eu estive pensando nela o tempo todo
Nunca vi alguém combinar perfeitamente
O que tenho que fazer para te chamar de minha?”
***Objects in the Mirror,* Mac Miller**

A festa de Holly era a representação exata dos lugares que ele deveria frequentar, mas nunca ia. Sua agenda pedia por passatempos mais caóticos.

A bebida mais forte era vodca, em compensação, havia muita: um barril no fundo da cozinha, ao lado de uma geladeira abarrotada de latas e garrafas de cerveja de todos os sabores possíveis, numa quantidade tão grande de álcool ilegal que daria fim ao seu fígado. E era só isso. Não havia drogas, codeína, misturas loucas de comprimidos e nem pessoas dispostas a quebrar alguns dentes por motivos fúteis, muito pelo contrário, aquela festa era o oposto de futilidade. Até a música tocando, um rap melodioso que quase sempre não o agradava, o fazia querer sentar na varanda e conversar sobre os velhos tempos do colegial; as incontáveis mensagens ignoradas dos amigos também fizeram efeito, recebeu tantos abraços que o perfume novo desapareceu nos primeiros minutos. Ele precisava daquela paz. Mas não durou muito.

Há algum tempo, Theo havia assistido a um filme de terror japonês onde um homem sentia forte dor nas costas por ter a porra de um fantasma montado em seus ombros. De certa forma, era assim que ele passou a se sentir ali, com Benjamin trepado em suas costas, de olho em tudo.

Tentava prestar atenção na conversa em grupo, na música, nas risadas, mas só conseguia focar em Amália ao seu lado. Ela gesticulava frequentemente, vez ou outra gargalhava e segurava seu braço com uma intimidade assustadora, descendo o toque pelo couro da jaqueta até sua mão, antes de soltá-lo de novo.

Era acolhedor de uma forma perturbadora.

— Eu já volto — sussurrou para ela e abriu caminho entre os conhecidos.

A queimação dos olhos verdes ferveu sobre ele até chegar ao próximo cômodo — uma cozinha de móveis rústicos e pintura envernizada impecável — ainda mais lotado que a sala de estar. Pegou uma das cervejas baratas de dentro da geladeira e bebeu, gole por gole, de uma só vez, como se precisasse dela para dar o próximo passo. “Estou bem longe de me tornar um alcoólatra”. Theo repetia essas palavras sempre que fazia uso de bebidas como água fresca depois de uma caminhada, mas agora, enxugando as gotas escorrendo pelo pescoço com a manga da jaqueta enquanto desejava outra, já não tinha tanta certeza.

Deixou a garrafa vazia na mesa quando seus olhos se cruzaram com os de Agnes. A garota estava escorada na lareira enorme da sala de jantar, segurando uma garrafa numa mão e um atiçador de brasa na outra como se fosse acertá-lo na cabeça de alguém a qualquer momento. Ela deu uma piscadela safada e lhe mandou um beijo pelos lábios vermelhos. Seu estômago revirou.

Theo pegou outra garrafa de cerveja e correu de volta para Amália, que estava sentada sobre as costas do sofá com uma certa dificuldade em engolir a mistura de vodca e suco de limão.

— Quer trocar?

— Por favor. — Ela suspirou antes de pegar a garrafa de sua mão e lhe entregar o copo. — Não sou muito boa com isso.

— Na verdade você é péssima. — Ele se sentou ao seu lado, próximo o suficiente para seus braços se tocarem. — É melhor pegar leve.

— Tem razão. Cinco cervejas e danço pelada em cima daquela mesa.

Amália apontou para a mesa de sinuca, onde um bando de marmanjos se reuniam com tacos de madeira e nenhuma capacidade de acertarem outras bolas além das próprias.

— Nem fodendo, eu não ia deixar — rebateu.

— Não ia?

Ela o observou com curiosidade. Theo desviou o olhar e arrancou o canudo do copo para beber o líquido fresco, deixando sua boca na marca exata do *gloss* dela; sob a iluminação intermediária da festa, ou graças ao efeito do álcool, Amália tinha uma aparência diferente, quase mística.

— É claro que não. Ninguém merece ter essa visão pavorosa.

— Agora faz sentido. — Ela riu, passando a mão pelo vestido de seda. — Devo tá horrível nessa roupa.

Ele pendeu o corpo para o lado e se aproximou de seu ouvido.

— Você tá perfeita assim. Se não fosse tão chata, eu até poderia te dar uma chance.

Amália gargalhou tanto que quase caiu para trás. Era uma risada estranha, começava de forma escandalosa e ia diminuindo até se transformar em algo suave e fofo. Ele a esperou se recompor enquanto fitava o ambiente bagunçado, a música havia passado para um eletrônico esquisito, talvez mais um sucesso de Calvin Harris que estourou por volta de 2010; depois de uma eternidade, ela voltou para o lugar alguns centímetros mais próxima.

— Então agora sou linda? — Semicerrou os olhos.

— Sempre te achei linda, nunca disse o contrário.

— Pensei que eu fosse uma escolha ruim do seu irmão.

Theo mordeu o lábio inferior, pensativo.

Amália era *tanta* coisa, mas agora ele não conseguia explicar nenhuma. Só sabia que em algum momento a chave dentro do seu peito virou, e a partir disso, não estar mais perto daquela garota deixou de ser uma possibilidade. Lembrava-se de dizer a Benjamin, logo no começo do namoro dele, o quanto Amália era linda, mas era só isso. Uma beleza como a de Vanessa, de Hannah, nada além; porém, nos últimos dias ela passou a ser mais: era a bebida que ele tinha nas mãos, que segundos antes estava nos lábios dela, era a familiaridade com a qual suas peles se tocavam como se tivessem sido criadas para aquele contato, era o cheiro forte de tinta da ponta de seus dedos.

Ele encarava seus orbes sedentos por uma resposta, no mínimo, gentil, percebendo o brilho que nascia no rosto dela sempre que a tratava com ternura. E pela primeira vez na vida Theo desejou mudar sua personalidade crítica e arrogante em prol de algo além de si mesmo. Algo bom.

— Você era sim… — Ele levou a mão até ela e prendeu uma mecha

de cabelo atrás de sua orelha, aproveitando para beliscar carinhosamente o lóbulo antes de se afastar. — Mas era uma linda escolha ruim.

Amália brilhou, resplandecendo como uma entidade divina. As luzes piscando repetidas vezes no teto foram ofuscadas pela esfera luminosa de calor que os envolvia. Sem quebrar a conexão de seus olhos, ela levou o gargalo da garrafa aos lábios entreabertos, maculando o batom que ele desejava, erroneamente, tirar; Theo deu asas à sua imaginação, pensando em outros lugares onde aquela boca poderia estar e que causariam muito mais estragos. Deliciosos estragos. Ele deveria agir, já estaria afundado em outra garota àquela altura, mas algo maior paralisava seus movimentos. O bom senso, talvez.

Mas foda-se… eu quero sua boca.

Ele se inclinou na direção dela no exato momento em que sentiu um peso abrupto sobre os ombros, sendo acariciado a contragosto por mãos femininas ossudas e, para o seu azar, familiares.

— Não acredito! — Bettany deu a volta no sofá. — Por que não me disse que viria?

Theo não teve tempo de reagir quando a garota se jogou sobre ele e o abraçou pelo pescoço, obrigando-o a sentir o forte perfume cítrico dos cachos loiros. Como um perfume de prostituta. De relance, viu quando Amália secou a bebida derramada na perna devido ao susto.

— Quanto tempo não te vejo! — Ela estalou vários beijos em seu rosto. — Você emagreceu? Ah, não importa, continua gato.

— Bettany… e você continua a mesma.

Theo fez pressão em sua cintura a fim de afastá-la, mas apenas serviu para que ela se aconchegasse mais entre suas pernas.

— Amália, eu não te vi aí. — Ela soou falsa ao enfrentar a companhia de Theo. — Agnes disse que você não viria.

— Ela estava errada, nós viemos juntos.

— Mas espera, vocês não se odiavam?

Eles trocaram olhares pela primeira vez desde a chegada de Bettany. Theo não via mais o brilho em seu rosto, apenas confusão e constrangimento. *O que teríamos feito se essa vaca não tivesse chegado?* Ele empurrou a garota com mais força, dessa vez, ela deu um passo atrás.

— Nós estamos em trégua — contou com a atenção fixa nela. — Só isso.

— *Só isso* — ela repetiu antes de se levantar. — Vou falar com a Holly, nos vemos depois.

Bettany mal esperou Amália sair para voltar a se pendurar em seu pescoço, e automaticamente aquele toque se tornou indesejado. Ele deixou as mãos no encosto do sofá, sustentando seu peso e o dela.

— Se eu soubesse que você viria, teria me arrumado mais.

— Para com isso, você tá linda… — elogiou, porém, varrendo a multidão atrás de sua cabeça, por onde Amália havia fugido. — Como sempre — completou.

— Sei disso. — Ela arranhou sua nuca com as unhas compridas. — Algo me diz que essa noite vai ser muito boa.

Nem fodendo. Nem. Fodendo.

— Quer uma bebida? Pode falar, pego pra você.

Bettany deu mini pulinhos de euforia.

— Quero um vinho, naquelas taças chiques de restaurante, sabe? Vi uma galera bebendo e quero bater uma foto bem conceitual.

— Aquelas tacinhas, sei… vou procurar — ele fingiu uma risada —, nem que eu precise comprar uma. Agora a senhorita fica bem aqui.

Theo se levantou, segurou Bettany pelos braços e a colocou sentada no sofá.

— Sentadinha, não sai daí — avisou.

Ele a deixou tamborilando os dedos nas coxas, animada, e correu para longe. Deveria tê-la nas mãos agora, deveria sentir o suor abafado entre os seios volumosos, deveria beijá-la; entretanto, andou por todos os cômodos possíveis à procura de um único rosto, e lá estava: inclinada sobre a mesa verde, Amália competia contra Holly na sinuca. Vê-la daquele ângulo era um pecado. O cabelo caía solto sobre os ombros, o vestido nivelava as curvas delicadas enquanto ela mantinha o quadril elevado, na ponta dos pés. Graças ao Efeito Borboleta que o levava sempre de volta a ela, como o único caminho a ser feito, sem ramificações, Theo seguiu na mesma direção.

— Já vai buscar sua presa?

É claro que nesse caminho haveria alguns montes de bosta.

Ele parou no meio do corredor que ligava ambos os cômodos com Agnes interceptando sua passagem. Para sua sorte, ela não segurava nenhum objeto perigoso além de um copo de cerveja.

— Ah, cacete. — Ele passou a mão no rosto. — Você quer um

autógrafo? Uma foto pra se masturbar à noite?

— Não é bem-vindo nessa festa.

— E como vai o Noah? — Esboçou um sorriso. — Aposto que sente falta do colegial.

— Tá jogando em Albuquerque agora. Tem uma longa carreira no basquete, e você… — Ela formou um bico com os lábios. — Que peninha, continua no mesmo lugar.

Um estilhaço de copos foi ouvido ao longe, mas não desviou a atenção de nenhum dos dois.

— Acredito que ele também tenha superado aquela cicatriz nojenta. Não deve ser muito popular entre as universitárias.

— Quer mesmo falar de popularidade quando você se sujeita àquilo?

Agnes deu um passo para o lado, apontando o copo para algo no cômodo seguinte. Amália estava nos braços de Dylan, numa tentativa fracassada de acertar o taco na última bola da mesa; o corpo rígido do garoto estava sobre o dela, o peito nas costas nuas, uma mão no quadril. Ela sorria.

Sentindo que ia enlouquecer, ele focou em Agnes, encostada na parede com os olhos fixos sobre ele. Há meses não se viam, mas o ódio continuava o mesmo.

— Eu tenho pena. Toda essa historinha de novos amigos que ela tem contado pra todo mundo, é ridícula. — Ela riu. — Amália é como um antro de piedade. O ex morto, depois o novo namorado que come outra bem debaixo do nariz dela, e agora… Não acha que ela já é inocente o bastante?

Theo franziu o cenho. Suas mãos começavam a suar e a jaqueta de couro parecia cada vez mais pesada sobre os ombros; ele virou as costas para a mesa de sinuca e se aproximou da garota, apoiando um braço na parede ao lado de sua cabeça.

— Que tipo de amiga você é?

— A esperta — rebateu um segundo depois.

De repente, tudo se encaixou. Ele abaixou a cabeça e riu com o queixo colado ao peito frenético. Depois de um tempo, suspirou e levantou o olhar para ela.

— Nunca foram amigas, né? Não de verdade.

Ela não respondeu.

— Fez dupla com Amália só pra que *ela* pintasse a tela, porque sabe que ela é muito melhor do que você — deduziu devagar, degustando palavra

por palavra. — Quando já estava no fim, a tirou da jogada. É claro… — Ele estalou a língua, fingindo estar decepcionado. — Você é invejosa, sacana e sem talento.

— Meus parabéns, Anderson. Vai fazer o que? Me denunciar pra polícia?

Theo deu de ombros, batucando a mão na parede ao ritmo da música saindo das caixas de som. Deveria estar com raiva, mas Amália havia recuperado o trabalho com tamanha maestria que não valia a pena. Ou melhor, *eles recuperaram*.

— *Você* não vale a pena.

— E quem vale? Ela? — Agnes apontou o queixo para Amália, mantendo o olhar. — Sei que pode ser algum fetiche, mas ela não faz o seu tipo.

— O meu tipo? — Reconheceu o tom venenoso na voz da garota.

— Linda e gostosona. Fazia mais o estilo sem graça do seu irmão.

— Dobra essa língua pra falar de qualquer um deles, sua vagabunda — rugiu baixo, aproximando o rosto ao dela. — Você já tá me enchendo a paciência.

— Gato… — Agnes lambeu os lábios vermelhos, menos de dez centímetros e o beijaria. — Você não é nenhum santo e tem plena consciência de como a Amália te olha. Holly tem um quarto lá em cima se quiser. Ou se não… — ela subiu a mão direita por seu abdômen até parar sobre o peito, onde segurou a lapela da jaqueta com um breve puxão — se quiser alguém mais experiente e que não cause tantos danos à memória do Ben… afinal, o irmão e a namorada é uma facada grande até pra um cadáver.

Theo agiu rápido. Segurou o rosto de Agnes na linha da mandíbula, pressionando-a entre seu corpo e a parede. Apesar de tudo, ela continuou com o sorriso de merda.

— Eu já mandei você calar essa boca — ordenou com a voz pesada.

— Vai me bater? Igual bateu no meu irmão?

Quase não dava para ouvi-la falar em tom abafado graças às bochechas amassadas contra seus dedos. Mas ele não hesitou, pelo contrário, chegou mais perto, agravando a força. A ponta do seu nariz tocou o dela e o permitiu, apesar da pouca luminosidade, ver a maldade em cada um dos olhos falsos.

— Não sou covarde, mas também não sou otário. Não me provoca.

Agnes se soltou e levou a mão ao rosto para massagear as áreas afetadas.

— Ainda vou acabar com você — ela garantiu.

— Boa sorte.

Ela o empurrou e abriu caminho por onde viera. Theo bateu a testa suada na parede, arfando pelo cansaço mental excessivo; seu corpo era de um jovem, mas sua mente já estava senil. De olhos fechados, era a hora do monólogo.

Não adiantava mais dizer que Amália era apenas sua amiga, pois isso não apagaria os sentimentos despertados desde a sua chegada, muito menos as reações involuntárias do seu corpo a cada toque sutil. O ciúme, as mariposas no estômago, a vontade insaciável de tê-la nos braços. “O irmão e a namorada é uma facada…”. Facada haviam sido aquelas palavras e as sensações trazidas quando percebeu se tratarem da mais pura verdade. De todas as garotas que poderia ter, Amália era a mais impossível. E também a mais desejada.

Ele socou a parede, furioso consigo mesmo por ignorar os próprios avisos e ainda assim, desejar ir atrás dela. Mas não foi preciso dar nem um passo sequer, Amália já estava parada ao seu lado.

22 - apocalipse



“Segredos que tenho mantido em meu coração
São mais difíceis de esconder do que pensei
Talvez eu só queira ser seu”
***I Wanna Be Yours,* Arctic Monkeys**

— Tudo bem? Era impressão minha ou vocês estavam se estranhando?

Seu rosto assumiu contornos sérios. Mesmo com a música alta ele pôde reconhecer o nervosismo na voz dela, quase um medo, com toda certeza, racional; depois dos segredos que havia lhe confiado, é claro que teria um pé atrás ao vê-los tão próximos. Theo limpou a garganta e sorriu.

— Na verdade nós combinamos de sair mais tarde pra falar mal de você — brincou.

Ela estapeou seu ombro com uma força ridícula.

— Tô falando sério!

— E quem disse que eu tô brincando? Adoraria ouvir seus podres.

Um grupo de pessoas passou por eles carregando um garoto nos ombros, e Theo jurava que o coitado estava nu. Ele puxou Amália pelo pulso para o seu lado do corredor antes que fosse arrastada involuntariamente pela euforia dos amigos se dirigindo para o centro da sala. Escorregou o toque até sua mão e a segurou, entrelaçando seus dedos. Ela respondeu ao gesto com uma naturalidade assustadora.

Antes o contato físico era uma ofensa. Agora, não tocar Amália era inaceitável.

— Relaxa, tá bom? Ela só veio me encher o saco. — A tranquilizou.

— E não falou de mim?

— Falou pra caralho. Vem cá. — Ele fez sinal com os dedos para que

ela se aproximasse, depois curvou o pescoço e sussurrou em seu ouvido: — Acho que ela é apaixonada por você, tipo aquela paixão lésbica encubada?

Amália caiu na gargalhada, agitando o corpo como se estivesse tendo uma convulsão. Ela esbarrou na garota passando ao seu lado mas em nenhum momento o soltou. Ele a sentia cada vez mais firme entre seus dedos

— Faz sentido! — Ela suspirou para recuperar o fôlego. — Mas da próxima vez foque em me defender ao invés de só ouvir.

— Eu estava ocupado demais prestando atenção em você com o Dylan.

— Que? — Reprimiu um sorriso. — Eu e o Dylan?

Ele guardou a mão livre no bolso da jaqueta e escorou o ombro na parede, correndo os olhos pelo local. A cada minuto chegavam mais pessoas que se aglomeravam por todos os cantos, tornando difícil a comunicação; para ouvi-la melhor — ou não — Theo a puxou para mais perto, e ela veio tão fácil quanto uma bola numa descida íngreme.

— Achei que ele fosse subir em cima de você — explicou. Sentia o incômodo transparecendo no tom.

— Ele só foi me ensinar a jogar, mas é difícil saber qual de nós dois é o pior. — Ela inclinou a cabeça com suavidade. — Por que? Tá com ciúme?

— Não seja ridícula. Só tive medo dele se aproveitar da situação. Já ouvi falar que ele tem uma mão bem boba.

Como se a dele não fosse.

Amália deu um passo à frente, tornando a distância entre eles ainda mais precária.

— Qual o problema nisso?

— Eu não quero que ninguém toque você, Amália.

Ela tremeu. Lábios, pelos, os poros visíveis se perdendo para dentro do decote do vestido, e Theo se perguntou até onde iriam. Até onde a extensão da pele macia e cheirosa poderia ir? Até onde ele poderia deslizar a língua e causar tantos arrepios que ela nunca esperou sentir? Sensações que ele tinha certeza que poderia causar. Amália encolheu os ombros diante da resposta. Como se lhe desse um sinal verde, ela umedeceu os lábios e terminou o ato com uma leve mordida na parte inferior; sua expressão beirava a excitação, implorando para ser beijada.

No mesmo instante, um estrondo reverberou por toda a casa. Ele se virou para trás e viu Holly e Dylan no chão, caídos sobre pedaços grossos de

madeira do que um dia havia sido uma mesa de jantar, apesar da bagunça eles riam com copos de cerveja na mão.

A tensão sexual se dissipou em instantes.

— Não vai com eles? — Ele indicou a bagunça de pessoas às suas costas.

Amália voltou a olhá-lo. Theo notou suas mãos soltas ao lado do corpo, brincando nervosas na barra recortada do vestido. *Por que ela se afastou de mim?*

— De jeito nenhum, não sou muito boa com isso. — Ela balançou os braços, indicando o ambiente ao redor. — Na verdade, só não me sinto muito confortável. É claro que nunca recusei nenhum convite…

Ela parou de tagarelar e arregalou os olhos.

— Pode continuar, eu quero te ouvir. — Ele foi sincero. *Muito* sincero.

Para enfatizar seu pedido — sua súplica —, ele cruzou os braços, encostado na parede e disposto a não perder porcaria nenhuma que saísse da boca dela. Mesmo assim era um dos melhores sons do mundo. Ela suspirou em meio a um sorriso e bateu as costas na superfície dura, deixando seu ombro roçar livre no peito de Theo.

— Me sinto péssima em multidões, é isso. Podem ser as pessoas mais íntimas, mas sei lá… É como se todos estivessem olhando pra mim e pra cada gesto meu.

Theo quis abraçá-la ali mesmo.

— Não fode, garota — disparou com certa hostilidade. — Já se viu no espelho? É claro que todos vão olhar pra você, é a coisa mais maravilhosa dessa festa.

Dessa vez ela não enrubesceu e nem desviou a atenção, apenas fitou a honestidade no rosto de Theo por longos segundos, e para ele o mundo ao redor deixou de existir.

— Você acha? — ela continuou. Suas feições estavam murchas como uma flor arrancada. — As pessoas são tão cruéis. Parece que sempre veem o pior de você, mesmo que isso seja lindo. Sempre pensei que eu merecesse alguém que gostasse de mim além disso.

— Isso é o mínimo, Amália. Você merece alguém que ame cada centímetro do seu corpo, da sua mente, cada traço peculiar da sua personalidade. Alguém que a veja da mesma forma que vê uma tela num

museu: intensa e perfeita.

Theo soltou a respiração que o sufocava. Como alguém, com o mínimo de cérebro possível, poderia tê-la feito mal? Ele se afastou da parede e segurou a mão dela novamente.

— Vem.

— Pra onde?

Ignorou sua pergunta e começou a puxá-la para a sala de estar, onde as pessoas se agitavam ao som de uma música revoltada do Travis Scott. Ele sentia sua resistência, tentando cravar os coturnos no chão para não sair do lugar ou voltar correndo para o cantinho isolado.

— Theo? — ela chamou atrás dele. — O que tá fazendo?!

— Cala a boca — pediu por sobre o ombro.

Ele parou no centro da pista e ficou frente a ela. Amália movia os olhos para todos os lados, tão depressa que ele pensou saírem de órbita a qualquer momento. Suas mãos entrelaçadas suavam, mas toda a umidade vinha dos dedos frágeis dela.

— Você fica aqui.

— Ficar aqui? Você não ouviu o que eu acabei de dizer?!

Ela tentou se soltar, mas ele a segurou mais forte. As luzes piscavam devagar acima de suas cabeças, e sempre que a sala era iluminada, mesmo que por milésimos de segundos, Theo via a angústia em seus olhos verdes, desejando fugir para longe até os pés doerem.

— Confia em mim — ele pediu. — Por favor.

— Theo, não…

— Amália, por favor. Eu nunca faria nada pra te deixar mal. Confia em mim.

Ela olhou ao redor, e por fim, parou sobre ele. Theo sorriu e foi suficiente para o medo deixá-la; ele apertou a mão suada uma última vez e a soltou, deu um passo atrás, depois outro, fixando-a para ter certeza que não sairia correndo, em seguida se virou e saiu.

Ele correu até o DJ no canto da sala, parado sobre um pequeno pedestal. Sinalizou para o homem, que se abaixou para ouvir o pedido sem sentido àquela altura da festa, ele procurou algo no celular e logo depois esboçou um sorriso de dentes tortos, assentindo com o polegar.

Mais calmo, Theo voltou pelo mesmo caminho. O rap enjoativo parou, quase todos da pista gritaram vaias e ofensas. Assim que colocou os

olhos em Amália — ainda parada no mesmo lugar — a melodia gostosa de *I Wanna Be Yours*, da nostálgica Arctic Monkeys, começou a tocar.

— Ficou maluco? — Amália questionou. — Eles não gostaram nada disso.

Ele observou a grande maioria das pessoas deixando a pista.

— Foda-se eles.

— O que pretende com isso?

"Você que decide, querida…"

— Fecha os olhos — pediu.

— Fechar meus olhos? — Ela franziu o cenho. Parecia uma velha com tantas rugas preocupadas. — Não vou fazer isso, vão me achar uma…

— Não importa o que vão pensar de você, por acaso eles pagam suas contas?

Amália negou com a cabeça, sorrindo.

— Então… Só tem eu e você aqui, só eu e você. Fecha os olhos e ouve a música, ou melhor… — Ele chegou mais perto. — Sente a música. Acho que nunca fez isso, né? Nessas festas que se obriga a ir.

A contragosto, ela obedeceu. Theo se aproximou ainda mais. Vendo-a sob aquela luz, inteira e presente, não conseguia imaginar nada mais perfeito. *Quem era essa tal de Monalisa mesmo?*

Ele pousou as duas mãos em sua cintura, levando-a a abrir os olhos, assustada.

— Calma, coisa linda. Sou só eu.

Seus corpos colidiram quando ele a puxou para si, tão arrebatadores quanto dois astros celestes no espaço. Theo sentia os bicos de seus seios contra o peito, e não se importou se ela também sentiria a resposta inapropriada de seu corpo.

— O que pensa que tá fazendo? — ela perguntou com as mãos em seus ombros.

— Dançando com você.

— Isso não é valsa.

— E eu não mandei você abrir os olhos.

Amália deu um sorriso suave, fechando os olhos logo em seguida. Theo segurou as mãos dela e as levaram, uma a uma, ao seu pescoço. Ela recuou ao ser espetada pela ponta dos cabelos lisos que chegavam à nuca, mas depois passou a acariciá-los com pequenos e leves puxões. Como ele

gostaria de realmente fazê-la puxar seus cabelos…

— O que fazemos agora?

— Agora? Nada.

Ele encostou a bochecha em sua cabeça, sentindo o aroma forte das tintas a óleo deixar o castanho dos fios e completar o buraco que tinha no peito. Aos poucos as pessoas voltavam para a pista com os respectivos pares encontrados ao acaso, mas para ele nada mais os rodeava. Estavam completamente sozinhos. Eles e os detalhes responsáveis por elevar os 5 sentidos ao auge do que poderiam ser: a textura da seda do vestido, o gosto quando seus lábios se prenderam aos fios de cabelo, a baixa iluminação, a música melancólica, e é claro, o cheiro. Ela possuía um perfume único que Theo não era capaz de descrever, na verdade não, ele sabia. Amália tinha cheiro de vida.

Ela deitou a cabeça em seu peito, calma e em paz, como ele gostaria de deixá-la quando a trouxe para aquela multidão. Dançaram quase sem se mexer, seus corpos balançando num ritmo próprio, alheio à música, que ninguém ali era capaz de compreender; nem Theo sabia explicar a sensação ao fechar os olhos e apertá-la ainda mais contra si, tão próxima que sentia o coração dela batendo contra o seu. Puro êxtase, pura adrenalina, uma reação instantânea de combustão prestes a entrar em colapso.

Theo deslizou uma das mãos para o centro de suas costas nuas, ouvindo-a suspirar na medida que os pêlos eriçavam. Ele adorava cada poro debaixo dos dedos. Amália respondia ao seu toque, e isso o enlouquecia.

— Você disse que não era pra ninguém me tocar — ela sussurrou contra o couro da jaqueta, imóvel.

— Ninguém além de mim.

O corpo dela ficou extremamente febril.

— Agora abra os olhos — orientou.

Amália ergueu a cabeça em direção ao seu rosto. Ela tinha os olhos marejados, mas Theo duvidou que isso pudesse impedi-la de ver o quanto estavam próximos. Melhor, como ficavam bem sendo um só.

Eram tinta e tela criando uma arte genuína.

— Viu? — Ele indicou o ambiente ao redor. — Não tem ninguém olhando pra você. Só eu.

— Exatamente. — Ela engoliu em seco. — Seu olhar me afeta mais do que qualquer outro. Preferia ter mil olhos sobre mim… ao invés do seu.

— Isso significa que eu mexo com você?

Ela assentiu. Mesmo sem dizer nenhuma palavra, seus olhos revelavam o que havia por trás. Theo subiu o toque até a nuca enquanto mantinha a outra mão parada na curva de sua lombar, pressionando a carne entre os dedos.

— Não pode fazer isso, Theo. — Apesar das palavras, ela aninhou-se em seus braços.

— Eu posso, é claro que posso. Você tá me deixando louco.

Sua mão se perdeu entre os cabelos para reaparecer sobre a bochecha quente e corada. Ela vibrou ao senti-lo, as pálpebras trêmulas.

Sem conseguir esperar mais, Theo a beijou.

Foi estranho. O sentimento destoava de tudo aquilo que já havia sentido até agora, de todas as bocas que já beijara, mas de uma forma indiscutivelmente boa. Boa para um caralho. Ele agarrou mais forte os fios próximos ao couro cabeludo enquanto sentia os lábios carnudos dela contra os seus, se movendo com tanto receio que quase permaneciam parados. A umidade de suas bocas tornou-se uma só. Theo deslocou-se por ela sendo bombardeado por centenas de sensações assustadoras: o gosto da cerveja, o beijo molhado e quente, o ar que ela soprava para dentro dele. Tudo era pura eletricidade.

Lentamente Amália desceu as mãos até seu peito, mas ao invés de afagá-lo como ele desejava com todos os átomos do seu corpo, elas o empurraram para longe. Theo deu um passo atrás no segundo em que levava um tapa no lado esquerdo do rosto, um tapa forte e ardido. Ele tocou a bochecha, desnorteado, e a encarou. Ela estava em choque. Ele moveu os lábios para dizer alguma coisa, qualquer merda que conseguisse pronunciar, mas a garota correu.

Amália *simplesmente* correu.



— Será que pode parar e me ouvir?!

Dessa vez — para a sorte de seus pulmões e das cordas vocais — Amália parou. Estava chegando na esquina quando ele a alcançou, suando frio sob o sereno da madrugada que certamente o deixaria doente. Seu sistema imunológico nunca foi dos melhores.

— Ficou louca? — perguntou, mas ela continuou de costas sobre o meio-fio, por um triz de cruzar a rua e se afastar ainda mais da multidão de carros estacionados. — Tô falando com você, porra!

A rouquidão em sua voz era visível tanto quanto a respiração ofegante. Theo nunca pensou que ela pudesse correr tanto e se embrenhar nos mais diversos cantos para sumir da vista de quem a procurava. Mas ignorando o papel de idiota, ele a seguiu.

— O que tinha na cabeça? — Ela se virou. — Por que fez aquilo?

Theo não respondeu.

— Fala! Por que acha que tinha o direito de me beijar?!

— Você… — Ele sentiu a boca seca. — Não pode tá falando sério.

Eles mantiveram o contato visual, olhando no fundo da alma um do outro. Theo a observou de cima a baixo em busca de alguma sombra de zombaria que a faria cair na gargalhada a qualquer momento; ela pressionaria os lábios um contra o outro até não aguentar mais e encharcá-lo com uma chuva de saliva, depois seria sua vez de iniciar um beijo tão alucinante quanto o anterior. Mas não. Tudo o que via no rosto dela era confusão.

— Caramba… Não… Isso não podia ter acontecido. — Ela levou uma mão à cabeça, embolando os cabelos entre os dedos. — Você não podia ter abraçado, me tocado…

Ela esboçou uma careta de nojo, crispando os lábios.

Theo respirou fundo e virou a cabeça em direção ao céu, onde as estrelas nunca estiveram tão brilhantes. Ele reconhecia todas as constelações, sabia como identificar um planeta naquela imensidão estupidamente grande de pontos desconexos.

Porém nada ali era agradável o bastante para alegrá-lo.

O som de uma risada tosca o despertou. Um grupo de garotas passava ao seu lado rumo à casa de Holly, uma delas deu uma piscadela safada que faria seu corpo queimar, mas a única ardência que importava ali era a do rosto dolorido. Amália tinha se posto a correr e chegava na calçada do outro lado da rua. Quando se deu conta, Theo já estava a poucos centímetros, segurando-a pelo braço.

— Você não vai dar o fora assim. Não sem antes me explicar o porquê desse surto ridículo — falou junto a ela. Fazia o possível para a raiva não transparecer no modo como a segurava.

— Me solta! — Ela se afastou bruscamente. — Eu não sou uma

qualquer que põe as mãos quando bem entender!

— Do que tá falando?

— Se fez de amigo, ouvinte… No meu primeiro momento de fraqueza já se preparou pra… — Ela balançou a cabeça. — Achou o que? — Deu um passo à frente, enfrentando-o. — Ia me beijar, levar pro andar de cima e me esquecer no dia seguinte?

Ele abriu os lábios para responder, mas se calou imediatamente. Mesmo ao ar livre, o clima estava tão pesado quanto dentro da casa, ocupada pela multidão da festa. Para não gritar de raiva, ele sorriu.

— Tá dizendo… — Uma gargalhada inconformada escapou de sua boca. — Tá dizendo que fiz o que fiz pra te comer?

Tentou evitar o tom repugnante em suas palavras, mas foi impossível.

— Não vai acontecer. Nunca. — Ela cruzou os braços, rígida como uma pedra. — Entendeu? Não importa que me encha de cerveja…

— Para de falar merda! — Aumentou a voz e se aproximou na mesma distância de uma conversa amistosa. — Se eu quisesse isso poderia ter feito no estúdio. Estávamos sozinhos e chovia tanto que eu poderia ter te virado do avesso e ninguém ia ouvir!

— Você é nojento — ela repetiu as mesmas palavras da primeira vez em que se encontraram, logo após o quase acidente. Agora elas eram muito mais importantes para ele.

— Se sou tão nojento, por que me ligou? Hein? Pra que me chamou aqui hoje?!

Daquele jeito a deixaria surda.

Forçou a voz até a garganta doer, só o que importava ali era mostrar o quanto estava possesso. Foda-se se iria assustá-la e provar como estava certa em julgá-lo uma pessoa tão repugnante quanto um monte de merda na calçada. E talvez fosse. Talvez no fundo tudo não passasse de fetiche, como Agnes dissera, e já que era viciado na automutilação do corpo e da consciência, fazia sentido.

Focando-a em silêncio — com *I Wanna Be Yours* sendo reproduzida de novo no interior da casa, mas agora como um breve sussurro distante no fundo da mente — Theo era capaz de ver a dor em seus olhos expressivos. Confusão, medo, angústia. Bem diferente da doçura de minutos atrás.

O que eu fiz, caralho?

— Te chamei porque a Agnes te odeia — revelou sem nenhuma

convicção. — Ela merecia isso.

— Espera mesmo que eu acredite que me chamou aqui pra provocar aquela vagabunda?

Ela deu uma risada nervosa, mordendo os lábios.

— E… e por que mais seria? Como eu disse, nem todo mundo quer você, e só o que me interessava era a amizade que tínhamos.

— *Tínhamos?* — repetiu num fio de voz.

Aquilo não podia estar acontecendo. Theo sentia o rosto ficando mais vermelho a cada palavra dita e ouvida, tanto quanto os próprios cabelos.

Ele suspirou e virou as costas para fitar a paisagem diante da escuridão ociosa da madrugada; muitas pessoas estavam fora da casa, paradas ao redor dos carros, sorrindo da maneira como ele esperava sorrir desde que aceitou aquele convite ridículo.

Como pude ser tão burro? É claro que isso daria merda…

Tocou a parte sensível da bochecha antes de se voltar à ela e encarar seus olhos hipócritas.

— Você me usou, então?

— Igual você usou todas. Igual *me* usou! — Ela meneou a cabeça. — Me beijou por…

— Amália, te beijei porque… eu… — Não conseguiu dizer, parecia impossível. Ele passou a mão no rosto suado com agressividade. — Para de ser idiota, garota! Te beijei porque gos…

— Para! — ela gritou. — Para com isso!

Ele congelou no lugar, as sobrancelhas arqueadas. Os olhos dela banharam-se em lágrimas dolorosas.

— Não termina essa frase porque não é verdade. Não se importa em brincar com isso? Com o que o Ben sentia por mim?

— Cala essa boca.

— Não vou calar. — Uma lágrima rolou em sua pele fria. — Agnes tinha razão, você não aguenta ouvir uma verdade…

— Você não me conhece — interrompeu, tenso. — Para de falar do que não sabe.

Amália conteve uma risada. Ela não estava com raiva, nem triste, havia algo muito errado e Theo sabia disso, por esse motivo ainda mantinha a raiva presa às veias sobressaltadas e punhos cerrados. O vento ao redor, antes um sussurro leve, se transformou em uma fala gutural.

— Tô falando do que eu sei. Conheço você, Theo, e sei do que é capaz de fazer pra conseguir o que quer e… — ela chegou mais perto, quase unindo-os de novo. Mas dessa vez ele não quis beijá-la ou tocá-la — não se importa de machucar quem estiver no caminho da sua moto.

Mesmo ao ar livre, a voz acusadora de Amália entrou direto por seus ouvidos, acompanhada de outra muito pior.

"Já tá na hora de começar a pensar nas consequências do que faz, Theo. O mundo não gira ao seu redor".

O universo inteiro tornou-se estranho. Ele não entendia o que se passava na mente dela naquele momento, e a julgar pela expressão em seu rosto e o nervosismo material ao redor, nem ela parecia entender os próprios pensamentos; Theo, entretanto, já tinha uma mente caótica demais para ter que se preocupar com problemas alheios. Em questão de segundos a paixão — fetiche, como passaria a chamar — sentida por ela se transformou em ódio, uma raiva usada para mascarar o verdadeiro sentimento que a fraqueza o impedia de demonstrar. Tão repulsiva quanto qualquer outra pessoa, ele fitou sua imagem com sangue quente. Queria xingá-la de todos os nomes possíveis, mas não valia a pena.

Ele arrumou a gola da jaqueta, o topete bagunçado de fios rebeldes e depois prendeu sobre ela os olhos mais inexpressivos que conseguiu. Amália encolheu os ombros.

— Você não vai fazer comigo a mesma coisa que fez com o meu irmão.

Theo deu meia-volta e a deixou no escuro.

No curto caminho de volta para a casa de Holly, a menos de cem metros, ele quis virar e olhá-la pelo menos dez vezes, mas seu ego era maior. Mais do que o prazer de tocá-la e finalmente sentir seus lábios deliciosos, o arrependimento se fazia presente. Havia sido burro, otário, pensando mais uma vez com a cabeça debaixo. Ele costumava gostar de todas as coisas proibidas; a bebida com alto teor alcoólico, a velocidade sobre a moto em um dia de chuva… tudo trazia um orgasmo e uma consequência desastrosa, por que imaginou que com Amália seria diferente? Era proibida, trouxe euforia só para destruí-lo no fim.

A residência da pobre garota estava ainda mais lotada. Mesmo com o descompasso de pessoas e luzes, Amália ainda era a única imagem que tinha na cabeça.

Ele foi até a geladeira a passos duros e pegou a primeira garrafa não importava do quê, bebendo-a até o fim e, sem tempo para descanso, logo passando para a outra.

Foda-se parecer um alcoólatra, foda-se ser um alcoólatra.

— A noite não tá sendo das melhores?

Agnes o contornou e escorou o ombro no armário.

— Cadê nossa amiga? Não vai dizer que já estão de mal? — dissimulou.

— Eu quero que ela esteja na casa do cacete — falou com os olhos presos na lata de cerveja. Os dedos trêmulos tornavam impossível abrir o fecho metálico. — Agora sai da minha frente ou vai voar pela janela… Boceta!

Vencido pelo objeto, Theo o jogou de volta junto aos outros e fechou a porta com força, fazendo o refrigerador oscilar entre os pés. Começava a tremer, logo seus pensamentos se tornariam como fogos de artifício: frenéticos, desconexos, barulhentos, sem controle, e sensação de morte iminente chegaria aos poucos. Tentou seguir para fora da casa, mas Agnes continuava lá.

— O que você quer? — ele perguntou.

Ela sorriu, passou os braços por seu pescoço e o empurrou até bater as costas contra a parede. Escondidos no pequeno espaço entre a geladeira e o armário de compras, sob uma precária iluminação, ninguém poderia vê-los. Nem Theo conseguia distinguir os detalhes exatos dela, apenas uma forma carnuda e de cabelos compridos.

Agnes enroscou as unhas na base dos fios ruivos, o arrepio malicioso reverberou da nuca até o meio de suas pernas, onde ela mantinha a coxa pressionada. Considerando a risada abafada da garota, ela também havia sentido seu pau crescer.

— Sabe Theo, você tinha razão. — Ela apertou os seios contra seu peito. — Quero tudo que a Amália tem.

A raiva cresceu ao ouvir aquele nome.

Theo trouxe Agnes para mais perto, suas mãos exploraram coxas, quadris e bunda sem cerimônia nenhuma enquanto beijava toda a extensão do pescoço. Quando chegou à sua boca maculada com um sorriso prazeroso, ele se afastou o suficiente para seus lábios formarem uma única frase.

— Eu não pertenço a ela.

A garota o arrastou para um quarto qualquer no andar de cima. A luz foi acesa, clareando os corpos rivais. Theo tirou a jaqueta de couro. Agnes levou as mãos às costas e desceu o zíper do vestido até o fim, depois o deslizou pelas pernas grossas para ficar coberta apenas por uma calcinha vermelha. Em um minuto sua camiseta preta também estava no chão. Ele deu os poucos passos para trás e se sentou na poltrona próxima a cama.

Bastou abrir o botão da calça para Agnes se ajoelhar.

23 - casa dos sogros



“Guarde seu conselho, porque eu não vou ouvir
Você pode até estar certo, mas eu não ligo
Há um milhão de motivos pra que eu desista de você
Mas o coração quer o que ele quer”
***The Heart Wants What It Wants,* Selena Gomez**

Amália entrou em casa exausta e com a respiração ofegante. O cabelo estava preso no alto da cabeça, despontando mechas grudadas na umidade do rosto; gotas de suor escorriam entre seus seios; as pernas tremiam. Tinha abandonado as corridas vespertinas há seis meses, sujeitando seu corpo a um estado sedentário vergonhoso. Graças aos acontecimentos dos últimos dias, ela buscou um meio de se distrair.

Precisava tirá-lo da cabeça.

Desligou os fones de ouvido ao notar o cheiro forte de queimado invadindo as narinas e foi até a cozinha, que estava imersa em uma fumaça branca saindo direto do forno. Com rapidez, ela protegeu as mãos nas luvas grossas para tirar o bolo — ou o que um dia foi um bolo — incrustado e mergulhá-lo entre os pratos boiando na água dentro da pia.

— Mãe? — chamou enquanto agitava um pano de prato no ar. — Mãe?! Cadê você?!

— Meu Deus do céu!

A voz de Susan estava tão confusa quanto seu rosto. Ela apareceu no corredor com os óculos de grau pendurados no pescoço pelo cordão de silicone puído e um risco de caneta na bochecha. A mulher abriu as persianas e tentou dispersar a fumaça com as mãos.

— O que deu em você? Tá tentando colocar fogo na casa?

— Esqueci completamente. — Susan se encostou na pia. — Perdão,

eu me distraí.

Amália observou a fôrma queimada, a cobertura endurecida começando a se desfazer na água, tingindo a espuma com tons terrosos, depois subiu o olhar para mãe. Seus cabelos loiros estavam quebradiços, os sulcos abaixo dos olhos, que eram tão verdes quanto os seus, indicavam horas incessantes de preocupação. Ela estava triste.

— Você tá bem? — perguntou.

— É claro que sim, sua boba. — Ela sorriu e ficou de frente para a bagunça, fingindo analisar a comida carbonizada. — Não vamos ter sobremesa hoje…

— Mãe — cortou. — O que aconteceu?

Amália tocou seu ombro e juntas voltaram a buscar sustento na pia, sentadas lado a lado. Quem não as conhecesse poderia jurar que nunca foram ligadas por um cordão umbilical; fora os olhos, Amália havia puxado Vincent em cada detalhe da aparência.

Susan ergueu as mãos ao rosto para enxugar as lágrimas ameaçando cair. A filha esperou, paciente, a confusão dentro dela cessar.

— Seu pai, querida. Pensamos que esse emprego daria certo, mas escolheram contratar um careca com alface nos dentes. Céus… — Ela negou com a cabeça. — Queria que Vincent fosse menos tapado e tivesse escolhido uma profissão mais acessível.

Quanta ironia, pois foi justo o fato de Vincent ser historiador que atraiu a atenção de Susan, anos atrás.

— Eu acho que vão me ligar, sabe, da livraria — Amália contou, embora não estivesse certa de nenhuma proposta de emprego. — Causei uma boa impressão. Posso…

— Nem comece com isso! Já disse que quero você dentro da universidade, estamos economizando a miséria da herança de sua avó e é nisso que precisa focar agora.

Ela revirou os olhos.

— Nem começa você, Sra. Walsh. Eu tenho dezoito anos, não quinze. Posso muito bem dar conta de tudo.

— Você é muito teimosa, como seu pai. A única diferença é que ele é realmente insuportável — Susan resmungou.

Existia tanta raiva nas palavras da mulher que ela sentiu-se incomodada. Estavam na época em que não dava mais para ignorar o peso

gigante entre eles, marido e esposa que não se tratavam dessa forma. Era doloroso, principalmente quando Susan se esgueirava para sua cama na madrugada e dormiam juntas até o amanhecer, e ela dizia que era devido ao péssimo hábito de roncar do marido.

Amália espalmou as mãos nas coxas, virando-se para a mãe.

— Por que não acabam logo com isso? — Pegou Susan de surpresa. — Não seria muito mais simples se pedissem o divórcio? Cada um com as suas contas, sem o estresse do casamento. Não seriam mais felizes assim?

— De onde tirou essa ideia absurda? — Ela fez uma careta, ofendida.

Ela arqueou as sobrancelhas. *De onde será?*

— Você não entende o mundo dos adultos, tem que ser assim. Amamos as pessoas erradas, sofremos por elas, as machucamos também… — Mais vincos se formaram em seus lábios crispados. — É complicado.

— Não parece tão complicado pra mim.

Susan olhou para a filha, e Amália sentiu a dor de todos os problemas do mundo estampado nas rugas amenas. Ela quis chorar.

— Você ainda encontrará alguém que vai partir seu coração. Entenderá o que estou dizendo quando, mesmo estando em mil pedaços, ainda vai amá-lo com todas as suas forças.

Ela abaixou os olhos para o chão, atingida em cheio pela bala da qual era o alvo.

— Daremos um jeito. Eu e seu pai vamos até Sacramento em algumas semanas, talvez dê certo — falou, otimista, em seguida se levantou. — Agora arrume essa bagunça, por favor.

Amália acompanhou a mãe voltar ao quarto com os ombros curvados numa espiral depressiva de meia-idade, depois suspirou e saiu da cozinha desejando nada mais do que um banho gelado. Com a porta do quarto trancada, ela mergulhou no chuveiro sentindo a água cair nos insignificantes músculos doloridos; sozinha, apenas com o barulho constante das gotas, ela se encontrou, mais uma vez, perdida.

Fazia cinco dias desde que fora beijada, e há cinco dias ela lutava exaustivamente para esquecê-lo. Se pudesse voltar no tempo, nunca teria encontrado com ele. Nunca. Mas agora era tarde demais, na verdade, havia sido tarde demais naquela noite no estúdio, quando ela foi envolta pelo calor do corpo de Theo na jaqueta, e suas mãos foram acalentadas pelo vapor da boca dele. Até aquele momento tinha como voltar atrás.

Amália era boa demais, nunca conseguia enxergar o *mal* nas coisas. Que mal haveria em continuar pintando ao lado da pessoa que constantemente deslizava a língua nos lábios tão convidativos? Que mal haveria em se aconchegar junto aos ombros largos de Theo, tendo noção do quanto seu coração batia rápido, e fechar os olhos como se estivesse diante do seu porto seguro? Para ela, nenhum. Até que ela sentiu *aquilo no peito*. Aquilo durante o beijo, sem nome, mas tão arrebatador quanto um furacão. Enquanto voltava para casa de carona naquela noite, ela jurou que não se permitiria senti-lo.

Seus sentimentos por Theo permaneceriam ocultos para sempre, pois ela nunca mais os colocaria à prova.

Desligou o chuveiro e sentou na cama com a toalha enrolada no corpo e os cabelos pingando sobre os ombros. Sentia-se idiota por muitos motivos, mas o pior de todos: por tê-lo agredido e negar o quanto ansiava por seu toque. Negou seu beijo porque não queria admitir o quanto estava sedenta por ele.

— Isso é ridículo.

Amália se vestiu e penteou os cabelos, pronta para deixar aquela parte da sua vida para trás, apesar de tantos vestígios. Tela, memórias, o gosto salgado dos lábios dele, e pelo reflexo do espelho teve a prova da sua maior vergonha: a jaqueta de moletom que Theo emprestara na primeira noite juntos estava no mesmo lugar, jogada sobre a escrivaninha.

Por que não devolvi isso?

Sem pensar duas vezes, ela pegou a blusa e a jogou no interior do armário; ficaria escondida até ter certeza que seus sentimentos não a trairiam para conseguir devolvê-la, ou melhor, até ele comprar outra. Mas algo a impediu de fechar a porta. Um papel havia caído de um dos bolsos, amassado e gasto devido à chuva. Tão curiosa quanto o pobre gatinho morto, é claro que ela ia bisbilhotar.

Primeiro, nada fez sentido.

Sublinhada três vezes em letras grandes, a frase “com urgência” sucedia um pedido de exame de sangue e uma palavra esquisita que, segundo ela, era uma medicação. No topo estava o nome completo de Theo, e logo abaixo, carimbado num borrão quase ilegível, se podia ler o nome de um homem. Era uma receita médica. *Receita significa doença, certo? Certo.* Amália se apressou frente ao computador e buscou pela inscrição no carimbo.

Procurava respostas, mas acabou com mais perguntas.

O nome na receita — que ela não tentaria pronunciar nem se estivesse bêbada — era de um médico psiquiatra. Segundo o Google, um dos mais procurados de São Francisco.

Sua mente voltou dias atrás, no parque. “Eu já sei lidar com isso”, foi o que Theo disse depois de sofrer um ataque de pânico. Sim, a droga de um ataque de pânico.

— Mas que mer…

Não terminou de falar, sua voz soou fraca até sumir no ambiente. Ela enxugou a gota escorrendo pela testa sem saber se era água dos fios molhados ou suor, lendo o esultado das pesquisas vez após outra, paralisada demais para sequer pensar. Quando se deu conta, Amália já estava com a bolsa no ombro e cruzava a cozinha imunda que era de sua responsabilidade limpar.

Mesmo que tivesse jurado minutos atrás esquecê-lo para sempre, algo falava mais alto: a preocupação. Theo tinha muitas facetas, e uma delas o tornava tão destrutivo quanto o fogo no pavio de uma vela. Ela queria saber por quê.



Amália tocou a campainha com uma sensação de inferioridade perante a casa gigantesca, uma linda construção na Jackson com Pierce, de tijolos ocre e telhado preto, assim como os detalhes das janelas e vitrais da mesma cor. Até o gramado bem aparado sob seus pés assumia tons escuros. Bem a cara de Pacific Heights. E dele. Ela repassava na cabeça as frases ensaiadas no caminho, mas quanto mais perto estava de dizê-las, mais as esquecia.

Não demorou muito para ouvir passos no interior da residência, mas a sutil adrenalina se transformou em arrependimento quando a porta foi aberta.

— Amália?

Ela congelou diante de Phil, agarrando a alça da bolsa que cruzava o peito, desejosa de que ele não notasse como seus dedos se moviam sem coordenação alguma. É claro que ignorou o fato de que talvez não fosse Theo a atender a porta, talvez nem estivesse em casa.

— Você está bem, querida? — Phil deu um passo fora do batente. — Está sentindo algo?

Desperta finalmente, ela balançou a cabeça e se libertou dos pensamentos confusos.

— Oi! Eu, não… na verdade… — ela gaguejou. — Tô ótima. Já faz um tempo, né?

Phil custou a responder. Foi a coisa mais idiota que ela podia ter dito, considerando que a última vez implicava no funeral de Benjamin. Apesar disso, ele sorriu com uma expressão triste e um leve aceno de cabeça. Diferente de outras pessoas, não trazia marcas do luto e de nenhuma batalha interior, parecia mais forte, como uma parede de concreto inabalável.

Ela havia se esquecido do quanto Benjamin lembrava o pai.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou.

Sim, do seu filho.

— O Theo está?

Amália engoliu em seco ao ver a estranheza nos olhos azul-celestes. Era uma mudança e tanto, já que ele havia sido um dos maiores espectadores das rinhas entre ela e Theo.

— Não, ele não está. — Phil cruzou os braços fortes. — Do que se trata?

— Posso esperar por ele? — disparou.

Ele franziu o cenho.

— Esperar? Bem… Claro. — Ele abriu caminho, sinalizando o interior da casa. — Entre, por favor.

Ela foi conduzida pelo corredor até a sala de estar, conjugada a uma cozinha de mármore preto por uma divisória ampla, e logo avistou Vanessa debruçada sobre a ilha. Ela mantinha os lábios pressionados em uma linha fina e uma expressão atenta sobre o que eram — ou deveriam ser — bolinhos confeitados.

— Vanessa? — Phil chamou. — Lembra da Amália?

A mulher levantou o rosto e sorriu.

— E como eu poderia esquecer? — Vanessa arrumou a postura. — A *grande* Amália.

— Não, não. — Ela sorriu, sem graça. — É só Amália, não sou tudo isso.

Phil andou até a cozinha e trocou conversas baixas com a esposa. Vanessa largou a bisnaga de chantilly e acariciou o rosto dele, também apreensiva, por fim, beijou seus lábios e o tranquilizou com um “vai dar tudo

certo”.

Ela desviou a atenção e varreu o ambiente, todo o universo parecia estar fora do lugar; meia-luz sofisticada, geladeira semelhante à uma nave espacial, cheiro de perfume caro. Se antes se sentia pequena, agora era minúscula.

— Ele não deve demorar. — Ele a despertou, já ao seu lado. — Foi bom vê-la.

Ela respondeu com um sorriso sincero, observando-o sair pela porta de entrada. Segundo Theo, ele seguia uma longa carga horária no hospital, embora já fosse extremamente requisitado nos velhos tempos.

— Senta aqui, meu bem. Vem me ajudar com isso.

Amália foi para a cozinha.

— Por que tantos assim? — perguntou ao sentar-se na cadeira junto à ilha. — São muitos bolinhos.

— São muito alunos. Quem sabe assim consiga fazê-los ficarem quietos.

Ambas sorriram da brincadeira descontraída. Amália deu atenção aos enfeites na sua frente, separando os ursos dos dinossauros para dar sequência a um trabalho inacabado.

— Pensei que você e o Theo não dessem bem.

— É… Nos encontramos há alguns dias e percebemos que temos muito em comum. — Suspirou. — Estamos em trégua.

— Fico feliz. — Vanessa meneou a cabeça, os olhos concentrados na mistura branca. — Não que eu não goste da Linda, mas quando estão juntos, os dois aprontam demais.

Uma movimentação repentina a impediu de responder. Ela viu algo se mover à sua direita, não conseguindo conter o espanto quando um sopro de voz emanou de seus lábios.

— Não pode ser. Essa é a…

— Mary Austin, acredita nisso?

— Você ainda tá viva? — Ela acariciou o pelo macio da cadela que se deitava abaixo de seus pés. Os olhos âmbar do animal estavam murchos, como se carregassem anos e anos de uma história pesada demais para suportar.

— Já nem sei mais com quantos anos ela está. Theo gasta uma fortuna com veterinário, mas não tem mais como surtir algum efeito.

Seu corpo gelou ao ouvir o nome dele, ainda mais falado em tom melancólico. Largou Mary Austin, alisou a saia curta junto ao suéter azul turquesa e cruzou as pernas, dando a si mesma uma aura confiante.

— Vanessa, posso fazer uma pergunta meio… pessoal?

— Faz e já vamos descobrir.

Ai, Jesus.… Ela suou frio.

— O Theo tá doente?

A resposta demorou a vir. Amália notou quando as mãos de Vanessa vacilaram em torno da bisnaga, e o ritmo do chantilly diminuiu sobre a massa fofa; ela completou o carrossel e limpou o excesso de creme da embalagem com o dedo, em seguida o levou à boca. Tinha um ar casual, o cabelo atado com uma presilha deixava mechas caindo atrás das orelhas. Ainda assim, algo a trazia rugas preocupadas.

— Por que se importa? — Ela levantou a cabeça.

Sua voz soou rude. Amália se encolheu na cadeira, distraindo-se com uma linha solta na manga do suéter, depois tornou a olhá-la mais firme.

— Quero entendê-lo. Eu sei que…

— Você também sabe que até ontem teria o colocado na forca se pudesse — lembrou, uma das sobrancelhas erguidas. Ela soava muito como "mãe". — Se está aqui para prejudicá-lo ou por alguma forma de vingança, é melhor ir embora agora.

Parecia que o terreno "Theo" era ainda mais árido do que ela pensava.

— Acredite ou não, somos amigos agora — começou com a voz mais convicta que foi capaz. — Também confiei meus segredos a ele, e sou muito grata.

Ela engoliu em seco com a lembrança da tela na cabeça. Era por causa dele que tinha uma chance.

— Sei que ele esconde coisas. Quero ajudá-lo também, fui muito injusta. Por favor, Vanessa, eu nunca faria nada que pudesse trazer algum mal a vocês. Ou a ele.

Não mais.

Vanessa pensou por um minuto, encarando o conjunto de bolinhos; por fim, limpou as mãos no guardanapo e se sentou na cadeira ao lado dela. Amália sentiu as mãos suarem, fosse por nervosismo, arrependimento ou preocupação. Então realmente havia algo. A mulher apoiou o cotovelo no balcão e suspendeu a cabeça na mão, acariciando a testa como se pudesse

limpar a exaustão do subconsciente.

— Ele não se abre com qualquer pessoa, na verdade com ninguém. Então por favor… *por favor.*

Amália concordou. Vanessa deu um longo suspiro.

— Todos perdemos algo com a morte do Ben, sabe disso. Levou tempo, mas conseguimos seguir em frente, todos…

— Menos o Theo — completou.

— Ele ficou destruído. — Ela fechou os olhos por uns instantes. — Mas não foi a morte em si que o afetou.

Ela sentiu o coração descompassado contra as costelas.

— Na noite do acidente eles tiveram uma briga muito feia, com direito a socos e olho roxo. Phil me contou, porque o Theo não fala disso nunca. Nunca. Antes de sair, Benjamin disse que nunca o perdoaria.

Uma lágrima desceu pelo seu rosto congelado, mas ela não se preocupou em enxugá-la. Estava perplexa. Já sabia o que tinha acontecido depois.

— Por que eles brigaram? — Conseguiu perguntar.

— Nunca soubemos e achamos melhor esquecer. Depois disso…

Para a angústia de Amália, Vanessa parou. Ela sentia os fios colados na nuca, encharcados de um desespero que a matava aos poucos e aumentou ainda mais quando viu a mulher prestes a chorar.

— Depois disso, o que? — insistiu.

— Eu pensei que o Theo fosse morrer.

Ela parou de respirar.

— Ele não conseguia ficar um minuto dentro da antiga casa sem surtar, sem entrar em desespero com medo de mais alguém morrer. Phil procurou os melhores médicos, os mais caros. Fomos aconselhados a nos mudar, pelo menos até que ele melhorasse, mas nada aconteceu. Drogas, bebidas, tantas idas ao hospital, meu Deus… — Ela ergueu a cabeça e fitou o teto, dando leves piscadelas para afastar o choro.

— São… São crises de pânico, não são?

Os olhos de Vanessa quase saltaram das órbitas.

— Como sabe disso?! Ele…

— Ele teve uma algumas semanas atrás, quando estávamos juntos — contou. A lembrança da dor nos olhos castanhos nunca esteve tão nítida. — Eu o ajudei. Foi… horrível.

— Meu Deus. Ele não contou nada. — Ela mostrou-se magoada, mas também preocupada. — Há muito isso não acontecia.

Elas fizeram silêncio, ambas fitando algum ponto aleatório na casa, imersas nos próprios medos. Amália ouvia Mary Austin se mover abaixo de seus pés, e a cada som desperto no ambiente, ela desejava que fosse ele. Precisava vê-lo, abraçá-lo. Queria mais que tudo no mundo.

— Eu não consigo acreditar. — Ela passou a mão pelos cabelos. — Ele sempre pareceu tão…

— Feliz?

— Forte.

— Mas ele é. Ele é. As pessoas mais fortes são as que mais sofrem. — Vanessa secou uma lágrima do rosto. — A depressão é uma luta constante, tem dias que não sei como ele consegue continuar, só agradeço por isso.

Amália sentiu os alicerces do seu mundo ruírem todos de uma vez. Nada mais a sustentava.

— Depre…? Não. Essa palavra não combina com ele.

Ela deixou escapar uma risada nervosa. Saltou da cadeira e andou em mini círculos até parar, virada para Vanessa.

— Fala sério, estamos falando do Theo! Qual é. Ele não tá nem aí pro que falam sobre ele, faz piada com tudo… — Ela abriu os braços. — Ele ouve Queen! Ninguém fica triste ouvindo Queen.

Vanessa a convidou de volta para a cadeira e segurou suas mãos.

— As coisas nunca são o que parecem, não é? — Ela bufou. — O que mais podemos fazer, a não ser ter fé? Todas as manhãs rezo para que aquele não seja o dia em que ele decida por um fim em tudo.

Não podia ser verdade, não para Amália. Ela tentou controlar o choro enquanto era acariciada pelos dedos gentis da mulher.

— Como conseguiu esconder isso tão bem? — sussurrou para si mesma de cabeça baixa, mas alto o suficiente para ser ouvida.

— Qualquer pessoa que tenha a chance de conhecê-lo vai perceber a sorte que é tê-lo por perto. Ele é intenso, e de certo modo, devastador. Mas todos precisamos de um pouco de bagunça em nossa vida.

Vanessa voltou ao posto de confeiteira, deixando as palavras soltas no ar. Amália levou tempo para se recompor, enxugar as lágrimas e conseguir ter controle dos pensamentos outra vez, que gritavam pelo nome dele em notas

graves.

Tentou focar toda sua atenção nos enfeites, esperando paciente por sua chegada. Desejava, se ele permitisse, abraçá-lo até as forças deixarem seu corpo.

24 - amigo estou aqui



“Você virou a página e foi embora
Nunca pensei que você fosse alguém para dizer coisas que você não quis dizer
Você nem me ligou nem me desejou doces sonhos
Realmente pensei que fizemos uma boa equipe”
***Sweet Dreams,* BORNS**

Theo a viu acenando atrás do vidro quebrado. Ela sinalizou para que ele se apressasse e sumiu da janela.

Passou pela sala de estar na ponta dos pés para não acordar Anna e Leslye — as mães de Linda, dormindo de maneira desconfortável no sofá — e subiu a escada até o segundo andar. A porta do quarto estava aberta, Linda andava de um lado para o outro vestida apenas com uma calça jeans e um sutiã roxo.

— Cheguei — disse ao entrar no cômodo. — Solta a bomba.

Ela parou, sorrindo, e entregou a Theo um envelope branco.

— Lê.

Ele largou a mochila no chão para abrir a carta. Seus olhos correram desordenados pelas letras enquanto Linda saltitava ao redor, tentando conter a ansiedade ao compartilhar aquele feito histórico. Meus parabéns… Aceita… Londres… Próximos trinta dias…

— Puta merda, Linda. — Ele a encarou, espantado. — Você passou?

Não foi preciso responder. Ela se jogou em seus braços e enlaçou sua cintura com as pernas. Theo a abraçou sem se importar se a força a esmagaria, tomado por uma euforia tão insuportável a ponto de fazer o peito doer; mas era uma dor boa, comparada à felicidade. Comparada não, *era* felicidade.

— Eu passei, Theo! — ela gritou contra seu pescoço. — Passei! Eu consegui!

— Falei que você ia conseguir. Tinha certeza!

Eles se jogaram na cama, ainda abraçados, e assim permaneceram até a sensação inebriante passar. Linda saiu de cima do seu corpo e se deitou ao lado. Theo segurou a mão suada da garota, suspendendo-as sobre o abdômen, e juntos contemplaram o Sistema Solar pintado no teto quando tinham treze anos e nenhuma coordenação motora. Saturno parecia uma bola de rúgbi.

— Sabe quem passou por lá? Gemma Arterton, Anthony Hopkins… Tom Hiddleston! Tem noção disso? — Ela levantou o corpo, apoiada pelos cotovelos. — Eu vou estudar na mesma escola do Loki!

Theo a admirou gargalhar, tão feliz como ele jamais havia sido.

— O que vão fazer agora? — perguntou, a cabeça voltada para ela.

— Anna já começou a ver casas em Londres. Ela não queria que eu fosse sozinha, mas Leslye a convenceu. Vou ficar na tia Jodie até elas se acertarem nos empregos novos.

Ele fechou o rosto e voltou a encarar os planetas borrados.

— Que foi?

— Esqueci que ia se mudar pra lá caso entrasse — constatou o óbvio.

— É… Mas preferia que eu ficasse aqui lavando pratos?

— Não fala merda.

Apertou a mão de sua melhor amiga e a subiu até o peito, acariciando a pele macia com o polegar do jeito que ela gostava; porém havia uma ponta de tristeza em seus olhos. Em tudo. Estava tão feliz por ela, mas por alguns minutos o sistema solar gigantesco pareceu tê-lo engolido para a escuridão.

Linda virou o corpo de lado, mais perto, aninhando-se com ele.

— Vou te encher o saco todos os dias — ela garantiu com os lábios em seu pescoço.

— Promete? Ou melhor, promete que não vai arrumar outro melhor amigo?

Ela fingiu estar pensando.

— Não dá pra substituir você, Theo.

Theo fechou os olhos quando ela estalou um beijo agudo bem no centro de sua orelha, o zumbido diminuiu aos poucos até restar apenas o silêncio. Não queria contaminá-la com aquele vírus podre que se alojava em sua mente, mas em meio à confusão de sentimentos, era impossível. Ele a

veria na cerimônia do Oscar, e para isso precisava perdê-la.

Apertou-a ainda mais forte.

— Ei — Linda chamou. — Para de ser fresco, não vou te abandonar.

Abandonar. Aquela palavra pareceu um muro de concreto caindo sobre ele; já tinha Hannah, Benjamin, e agora Linda. Não aguentava mais colecionar memórias.

Theo sentou-se na cama, cruzando as pernas sobre o colchão. Ela demorou, mas fez o mesmo. Estavam frente a frente.

— Olha… — começou, admirando fundo dos olhos de Linda. — Eu sei que posso não ser um amigo muito bom…

— Você…

— Cala a boca, me deixa falar.

Linda manteve o cenho franzido. Ele segurou as mãos dela sobre os joelhos.

— Não sei o que ganha dessa amizade, tem sempre que limpar minha sujeira, mas… Quero que seja feliz, Linda. — Seus olhos queimaram. — Quero muito. Eu mataria por você.

— Não, para… Para com isso. — Ela sentou sobre os tornozelos, envolvendo o pescoço de Theo em um abraço forte. — Eu te amo tanto, por que tá falando essas merdas?

— Por nada, não quero que esse momento seja sobre mim.

Linda se afastou, ainda segurando seu rosto.

— Não é sobre você, é sobre nós.

Ela encolheu os braços e se sentou novamente.

— Lembra quando bisbilhotamos a casa daquela sua vizinha esquisita? A Sra. Loriman? Ela chamou a polícia — Linda lembrou, sorrindo. — Tínhamos uns dez anos, você falou pra eu me esconder e levou toda a culpa.

— Meu pai me deu uma surra de cinta naquele dia.

Ambos caíram na gargalhada.

— Você sempre foi meu herói. Te conheço por isso e sei porque tá assim.

Ele não respondeu.

— Fala a verdade, Theo. Gosta dela, né?

Puta. Que. Pariu. Theo jogou as costas no colchão.

Como na obra de Cabanel, assim como Lúcifer — o verdadeiro —,

ele havia caído do céu direto para o inferno. Não entendia como o olhar doce e desejoso de Amália passou às ofensas, nada daquilo fazia sentido. Ao longo da semana chegou a pensar que tudo não passava de um delírio: o reencontro, o beijo, até a transa sem sentido com Agnes, da qual se arrependeu amargamente, se encontravam em um passado distante.

E como ele queria que não fosse. Ele a desejava de maneira incessante, dolorosa. Não tinha motivos para mentir.

— Amália conquistou uma parte de mim, é isso, e foda-se. Foda-se porque não vai mais acontecer, porque ela me odeia por algum motivo que não sei… Foda-se porque… é errado, e acabou.

Linda se deitou de bruços ao seu lado.

— E gostou do beijo? — Ela mordeu o lábio. — Não deve ser melhor que o meu.

— Nem deu tempo pra saber, só consigo lembrar do quanto ela tem uma mão forte.

Ele riu, mas era mentira. Theo se lembrava de tudo. Amália o fizera experimentar sensações inigualáveis. Diferente das outras vezes, com outras garotas, não a beijou pensando no que vinha em seguida; não queria tocar seu corpo, não queria tirar sua roupa, queria apenas beijá-la. Naquele momento era tudo o que existia, não havia depois, passado ou futuro, só o agora.

— Isso é tão fofo. — Linda cortou o silêncio com uma voz sonhadora. — Vocês se odiavam e agora estão aí… se amando.

— De onde tirou isso? — Ele se sentou de novo. — Ninguém tá amando ninguém. Foi só um surto coletivo que vamos fingir que nunca aconteceu.

— Mas você precisa admitir que é uma reviravolta e tanto. Não é qualquer uma, sabe… é a Amália.

Era de foder, ou melhor, de matar. Desde o acontecido na festa, ele não conseguiu mais ir ao cemitério e encarar a lápide do irmão, com a culpa um milhão de vezes mais pesada. Theo ainda tinha dúvidas quanto à crença da vida após a morte, mas se de fato fosse real, Benjamin estaria arrastando correntes ao seu lado.

— Vou pra casa — avisou após ser tomado pelo calafrio. — Comemoramos depois?

Ele se levantou, pegando a chave da moto no bolso da calça jeans.

— Com certeza! Vamos precisar virar a noite pra você esquecer essa

sua paixãozinha proibida.

— Já esqueci. Tchau superestrela.

Theo saiu do quarto antes que ela enxergasse a verdade em seus olhos. De fato, era um péssimo mentiroso.

Pegou o mesmo caminho de volta para casa. Ao cruzar a porta de entrada, foi surpreendido pela recepção calorosa de Mary Austin. Ela abanou o rabo quando ele se abaixou para receber as ásperas lambidas no rosto, embora poucas, foram responsáveis por acender uma fagulha esperançosa.

— Oi, garota — falou ao acariciar os pêlos úmidos abaixo do queixo. — Você não parece tão mal.

Ele ficou de pé e seguiu para o interior da casa, acompanhado pela cadela fiel. O calor da notícia de Linda ainda queimava no peito, permitindo que ele sentisse algo além da angústia de sempre, mas não durou quase nada.

A alegria acabou no momento em que pisou o pé no primeiro degrau que levava à cozinha e seus olhos pararam sobre as íris irresistivelmente verdes.

25 - pedido de divórcio



“Insano, por dentro, o perigo me deixa louco
Não consigo me ajudar, tenho segredos que não posso dizer
Eu amo o cheiro da gasolina
Eu acendo o fósforo para saborear o calor
Sempre gostei de brincar com fogo…”
***Play with fire,* Sam Tinnesz**

Phil estava prestes a entrar no campo de guerra.

Parado frente ao restaurante, as mangas da camisa social engomadas acima dos cotovelos, aberta até o terceiro botão, ele continuava suando. Apesar disso, entrou no local. Caminhou pelo corredor lateral de olho nos casais desfrutando dos pratos caros sob a meia-luz, a orquestra ao fundo tocava uma sinfonia baixa, aumentando o clima sofisticado. De onde estava, avistou o bar ao fundo. O barman preparava um coquetel elaborado com cubos de gelo e uma bebida azul, em sua frente, lá estava ela.

Hannah Allen batucava as unhas compridas no vidro, pernas cruzadas e uma pose elegante marcavam dentro do vestido cor de vinho. O tecido grosso, uma espécie de veludo pesado, realçava as curvas que fazia questão de mostrar. Era uma isca sexy, perigosa e fatal.

Quando o viu se aproximar, ela abriu um sorriso diabólico.

— Olá, Phil. Como está?

Ele sentou na cadeira ao lado, mantendo o queixo erguido.

— Pedi um drinque pra você — falou devagar. — Sei o quanto aprecia… *fortes sensações.*

— Não tenho tempo para essa enrolação, tenho mais o que fazer.

— Ainda muito ocupado?

— Tenho um hospital para cuidar. Família, mulher e filho. Você sabe

como é, ou não.

Hannah abaixou o olhar diante da provocação. Mesmo com toda aquela cerimônia para parecer o que não era, Phil notou a raiz escura de seus cabelos brotando da tintura loira, o vestido precisando de uma costura nova. Ele preferia não saber por onde andava e o que fazia para sobreviver além das chantagens baratas, mas era nítido que não vivia tempos tão bons quanto os dele.

— Diz logo porque me chamou aqui. — Ele cruzou os braços. — Não quero ser visto com você.

— Por isso escolhi um restaurante ao norte de São Francisco, as chances…

— Isso não me importa — cortou.

— Cacete, Phil — ela xingou. Phil sentiu a familiaridade naquelas palavras, no timbre da voz. Como ele pôde herdar as coisas mais ruins da mãe? — Minha amiga me conseguiu um emprego no escritório dela, é um cargo ótimo. A empresa fica em Connecticut.

— É bem longe.

Ela concordou. O barman colocou sobre o balcão duas taças com líquidos de cores fortes, salpicadas com morangos e rodelas de limão presas ao vidro. Ele as ignorou conforme ela bebia um longo gole.

— Por que isso diz respeito a mim? — questionou, rude.

Phil esperou, impaciente, ela beber a mistura e pousar o copo no joelho nu, acompanhada de um acorde da música clássica.

— O prédio está em reforma, e preciso me manter até começar a trabalhar. Não vou poder ficar…

Hannah parou de falar quando ele gargalhou. Ele já devia prever, sabia exatamente o motivo de estar ali. Coçou a barba na curva do queixo e suspirou.

— Então quer mais dinheiro?

— Preciso de uma garantia, vou de mãos vazias. — Ela expirou. — Sei que é o primeiro a me querer bem longe daqui.

— Não vai me arrancar mais nada. Nem um dólar a mais.

— Essa mixaria que me dá não serve pra nada!

Não levou nem um segundo para Hannah perceber as próprias palavras e virar o drinque inteiro na boca. Ele curvou o corpo para frente, apoiado nos joelhos.

— Essa *mixaria* que não tenho dever algum em te dar, e você consegue graças a sua falta de humanidade, de caráter…

— Tudo bem, já entendi.

— Ótimo. Sendo assim, com licença. — Ele se levantou.

— Espera! — Ela o segurou pelo braço. — Por favor, vamos conversar.

Hannah se levantou também, fitando-o na altura dos olhos devido ao salto alto. Próximos um do outro, era possível enxergar em ambas as íris azuis a carnificina vivida nos poucos anos do casamento equivocado. Hesitante, Phil voltou à posição inicial.

— Vou embora pra sempre, não vai mais ter que olhar na minha cara. — Ela meneou a cabeça. — Estou falida, porra. Essa é a verdade. Prometo deixá-lo em paz.

— Por que eu deveria acreditar? Você não é do tipo leal com suas palavras.

— Não tenho mais nada a perder.

Phil a analisou com os olhos semicerrados, assistindo ao prazeroso desespero estampado em seu rosto.

— Não pode me descartar assim — ela soltou. — Não esqueça que…

— Eu te descartei? — Ele tocou o peito, fingindo estar atingido pela ofensa. — Ou você fugiu no meio da noite como uma vagabunda? Não tem noção do mal que me fez, Hannah. Foi desumano, até mesmo para você.

— Não é o único que sofre. Foi difícil pra mim ir embora, só fui porque sabia que teriam uma vida melhor sem mim.

Ele revirou os olhos, seu sangue borbulhava. O cinismo era grande. A cada ano ele ficava mais forte, mas nem por isso deixava de ser cansativo, seria um medo que levaria para o túmulo. Com a voz de Vanessa ecoando na mente e no coração, ele se lembrou do motivo de estar ali, e o mais importante, que dinheiro nenhum importava.

Nunca importou.

— Quanto? — perguntou, por fim.

— Trinta — ela respondeu de imediato. — Sei que não é nada pra você.

— Que garantia eu tenho de que vai sumir da minha vida?

Hannah bufou antes de procurar algo na bolsa sobre o balcão. Ela o entregou uma passagem de avião em seu nome, viajaria no fim do mês. Phil

coçou a barba novamente, irritado, possesso, inseguro e muitas outras coisas que tentava esconder debaixo da pose austera; ergueu a cabeça e fitou o teto luxuoso, implorando por uma luz além daquela do lustre.

Odiava a sensação de não conseguir proteger as pessoas que amava.

— Vou depositar o dinheiro na sua conta e espero que cumpra a palavra, pelo menos essa.

— Tem mais uma coisa. — Hannah fez uma pausa, empinando o nariz determinado. — Quero vê-lo.

O teto desabou sobre ele, com lustre e tudo. Como se fosse comprimido pelas paredes, ele se sentiu pequeno e indefeso.

— Não.

— Phil…

— Já disse que não! — esbravejou, pouco se importando se era alvo de olhares curiosos. — Só de pensar nesses seus olhos imundos sobre ele, tenho vontade de vomitar.

— Prometo que fico de bico fechado. Não tem esse direito, ele é meu filho também…

Ele riu.

— Só estou fazendo o que me mandou fazer. Não se lembra do que me disse quando foi embora? “Cuide das crianças”.

— Você cuidou tão bem que uma delas está morta.

Phil perdeu o fôlego, arfando sem oxigênio nenhum nos pulmões. Encostou-se nas costas da cadeira alta, sem força para respondê-la. Sabia que Hannah era baixa, no menor nível possível, mas nunca imaginou que pudesse descer mais; ela conhecia muito bem o seu ponto fraco: seus filhos.

Mantiveram silêncio. Hannah também pareceu afetada pelo que saíra da própria boca, deixando os olhos perdidos em algum ponto no piso marrom. Por um momento eram apenas pais que haviam — cada um à sua maneira — perdido seus meninos.

— Olha… — ela começou. — Não quero causar nenhuma confusão…

— Você já causou.

Phil se levantou o suficiente para pegar a foto no bolso de trás da calça. Com o cotovelo apoiado no balcão, ele girou a fotografia entre os dedos antes de atirá-la sobre a mulher.

— Sabe onde encontrei isso? Nas mãos dele.

Hannah pareceu extasiada, alisando a foto como se fosse uma valiosa e delicada jóia. Como as que costumava ganhar do marido.

— Então… — Ela libertou uma lágrima dos olhos esperançosos. — Ele sente a minha falta?

— Você caiu na calçada e bateu com a cabeça? Precisa de uma cirurgia? — Não houve resposta. — Era o nosso trato. Pedi que ficasse longe, que sumisse com todos os vestígios de que sequer existiu um dia. — Phil puxou a cadeira para mais perto. — Não posso confiar numa mulher que ameaça destruir a vida do próprio filho. Entende porque não posso colocá-los na mesma sala sem ter certeza que não vai gritar aos quatro ventos todos os seus podres…

— Meus podres? — interrompeu, as sobrancelhas erguidas.

Ela riu. Mas não uma risada divertida ou uma ironia saudável — como Theo sempre fazia com Vanessa —, e sim com uma gama gigantesca de maldade.

— Meus podres? *Seus podres,* Phil.

Ele prendeu a respiração. A gota pousada no rosto dela era o verdadeiro significado de “lágrimas de crocodilo”.

— Nunca pedi que mentisse, nunca o obriguei. Podia ter contado a verdade e poupado essa perda enorme de dinheiro. — Ela estalou a língua, encenando uma decepção. — Mas sempre gostou do controle, não é? A grande família feliz do grande neurocirurgião, imune a escândalos. Seria uma pena se passassem a chamá-lo de…

— Cala essa boca.

Sua voz vacilou. Ele arrumou a postura e piscou repetidas vezes para afastar o choro desesperado que nem ao menos batia aos olhos azuis, mas não podia se dar ao luxo de demonstrar o mínimo de fraqueza diante dela.

Hannah era burra. Afiada e maldosa, mas burra. Phil tinha uma longa lista de coisas que nunca poderia perder na vida, e o seu *status quo* nem entrava nela. Mas era bom que ela pensasse por esse lado, pois assim desviava a atenção do primeiro item.

— Sabe que eu posso destruir essa sua família feliz — ela comentou com a vista presa na orquestra ao fundo.

— Você não vai fazer isso.

Hannah voltou a encará-lo de queixo caído. As mãos dele tremiam, a camisa começava a ficar apertada. Ele odiava aquela situação, odiava fingir

ser o que não era, mas não via outra alternativa.

Phil se levantou e ficou ao lado de Hannah, apoiou uma mão no balcão, rente ao ombro da mulher, e a outra levou até seu rosto, retirando uma mecha de cabelo com os dedos como se ainda fossem um casal. Hoje, tinha vontade de vomitar.

— Não vai acabar comigo, Hannah — falou junto ao seu ouvido. — Já fez isso uma vez, e fui muito generoso. Mas é o fim. Você está certa, trinta mil é pouco para mim. E do mesmo jeito que tenho dinheiro para consertar sua vida… — ele parou, aproximando-se mais até roçar os lábios na pele fria de sua orelha — tenho para arruiná-la.

Ela engoliu em seco. Phil se afastou apenas para olhá-la nos olhos, ainda de pé.

— Como você fez com a minha — completou.

Voltou para a cadeira sem quebrar o contato dos dois pares de órbitas azuis. Hannah continuava estática.

— Se quer ser mãe, então some. E nos deixe em paz.

Phil usou do semblante mais traiçoeiro possível, rezando para que ela não percebesse o quão oscilante estava em seu interior.

— Eu… — ela sussurrou algo para si mesma, talvez um xingamento. — Nunca faria nada que pudesse prejudicá-lo.

Ele soltou o ar que prendia e relaxou os músculos tensos. Hannah pegou a taça pedida a ele e a virou na boca de uma só vez. Phil observou a passagem sobre o balcão: classe econômica, fileira 34, assento próximo à janela. Somente ida.

— Faça uma boa viagem.

26 - cheiro de vida



“Eu estarei com você do crepúsculo ao amanhecer
Amor, eu estou bem aqui
Eu vou te apoiar quando as coisas derem errado
Eu estarei com você do crepúsculo ao amanhecer…”
***Dusk Till Dawn,* Zayn**

Theo bateu a porta do quarto com força. Ao se virar para ela, a raiva transpareceu pelo seu rosto em chamas.

— Que merda você tinha na cabeça quando decidiu vir aqui?! — ele rugiu.

— Precisava falar com você.

— Não podia ter ligado? Já ouviu falar em mensagem?!

— E ia me responder? — Ela levantou as sobrancelhas.

— Não. Justamente por isso.

Amália respirou fundo. Ele continuou a encará-la sem saber o que dizer. Ali em seu quarto, junto aos pôsteres, a cama de lençóis pretos e tudo aquilo que formava sua personalidade, Amália era uma peça fora do lugar. Ou melhor, ela não pertencia àquele jogo.

— Como descobriu meu endereço? — indagou.

Sua pergunta foi recebida com uma expressão divertida tão esclarecedora quanto qualquer resposta. Theo expirou de forma tensa.

Linda me paga.

Ela analisou toda a extensão do cômodo, calada.

— Não era assim que eu imaginava — Amália falou com a voz miúda e os olhos sobre ele. — Seu quarto.

— Ah, jura? E pensou que teria o que? — Ele deu de ombros. —

Pôster da Playboy, camisinhas pelo chão e um balanço erótico?

— Não. — Sorriu de lado. — O balanço, não.

Theo reprimiu uma risada, depois andou até o comprido armário junto à parede e se sentou sobre ele, cruzando os braços. Feito isso, apenas esperou. Amália não moveu nenhum músculo além da garganta engolindo em seco a cada segundo. Ele tinha certeza de como seus olhos a perseguiam: como uma hiena olha para o caçador que destruiu sua fêmea, sorrateira e silenciosa, dando razão aos instintos para devorá-lo na própria casa ao cair da noite. Ela temia que qualquer passo pudesse fazê-lo atacar.

Mas porra… como era bom ver aquela garota.

— Você pode me ouvir?

Ela se aproximou alguns passos e começou a mexer na bolsa transversal no quadril. Tirou de lá a jaqueta de moletom emprestada dias antes, mas ao invés de estendê-la a ele, permaneceu com ela em mãos.

— Queria, antes de tudo, me desculpar.

— Pelo tapa ou por ter me tratado como se eu fosse um estuprador?

Amália grunhiu.

— Pode baixar a guarda pelo menos por um minuto?

— Não, porra! Não posso! Baixei a guarda naquela noite, levei uma bofetada na cara e ouvi coisas que não ouviria nem se de fato tivesse cometido algum crime… como você insinuou.

— Nada daquilo é verdade, foi no calor do momento, da boca pra fora!

— Nunca é da boca pra fora — interrompeu, falando grosso. — Tudo sempre tem um fundo de verdade e não é nenhuma surpresa você me odiar.

Ela abaixou a cabeça, fitando o chão. Theo não queria vê-la assim, por uma fração de segundos o orgulho desapareceu e ele se viu indo em sua direção para confortá-la com um abraço carinhoso.

— Não te odeio — ela gemeu. — Muito pelo contrário, eu… gosto de você.

Ele coçou o topo da cabeça, bagunçando ainda mais os cabelos.

— Conta outra, Amália. Até ontem era a primeira na lista pra me crucificar, teria me amarrado no trilho do trem se pudesse.

— Isso foi antes! — Ela deu mais um passo. — Anos atrás!

— Foi ontem. Cinco dias atrás, na verdade.

Theo encheu os pulmões de ar, tentando controlar a ansiedade e

mantê-la nos dedos dos pés que dançavam dentro do tênis. A raiva misturada ao rancor e, no fundo, a mágoa jovem se agitavam em sua cabeça e tornava cada vez mais difícil decidir qual delas tomaria a frente.

Amália voltou a observar o quarto enquanto mordia o lábio inferior como se não aguentasse guardar um segredo por tanto tempo. Theo conhecia aquela sensação: ela estava nervosa. Sem saber porque, ele sentiu um arrepio no corpo quando ela prendeu a atenção em si novamente.

— Theo, nunca parei pra pensar como a morte do Ben afetou você. Agora entendo como, e… — Ela fez uma pausa para tomar fôlego. Ou coragem. — Sei o motivo.

Theo achou que morreria ali mesmo. Ela respirou fundo e continuou:

— Eu sei de tudo. A briga antes do acidente, o que sentiu depois disso, a culpa. Sei que não tá bem. Nunca esteve depois daquele dia.

Se ele não estivesse apoiado no armário, iria de encontro ao chão, se não houvesse chão, desceria até seu purgatório particular. Manteve os olhos fixos nela sem se mover, sem nem respirar, esperando uma expressão que pusesse à prova o que acabara de ouvir, mas não. Amália estava convicta. Falou com a mesma certeza de quando ele dizia a si mesmo que estava por um fio de jogar a moto debaixo de um caminhão enquanto pilotava.

Entre tantas pessoas… qualquer uma, menos ela. Ele se levantou de uma vez, fazendo-a recuar.

— Quem te contou?

— Não importa — respondeu.

Continuou a avançar contra ela.

— Quem contou?! — repetiu. — Foi a Vanessa?

— Já disse que não importa! — Ela bateu as costas contra a parede. — Só o que importa é que não é verdade.

Theo admirou seu rosto de perto pela primeira vez desde que a havia beijado, ela não tinha mais nenhuma grama de amargura, apenas um semblante compassivo e aflito. Amália deu um passo em sua direção, mas ele deu para trás.

— A culpa não foi sua, foi um acidente. — Uma lágrima rolou em sua bochecha. — Não importa o que tenha feito, o motivo da briga…

— Some daqui.

Ela arregalou os olhos, um “o que” insignificante soprou de seus lábios. Theo apontou para a porta.

— Você tá surda? Some, cacete!

Agora foi a sua vez de encharcá-la com uma chuva de saliva cheirando à insanidade.

— Não vou sair.

— Amália, vai embora ou vou te arrancar daqui pelo cabelo — sentenciou baixo.

— Então faz! — ela disparou. — Vai, Theo! Me arrasta escada abaixo!

Ele manteve a atenção nela, não importava para onde seus olhos se desviassem, Amália continuava a segui-lo. Deveria cumprir suas palavras, arrastá-la dali e aí sim, com toda certeza do mundo, ela jamais voltaria a encher seu saco.

— Você sabe que eu nunca faria isso. — Ele soou cansado.

— Eu sei, porque não é uma pessoa ruim como você se diz ser… e como eu disse que era.

Havia tanta súplica na voz dela que se tornava insuportável de ser ouvida. Ele sacudiu a cabeça e passou a dar voltas pelo quarto enquanto tentava arrancar cada fio acobreado com uma só mão.

— Não consigo mais te ver como aquele cara superficial — ela começou às suas costas. — Você passou a ser só… o Theo. Quero te ajudar…

Ele parou, virado para ela. Um sorriso estampava seu rosto.

— Me ajudar?

— Sim, sei que posso…

— Não vai me ajudar, Amália! — esbravejou. — Não estamos na porra de um filme romântico, onde o pobre depressivo encontra o amor da vida dele e percebe que ainda pode ser feliz! Deu pra entender?!

Theo chegou mais perto, vermelho, a ponto de explodir.

— Sabe por que não vai? — Ele deu tapas no próprio peito. — Porque isso é vida real! Não é bonito… é doloroso, podre. Isso fede!

— Mas você…

— Por que acha que realmente bebo?

A pergunta ficou pairada no ar. Amália não ousava respondê-la

— Porque assim, se eu subir na moto depois e me arrebentar, não vai passar de um acidente. A vítima alcoolizada, mais uma morte no trânsito e não… Não vai precisar de uma carta de despedida, ninguém vai saber.

— Eu vou saber — ela disse entre lágrimas.

Theo fechou os olhos. Era o que ele mais temia: trazer outra pessoa para o ninho de vespas assassinas que era sua vida, ainda mais Amália. Não era mais raiva, era cuidado. Estava zelando pelo bem-estar dela do jeito que não zelava pelo seu.

Ele caminhou até a porta e a abriu, voltando-se para ela.

— Sai, por favor.

Demorou uma eternidade. Ela apertou o tecido preto entre os dedos com o olhar baixo e melancólico, por fim, a garota deixou a jaqueta na mesa de cabeceira e andou até a porta. Antes de pisar no corredor, ergueu o rosto para ele.

Theo se manteve encostado na porta aberta, girando o anel no dedo do meio com o polegar numa falha tentativa de dispersar a tensão elétrica no corpo. Queria surtar, beber e fazer coisas inconsequentes sem dar a mínima de ser irresponsável, já era rotulado assim de qualquer maneira. Só queria extravasar aquelas sensações. Com os lábios próximos aos dela novamente, ele exalava uma força sobre-humana para se manter longe. Sua vontade primitiva esquecida no subconsciente implorava para puxá-la de volta e a jogar na cama de uma vez por todas. Mas essas imagens estavam apenas na sua cabeça.

Amália desviou o olhar e saiu.

Theo fechou a porta sem nem esperá-la se distanciar o suficiente. O perfume, entretanto, ficou para trás. Aquele aroma, o cheiro de vida… Sabia que uma vez ali, a presença de Amália nunca mais deixaria aquele quarto, obrigando-o a imergir no calor do corpo dela durante todas as noites.

Encostou a cabeça na madeira maciça e fechou os olhos, imaginando cada passo dado rumo à saída permanente de sua vida: ela desceu as escadas e atravessou a sala correndo para não dar explicações a Vanessa? Saiu em silêncio? Chorou mais?

Minutos atrás a mandou embora, e agora a desejava mais do que nunca. Nada além da confusão comum de sua vida.

— O que tá fazendo, seu idiota?

Ele nunca tomava as decisões certas, agora não seria diferente.

Escancarou a porta e avançou pelo corredor. Pulou três degraus da escada, depois cinco, quase acertando a cara no chão ao chegar no último e ter que pular sobre Mary Austin. Do lado de fora, o clima de São Francisco

estava ameno, com apenas uma leve brisa por trás do mormaço quente demais para aquela época do ano. Arregaçou as mangas da blusa fina até os cotovelos conforme seus olhos buscavam frenéticos pelo quarteirão; arbustos recém cortados, uma ambulância na casa vizinha, o carteiro e… ele sorriu. Amália.

A garota subia pelo parque Alta Plaza com uma ridícula postura triste, os ombros curvados e cabeça baixa. Ele se aproximou o bastante para chamá-la.

— Amália!

Ela aumentou o ritmo. Theo correu até ela e a puxou levemente pelo braço.

— Dá pra esperar?

— Não! — Ela se soltou. — Vou embora, não era isso que queria?

Algumas pessoas ao redor os observaram, intrigadas. Estavam parados no topo da passarela de concreto bege, de onde tinham uma vista espetacular da Rua Pierce até se unir às águas da baía e às montanhas baixas na linha do horizonte. Theo poderia se prender àquela imagem por horas se a maior beleza não estivesse bem na sua frente, com nariz e bochechas vermelhas, e olhos verdes — agora podia admitir — tão tentadores quanto o dinheiro.

— Escuta aqui — ela chamou sua atenção —, não sei se alguém já te disse isso… com toda certeza já, dadas as circunstâncias, né? Você é ridículo.

Theo arqueou as sobrancelhas.

— Isso mesmo. — Amália cruzou os braços. — Ridículo, egocêntrico, narcisista, mimado, arrogante, chato, horroroso…

— Que? — Ele prendeu uma risada. — Sério que me chamou de horroroso?

— Por que faz isso?

Uma mulher com um bebê de colo abriu passagem entre eles, mas Theo não desviou-se de Amália e de sua expressão prestes a cair no choro. Não havia nenhum senso de humor.

— Não entendo porque se esconde e esconde quem é. Prefere ser odiado do que mostrar sua humanidade, que também sofre… ao invés de só fazer sofrer.

Parecia não haver resposta, e se havia, ele não conseguia encontrar. Ou não queria. Colocou as mãos na cintura, as córneas voltando a encher-se

de lágrimas.

— Não tenho escolha.

Amália revirou os olhos e enxugou uma gota salgada parada na bochecha.

— Também não tive escolha quando você me beijou. Não consegui escolher *não gostar*. Por isso te agredi, por isso falei tanta merda, eu… Não podia sentir aquilo.

Theo estendeu a mão para enxugar outra lágrima, arrastando o polegar sobre a bochecha enrubescida.

— E…? — Ele envolveu seu rosto com as mãos.

— Tentei negar depois daquilo, mas quando soube o que você estava passando, não pensei nem um segundo antes de te procurar. Não quero que você sofra… Não sei porque… mas eu não consigo mais odiá-lo.

Ela não conteve mais as lágrimas, entregando-se a um choro contido. Theo a puxou para si e a envolveu em seus braços o mais forte que pôde, parados no meio do parque, imersos no calor um do outro como se pudessem afugentar todas coisas ruins. Ele a apertava mais sempre que a sentia umedecer o tecido de sua camiseta com lágrimas que jurou não fazê-la derramar.

— Para de chorar. — Ele beijou o topo de sua cabeça, onde manteve os lábios. — Por favor, Amália.

— Você fez? — ela balbuciou contra seu peito.

— Fiz o que?

Amália se afastou para procurar algo na bolsa, fazendo-o se sentir o maior estúpido do mundo ao ver o motivo de toda aquela merda estar acontecendo. A receita médica tremulou na mão da garota devido ao fraco sibilo do vento. Theo movimentou a cabeça em negação.

— Por que não? Diz aqui que é urgente.

— Não gosto de ser furado por alguém que não seja eu mesmo.

— Você é muito controverso, sabia disso?

Ele assentiu, mantendo os olhos presos no gramado. Queria abrir um buraco no chão e entrar dentro.

— Ok, então… — Ela levantou a receita. — Quer que eu vá com você?

27 - águas rasas



“Eu tenho tentado muito ser de ouro
Isso me deixou para baixo e eu não acho que isso vai acontecer
Bem, esqueça meus arrependimentos
Vamos voltar para onde o sol se põe”
***Where The Sun Sets,* Mars Water**

Sentados lado a lado no sofá, eles já esperavam por quase trinta minutos.

Cada vez que a enfermeira aparecia na recepção com um novo papel nas mãos e o peito cheio para gritar outro nome, Theo prendia a respiração. Entretanto, nunca era chamado. Pelo menos não precisava se preocupar em dar de cara com algum médico ou enfermeiro conhecido, a clínica a quilômetros de distância do hospital servia para isso.

O nervosismo, porém, continuava.

Enxugava as palmas úmidas na calça jeans para logo começar a suar de novo, se distraía com o cinto na barra da jaqueta de couro, pressionava as têmporas. Tudo isso enquanto Amália permanecia parada ao seu lado, de braços e pernas cruzadas, quieta.

Ele não tinha aversão a sangue — seria irônico se tivesse. Só não o agradava a ideia de ser esburacado por outra pessoa, mesmo que um furo milimétrico e insignificante. De fato, havia muitas contradições.

— Lembra quando me disse que eu aparentava não dormir direito? — perguntou, fixando a parede oposta. Amália não respondeu. — Você riu, mas não era uma piada. Realmente não durmo há dias.

De esguelha, ele a viu mover a cabeça em sua direção.

— Meu pai me dava sedativos às vezes, mas só me deixavam pior. Fico rolando na cama a madrugada inteira, pensando no dia seguinte e em

todas as possibilidades de dar alguma coisa errada. Se vou receber uma notícia ruim ou qual a probabilidade de um avião cair em cima da minha casa. Quando consigo pegar no sono o celular desperta e levanto de novo. Todos os dias.

Amália balbuciou algo, mas ele não pôde ouvi-la. Ela descruzou as pernas e deixou as mãos sobre o colo, a coxa exposta pela saia curta roçando o joelho de Theo.

— Tô tão cansado, Amália.

— Por que faz isso? — Ela soou baixa. — Para de dizer que tá tudo bem quando sabe que não tá.

— Não posso… Não posso machucar mais ninguém.

Mais do que qualquer outra pessoa, ela era a última a quem desejava incomodar. Apesar das incontáveis vezes em que ouvira a famigerada frase "não foi sua culpa", era homem o bastante para assumir seus erros. Sem exceções.

— Não importa o que tenha feito…

— Importa — ele interrompeu. — Não sabe do que tá falando.

— Então me conta. Se não quer que te defenda, me conta a verdade pra que eu possa dizer o quanto você é ruim.

Amália girou a mão esquerda, deixando a palma virada para cima. Theo observou seus dedos próximos, os mindinhos se tocando como se não fizessem parte do resto do corpo e fossem os únicos a verem o quanto aquilo era ridículo. Era impossível manter dois imãs separados, mais dia ou menos dia o cansaço bateria aos músculos.

Ele segurou a mão da garota e virou o rosto para ela. Sem dizer nada, seus olhos trocaram todas as palavras necessárias para o toque sobre a perna dela se tornar mais forte.

— Theo Allen Anderson? — A voz da enfermeira se fez presente.

Theo sentiu o coração bater mais forte, permanecendo atento ao verde profundo bem na sua frente. Amália sorriu pelo canto dos lábios.

— Theo Allen Anderson? — chamou de novo.

Ele respirou fundo e se levantou, mas nenhum dos dois quebrou a corrente que suas mãos formavam. Ela o acompanhou até a sala, parando de pé ao lado da cadeira de coleta. Seus dedos acarinharam um ao outro.

— Tire a jaqueta, por favor — a mulher pediu.

Amália pegou a blusa para jogá-la sobre um dos ombros, voltando a

segurá-lo no instante seguinte. Ele tentava pensar em situações alternativas para a vergonha não se alojar de uma vez, mas isso só o deixava ainda mais inseguro. Onde havia parado? Por que, quando quebrou o braço com doze anos ao cair da alameda do parque, ele sorriu todo o caminho até o hospital com uma fratura exposta, e agora não aguentava saber que alguém faria seu sangue pingar?

Por que as aparências deveriam ser tão enganosas?

— Não se preocupe com isso, é mais normal do que imagina — a enfermeira comentou ao preparar a agulha, reparando em seus dedos agitados.

— Como?

— Meu marido tem 35 anos e desmaia… — Ela olhou para ele, sorridente. — Sim, desmaia, toda vez que é preciso tirar sangue. E não há mal algum nisso. Deveria se orgulhar de quem você é.

A mulher de traços asiáticos se aproximou e puxou a manga da sua blusa até o cotovelo. Anestesiado, tanto pelas palavras quanto pelo receio crescendo no peito, Theo a assistiu amarrar uma luva de borracha acima do bíceps.

Como ele desejava ter um cigarro no bolso.

— Lembra do último… Não, penúltimo 4 de julho? — Amália perguntou.

— O que?

— A Kiera deu uma festa na casa de praia dela. Lembrou? — Ele assentiu. Algo picou seu braço. — O Gregory levou tanta droga e tinha até algumas seringas de heroína pra turma viciada. Eles estavam usando bem quando a polícia chegou e no calor da confusão, um deles espetou a seringa vazia no próprio pé.

Theo gargalhou.

— Cacete, eu lembro. Ele saiu correndo pro meio da floresta parecendo um aleijado. Nem pra ser esperto o suficiente pra tirar a agulha antes de fugir.

— Foi vergonhoso. No final acabou sendo preso do mesmo jeito. Ficou um ano no reformatório.

— Prontinho.

O sorriso sumiu quando a enfermeira se afastou com dois tubos cilíndricos cheios de um sangue vermelho vivo. Em seu braço estava um

adesivo colorido da Lady Bug. *Ela fez de propósito.* Theo vestiu a jaqueta de volta e pegou a guia para a retirada do resultado.

— Oferecemos lanche para repor as proteínas — ela explicou. — Deveria comer alguma coisa.

— Dispenso, valeu.

— Bom, eu agradeço. E antes que me esqueça… Vocês formam um belo casal.

Amália enrubesceu e deixou a sala, ele foi logo atrás.

O clima fora do prédio parecia a ambientação típica de uma comédia romântica. A atmosfera tensa desapareceu num passe de mágica, pássaros cantavam, o sol irradiava um mormaço leve, aconchegante, até o barulho dos carros tinha cessado. Estava tão calmo que era possível ouvir o soar do vento. Seguiram lado a lado pela calçada até pararem na esquina devido ao sinal aberto.

Theo olhou para a garota ao seu lado, a puxou pela cintura e a beijou.

Seus lábios chocaram-se livremente, nada comparado à rigidez da confusa primeira tentativa. As mãos dela subiram até o pescoço de Theo, onde permaneceram enquanto o sentia pressioná-la contra seu corpo forte, rígido em todas as partes. Se beijaram de forma lenta, sem urgência alguma, explorando cada canto possível de suas bocas até perderem o fôlego e Amália se afastar milímetros o bastante para fitarem um ao outro.

— Você me beijou — ela cochichou, soprando o hálito contra seus lábios.

— E você não me bateu.

Ambos sorriram. Ele se afastou mais — embora sua vontade fosse de ficar naquela boca para sempre — para vê-la melhor.

— Quero te levar num lugar.

— Com uma condição. Promete que não vai mais esconder nada de mim?

Puta que pariu. Estava em uma cilada, encarando os olhos puros enquanto os seus estavam cheios de maldade. Benjamin, Agnes, os segredos envolvendo os próprios pensamentos. Sentia-se incapaz de trazê-los à tona, depois de tanto tempo enterrados, mas ela o instigava a tentar.

— Eu prometo.

Amália brilhou e foi tudo compensado.



Theo dirigiu até noroeste de São Francisco, onde conhecia cada rua como as veias do próprio pau, no entanto, contornou a oeste a fim de passar o mais longe possível de sua antiga casa, na beira do bairro de Sea Cliff. Era bom tê-la na garupa de novo. O estacionamento da praia estava quase vazio, sinal que a mesma também estaria. A maioria das pessoas se concentrava sobre as pedras, de olho no pôr do sol no horizonte, algumas caminhavam na areia, próximas à arrebentação. Ele se segurou para não surtar.

Baker Beach era sua segunda casa. A costa do Oceano Pacífico, a vista incrível da Golden Gate, as gotículas de água terrivelmente geladas que batiam no rosto quando as ondas quebravam na areia, o frescor da brisa marítima… Era uma utopia que já tinha sido real.

Sentaram-se na areia próximos ao mar, mas longe para não serem alcançados pelas ondas. Amália tirou os coturnos pesados e enfiou os pés na areia quente, ele deixou a jaqueta de lado para sentir os últimos raios de sol nos braços. Sob aquela paisagem, Theo se via dentro da obra de Edvard Munch, mas sem nenhuma figura andrógina e assustadora. Muito pelo contrário, tinha a imagem deslumbrante dela bem debaixo do nariz.

Demorou cerca de meia hora para Theo conseguir expressar em palavras o que tinha no peito, transformando o medo de ouvir aquela história de terror em voz alta, em coragem. Por mais de um ano ele a remoeu calado, esquivando-se das perguntas de todos com medo dos julgamentos, dos questionamentos que não se sentia capaz de responder. A verdade é que nunca é fácil admitir os próprios erros, e até aquelas palavras chegarem aos seus lábios, elas o machucaram por dentro. Mas conseguiu.

Amália ficou calada enquanto ele contava, detalhe por detalhe, todas as merdas que o sujaram no último ano. Não escondeu nada, desfazendo de vez os nós que mantinham seus pulsos atados.

— Foi um acidente — ela constatou.

— Acidente ou não, foi culpa minha. Soquei a cara dele, disse aquelas merdas, estava bêbado mas… — Ele parou para engolir o bolo na garganta. Por que era tão difícil falar? — Porra, não importa. Fui eu, só eu.

Ele inclinou o corpo para trás, com as mãos apoiadas na areia. Amália pensou por um minuto e fez o mesmo.

— Quando me senti culpada por ter terminado com ele, você me isentou da culpa. Disse que não tinha como prever o que ia acontecer. Por que agora é diferente?

— Porque você não o fez sofrer um acidente com isso! Ele sobreviveu, triste e fodido? Sim, mas sobreviveu. A vida dele seguiu em frente, não foi sua decisão que deu um fim nela.

— Nem a sua.

Theo respirou fundo, passando a mão entre os cabelos que agora adotavam uma cor ainda mais escura, como as fagulhas chamuscadas no céu.

— Você precisa se perdoar.

A voz dela saiu como um sussurro entre brisa salgada, acertando em cheio seu ponto fraco. Ele franziu o cenho.

— Não é do perdão dele que você precisa, é do seu! — Ela endireitou a postura e virou o corpo para ele, remexendo os pés na areia. — Ben te amava. Acha que ele guardaria esse rancor até hoje?

— Você não estava lá! Não viu como ele me olhou, estava com raiva, decepcionado. Disse olhando nos meus olhos que nunca ia me perdoar. Ele não costumava falhar com as palavras e não acho que começaria agora.

O vento trouxe para mais perto o cheiro do mar. Theo curvou-se para frente e, com a ponta dos dedos, traçou desenhos desconexos na areia.

— E o que ela queria? Sua mãe.

— Não fui encontrá-la.

— Como assim não foi?

Ele levantou a cabeça na direção dela.

— Ben a odiava, quer dizer, abominava. A última coisa que me pediu foi pra que eu não a encontrasse, é o mínimo que posso fazer.

Era o mínimo, mas isso não significava que não exigia o máximo dele. Theo lutava muito para não pensar dia após noite em Hannah, na sua vida, onde ela estaria e o que tanto gostaria de dizer a ele naquele dia. Esse esforço consumia sua mente como cupins.

— Ninguém sabe sobre isso. — Ele prendeu a atenção dela, lembrando-se dessa luz amarelada no fim do túnel. — Meu pai, a Vanessa, Lauren… nem a Linda. Só você. Isso não pode sair daqui.

Amália meneou a cabeça como se pensasse a fundo sobre tudo o que foi dito. Com um olhar falso para o céu, ela provava que não levava o menor jeito para ser atriz.

— Hmm, então quer dizer que o grande Theo Allen Anderson é sensível e um tanto inseguro? — Levantou as sobrancelhas. — É isso mesmo?

Theo apontou o dedo para o rosto dela, encenando uma expressão agressiva. Em vão. Ela abriu um sorriso amplo.

— Isso também não pode sair daqui, acabaria com a minha reputação.

Já passava das seis e ele se atrasaria para o trabalho, mas não se importava. Se recebesse um sermão, ouviria. Se fosse para o olho da rua, procuraria outro emprego; a paz na qual se encontrava compensava tudo.

Ele segurou o rosto de Amália entre as mãos, certo de que ela nunca mais se esquivaria do seu toque, mas estava errado. A pele macia adotou rugas quando ela desviou a atenção para a palma de sua mão direita, observando os inúmeros círculos vermelhos entalhados a fogo, alguns cicatrizados e outros mais recentes, salpicados de areia. Theo logo tratou de enxugar outra lágrima no rosto dela.

— Isso tem que parar. — Seus orbes coloridos se encontraram. — As pessoas amam você, se importam… Eu me importo.

— A última coisa que eu quero é magoá-los, mas o que posso fazer? — Seu rosto entristeceu. — Nunca vou ser melhor do que isso porque nunca vou poder mudar o que aconteceu.

— Não tem que mudar, só aceitar que algumas coisas não estão ao nosso alcance.

— As consequências não, mas as escolhas sim.

Theo fechou os olhos o mais forte que pôde e colou sua testa à dela, para que ela não enxergasse os demônios grotescos por trás da beleza física. Mesmo a presença angelical da garota não era capaz de apagar as memórias ruins e muito menos as boas, as quais considerava piores.

— Abra os olhos. — Amália se sentou sobre os tornozelos, segurando seu pescoço. — Veja o que tá fazendo consigo mesmo. O Ben não ia querer que se destruísse assim.

— Ele não tá mais aqui.

— Mas eu tô. Sei que posso não ser a melhor pessoa, mas tô aqui, do seu lado. Quero te ajudar.

Ele refletiu. Quem era Amália? Quem *eles* eram? Eram inimigos que se odiavam por não conhecerem nada um do outro; eram amigos que perceberam que tinham mais em comum do que imaginavam, e agora… A

resposta o assustava.

— Você… — Ele a olhou nos olhos, mas mudou a pergunta. Não era a hora. — Quer entrar no mar?

Amália ficou de queixo caído.

— Hein? — Ela riu. — A água daqui é um gelo.

— E daí? Não vamos ser jovens e estúpidos pra sempre.

Theo se levantou, e parado quase sobre ela, tirou a camisa e a jogou em seu rosto. Amália a atirou longe como um uniforme suado de um jogador de basquete pós-treino; porém, a expressão enojada foi substituída por outra carga de constrangimento quando ela correu os olhos por sua barriga, de baixo para cima, lentamente.

— Você faz de propósito, né? — perguntou ao se levantar.

— É claro que sim.

Ele puxou Amália pela nuca e se afundou nos lábios carnudos sem nenhuma atitude receosa, tornando o beijo, a cada movimento de suas línguas e corpos, mais impossível de ser interrompido. Estavam entregues. Correram até o mar de mãos dadas, e pelo tempo que ficaram na água, ela se fez quente e leve. Nada de ondas levando-os para longe.

Entre tantas dúvidas que Theo tivera ao longo do tempo, naquele momento, com Amália enfim em seus braços, ele sabia: ela era a única certeza de sua vida.

28 - quente como o inferno



“Risque o fósforo agora
Combinamos perfeitamente
Perfeitos de algum jeito
Fomos feitos um para o outro
Se aproxime um pouco mais
A chama veio até mim
Fogo contra gasolina”
***Fire Meet Gasoline,* Sia**

Theo ouviu o barulho do carro de Phil, o que o fez conferir a hora mais uma vez. 9 da noite. Estava atrasado, de novo.

Finalizou o refrigerante e jogou a lata no lixo abaixo da ilha da cozinha, onde esperava. Tinha prometido aguentar a fome até chegarem, mas era uma tarefa cada vez mais difícil. Havia tirado um dos anéis de prata do dedo e o girava sobre o mármore preto, o tilintar arrastado aos poucos cortava o silêncio apático da cozinha. Vanessa já estava na cama, Mary Austin dormia em seu quarto, as luzes estavam apagadas, restando apenas a iluminação das lâmpadas sobre sua cabeça.

A paz na qual se encontrava era insultante. Não devia sentir-se *tão* bem. Desde que Amália voltara para sua vida, três dias atrás, ele sorria para o nada tal qual um idiota; mas como ela mesma havia dito, era inevitável.

As luzes foram acesas conforme Phil adentrava na casa, indo em direção ao único cômodo com vida. Os passos do pai estavam pesados, assim como a bolsa que carregava nos ombros. Ele a deixou em uma cadeira e se sentou na outra, rígido como uma parede.

— Outra craniotomia? — Theo brincou com a única espécie de

operação que conhecia.

— Não existe só essa cirurgia no mundo, sabia?

O homem apoiou o queixo na mão e expirou de olhos fechados. Após longos segundos, o olhar castanho escuro de Theo encontrou o seu azul cristalino.

— Vai sair? — perguntou, reparando na postura do filho.

— Vou.

— Não devia estar no restaurante?

— Não abrimos nas noites de sábado. — Ele pousou a mão sobre o anel. — Nem de sexta.

Theo esboçou um sorriso leve ao vê-lo criar rugas abaixo dos olhos. Phil parecia não saber o próprio nome, mas isso — lá no fundo, escondido de todos — o orgulhava. A dor nos músculos significava uma vida salva pelo homem que o pusera no mundo e era impossível não sentir o peito um pouco cheio.

— Onde vai, então?

— Não vou encher a cara, se é isso que quer saber — revelou. — Hoje não.

Colocou o anel de volta no dedo e aproveitou a deixa para estalá-los até as juntas ficarem brancas; Phil estava tão absorto nos pensamentos que ele poderia quebrar o próprio braço ali mesmo e só perceberia ao ouvi-lo gemer. Theo o conhecia bem, porém era cada vez mais difícil saber a causa dos passos pesados e olhares distantes. Primeiro era devido aos turnos longos, depois a viagem que faria em poucos dias, e agora… ele não sabia mais reconhecer o que assombrava o pai.

— Essa corrente… — Phil quebrou o silêncio, apontando para o objeto pendurado em seu pescoço. — Era do Ben.

— Era… Eu… — Ele colocou os pingentes para dentro da camiseta. — Não achei justo deixar mofando na gaveta.

Phil sorriu com a postura ereta. Estava de volta o grande homem.

— Me lembro de quando ele apareceu com isso. Dissemos que faríamos uma igual.

— Cada um ia ter o nome do outro, foi uma ideia patética. — Ele riu. — Acabamos nunca fazendo nada.

O pai o acompanhou na gargalhada e o riso de ambos diminuiu quando se deram conta dos inúmeros planos deixados para trás. Diante do

silêncio, Theo estranhou a quietude entre eles, visto a fagulha de guerra que surgia sempre quando estavam juntos, fosse por um motivo nobre ou algo banal.

— Por isso ela esteve aqui? Amália.

Ele quase engasgou com a própria saliva. Ouvir seu nome na voz dele era estranho, principalmente depois dos últimos dias.

— Ela me devolveu umas coisas — mentiu. — Não ficou por muito tempo.

— Desde quando são amigos?

— Não tem motivo pra ficarmos daquele jeito. Não mais.

Seu tom foi ríspido e direto numa tentativa de encerrar aquele assunto. Sentia-se desconfortável ao extremo.

— Ele gostaria disso — Phil divagou. — Sempre quis vê-los em paz, ele a amava tanto…

— Tenho que ir.

Theo se levantou e vestiu a jaqueta jeans. O atrito da cadeira sobre o piso soou como o rugido de uma criatura grotesca, e era assim que se sentia após ouvir aquelas palavras: bestial e nojento.

— Estava esperando por mim?

— Esperei pelo carro.

Ele se aproximou de Phil para pegar as chaves da BMW sobre o balcão da ilha.

— Enche o tanque — o homem ordenou. — E dirige devagar, por favor.

— Pensei que tinha seguro.

Puta brincadeirinha de mau gosto.

Antes que pudesse se afastar, ele sentiu a mão firme do pai segurá-lo pelo braço. Seus olhos se cruzaram numa linda bagunça de cores.

— O *carro* tem seguro, Theo. Você não.

Mesmo após ser solto, Theo ficou parado no lugar por alguns segundos. Era uma sensação boa.



As luzes azuis do painel se apagaram quando ele saiu do carro, logo sentindo a brisa fria da noite cortar a pele exposta. Caminhou até a entrada da

casa, mas a porta foi aberta primeiro, e pela primeira vez ele não precisou esconder a admiração.

Amália estava uma verdadeira tentação dentro de um vestido florido de comprimento abaixo dos joelhos e cintura marcada, seus ombros sustentando as alças finas, amarradas em longos laços. Theo desceu os olhos até parar na fenda aberta sobre a perna esquerda, sexy e elegante. Com uma imagem iluminada, ela não combinava em nada com sua escolha de roupas pretas, e isso o levava à loucura.

— Limpa a baba — ela colocou um dedo no canto da boca —, tá escorrendo.

— Se não gosta disso então não deveria tá tão linda.

Ela se aproximou devagar e com uma sensualidade natural. Theo segurou em sua mão e a girou devagar para ter uma visão privilegiada de todos os ângulos.

— Você me deixa maluco.

Amália sorriu, satisfeita, e inclinou a cabeça para o lado.

— Jura? Cadê a moto? Não tenho nem roupa pra entrar num carro desse.

— Então vai ter que tirar.

Theo a puxou pela cintura, prensando-a contra seu corpo e o carro. Não daria tempo para que ela ficasse vermelha.

— Qual o problema? — Perguntou ao sentir certa rigidez. — Seu pai tá olhando?

Ela disfarçou um sorriso.

— Meus pais estão preocupados demais fazendo contas pra sequer perceberem que saí. — Ela passou os braços por seu pescoço. — Tô soltinha.

— Uau… Deveriam cuidar mais da filha deles… — Ele afastou os cabelos com uma mão, aproximando o rosto de sua orelha. — Tem muita gente perigosa por aí.

Theo escorregou a boca na pele quente da garota , passando pelas clavículas e a curva da mandíbula, apreciando o leve amargor do perfume na língua. Agora ela tinha cheiro de uma vida indecente e leviana.

— Se tem alguém mais perigoso que você, Theo, eu desconheço.

Seus lábios se chocaram num misto de saliva e gloss de morango. Ele pressionou o corpo contra o dela, forçando os seios para fora do decote enquanto suas mãos grossas exploravam a cintura pequena. Amália afastou o

rosto por um segundo, ofegante, mas logo em seguida ele o buscou novamente para um beijo muito mais profundo.

— Espera. — Ela virou o rosto de uma só vez, fazendo-o bater a boca na base de sua orelha. — Não… para.

Theo fechou os olhos para recuperar o fôlego e voltar a ter controle das próprias mãos, que escapavam para os quadris.

— Desculpa. É que preciso voltar ilesa dessa noite.

— Da mesma forma que chegou, prometo.

Ele esmagou sua bochecha direita com um beijo demorado que a fez gemer, descontraída, da forma como estava antes de ser atacada. Depois se afastou dela e abriu a porta do passageiro.

— Pra dentro, agora — mandou.

— Posso saber onde vamos?

— Vai saber quando chegarmos.

Ela entrou no carro e Theo bateu a porta. Tudo nela parecia gentil e sensível, ao mesmo tempo que exalava uma malícia tentadora. O cheiro, a cor e os movimentos pareciam chamá-lo, tal qual as sereias atraem os pescadores com os seus cantos, ele se sentia cada vez mais tentado àquela perdição; mas não podia passar dos limites, com ela não.

Já no interior do veículo, ele pegou a gravata vermelha no bolso da calça jeans.

— Você tem que colocar isso.

— Oi? — Ela entrou em choque. — Tá louco?

— Confia em mim, medrosa. É surpresa.

Demorou, mas Amália enfim concordou. Theo amarrou a gravata frente aos seus olhos, com um nó firme atrás da cabeça, e conferiu se ela estava devidamente vendada.

— Você é louco. — Ela tocou o tecido liso da gravata. — Tá me levando pra um ritual, né? Vou ser a oferenda de alguma entidade satânica?

Theo ligou o carro.

— Já vou avisando que não sou virgem, então não vai funcionar.

Só mesmo ela para fazê-lo rir até a barriga doer.

Ele dirigiu ouvindo as especulações infundadas dela a respeito do local misterioso, surpreso quanto ao senso de humor peculiar. Quando finalmente estacionou o carro — pelo bem das unhas que ela roía — o céu parecia palco para aquela noite; as luzes colossais, letreiros e holofotes, nem

o burburinho da multidão passando nas calçadas conseguiram apagar o brilho de cada ponto luminoso acima de suas cabeças. Enquanto a ajudava a descer do carro, ainda às cegas, Theo sentiu-se grato por ela não ser capaz de reconhecer onde estavam.

A guiou pela calçada até a porta dos fundos, segurando-a a cada passo em falso que quase a levava de cara para o chão. Apesar dos sorrisos e brincadeira durante o caminho, Amália estava tensa.

Theo girou a chave concedida por Henry, abriu a porta e procurou o interruptor na parede.

— Cuidado com o degrau — avisou. — Tá bem na sua frente.

Ela parecia estar com pés de pato quando cruzou a elevação na calçada. Ao entrarem, ele fechou a porta. Avançaram mais alguns passos e pararam.

— Agora não sai daqui. Eu já volto.

Ele acendeu o restante das luzes, ligou o ar condicionado e tirou a jaqueta. Amália brincava com os dedos enquanto movia os pés ansiosamente, curiosa e aflita demais para ficar parada.

— Tá pronta? — perguntou, próximo dela outra vez.

Um balanço de cabeça foi suficiente. Theo desatou o nó para deixá-la livre da gravata. Ele não soube explicar o turbilhão de sentimentos bons que se passaram naqueles olhos verdes.

Amália observou toda a extensão da cozinha: as estruturas de aço inoxidável, piso sofisticado de concreto, lâmpadas envoltas por cristais no teto; ao fundo, o escritório de Henry com as persianas fechadas. Ela avançou pelo local até encontrar, no canto mais afastado, próxima a parede oposta, uma mesa para duas pessoas. Toalha branca, uma vela acesa ao lado de um pequeno vaso transparente contendo o enfeite da mesa: uma única rosa azul.

— Esse é o…

— Saliere. — Ele se aproximou com as mãos no bolso do jeans. — Você disse que sempre quis comer aqui, mas era tudo tão caro. Então hoje é cliente exclusiva, por conta da casa. Deve ser melhor que o ritual satânico.

— Mas você pode fazer isso? Quer dizer…

— Olha… — Ele deu de ombros, nada modesto. — Digamos que eu seja o queridinho do chef.

Amália perdeu as palavras. Com um sorriso de orelha a orelha, ela avançou contra ele, que se deixou ser facilmente atacado por sua euforia;

Theo recebeu beijos desajeitados por todo o rosto, feliz em vê-la sem aquela insegurança de antes. A abraçou mais forte sem entender porcaria nenhuma que ela berrava contra seu pescoço.

— Espera — ela se afastou após tanta agitação —, quem vai cozinhar?

— Como quem? Nós vamos.

Com um último beijo sutil, eles passaram para o que interessava: a comida. Devido à paixão de Amália pela culinária italiana — pizza, mais precisamente — Theo escolheu um prato que a levaria aos céus: ossobuco ao forno, preparado com vinho tinto seco, creme de milho, legumes e batata assada. Entre muitas das suas escolhas de merda, trazê-la ali havia sido a única certa. Ela sorria a cada segundo passado dentro daquela cozinha vazia, como se estivesse diante de uma oportunidade única que contaria aos netos e bisnetos quando questionassem sobre sua juventude, num dia em Theo não passasse de uma memória.

— Osso… o que? — ela perguntou enquanto ele amarrava o avental em suas costas.

— É carne, resumindo. Você vai gostar.

Ela virou-se de frente.

— E podemos colocar tomate?

— Sim.

— Pimenta?

Theo passou os dedos pela mecha suspensa do mini rabo de cavalo que ela fizera no alto da cabeça, depois segurou seu queixo.

— Posso colocar o que você quiser. Vamos fazer um prato… *a lá* Amália.

— Humm, vai ser uma delícia de prato.

Prato que eu daria tudo pra comer.

Ele conteve um sorriso com o lábio preso entre os dentes, a resposta indecente estava na ponta da língua, mas preferiu afastar a maldade da mente quando deixou um beijo carinhoso em sua testa.

— Vamos, agora você vai cozinhar de verdade.

Ela descascou as batatas enquanto ele preparava a carne, e logo no início Theo constatou sua teoria: Amália era péssima na cozinha. Os mesmos dedos que deslizavam os pincéis na tela para dar vida a um borrão de tinta por pouco não foram capazes de se manterem a salvo dos objetos afiados.

Embora o completo desastre, ela conseguia transformar os erros em acertos com os sorrisos confusos, beijos e abraços desajeitados conforme seguiam as instruções que ele — de forma inédita em sua carreira gastronômica — constantemente esquecia. Amália fez o ato de cozinhar, que ele já considerava a verdadeira paixão de sua vida, ser ainda mais prazeroso.

Estavam no meio da garrafa de vinho tinto quando sentiram o cheiro da carne no forno. Com todos os acompanhamentos prontos, era a hora de preparar os pratos. Theo deu sequência enquanto ela o assistia encostada na pia, os dedos correndo pela boca da taça quase vazia.

— Agora presta atenção — avisou. — Uma das coisas mais importantes é a estética. O prato tem que tá sempre bonito.

Derramou o creme de milho ao lado da carne, misturando-o ao molho banhado no vinho seco. Ele sentia a atenção de Amália fixa em cada detalhe do seu corpo que ela policiava: estava sobre o cobre dos cabelos, a linha marcada da mandíbula, os músculos do bíceps… a comida se tornava insignificante. Theo virou o rosto para encontrar o olhar dela sobre suas mãos trabalhando em cima das peças de porcelana, e ao ser pega no flagra, Amália pousou a taça na bancada e chegou mais perto, colando o quadril na lateral da superfície gelada.

— Por que tem que tá sempre *tão* bonito? — Ela apontou o queixo para os pratos. — A comida, quero dizer.

Ele voltou a dar atenção aos preparativos.

— O cliente vai comer algo ruim se estiver com boa aparência, mesmo que seja só uma garfada. — Colocou um ramo de alecrim sobre uma das carnes. — Mas ele nunca vai, nem sequer provar, se não gostar do que vê.

Theo finalizou a receita e se virou para ela. O cheiro gostoso já tinha tomado conta do ambiente.

— Pode ser superficial, mas é a verdade. Ninguém gosta do que não é agradável aos olhos.

— Então por isso se esconde? Seria uma pena se descobrissem que você não é tão agradável quanto sua aparência mostra.

— Funcionou até agora.

Amália umedeceu os lábios de olho nos dele, tão quentes quanto a comida no balcão.

— Mas antes de dizer isso com tanta certeza… — Ele mergulhou o dedo indicador no creme de milho. — Precisa provar primeiro.

Ele estendeu a mão a ela na altura do rosto. Com o olhar preso em suas órbitas escuras, Amália inclinou a cabeça e envolveu seu dedo com a boca. Theo prendeu a respiração ao senti-la umedecer sua pele com uma saliva elétrica e doce sem piscar, sem mover nenhum músculo além da língua que o sugava forte demais para uma simples degustação.

Após uma eternidade provocante, ela o soltou e sorriu.

— Posso ter me precipitado. É uma delícia.

A cozinha permaneceu em silêncio. Seu pau latejava de tesão.

Onde estava a ideia de voltar ilesa pra casa?

— Vamos comer antes que esfrie — ele propôs ao voltar a respirar.

Sentaram-se frente a frente na mesa iluminada, junto das taças de vinho. O estômago dela era o único som mais alto que a movimentação da Union Square ao redor do restaurante.

Ela cortou um pedaço da carne bem passada, e após encharcá-la no creme de milho, não bastou nem um segundo na boca para seus olhos revirarem.

— Humm… Uau, meu Deus. — Ela tapou a boca. — Espera…

Theo a assistiu de queixo erguido, mais uma vez orgulhoso de um dos únicos talentos que tinha no meio de tantos defeitos. Sempre conquistou garotas através do tesão que elas tinham entre as pernas e nunca laçando-as pelo estômago, e estava muito grato por isso, visto que nenhuma jamais se comportaria de forma tão espetacular como Amália.

— Isso é a melhor coisa que já comi na vida, e tenho certeza que daqui há dez anos vou me lembrar desse prato e vai continuar sendo a melhor coisa.

— Se esse for o problema… — ele hesitou. Queria mesmo dizer aquilo? É claro que sim. — Posso fazer mais vezes, quantas quiser.

O brilho nos olhos de Amália foi a resposta. Ela pegou sua taça de vinho e a ergueu, ele fez o mesmo. O tilintar dos cristais soou singelo quando brindaram sem saber exatamente o que. Talvez um brinde à velocidade com a qual estavam indo, sabiam que cedo ou tarde iriam colidir, mas estavam pouco se fodendo.

O jantar durou muito, não tinham pressa. Theo ouviu — com uma atenção genuína — sobre o quanto ela amava arte e como se orgulhava das mãos habilidosas cheirando à tinta e das roupas sujas. Ouviu a respeito das provas finais, exames da universidade, Berkeley, a briga dos pais, muita coisa

banal. E tudo era interessante.

Na sua vez de falar, tentou se limitar às coisas boas, mas o toque dela sobre a mesa o instigava a soltar todos os seus fantasmas. E foi o que ele fez. Era uma sensação nova conseguir se abrir além das paredes do consultório de Lauren, sendo que nem ela sabia o mesmo que aquela garota na frente dele. Amália o entendia, e era só ignorar que ela havia sido o grande amor da vida de Benjamin, a única para a qual ele se entregou de corpo, alma e coração, que tudo ficaria bem. Contou também sobre o estágio com Henry, mas naquele momento ao lado dela, ele sentia que poderia ligar para o chef e aceitar o trabalho ali mesmo, pois não existia nada no mundo que não pudesse fazer.

Era uma pena estar enganado.

Logo após a conversa preguiçosa, eles passaram para o lado negativo do sonho: a louça impregnada demais para ser limpa na máquina, embora não fosse um sacrifício ficar ao lado dela mais um pouco. Usando da estupidez carinhosa, Theo a proibiu de ajudá-lo; acumulou as panelas no escorredor e a permitiu bebericar o vinho ao seu lado.

— Disse pra minha mãe que não ia beber e agora tô na segunda taça. — Ela fez uma careta triste. — Você é uma péssima influência.

— Até que tá resistindo bem. Uma hora dessas era pra estar estragando alguma música, e vai por mim, você é uma péssima cantora. — Passou os talheres limpos para o outro lado da pia, em seguida pegou a fôrma atrás de Amália.

— E seu lugar é na cozinha mesmo, mas de um McDonald 's qualquer. Não aqui. — Ela indicou o ambiente, provocativa.

— Tô aqui por mérito, porque sou o melhor.

Colocou o objeto limpo junto dos talheres. Agora a panela do molho.

— Falando nisso… — ele começou com a voz arrastada. A água gelada retardava o movimento das mãos, mas o calor emanando do corpo dela, tão próximo ao seu, acalentava qualquer frio que pudesse vir a sentir. — Vou pra Europa em alguns meses, você sabe… aprender.

Amália o estudou seriamente antes de deixar a taça no balcão.

— Você… Como assim Europa? — indagou tão baixo que o som quase não saiu.

— Culinária francesa. Não é pra isso que tô aqui?

Theo contemplou o modo como o rosto dela, de imediato, foi banhado

por uma centena de emoções negativas, seus olhos expressivos parados sobre a louça que ele continuava lavando mesmo com a cabeça voltada para ela.

— Tô te zoando, idiota.

Ela suspirou mais alto do que gostaria.

— Eu te odeio.

— Ahn anjo, ficou triste com a ideia de eu ir embora? — ponderou com escárnio.

— Não, na verdade fiquei feliz com a possibilidade de não ter mais que olhar pra sua cara.

O tom hostil só estava em sua voz, já que o rosto exalava alívio. Amália se virou e passou a mexer desordenadamente na louça suja.

— Essa minha cara perfeita e linda? — Ele fechou a torneira.

— Com toda certeza, não. Essa sua cara cínica e egocêntrica.

Ele cruzou os braços, encostando o quadril na pia conforme ela corava além do efeito do vinho.

— Por que é tão difícil dizer que me quer por perto?

— Porque… bem, eu não quero. É isso. E não vou dizer nada que me comprometa.

Se comprometer, nesse caso, seria dizer o quanto ansiava por ele. O quanto um ansiava pelo outro tanto quanto um prato de massa pede um bom vinho. Theo enxugou as mãos no pano de prato e andou até ela, grudando em suas costas.

— Tem certeza que não vai dizer nada? — perguntou contra ela.

— Absoluta.

— E se eu fizer você dizer? — Ele afastou seu cabelo, expondo os pelos eriçados da nuca. Sua mão direita alcançou a dela sobre o balcão.

— Não vai conseguir — ela murmurou.

Theo esfregou o nariz na pele de seu ombro, completamente rendido ao aroma salgado, uma mistura de rosas e o cheiro das páginas de um livro fechado há muito tempo.

— Não… não adianta. Já…

Ela não terminou a frase, e para a sorte de ambos não havia verdade alguma naquelas palavras. Theo se deixou guiar pelo modo como ela arfava, ofegante, conforme subia os lábios por seu pescoço, onde deixou de lado os leves selinhos para adotar um ato mais voraz. Faminto. Amália não moveu nenhum músculo, estava rendida, permitindo que ele desse asas à

imaginação.

Ele continuou avançando. Beijou a parte de trás da orelha, mordeu o lóbulo, lambeu cada centímetro de pele na medida em que suas mãos habilidosas corriam entre a cintura e o quadril.

— É melhor você me dizer — sussurrou contra ela, rouco e arrastado —, porque eu não vou parar.

Após tanta provocação, Amália se virou para ele. Theo gelou, temendo que tivesse passado dos limites como jurou que não aconteceria, mas os olhos dela estavam tão desejosos quanto os seus. A garota segurou o pescoço de Theo, trazendo sua boca de volta. Havia urgência, como se cada movimento de suas línguas não fosse suficiente para aplacar a vontade crescendo dentro de cada um. Precisavam de mais. Ele desceu uma das mãos e agarrou firme toda a carne possível de sua bunda; Amália gemeu contra seus lábios, quase arrancando os fios acobreados entrelaçados nos dedos.

Apoiado em suas coxas, ele a colocou sobre o balcão e se pôs entre suas pernas. Naquela posição podia aproveitar tudo: pernas, cintura, clavículas, a parte exposta dos seios que encharcou de saliva. Ela estava quente, fervendo como se sofresse uma febre de quarenta graus.

Theo ia acabar com ela ali mesmo.

Usando da mão que não havia enfiado para dentro da fenda do vestido, Theo desatou o laço do ombro direito. Lenta, sensual e abusando de um sorriso prazeroso, Amália jogou a cabeça para trás e o permitiu explorar seu colo nu. Pulsante, suada. Ele já não sabia no que focava a atenção: a mão esquerda sustentando-a pelas costas, os dedos brincando na renda da calcinha, a pele pronta para ser degustada ou seu pau crescendo doloroso contra a costura do jeans. Era como se todas as curvas daquela garota tivessem sido feitas para ele, modeladas para o seu toque.

De repente, um som estridente fez seus corações acelerarem além da excitação, ecoando afiado pela cozinha silenciosa. Amália soltou um grito exasperado antes de distanciar os lábios.

— Que merda foi essa? — ele questionou.

— Não sei, eu… eu acho que esbarrei em alguma coisa.

Ela virou-se e olhou o chão do outro lado da bancada. Os pedaços de porcelana que segundos antes formavam os pratos estavam espalhados pelo chão, moídos em minúsculas partes. Theo desviou o olhar para seus corpos, focando as pernas entrelaçadas, mãos abaixo das roupas e lábios vermelhos

devido ao atrito constante. Ele se afastou.

— Desculpa, eu não quis quebrar… — ela tentou se explicar.

— Tudo bem, eles nem vão dar falta.

Amália concordou. Ele observou a alça desamarrada do vestido e a parte exposta do seio, ela acompanhou seu olhar e começou a refazer o laço no mesmo instante.

— Vou limpar essa bagunça. — Ele olhou ao redor. — Acho melhor voltarmos pra louça.

— É uma ótima ideia. — Sorriu, banhada em nervosismo.

Theo fugiu apressado para o quarto dos produtos de limpeza para evitar assisti-la descendo do balcão e arrumando o vestido amassado. Sentia o coração pulsar assim como outras partes do corpo que revelavam o quanto estava sedento para continuar.

A queria mais do que tudo, e o grande problema era que não estava sozinho. Amália não negava, não impedia, muito pelo contrário, ela o convidava. Um convite só de ida para o inferno.

29 - despedida



“Eu preciso da sua graça pra me lembrar
Para encontrar a mim mesmo
Se eu deitasse aqui
Se eu apenas deitasse aqui
Você deitaria comigo e simplesmente esqueceria o mundo?”
***Chasing Cars,* Snow Patrol**

Ele não havia dormido nem por duas horas.

Levou tempo até sua mente sonolenta perceber que as batidas não estavam no sonho, e sim na realidade. Ainda de olhos fechados e a cabeça jogada embaixo do travesseiro, ele gemeu um comando. Ouviu a porta abrir, o quarto foi tomado por uma presença, mas continuou em silêncio.

— Theo? Acorda.

Reconhecendo a voz apreensiva de Vanessa junto à cama, levantou a cabeça para olhá-la, apoiado de bruços pelos cotovelos. Ela mantinha os braços cruzados na frente do corpo, ainda vestida com o hobby preto. Ele percebeu sua postura tensionada e as sobrancelhas franzidas, o mesmo semblante de uma pessoa que deve revelar a outra uma tragédia.

— Que foi?

— É a Mary, ela está…Não faço ideia. — Ela encolheu os ombros. — Não está bem.

Theo automaticamente varreu o quarto com esperança ingênua de que não fosse verdade, mas Mary Austin não estava lá, nem embolada nos lençóis ao seu lado, como sempre costumava ficar. Saltou da cama e a seguiu até a sala.

A cadela estava deitada próxima à porta de correr que levava ao jardim lateral, o vento gélido remexia os pelos curtos, e mais nada. Nenhum

outro movimento.

— Eu a encontrei assim — Vanessa explicou. — Acho que não está conseguindo respirar.

Theo se ajoelhou sob o olhar pesaroso da madrasta, ainda de pé. Mary Austin estava com a boca aberta, a língua pendia seca para fora enquanto tentava, sem sucesso, inspirar o ar. Ele pousou a mão sobre seu pelo, sentindo as costelas subirem e descerem com dificuldade.

— Mary? — chamou.

Ela piscou devagar.

— Mary Austin?

— Theo…

Ele engoliu em seco quando Vanessa se abaixou ao seu lado. Evitou olhá-la embora já soubesse o que diria.

— Ela está com dor. Tem que acontecer.

Por que tantas merdas precisavam acontecer, uma atolada sobre a outra sem chance de escapar do fedor?

Mary Austin havia sido o presente de Hannah quando ele completou quatro anos. Theo ainda se lembrava. Foram até uma fazenda ao sul de Palo Alto, só os dois durante o dia inteiro, e ao cair da noite chegaram em casa com um filhote barrigudo que fizera xixi no banco de trás. Se soubesse que era a única memória dela que não poderiam tirar, ele a teria amado mais. Hannah foi embora mas deixou a cadela, e agora ela também ia.

Nas noites chuvosas, quando ele e Benjamin ainda cabiam na mesma cama, Theo se esgueirava até o colchão do irmão, o animal se deitava no meio deles e lambia seus rostos enquanto contavam histórias um para o outro. Fingiam ser heróis da Marvel, ele queria ser Steve Rogers, mas Ben o convencia que ele se parecia mais com Tony Stark. Inventavam super-poderes que não existiam nos quadrinhos com uma imaginação fértil demais para duas crianças, e quando trovoadas guturais cortavam os céus, eles abraçavam Mary Austin e escondiam os rostos no pêlo macio.

E mais tarde, Benjamin também foi embora.

— Ei — Vanessa o tirou do limbo —, vamos chamar o…

— Não.

Theo se levantou e enxugou o suor do rosto. Balançou a cabeça diversas vezes com os olhos presos na cadela deitada no chão, definhando à própria sorte, por sua fraqueza e ao seu egoísmo.

— Não pode mais adiar isso.

— Eu sei, eu não… — Ele parou. — Preciso de tempo.

— Não há mais tempo. — Ela colocou a mão em seu ombro. — Sei como pode parecer cruel, mas você irá salvá-la… de certo modo.

— Preciso de tempo! — rugiu.

Afastou-se da mão de Vanessa como se o toque pudesse fazê-lo mudar de ideia. Ela o olhava com pena, não uma pena cruel e superior, mas algo que ele reconhecia como o mais puro amor. Vanessa desejava arrancar a dor de seu peito com as próprias mãos.

— Vou fazer. — encarou a madrasta. — Eu vou. Só… me dá algumas horas. Ainda temos aqueles comprimidos milagrosos que o veterinário passou, não temos?

— Sim.

— Vamos dar um pra ela… vai dar tempo. Eu vou conseguir.

Eu vou conseguir… Theo repetiu aquilo a si mesmo ao dar outro remédio para a cadela que só queria descansar. Mas não importava quanto tempo ele se desse, no fim do dia Mary Austin estaria morta.



— Próxima.

— Holly, você pulou as últimas quatro.

— Argh, eu sou um fracasso!

Amália trocou olhares com Megan ao verem a amiga se debruçar sobre a mesa e fingir um choro escandaloso. Era assim em todos os semestres, Holly não dava a menor atenção para as aulas e quando percebia que não ia aprender o conteúdo um dia antes, começava a chorar. Ela respirou fundo, endireitando as fichas com questões uma a uma enquanto Megan a consolava.

O refeitório estava no clima das provas finais: correria, papéis voando para todos os cantos, alunos sem dar a mínima para o menu do dia, preocupados em recuperar o que jogaram para o alto durante o ano todo. Mas Amália estava leve, com a matéria fresca na cabeça, terminaria seu último ano em grande estilo. A única coisa que pesava o seu bom humor era Agnes, sentada na cadeira ao seu lado, batucando as unhas numa conversa infinita pelo celular. Vez ou outra trocavam olhares afiados, e ela poderia jurar que

nos últimos dias havia algo a mais por trás da grossa camada de rímel.

— Amália! — Holly segurou seu braço, recomposta. Jogou os cabelos cacheados para trás como se, junto deles, afastasse também a falta de comprometimento com o próprio futuro. — Vamos de novo, do começo.

— Se você insiste… — Ela pegou uma das fichas e se preparou para ler.

— Façam-me o favor! — Agnes fez uma careta — Já ouviram falar em cola? O Sr. Hill é tão lesado que você pode jogar uma enciclopédia naquela careca e ele não vai nem perceber. — Ela se levantou, jogando a mochila nas costas. — Nos vemos depois… E tchau, Amália.

Elas a acompanharam com o olhar até sumir na curva do corredor, ao se verem sozinhas, gargalharam até a barriga doer. Amália se preparou para ler a mesma questão pela milésima vez, mas algo à esquerda chamou sua atenção.

Jason estava sentado na mesa ao lado com os outros animais do bando, encarando-a com sangue nos olhos. Ela evitava o contato mesmo com a tensão sobre o corpo.

— Ele tá pegando no seu pé?

Seu celular começou a vibrar sobre a mesa. Amália abriu um sorriso largo antes mesmo de atender a ligação.

— Não desgruda mais.

— *Onde você tá?*

— Na escola, óbvio. — Ela enfiou a colher na mistura branca em sua bandeja. — Tô comendo um creme *brûlée*, que por culpa da sua comida agora parece uma pasta de dente.

Theo não respondeu. As garotas cochichavam provocações enquanto ela aguardava.

— *Eu posso te ver?*

— Claro que sim. — Ela abaixou o tom de voz. — Você tá bem?

Mais uma vez ele se manteve em silêncio. Mesmo com o barulho do refeitório, ela podia ouvir a respiração pesada junto ao telefone.

— Theo?

— *Me encontra no Alamo.*

Amália observou a chamada encerrada na tela do celular, em seguida voltou a atenção para os olhos irados à sua esquerda. Jason parecia um vulcão em erupção.

— Então vocês são mesmo um casal?

Ela encarou Holly. Cedo ou tarde essa pergunta viria.

— Não somos um casal, acho que não. É complicado.

— Por favor, Amália, não faça isso consigo mesma — Holly suplicou. — Ele só vai te fazer sofrer. Theo pode até ser lindo, gostoso e… — Ela chacoalhou a cabeça. — Enfim, mas não vale nem um dolarzinho.

— Ele não é assim, na verdade é muito diferente do que imaginam — tentou argumentar.

— Ok, tanto faz, mas agora que transaram… — Megan deu um sorrisinho cínico. — E aí? Conseguiu andar depois?

— Não! — Ela quase subiu na mesa. — Quer dizer, não transamos e *não vamos* transar. Somos só amigos… íntimos.

Bombardeada pela chuva de perguntas inconvenientes, Amália respirou fundo e se encolheu na cadeira.

Há menos de uma semana haviam realmente se envolvido, mas muito mais do que isso desde que começaram a ver no outro mais que uma simples inimizade. Onde tudo começou? E o mais importante: o que era esse tudo? Theo não mantinha relacionamentos sérios, disso tinha certeza. Mas foi para ela que contou o maior segredo de sua vida, para ela havia feito o jantar dos sonhos. Não importava o que eles *eram*, importava é que eles *estavam.*

— Hein? Se sente ou não?

Ela saiu dos pensamentos ao perceber que as amigas a observavam com expectativa.

— O que?

— Perguntamos se não se sente mal com tudo isso — Megan explicou. — É estranho.

— Isso o que?

— Você e o Theo. Você namorou o irmão dele, que agora tá morto… Não se sente culpada?

— Por que eu deveria? — Ela sorriu, sem graça. — O Ben… Ele não tá mais aqui.

— Exatamente. Ele não pode se defender ou, sei lá, dizer se tá puto com isso. Será que ele aprovaria?

O sinal tocou e a multidão nas mesas ao redor começou a se dispersar, inclusive na sua. Ela não respondeu a pergunta, talvez porque estivesse indignada demais ou porque sabia que Megan tinha razão. Seu rosto

esquentou ao lembrar do ocorrido após o jantar e do quanto ela queria que Theo continuasse, se entregaria a ele ali mesmo, sobre o metal daquele restaurante grã-fino. Estava cada vez mais acostumada com seu toque, sua voz, com aquele movimento gostoso que ele fazia com a língua no final dos beijos. Era uma verdadeira cilada.

Amália guardou as coisas na mochila e se levantou ao perceber o refeitório quase vazio, exceto por alguns alunos divagando na mesa do outro lado e — ela engoliu em seco — por Jason. Munido de passos pesados e movimentos bruscos, ele saiu da cadeira e deu uma última conferida na ex-namorada antes de seguir para a sala.

Sem saber por que, ela sentiu um frio na espinha.



O bairro do Alamo era uma das áreas mais lindas de São Francisco, fosse pela arquitetura, a vista do centro da cidade ou somente pela atmosfera de paz cercando os arredores, mas insuportavelmente corrompido pelos turistas. A pequena praça no centro do bairro parecia um formigueiro durante todas as épocas do ano, porém naquele momento era como se toda a população atendesse ao seu pedido. Estava quase deserto.

Theo só queria ficar em silêncio, desfrutar da grama aquecida pelo sol, o ar puro e a companhia dela. Estavam deitados no gramado há vinte minutos; Amália se aconchegou ao seu lado, a cabeça apoiada em seu peito descompassado e traçava desenhos invisíveis sobre o tecido da camiseta. Ela fez muitas perguntas, mas depois de ouvir o máximo que ele conseguia falar, se calou. Era estranho o modo como se entendiam cada vez mais, sendo duas peças de um inédito quebra-cabeça.

Ele olhava para o gigante de fogo no céu, debaixo dos óculos escuros, desejando que a luz queimasse sua vista para não enxergar as imagens que não o deixavam em paz.

— Você quer falar sobre isso agora?

— Por que você tem que ser assim? — ele reclamou. — É chata demais pro seu próprio bem, uma hora vai sofrer sérias consequências.

— Humm, não é verdade. Caso contrário não teria me chamado aqui.

— Espertinha.

Amália se aninhou para mais perto na medida que ele também a

puxava para si. O braço no qual ela havia deitado já estava dormente, mas ele ainda conseguia acariciar a pele macia de seu ombro apesar dos movimentos retardados. Tentava se concentrar na respiração dela contra o peito, suas pernas entrelaçadas de maneira esquisita, mas seus demônios não permitiam.

— Me diz o que fazer. — Sua voz soou enfadonha. A noite mal dormida cobrava seu preço. — Me dá uma ordem, qualquer coisa.

— O Theo que eu conheço não obedece ordens e muito menos permite que digam o que ele deve fazer. — Ela bateu um dedo em seu queixo.

— Esse cara nunca existiu, era só uma farsa.

Houve um minuto de silêncio.

— Não posso. — Ela negou com a cabeça. — Não posso te dizer o que fazer, embora você já saiba o que é preciso fazer. É uma decisão só sua.

Cuidadoso, Theo tirou o braço no qual ela estava deitada e se sentou, mantendo os olhos baixos. O músculo parecia estar sendo eletrocutado repetidas vezes, formigando de maneira dolorosa, mesmo adormecido.

— Ela foi um presente da Hannah, sabia? Foi um dos últimos dias que passei com ela antes de… Minha mãe estava feliz, *nós* estávamos.

Não demorou muito para Amália se sentar ao seu lado. Ela tirou seus óculos e o colocou no rosto, e combinado aos jeans largos e o cabelo esvoaçado, parecia estar num clipe musical dos anos 1990. Era a própria *"girls, just wanna have fun"*.

— Viu o que acabou de dizer? Você ainda se lembra daquele dia, ainda tem a memória dela. Vai ser assim com a Mary também.

— Não é o suficiente.

Theo puxou os óculos dela e os jogou sobre a mochila, mais afastada. Queria ver a paz naqueles olhos, o incentivo por trás deles e não o próprio reflexo amaldiçoado com a tragédia.

— Memórias são relativas, Amália. Elas me traem, minha mente me trai. Preciso de algo concreto, que eu possa ver, tocar… Não quero a memória das pessoas, dos lugares, quero… Merda.

Amália o abraçou com toda força. Ele escondeu o rosto na curva do seu pescoço, e por um momento aquele cheiro único invadiu até seus pensamentos mais podres, o mundo ao redor desapareceu. Os problemas, medos e inseguranças jamais existiram.

Será que era isso que chamavam de "porto seguro"?

Theo envolveu a mão dela, levando-a até a boca. Enquanto ela acariciava seus cabelos, ele deixou um longo beijo na palma de sua mão, mantendo aquela pele nos lábios o máximo de tempo possível. Um gesto simples, mas responsável por fazê-la brilhar tanto quanto orvalho pela manhã. Amália era nada menos que a coisa mais linda que ele já havia visto.

— Se você pudesse escolher um lugar pra morrer, onde iria? — ele perguntou com uma gota de desânimo na voz.

Amália pensou antes de responder, brincando com os dedos dele.

— Pra Oslo, no museu de Edvard Munch. Aposto que é o lugar mais lindo do mundo.

— Eu iria à minha antiga casa. Lá eu passei os melhores dias da minha vida, seria justo que o último também fosse nela.

— Pois eu acho que se a Mary pudesse escolher, ela escolheria os braços do dono.

Talvez a resposta, não apenas para a doença de Mary Austin, fosse mais simples do que imaginava e não era preciso um grande monólogo para isso. Ia doer. Ia doer muito. Não tinha certeza se aguentaria outra luta, mas não havia outra escolha.

Quando levantou o rosto e voltou a olhar para Amália, seu coração ficou mais leve.

— Tenho uma coisa pra você — ele disse.

Começou a procurar na mochila ao lado enquanto ela sorria, entusiasmada demais. Ele estendeu a ela uma dezena de papéis enrolados em formato de tubo, presos com uma fita preta no centro; assim que seus olhos se conectaram, ela soube.

— Não… Você fez? — Seus globos oculares ficaram gigantes, cheios de expectativa.

— Vê e descobre.

A garota esticou o braço na direção do papel, mas ele o afastou.

— Isso deu muito trabalho. Você invadiu minha cabeça de uma maneira insuportável, fez o inferno lá dentro… e no meu peito também. — Ele ergueu as sobrancelhas, sério. — Quero ser pago.

— Claro, nossa… você tem toda razão. — Ela se inclinou e deu um beijo em seu rosto.

— Meu sofrimento é tão insignificante assim?

Ela riu como uma musa que ele achava perfeita pra cacete, não era à

toa aqueles desenhos dela serem apenas alguns no meio dos muitos que tinha voltado a criar.

Amália se dirigiu para o colo de Theo, cada perna de um lado do seu corpo, segurou seu rosto e deixou um beijo tímido no canto da boca.

— Tá bom desse jeito?

— Não paga nem o grafite do lápis.

Theo inclinou o corpo para trás, apoiando as mãos no chão, e apenas esperou. Amália entendeu o recado. Ela o beijou com suavidade, se demorando em cada movimento de seus lábios e língua. Ele deixou o corpo inerte e a permitiu conduzir todas as ações. O beijo foi lento e preciso, sempre que seus lábios mudavam de posição ela puxava seu cabelo de um jeito gostoso, provocante, enviando uma onda de prazeres diferentes para cada parte deles. Encerrou com selinhos leves, e quando ela segurou-se mais tempo no último, Theo quase teve um orgasmo.

Com juros.

Amália pegou os papéis após pagar sua dívida, abrindo um sorriso inocente ao colocar os olhos nos desenhos; era ela, seus detalhes de diferentes ângulos. Olhos, boca, mãos. Tudo.

— Isso tá… perfeito! — Ela tocou as linhas do próprio cabelo, parada em seu colo, extasiada demais para se mover. — Tá lindo demais pra ser eu.

— É lindo justamente porque é você.

Embora odiasse mentiras, ele costumava mentir pelo menos dez vezes durante o dia, mas nunca havia falado tão sério em toda sua vida. Só via beleza naqueles borrões de carvão e aquarela porque a representavam, e a julgar pelo modo como ela deixou as folhas no chão e voltou a enlaçar seu pescoço, ela acreditava nisso.

— Não faz isso — ela pediu, manhosa. — Não me olha assim.

— Como?

— Como se eu fosse sua pessoa favorita no mundo.

Ele prendeu uma mecha de cabelo castanho atrás da orelha, aproveitando para dar um toque brincalhão na ponta do seu nariz.

— É uma delas, e só minha opinião importa aqui.

Amália o trouxe para um abraço fervoroso. Theo a envolveu da maneira mais intensa que conseguiu, abrigado na única companhia que fazia o prazer de desfrutar.

Ela não o livrou de nada, estava bem longe disso, infelizmente. Theo

sabia que ninguém além de si próprio poderia tirá-lo do buraco, mas era bom saber que existiam pessoas dispostas a jogar uma corda. Ia matar, ou melhor, ia salvar Mary Austin e dar um passo — mesmo curto — para a própria salvação.

30 - papel de pai



“Talvez eu poderia ter mudado
E não ter sido cruel
Não ter sido tão tolo
O que foi feito está feito”
***From The Beginning,* Emerson Lake and Palmer**

Phil esperou a porta atrás de si fechar para admitir o verdadeiro diagnóstico: morte. Desceu a pequena escadaria com Mike ao seu lado, o vento leve tremulando a barra dos jalecos brancos.

— O que você acha?

— Não tem Alá nenhum que o segure até o fim de semana.

— A cirurgia então, fora de questão.

Ele concordou. Caminharam em silêncio até chegarem ao carro, estacionado a poucos metros da casa de onde saíram.

— É melhor se conformarem logo, assim já choram o suficiente para não terem olheiras no dia da cerimônia.

Mike parou e colocou a mão livre no bolso da calça social, a outra segurava a maleta pesada.

— Você já foi mais sensível, Phil — ironizou. — O que houve?

— Isso cansa. São mais de vinte anos tendo que explicar às pessoas algo que elas já deviam saber. Não decido quem vai e quem fica, não sou Deus.

— Tem certeza?

Na maioria das vezes ele preferia atender os pacientes no hospital, mas nos casos extremos era obrigado a visitá-los em suas casas, o que era uma tarefa árdua. Sua profissão exigia o máximo de profissionalismo. Se envolver emocionalmente era quase um ultraje e isso se tornava difícil

quando o paciente lhe oferecia a hospitalidade do lar.

Phil abriu a porta do carro e pegou uma garrafa de água rançosa, quente e sem gás, depois de se encostar na lataria brilhante da BMW, bebeu até a última gota. O calor que fazia naquela parte do bairro do Alamo não seria responsável por fazê-lo suar tanto, nem estavam na estação realmente, então só restava uma alternativa: andropausa. Os hormônios que estavam lá apenas para fazê-lo perceber que em breve estaria numa cama de asilo usando fraldas.

— Lembra quando achávamos que íamos encontrar a cura para o câncer? — Mike comentou de repente. Já possuía um cigarro entre os lábios secos e explanava a fumaça através do bigode. — Daria tudo para voltar nessa época.

Ele divagou com os olhos fixos na rua atrás de Phil. Mesmo na casa dos quarenta e isento de qualquer compromisso familiar, o amigo nunca havia superado o fato de não ter mais vinte anos, com tantos sonhos deixados para trás.

— Já passamos dessa fase. — Ele fechou a garrafa vazia.

— Lembra das noites na universidade? Éramos só nós e nossas garotas, cerveja, música…

— Você se afundava nos peitos da Sally Watson.

— E que peitos. — Mike assobiou. — Hoje ela deve estar velha e flácida.

— Nós também, não esqueça disso. — Suas palavras soaram carregadas de amargura.

O celular de Mike tocou e ele sinalizou que iria atendê-lo enquanto se afastava. Phil levantou o rosto para o céu a fim de sentir o sol entrar por cada poro de sua pele; estava cansado, talvez se fosse mesmo para um asilo conseguisse descansar alguns anos. Afugentou a ideia deprimente e jogou a garrafa plástica dentro do carro, preparando-se para entrar no veículo, mas algo chamou a atenção de seus olhos.

Sob a luz do sol, a cor era de um vermelho vivo, como se alguém sangrasse numa terra árida, um tom de cobre escuro inconfundível. Poderia estar enganado se não fosse também a combinação de roupas pretas. Era seu filho.

Theo estava sentado na grama, abraçando a garota que tinha sobre o colo, ele cochichou algo em seu ouvido e ambos sorriram em seguida. Phil

estreitou os olhos para reconhecer o rosto feminino e… não, estava louco. Ele sentiu a pressão baixar quando Amália jogou a cabeça para trás e riu outra vez, agora mais descontraída, depois passou os braços ao redor do pescoço de Theo e o beijou.

Precisava ser uma miragem. Efeito da andropausa.

Lutando contra a teimosia, ele continuou a analisar cada detalhe. Mesmo de longe podia ver as mãos bobas, os sorrisos, as carícias… Se beijaram de novo, depois de novo e de novo. Há quanto tempo aquilo estava acontecendo?

Phil se virou para as casas novamente. Mike vinha em sua direção com os dentes à mostra, mas endureceu as feições ao vê-lo.

— Algum bicho te mordeu?

— Entra no carro, vamos sair daqui. — Foi tudo que conseguiu dizer.

Mike não pediu explicações. Dentro do veículo, se sentiu tentado a olhá-los mais uma vez. São Francisco não era grande, porém não era um ninho. A chance de presenciar aquela cena vergonhosa era de uma em um milhão, e mesmo assim estava lá, diante dela como se Benjamin pedisse que parassem de cuspir sobre seu túmulo.

Girou a chave e saiu cantando pneus. O som agudo chamou a atenção de todos ao redor, mas nem por isso eles pararam.



Dispensar o turno no hospital e voltar para casa foi a pior coisa que Phil poderia ter feito. Para fugir do estresse do local de trabalho, ele optou por se refugiar para digerir as imagens repugnantes de minutos atrás, mas estava errado. Sua casa era o último lugar onde encontraria paz.

Ele encontrou Vanessa sentada no último degrau da pequena escada que levava à cozinha, descalça, cabelos presos numa bagunça arrumada. Sobre sua perna dobrada estava a cabeça de Mary Austin. Se não fossem pelos olhos abertos, Phil poderia jurar que ela estava morta, pois não havia movimento de nenhuma parte do corpo, nem das costelas subindo e descendo conforme respirava. Com toda sua doçura, Vanessa acarinhava os pelos do pescoço.

— Está tudo bem? — ela perguntou ao vê-lo se aproximar. — Não devia estar…

— Não vou trabalhar essa tarde.

Ele foi tirar a bolsa dos ombros, mas só então percebeu que a havia deixado no carro. Estava atordoado, em alerta, furioso demais para pensar em outra coisa senão o que presenciara.

A chaleira no fogo começou a zumbir. Vanessa apoiou Mary Austin cuidadosamente no chão e correu até o fogo. Só nesse momento seu cérebro assimilou a situação.

— O que está acontecendo aqui? — Se referiu ao animal. Seu tom de voz estava elevado, com a raiva mais presente do que gostaria.

— O que acha? — ela indagou de trás da ilha.

— Você… — Ele engoliu as palavras. Parecia difícil pronunciar o nome dele. — Theo sabe disso?

— É claro, eu o acordei de manhã. Tentei convencê-lo… Você sabe. — Ela deu de ombros, atenta à água quente sendo despejada na xícara. — Disse que ia fazer, mas precisava de tempo.

— Ele precisa de…? Isso é ridículo!

Phil se sentou no sofá, inclinado sobre os joelhos. Parecia prestes a pegar fogo.

Tempo era tudo o que havia dado a ele. Tempo para superar, se curar do que quer que escondesse, tempo para se revoltar, para ser inconsequente, egoísta… mas tudo tinha um fim. Talvez tenha sido esse o erro: dar a Theo sua independência. Se como pai, tivesse sido mais rígido, apertado as rédeas e sido mais radical ele não pensaria estar no topo do mundo. Não passaria por cima daqueles que o amam para conseguir o que quer, ou o que achava que queria.

— Ei — Vanessa tocou seu ombro —, você está bem?

Ele negou, mas para si e não para ela.

— Chega — falou com os olhos presos no porta-retrato na parede. Benjamin abraçava o irmão, ambos ainda bebês e com chupeta na boca. — Isso acaba hoje.

Phil saltou do sofá, subiu até o segundo andar, pegou um cobertor do armário e voltou para a sala. Vanessa continuava parada no mesmo lugar. Ele abriu a manta — uma lã grossa e áspera — e a jogou sobre Mary Austin.

— O que vai fazer? — ela perguntou. Havia pânico em sua voz. — Phil?

Passou o tecido por todos os lados, enrolando-a para mantê-la

aquecida.

— Responda!

— Chega, Vanessa! Chega! — Ele se levantou, virado para ela. — Vou colocar um ponto final nessa palhaçada de uma vez por todas! — rugiu.

— Não está pensando direito…

— Eu estou pensando direito. Pela primeira vez em dezenove anos consigo ver nitidamente o que está acontecendo! — Ele chegou mais perto. Respirou fundo e continuou em tom baixo, mas direto: — Esse moleque precisa aprender que não pode fazer o que bem entende. Não pode pisar nas pessoas, se achando acima da moral, da lei, daqueles que o amam!

— O qu… — Ela parou. — Do que está falando?

Phil descansou as mãos na cintura. Tentava recuperar o fôlego, manter a calma o máximo de tempo possível, se concentrar nos raios do sol dispersos pelo vidro da janela, tudo para conseguir falar aquelas palavras em voz alta.

— Theo está com a Amália.

Ela inflou o peito. Olhou Mary Austin atrás dele e em seguida tornou a olhá-lo. Tudo não durou nem dois segundos.

— Com assim… *com* a Amália?

— Do jeito que está pensando, até pior. Pensei nisso o caminho todo, nem queira saber o que vi.

Com o celular na mão, Phil andou pela sala à procura do número do veterinário, entretanto, parou e se virou para Vanessa com uma nova lembrança. A mulher ainda estava de pé, fitando Mary Austin como se as engrenagens em sua cabeça tivessem falhado, mas encontrou os olhos do marido logo em seguida.

— Você sabia, não é? Quando ela esteve aqui.

— Eu suspeitava. — Ela cruzou os braços.

— Por que não me contou? Você apoia isso?!

— Não! É claro que não, mas… — Vanessa colocou as mãos no rosto exausto. — Pensei que poderiam conversar antes *disso* acontecer.

Ela apontou para ele, indicando o nervosismo no qual se encontrava. Theo era o fogo, e Phil a pólvora, cedo ou tarde sempre acabavam colidindo e causando um imenso desastre.

Ele guardou o celular de volta no bolso e explodiu.

— Conversar?! E quantas vezes já não tentei isso?!

— Olha…

— O Theo tem tudo, porra!

Vanessa congelou. Era raro vê-lo perder o controle.

— Eu… — Phil bateu no peito tão forte que o estalo grave reverberou pela casa. — Eu dei tudo a ele! Você sabe disso, sabe como fiz da minha vida um inferno por causa desse garoto. Dei carinho, amor… Não sei porque ele é assim, mas estou cansado de tentar entender.

Não havia mais nada a ser dito. Vanessa se sentou no sofá, rendida à uma postura cansada. Ele trouxe Mary Austin para seus braços no maior cuidado do mundo e se dirigiu para a porta.

— Ele vai odiá-lo.

Phil parou. Era difícil vê-la daquela maneira: com os olhos quase em prantos, murcha, inconformada. Mas era preciso.

— Theo já me odeia. Ele odeia todo mundo. Odeia a Mary Austin, a Amália, você… e eu duvido até que ele goste de si próprio, caso contrário não faria o que faz. Mas não somos obrigados a sermos vítimas disso.

Era árduo ter que presenciar a destruição do próprio filho, mas às vezes ruínas precisavam cair para se erguerem outra vez. Saiu sem dizer mais nada, tal como eram os sinais de Mary Austin.

31 - imperdoáveis



“Debaixo do nosso sangue ruim
Nós ainda temos um santuário
Lar, ainda é um lar, ainda é um lar aqui
Não é tarde demais para reconstruir ela
Porque uma chance em um milhão
Ainda é uma chance, ainda é uma chance”
***Train Wreck,* James Arthur**

Ele mal fechou a porta e já começou a gritar. Havia urgência em suas palavras, no modo como tirava a mochila das costas e se movimentava à espera de uma resposta dela. Não queria que a tortura se prolongasse por nem mais um minuto, embora soubesse que todos os anos em que a fizera sofrer por puro egoísmo não desapareceriam graças à sua decisão.

— Vanessa? — Deixou a mochila no chão, junto das chaves e do capacete. — Cadê você?!

Vanessa surgiu no fim do corredor que se abria à sala de estar. Seus olhos castanhos estavam vermelhos como se tivesse chorado por horas, acompanhando-o conforme ele avançava.

— Pedi uma folga ao Henry — ele explicou, comprimindo os lábios. — Você tinha razão.

— Tinha?

— Mary Austin. Ela não merece sofrer desse jeito, por minha causa. Quase atropelei as pessoas pelo caminho… mas cheguei, tô aqui. Vou fazer.

Ambos fizeram silêncio, apenas encarando um ao outro. Theo não tinha certeza de nada que saía de sua boca, só esperava que no fim do dia, quando tudo tivesse acabado, fizesse algum sentido.

— Cadê ela? — Desviou da mulher e começou a procurar pelo

animal. — Podemos ir no seu carro, né? Mary? — Olhou atrás do sofá, no pequeno gramado fora da casa, debaixo da mesa da cozinha, nada. — Mary Austin?

— Ela não está aqui.

Mesmo de costas, Theo reconheceu sua dor. Largou a almofada no sofá e se virou; ao vê-la com uma mão sobre a boca e outra no peito, ele soube que Mary Austin estava morta. Ainda assim, com a garganta obstruída e um frio na espinha, arriscou:

— Onde ela tá?

Uma lágrima desceu pelo rosto estático de Vanessa.

— Cadê a Mary?!

— Seu pai a levou.

Ele perdeu o fôlego. Aquilo era muito, muito pior.

— Como assim? Levou pra onde?

Ela desabou. Um choro baixo, contido, mas doloroso em cada lágrima. Theo sentiu o estômago revirar mesmo não tendo comido nada nas últimas horas, fechou os olhos e tentou se concentrar no que seu coração dizia. Era mentira. Tinha que ser, *precisava* ser. Mas pela primeira vez na vida o cérebro falava mais alto, o lado racional — que raramente era ouvido — gritava.

Theo andou até Vanessa e a segurou pelos ombros, obrigando-a a olhá-lo.

— Me diz que ele não fez isso — balbuciou, mas não obteve resposta. — Me diz! Vanessa, por favor. Ele não…

Suas palavras tornaram-se um leve sussurro até desaparecerem no ar, invisíveis, fatídicas. Embora quisesse chorar, as lágrimas não vieram, deixando seus olhos ardentes prestes a estourar. Vanessa envolveu sua cintura num abraço apertado, a cabeça apoiada na curva do pescoço, à espera de que ele fizesse o mesmo.

Mas Theo não se mexeu. Estava paralisado.

A última vez que tocara Mary Austin havia sido horas atrás, quando ainda era fraco demais. Prometeu voltar. Sussurrou em sua orelha que tudo aquilo acabaria em breve, só precisava ter coragem; porém não conseguiu se despedir, assim como não conseguiu se despedir de Benjamin, de Hannah.

— Theo? — Vanessa pousou a mão em seu rosto. — Fala…

O resto da frase não saiu, pois naquele momento ouviram o barulho

da porta de entrada. A dor se transformou em raiva, o suor brotando entre os fios de cabelo parecia o sangue que faltava na ponta dos dedos gélidos. Theo se desvencilhou dos braços de Vanessa e se aproximou do centro da sala.

Phil caminhou pelo corredor devagar. Não parecia nenhum pouco abalado ao ver o filho, muito pelo contrário, o fuzilava com olhos afiados conforme avançava até ele, e aquela indiferença o destruía. O homem chegou na sala e parou. Todos fizeram silêncio, não se ouvia respiração ou sussurro algum. Então ele tomou coragem.

— Cadê a Mary?

— Poderá enterrá-la à noite. Ou pegar as cinzas, como preferir.

Vanessa puxou o ar às suas costas, era provável que estivesse com a mão na boca. Os lábios de Theo tremeram ao tentarem formar uma frase, mas não esboçaram nada além de um murmúrio fraco. Já não aguentava mais cerrar os punhos, as unhas cravaram nas palmas das mãos.

— Você não podia… — Engasgou e a raiva subiu à cabeça. — Seu filho da…

— Não! — Phil rugiu com a mão erguida. — Cala a boca!

Theo engoliu a voz. Seu pai apontou o dedo.

— Cala a sua boca, moleque. Quem vai falar agora sou eu!

Ele não gritou dessa vez, mas o tom de voz baixo e arrastado foi muito pior. Pela primeira vez diante do pai, depois de anos, Theo se sentiu intimidado. Parecia pequeno, indefeso.

— Por favor… — Vanessa tentou.

— Sai, Vanessa.

Phil calou a mulher com um único olhar. Theo virou o rosto para observá-la; ela olhava o marido com descrença, incerta quanto ao que ouvira. Ele nunca — em hipótese alguma — levantou a voz para ela.

— Eu preciso ter uma conversa com o meu filho, a sós. Pode sair? — Aumentou o timbre. — Por favor?

Ela engoliu em seco e desviou para o enteado. Ele enxergou em seus olhos marejados o quanto queria ficar, mas parecia não haver outra escolha. Vanessa trocou um breve olhar com Phil e subiu as escadas; enquanto a ouvia pisar degrau por degrau, Theo sentiu uma falta absurda do abraço de segundos atrás. Só quando o barulho dos passos cessou eles voltaram à se encarar. Phil tinha chegado mais perto, mantinha as mãos no bolso da calça e um olhar de fuzilamento.

A sua raiva só não era maior que a dele.

— Como teve coragem de fazer uma merda dessa? — perguntou, hostil. — Como pôde ser tão frio?

— Só fiz o que você foi fraco demais para fazer.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Eu ia fazer! Só estava…

— O que? — interrompeu. — Pensei que estivesse ocupado demais transando com o amor da vida do seu irmão para fazer alguma coisa. Então eu fiz.

Mas. Que. Porra.

— Perdeu a fala? Onde está o sarcasmo, os palavrões, a rebeldia? — Ele bateu palmas, o som ritmado foi assustador. — Vamos, estou esperando!

— Você estava me seguindo?

— Não foi preciso segui-lo. Estavam se agarrando no meio da rua, até um cego veria.

Phil o desarmou, era essa a verdade. Havia tirado suas armas, espingardas, adagas e até as facas pequenas que mantinha escondidas sob as roupas, o encurralou e agora lutavam corpo a corpo. Mas Theo estava em desvantagem, pois o pai era perfeito. Como um corte profundo na costela impedindo-o de dar os principais golpes, a podridão e imoralidade de seus últimos atos o sabotaram.

— O que espera que eu diga?

— Quero uma explicação. — Foi curto e grosso.

Ele chacoalhou os ombros, na sua cabeça tudo parecia simples.

— Não tem explicação. Nós estamos juntos, e é só isso.

— Vocês… nós? — Phil se mostrou incrédulo. — Onde está com a cabeça?

— No mesmo lugar onde você estava quando matou a Mary.

Sua voz saiu mais forte dessa vez. O choque da explosão de Phil passava aos poucos e ele retomava a coragem para enfrentá-lo, mas sempre que seus olhos cruzavam com os dele, um novo receio surgia.

— Preste muita atenção no que vou dizer agora. — Phil deu um passo à frente. Apenas um metro os separavam. — Você vai ligar para ela e dizer que acabou essa… *coisa* — enojou-se. — Não vai nem encontrá-la de novo. Fui claro?

— Parei de obedecer suas ordens aos quinze anos — debochou.

— Você vai fazer ou…

— Não.

Theo chegou mais perto.

— Não vou fazer. E não adianta o que me diga, faça ou o quanto me ameace…. vou ficar com ela — esclareceu, tão convicto que se assustou com a firmeza das próprias palavras.

Phil perdeu a paciência. Seu corpo pareceu estourar.

— Não está em condições de negar! Chega, Theo! Chega de fazer o que bem entende, chega de passar por cima das pessoas assim, você não está acima de ninguém. Não estou pedindo. Sou seu pai e você vai me obedecer.

— Então agora você é meu pai? Não acha que devia ter feito isso desde o começo?!

— Eu sei o que é melhor para você.

— Como pode saber o que é melhor pra mim se nunca tá presente na merda da minha vida?! — Ele sentiu a garganta arder. — Você se recusa a participar, se recusa a tentar fazer parte dessa droga. Mas deve tá sendo muito difícil, né? Salva pessoas estranhas todo santo dia e não foi capaz de salvar seu próprio filho.

Seu julgamento o atingiu como um bisturi novo, nunca usado. Theo pôde ver a dor nos olhos miúdos, disfarçada na raiva e no senso de autoridade ridículo que insistia em manter. Ele permaneceu encarando-o, sem arrependimento algum.

— Faço mais do que imagina. — Phil piscou repetidas vezes, ainda com raiva. — Posso não estar presente mas estou sempre zelando por você.

— Jura? E cadê tudo isso?

— Está nessa casa, seu merdinha.

Theo franziu o cenho. Os olhos estavam marejados com lágrimas de puro ódio.

— Acha que eu queria sair de Sea Cliff? Acha que eu também não gostava de sentir o cheiro do mar?! Nos mudamos — ele apontou o dedo bem na sua cara — por sua causa!

Ah, tá.

No fundo, bem no fundo, debaixo de todo negacionismo, Theo sabia que o discurso do pai de "respirar novos ares” não fazia muito sentido. Sempre esteve nítido, mas agora era tão óbvio quanto um chupão no pescoço.

Ele tocou a testa, sentindo as gotículas de suor contra os dedos, depois

subiu aos cabelos, tão encharcados quanto. Phil — que havia dado alguns passos pela sala — observava algo na parede oposta, de costas para Theo; talvez a memória do porta-retrato de quando seus filhos ainda não eram um defunto e o outro uma decepção.

— Por quanto tempo vocês o enganaram?

— Que?

Phil se virou para ele, impetuoso e cruel.

— Amália vivia debaixo do nosso teto, dia e noite, até quando o Ben não estava. — Ele fez uma pausa perturbadora. — Mas você sim. O que faziam quando ele não estava olhando?

Desde que tudo aquilo havia começado, Theo chegava no olho da tempestade. Pensar no quanto o sentimento era errado, como sentia-se nojento por desejar Amália mais do que o ar que respirava não passou de uma garoa comparado ao que enfrentava no momento. Agora eram tornados, raios e trovões ensurdecedores.

A acusação de Phil era repugnante demais para ser digerida.

— O que… você… — Theo engoliu a ânsia de volta. — Tá insinuando que eu…

— Não estou insinuando, estou afirmando. Por quanto tempo?

— Para de falar merda! — Pingos de saliva voaram de sua boca. — Não sei se você se lembra, mas Amália me odiava e nunca toquei em nenhum fio de cabelo dela! Posso até ser um filho da puta, mas nunca… *nunca* trai meu irmão!

— Traiu agora! — retrucou. — Traiu e está sendo muito pior porque ele não pode fazer nada a não ser assistir.

O silêncio foi imediato, de ambos. Phil desceu lentamente o braço com o qual gesticulava enquanto Theo permanecia parado. Era como se desse murro na ponta de uma faca, mas a dor era mil vezes pior. Não adiantou mandar Vanessa sair, pois os gritos puderam ser ouvidos por toda a vizinhança.

Em meio a palpitação no peito, ele enxugou o rosto suado com a manga da jaqueta. O tecido estava áspero, como uma lixa grossa raspando a pele.

— O Ben me amava. — Foi tudo que conseguiu dizer.

O pai não respondeu.

— E duvido que ele seria contra isso porque… Porque… — perdeu o

fôlego. As palavras pareciam impossíveis de serem ditas. — Ele queria que eu fosse feliz. Sempre me enchia o saco pra achar alguém — riu, aumentando a voz — e agora eu achei! Achei! E não importa quanto tempo passe, sempre vou ter alguma coisa do meu irmão comigo!

Seu timbre rouco invadiu todos os cômodos antes dele desabar no sofá com o rosto entre as mãos. Sentia-se exausto, o mesmo cansaço de meses atrás, no começo de tudo, quando caminhar do quarto para a sala exigia até suas últimas forças.

— Para, Theo. — O tom firme do pai surgiu no escuro de sua mente. Ele levantou a cabeça para olhá-lo. — Para e ouve o que acabou de dizer.

Phil havia se aproximado, mas continuava com a mesma expressão vazia.

— Você disse que sempre vai ter algo do seu irmão com você, horas depois de agarrar a única garota que ele amou na vida. Acha mesmo que o que sente pela Amália é… verídico?

— Não queria que isso tivesse acontecido. — Ele se levantou. — Não queria ser tão… merda. Sei que você preferia que eu tivesse morrido no lu…

— Não termina essa frase! — Se apressou. — Ficou maluco?

Theo andou até ele. Estava suado, vermelho, as pupilas dilatadas como se estivesse sob o efeito de drogas. Bateu o dedo indicador no peito do pai e o encarou, mantendo a voz baixa e com uma gota de insanidade.

— Ótimo, então se tivesse que escolher um filho pra morrer e não houvesse acordo nenhum… qual de nós dois escolheria?

Phil envolveu a mão dele com a sua, deixando-as paradas sobre o peito.

— Eu me mataria no lugar de vocês.

Ele assistiu milhares de pensamentos passarem pelas íris azuis. Phil parecia sofrer, mas não um sofrimento momentâneo, e sim algo eterno que o machucasse cada vez que aquela memória vinha à tona como um segredo pesado. Sabia bem como era.

Theo se afastou do seu toque. Por que as batidas do seu coração precisavam ser tão insuportáveis?

— Eu me lembro, antes dessa merda rolar… Você entrava no nosso quarto de madrugada, toda noite, conferia se a janela estava fechada, depois colocava a mão na nossa cabeça, puxava os cabelos pra trás e saía. Primeiro com ele, depois comigo.

As mãos de Phil, sempre tão firmes durante as cirurgias, tremeram em descompasso.

— Eu fingia estar dormindo às vezes, sabia? Só pra sentir aquilo — completou com um sorriso triste.

— Theo…

— Você não faz mais. Fico me perguntando se fosse eu quem tivesse morrido, você teria deixado de fazer com ele também.

— Não sei lidar com isso. Me perdoa, eu… não sei o que fazer…

— Tá tudo bem. — Ele deu um longo suspiro. Não precisava de nenhuma explicação para constatarem o óbvio: — Porque eu também escolheria ele.



“Deus, não me deixe perder a cabeça
Problemas à minha esquerda, problemas à minha direita
Eu estive enfrentando problemas quase toda minha vida
Meu doce amor, você vai me tirar dessa?”
***Trouble,* Cage The Elephant**

Phil estava fora há quase quatro dias e Theo fingia não sentir sua falta. Se bem que a ausência atual não destoava muito dos últimos doze meses.

Ele vivia tempos de sol, tentando ignorar o fato de que o mormaço sempre antecede uma tempestade, sem exceções. Preferiu não contar para Amália sobre a discussão que a envolvera, não estava mentindo, apenas omitindo; mas ela havia desconfiado do cheiro de álcool quando se encontraram na noite seguinte à briga. Não que tivesse bebido muito.

Só um pouco.

Tudo parecia nebuloso, distante, um sonho onde há consciência de que está sonhando, mas a angústia segue à espera de um acontecimento que faça acordar. Mas Theo não despertava. Ignorava as chamadas de Lauren devido às faltas constantes na terapia, esquecia de tomar os remédios diariamente.

Mas tô ótimo. Mentira.

Apesar da pequena mancha sombria em seu peito, a relação com Amália não poderia estar melhor. Desde que assumiram seus sentimentos, eles se viram todos os dias, e como um pré-adolescente com o primeiro amor ingênuo, ele contava os minutos para isso. Porém, a verdade que ignorava era

que contava os minutos para se foder em grande estilo.

Sentado à mesa, divagando enquanto esperava o pão na torradeira, ele mais uma vez esperava ansioso para vê-la. Não escondia mais o quanto estava apaixonado. Também não pensava na possibilidade de assumir que estavam “juntos”, mas se sentia preparado caso isso acontecesse.

— Você engordou? — Vanessa parou ao seu lado e levantou seu queixo com os dedos. — Engordou. Está rechonchudo.

Ele sorriu fraco enquanto ela o analisava.

— Se pareço um zumbi, você reclama. Se como direito, também reclama. O que eu faço então?

— Não estou reclamando, muito pelo contrário. Você está mais bonito.

— Mais? Isso é possível?

Vanessa gargalhou e se sentou do outro lado da mesa; distraída, ela girava o leite quente no copo, assoprando-o com lentidão. A neblina úmida subia até a lente dos óculos e as embaçava, até que ela o ergueu no alto da cabeça.

O sino da torradeira tocou, atirando para cima as duas fatias de pão douradas. Ele as colocou rapidamente no prato, depois agitou os dedos no ar para afastar a queimação.

— Phil ligou ontem à noite — ela hesitou ao dizer. Pousou o copo com cuidado sobre a mesa. — Perguntou por você.

— Disse pra ele que fui preso por porte de drogas?

Ela o repreendeu com o olhar. Theo mordeu a torrada, inclinando as costas na cadeira. Jurou para si ao acordar que nada estragaria aquele dia, tinha uma auto confiança duvidosa, e às vezes nem ele mesmo acreditava nela.

— Falando nisso… — Ela se animou. — É sexta-feira, estamos sozinhos sem o chato do seu pai, o que acha de sairmos? Só eu e você?

— Pra onde?

Vanessa tamborilou os dedos no copo, pensativa.

— Vamos ver um daqueles filmes de terror horríveis.

— Daqueles que você tampa os olhos em todas as cenas e depois me enche o saco perguntando o que aconteceu? — provocou com a boca cheia.

— Isso.

Theo mastigou enquanto ponderava a ideia.

— Ta bom. — Ele sorriu. — Mas você vai ter que olhar.

— Sim, senhor. Esteja em casa cedo para não precisarmos enfrentar fila.

Ele terminou de devorar a primeira fatia conforme ela bebericava o restante do chá. O sol fraco irradiava pela janela como em qualquer início de manhã: morno e acalentador. Haveria apenas um turno no restaurante, depois estava livre.

— O que está acontecendo? — Vanessa perguntou.

— Como assim?

— Está estranho já tem alguns dias. Desde… A briga foi feia, não é?

Ele analisou o alimento no prato sem nenhuma pressa para respondê-la. Não queria falar sobre aquilo.

— Não, só… — *Sinto falta dele. Fumei ontem à noite. Tem algo esquisito dentro de mim.* — Tô cansado — respondeu, agitando os ombros. — Mas tô bem, relaxa.

— Ótimo, e por acaso, não sei… — Ela ergueu uma das sobrancelhas, parecia insegura quanto ao que diria. — Quer me contar por quê?

Eu quero? Talvez ela já saiba.

Com certeza ela já sabia de tudo graças aos berros da discussão passada, era impossível não tê-los ouvido. Mesmo assim, valia a pena contar?

— Acho que não.

Vanessa se preparou para questioná-lo, mas se conteve. Ele mordeu um pedaço da outra fatia, ainda inteira, em seguida se levantou e contornou a mesa para deixar um beijo em sua testa. Sentia aquela necessidade de mostrar que a amava.

— Nossa! — Ela levantou o rosto na direção dele. — O que foi isso?

— Nada, só que eu te amo.

Ela brilhou com um diamante.

— Eu também te amo, Theo.

— Nos vemos à noite.

Com o celular e as chaves da moto na mão, ele saiu. Não precisou olhá-la para saber que estava sorrindo.



— Acabou, Theo — ela declarou olhando em seus olhos.

Ele fez um esforço absurdo para manter a calma. Amália não parecia puta quando chegou, nem enquanto caminhava entre as estantes abarrotadas de livros, muito menos quando mordeu seus lábios durante um beijo safado, minutos atrás.

Ela soube da merda envolvendo Agnes, é isso.

Theo agarrou a mão dela com a sua.

— Acabou o que? — perguntou, tenso.

— Efeito Borboleta, acabei de pintar! Acredita nisso?!

Ela abriu um sorriso gigante conforme ele suspirava mais do que aliviado. Não que tivesse medo de perdê-la. *Era exatamente isso.* Amália usou a mão livre para voltar a mexer nos livros, puxando-o como um cachorrinho na coleira.

— Pensei que só iria terminar na próxima semana, mas ontem fiquei tão empolgada… parecia que estava ligada na tomada! — Ela gargalhou. — Então, tá pronto.

O sangue aos poucos voltava para o seu corpo e o deixava cada vez mais confortável dentro da camiseta. Apertou ainda mais sua mão, verdadeiramente feliz por ela.

— E como ficou? Tá melhor do que imaginou?

— Muito melhor. — Ela virou-se de frente para ele. — Tenho certeza que a exposição já é minha.

Theo a puxou pela nuca, selando seus lábios num beijo salgado com gosto de coisa velha.

A livraria antiga no centro da Mission Street estava abarrotada de livros do chão ao teto, a maioria colocados nas prateleiras de maneira perigosa, como uma torre de copos que, se retirar um, a pirâmide desmorona; também haviam aqueles empilhados nos cantos mais inusitados possíveis, à mercê do tempo e da poeira do piso de madeira. Ele seguia Amália pelos corredores mal iluminados a procura de um livro que, segundo ela, “mudaria sua perspectiva sobre a arte para todo o sempre”.

— E… bom, considerando o que passamos — ela começou, deslizando os dedos sobre a lombada dos livros, Theo vinha logo atrás —, queria que você fosse o primeiro a ver. Até porque — ela se virou repentinamente, quase topando com ele — precisa colocar sua assinatura ao lado da minha.

Todos os problemas dos últimos dias desapareceram, ou deram um

tempo. Ele tentou não sorrir como um idiota, mas era impossível. Enquanto a admirava, vidrado e atento ao máximo, as bochechas de Amália tornaram-se vermelhas como se ainda fossem dois estranhos. Adorava deixá-la sem jeito, ficava fofa e fodidamente gostosa.

— E onde ela tá?

— Na minha casa, é claro.

Theo enrijeceu os músculos do corpo.

— Você quer que eu vá à sua casa? — Arqueou as sobrancelhas. — Com seus pais?

— Isso te incomoda?

Pra caralho.

— Não.

Ela pareceu notar sua insegurança.

— Eles não vão estar. Foram pra Sacramento hoje à tarde e só voltam amanhã de manhã. Vamos ser só eu e você.

Ótimo, agora ficou muito melhor.

A ideia de estar com Amália numa casa, num quarto, sozinhos, muito sozinhos, desestabilizava todos os seus hormônios. Ele começou a suar, inquieto sobre os pés que alternavam o peso do corpo entre eles. Poderiam muito bem fingir que seus corpos não possuíam uma eletricidade única que os ligava e estavam cada vez mais rendidos por ela, mas seria uma tarefa árdua.

— ACHEI!

O grito da garota o despertou. Ela correu até o fim da estante e pegou um dos muitos livros empilhados na segunda prateleira acima do chão, derrubando alguns.

— Isso… — Ela virou a capa do livro para Theo, que caminhava em sua direção. — A História da Arte, de E. H. Gombrich, é só o melhor livro sobre arte já feito em toda a humanidade. Ele… O que foi? Você não quer ir? — perguntou, insegura.

Ele franziu o cenho, saindo do mundo da lua.

— Não! Quer dizer, porra… só que, não sei. É estranho.

— Estar na minha casa?

Ele concordou.

— Não é algo que eu esteja acostumado a fazer. Nem imaginei fazer.

— Pegar na minha bunda também não, e mesmo assim você fez. —

Ela mordeu o lábio inferior, banhada em malícia. — E não parecia nem um pouco inseguro com isso… muito pelo contrário.

Theo gargalhou.

— Muito espertinha. — Deu um sorriso afiado e maldoso. — Ok, você venceu.

Eles trocaram longos beijos naquele corredor empoeirado e escuro, aprumados no corpo um do outro como se fossem as únicas pessoas no mundo. Andaram de mãos dadas até o caixa ranzinza e com um pelo imenso saindo de uma das narinas, e depois de Theo insistir até quase perder a paciência, Amália o deixou pagar pelo livro.

Ele não tinha muito o que fazer com seu gordo salário. O único gasto costumava ser com Mary, mas agora ela estava tão fria quanto o coração de Phil, só de pensar em outras maneiras de gastá-lo, sentia-se preguiçoso. Não havia nada que ele tivesse vontade de fazer.

Ao sair da livraria, o celular em seu bolso sinalizou uma mensagem. Entre muitas não lidas, estava uma das poucas pessoas com a qual se importava: Linda.

Não vai acreditar no que o Shawn me…

— Não surta.

Ele desviou a atenção da tela ao ouvir a voz de Amália, parada na calçada. Ela parecia rígida, temendo qualquer movimento.

— Que foi? — perguntou, já nervoso.

— Eu acho que alguém…

Seguiu o olhar dela até onde a moto estava estacionada e quase caiu duro no chão. Ambos os pneus estavam murchos, rasgados de fora a fora.

— Mas… O que… — gaguejou. — Que porra é essa?!

Theo correu até o meio fio e se abaixou, apoiado no banco de couro, para analisar as tiras de borracha soltas do pneu traseiro, irregulares. Era um ótimo trabalho, feito minuciosamente e com muito, muito ódio.

— Deixaram em pedaços — Amália comentou, de pé ao seu lado. — Quem fez isso não gosta muito de você.

— Rasgaram a câmara de ar, que filho da puta faria isso?

Theo possuía muitas inimizades, mas nenhuma delas o odiava o bastante para perder seus minutos partindo para o vandalismo; o único inimigo que fazia jus ao posto, Noah, estava há quilômetros dali. Não se lembrava de mais ninguém da lista.

— Ei — Amália tocou seu ombro. —, fica calmo, é só mais uma grana.

Só uma grana. Agora sim ele realmente tinha com o que gastar.

— Só uma graninha… — ela insistiu em tom brincalhão.

Ele sorriu, em seguida se levantou. Não dava para manter a pose de durão com aquela garota tão próxima.

Enquanto esperavam o reboque, Amália se sentou no banco frente à livraria e ele analisou os danos com mais precisão. Eram rasgos feitos com faca, talvez canivete. Só o que conseguia pensar era que, quem quer que fosse aquele pau no cu, não ia muito com a sua cara.

33 - lâmina, sangue e dor de cabeça



"Eu estava perdido nas páginas
De um livro cheio de morte
Lendo como vamos morrer sozinhos
E se formos bons, vamos descansar
Em qualquer lugar que quisermos"
***Like a Stone,* Audioslave**

O sol se punha devagar conforme se aproximavam da casa de Amália, as estrelas nasciam no horizonte indicando o início de uma noite morna, apesar do vento gélido na pele. Junto da lua minguante no céu, as ruas ficavam cada vez mais vazias.

Theo a carregou nos ombros como se fosse um leve saco de batatas, ouvindo-a gritar para colocá-la no chão. Quanto mais ela pedia, menos vontade ele tinha de obedecer. Brincaram com os dedos um do outro, apostaram corrida, sorriram como duas crianças que não precisavam sustentar o peso do mundo.

Little Italy era a cara de Amália, ou ela era a personificação do bairro, Theo não sabia dizer. Talvez por já estar acostumado à sofisticação do Pacific Heights e suas cores neutras, a arquitetura artística daquele ambiente o deixava maravilhado; as imediações de Chinatown, o tom colorido das casas, as lojas de discos gritando rock'n roll no seu ouvido.

Após gastarem tempo nas ruas principais, enfim cruzaram a primeira esquina em direção à sua casa. O quarteirão de prédios comerciais vazios — alguns ainda em construção — tinha uma calmaria gostosa, permitindo ouvirem o som dos próprios passos e da agitação das rodovias ao longe.

Amália subiu no pequeno muro próximo aos prédios e caminhou

cuidadosamente sob o auxílio de Theo, segurando sua mão.

— Se eu cair, você me segura?

— E quando foi que eu não te segurei? — retrucou.

Ela parou diante do toque grosseiro em sua voz. De onde estava, Theo tinha uma visão de suas pernas expostas pelo vestido vermelho, e sempre que o tecido leve tremulava pela brisa do vento, seus olhos se voltavam para a pele abaixo dele.

— Por que você tem que ser tão arrogante? — perguntou, de frente para ele.

— Não finge que não gosta. Sei como tem tesão em caras ruins.

Amália colocou as mãos na cintura.

— E você é um deles?

— Pensei que tinha dito que eu era o pior deles. — Ele pendeu a cabeça para o lado. — Ou tô errado?

— Não, você é mesmo. Ainda tô esperando que parta meu coração.

Ele permaneceu parado conforme ela, sozinha, voltava a se equilibrar sobre o pequeno espaço com um sorriso insolente. Um maldito sorriso perfeito. Sem lhe dar tempo para se afastar, Theo a segurou pelo braço, obrigando-a a se virar novamente.

— Não vou fazer.

— Hum?

Ele colocou as mãos em seu quadril, uma de cada lado, o rosto voltado para cima.

— Partir seu coração. Não quero fazer isso, Amália. Prefiro viver o inferno na terra do que fazê-la sofrer.

A garota pousou as mãos em seus ombros, depois subiu uma delas até sua bochecha. Com um simples roçar do polegar sobre o osso abaixo do olho, Amália o fez estremecer.

— Promete? — murmurou.

Não, isso não. Theo era péssimo com promessas, horrível, um grande desastre. Mas não podia decepcioná-la.

— Eu posso prometer que vou fazer o impossível pra isso. Não quero mais ser ruim pra você.

— Você nunca foi ruim pra mim. Só era insuportável, mal educado, grosseiro, chato… — Ela inspirou fundo. — Tinha mais, mas não me lembro.

Ele sorriu.

— Agora sou o que?

Amália abraçou seu pescoço e o puxou para si, deixando os seios na altura de seus olhos.

— É melhor não deixar esses peitos na minha cara — advertiu, provocante.

— O meu rosto tá aqui em cima, é só olhar pra ele. — Ela levantou seu queixo. — Bem aqui. — Fez uma pausa misteriosa, depois continuou: — Você, Theo Allen Anderson, é o dono desse rostinho perfeito que tá me deixando maluca.

— Posso te enlouquecer mais se quiser.

Ele deslizou as mãos por toda a lateral de seu corpo. A vontade de invadir o interior do vestido era imensa.

— É uma proposta tentadora, mas por hora… faz aquele negócio gostoso com a língua?

A única resposta possível era dar o que ela queria. Havia um calor que não parecia típico dela, nem quando ficaram à beira da fogueira durante o jantar no Saliere, mas ele não reclamou. A pegou pela cintura e a tirou do muro, para então agarrá-la da forma que queria, inteira em seus braços. Seus lábios se encaixavam com precisão, a cada movimento conjunto eles percebiam o quanto se completavam. Theo esquecia de tudo naquele momento: onde estavam, que horas eram, o compromisso em poucas horas. Tudo se perdia enquanto a sentia tão perto.

De repente, um som próximo se sobressaiu às risadas entre os beijos.

Ele se afastou o suficiente para olhar ao redor, ainda segurando-a pela cintura. Amália fez o mesmo. Eram palmas. Da esquina que acabaram de cruzar, uma silhueta masculina emergiu da escuridão. O homem, na verdade ainda um garoto, batia palmas desordenadas, equilibrando uma garrafa de vodka debaixo do braço. Theo não o identificou, embora o rosto fosse familiar; porém, ao notar o olhar assustado de Amália, ele ligou os pontos.

— Jason?

O loiro se aproximou, bebendo da garrafa já pela metade. Ignorava a presença de Theo e se mantinha focado na ex-namorada.

— É claro que você estaria ocupada demais pra me notar. Essa é a única coisa que você sabe fazer sua… vagabunda?

Ela deu um passo na direção dele, mas Theo a segurou pelo braço. Pela primeira vez, Jason o encarou. Mesmo sob o amarelo enjoativo do poste

de luz e as sombras formadas sobre o rosto, Theo pôde notar suas pupilas dilatadas e a pele vermelha, suada. Estava não só bêbado, mas drogado.

— Vamos embora daqui — falou para ela, sem desviar-se do garoto.

— Tem noção do que fez comigo? — Jason avançou. — Sabe o que é todo mundo rir da tua cara porque tua namorada te trocou por um… — Ele moveu os lábios, apontando a garrafa para Theo. — Um… Fiz papel de otário, Amália.

— Te troquei porque você é um babaca! Cobrava fidelidade enquanto me traía! Acima de tudo era um covarde!

Sem paciência alguma, Theo a segurou pelos ombros, obrigando-a a encará-lo.

— Para com isso — pediu. — Ele tá drogado, vamos embora. — Levantou as sobrancelhas. — Agora.

Ela assentiu. Ele desceu o toque até a mão dela e entrelaçaram seus dedos para dar as costas a Jason.

— Não se finja de coitada, sei como gosta de ser maltratada — ele provocou, seguindo-os. — Lembra? Você adorava quando meu pau ia até no fundo da sua garganta.

Amália parou de uma vez. Um ônibus cruzou a esquina.

— Cala a boca! — esbravejou com os olhos vermelhos. — Some daqui, vai embora!

Ele gargalhou de seu sofrimento. Theo se pôs na frente dela conforme Jason diminuía a distância que os separavam.

— Era uma delícia. Você gemia igual uma prostituta…

— Cala essa boca, filho da puta! — Foi sua vez de rugir.

— Ou o que?!

Em um surto de raiva, ele atirou a garrafa no chão próximo a eles, exaltando pequenos estilhaços de vidro nas pernas nuas de Amália. Theo entrou na reta dos objetos afiados, mas já era tarde. Gotas de sangue brotaram dos finos cortes em sua pele.

— Você tá bem?!

Ela não teve tempo de responder.

O cheiro forte do álcool evidenciava o quão fora de si o imbecil se encontrava. E o quão perto estava. Theo a empurrou o mais forte possível assim que Jason deu o primeiro golpe, não se preocupando em vê-la quase cair ao tropeçar no meio-fio.

Conseguiu desviar do ataque para então socá-lo bem no meio do rosto. Depois de novo. O loiro caiu com as costas no chão e Theo se posicionou sobre ele, desferindo golpes por toda a extensão da face.

Em meio aos gemidos de dor, o grito desesperado de Amália cortou o ar. Havia pânico em sua voz.

A mão direita de Jason foi em direção ao seu rosto tão rápido quanto uma bala, segundos depois ele sentiu uma dor aguda no alto da cabeça. Uma dor insuportável, responsável por paralisar seus movimentos. O garoto o chutou no meio do abdômen, Theo caiu no chão com o cotovelo esquerdo acertando em cheio o meio-fio; dor, choque e mais uma porrada de sensações desagradáveis o preencheram.

Ainda desnorteado, ele tocou o local de onde vinha a queimação, roçando algo molhado, pegajoso. Era sangue. Seus olhos se voltaram para o canivete na mão de Jason, o rastro vermelho manchando a lâmina brilhante sob a luz da lua, e tudo fez sentido.

Jason tinha rasgado os pneus.

Ele agarrou a gola da camiseta de Theo, o puxou alguns centímetros para cima e lá se foi o primeiro soco, que acertou em cheio uma das maçãs do rosto. Outro no mesmo lugar. Um nos dentes. Nariz. Theo sentia a resistência deixá-lo a cada golpe, mas nenhum deles foi tão lancinante quanto ser chutado no estômago. O refrigerante tomado horas atrás veio à boca, mas o engoliu de volta. Foi então que Amália fez a coisa mais estúpida, burra e corajosa que poderia fazer.

Pela visão turva dos olhos semicerrados, ele a viu pular nas costas do ex-namorado. Trepada sobre ele, as pernas machucadas enlaçando-o pela cintura, ela levou as mãos ao seu rosto e cravou as unhas na pele suada. Jason urrou ao ser arranhado devagar, dolorosamente. Ele cambaleou para trás, mas Theo não viu mais nada. Jogado no chão, o rosto encharcado com o sangue quente, aos poucos foi perdendo a consciência.

Até que ela gritou de novo.

A voz frágil foi suficiente para fazê-lo abrir os olhos e vê-la caída de bruços no chão, com Jason a alguns metros de distância, já se levantando e indo na direção dela. Usando de uma força sobre-humana, Theo ergueu o corpo com dificuldade; sentiu uma pontada forte na costela esquerda, mas ignorou, assim como o gosto metálico de sangue vindo de algum corte no interior da boca. Antes do garoto conseguir chegar até ela, ele se colocou

entre os dois.

O rosto de Jason possuía oito vergões em carne viva — do nariz até o cabelo raspado —, a maioria ameaçando sangrar. Sem perder tempo, Theo o agrediu. O canivete escapou de sua mão e voou para algum ponto nas sombras projetadas pelos prédios. Ele cambaleou para trás, alheio, sendo atingido por golpes um seguido do outro até atingirem uma parede próxima, onde Theo o encurralou entre as lixeiras de metal. Bateu uma vez, duas, três, quatro. Os ossos doloridos de sua mão clamavam por uma pausa.

— Theo! — Amália gritou, de pé, próxima a eles.

Ele correu os olhos pelos cortes em sua perna, o vestido vermelho florido, o semblante assustado, depois virou-se para Jason, segurando-o pela gola da camiseta esgarçada.

— Olha pra ela — exigiu. — Olha pra ela, desgraçado! — berrou outra vez, chacoalhando o garoto conforme cuspia as palavras alteradas.

Os orbes covardes de Jason se moveram até Amália, relutantes, em seguida Theo virou seu rosto de volta para si, não poupando a agressividade.

— Presta muita atenção. Se você tocar naquela garota de novo, se você se quer falar com ela… — ele chegou mais perto. — Eu juro que te mato. Juro por Deus, e não duvide da palavra de alguém que não tem mais nada a perder. Entendeu?

Theo o soltou quando reconheceu um humilhado aceno com a cabeça. O garoto cuspiu uma saliva grossa misturada ao sangue antes de cair sentado na calçada imunda.

Amália o puxou pelo braço, apoiando-o para que não caísse também.

— Você tá bem?! — Ela segurou seu rosto entre as mãos. — Você me salvou, Theo… Diz alguma coisa, Jesus.

Ele apenas concordou, recebendo um abraço aliviado. Sentiu todas as dores ignoradas de uma só vez, não tinha forças nem para apertá-la contra si. Estava quebrado, em pedaços, mas ela estava bem, era só o que importava.



Vanessa queria corrigir provas e ir para casa, mas Anna não parava de falar. Leu a resposta de sua aluna pela terceira vez enquanto ouvia a voz da mãe pelo celular, sem conseguir focar em nenhuma das duas atividades.

— *Estão juntos há tanto tempo e nem sei como ele é, o que espera*

que eu pense? — Anna aumentou a voz do outro lado da linha. — *Só quero conhecer as pessoas com quem minha filha está vivendo!*

Ela largou a caneta sobre a pilha de papéis, exasperada. Sentia as reclamações da mãe ecoando por toda a sala de aula vazia.

— Olha só, prometo que a senhora vai conhecê-los, os dois. Tudo bem assim?

— Ainda esse ano?

Com certeza, não.

— Não sei, vamos ver.

Anna bufou, e ela quase pôde visualizar a cena: sentada na poltrona velha próxima à janela com o telefone no colo, a televisão ligada no canal religioso, todas as portas e janelas trancadas. Ela engoliu em seco.

— Tenho que ir, nos falamos outro dia.

— Sempre ocupada com as coisas do mundo. Está indo à igreja? Tem tempo para rezar? Precisamos entregar nossa vida ao Senhor, Vanessa… principalmente você, tão pecadora.

— Se cuida, mamãe.

Vanessa fechou os olhos, mantendo as lágrimas presas nas pálpebras. Aquela voz dava calafrios, aquela dualidade nas palavras da mãe, sempre carregadas de críticas sobre o mesmo pecado. *Pecado.* Mesmo se fosse para o inferno… Havia escapado das amarras — ou melhor, dos terços e das contas dos rosários — de Anna com muito custo, e nem se sua vida dependesse disso, voltaria para ela, para a cidade hipócrita no interior do Colorado.

Quando sua carta de admissão da universidade chegou e ela teve a chance de ser uma “pecadora” de verdade, não pensou duas vezes antes de guardar suas poucas coisas numa mochila e rumar para a Califórnia, mal-falada, egoísta e, segundo eles, castigada por Deus. Mas não, o seu Deus, o verdadeiro, a permitiu viver em paz e era por isso que estava ali, amando e sendo amada.

Prendeu a atenção nas provas, contemplando o silêncio da sala que horas antes fervia com a gritaria de vozes infantis; o cheiro da tinta nos desenhos colados na parede ainda estava fresco, fato que apenas aumentava sua dor de cabeça. Manteve os dedos pousados nas têmporas, de olhos fechados, até o toque ritmado do celular soar novamente.

Ana conseguia ser intragável mesmo a mais de 2 mil quilômetros de distância.

— Mamãe, já disse que falo com a senhora amanhã! — disparou contra o celular. — Tenho trabalho para corrigir, coisas para fazer!

Silêncio.

— *Com licença… Vanessa?*

Ela franziu o cenho diante da voz jovem. Tirou o celular do rosto e olhou o identificador de chamadas. Era Lauren.

— Meu Deus… Lauren, mil perdões. — Ela tirou os óculos para esfregar os olhos cansados. — Estou tão atolada de coisas que nem conferi quem era.

— *Nada diferente do normal para uma professora. Se estiver ocupada, posso ligar amanhã…*

— Não! Faço questão de ouvi-la, por favor.

Lauren fez uma pausa. Vanessa observou um quadro do corpo humano na parede oposta à sua mesa.

— *Bom, como você é o primeiro contato de emergência na ficha do Theo, não consigo falar com ele de jeito nenhum… Preciso saber se ele vai continuar com o tratamento. Para ser bem sincera, não acredito que seja o momento para abandoná-lo.*

— Como assim? É claro que ele vai continuar, do que está falando?

Mais silêncio.

— *Humm…* — Lauren pareceu digitar em algum computador. — *É que ele não apareceu nas últimas sessões, achei que não fosse continuar.*

— Ele não apareceu? — repetiu, incrédula.

— *Faz duas semanas que não vem.*

Ela quase gaguejou ao tentar pronunciar alguma palavra. Theo saía todos os dias, saía todas as segundas e quintas no horário da terapia, mas é claro que não estava indo para lá. Um novo ponto latejante surgiu em sua cabeça.

— Vou conversar com ele e posso prometer que estará aí na próxima — garantiu em tom firme.

— *Faça isso, ele não pode largar tudo desse jeito.*

— Sei disso. Obrigada Lauren.

A ligação foi encerrada, e com ela, seus dias de paz. Eram 7 da noite, provavelmente ele já estaria em casa, esperando para que pudessem sair. Vanessa fechou a pasta das provas garranchadas e deixou a sala.



Vanessa odiava aquele silêncio.

Há muito tempo se acostumou com os diferentes timbres de voz, as discussões bobas, as piadas inapropriadas, mas tudo desapareceu como se a caixa de som fosse desligada. E seria para sempre.

Ela respirou fundo quando outra rajada de vento soprou em seu rosto, esvoaçando os cabelos no ar. Olhava para o reflexo turvo da lua na água da piscina, tentando tomar coragem para começar outra conversa difícil e fingir que seu peito não doía mais, embora ele ainda se desfizesse aos poucos. Levantou da espreguiçadeira e entrou na casa escura, seus passos de algodão a levaram até a porta do quarto, onde deu três graves batidas.

Nenhuma resposta. Mais três. Nada.

Vanessa girou a maçaneta, abrindo a porta devagar. Pior que o silêncio, muito pior, era a imagem que agora presenciava todos os dias e a destruía completamente.

Theo se assustou ao se dar conta de que ela estava lá. Desviou os olhos inchados e vermelhos do bloco de desenhos e parou sobre a madrasta, remexendo-se desconfortável na cama, escorado com as costas na parede. Ela logo soube que tinha interrompido mais uma crise de choro.

— Perdão, bati diversas vezes. — Escancarou a porta.

— Eu estava… ouvindo música — ele contou. Não havia nenhum fone de ouvido por perto. — Tudo bem?

Ela assentiu, avançando pelo quarto. Roupas sujas e bolinhas de papel estavam amontoadas no canto da parede, uma fatia de pizza velha atraía moscas dentro da caixa sobre a escrivaninha, e o pior nisso tudo, a poeira. Até mesmo Theo parecia estar coberto por uma camada grossa de pó. O garoto sempre foi bagunceiro, mas agora o caos naquele quarto refletia o que tinha dentro de si.

— Acabei de falar com o diretor da sua escola — ela explicou. — Quer saber quando vai voltar.

— O que disse pra ele?

— Ia conversar com você.

Theo batucou o lápis no papel. Vanessa esperou pela resposta que,

para ser sincera, temia demais. Não queria que ele se condenasse também. Aflita, caminhou até a cama e se sentou na ponta do colchão.

— É o último ano, as provas finais já vão começar. Não pode se prejudicar agora.

— Já tenho nota suficiente pra passar. E tô pouco me fodendo pra isso, fala sério… — Ele crispou os lábios. — Não vão reprovar alguém que perdeu o irmão há menos de um mês.

— E a universidade? — insistiu.

Theo respirou fundo. Ela seguiu seus olhos perdidos pelo quarto, combinando com o restante da aparência; ele que sempre havia sido tão vaidoso, parecia não se importar com o sinal da barba rala despontando nas laterais do rosto.

— A Cordon me responde ainda essa semana. — Aumentou o sorriso. — Tô muito confiante, já consegui na CIA, então…

Ambos fizeram silêncio, se parassem de respirar poderiam ouvir os passos de algum inseto dentro da casa. Phil estava no hospital e só voltaria pela manhã. Como sua presença fazia falta. A presença deles.

— Linda me contou que seus amigos sentem sua falta. Estão sofrendo…

— Sofrendo? — cortou. Havia raiva na voz. — Jura? Fazendo festas uma semana depois do enterro? Que porra de sofrimento é esse?

— Cada um vivencia o luto de uma forma diferente, Theo.

Ele gargalhou, mas o riso soou grosso. Por um segundo, Vanessa viu a adrenalina de volta em seu rosto, aquela que o tomava inteiro e o transformava no garoto efervescente que sempre fora, mas desapareceu rápido demais, escondendo-se atrás dos olhos que, por Deus, tinham cor de cova. Ela costumava dizer que as íris de Theo eram da cor da terra molhada, entretanto, depois de tudo, passou a vê-las assim: como o marrom escuro contemplado antes do caixão ser enfiado dentro do buraco, em seguida coberto de terra.

Eram memórias muito vivas.

— E o que você sabe sobre o luto?

— Sabe guardar segredo? — Ela ergueu o rosto na direção dele.

— Depende do segredo.

— Nunca contei para ninguém, nem ao seu pai.

Vanessa chegou mais perto, sendo engolida pela tensão do enteado.

Cruzou as pernas sobre a cama e pediu a Deus que lhe desse ao menos um minuto de coragem para trazer aquilo à tona pela primeira vez.

— Fui criada por uma família muito católica, por uma mãe, na verdade — começou. — Ela me fazia rezar quando o sol nascia ou quando as estrelas estavam altas no céu. Eu era ingênua, inocente demais.

Theo concordou. Stephen King tinha uma história parecida, porém, menos trágica.

— Com dezesseis anos conheci um garoto. Ele era o sonho de qualquer menina. Já deve imaginar o que aconteceu.

— Sua mãe não quis que ficasse com ele?

— Eu engravidei.

Petulante como era, Theo nem tentou disfarçar o queixo caído. Mas aquilo a fez sorrir um pouco.

— Sei o que está pensando. — Ela encolheu os ombros. — O cara fugiu, sabe como são escândalos de cidade pequena. Eu estava grávida, humilhada, sozinha, minha mãe me odiava.

— O que você fez?

Vanessa lançou um olhar triste, e de certa forma, cruel.

— Amaldiçoei o bebê.

Ele parou de respirar, diferente dela. Ao invés de sentir-se sufocada, finalmente tinha ar nos pulmões.

— Não literalmente. Desejei o mal da criança com todas as minhas forças. — Seus olhos marejaram. — Quis que aquele feto morresse, apodrecesse… Não o queria dentro de mim.

— Você abortou?

Ela enxugou uma lágrima do rosto. Apesar do alívio de enfim dividir seu passado com alguém, não apagava a dor das memórias, as dores sentidas no corpo e na consciência. Toda pessoa tem um segredo, e aquele era o seu.

Theo colocou as folhas de papel no canto da cama e pendeu o corpo para frente, atento.

— Decidi dar a criança para a adoção. Segui com a gestação, mas a barriga foi crescendo, senti-a chutar, mexer. Me apaixonei por ela. Passei a amá-la mais do que tudo. Jurei a mim mesma que seria uma boa mãe.

Um sorriso surgiu nos lábios dele. Mas o final da história traria calafrios.

— Quando estava no quinto mês, comecei a sentir fortes dores, pensei que estava dando à luz.

— E não estava?

— Fui para o hospital e descobri que meu bebê estava morto há semanas. Ele apodreceu dentro de mim, como eu desejei que acontecesse.

Vanessa foi abrigada pela mão de Theo entrelaçada à sua. O calor transmitido foi o que precisava. O toque era bom.

— Sinto muito.

— O pior de tudo veio depois — ela suspirou para buscar forças —, devido às complicações, precisei fazer uma cirurgia para retirar meu útero. — Mais uma pausa. — Não posso mais ter filhos. Nunca mais.

Seus dedos se entrelaçaram com mais força. Vanessa acreditava em Deus, e por isso precisava acreditar que aquilo não era um castigo. O seu Deus não castigava, como sua mãe costumava dizer, muito pelo contrário, ele acalentava. E o acalento veio anos depois, com aquela família de presente. Agora, uma família pela metade.

— O quanto meu pai sabe disso? — Ele cortou o silêncio. Ela desviou o olhar da rua pela janela.

— Disse a ele que fiquei estéril devido à uma doença quando era jovem. É só o que precisa saber.

— Não vou contestar.

Vanessa foi puxada para um abraço, envolta pelos braços desajeitados de Theo. Os compridos fios acobreados fizeram cócegas em sua bochecha úmida, levando-a a crer que o garoto precisa mesmo cortar os cabelos. Após se afastar, ela viu as feições jovens endurecerem.

— Se sente culpada?

Óbvio que aquela pergunta chegaria. Ele estava sendo, visivelmente, atormentado pelo que fizera.

— Nós sempre nos sentimos culpados pelas coisas que não estão ao nosso alcance.

Depois de outro longo minuto de silêncio, com sua testa junto a dele, Theo deu um sorriso fraco.

— Vou voltar… pra escola. Só me dá alguns dias.

— Te dou uma semana.

E lá estava a chama esperançosa de novo.

Vanessa beijou seu rosto e se levantou para sair do quarto. Quando

chegou à porta, uma voz cruzou seu caminho.

— Vanessa — ele chamou.

— O que foi? — Se virou para o enteado.

— O seu bebê, o que era?

A pergunta repentina a surpreendeu, trazendo aos seus olhos maduros um semblante indecifrável. Ela encostou a lateral do rosto na porta, lenta e pensativa. Dessa forma — ela de pé, ele na cama — trocaram palavras silenciosas, porém, mais significativas que qualquer outro som no mundo. Sabendo bem o motivo, Vanessa foi arrebatada por um sentimento absurdo de amor.

— Era um menino.

34- alguém para amar



“Só tem nós dois aqui
Tudo que eu preciso está entre suas coxas
Toda vez que eu olho nos seus olhos, eu vejo
Você é tudo que eu preciso
Toda vez que eu entro um pouco, eu sinto
Oh, quem diria que um dia eu teria você?”
***Get You,* Daniel Caesar**

Theo esperou que o banho quente relaxasse os músculos tensionados, mas estava errado, cada gota saindo do chuveiro acertava sua pele feito navalha. Milhares delas. Até vestir a cueca boxer e a calça de volta parecia cansativo. Tudo doía, levando a crer que havia sido atropelado por um tanque de guerra.

Parado em frente ao gabinete da pia, absorto na dor, ele passou a mão no espelho embaçado para encarar seu reflexo pela primeira vez. Estava destruído.

Em sua testa, um corte se perdia na direção dos cabelos úmidos, possuía um hematoma roxo abaixo do olho e no centro do abdômen onde fora chutado. Cotovelo esfolado e dolorido, lábios avermelhados além do normal, veias sutis surgindo nas escleras. Seu peito subia e descia devagar, atingido por pontadas agudas conforme o ar entrava nos pulmões.

— Theo? — Amália chamou. — Posso entrar?

— Entra.

Ela abriu a porta do banheiro. Trazia um copo de água e dois comprimidos na mão, havia tirado os coturnos e pisava com a meia branca sobre o chão nebuloso. Mesmo através da nuvem de vapor, Theo percebeu quando ela focou os hematomas em seu peito nu.

— Você tá bem? — Ela andou até ele. — Bebe isso, são analgésicos, vão ajudar.

Ele engoliu ambos de uma vez, esperando ingenuamente que tivessem efeito imediato. Como se tivesse acesso aos seus pensamentos, Amália deu um sorriso desanimado.

— Leva pelo menos vinte minutos pra começar a agir.

— Acho que consigo aguentar até lá.

Eles trocaram um longo olhar. O vapor aos poucos se dispersava, permitindo que Theo tivesse uma visão mais nítida da garota em sua frente. Seus lábios pareciam tremer.

— Pra quem não queria nem pisar os pés na minha casa, você tomou um banho demorado — ela brincou.

— É que não parava de sangrar. — Sua voz falhou.

A breve animação no rosto dela desapareceu. Ela observou sua mão sobre a pia e, como se pudesse destruí-lo com um só toque, acariciou as juntas machucadas de seus dedos.

— Ei, tá tudo bem? — Ele levantou o seu rosto.

— Tudo ótimo. Deixa eu cuidar disso, vem.

Amália o puxou para fora do banheiro e o obrigou a sentar na cama. Com todo o corpo sobre o colchão, Theo se encostou nos travesseiros macios e automaticamente sentiu os olhos pesarem. Poderia dormir ali mesmo, naquela cama. Na cama dela. Tentou não imaginar seu corpo roçando a colcha verde escura durante toda noite, impregnada com o cheiro de sua pele sedosa, o perfume que ele adorava.

Cada canto do quarto exalava a personalidade alegre e artística de Amália: a mesa de cabeceira velha, a sapateira com mais dois pares de tênis idênticos, a parede oposta à cama coberta com obras de variados tamanhos. No canto direito, sobre um cavalete usado, estava *Efeito Borboleta* coberta com um lençol.

Amália se aproximou dele com uma gaze umedecida nas mãos, parou diante da cama e avisou:

— Isso vai arder.

Não ardeu, ferveu. Theo tensionou o corpo — o lábio inferior preso entre os dentes para evitar um gemido constrangedor — ao sentir a dor um milhão de vezes mais forte, esperando ansioso enquanto ela limpava a parte exposta do ferimento. A dor de quebrar o braço tornou-se insignificante. Ela

jogou a gaze manchada no chão, e de relance ele pôde ver quando limpou uma lágrima do rosto. Rosto, esse, que tentava ao máximo esconder.

— Amália — chamou, e foi ignorado. — Olha pra mim.

Ela chegou mais perto, desfazendo a embalagem que cobria um curativo.

— Olha pra mim — repetiu.

— Shh, fica quieto.

Theo manteve a cabeça parada para o adesivo ser grudado em sua pele, mas antes dela conseguir se afastar de novo, ele a segurou pelo braço.

— O que foi?!

Ela abaixou o rosto, tentando se soltar.

— Deixa, por favor…

— Não!

Sem se importar em ser carinhoso, ele a sentou na cama ao seu lado com certa agressividade. Dessa forma, Theo teve uma visão clara das feições abatidas em cada poro e sarda; lágrimas tímidas escorriam pelo canto dos olhos, a ponta do nariz vermelha indicava o quanto havia chorado enquanto ele estava no banho. E agora recomeçava.

— O que foi? Por que tá chorando? — Agravou a fala.

— Eu… — A vermelhidão intensificou. — Me desculpa. É minha culpa você estar assim.

Ele balançou a cabeça sem entender o sentido daquilo.

— Como pode ser culpa sua?

— Todos já sabem sobre nós. Na escola… algumas pessoas comentam, e eu o provoquei. — Mais lágrimas rolaram. — Ele tinha um canivete, podia tê-lo matado!

Theo se inclinou na direção dela, segurando o rosto frágil entre as mãos calejadas.

— Você não tem culpa dele ser um imbecil. Eu podia ter quebrado todos os ossos do meu corpo só pra deixá-la segura.

Seus lábios tocaram os de Amália num beijo úmido e salgado, com sabor de lágrimas.

— Agora para com isso. Eu nunca sei o que fazer quando você chora.

— Só o seu toque já me acalma. Qualquer coisa que venha de você. Sua voz, seu cheiro… — Ela deslizou as mãos pelos músculos dos seus braços. — Tá tão quente… — sussurrou.

— É, eu… — Ele desviou o rosto, focando a perna que ela mantinha caída fora da cama. Era melhor que aqueles gemidos nem começassem. — Me deixa ver isso agora.

Ele a pegou e colocou sobre o colchão. Cerca de meia dúzia de arranhões se espalhavam pela canela, algumas gotas de sangue haviam pingado na meia branca, amontoada acima do tornozelo.

— Não é nada comparado aos seus — ela comentou. Era notável a decepção por ter sido interrompida.

— Ainda é alguma coisa.

Buscou um curativo na maleta branca no chão, a fim de proteger o corte mais grave próximo ao joelho. Após grudá-lo sobre o ferimento, pendeu o corpo para frente e deixou um beijo leve.

— Acho que você se sairia um médico melhor que seu pai — ela brincou.

— Medicina? — Soltou uma risada. — Não é uma escolha muito boa.

— É… eu também não sou daquelas que toma as melhores decisões. Jason, por exemplo, foi uma delas. Tento me lembrar do motivo de ter ficado com ele todo esse tempo e… — Ela deu de ombros. — Não há nenhum.

— Não pensa nele, esse idiota ficou no passado.

— Mas e se ele…

— Ele não vai — cortou. — Eu to aqui com você agora.

— Você tá — repetiu com um sorriso no rosto.

Amália se arrastou até estar colada nele. Seus lábios se tocaram de forma suave, mantendo um ritmo lento enquanto aproveitavam o corpo um do outro. Enquanto as mãos de Theo passeavam por suas coxas e cintura, Amália pressionava sua nuca com força, talvez temendo que ele se esquivasse novamente; porém, ele estava cada vez mais fora de si.

Theo a puxou para o seu colo, e ela foi. Ela simplesmente foi.

Seus rostos se afastaram apenas para tomarem fôlego e logo em seguida se encontraram de novo, mais ferozes e sedentos por algo que nem os próprios sabiam o que era. Ele agarrou os quadris de Amália quando ela começou a movê-los devagar, rebolando sobre o volume insuportável lutando para sair do jeans. A cada movimento, uma onda de gemidos ofegantes eram soltos em meio ao atrito dos lábios.

Parecia que a temperatura do quarto tinha subido dez graus.

— Amália… — Sua voz falhou.

Ele não sabia ao certo o que queria dizer, apenas desceu a boca pelo pescoço suado, arrancando gemidos da garota que, como resposta, pressionava o meio de suas pernas contra ele. Estavam perdendo totalmente o controle.

— Espera… — Ele tentou outra vez. — Para!

Amália saiu do transe ao ser afastada de Theo. Ele contemplou as fagulhas de desejo por trás do verde incandescente de seus olhos, salivando, sedento para tê-la como uma droga viciante; apesar da interrupção, seu pau ainda pulsava de tesão em busca de qualquer alívio que fosse. Mas só agora tinha uma visão clara do que estava acontecendo.

— Olha o que estamos fazendo — falou. — Isso não pode… nós… não tá certo.

— Você não me quer? — Ela franziu o cenho, respirando profundamente.

— O que? Porra…

Theo sentiu os olhos marejarem. Empurrou a garota do seu colo e ficou de pé, deixando-a na cama com o vestido amassado e um rosto prestes a cair em prantos. As dores da briga não existiam mais, só a angústia do prazer deixado para trás. Ele deu pequenas voltas pelo quarto até parar, virado para ela.

— Nem Deus sabe o quanto eu te quero, Amália. Tudo o que quis fazer com você na minha casa, no Saliere… — Ele expirou em meio a um sorriso. Aquilo era ridículo. — Caralho! Como desejei que aqueles pratos não tivessem caído.

— Então faz…!

— Não — interrompeu. — Não tem noção do quanto isso é difícil pra mim. É uma luta constante entre ficar perto de você e não me culpar por ser um traidor de merda. Só que *isso* é demais.

Amália abaixou a cabeça, seu rosto sumiu da vista de Theo. Ele quis chorar, gritar, esmurrar a si mesmo por jogar no lixo a chance de tê-la como desejou, mas sabia que se continuasse ali iria enlouquecer. Pelo tanto que fez Benjamin sofrer, ele merecia pagar com a maior penitência possível: ignorar a garota que aquecia o seu coração.

Ele se virou de costas e pegou a camiseta ensanguentada sobre a cômoda.

— Acha que vai mudar alguma coisa?

A amargura na voz dela o fez se virar novamente, ainda com a roupa em mãos. Amália se levantou.

— Acha que vai apagar todos os toques, os beijos… as coisas que me disse? As coisas que *sentiu*? — Uma lágrima escorreu pelo seu rosto abatido. — Devia ter pensado nisso antes de eu me apaixonar por você.

Theo permaneceu parado enquanto aquelas palavras se arrastavam até ele, para depois absorvê-las e compreender cada uma delas. Só após isso percebeu o quanto as esperou. O tempo perdido que passou ouvindo os gemidos das garotas se tornou insignificante comparado ao que acabara de presenciar.

— Você me odiava, como pode dizer isso agora?

Ela deu de ombros.

— Por que as pessoas morrem? Não é a imprevisibilidade do Efeito Borboleta… ou o que seja? Acho que se aplica ao caso.

Com certeza se aplicava, pois se alguém dissesse, três anos atrás, que estaria com Amália num quarto lutando contra si mesmo para não transar com ela, ele ia gargalhar até a barriga doer. Será que em algum desses possíveis destinos ele seria perdoado?

— Eu só… — Ele mordeu o lábio, fitando o teto branco. — Só tô tentando fazer alguma coisa com esse amor que sinto pelas pessoas e que sempre acaba me destruindo.

— Dá ele pra mim.

Amália andou devagar até ele e pousou a mão em seu rosto. Theo vibrou com o toque, e aquilo foi suficiente para ser tomado por uma coragem que certamente o faria se arrepender depois, mas ali não importava. Após jogar a blusa no chão, ele arrastou as mãos pelos braços de Amália até parar em seu rosto, sem forças para continuar lutando contra o desejo de tê-la inteiramente para si.

— Faz amor comigo, Theo.

Era impossível resistir àquilo.

Ele sorriu, e com a testa colada à dela, a beijou. Diferente dos outros, era um beijo leve, devagar, e nunca havia pensado que devagar pudesse ser tão excitante. A agarrou pela cintura com uma das mãos, mantendo a outra entrelaçada na base de seus cabelos. Seus lábios deslizaram na pele salgada até o osso da clavícula, onde concentrou uma mordida leve que a fez sorrir em meio ao fervoroso puxar dos fios ruivos.

— Tira essa roupa — ele ordenou, sem fôlego. — Agora.

No mesmo instante, Amália começou a desatar os pequenos botões do vestido que se estendiam até a barra. Ansiosa e ofegante, ela se atrapalhava em cada um deles, e ele não pôde deixar de sorrir. Seu desastre o encantava.

— Deixa, eu faço isso. — Afastou seus dedos.

Theo usou uma fração de sua força para segurar o decote do vestido e o puxar, arrebentando os botões que voaram para longe. Ela arregalou os olhos.

— Eu te compro outro. — Ele desceu os olhos famintos para o sutiã de renda rosa claro, quase transparente. — E acho que você fica mais gostosa assim.

Não demorou muito para se beijarem de novo enquanto ele terminava o trabalho; retirou primeiro as mangas curtas, para o tecido enfim deslizar pela cintura dela e cair no chão. As mãos de Theo fizeram o caminho de suas costas nuas até cravarem na carne da bunda macia que parecia deliciosa dentro de uma calcinha cuja cor ele jamais esqueceria. Amália soltou um gemido e pulou sobre ele, enlaçando sua cintura com as pernas. Theo empurrou os objetos da cômoda no chão e a colocou sobre o móvel, onde aproveitou para conhecer cada centímetro daquela pele.

Ao mesmo tempo em que sua boca devorava a dela, ele subiu o toque pela lombar até chegar ao fecho do sutiã, que imediatamente desatou.

Amália desceu as alças dos ombros e atirou a peça no chão. Theo observou os seios pequenos, delicados, cada poro enrijecido pelo frio ou pelo desejo latente. Poderia ser facilmente a *primeira* maravilha do mundo. Ele arrastou a mão até o seio direito, do tamanho perfeito para caber entre seus dedos, assim como todas as outras partes daquela garota. Amália ofegou ao senti-lo esfregar o polegar sobre o mamilo rosado, um som inebriante quase insuportável de ser ouvido. Querendo muito mais — querendo *tudo* dela —, ele o colocou na boca. Deslizou a língua na pele arrepiada, no suor de seu corpo, chupou, beijou, lambeu e mordeu ambos os seios com ela delirando acima de sua cabeça.

Seus lábios voltaram a se encontrar quando Theo a jogou na cama, seminus, pele com pele. Posicionado entre as pernas dela, seu pau roçava o fino tecido da calcinha, e apesar da camada do jeans, trouxe nada além da melhor sensação que ele poderia sentir na vida.

— Você não tem noção do quanto esperei por isso. — Sua voz

arrastou-se por ela junto à língua morna na pele, umedecendo a veia pulsante em seu pescoço. — Meu corpo implorou por você todos os dias.

— E ainda vai me querer amanhã?

Theo admirou seu rosto sobre o travesseiro.

— Tem medo que não? — ele perguntou.

— Meu medo só não é maior que meu desejo de ter você.

A única coisa capaz de superar todos os conflitos presentes ali era o desejo carnal, a luxúria, a ânsia pelo prazer que poderiam dar um ao outro. E isso eles tinham de sobra.

Em silêncio, ele pegou a mão dela e a levou até seu peito, onde o coração parecia errar as batidas.

— Sente isso? Bate por você, graças a você. Não importa o que aconteça a partir de agora, eu sou seu.

— Jura? — perguntou com os olhos apaixonados.

— Eu disse que não ia mais mentir.

Ela o envolveu num abraço apertado, sorrindo inocente durante os beijos como se não fosse alvo da vontade mais impura do homem prestes a tê-la; mas aos poucos as risadas diminuíram até cessarem por completo, restando apenas o roçar dos corpos explorados de todas as formas.

Theo desceu a mão esquerda através da perna de Amália até chegar ao tecido úmido da calcinha. Ela arranhou a pele de suas costas, extasiada, e ele não pretendia prolongar aquele sofrimento para nenhum dos dois.

Ele mordeu o lóbulo de sua orelha no instante que escorregava os dedos por baixo da renda. Ambos suspiraram quando a encontrou, quente e molhada. Seus dedos exploraram a área sensível com uma lentidão perigosa, fazendo-a delirar a poucos milímetros do seu rosto. Amália gemia sem pudor, o que apenas o torturava; Theo sentia-se hipnotizado, queria se enterrar dentro dela o mais rápido possível e ao mesmo tempo desejava que aquilo durasse por horas.

Ao vê-la quase no limite, ele parou.

Amália abriu os olhos para questioná-lo, xingá-lo ou o que quer que fosse, mas ao vê-lo sair de cima do seu corpo, se calou. Com um único movimento das mãos habilidosas, Theo arrancou sua calcinha, deixando-a completamente nua. O que viu a seguir foi responsável por acordar todos os seus sentidos, causando uma mistura de sensações que, até então, desconhecia. Ela era um prato de dar água na boca.

Ainda ajoelhado diante dela, ele cravou os olhos famintos nos seus.

— Você é deliciosa.

— Precisa provar pra saber.

Sorrindo, Theo voltou para o mesmo lugar. Mordeu o mamilo sem pena, puxando-o entre os dentes conforme descia pela barriga, cobrindo seu corpo de beijos. Amália pingava e pulsava ansiosa a sua espera, ele precisou lutar contra si mesmo para manter a calma, pois sentia que poderia gozar ali mesmo, sem nem ao menos tocá-la diretamente. Beijou a parte interna das coxas, virilha, a carne acima do ventre, quando sentiu que já não aguentava mais, a abocanhou.

Amália possuía um gosto próprio, salgado. Viciante. Theo usou os lábios, língua e dedos para levá-la ao inferno e mostrar quem era o verdadeiro demônio. Ela puxava seus cabelos com tamanha ferocidade que era possível estar arrancando uma centena de fios, mas era ótimo. Ver Amália Walsh entregue daquela forma era a coisa mais incrível, bela e surreal que já havia presenciado.

Gostosa pra um caralho.

Seus dedos a foderam com a mesma intensidade que seu pau faria a seguir. Não muito tempo depois, ela gemeu mais forte, arqueou as costas na medida em que os pelos eriçavam e a respiração — antes já descompassada — ficava frenética. Amália gozou em sua língua num misto de espasmos, gemidos sôfregos e arfadas cansadas, entre tudo isso também estavam lindos sorrisos. Ele encarou o meio de suas pernas uma última vez, molhada, vermelha, pronta para recebê-lo.

Seu corpo nu voltou a cobrir o dela, despidos de qualquer roupa, culpa, arrependimento ou passado, pelo menos ali. Numa troca de olhares profunda e eterna, Theo deslizou para dentro dela.

O mundo parou. Carros, pessoas, relógios, tudo. O ambiente ao redor tornou-se insignificante comparado à tamanha loucura que sentiam em seus corpos. Ele foi firme e devagar, preenchendo todos os centímetros possíveis até estar inteiramente no fim, sendo recebido com tamanho gosto que parecia já ter feito antes. E quando Theo se moveu, nenhum gemido se prendeu às suas bocas unidas. Então ele fez de novo, uma vez mais profunda que a outra enquanto ela cortava a pele de suas costas, mantendo a outra mão emaranhada nos fios suados.

O prazer que sentia ao entrar e sair dela era *assustador*. Amália era

tão quente por dentro quanto por fora.

O quarto foi tomado pelo baque da cabeceira da cama na parede, as respirações descompassadas, o som abafado sempre que ele se afastava e, segundos depois, se chocava contra ela novamente. Amália balbuciava coisas sem sentido, só o que Theo entendia era quando ela chamava o seu nome, implorando por mais. Ele sentia que a rasgava por dentro, o que era uma sensação boa.

Indescritivelmente boa.

— Theo… vai mais forte. P-por favor… — Existia tanta súplica na voz dela que ele se sentiu tentado a dar o que queria, mas estava disposto a fazê-la sofrer tanto quanto ela o fizera ao lhe privar, durante 19 anos, daquele corpo.

Ele virou o rosto feminino em direção ao seu.

— Sou eu quem dita as regras por aqui.

Para completar seu castigo, Theo interrompeu os movimentos graves e entrou devagar, degustando da raiva estampada nos olhos de esmeraldas conforme se afastava tão lento quanto.

— Vai, anjo — ele provocou. — Diz que me odeia agora.

Amália prendeu um sorriso entre os dentes, cada músculo de sua face contorcendo-se junto aos gestos prazerosos de Theo. Era muito orgulhosa para admitir, entretanto, eles não tinham mais nenhuma grama de racionalidade.

— Não, nunca mais.

Ela puxou o rosto dele para o seu e as estocadas voltaram fortes como nunca.

Tudo pareceu acontecer rápido demais, numa fração de milésimos insignificantes, pois logo ambos foram nocauteados pela sensação crescente de formigamento que enfim os levava ao limite que procuravam desde que se encontraram naquela esquina suja.

— Abra os olhos — pediu, rouco e entrecortado. — Quero que veja como eu faço você gozar do jeito que ninguém nunca fez.

Amália obedeceu suas palavras impuras. Ele queria que ela o encarasse para nunca mais esquecer do rosto responsável por tanto prazer, independente do que acontecesse a partir dali. Theo foi mais forte, com toda sua intensidade. Ela encolheu os dedos dos pés — ainda escondidos nas meias — quando chegou a um orgasmo avassalador, a mão pressionando em

cheio a parte dolorida das costas de Theo, mas ele não deu a mínima enquanto gozava dentro dela.

Demorou, mas conseguiram voltar a ter controle dos próprios corpos, mergulhados em suor, paixão e algo além disso, mas arriscado demais para ser pronunciado. Theo enxergava a alma de Amália em suas íris verdes, e ela parecia ver o mesmo na escuridão das suas. Sem saber o que fazer, parado sobre aquele corpo divino, ele apenas sorriu. Amália logo sorriu de volta.



Ele voltou correndo para a cama de onde contemplaram a tela finalizada, agora com sua assinatura ao lado da dela, no canto inferior direito. Aquele detalhe, a história por trás daquelas assinaturas — uma em letras cursivas perfeitamente desenhadas, já a outra rabiscada, como se fosse feita por uma pessoa exausta e dolorida — tornava Efeito Borboleta uma tela única.

Deitaram-se lado a lado, virados um para o outro e assim ficaram por longos minutos silenciosos. Após o frenesi de sentir a melhor sensação existente na face da terra, Theo reconhecia as dores agudas arrastando-se de volta para ele, mas ainda assim ele acariciava o rosto da garota nua ao seu lado, enrolada no lençol.

— Posso te fazer uma pergunta? — ela falou baixo.

— Se eu disser que não, você vai fazer do mesmo jeito.

Ela riu. Colocou uma mão embaixo da cabeça, sobre o travesseiro, e se deitou sobre ela.

— Com quem você perdeu a virgindade?

— Nossa. — Ele arqueou as sobrancelhas. Havia trocado o band-aid da testa, que ficara encharcado de suor. — De onde tirou essa?

— Vai responder ou não? — brincou.

Theo respirou fundo, enrolando uma mecha de cabelo castanho no dedo.

— Com a Linda. É isso. Não tem nenhuma história envolvendo apostas e um banheiro sujo. Éramos só dois amigos que não tinham a menor ideia do que estavam fazendo, mas resolveram tentar porque sabiam que podiam cometer erros.

— A cada minuto você me deixa mais apaixonada.

Seu coração queimou ao ouvi-la. Ele arrastou o corpo para mais perto, cuidando para não roçar o cotovelo ralado no lençol, e deixou um beijo em sua testa.

— E você, sua tarada… Já estava planejando isso quando me chamou aqui?

Amália tirou a mão que usava de travesseiro e pousou sobre a bochecha de Theo.

— Por incrível que pareça, não. — Ela o acariciou com o polegar. — Você me contou toda sua vida, me confiou segredos, e eu não fiz o mesmo. Pensei que o trazendo aqui, te mostrando o meu mundo, também se sentiria acolhido como eu. Como você me fez sentir.

— Então foi só uma consequência?

Eles sorriram. Apesar de todas as dores, Theo se apoiou no cotovelo bom e a beijou de novo, depois de novo e de novo, trazendo o corpo dela para junto do seu. Sentia-se pronto para tê-la outra vez se ela não tivesse afastado o rosto e pedido algo muito mais íntimo.

— Não vá embora, Theo.

Ele não respondeu. Aquilo era muito melhor.

— Fica aqui comigo, pelo menos até eu pegar no sono, depois sai de fininho. Me deixa ter você de um jeito que ninguém nunca teve.

— E existe algo nesse mundo que eu seja capaz de te negar?

Apagaram as luzes, o quarto ficou iluminado apenas pela claridade da lua através das cortinas marrons. Ele se aninhou contra ela numa conchinha gostosa, aquecida pelo calor dos seus corpos ainda em completo êxtase. Permaneceram assim até que a respiração de um deles se tornasse mais calma e ritmada, só não contavam que Theo dormiria primeiro.

35 - mães e filhos



“Mãe, eu sei
Que você está cansada de estar sozinha
Pai, eu sei que você sente vontade de fugir
Mas se você me ama, não deixe ir”
***Unsteady,* X Ambassadors**

A luz do dia através das janelas era insuportável.

Ao abrir os olhos, Theo levou uma forte pancada na cabeça, ou era isso que parecia. O corpo latejava em centenas de lugares diferentes, um ponto mais sufocante que o anterior. *Tô morto, fui atropelado. É isso.* Deitado de bruços, imóvel, ele observou o local com uma confusão aparente, lutando para reconhecê-lo, até que seus olhos pararam sobre o livro na mesa de cabeceira. *A História da Arte.* Sua memória veio à tona de uma só vez: Jason, a briga, o canivete e depois… *caralho*. O sexo. O melhor de sua vida. Por um segundo ele achou que era enganado pela própria mente, nada daquilo acontecera, mas logo em seguida seu coração queimou.

Amália havia sido sua.

Ele virou o corpo para cima com dificuldade, gemendo ao sentir uma pontada aguda na costela. Desviou os olhos do teto e focou o espaço vazio ao seu lado; as dobras amassadas do travesseiro ainda eram visíveis, a fronha emanava o perfume maravilhoso da pele dela. Onde ela estava?

— Bom dia, flor do dia.

A voz cantarolada veio direto da entrada do quarto, de onde Amália o observava. Ela escorou o ombro despretensiosamente na lateral da porta, segurando uma caneca de porcelana em uma mão e um prato com waffles e

muito mel na outra. Seus olhos cristalizados caminharam pelo peito nu de Theo e por cada um dos hematomas, com direito a uma longa pausa na cueca preta.

No meio das dores físicas, ele sentiu o pau reagir diante da atenção.

— Você tem uma linda bunda — ela comentou. — Espiei ontem à noite, enquanto dormia.

— Isso foi estranho, mas obrigado. — agradeceu, um tanto quanto convencido dos seus dotes físicos.

Theo se levantou, apoiado em um dos cotovelos, quando ela se aproximou e deixou os objetos sobre a mesa de cabeceira.

— O que isso significa? — perguntou. Estava confuso, mas com um sorriso torto no rosto.

— Serviço de quarto. — Ela se sentou ao seu lado.

— Não tá certo, eu deveria fazer.

— Argh, dá pra parar? Seu machista.

Ambos sorriram. Os olhos feridos de Theo a policiaram lentamente; Amália usava uma camiseta larga do Jurassic Park e um short minúsculo de malha solta, havia prendido os cabelos no alto da cabeça, sua pele possuía um cheiro inebriante de sabonete.

— Como você tá?

— Machucado, com dor e de cueca. — Ele crispou os lábios. — É meio humilhante.

Amália arrastou-se até ele. Theo acariciou seu rosto aveludado antes de beijá-la devagar, reavivando as sensações da noite anterior.

— Meus pais me ligaram, já estão chegando em São Francisco — ela falou ao se afastar. — Perguntaram como passei a noite… — parou, moldando uma expressão pervertida. — Disse que dormi como um bebê.

— Porra, garota… Você é uma péssima filha. — Soou manhoso, provocante.

— Você precisa ir. — Ela roçou seu nariz no dele. — Mas não se preocupe, eu tenho um plano.

Theo retraiu o rosto. A ideia de sair de baixo dos lençóis não parecia muito boa.

— Tem?

— Vou te sequestrar. Te prender nesse quarto e deixar bem claro pra seus pais que não aceito dinheiro de resgate.

Um sorriso tentou se formar em seus lábios, mas a ardência imediata na consciência surgiu primeiro. Olhou para a luminosidade atrás das cortinas finas, constatando que já havia amanhecido. Passou a noite com Amália. A noite toda.

Pobre Vanessinha.

Ele saltou da cama, ignorando todas as mil e uma dores que os fisgaram de uma vez. Vestiu a calça jeans e começou a procurar o celular na bagunça de roupas e medicamentos; o encontrou sobre a cômoda, escondido debaixo do porta-retrato caído.

— O que deu em você? — ela questionou da cama.

A tela do celular acendeu ao seu toque apenas para confirmar o erro: nove chamadas perdidas, vinte mensagens não lidas. Ele arrastou a mão pela testa frustrada — exatamente sobre o corte. Estava ocupado demais usando a cabeça de baixo para se lembrar de Vanessa ou qualquer outra coisa no mundo.

— O que foi? — Amália parou ao seu lado. — Tá pálido.

Theo a fuzilou com o olhar.

— Por que não me acordou? Você não podia ter me deixado dormir!

— Eu... Desculpa! Me lembrei que disse que não dormia há dias, então você pegou num sono profundo… Me desculpa.

Não adiantava culpá-la, a irresponsabilidade era só sua. Mas ela estava certa, ele não se lembrava da última vez em que dormira tão bem. A calmaria do corpo ao lado do seu foi um poderoso sonífero.

Calçou os tênis e terminou de vestir a roupa, inclusive a camiseta suja de sangue. Vanessa ia morrer se visse aquilo, já devia ter colocado a polícia para procurá-lo.

Amália continuava parada próxima à cômoda, de braços cruzados. Theo lançou um sorriso de canto e a tensão se dissipou como fumaça no ar. Se encararam em silêncio, constatando nos olhos um do outro que aquilo de fato havia acontecido.

Ele caminhou até ela e acariciou seu braço com a ponta dos dedos, subindo lentamente em direção ao pescoço. Ela ainda reagia ao seu toque.

— Eu te ligo. Só deixa ela parar de surtar.

— Sua foto já deve estar estampada nas caixas de leite.

— Não fazem mais desse jeito, anjo.

Anjo. Ela pareceu ter entendido o novo significado daquela palavra.

Seus lábios uniram-se de novo. Tudo parecia diferente, cada toque, cada olhar trocado, enfim estavam completos, íntimos de todas as formas.

— Tá ocupada hoje à noite?

— Pra você, sim.

— Não tem escolha. Te pego às nove.

Amália sorriu de orelha a orelha e foi suficiente para que ele tivesse forças para enfrentar mais uma tempestade. Saiu do quarto, mas antes de fechar a porta, olhou para ela uma última vez. Parecia mais linda do que nunca.

Theo havia transado com uma garota, e pela primeira vez na sua existência, ainda a queria no dia seguinte. A queria para sempre na sua vida fodida.



Diferente do que imaginava, não tinha nenhuma viatura de polícia e investigadores de jovens desaparecidos em sua casa. O interior estava silencioso, a televisão desligada, um prato de macarrão pela metade na ilha da cozinha com uma mosca pousada sobre o garfo. Procurou uma madrasta surtada e dramática, mas nada.

Theo foi rápido para o quarto, entrando direto no banheiro. Ao se olhar no espelho, percebeu que estava ferrado.

Um hematoma roxo marcava uma das maçãs do rosto, tingindo-se para o preto, o globo ocular esquerdo parecia estar com alguns vasos sanguíneos rompidos, o band-aid na testa manchado de sangue. No pescoço, arranhões — provavelmente feitos por Amália — se perdiam para dentro da camiseta suja. Ele riu para o reflexo no espelho, depois começou a gargalhar, mas não havia graça nenhuma.

— Você é um merda. — Balançou a cabeça. — Um merda…

Theo tirou a camiseta e vestiu uma limpa, escovou os dentes, lavou o rosto, arrumou o cabelo amassado, trocou o curativo, se xingou, desejou morrer. Como explicaria sua situação? Deu uma última olhada no quarto antes de sair para o corredor, fechando a porta o mais devagar e quieto que conseguiu.

— Você não é muito bom em não fazer barulho. Na verdade, é péssimo.

A porta atingiu o trinco com um único clique. Theo não se moveu, seu corpo todo deixou de funcionar, a mão parada na maçaneta enquanto sentia a presença de Vanessa atrás de si, de pé diante do quarto dela, cômodo que ele só entraria após estar menos acabado.

— Vire-se e olhe para mim, Theo — ordenou, firme nas palavras.

— Tá bom, mas… não surta — pediu por sobre o ombro.

— Surtar? — Ela ironizou. — Só porque você…

Vanessa perdeu a voz ao ver o rosto do enteado. Seu queixo despencou no chão, junto à consciência de Theo.

— Ai meu…

— Não, calma! — Ele andou até ela. — Eu tô bem!

— O que houve com você?! Quem fez isso?! — Ela segurou seu rosto para analisá-lo. — O que aconteceu?!

— Não foi nada…

— Me deixa cuidar disso, pelo amor de Deus. Olha o seu estado… Vem aqui.

Theo foi arrastado para a cozinha. Vanessa começou a procurar algo na geladeira, abalada e quase cedendo a um choro contido e aliviado.

— Põe isso no rosto. — Ela jogou um pacote de ervilhas congeladas em sua direção.

— Vanessa? Olha pra mim! — gritou, mas logo abaixou a voz. — Por favor, eu tô bem.

— Como pode dizer que tá bem?! — Ela explodiu. — Como isso foi acontecer?

— Me meti numa briga.

Ela arfou entre uma risada sarcástica, embora o cansaço também estivesse presente.

— Meu Deus. Te esperei como uma idiota, te liguei a noite toda, deixei um milhão de recados, mensagens. Estava pronta para ligar para o seu pai…

— Contou pra ele? — cortou.

— Não. Preferi deixá-lo ter uma noite de sono tranquila antes de dizer que o filho dele tinha sumido.

Ele soltou o ar dos pulmões. Não queria que Phil tivesse mais um motivo para julgá-lo como um inconsequente, mesmo que fosse verdade. Pegou o pacote de ervilhas e o colocou na lateral da face, encostando-se na

pia. Aquela mancha em seu peito apenas aumentava conforme a dor na postura de Vanessa se estendia.

Sempre foi da natureza dela ser extremamente zelosa. Quando via a notícia de um acidente de trânsito qualquer em São Francisco, costumava ligar para Theo e perguntar se estava bem, e lá no fim da ligação soltava um "cuidado com essa moto, não avance o sinal". O mesmo cuidado com Phil e Benjamin, massageando por horas suas mãos lesionadas após as longas partidas de baseball; mas algo dentro dela mudou após a morte de Ben. Era como se, mesmo não querendo, ansiasse por uma tragédia.

— Onde passou a noite?

— Isso importa? Eu já tô aqui.

— Você está todo arrebentado, da cabeça aos pés! Olha pra você! Não ligo que esteja aqui, o que me importa é onde esteve e quem te deixou desse jeito!

Theo riu. Seria cômico se contasse.

— Quem fez esse curativo em você?

— Quê? — A pergunta repentina o pegou de surpresa.

— Foi para o hospital? Quem cuidou disso?

Ele negou com a cabeça, a compressa acompanhando o movimento de seu rosto.

— Então fala! O gato comeu sua língua?

— Estava com a Amália, porra! — Afastou o pacote. — Não estava pichando um muro e nem sendo espancado por uma gangue de rua.

Vanessa colocou as mãos na cintura.

— E não tinha nem cinco segundos para avisar a trouxa aqui que não precisava te esperar? Ou que ninguém tinha assassinado você?!

— Tá bom, desculpa! Já passei muitas noites fora e agora chega desse drama. Não avisei, fui irresponsável e *blá, blá, blá.* — Gesticulou com a mão livre. — Acabou?

Na verdade, estava apenas começando. Ele jogou o pacote de ervilhas no ralo, não adiantava de porra nenhuma. Vanessa continuou a encará-lo, mas agora com uma expressão além das rugas abaixo dos olhos.

— Ficou a noite toda com ela? — ela perguntou ao parar ao seu lado.

Com as mãos na borda da pia, ele observou a camada de gelo sobre a embalagem plástica derreter lentamente. A lateral do rosto queimava pelo

contato frio de segundos atrás, no local exato onde o olhar da madrasta fazia peso.

— Theo, olhe para mim. — Ele obedeceu. — Responda minha pergunta.

Ele voltou a atenção para frente e fechou os olhos. Não precisava responder.

— Você enlouqueceu.

— Sério? — Se virou para ela. — Eu enlouqueci? Por que todo mundo tá tratando isso como se fosse um crime?

— É desrespeito! Seu pai me contou e custei a acreditar, fiquei do seu lado, te defendi…

— Não preciso que você me defenda…

— Mas defendi e me arrependo.

O silêncio que se seguiu, mesmo que por pouco tempo, foi gritante. Theo estava sendo colocado contra a parede mais uma vez pelo mesmo motivo; motivo, esse, que já não considerava mais tão grave.

— Como isso foi acontecer? — Vanessa continuou. Havia prendido os cabelos em um rabo de cavalo. Ela sempre costumava lavá-los na noite anterior, como um ritual, mas naquela manhã pareciam oleosos e sujos. Theo a tirava da rotina mais uma vez. — Vocês se odiavam.

— Não sei… Não sei, porra! — Ele deu voltas pela cozinha. — Queria ter tido a chance de escolher, de tentar entender toda essa merda, mas não tive. Só aconteceu e tá sendo difícil pra um caralho porque não tenho ninguém do meu lado.

— Você não vai ter ninguém do seu lado enquanto faz escolhas ruins.

Interrompeu o passo.

— Escolhas ruins? Pela primeira vez na minha vida eu escolhi algo bom, algo que me faz bem além de todas as outras decisões de merda que tomei e vocês ignoraram!

— Não ignoramos nada, não seja injusto. — Ela soou triste. — Estamos sofrendo com você, todos os dias.

Vanessa secou os olhos cheios d'água. Para Theo, aquilo era uma tortura; nunca haviam brigado, sequer discutido. Queria dizer a ela que não a odiava, não *os odiava,* apesar das tantas turbulências. Se eles soubessem das noites mal dormidas que ele passou acordado, pensando nas possibilidades infinitas que tinha de perdê-los, ficariam até felizes.

Ele pressionou o ferimento na testa, voltando a se encostar no armário. A dor era um alívio.

— Ela me faz bem — explicou. Os olhos estavam fixos no chão.

— Ah, ela faz? Como? Fazendo você abandonar o tratamento?

O tom de voz dela o fez encará-la.

— Lauren me contou que não está indo às sessões. Depois de tudo o que passamos, dias e noites sem conseguir ao menos sair da cama…

— Eu ainda continuo sem querer sair da cama! Nada mudou! A única diferença é que agora eu tomo banho de manhã, penteio os cabelos e boto um sorriso de merda na cara!

Theo quis pegar aquelas palavras de volta — quase esticou a mão no ar para agarrá-las — quando viu a expressão que moldou o rosto de Vanessa.

— Acha que não sei? — Ela se colocou em sua frente — Sei disso... — Vanessa pousou as mãos no seu rosto abatido. — Você não precisa se esconder…

Theo não a permitiu terminar a frase ao se livrar do seu toque.

— Não somos seus inimigos, por favor! — ela tentou.

— Não são meus inimigos, mas nunca pararam pra me ouvir! Meu pai diz que tô estragando minha vida por não aceitar o emprego do Henry, mas nunca quis escutar por quê. Você me culpa por escolher me salvar no lugar de uma pessoa que já nem existe mais! — despejou de uma vez.

— Você não está se salvando. Vai se destruir ainda mais quando acordar e perceber o que está fazendo, a culpa vai ser um milhão de vezes pior.

Ele riu. Os lábios estavam trêmulos, as córneas queimavam.

— Eu já tô acordado.

Não sabia se era pela dor no corpo, cansaço ou a gravidade das palavras trocadas, mas Theo se sentia exausto. Totalmente sem fôlego. Virou as costas e se dirigiu para fora da cozinha, porém o grito dela cortou o ambiente.

— Não vire as costas para mim! Eu ainda não acabei de falar com você!

Ele parou. Não era um pedido, era uma ordem, algo que Vanessa nunca costumava fazer. Apesar de tudo, ela era a adulta.

— Você quer ser ouvido? Quer ser tratado como um adulto? Então comece a agir feito um! — Ela se aproximou. — Converse! Se expresse,

verbalize! Não espere que as pessoas descubram o que quer!

— E que diferença faz quando julgam todas as minhas escolhas como erradas? — perguntou baixo, quase sussurrando.

— Porque estão erradas.

— Se estão erradas ou não, quem decide sou eu.

Vanessa apontou o dedo para o seu rosto.

— Você perdeu o poder de decisão quando começou a afetar outras pessoas. Pessoas que só querem o seu bem!

Theo revirou os olhos.

— Puta merda… Para com isso! Não faz o menor sentido!

— Pode não fazer para você, mas faz para mim! Porque fui eu quem te esperou a noite toda rezando por uma ligação, uma mensagem… — Ela limpou uma lágrima do rosto. — Tem noção das coisas horríveis que passaram pela minha cabeça? Pensei…

— À toa, Vanessa! Tudo isso à toa. Não tem que me esperar e eu não te devo porra de satisfação nenhuma porque não importa o quanto tente, você não é minha mãe!

Ele congelou, vendo-a ser banhada na mais completa dor. Após alguns segundos com a expressão machucada, Vanessa abaixou o olhar para o chão. Theo levantou o braço para tocá-la, mas algo dentro de si o fez parar. Não conseguindo suportar o peso do seu próprio ato, ele saiu.

Subiu as escadas três degraus por vez. Girou a chave na porta do quarto todas as voltas que eram possíveis conforme um tremor violento derrubava todos os alicerces de seu corpo.

Imediatamente sentiu o peito acelerado, de tal forma que não conseguiu respirar mais. Estava sufocando. Sofrendo a cada passo, Theo foi para o banheiro e abriu a torneira da pia para mergulhar o rosto suado mesmo sabendo que não adiantaria; porém, ali só predominava o desespero. O corte na testa queimou ao entrar em contato com o líquido frio.

Tentou pensar na voz de Lauren e no exercício que o ensinara. Em vão. Ouvia apenas o seu próprio batimento cardíaco a ponto de sair pela boca. Puxou a gola da camiseta, em seguida levou a mão ao peito, onde sentia que havia sido esfaqueado; eram pontadas cada vez mais dolorosas. A pele tremia de frio. Há dias não era acometido por nenhuma crise que fora inibida pelo… *remédio.* Fora de si, ele abriu o armário em sua frente em busca do frasco de Lítio.

Ingeriu dois comprimidos de uma vez, depois mais três, depois dois. Quando o gosto amargo tomou conta da boca, ele pegou o copo no interior do armário e o encheu até a água transbordar, mas nem bebendo até a última gota conseguiu se livrar da repugnância. O gosto o torturava, as palavras ditas a Vanessa, a lágrima solta por sua causa. A discussão com Phil, o sofrimento de Mary Austin — agora enterrada no quintal —, os gemidos de Amália. A morte de Benjamin. Tudo havia surgido dele.

— Filho da puta! — rugiu.

Theo bateu o copo na pia de mármore. O som dos estilhaços foi estridente, cortou o silêncio do quarto assim como o pedaço de vidro em sua pele, o líquido vermelho jorrou da palma da mão, descendo preguiçosamente pelo ralo. A dor era… prazerosa.

Ele retirou o pedaço cravado na carne, o sangue teve livre acesso para correr. Talvez Vanessa tivesse razão, ele ia se destruir no fim, mesmo munido de força e indiferença, no fundo sabia que era questão de tempo. O chão se abriu sob seus pés, sendo obrigado a se debruçar na pia para não cair. Ia desmaiar. Quantos remédios havia tomado? *Quantos comprimidos são suficientes?*

Esperava que fosse.

36 - contagem regressiva



“E eles vão te perseguir
Até o seu interior
Até que você não possa mais rastejar
E ladeira abaixo nós vamos”
***Way Down We Go,* Kaleo**

O toque do celular o despertou. O som parecia gotas de ácido atingindo seus ouvidos.

Theo fechou os olhos e esperou o barulho desaparecer. Estava jogado na cama como um defunto, desfalecido, a mão machucada caída para fora do colchão, enrolada na toalha de rosto. O corte tinha parado de sangrar, mas formara uma pequena poça vermelha no chão. O efeito do excesso de medicamentos se fazia presente.

Teve dificuldade em se sentar. Os fios acobreados bagunçados, o rosto marcado pelas dobras do travesseiro e a gola da camiseta esgarçada evidenciaram que a crise não tinha sido apenas um sonho ruim. Desnorteado, ele quase caiu do colchão quando o celular voltou a tocar. Sentia que havia injetado drogas direto na veia.

Pegou o aparelho no chão e o atendeu após três chamadas perdidas.

— Alô?

— *Até que enfim, seu filho da mãe! Onde você tá?* — Linda grunhiu, ainda falando em um sussurro.

— Eu… O que foi?

— O *que foi?! O chefe quer te comer vivo. Você não aparece pra trabalhar, não avisa, simplesmente some!*

Puta merda, é claro.

Havia esquecido completamente que tinha um emprego. Olhou as horas no celular: 2 da tarde, quando saiu da casa de Amália não passava das 7 da manhã.

— Que merda, Linda… Tô com problemas. — Ele bufou. Uma dor aguda apontou na costela. — O que tá acontecendo aí?

— Fora que o Henry quer te jogar na panela antiaderente, tudo normal. Mas que tipo de problemas? O que aconteceu?

Theo olhou para a mão direita, enrolada na toalha ensanguentada.

— Nada demais, te ligo depois.

— É melhor nem aparecer aqui hoje. Te amo, idiota.

Ele ficou com o celular na orelha mesmo após o fim da ligação, perdido. Henry ainda confiaria a ele o cargo se o visse naquele estado? Ainda não tinha certeza se aceitaria — se seria capaz, na verdade —, mas a ideia de perdê-lo não parecia muito boa. Todas as possibilidades ruins passaram pela sua cabeça.

Segundo a lei de Murphy, se algo puder dar errado, vai dar errado. Estava fodido.

Ligou o chuveiro na temperatura mais quente e logo o banheiro foi tomado pela neblina úmida. Não sabia se Vanessa estava em casa, mas queria muito que não, pois não conseguiria encará-la agora. Não conseguiria encarar Amália. Não conseguiria encarar nem o próprio reflexo. O que fizera naquele quarto era vergonhoso até para si mesmo.

Colocou a mão machucada na água corrente e todos os músculos retesaram diante da ardência imediata, como se toda a pele estivesse em chamas. O corte voltou a sangrar. O líquido vermelho desceu pelo ralo, aos poucos perdendo a intensidade da cor. Após o banho, Theo limpou o ferimento e enfaixou a mão. Seu corpo não aguentava mais tantas lesões — físicas ou mentais —, sentia-se cada vez mais fraco. Reuniu os estilhaços de vidro do banheiro, guardou os comprimidos restantes caídos sobre a pia e limpou o sangue do chão; devido aos movimentos ainda letárgicos, isso durou horas. Quando enfim voltou à cama, percebeu as manchas no lençol.

Quanto do sangue uma pessoa precisa perder pra morrer? A resposta parecia tentadora.

Desceu as escadas na ponta dos pés com o lençol e a toalha de rosto nos braços. A casa estava no mais completo silêncio, podia notar até as

partículas de poeira pairadas no ar, visíveis através dos raios de sol. Sobre a ilha da cozinha, ao lado do prato de ovos mexidos, estava um bilhete.

“Tem comida na geladeira”.

Mais nada. Aquilo fez seu coração doer até a última artéria.

Ele jogou as provas do crime na máquina de lavar, e para evitar perguntas, colocou o restante da roupa branca por cima. No fim, pegou um dos muitos jalecos de Phil pendurado no gancho da parede, quando sentiu algo no bolso esquerdo. Um papel. Desfez as dobras uma por uma e leu a mistura de letras e números. No começo, não fez sentido. Releu diversas vezes esperando que sua mente parasse de lhe pregar peças. Era uma ilusão, tinha que ser.

O depósito bancário estava em nome do pai, trinta mil dólares transferidos para uma conta de proprietário que o fez duvidar da própria sanidade. De novo. Ele apertou os olhos com a ponta dos dedos, depois massageou as têmporas, sendo acometido por dores agudas próximas ao hematoma. Manteve a atenção fixa no nome curto desejando que estivesse louco ou enganado, mas não.

O beneficiário do depósito era Hannah Allen.

Minha mãe.

37 - recolha meus pedaços



“Estou sozinha em casa
Confiro meu telefone
Mas não há nada
Finjo estar ocupada
Peço comida
Pago a TV
É uma agonia”
***Big Girls Cry,* Sia**

Amália sentou na cama e repetiu o que havia feito nos últimos dois dias: pegou o celular. Nenhuma mensagem. Nenhum retorno às suas ligações perdidas.

Respirou fundo, tentando manter a calma, embora seu lado racional dissesse que tinha entrado numa cilada. Segundo Theo, ele a buscaria às nove, ela esperou paciente até que, quase meia-noite, percebeu que ele não viria. Não apareceu no domingo, nem mesmo um sinal de fumaça até aquela segunda-feira assustadora. Ela tentava repetir a si as palavras que ele dissera olhando em seus olhos: estava apaixonado, e era completamente seu. *Palavras ditas antes de permitir que ele gozasse dentro de mim.*

— Não. Ele não faria isso.

Com essa convicção, Amália começou o dia. Já pronta para sair, ela deixou o quarto e foi para a cozinha. Na metade do corredor começou a ouvir a discussão.

— Fala alguma coisa! — Vincent pediu.

— Não tenho o que dizer. — Susan parecia estar chorando. — Não consigo acreditar…

— Precisamos…

Amália entrou no cômodo e a conversa cessou de imediato. Vincent estava de pé diante da esposa, escorada no armário com lágrimas no rosto.

— Já estão brigando de novo?

— Não estamos brigando…

— É claro que estão! — ela interrompeu o pai. Arrumou a alça da mochila nas costas, desconfortável. — Não são nem oito horas da manhã.

Seus pais trocaram olhares breves entre si, depois sorriram. Susan se ergueu.

— Adivinha quem é o mais novo subordinado e assalariado dessa casa?

Ela olhou para o pai, que sorria tanto que os dentes mal cabiam no rosto. Precisou esperar a voz voltar para conseguir falar.

— Você conseguiu um emprego? — Piscou para afastar as lágrimas. — Ju… Jura?

— Lembra da viagem para Sacramento?

Mais do que imagina.

Ela tirou a mochila das costas e correu para abraçá-lo. Mesmo aos dezoito anos, Amália sentia-se um bebê no colo de Vincent, que ainda parecia o melhor lugar do mundo. Ele possuía um cheiro de sabonete e do creme de barbear usado uma vez por semana, embora a “barba” não passasse de finos pelos castanhos. Segundos depois Susan se juntou à família. Ali, acolhida pelas duas pessoas que mais a amavam na vida, Amália não conseguiu conter a fragilidade sentida no peito. As lágrimas molharam a camiseta cinza de Vincent antes dele a afastar gentilmente.

— Você está bem, filha? — ele perguntou. Susan, preocupada ao extremo, analisou seu rosto.

— O que houve?

— Nada, quer dizer… — Ela se afastou mais, enxugando as bochechas.

Pensou no que iria dizer, qual era o grande problema? Algo em seu peito a impedia de estar 100% feliz, tornando-a fraca como uma boneca de porcelana. Aquilo era saudade, preocupação, receio, insegurança? Sem ter certeza nenhuma, ela respirou fundo.

— Terminei com Jason. Conheci uma pessoa incrível, em todos os sentidos. Tô apaixonada e por isso posso ter cometido um erro.

Susan e Vincent se entreolharam. Ela sempre gostava de todos os namorados da filha, mas Vincent — embora negasse ao máximo — tinha um pé atrás com Jason. No fim, estava certo.

— Eu tenho certeza que não — Susan garantiu. — Você é mais inteligente do que eu, faz as escolhas certas. Não leve em consideração aquela nossa péssima conversa, ok?

Ela concordou. Entretanto, em uma coisa a mãe tinha razão: aqueles sentimentos chatos eram extremamente complicados. Amália pegou a mochila do chão para se dirigir até a porta.

— Você quer carona? Acho que vai chover. — Vincent se ofereceu.

— Vou de ônibus, valeu pai.

Caminhou pelo curto corredor de estômago vazio, mas antes de pisar casa afora, ouviu a voz do pai.

— Filha.

Ela se virou.

— Essa pessoa incrível… Vou conhecer?

Amália sentiu um nó na garganta. Quantos pais Theo conheceu depois de levar suas filhas para a cama? Sabia a resposta.

— Um dia, quem sabe.



Theo a procurava em meio a multidão de alunos.

Era estranho estar de volta em uma escola; tinha terminado o colegial um ano atrás, junto com Benjamin — quase isso. Parecia uma época muito distante de sua vida, e às vezes se perguntava se a felicidade sentida naqueles tempos havia sido mesmo real. Daria tudo para ser o “velho Theo”, que passava cola aos amigos no teste de química e tinha encontros proibidos no vestiário feminino.

Sentado sobre a BMW emprestada furtivamente, estacionada no meio-fio, ele ensaiava suas falas. Rezava para que ela o entendesse. Então a viu.

Amália desceu do ônibus, e como se estivessem ligados por telepatia, virou o rosto em sua direção, interrompendo o passo. Theo não precisou sinalizar para ela vir até ele, quase quebrando a calçada com as pisadas fortes. Ela estava, no mínimo, furiosa.

— Onde esteve? — vociferou ao se aproximar. — Você desapareceu!

— Eu sei…

— Fiquei plantada como uma árvore te esperando no sábado.

— Disse que precisava resolver umas coisas — explicou. — No final, acabou sendo mais do que eu esperava.

Amália cruzou os braços. Seu temperamento fez muita falta.

— O fim de semana todo? Podia ter retornado minhas ligações, mandado mensagem… Um pombo-correio, talvez!

— Desculpa, por favor — ele pediu com a melhor cara de cafajeste abatido. — Tô aqui agora.

Ela hesitou por um instante, mas Theo entendia perfeitamente. Pegou o celular diversas vezes para discar seu número, porém, sempre desistia no último segundo temendo que ela descobrisse o que ele fizera. Precisava de um tempo para, enquanto ingeria infinitas gotas de álcool, digerir os últimos acontecimentos de sua vida. Após um longo tempo, Amália suspirou.

— Droga… — Ela sorriu em frustração. — Não consigo ficar brava quando você faz essa cara tão linda.

— Então vou tirar vantagem disso.

Ele a puxou pela cintura, encaixando-a entre as pernas, e foi quando ela reparou em sua mão enfaixada.

— O que aconteceu com você?

— Foi só um acidente com um copo de vidro.

— Tem certeza? Isso tá feio. — Ela tocou levemente a fraca mancha de sangue na faixa, depois levantou o rosto. — Tá tudo bem mesmo?

— Relaxa, cacete.

Sua estupidez não a atingia mais. Amália arrastou as mãos pelos braços de Theo — expostos pela camiseta — até seu pescoço. A plateia já não era algo com o qual se preocupassem.

— Você disse que não ia mais mentir.

Theo desviou o olhar e fitou um ponto do outro lado da rua.

— Ei, olha pra mim. — Ela virou seu rosto de volta. — O que aconteceu?

Bastou uma troca de olhares para ele deixar cair todo o peso que segurou no fim de semana. Como uma criança que encontrou a mãe após perdê-la no supermercado, Theo a envolveu com extrema sede, descansando a cabeça em seus seios.

— Theo… o que houve com você?

— Cala a boca, só me abraça — pediu com a voz rouca.

Ela não pensou duas vezes em puxá-lo ainda mais para o calor do seu corpo e apoiar o queixo no topo de sua cabeça. Seus dedos acariciaram os curtos fios emaranhados com a delicadeza que ele precisava.

No passado, estar vulnerável diante dela seria como a morte. Theo podia contar nos dedos de uma mão quem já o vira em situações parecidas, mas havia deixado aquela idiotice para trás. Não se importava em estar no meio de tantas pessoas que certamente os assistiam, intrigadas, só queria libertar-se do peso dos últimos dias, da carga exaustiva que sua relação com Vanessa se transformou, do segredo que o perturbava. Ouvir as batidas do coração de Amália contra o rosto o fazia sentir a salvo de toda situação de perigo, mesmo de forma passageira.

Após alguns minutos agarrado a ela, ele recuou e voltou a fitá-la.

— O que foi isso? — ela perguntou. — Pode me dizer?

— Por que você tem que ser tão chata? — retrucou, mas até o seu sarcasmo parecia enferrujado. O acúmulo de ressacas se sobressaía bem mais.

— Me importo com você, idiota. E sei que tudo isso não é saudade.

— Tá errada. — Ele deixou um beijo atrás de sua orelha, inebriado pelo perfume do sabonete matinal que agora conhecia. — Você não saiu da minha cabeça nem por um segundo.

Ele arrastou a boca por ela em direção aos lábios. Dois dias sem tê-los havia sido uma eternidade. Após se afastar, Amália tocou o hematoma em seu rosto com o polegar; sob a luz opaca da tempestade que irradiava através dos galhos das árvores, a cor variava entre o roxo e um verde musgo nojento.

— Quero saber o que houve com você, não me deixe de fora.

— Tá afim de matar aula?

Ainda enlaçada em seu pescoço, ela observou a multidão de alunos se dispersando rumo ao prédio, em seguida a chave na ignição do veículo.

— Anda, linda. Vem tomar café comigo — provocou.

— Humm… Pode ser outro milkshake gigante?

— Amália — ele pousou a mão em sua nuca —, posso te dar qualquer coisa, é só você me pedir e eu obedeço. Afinal, você é meu anjo.

38- menos um



“Às vezes você precisa sangrar para saber
Que está vivo e tem uma alma
Mas é preciso que alguém venha
Te mostrar como
Ela é o rasgo no meu coração”
***Tear In My Heart,* Twenty One Pilots**

Amália ganhou o maior milkshake existente no mundo e não parecia ter nenhuma dificuldade em devorá-lo bem devagar. Seria lindo vê-la se lambuzar se Theo não estivesse com a mente tão zoada.

Além das gaivotas, eles eram os únicos seres vivos no estacionamento da praia alguns metros abaixo. O vento se tornava mais forte conforme a chuva se aproximava, trazendo nuvens densas e de um cinza escuro assustador. Ela degustou seu café da manhã em silêncio, sentada sobre o capô lustroso do carro enquanto ele contava da tragédia após sair de sua casa, omitindo, porém, que quase acabou com a própria vida durante um surto de loucura. Não queria deixá-la ainda mais preocupada.

— Tem certeza que é a conta da sua mãe? — Ela analisou o comprovante de depósito.

— Outra Hannah Allen? Seria coincidência demais, e coincidências não existem.

— Trinta mil dólares… caramba. É muito dinheiro. Tem alguma ideia do motivo dele ter feito isso?

— A julgar pelo fato de que eles não se veem há dez anos… —

Negou com a cabeça. — Não faz nenhum sentido.

— Você acha que eles não se veem.

Era o que ele mais temia ouvir. Ergueu os olhos em direção ao céu, colocando a cabeça para funcionar.

Hannah Allen era um fantasma, um vulto surgido de vez em quando para derrubar algum objeto da prateleira; algumas vezes na infância, pelas fotos jogadas fora e pela maldita ligação horas antes de tudo desabar. Phil não tinha contato com a ex-mulher, “esteja onde estiver, no céu ou no inferno, pouco me importa”, foi o que disse anos atrás.

Era uma mentira, agora ele sabia.

— Talvez ela esteja doente — ela ponderou com o canudo entre os lábios. — Vai ver pediu dinheiro pra algum tratamento. Seu pai pode até odiá-la, mas ainda tem humanidade.

Theo se virou para ela, deixando a praia para trás. Tinha vontade de pular aquela cerca de proteção e descer rolando penhasco abaixo só para mergulhar no mar congelante e nunca mais voltar à superfície.

— Não, você não o conhece. Ele pagaria pra vê-la morrer.

Amália arqueou as sobrancelhas. De fato, a raiva de Phil às vezes beirava o ridículo.

Ele se sentou no carro ao lado dela e pousou a mão em sua coxa nua, observando as curvas — das quais agora tinha conhecimento — niveladas pelo mesmo vestido justo que usava quando se reencontraram. Deveria aproveitar sua companhia, mas não conseguia parar de sentir aquele incômodo terrível.

— Estão mentindo pra mim — falou, tenso. — Esse dinheiro não é de uma hora pra outra. Não são cem dólares, porra, são 30 mil!

— O que vai fazer? Ele vai mentir se perguntar.

Theo respirou fundo. O mar ao longe estava cada vez mais violento, igualando-se aos ventos rasgando suas peles. O tempo corria numa velocidade astronômica. Ela continuou a observá-lo.

— Não posso fazer isso. Prometi para ele.

— É claro que pode, já tá na hora de ter alguma resposta. — Ela deixou o copo de lado e escorregou até ele. — Não dá mais pra fugir disso.

— Não tô fugindo, só… — Ele soltou uma risada. — Merda, eu tô fugindo pra caralho.

— Presta atenção no que tá fazendo. — Ela fez uma longa pausa. —

Essa é uma parte do seu passado grande demais pra ficar assim, incompleta. É a sua mãe, você não tá cometendo nenhum crime em querer saber a história dela, da sua família, da *sua*.

Ele não soube o que responder. Amália deitou a cabeça em seu ombro e segurou sua mão machucada, os cabelos castanhos faziam cócegas no rosto de Theo conforme eram serpenteados pela brisa agressiva.

Theo imergiu na própria consciência, experimentando novamente a sensação de fazer algo que nunca cogitou.

Havia tirado Hannah de sua vida após a morte de Benjamin. Deletou, junto com o número dela da lista de últimas chamadas do celular, sua existência. Era o mínimo que poderia fazer. E agora Amália o desafiava a cruzar outra fronteira, a pior de todas. Phil tinha mentido. Seu irmão estava morto, e após transar com o amor de sua vida, ele sabia que nada poderia desencadear uma ira maior.

— Tem razão — soltou antes da coragem ir embora.

Ela levantou o rosto.

— Você tá certa, ele não pode me odiar mais. E de qualquer forma não vou conseguir parar de pensar nisso.

— Vai procurá-la?

Assentiu. Depois de pensar por alguns segundos, ele suspirou e levou a mão à testa.

— Que merda. Não sei nem onde ela mora, talvez nem esteja mais em São Francisco. Não tenho a menor ideia de por onde começar a procurar.

— Quanto a isso, deixa comigo. Agnes e eu costumávamos *stalkear* os garotos que estávamos de olho, aprendi umas técnicas a nível de FBI. Vou encontrá-la assim: — Ela produziu um estalo com os dedos gélidos.

O nome de Agnes causou uma bagunça no estômago de Theo, ainda mais vindo da boca dela. Não é como se a tivesse traído, mas o peso na consciência era semelhante. Se arrependimento matasse, estaria ao lado do irmão agora.

— Comprei uma coisa pra você. — Mudou de assunto.

— Pra mim? — Ela se animou. — O que?

Theo contornou o veículo e abriu a porta do passageiro, no porta-luvas do painel, pegou um pacote embrulhado em papel manteiga, a cor dourada fosca lembrava a areia da praia quando o sol sumia no final da tarde. Amália parou ao seu lado, observando o presente com um semblante

sorrateiro.

— Você embrulhou?

— Tá tão ruim assim?

Ela jogou a cabeça para trás e gargalhou, seus ombros se moveram com uma energia leve. Sim, estava horrível.

Ele se encostou no carro de braços cruzados ao vê-la desatar o laço marrom que amarrava o embrulho. Quando colocou os olhos no tecido, Amália vibrou.

— Não achei igual, então trouxe o mais parecido — ele explicou. — Também não sabia seu número, mas imaginei que fosse o tamanho menor.

O vestido vermelho era tão bonito quanto o que fora rasgado. Minúsculas flores brancas cobriam toda a extensão da roupa, com singelas mangas bufantes e uma fileira de cinco botões na parte dos seios, realçando um decote pequeno.

— Você comprou mesmo!

— É claro que sim. Disse que te daria outro, não disse?

Theo se aproximou para abraçá-la, mas o olhar dela pesou.

— Eu… Droga. Sou uma idiota.

— Do que tá falando?

Amália deixou o vestido no banco do passageiro, presa entre o interior do carro e o corpo de Theo. A porta aberta ocultava dos arredores tudo o que acontecia ali.

— Nesse fim de semana pensei que você tinha, sabe… ido embora.

— Pensou que tinha dado o pé depois de te levar pra cama? — considerou. Algo dentro dele já esperava por isso.

— Isso é horrível, desculpa! — Ela abaixou a cabeça. — Sei que você não é assim, mas não consegui não ter medo.

Ele ergueu o rosto dela em direção ao seu, mantendo os dedos na curva de seu queixo. Olhava o mais fundo possível dentro daqueles olhos verdes.

— Por favor, acredite quando eu digo que tô apaixonado. Transei com você e quero continuar transando até não aguentar mais. — Levantou as sobrancelhas. — *Literalmente*, não aguentar.

— Isso parece muito bom. — O sorriso que ela trazia nos lábios esfriou, e a chama queimando em suas pupilas dilatadas tornou-se ainda mais quente. — Não parei de pensar em você durante esses dias. Não consegui.

Uma gota de chuva isolada caiu no para-brisa, mas entre eles predominava um verão escaldante. Theo apoiou o braço no carro ao lado de sua cabeça. Apenas um empurrãozinho e ela cairia dentro do veículo.

— No que você pensou, exatamente? — sussurrou, chegando mais perto. Seu peito tocou o dela.

— Na sua boca, corpo, suas mãos… *em mim*.

As palavras oscilaram em sua boca trêmula quando Theo trouxe seus lábios para mais perto, porém não a beijou, manteve a distância precária e torturante.

— E no que elas fizeram comigo.

— E o que *você* fez?

Amália prendeu um sorriso ofegante. Ele precisava ouvir o quanto a havia deixado faminta pelo prazer que só ele poderia dar.

Theo conferiu o estacionamento vazio uma última vez, e antes de ter uma resposta, a virou de frente para o carro. Seu pau se chocou contra a bunda arrebitada sob a roupa curta, arrancando gemidos de ambos.

— Me diz, Amália — murmurou no ouvido dela. — O que você fez enquanto pensava em mim?

— Eu me toquei — admitiu de olhos fechados.

Um sorriso satisfeito cresceu no rosto de Theo, o mais orgulhoso de todos. Lentamente sua mão esquerda desceu pela barriga de Amália na medida em que a outra, machucada pelo corte, enforcava sua garganta com força. Ele alcançou a calcinha de algodão por baixo do vestido e logo seus dedos a encontraram tão molhada quanto na primeira vez.

Ela deitou a cabeça em seu ombro quando Theo provocou o meio de suas pernas por um longo tempo, firmando o aperto agressivo na garganta engolindo em seco, sufocada pelo orgasmo que, àquela altura das carícias, era uma necessidade para ambos.

— Theo… Eu vou… — ela tentou avisar, mas perdeu o controle ao ser atingida pelo prazer inebriante.

Amália pareceu se esquecer que não estavam entre quatro paredes, deixando escapar para os céus um gemido alto.

— Shh! — Ele tapou sua boca. A mão esquerda ainda a aproveitava lá embaixo. — Quietinha. — pediu. — Era assim que você fazia?

A garota concordou com a cabeça. Theo a livrou do seu toque — embora não quisesse sair daquele lugar nunca mais — e estava pronto para

deixá-la respirar, mas Amália não era do tipo que perdia o fôlego.

Ela virou-se para ele com a expressão digna de uma vagabunda. A melhor delas.

— Sim, mas não é suficiente. Eu quero muito mais.

Então ela o fez pagar por todos os seus pecados.

Abriu o botão da calça de Theo, em seguida o zíper, e se sentou no banco do carona. Ele não pôde assimilar coisa alguma quando ela libertou seu pau da cueca e o colocou na boca. Inteiro, com desejo, mostrando o domínio que possuía sobre ele.

E porra, estava *muito* fodido.

Amália era daquelas que mantinha o contato visual, aquela que o chupa por completo sem desviar os lindos olhos dos seus, com todo o prazer e vontade existentes, disposta a engolir tudo. Theo deixou a cabeça cair para trás, e o que deveria ser um suspiro, soou como um um gemido rouco dos lábios. Levou as mãos ao cabelo dela e o segurou com força rente à base, aumentando o ritmo até o fundo da garganta ensopada. E como ela aguentava bem.

Só o que poderia superar a sensação da boca sugando seu pau, e mil vezes melhor, era o calor de sua boceta. Sempre soube que Amália não era nenhuma santa. Muito menos ele.

Depois de tanta tortura, contendo-se para não gozar, Theo a afastou abruptamente. Seus lábios estavam banhados em saliva, inchados e vermelhos, os olhos então, ainda mais cheios.

— Entra no carro — ordenou.

Assim que ela se enfiou dentro do veículo, ele fez o mesmo e fechou a porta. Diferente de Linda, ainda não sabia como Amália funcionava no quesito dos “métodos reponsáveis”. A primeira vez tinha sido um belo deslize graças ao tesão que não conseguiram ignorar, e pensando nisso Theo fez bom uso da camisinha que sempre carregava na mochila.

Sentado no banco espaçoso, ele finalmente a trouxe para o seu colo. Suas bocas se chocaram com tanta urgência que uma sombra de dor marcou presença, mas foi esquecida quando Amália afastou a calcinha para o lado e se encaixou sobre ele. No mesmo instante, uma garoa fina os isolou do resto do mundo.

Se na primeira vez ele sentiu que a rasgava, agora era ela que o pressionava num misto doloroso e bom. Muito, muito gostoso. Theo arrancou

a camiseta preta e deitou as costas no banco reclinado, sentindo cada detalhe de como ela o aproveitava inteiro, espalmando as mãos em seu peito nu enquanto descia pelo seu pau.

Apesar da chuva engrossando lá fora, apenas os gemidos e as estocadas abafadas podiam ser ouvidos.

Suas mãos alisavam a pele por baixo do vestido conforme ela se movimentava, e mesmo que precisasse comprar uma loja inteira, ele queria rasgar todas as suas roupas e deixá-la como gostaria: inteiramente nua, livre, uma exposição exclusiva para seus olhos.

Todo seu dinheiro, todo seu coração, alma, corpo e sanidade, tudo pertencia àquela garota. Theo não conseguia mais imaginar um mundo sem aqueles momentos de tirar o fôlego para destruí-lo.

Ele ergueu o tronco novamente e desceu as alças do vestido de Amália, libertando os seios molhados pelo suor que embaçava os vidros do carro. Encheu sua mão esquerda com um e abocanhou o outro. Ela gemeu e arqueou as costas em êxtase, seus dedos puxavam os cabelos de Theo sem piedade enquanto ele a chupava e mordia tão impetuoso quanto.

Alternando entre reboladas, subidas e descidas, descontando a saudade e a raiva na maneira deliciosa com a qual sentava, Amália foi a responsável por levá-los ao extremo juntos como se estivessem conectados não apenas no corpo, e sim em todos os aspectos. Ele se derramou dentro da camisinha com o mesmo alívio com o qual ela gozava pela segunda vez, tão murcha e cansada que, se não fosse pelos braços fortes a segurando, certamente cairia em pedaços.

Após longos suspiros sôfregos, ambos os olhos se encontraram. Theo alisou a pele molhada de suas costas até encontrar seu rosto vermelho, lotado de fios encharcados.

— Isso não é bom — falou.

— O que?

Tanta coisa. Eles, a situação, os orgasmos, o modo como ainda estavam unidos e não tinham intenção alguma de se afastar.

— Esse sentimento. Eu… — ele parou. Era muito difícil dizer.

— Fala, Theo. — Amália o abraçou mais forte, moveu o corpo e trouxe outra onda sensível de prazer. Ainda estavam anestesiados. — É só dizer.

Não era tão simples, mas como ele queria despejar aquelas poucas

palavras e tê-la de novo, depois de novo e de novo, até não aguentarem mais. As íris verdes imploravam, o sorriso dela o transformava no homem mais apaixonado do mundo.

Ele balançou a cabeça.

— Só me beija.

Foi o que ela fez, e o beijo os levou à outra longa e deliciosa prova de *amor*.



Henry trabalhava como se nada tivesse acontecido, e isso deixava Theo apavorado. Esperava uma demissão, ou no mínimo um sermão. Mas nada. O homem supervisionava seus funcionários, gritava quando necessário e depois sumia escritório adentro; porém desde o turno da manhã, ele sentia que o chef o observava de esguelha, espiando entre as frestas da persiana. Eram quase 8 da noite, a fila de clientes do lado de fora dobrava a esquina, mesmo com isso ele não conseguia se concentrar em nada.

Trabalhava em cima do peixe fresco temendo que a faca escapasse de suas mãos a qualquer momento, enquanto a mente alternava entre as merdas dos últimos dias. As conversas com Vanessa se reduziram à palavras silábicas e resmungos, mas a imagem dos trinta mil dólares na conta de Hannah era pior. Apesar do encontro com Amália naquela manhã, cada minuto passado tornava mais incerta a decisão de procurá-la.

Deixou de lado os pensamentos quando Johnny — um garçom latino de meia idade — apareceu em sua frente, e com uma hostilidade proposital, deixou o prato de Salada Caprese ao Molho Pesto no balcão.

— O cliente reclamou, não vai comer — contou.

— Qual o problema com o prato?

— Está sem gosto. Segundo ele, “parece grama”.

Theo revirou os olhos.

— Pediram outra coisa?

— Sim, a conta.

Johnny deu um sorriso cínico e saiu. Theo cravou a ponta da faca na tábua de madeira para evitar cravá-la em si mesmo, sem dar a mínima para os olhares dos outros funcionários.

— Calma, rapaz. — O cozinheiro trabalhando no molho ao seu lado o

cutucou com o cotovelo. — Você está bem?

— Só tô tendo um dia ruim. — Tentou manter a calma.

— E ele acaba de piorar…

Desviou a atenção para a figura de preto parada a alguns metros. Henry sinalizou com o dedo indicador para que Theo o seguisse e entrou no escritório. Ele respirou fundo, já sentindo o suor frio descer na pele. Assim que entrou na sala, Henry bateu a porta.

Ele se virou para o chef.

— Pode explicar? *Non* vem trabalhar, *non* dá satisfações e depois aparece como se tivesse entrado numa briga de rua?

— Eu sei, Henry. — Ele olhou para as próprias mãos machucadas, feias demais para serem colocadas em pratos tão bonitos. — Desculpa, minha cabeça não tá aqui.

— Sim, *capito.* Está muito longe, por sinal. — O chef cruzou os braços. — Você errou a Salada Caprese, é como errar um ovo cozido.

Theo riu do próprio fracasso. O olhar de Giovanni — na pintura do quadro na parede — fervia em suas costas.

— O que está acontecendo? *Non* me diga que é por causa de mulher.

— Não! É claro que não. — Ele observou ao redor em busca de uma resposta. Não havia nenhuma. — É só… tem muita coisa acontecendo.

Henry assentiu lentamente com os olhos cravados nele. De repente, um estrondo de panelas veio de fora do escritório e o fez interromper a avaliação interna que fazia em seu funcionário. Theo agradeceu ao desastrado que fosse.

— Vá para casa, garoto.

Seu sangue gelou.

— Tire a semana de folga para resolver *tuoi* problemas.

— Que? Não, eu…

— *Non* estou pedindo — cortou. — Vá antes que tua comida nos faça cair para quatro estrelas.

Ele quis protestar, mas seria em vão. Quando deu o primeiro passo rumo à porta, Henry o interceptou.

— É bom *non* ter me dado *uno* resposta sobre o estágio — começou, suas palavras estavam envoltas por algo pesado. — Desconsidere-o. Preciso dos melhores comigo, e ultimamente você tem me decepcionado bastante.

Um chute nas bolas doeria menos. Theo perdeu o fôlego. Henry apenas abriu a porta e apontou para o lado de fora.

Ele ignorou a bagunça da cozinha e foi direto ao vestiário, após muita dificuldade para lembrar a senha, abriu seu armário e pegou a mochila. Suas mãos trêmulas deixaram-na cair, ele a pegou de volta e, num ataque de fúria, a bateu contra o armário repetidas vezes, segurando-se para não gritar até romper as cordas vocais. Achou mesmo que sumir do trabalho e reaparecer depois como um combatente de guerra fodido não teria consequências? Tudo *sempre* tem.

— Quebrou, pagou.

A voz insolente vinha da entrada do vestiário, ele podia reconhecê-la mesmo sem olhar. Linda caminhou em sua direção com uma bandeja redonda de prata debaixo do braço.

— Qual é a do surto? — Ela se encostou no armário, deixando o objeto no chão.

— Henry me dispensou. Me deu uma semana de folga.

— E você tá reclamando?

Theo lançou um olhar assassino. Para ela não importava, considerando que em um mês estaria em Londres, mas para ele, ser privado da cozinha era um castigo. Começou a desatar os botões do uniforme branco um por um.

— Não é só por isso que tá assim. Qual é a merda de agora?

— Merda nenhuma, já falei antes. — Guardou a roupa na mochila. Os finos pelos do corpo eriçaram-se pela exposição ao ar ambiente.

— Fala sério, bebê! Eu já te vi pelado, não adianta mentir pra mim.

Contra fatos não há argumentos. Ele interrompeu os movimentos e a fitou com um sorriso nos lábios; apesar da intimidade com Linda, não parecia justo trazê-la para aquele mundo apocalíptico no qual se encontrava. Era uma carga muito grande.

Vestiu a camiseta e se virou.

— Isso não pode sair daqui, entendeu?

— Minha boca é um túmulo.

Ele respirou fundo para tomar coragem para dizer aquelas palavras em voz alta.

— Transei com Amália.

Linda expirou o ar de forma dramática antes de tapar a boca com as mãos. De fato, uma atriz. Enquanto ela se recompunha, Theo fechou o armário e arrumou o resto das coisas. Seria mais uma para a lista de reprovações.

— E como foi isso? Quando… quero dizer, que dia? Tem alguma coisa a ver com essa sua cara zoada? — ela despejou tudo.

— Foi nesta sexta. Tivemos problemas com o ex-namorado dela e depois fomos pra sua casa. Ela tentou, sabe — ele apontou para os ferimentos no rosto —, dar um jeito nisso.

— Ah, claro. Ela te deu um analgésico e depois… — Linda imitou a voz de Amália: — "Oh, Theo, será que o seu pau tá machucado? Deixa eu sentar nele pra ver".

Dessa vez eles caíram na gargalhada. Realmente não havia uma explicação que fizesse sentido.

— Mas… — Ele fez uma pausa antes de continuar, de volta à expressão pesada. — Você não acha isso uma coisa horrível?

— E por que seria? — Ela limpou as lágrimas dos cantos dos olhos. — São tão fofos juntos.

— Segundo meus pais, eu sou quase um Judas.

Ao reconhecer o tom cabisbaixo na voz do melhor amigo, Linda o abraçou. Theo amava aquele colo.

— Tenho certeza que ele não seria contra se estivesse aqui — ela comentou contra seu pescoço.

— Se ele estivesse aqui, não estaríamos juntos.

— Tem razão, mas não importa. Ela é sua namorada agora.

A palavra o pegou de surpresa. Ele deu um passo atrás, afastando a garota de seu corpo.

— Amália não é minha namorada — explicou olhando-a nos olhos. — Quer dizer… ainda não. Merda. É complicado.

— Uhum, sei. Sendo assim, posso te dar um beijo?

Ele franziu o cenho. O machucado na testa repuxou.

— Que?

— Se não são um casal, você não vai se importar se eu te beijar… ou vai?

Theo abriu a boca para responder, mas havia perdido a voz. Não é

como se não pudesse beijá-la, ele não queria. Não queria beijar mais ninguém e rezava para Amália pensar o mesmo pelos próximos dez anos, ou enquanto ele ainda estivesse vivo.

— Parabéns, você venceu. Agora some daqui, vai trabalhar — hostilizou, mas sem nenhuma grama de maldade. Linda sorriu feito louca.

Saiu do restaurante, e apesar da barreira de concreto ainda pôde ouvir a comemoração histérica da melhor amiga. Tinha alguém do seu lado, finalmente.

Quando chegou em casa, avistou a luz da cozinha acesa. Ele ainda esperava que Mary Austin viesse ao seu encontro, mesmo lenta e moribunda, mas agora ela estava enterrada no jardim ao lado — como Phil sugerira, frio e sem compaixão alguma.

Vanessa estava de pé junto ao fogão, revirando algo na frigideira; pelo aroma do ambiente, devia ser outro dos seus ovos mexidos no queijo *Jausberg.* Ao ouvir sua movimentação, ela o olhou por sobre o ombro.

— Ah, é você. Chegou de fininho. — Ela se voltou para o fogão. — Não costuma estar em casa a essa hora.

— Henry me deu uma semana de folga.

Theo percebeu quando ela assentiu com a cabeça conforme aumentava o ritmo dos movimentos circulares na panela. A tensão era horrível, a mesma dos últimos dias. Ele arrumou a alça da mochila nas costas, parado no vão entre a sala e a cozinha.

— E… está tudo bem? — Vanessa insistiu.

— Na medida do possível, sim.

Ela desligou o fogo e se virou para ele, segurando a frigideira pelo cabo. Parecia orgulhosa do alimento pronto, de coloração ideal e aroma convidativo.

— Acho que acertei dessa vez.

— O cheiro não tá dos piores. — Ele fez uma careta, sentindo-se inquieto dentro das roupas. — Dá pra suportar.

Vanessa riu da provocação. Se sentou na cadeira junto à ilha, depois puxou um prato de porcelana e despejou parte do ovo com a ajuda de um garfo.

— Você já comeu? — ela perguntou, receosa — Tem bastante.

Toda aquela cerimônia era uma tortura, cedo ou tarde alguém teria

que ceder. Theo subiu até a cozinha.

— Não vou morrer intoxicado? Você olhou se o ovo não estava podre?

Ela gargalhou, puxando dele um sorriso torto.

— Pode confiar, eu prometo.

Trocaram olhares sinceros, e lá no fundo havia uma sombra de alívio. Ele deu um passo na direção da cadeira ao lado dela, mas parou. O celular vibrava no bolso do jeans. Pegou o aparelho com a mão enfaixada, e ao ver o nome de Amália na tela, o coração bateu mais forte; ela disse que ligaria quando tivesse informações de Hannah, e lá estava. Usando da dúvida que acabava de surgir, ele olhou para Vanessa e se perguntou se ela sabia de tudo.

Phil a enganou ou estavam mentindo juntos? Ambas as possibilidades eram assustadoras.

— Algum problema?

— Não, eu… — Alternou o olhar. Primeiro o celular, depois ela. — Deixa na geladeira, como mais tarde.

Ele praticamente saiu correndo para o quarto. Nem arriscou olhar para outro semblante decepcionado dela. Trancou a porta, jogou a mochila no chão e, sentado na cama, atendeu a ligação.

— Fala.

— *Caramba, onde você estava? Chamou umas vinte vezes.* — Amália soou irritada, mas não rude.

— Conseguiu alguma coisa?

— *Consegui tudo.*

— E…?

— *Sua mãe mora ao norte de Broadmoor, é secretária em uma advocacia. Um lugar bem chique, por sinal. Deve ganhar bem, o que só torna a história do dinheiro ainda mais bizarra.*

Theo sentiu uma pontada forte no peito, apoiado no joelho, começou a estalar os dedos da mão esquerda. Broadmoor não ficava longe dali, era praticamente dentro de São Francisco — 90 quilômetros por hora pela interestadual e chegaria em dez minutos. Em sua cabeça, Hannah morava do outro lado do país, vivendo às custas do novo marido divorciado e com um enteado ainda nas fraldas, mas não… Era impossível estarem tão perto e nunca terem sequer esbarrado.

— *Theo? Você tá aí?* — Amália aumentou a voz.

— Tem certeza dessas coisas? Só pode tá errado.

— *Absoluta. Descobri sobre o emprego e liguei lá, fingi que era da transportadora e estava no endereço errado. Falei com um carinha arrogante que me passou o local exato onde ela mora. Vou enviar o endereço, tá certo.*

Ele ofegou. Passou o celular para a outra orelha para estalar os dedos da mão direita.

— *Você vai?*

— Eu… sim. Não vou voltar atrás, vou amanhã. — Ele engoliu em seco, as palavras pareciam áridas demais. — Pode ir comigo?

— *Claro. Me pega na escola, mato as aulas depois do intervalo.*

— Valeu, se cuida.

— *Não. Você tem que se cuidar.*

Depois da ligação, Theo se encontrou imerso em uma escuridão insuportável. Era difícil se concentrar no silêncio do quarto quando a mente gritava tão alto, as informações se repetindo vez após outra, disformes, horrendas, como demônios observando-o das sombras, escondidos nos cantos escuros do quarto. Imaginava que Benjamin estaria se revirando no túmulo, adotando a mesma expressão decepcionada de quando deixou sua casa para morrer. “Eu nunca vou te perdoar”. Mas não podia voltar atrás.

Por que Phil o impedia de ter memórias com a mãe se ele mesmo ainda mantinha contato com ela? Por que a última coisa que Benjamin fez na vida foi implorar para Theo esquecê-la? Ele merecia uma resposta, e sem o pai por perto, era o momento perfeito.

Levantou da cama e foi até o banheiro, onde pegou no armário o frasco com os comprimidos de Lítio. Estava vazio. O remédio havia acabado no dia anterior, quando deveria ter durado mais uma semana; estava sem receita, sem as sessões com Lauren. Tentando respirar fundo e acalmar as batidas exageradas do coração, ele sentou-se no chão, escorado na parede. Acendeu um cigarro e encheu os pulmões. No fone de ouvido, *505*, da Arctic Monkeys, estourou de uma vez.

Eram dez da noite, menos de 24 horas para encarar Hannah nos olhos. Quis ligar para Amália novamente e pedir que fosse até ele. Fariam amor a madrugada toda, o calor do corpo dela lhe daria a confiança necessária para enfrentar até o próprio Lúcifer, poderia olhá-la… *Faríamos amor?* Tragou o cigarro com mais força e aumentou o volume da música. Começava a se

acostumar com aquela palavra.

39- a consequência



“Eu disse que algumas pessoas se apaixonam
Pelas pessoas erradas às vezes
Alguns erros são cometidos, tá tudo bem, tudo ok
Você pode pensar que está apaixonado
Quando está apenas com dor…”
***Moral of the story,* Ashe**

Mesmo com a jaqueta jeans, Theo sentia o corpo tremer. O céu nublado e o vento frio antecediam uma tempestade prestes a desabar. O clima perfeito.

Estava sentado na balaustre do prédio da escola há mais de dez minutos, mas nenhum sinal de Amália. O estacionamento estava vazio, o café duplo com leite comprado a ela na cafeteria da esquina aos poucos perdia o calor, embora suas mãos ao redor do copo plástico continuassem suando. Não deveria fazer aquilo. Não havia pregado os olhos na noite anterior, pensando se realmente era uma péssima ideia o que estava prestes a fazer. E era.

Quando as portas duplas à sua direita se abriram novamente, Amália saiu do prédio. Ela usava outra combinação perfeita de calças largas e camiseta de banda.

— Procurando alguém? — ele perguntou ao vê-la parada, buscando algo no estacionamento.

Amália se virou ao ouvir sua voz, em seguida andou até ele.

— Você demorou. Olha o que eu comprei. — Sorrindo, ele a entregou o copo de café. — Já tá frio, mas a culpa é toda sua.

Em silêncio, ela abriu a tampa superior e olhou o líquido escuro.

— Qual o problema? Não tá um tempo muito bom pra tomar milkshake.

Theo continuou sorrindo. Amália levantou o rosto, e sem nenhuma expressão que antecedesse seu ato, atirou o café sobre ele. Mesmo sem o fervor de antes, a bebida ainda estava morna. Ele se levantou de uma vez, num rompante, enquanto ela continuava tentando atirar até a última gota do copo.

— Que porra é essa?! Você ficou louca? — ele rugiu, mas estava mais confuso do que irritado.

Puxou a camiseta grudada no peito, a pele do pescoço e parte das mãos, onde a bebida havia atingido, estava vermelha e ardente. Theo a encarou, mas não houve tempo para questioná-la. Amália parecia prestes a entrar em colapso. Ela jogou o copo no chão com uma força que ele duvidava ser fruto dela, depois se aproximou devagar.

— Presta atenção — falou com a atenção presa no fundo dos olhos dele. — Nunca mais chegue perto de mim, entendeu? Nunca mais. Some da minha vida.

Theo ficou parado quando ela fugiu para a saída do estacionamento. Levou menos de um segundo para seu cérebro processar o significado de suas palavras. Ele correu atrás dela.

— Espera! — Ele a segurou pelo braço. Amália já estava com os olhos marejados. — O que deu em você?

— O que deu em mim? *O que deu em mim?*

Ela puxou o braço de seu toque.

— Você não tem nada pra me contar, Theo?

As portas do prédio foram abertas outra vez. Theo soube que estava tudo acabado. Agnes saiu caminhando com um sorriso breve, os dentes escondidos, sem desviar a atenção dele; tudo parecia estar em câmera lenta, e para completar a desgraça, uma gota de chuva caiu no topo de sua cabeça.

Ele a seguiu até atravessar a rua e sumir na esquina. Quando voltou a olhar para Amália, seu cérebro parou de raciocinar.

— Me escuta.

— Como pôde fazer isso?! — ela explodiu. — Como teve a coragem de transar com ela? — Amália apontou para o caminho feito por Agnes. — Com ela!

— Por favor, me ouve, porra! — gritou. — Isso foi antes de você…

— Cala a boca. Tem noção de como foi humilhante vê-la jogar essa droga na minha cara? Depois de tudo… Que nojo.

Não só nas palavras, Theo também podia sentir o nojo na voz dela. E era como se sentia, nojento. Outras gotas caíram do céu, agora em maior volume, até se transformarem em uma garoa fina. Ele já não reconhecia se a água descendo pelo rosto de Amália eram lágrimas ou chuva.

— Fiz porque estava com raiva de você, mas me arrependi no segundo em que tudo acabou.

Ela franziu o cenho, negando suas palavras com a cabeça.

— Quando foi isso? Que horas? — Sua voz vacilou.

Theo avaliou primeiro. Não valia a pena mentir.

— Depois que nos beijamos.

Amália ergueu as sobrancelhas. Ele deveria agir, despejar suas verdades o mais rápido possível para ter uma chance, não costumava paralisar em situações de perigo, mas não sabia o que fazer agora. Não havia o que fazer. Continuaram olhando um ao outro conforme a chuva engrossava sob suas cabeças. Theo sentia o corte na testa repuxar sempre que um fio de cabelo era grudado na ferida.

— Então, no fim eu estava certa? — ela falou baixo. — Me beijou, e quando percebeu que não ia conseguir o que queria… procurou outra garota.

— Não, é claro que não!

Theo andou na direção dela, mas a expressão que viu em seus olhos o fez conter o passo. Ela estava decepcionada, assim como Benjamin.

— Me ouve, por favor, Amália — pediu com as mãos ligeiramente levantadas. Tentava inspirar o ar, mas junto dele vinham as gotas de água invadindo as narinas. — Isso não teve nada a ver. Te beijei porque gostava de você, porque… estava apaixonado e não sabia. O que houve entre eu e ela não foi nada. Nada.

Seu discurso não significou merda nenhuma, e ele percebeu isso quando ela começou a chorar novamente. Sem conseguir mais segurar a vontade de tocá-la, Theo avançou contra ela numa falha tentativa de abraço.

— Não encosta em mim! — Ela o empurrou para longe. — Você nunca mais vai pôr suas mãos nojentas em mim!

— Não faz isso, sou eu! — Ele tocou o peito encharcado. — Ainda sou eu, o Theo.

— Justamente. Foi *você* quem não pensou duas vezes antes de me machucar… me enganar. Te dei tudo de mim, tudo… confiei em você!

— Para de falar merda. Nunca dei motivos pra não confiar!

Sua voz foi encoberta por uma trovoada. A chuva estava grossa, não se via nada na rua além de carros com faróis acesos. Apesar das gotas entrando pelos lábios, Theo sentia a boca seca.

— Deu agora, mais do que suficientes. — Ela o despertou. — Pedi que não mentisse, te dei um milhão de oportunidades pra me contar e você escolheu mentir.

— Não contei porque sabia que ia te perder por isso! — ele esbravejou a ponto da garganta doer.

Amália riu sem humor algum.

— Me perder, Theo? Eu nunca fui sua.

Theo parou de respirar. O coração bateu mais rápido, se chocando contra as costelas até causar dor; não precisava nem tocar o peito para sentir a pulsação.

— Você foi minha.

Ela negou. Ele avançou em sua direção.

— Todos os dias… aquela noite. Você chamou meu nome.

Amália não recuou quando ele segurou seu rosto. Gotas se acumulavam entre seus cílios, nos pelos das sobrancelhas e na curva singela dos lábios que ele precisava beijar.

— Você quis ser minha, por favor. — Ele engoliu em seco. Estava cada vez mais difícil falar. — Me pediu pra ficar, te tocar… Você dormiu nos meus braços.

Theo esboçou um breve sorriso. Por um momento aquela situação de merda desapareceu e só restou o rosto molhado entre suas mãos; porém durou muito pouco. Ela o empurrou de novo, dessa vez mais agressiva.

— Foi um erro! Assim como você na minha vida, mas não vou errar duas vezes.

Ela falava sério, e ele fez a única coisa que restava.

— Me perdoa — implorou.

— Não dá. Não consigo.

— Não… Não faz isso.

Amália o ignorou e começou a seguir para o outro lado da rua.

— Tô te pedindo uma chance! — gritou com os olhos marejados. — Assim como você pediu e eu te dei!

Ela deu meia-volta.

— Te pedi uma segunda chance porque não sabia o que estava

fazendo! Porque tinha sido injusta com você, ignorante. Mas você não… Sabia muito bem o que estava fazendo. Como estava fazendo. — Fez uma pausa. — E *com quem.*

— Não tenho como voltar atrás, acredite, tentei te contar. — Ele fechou os olhos por um momento, depois os abriu. — Eu tentei. Sabe que não sou assim…

— Você acabou sendo exatamente o que pensei que seria. Minha ideia sobre você não vai mais mudar. Vai continuar sendo o Theo que mentiu, me enganava enquanto eu me doava por completo.

— Amália…

— Pra mim você será assim pra sempre, e eu vou te odiar… pra sempre.

Como se Deus tivesse fechado a torneira, a chuva diminuiu. Os pingos se tornaram quase imperceptíveis, entretanto, para ele pareciam pedras de granizo. Agora ela não chorava mais, mas Theo nem havia começado. Com os lábios trêmulos — fosse pelo frio ou pela dor — ela se aproximou.

— Não me procure mais, por favor. Nunca mais.

Amália agarrou a alça de couro em frente ao peito e foi embora. Ele não a seguiu.

40- sufocar



“Seus olhos, eles me transformam
Me transformam num fantasma
Eu caminho até a beirada da Terra
E caio
Sim, todo mundo vai embora
Quando surge a chance”
***Weird Fishes/Arpeggi,* Radiohead**

Theo não tirou os tênis úmidos quando entrou em casa, mas deixou a jaqueta encharcada no gancho da parede; gotas grossas pingavam do tecido, formando uma pequena poça no chão. Sua cabeça parecia ter sido atingida por um taco de baseball, e cada movimento elevava a dor em mais de um milhão.

Já tinha ouvido falar sobre corações partidos, estivera frente a frente com um tempos atrás, quando Amália terminou com Benjamin. Ele duvidou que a dor nos olhos do irmão de fato fosse real, e naquele momento daria tudo, literalmente tudo no universo, para voltar àquele dia e dizer que a entendia. E ela era avassaladora, indestrutível, congelante como as roupas coladas em seu corpo.

Amália Walsh era o grande desatino dos Anderson.

“Vou te odiar pra sempre”. Theo vislumbrou o sorriso de Amália como se estivesse diante de uma tela plana gigante, como as de cinema. Não queria vê-lo, por isso fechou os olhos; só que já era tarde. Ela gargalhava

feliz, nua, enquanto ele, com os dedos, contava as estrias em seu quadril. Ouvia a risada dela tão nítida que poderia jurar que ela estava ali, mas era apenas uma ilusão.

Ele avançou sem rumo pelo corredor, nem ao menos parecia conhecer a própria casa. Por que tudo doía?

— Ah, ótimo!

Theo parou no meio da sala. Vanessa estava próxima à porta de correr, ajoelhada no chão diante de uma dezena de papéis. Seus olhos pegavam fogo.

— Você está aí. — Ela se levantou. — Vem aqui, por favor — ordenou, sinalizando com a mão.

Ele se arrastou até ela, e sem paciência alguma para esperá-lo, Vanessa agarrou seu braço e o puxou até o monte de papéis. A mesa de canto em frente à porta estava encharcada, ao redor dela, folhas e mais folhas com letras infantis se desfaziam na poça de água formada no chão.

— Sabe o que é isso? — ela perguntou. — Sabe, Theo?!

— São… — Sua voz não saiu mais. Estava totalmente confuso.

— Isso são os trabalhos que as crianças ficaram dias… *dias,* fazendo e que valem quase 100% da nota final. E sabe por que eles estão desse jeito? — Ela fez uma pausa. Theo não respondeu. — Porque você, pela milésima vez, não trancou a porcaria das portas! O vento bateu — Vanessa apontou para as portas duplas que davam ao jardim — e levou tudo, e com a chuva…

Ela parou de falar, levando as mãos aos cabelos lisos. Theo sabia como era aquela sensação. Seu peito se encheu de angústia vendo-a daquela maneira: indignada, frustrada, enraivecida ao extremo. Uma cópia de Amália.

— O que vou fazer agora? — Ela chamou sua atenção. — Me diz! Você que sempre tem uma resposta para tudo na ponta da língua!

— Não sei. — Seus olhos tornaram-se pesados. A verdade é que ele nunca soube muito bem o que fazer. — Desculpa.

— Desculpa? Sai da minha frente, por favor.

Vanessa se virou de costas, de olho no estrago causado. Mais um. Em toda sua vida, Theo nunca se preocupou com o que insistiam em pensar sobre ele. Um egoísta. Sua conduta não era das piores, mas também não tinha um caminho direto para o céu; porém, agora ele percebia que era tudo uma mentira. Ele sempre se importou, com todas as suas forças. Se importava com a decepção de Benjamin, a raiva de Amália e Vanessa e todos os outros ao

seu redor. Não havia sensação pior no mundo do que ser odiado pelas pessoas que amava.

Theo deu os poucos passos até Vanessa, que se virou para ele. Trocaram olhares por uma fração de segundos antes dele avançar contra ela e abraçá-la. Seus músculos perderam a força conforme o perfume dela o invadia, junto ao calor do corpo queimando suas roupas molhadas.

— Theo? O que…

— Não fala nada, só me perdoa — disparou, apertando-a mais forte. — Por favor, por favor… sinto muito…

— Eu te desculpo, calma. — Vanessa retribuiu o abraço, uma mão alisou o tecido molhado em suas costas, a outra, seus cabelos. — Calma, está tudo bem…

— Não tá tudo bem! — Ele afastou o rosto, expondo à madrasta as lágrimas na pele. — Para de falar que tá tudo bem, nunca esteve… nunca! Sempre estrago tudo.

Ela colocou as mãos em seu rosto, tentando enxugar as lágrimas com os polegares.

— O que houve?

Theo não se sentia capaz de responder, por isso apenas a abraçou novamente, sentindo todo o estresse deixá-la para dar lugar ao amor que o acalentava. Vanessa intensificou o toque, sussurrando palavras em seu ouvido. Ele não se importava se parecia emocionalmente desequilibrado, louco, insano, só queria sentir — pelo menos um pouco — que não era tão ruim.

— Ela me odeia — balbuciou. — Não queria ser tão ruim, pra nenhum de vocês, eu estraguei tudo…

— Ok, senta aqui.

Theo desabou no sofá, Vanessa correu para a cozinha em busca de um copo de água com cinquenta gotas de calmante, ou talvez o frasco inteiro. Com a cabeça tombada para trás e os olhos no lustre do teto, ele tentou controlar a respiração — sempre, 4, 2, 6, 2. Pareceu dar certo dessa vez.

Ela voltou com a água, mas ele teve dificuldade em digeri-la.

— O que houve? — perguntou, sentada ao seu lado.

— Eu não… — Ele inspirou. — Desculpa por aquilo.

— Shh, tudo bem. Eles tiveram péssimas notas mesmo.

Theo assentiu, mesmo sabendo que era apenas para tranquilizá-lo.

Bebeu o resto da água e deixou o copo no chão. Suas mãos tremiam.

— Quem te odeia? — ela instigou. — Amália?

Ele sorriu ao ouvir seu nome, mas o sentimento não durou.

— Me conta, por favor.

Vanessa ouviu calada aos seus desabafos. Theo manteve os olhos fixos no chão o tempo todo, não desviando-os nem quando a chuva voltou a cair lá fora e o vento trouxe frio ao seu corpo úmido. Quando não tinha mais nada a ser dito, o silêncio pairou por alguns minutos.

— Você gostava dela? — Vanessa chamou a atenção dele para seu rosto.

— Do que adianta eu dizer? — retrucou. — Já não tirou suas próprias conclusões?

— Exatamente, tirei as minhas conclusões. — Ela chegou mais perto, pousando a mão em seu ombro gelado. — Não vou negar, quando soube não gostei nada. Seu pai acha…

— Sei o que ele acha. Deixou bem claro na última vez em que nos falamos.

Vanessa aumentou as carícias. Embora aconchegante, o toque parecia estranho.

— E o que *você* acha? — ela perguntou.

Theo analisou o semblante dela e percebeu que realmente estava disposta a ouvi-lo. Mas o que diria? Amália já não existia na sua vida. Ao lembrar de suas palavras e da decepção estampada no rosto, lágrimas voltaram a encher seus olhos.

— Não adianta mais. — Ergueu a voz. — Joguei no lixo outra oportunidade, como meu pai disse. Caguei em todo mundo que ainda acreditava em mim!

— Todo mundo, não.

Ele riu.

— Não, foi literalmente todo mundo. Benjamin, Amália, meu pai, o Henry. — Levantou as sobrancelhas. — Você.

— Não me inclua nessa lista. — Ela encolheu os ombros. — Nem mesmo o Phil.

— Ah, não? Jura? Agi como um inconsequente e mesmo assim você continua aqui, do meu lado. Você me odeia?

— Theo… — Ela apoiou o queixo em seu ombro. — Estou bem

longe de se quer não gostar de você.

Não houve resposta. Àquela altura ele já tinha estalado todos os dedos das mãos.

— O que fez não me afetou, achei no máximo… injusto. Disse que não vai me decepcionar, sejam quais forem suas escolhas.

— Tô perdendo tudo, Vanessa. Tudo. Um a um.

— Nós ainda estamos aqui.

— Até quando? Quanto tempo mais vai demorar pra perceberem que sou um merda?!

Vanessa encolheu uma perna sobre o sofá, virando o corpo para ele, que fez o mesmo. Ela segurou seu rosto. Acariciou o hematoma em sua bochecha e afastou uma mecha de cabelo caída sobre o corte na testa, singela em cada mísero movimento. Aquilo era bom, mas Theo pôde perceber o quão atormentada ela se encontrava.

— Talvez você não saiba, mas quero que tenha consciência do quanto é especial para mim. Agradeço ao seu pai, internamente, todos os dias por ter me dado vocês, seu irmão... Posso não ser sua mãe, mas não acho errado te amar como uma.

Ele não soube o que responder. Quis chorar, mas percebeu que já o fazia. Parecia estar inerte.

— Não sei o que fazer… eu não… — Prendeu o lábio trêmulo entre os dentes. — Só não aguento mais fingir que tá tudo bem.

— Não precisa fingir, nunca precisou.

Com um sorriso triste no rosto, Vanessa respondeu a pergunta que seus olhos castanhos e atormentados faziam. Era o que ele precisava para descansar em seu ombro pelo tempo que fosse necessário, mas o alívio que esperava sentir não aconteceu.

Sem saber por que, Theo apenas sufocava mais.

41- volta para casa



“E eu segui em frente mais do que pensei que conseguiria
Mas eu senti sua falta mais do que pensei que sentiria”
***I Found,* Amber Run**

Phil quase desabou ali mesmo, no elevador.

Sentia que havia corrido uma maratona, passado horas na academia como costumava fazer meses atrás, antes de ser cutucado pela hérnia de disco. Quase voou no caminho de volta para o quarto, e quando se viu sozinho com a cama de lençóis super caros, o cansaço venceu. Durante as cinco horas em que conversou sobre assuntos que agora não se achava mais tão competente para ministrar, aquele hotel era a única coisa que realmente estava em seus pensamentos.

Após divagar sobre o colchão, colocou o celular no carregador e tomou um banho quente. Tinha falta do chuveiro de casa, da cozinha de casa, das pessoas que residiam nela. Não havia falado com Theo desde sua viagem, seis dias atrás; em todas as ligações, no entanto, Vanessa afirmava que ele estava bem.

Phil sabia que todos os limites tinham sido ultrapassados naquela briga.

Na mesma noite antes de partir, ele foi ao quarto de Theo. O garoto dormia embolado nos lençóis, sereno e calmo, muito diferente da tempestade que marcava seus olhos sempre quando estava acordado. Pensou em despertá-lo, mas achou melhor apenas sentar nos pés da cama e observar suas feições que ele não esqueceria nem se passasse cem anos sem vê-las. Queria se desculpar, pedir perdão… tanta coisa. No fim, apenas deixou um beijo em sua cabeça e saiu.

Usou o telefone do hotel para pedir o jantar no quarto, provavelmente uma comida que Theo faria muito melhor. Estava sem paciência nenhuma para mais encontros. Quando pegou o celular de novo e o ligou, ainda no carregador, seu corpo inteiro gelou. Cinco ligações perdidas de Vanessa.

Sentado na beira da cama, ele desconectou o aparelho do fio e discou seu número. Apenas dois toques foram suficientes para a voz dela surgir.

— Por que me ligou? — Ele se apressou. — O celular estava descarregado, está tudo bem?

— *Não, está tudo péssimo. Na verdade, não poderia ser pior.*

Phil sentiu a pressão baixar. Seu tom de voz era o mesmo de Mike, quando ligou para o amigo avisando que Benjamin estava sendo levado ao hospital. Ele se colocou de pé.

— O que aconteceu?

Vanessa fungou do outro lado da linha, como se tivesse chorado há pouco tempo. Foi um acidente? Um tombo da escada e uma perna quebrada? Uma overdose acidental?

— Vanessa?! — rugiu. — O Theo…

— *Fica calmo, tá tudo bem. Quer dizer…*

— Quer dizer o que?

Ele caminhou pelo quarto ouvindo os detalhes da cena de horrores. Era difícil imaginá-lo daquela maneira. Theo sempre se mantinha firme até o último segundo, talvez desabasse quando ninguém estava olhando? Com certeza, mas só assim: quando ninguém estava olhando. A única vez que o garoto recaiu daquela forma foi na morte de Benjamin. A imagem trouxe um frio na espinha.

— Eu tinha certeza que isso ia acontecer. Essa história toda só poderia dar nisso. — Ele contornou a nuca tensionada com a mão. — Que droga…

— *Tem mais* — ela revelou. — *Soube pela Lauren que ele não está indo à terapia. Provavelmente não tem se consultado com o médico também.*

Aquilo o fez conter o passo.

— O que? Ele não… — Phil respirou fundo. O que mais Vanessa sabia? — Você está me escondendo mais alguma coisa?

Ela custou a responder.

— *Devia ter contato, só não quis preocupá-lo à toa. Ele já estava bem…*

— Contar o que?! — Ergueu a voz. Sua mão firme estava prestes a quebrar o aparelho.

— *Ele passou a noite fora uns dias atrás. Até aí tudo bem, mas tínhamos combinado de ir ao cinema e ele só sumiu, sem aviso algum. Apareceu no dia seguinte todo machucado.*

Phil foi obrigado a sentar na cama para não cair. Sua respiração começava a pesar.

— *Sei que devia ter contato, mas não quis atrapalhar…*

— Atrapalhar? — Levantou outra vez. — Viajei contando que você me deixaria a par de tudo, porra!

Ele se arrependeu do palavrão no momento em que o disse. Não podia culpar Vanessa por estar com medo. Estava a mais de 4 mil quilômetros de sua família, inútil. Ouvia a respiração dela próxima ao celular, oscilante, ela sofria. Theo sofria.

— Me perdoa — pediu. — Onde ele está agora?

— *No quarto.*

Phil passou a mão nos cabelos curtos, depois coçou a barba por fazer. Apesar dos eventos, havia se descuidado nos últimos dias, estava exausto demais.

— *Phil* — ela chamou, enfadonha a cada letra. — *Você precisa voltar.*

Ele sorriu, era tudo o que mais queria.

— Não sei se ele me quer aí.

Vanessa começou a chorar, seu coração doeu no mesmo instante.

— Por favor, me escuta…

— *Não, me escuta você! Não te pediria isso se não fosse sério, nós não estamos bem, e ele precisa do pai. Vocês brigaram, podem até se odiar mas ainda são uma família.*

Família.

Durante metade da sua vida, Phil nunca teve uma família de verdade. Seu pai o abandonou, sua mãe sofreu um infarto quando ele tinha 21 anos, pouco antes de conhecer seu primeiro neto precoce. Hannah construiu-lhes uma vida falsa, mas quando ela foi embora e tempos depois Vanessa chegou, parecia que tudo estava finalmente no lugar, junto dos seus meninos; embora uma peça valiosa tenha sido perdida, ainda havia o resquício, a memória do que foram um dia, e era por isso que ele lutaria.

Andou até a janela do quarto, de onde tinha uma visão ampla do *hall* de entrada e, mais a frente, o restaurante do hotel. Os médicos e palestrantes já se reuniam ao redor das mesas; graças ao sucesso de sua carreira, seu nome era de extrema importância entre os convidados. Abandonar o encontro agora seria, no mínimo, desrespeitoso.

— Fique de olho nele. Pegarei o próximo vôo.



Theo implorou a Lauren para deixá-lo fumar, mas não adiantou, por isso ele manteve o cigarro apagado entre os dedos. A toxicidade dos mais de 4 mil componentes químicos nunca foi tão necessária.

— Nenhuma ligação, mensagem ou outra coisa? — Lauren perguntou.

Ele negou com a cabeça e afundou mais o corpo na poltrona revestida de couro. A psicóloga anotou algo no papel que tinha sobre o colo, depois voltou a olhá-lo.

— Você não tentou alguma coisa?

— Ela pediu que eu não a procurasse nunca mais. Depois de tanto sofrimento, pensei que poderia pelo menos atender a esse pedido de merda.

— Como está quanto a isso?

— Não poderia tá melhor, não tá vendo? — Ele apontou para sua tentativa de sorriso. — Vou superar. Não tem nada que eu não consiga fazer.

Mentira. Aquilo doía como nunca.

Theo deixou escapar uma risada, amassando o cigarro com os polegares. A sala estava silenciosa, ao mesmo tempo era preenchida por uma presença pesada como num clima pré-enterro, cheirando à morte. Lauren não batucava a caneta na prancheta, dando lugar para que o único som possível fosse a buzina dos carros ao longe.

— Não é esquisito? — ele perguntou com o olhar preso no vaso de flor na parede.

— O que é esquisito?

— Esse karma fodido, talvez exista mesmo. — Ele a fitou, sorrateiro. — Quando ela terminou com o Ben, falei assim: “vai correr atrás dela como um cachorrinho? Seja homem”.

Ele fez um rasgo no papel fino, alcançando o conteúdo dentro do

cigarro.

— Agora tô aqui, cagado. Teria calado a boca se soubesse o que ia acontecer. Teria feito muita coisa diferente.

Lauren não respondeu. Os minutos seguintes se arrastaram preguiçosos. Ele varreu a sala com o olhar apático, cansado. Sentia, mesmo sem vê-las, as bolsas abaixo dos olhos mais fundas, as noites passadas tinham sido as piores. Era como no começo do tratamento: sozinho, exausto e com comportamentos destrutivos viciantes.

Os novos círculos queimados na palma da mão eram prova disso.

— Amália não mudou nada — ele falou de repente, atento ao rosto de Lauren. — Ela anestesiou. O tempo que passamos juntos foi bom, me fez esquecer que eu estava na beira, mas não mudou nada. Me sentia numa fantasia. Pensei que estava melhorando, mas só estava entorpecido.

— Theo, o que venho percebendo há algum tempo, é que você está emocionalmente dependente das pessoas. Da Amália, seu pai… Pode ser feliz sem eles.

— E se eu não quiser?

Ela colocou a prancheta na mesa de centro.

— Não tem problema nenhum em querer ser feliz com eles, o que não pode, é basear a sua felicidade nisso — explicou, calma e paciente. — Precisa filtrar seus sentimentos, assim você vai ser feliz, e principalmente, fazê-los felizes também.

— Isso seria muito bom. — Ele deu um sorriso triste, encolhendo os ombros. — Sabe, o problema não foi perdê-los, mas sim saber o quanto fui ruim pra cada um deles. Amália, eu a machuquei muito. Vanessa… até meu pai. Talvez ele faça o que faz porque também o machuco.

Mais uma vez, Lauren não disse nada. Era como se, nesses momentos em silêncio, fizesse mais por ele do que se falasse algo; ela sabia que ele precisava dessa conversa interna. Desanimado, Theo olhou para a prateleira acima da mesa da psicóloga, onde um porta-retrato mostrava uma foto antiga. Uma criança loira sorria com o rosto sujo de sorvete, abraçada à uma mulher na casa dos trinta. Sabendo bem o porquê, a fotografia doeu na alma.

— O que mais aconteceu nos últimos dias? Pode me contar? — ela perguntou.

— Você conheceu sua mãe?

— Eu conheço minha mãe — Lauren sorriu. — Ela tem setenta anos e

mora comigo.

— E como é? Sabe… — Deixou a frase no ar.

— Nada diferente do que você vive com seu pai. Tenho certeza que ele te ama muito.

Mais silêncio. Theo jogou o cigarro destruído no lixo, derrubando algumas lascas de tabaco no chão.

— Não se sente amado?

— É uma coisa muito subjetiva. Pensava que ele me amava quando me permitia tomar as decisões da minha vida sem interferir, até as erradas, mas não. Só era mais fácil pra ele.

— Preferia que ele te ouvisse?

— Foi assim que me criou, éramos uma família. Nos xingávamos, nos odiávamos, mas no fim, só uma família comum. Hoje é… sei lá. Mas eu não o culpo.

Com o polegar, Theo pressionou a gaze fina sobre o corte na palma da mão. Apreciou a dor antes de começar a estalar os dedos um a um, devagar. Sabia que Lauren o observava, porém não se importava. O cabelo bagunçado, rosto abatido, atenção distante e confusa. Se ela pudesse ler seus pensamentos, ele sairia de lá direto para o hospital psiquiátrico, longe de qualquer objeto cortante.

Quando a sessão acabou, ao invés de acompanhá-lo até a porta — como era de costume — ela o interceptou antes mesmo de dar o primeiro passo para longe da poltrona.

— Voltou a se consultar? Como está a medicação?

— Ótima. Ele me deu outro frasco — contou num sussurro.

— Se tiver alguma dificuldade em lembrar, qualquer coisa, entregue o remédio para alguém. Para a Vanessa, de preferência.

Ele sorriu. *Alguém que estivesse sempre em casa.*

— Esteja aqui na próxima sessão. — Ela cruzou os braços.

— Vou tentar.

— Quero vê-lo conseguir.

Theo reconheceu as rugas nos cantos dos olhos dela, mas naquele dia havia algo além. Lauren parecia tensa, temendo cada passo de seu paciente. Estava preocupada. Ele acenou com a cabeça e saiu.

Dirigiu devagar, e a cada metro rodado o caminho parecia ficar mais longo. Vanessa se ofereceu para acompanhá-lo na consulta, talvez temesse

que, como o próprio pensava, a moto deslizasse para baixo de um caminhão. Não seria dessa vez. Ao chegar em casa e finalmente bater a porta, deu um demorado suspiro de alívio. A barulheira das ruas estava hostil, mas o silêncio foi breve.

Um burburinho tenso e cochichado vinha da sala. A voz mais alta era de Vanessa. Quem estaria ali? Talvez, Amália? Ele se afastou da porta pronto para seguir até o cômodo, porém, congelou diante da figura que surgiu em sua frente.

— Pai? — indagou.

Phil usava uma camisa social esgarçada, as mangas compridas acima dos cotovelos e botões superiores abertos, lotada de vincos. Seu emocional parecia tão aflito quanto sua aparência. Theo permaneceu no lugar conforme ele avançava até parar a menos de um metro de distância. Calado, Phil segurou o rosto do filho com as mãos e conferiu os machucados ainda em processo de cicatrização.

— Quem fez isso com você? — perguntou.

— Não importa.

— Importa, quem…

— Não importa — cortou. — Já aconteceu.

Ele arfou, afastando as mãos. Theo desviou o olhar para as malas próximas ao sofá, de onde Vanessa os assistia, depois voltou a observá-lo. Estava cinco dias adiantado.

— Por que tá aqui? Hoje… essa hora. — Franziu o cenho. — Não era pra voltar agora.

— Voltei por sua causa, Theo. Porque você precisa de mim.

Phil chegou mais perto.

— Não podia ficar lá sabendo que você não estava bem. Eu sei… — Ele parou de falar, pensando sobre algo. — Não importa. Estou aqui agora.

De primeira, Theo duvidou do que estava acontecendo. Era apenas um sonho, ele ainda estava a mais de 4 mil quilômetros de distância. Entretanto, era forte demais. Ele foi puxado para um abraço apertado, sentindo o calor do pai invadi-lo e aquecer o coração que se mantivera frio até aquele momento.

Com os pelos da barba roçando sua bochecha, foi como se o peso exaustivo deixasse suas costas libertas outra vez.

42 - resquícios



“Amor da minha vida, não me deixe
Você roubou meu amor
E agora me abandona
Amor da minha vida, você não entende?
Devolva-me, devolva-me
Não tire isso de mim…”
***Love Of My Life,* Queen**

— Isso não vai prejudicá-la?

— Sou a melhor aluna da sala, nem se eu quisesse os professores deixariam de me paparicar.

Susan levantou as sobrancelhas, desconfiada e paranoica como era de costume.

— Por que acho que você está mentindo para mim?

— Argh, mãe, por favor! — Amália puxou o cobertor até o pescoço. — Não mereço um dia de folga, senhora Walsh?

— Só não estou gostando de te ver tão murchinha nesses últimos dias. — Ela franziu o cenho atrás dos óculos de grau. — Está tudo bem mesmo?

— Já disse um milhão de vezes. Pode me deixar sozinha?

— Sei… De qualquer forma, desça para comer daqui a pouco.

Amália assentiu antes da mãe se levantar da cama e deixar o quarto, fechando a porta com um estalo. Assim que se viu sozinha, a vontade de chorar retornou.

Os cantos dos olhos, por onde as lágrimas escorriam, estavam ardidos e sensíveis, fruto do atrito constante quando as enxugava; era idiotice, então

parou de lutar e as deixou correrem livres. Ela se odiava de todas as maneiras, se comparando às mocinhas patéticas dos filmes adolescentes, porém a verdade era só uma: Amália sofria por Theo.

Pensava na risada dele — que se iniciava fraca até explodir em gargalhadas gostosas —, o carinho feito na base dos seus cabelos, o abdômen… Ela se lembrava de como seus dedos o percorreram, do pescoço ao umbigo, enquanto ele dormia. A pele branca, lisa e quente pela qual estava apaixonada. Sim, apaixonada. Perdidamente, louca, incondicional, como nunca estivera por ninguém. Nem por Benjamin.

Naquela noite Amália desejou que Theo ficasse perto, o máximo possível. O mais dentro possível. E agora o queria longe, nada além de quilômetros de distância. Ela prometeu que estaria lá para a dor dele… mas e a *sua* dor?

Já com o travesseiro molhado, ela se sentou na cama e usou a manga áspera do moletom para enxugar as bochechas úmidas. Foi até o banheiro do quarto onde, de frente para o espelho na parede, contemplou o próprio reflexo. Olhos inchados, maquiagem por tirar. Estava acabada. Poderia continuar com a autopunição por horas se não encontrasse o objeto sobre a pia, algo muito pior.

Perdido entre as embalagens de cremes corporais, a corrente prateada de Theo sumia no mármore branco, o som metálico dos pingentes suspensos no ar foi mais doloroso do que esperava. Analisou-a por um tempo, acreditando que ele deveria tê-la esquecido depois do banho, minutos antes de irem para a cama. A sensação inebriante ao ser preenchida, centímetro a centímetro, ainda estava viva em seu corpo. Do mesmo jeito que ele fez com Agnes e todas as outras.

Naquela noite Amália o desejava, Theo apenas *transava.*

Ela chorou novamente, dessa vez com raiva. Estava furiosa, machucada, enganada. Ainda com o colar em mãos, voltou ao quarto onde a tela recém-pintada descansava sobre o cavalete e tirou o lençol que a cobria. Efeito Borboleta era perfeita, a mesclagem de cores, texturas e profundidade, o desenho, então, impecável. Ele era de fato um artista, mas não a merecia.

Amália abriu o óleo de linhaça e o despejou na obra até a última gota, e logo a tinta molhada começou a escorrer, lenta e pegajosa. Para terminar com tudo, passou o pincel velho na pintura tão desordenada quanto uma criança que faz um desenho pela primeira vez na vida. Em poucos segundos

não restou nada além de um borrão.

Sentou-se no chão, aos pés da cama, segurando o colar tal qual uma jóia preciosa. Ela se deixou abalar pelo tempo necessário para o peito flutuar, mais leve.

— Por que você tinha que fazer isso, seu imbecil?

Mais imagens de Theo tomaram sua mente, uma pior que a outra. Ela desejou não vê-lo nunca mais, nem nas memórias, nem em carne e osso. Para Amália, Theo estava morto.



— Sinto muito.

— Não sente, não. Não precisa fingir que tá triste.

Theo bebeu outro gole da cerveja sem álcool que Phil havia comprado no caminho do aeroporto até em casa. O fardo, antes com seis garrafas, agora só possuía três. Não dava para saber qual dos dois tinha bebido mais. Estavam sentados lado a lado no chão, as costas na parede, abaixo das amplas janelas do quarto de Theo como dois amigos íntimos.

No passado, quando ainda mereciam sua confiança, Phil permitia que os filhos bebessem bem debaixo dos próprios olhos. Ele comprava cerveja e bebiam todos juntos à margem da piscina que também deixaram para trás, em Sea Cliff, sob o sol quente. Talvez fosse uma forma de evitar que enchessem a cara na rua, mas foi só um incentivo.

— Uma coisa não anula a outra. Não apoiava a relação de vocês, mas não queria vê-lo assim. — Ele esticou as pernas no chão. — Por Deus, nunca quis te ver sofrendo.

— Não vai dizer “eu avisei que não daria certo, devia ter me escutado”?

— Não vou dizer.

Por mais incrível que parecesse, não havia nenhuma tensão entre eles, os problemas do último ano desapareceram como uma fagulha em um gramado úmido.

Phil soltou uma risada seca, girando a garrafa na mão.

— Agora me explica: o que essa menina tem de tão especial pra deixar meus dois filhos babando feito idiotas?

Theo gargalhou, embora não achasse nada realmente engraçado. Não

tinha muita vontade de sorrir.

— Tudo, só isso. Cada parte dela que não consigo tirar da cabeça.

Ele deixou a garrafa vazia junto à parede e sinalizou para o pai lhe passar outra. Com certeza ele tinha bebido mais.

— E o Henry? O que achou disso? — Phil apontou para o rosto de Theo, desviando do assunto triste.

— Me deu uma semana de folga. Pelo andar das coisas, não sei… acho que em breve pego umas férias permanentes.

A ideia de deixar o Saliere era amarga, algo que não conseguia só ignorar.

— Então quer dizer…

— Sim, adeus ao estágio.

Levaram as garrafas à boca ao mesmo tempo, mas enquanto o homem fechava os olhos, ele os manteve abertos, fixos na porta fechada. Sentia que Benjamin passaria por ela a qualquer minuto, o momento era de tamanha paz que parecia um ultraje não tê-lo por perto. Mas não tinham, e isso doía muito.

— Desculpa. — Ele virou o rosto para o pai. — Não sei porque, ou sei lá… Não sei o que você espera ouvir de mim.

— Então por que não dizemos o que gostaríamos de ouvir um do outro?

Ele sorriu com aquela ideia. Trouxe as pernas para junto do corpo e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Ok. — Theo bebeu outro gole gelado. — Me desculpa por ter matado sua cachorra.

Ele inspirou fundo. Parecia tão arrependido quanto o filho, por tê-la deixado definhar.

— Você não é um pai tão ruim — Phil tentou.

— Vou estar mais presente.

— Eu… vou usar uma roupa que não seja preta.

Theo deu uma cotovelada em sua costela, ambos sorridentes. A vontade de citar o depósito na conta de Hannah era tentadora, entretanto, não ousaria destruir o que tinham ali. Phil acabou a cerveja, mas não pegou outra, ficando em silêncio por um tempo.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu com o seu irmão. — Eles se encararam. — De verdade. Sinto muito pela sua mãe tê-los abandonado. É só… você era tão feliz, Theo. Sorria por sorrir, brincava… Você herdou as

partes mais indomáveis da Hannah.

Ele conteve a vontade de chorar, sem saber se o pior era a dor nas palavras do pai ou no próprio peito. Aquela felicidade à qual se referiam parecia nunca ter existido. Bebeu o resto da cerveja, dessa vez, não passou outra.

— Em nenhum momento da minha vida fui o herói de alguém — começou, distante. — Muito pelo contrário, fui o vilão da Amália, do Ben. Eu os decepcionei.

Phil chamou sua atenção quando virou o corpo alguns centímetros em sua direção. Daquela maneira, Theo tinha uma visão completa do rosto aflito dele, o azul dos seus olhos era um típico céu de tempestade: escuro e carregado.

— Você não é o vilão, mas sempre vai pensar assim porque não tem como sair dessa perspectiva. Nunca temos como ver todos os lados da história.

Seu silêncio o pedia para continuar.

— Não somos pessoas ruins, somos pessoas boas que tomaram decisões ruins julgando serem as certas. Parece a melhor coisa no momento e não temos ideia do caminho que ela vai nos levar. — Ele parou, oscilante nos pensamentos. — Mentimos e escondemos coisas porque amamos demais, mas precisamos arcar com as consequências no fim. Não parece justo, mas é.

Cansado, Theo observou o rótulo da garrafa de cerveja. O papel aos poucos se desfazia no vidro úmido.

— Por que tá me dizendo isso?

— Porque nossas decisões acarretam coisas horríveis. Aconteceu comigo, aconteceu com a Hannah quando decidiu ir embora, e é assim com você. O que fez com a Amália, com o Ben… seja lá o que for. Não importa. Você não é uma pessoa ruim.

Sua visão embaçou conforme os olhos enchiam de lágrimas, e apesar da dificuldade, pôde perceber que o mesmo acontecia com Phil.

— Não quero mais tomar decisões. Não quero mais sentir falta das pessoas, eu… — Theo respirou fundo. — É muito difícil não saber pra onde a minha vida vai. Sentir isso, sentir amor… dói demais.

Ele segurou a mão do filho.

— Vai aguentar. Vai porque estou com você, entendeu? Sei o quanto fiquei ausente, mas estou aqui agora e é só isso que importa.

— Eu tô *muito* cansado, pai — afirmou.

— Ainda temos tempo.

Theo foi trazido para seus braços. Era como se Phil, abraçando-o daquela forma, fizesse o significado de sua frase desaparecer. Ficaram juntos por um tempo apenas com o barulho longínquo da rua lá fora, nem Vanessa se fazia presente no resto da casa. O mundo inteiro parecia ter parado apenas para aquela conversa.

Com novas garrafas de cerveja nas mãos, Phil propôs um brinde ao recomeço. Ele brindou, Theo não.

43 - estrada de tijolos amarelos



“Eu sei que vou definhar
Então descasque a casca
Porque nada
Cresce quando está escuro
Apesar de todos os meus medos
Eu posso ver tudo tão claramente…”
***Crystals,* Of Monsters And Man**

Theo vestiu camiseta e jeans pretos e calçou o mesmo All Star de sempre, o círculo de plástico ao lado, onde meses atrás se lia *Chuck Taylor* continha a marca da mordida de Mary Austin. Ela nunca foi uma dama.

Parou no banheiro para olhar seu reflexo no espelho. Era extremamente bonito, disso tinha certeza. Rosto simétrico, mandíbula marcada, lábios desenhados; mesmo coberto por machucados, nada mudava. Havia tirado vantagem suficiente de sua aparência. Ele abriu o armário e pegou a pequena caixinha de lâminas de barbear. Não quis abri-la, mas não a colocou de volta, a guardou no bolso da jaqueta de couro.

Caminhou até as janelas panorâmicas, de olho na névoa cobrindo a cidade, e discou o número que já sabia de cor. Linda atendeu no primeiro toque.

— *Bebê! E aí…* — Algum objeto de vidro se espatifou no chão. — *Ops, droga… O que foi?*

— Nada, só pensei… sei lá, da gente se ver agora.

— *Agora não dá bebê, tô arrumando meus documentos. Preciso terminar isso até o meio-dia antes de entrarmos no mercúrio retrógrado, ou*

pode dar um azar do cacete! Passa aqui depois.

Theo esboçou um curto sorriso, enfiando a mão livre no bolso da calça. Linda era tão especial quanto o movimento dos astros.

— Tá, claro. Não quero te atrapalhar. Eu te amo muito.

— *Ai, deuses, também te amo, gostoso*.

A linha ficou muda, e ele, vazio. No meio de tantos amigos, quem mais era especial o bastante? Nenhum deles, só pessoas sem importância. Então seria assim.

Apagou as luzes, deixou as chaves da moto sobre a cama arrumada e saiu do quarto. Era uma linda manhã de sexta-feira.

Já nas escadas ele ouviu a risada de Vanessa, junto à voz de Phil. Andou até o jardim lateral e parou debaixo das amplas portas de correr. Ela estava sentada na cadeira suspensa de crochê, balançando com os pés no chão conforme gargalhava — gargalhava muito — do marido, atento sobre um amontoado de pedaços de metal.

— O que tá acontecendo aqui?

— Adivinha — Vanessa brincou. — Seu pai quebrou a churrasqueira e agora não sabe consertar.

Phil abriu os braços, segurando uma chapa na mão.

— Eu sei operar um cérebro, não é suficiente? — Ele se virou para Theo. — Hoje vamos ter a noite do churrasco. Lembra?

Theo franziu os lábios. *Aquela noite que foi sempre um desastre?*

— Você sempre deixa as carnes torrarem — ele lembrou. — Por que acha que vai dar certo agora?

— Porque o Mike vai vir aqui mais tarde me ajudar — revelou, envergonhado.

Ele esboçou um sorriso fraco acerca daquela opção.

Tinha um interesse genuíno na atividade, mas um peso estranho no peito insistia em dizer que não ia acontecer. Parado em silêncio, ele os observou nos mínimos detalhes; em um certo momento, começaram a conversar sobre assuntos banais. Phil tinha tirado a barba, folgado dentro de uma camiseta cinza e calça de moletom, diferente do dia anterior, parecia cinco anos mais jovem. Seus olhos azuis contrastavam com a pele branca, e era como se Theo estivesse diante de uma versão futura de Benjamin. Vanessa se movimentava com graciosidade, os cabelos escuros presos no alto da cabeça, linda como sempre.

— Pai — ele chamou, caminhando até ele.

Phil tirou os olhos dos materiais.

— Desculpa não ter ido na minha formatura. Seu sonho sempre foi ver seus filhos se formando, e cacete, eu te privei disso.

— Não tenho motivos para perdoá-lo, você não fez nada. — Ele limpou a sujeira das mãos num guardanapo, dando de ombros. — Sou um pai babão, no mínimo.

— É, mas eu te dei muita dor de cabeça.

Theo olhou para Vanessa, ela olhou para Phil, que voltou a olhar para o filho. Eles menearam a cabeça, em tom de ironia, e todos gargalharam até a bochecha doer. Não eram nada modestos. Ao fim das risadas, voltaram aos afazeres de antes, cobertos por um silêncio tranquilo.

Ele limpou a garganta.

— Eu preciso de um carro.

Seus pais o encararam.

— A moto tá zoada — mentiu, engolindo em seco. — O freio tá falhando muito.

— Então leva para o conserto! — Vanessa se levantou. — Freio é algo que deve estar no ponto o tempo todo, é perigoso demais.

— Ela tem razão. Usa o meu. — Phil pegou as chaves do carro sobre a mesa do jardim e jogou para ele.

Theo as pegou no ar com apenas uma mão. O metal parecia pesado, ou ele estava sensível demais, não dava para saber.

— Nos vemos mais tarde? — A voz do pai o despertou.

Ele demorou para responder. Alternou o olhar entre ele e Vanessa, tão serenos e em paz.

— Amo vocês.

— Nós também te amamos, até demais — Vanessa comentou, sorrindo distraída.

Não deu tempo para as lágrimas chegarem. Quis correr até eles, abraçá-los e contar tudo, pedir que o protegessem dos demônios, de si mesmo. Mas não fez.



Demorou mais para chegar à Broadmoor do que gostaria. Dirigiu o

mais lento possível na esperança do caminho se tornar mais longo e, em consequência, ter a chance de tirar aquela sensação do corpo. Mas quando chegou ela ainda estava lá.

Já estava estacionado em frente ao prédio há quinze minutos, bebendo vodca no cantil roubado do armário do pai. Ele rezou para ser abordado pela polícia. De olhos fechados, a cabeça apoiada no banco de couro, acompanhou a voz de Elton John pelo rádio do carro; *“Esse rapaz é jovem demais para estar cantando tristeza*s". De fato.

Exatos um ano e um mês atrás, Theo recebia uma ligação na porta da escola. O mesmo número desconhecido que nunca falava porcaria nenhuma. Mas dessa vez, a voz feminina surgiu, e embora não quisesse, ele a reconheceu. *“Parque Buena Vista, sozinho, às duas da tarde”. Me dê essa chance filho…"* Filho. Ele quase teve um colapso nervoso. Voltou para casa, e enquanto as palavras tocavam em sua cabeça como uma melodia fúnebre, ele virou uma garrafa inteira de vinho. Taça após taça. Cerca de duas horas depois, Benjamin pisou os pés na residência, brincou com o irmão alterado e foi para o seu quarto. Theo o seguiu logo depois.

Foi ali, naquela decisão, que tudo começou. Envolto na melancolia, depois de tanto tempo, finalmente tomou coragem para terminá-la.

“Eu finalmente decidi onde meu futuro se encontra: além da estrada de tijo…”

Desligou o rádio e saiu do carro. O vento estava mais forte naquela parte da cidade, serpenteando seus cabelos no ar em sincronia com os galhos das árvores. O pequeno prédio de quinze andares estava velho, mas nem por isso perdia sua graciosidade, parecia ter saído direto de um comercial cristão: tons terrosos, grama verde nos canteiros, algumas plantas trepadeiras nas sacadas acima. Não era o que tinha imaginado.

Quinto andar. Apartamento 7C.

Caminhou na direção do prédio desejando a presença de Amália mais do que nunca, talvez se sentisse mais forte sabendo que ela esperava por ele. Ingênuo, olhou o interior vazio do veículo. *Idiota.*

O hall de entrada estava vazio, diferente dos filmes, não havia nenhum porteiro ranzinza e com camisa apertada na barriga atrás de um balcão. Entrou no elevador e apertou um botão com o número cinco riscado, quando as portas duplas se abriram de novo, ele se arrependeu amargamente de estar ali. Mas era tarde demais para voltar atrás.

Seguiu pelo corredor de cabeça erguida. Primeiro à direita, depois em linha reta. 3C, 4C, 5C, 6C. Quase precisou se apoiar na parede para não cair.

Parou diante da porta e seus olhos desceram até o carpete no chão, com cores neutras, contendo o aviso “limpe seus malditos pés”. Ele não pôde deixar de sorrir. *Então é daqui que vem o meu senso de humor?* Voltou a atenção para a porta e o olho de vidro na altura de sua cabeça. Sem conseguir esperar mais, deu fortes batidas na porta.

Ouviu passos.

— Espera! — uma voz gritou de trás das paredes.

Mais passos. Quando ouviu a chave girar na fechadura, Theo prendeu a respiração. Mesmo se sufocasse… porra. A porta foi aberta e ele perdeu o eixo. Tinha sido um erro, não estava preparado para aquilo. Ficaram estáticos por alguns longos segundos até a ficha cair para um deles.

— Theo? — ela sussurrou.

Ele pensou que não teria mais voz, mas estava enganado. Ela saiu mais forte do que nunca.

— Oi, Hannah.

44 - promessas quebradas



“Me perdoe se eu sufoquei você
Às vezes eu gostaria de ter ficado dentro
De minha mãe
E nunca ter saído”
***Smother*, Daughter**

— Eu nunca acerto no chá. Tenho uma máquina pra isso, mas ela está socada em alguma dessas caixas.

Com as mãos trêmulas, Hannah despejou a água fervente nas xícaras. Os saquinhos com erva elevaram-se à borda e começaram a tingir o líquido de amarelo fosco, como mijo.

Theo observou ela se sentar na outra extremidade da pequena mesa. Tentava prestar atenção nos próprios pensamentos, buscar as palavras que tanto ensaiou ao longo dos dias, mas se encontrava vazio. A única coisa na qual pensava era no agora, na imagem da mulher em sua frente. Hannah usava uma calça jeans folgada e uma camisa listrada que lembrava os marinheiros e seus navios, com as mangas dobradas até os cotovelos.

Ao vê-lo inerte, ela empurrou a xícara em sua direção. Theo descansou os braços sobre a mesa e envolveu o objeto quente com as mãos.

— Você vai se mudar? — perguntou.

— Ahn, na verdade… — Ela passou os olhos pelas caixas de papelão empilhadas por todos os cantos. — Esse prédio é um saco, entende? Vou pra um melhor.

Ele concordou, fitando o líquido turvo.

— Como ficou o outro cara?

Theo levantou o olhar e levou algum tempo para perceber que ela se referia aos machucados em seu rosto.

— Você ganhou ou perdeu? — Ela tamborilou os dedos na xícara.

— Ganhei. — Um sorriso tentou se formar em seus lábios.

— Esse é meu garoto.

— Não sou seu garoto.

Hannah tomou um gole do chá, depois torceu a boca em uma careta suave. O silêncio era gritante. Theo queria falar, esbravejar, mas os anos confusos o impediam.

— Você cresceu muito. Olha só… está tão lindo. Já é um homem. Sabia que o Phil ia torná-lo um homem tão bom quanto ele.

— É, ele conseguiu. Com nós dois, meu irmão também — rebateu com a voz amarga.

Ela assentiu e tomou a bebida novamente, dessa vez, sem nenhuma careta.

— Posso te fazer uma pergunta? — Theo arriscou.

— Claro.

— Por que não foi ao enterro dele?

Ele observou o rosto dela nos mínimos detalhes sem conseguir tirar da cabeça o quanto ela lembrava o resto de sua família. Até o movimento dos longos cabelos pretos, tingidos de loiro, era igual. Hannah pousou a xícara na mesa, complacente.

— Mas eu fui, assisti de longe enquanto você estava lá. — Mostrou cuidado com as palavras. — Me aproximei quando todos já haviam ido embora.

— Todos… — Levantou as sobrancelhas. — Exceto meu pai?

Não teve resposta. Theo segurou a xícara mais forte, não dava para saber se a umidade na pele vinha do vapor do chá ou do suor em suas mãos.

— Não fiquei por muito tempo. Tentei respeitá-lo, sabia que ele não gostaria da minha presença lá.

— Benjamin odiava você.

Hannah mordeu o lábio inferior e virou o rosto para o lado.

— Desculpa, eu… — Ela fechou os olhos e expirou lentamente para fitá-lo de novo. — Nunca podia tê-los deixado.

— Você podia. O que não podia ter feito era voltar, sabe? Reaparecer duas ou três e depois sumir de novo.

— Fiz isso porque…

— Não me importa porque fez — respondeu entre dentes.

Theo semicerrou os olhos. A raiva começava a tomar conta.

— Fiquei feliz na maioria das vezes em que voltou. Mesmo eles me dizendo pra não te esperar, pra não acreditar na sua bondade, eu… porra, não me convencia. Esperava você chegar com um urso de pelúcia e dizer que não ia mais embora.

— Não fiz por mal, juro! — Ela se inclinou um pouco sobre a mesa. — Theo, por favor. Eu só não consegui aguentar aquilo…

Ouviram batidas na porta. Nenhum deles desviou a atenção.

— Pode atender, não tô com pressa. — Deu de ombros.

Hannah se levantou, observando o filho com um olhar triste e uma sombra de admiração, depois seguiu para a porta. Quando ela sumiu de sua vista, Theo desabou com a testa na mesa, ouvindo o murmúrio dela com um homem qualquer, algo sobre transporte de mudanças. Tentava focar em sua respiração — por incrível que parecesse — tranquila, no aroma enjoativo do chá ou qualquer outra merda para acalmar os movimentos ritmados dos pés. Era impossível.

Inquieto, ele saltou da mesa e passou a analisar o apartamento. Caixas de papelão estavam empilhadas próximas às paredes e no centro dos cômodos, os móveis grandes — sofá, mesa de centro e alguns armários — foram cobertos com lençóis brancos. Ela estava mentindo, seria uma longa viagem. *Os trinta mil dólares, será?*

Theo foi até a sala de estar, separada da cozinha onde estavam por uma divisória de concreto. Hannah conversava com um homem moreno, parada na porta enquanto assinava papéis em uma prancheta. Ele contemplou as caixas no chão, algumas abertas contendo roupas e cabides, em outra, pratos de porcelana. Na caixa sobre o sofá, algo o fez perder o fôlego.

Junto dos livros, um porta-retrato exibia uma foto que ele conhecia bem: Theo e Benjamin estavam diante da gigantesca árvore de Natal, no Rockefeller, Phil não apareceu pois segurava o celular para a captura do momento, Vanessa descansava no hotel. O penúltimo natal em Nova York.

Concentrado na fotografia, ele não percebeu quando Hannah se aproximou.

— Essa foto… — Virou o objeto para ela. — Como conseguiu?

Ela não respondeu.

— Como conseguiu?! Ela estava…

— No Instagram, eu sei. Mandei revelar, desculpa, só queria ter uma foto dos meus filhos.

— Os filhos que você *abandonou?*

Os olhos azuis de Hannah marejaram diante das palavras ressentidas. Theo olhou para a foto uma última vez antes de colocá-la de volta na caixa.

— Você tá me sondando, é isso? Seguindo meus passos?

— Não pode me impedir de ter interesse na sua vida.

Ele riu, permitindo-lhe ter um vislumbre do seu sorriso pela primeira vez.

— Qual vida? A que destruiu? Você me fodeu quando decidiu ir embora, tem noção disso?! — Ele pegou o retrato de novo e o chacoalhou no ar. — Essa vida não existe mais! Se tem interesse então procure saber da verdade!

Atirou o objeto no sofá, dando um passo na direção dela.

— Ainda me lembro do jardim de infância. Todas as crianças riam de nós porque nas apresentações do dia das mães, éramos os únicos que levavam o pai. Levei bronca todas as vezes porque batia nelas depois. Dizia que ele era muito melhor que você e não sentia sua falta.

Uma lágrima escorreu pelo rosto da mulher.

— Mas era mentira. Nem todo o amor dele me fez esquecer que você não estava lá.

— Filh… — A palavra a engasgou. Era melhor não terminar. — Theo. — Ela respirou fundo. — Não sabe como me arrependo do que fiz, todo santo dia quis voltar no tempo e consertar aquele erro, desejei…

— Ah, você desejou? — Foi sarcástico.

Aquela história não batia: ou Phil mentia sobre ela tê-los abandonado, ou Hannah mentia sobre seu arrependimento. Eram dois lados diferentes da mesma moeda, e a julgar pelo depósito gigantesco do pai depois de dizer que não a via há tanto tempo, ele preferiu ouvi-la.

— E por que não foi?

Hannah ficou tão branca quanto os pratos de porcelana. Ele deu mais um passo.

— Você é uma mulher que abandonou seus filhos, mas tem uma foto deles bem no meio da sala. Sumiu de suas vidas e agora diz que queria voltar? — Ele pendeu a cabeça para o lado. — Por que isso não faz sentido?

Ela engoliu em seco, sem resposta.

— Sabe por que não faz? Porque tá mentindo. Vocês estão.

— Não estou mentindo, só não podia simplesmente voltar! — Ela gesticulou com os olhos no chão. — Benjamin me odiava, Phil me queria a sete palmos do chão…

— Então por isso tentou falar comigo sozinha? — insinuou.

Theo caminhou até parar a poucos centímetros dela. Ele pôde sentir o perfume do seu sabonete, se perguntando internamente se era o mesmo cheiro de quando era amamentado. A lembrança fugiu, mas a dor não.

— Um ano atrás você me ligou. Queria me encontrar a sós porque precisávamos conversar. Pois então, tô aqui.

— Não era nada — ela disparou, negando com a cabeça. — Só queria… vê-lo. Depois do acidente percebi o quanto o faria mal e esqueci.

— Você tá mentindo, de novo.

Hannah tentou se afastar, mas ele a segurou pelo braço.

— Meu irmão morreu por causa dessa ligação. Ele tentou de todos os jeitos possíveis me impedir de falar com você.

Ouvindo aquelas palavras, ela levantou o rosto em sua direção.

— Nós brigamos naquele dia, Ben saiu com o carro… — Suas pernas fraquejaram. Estava cada vez mais difícil sustentar o peso do corpo. — Já sabe do resto. Não importa se passou um ano, você queria me encontrar e conseguiu. Ele não queria que eu estivesse aqui, mas tô.

— Eu não… — Seu queixo começou a tremer conforme mais lágrimas brotavam nos olhos. — Sinto muito, muito. Não fiz por mal, nunca quis…

Sem conseguir terminar, ela se livrou do toque de Theo e sentou no sofá, gemendo palavras contra as palmas das mãos. Ele lutou contra si mesmo para não abraçá-la.

Theo se abaixou em frente à Hannah e afastou as mãos dela do rosto. Sua pele estava fria como um cadáver e tão pálida quanto.

— Olha pra mim — pediu e seus olhos se encontraram. — Por que foi embora? Por que *realmente* foi?

— Eu precisava.

— Não. Se não amava mais meu pai era só ter se divorciado, não precisava sumir.

— Não, Theo. — Ela fungou. — É complicado…

— Por que? Todo mundo me diz que é complicado, mas ninguém fala o motivo. Sempre me disseram o que você era e porque fez o que fez. Mas quero ouvir de você agora: o que aconteceu?

Ele esperou por uma resposta, tão nervoso quanto ficaria se estivesse prestes a descobrir o número da loteria antes do sorteio. Apertava as mãos de sua mãe cada vez mais forte.

— Ferrei com vocês, fiz muito mal ao Phil, ao Benjamin. — Ela fitou o teto por um instante. — Mas acima de tudo, fiz mal para você. Mais do que qualquer um, nunca vou me perdoar por isso.

— Eu te perdoo, Hannah! Não importa o que tenha feito, eu perdoo.

Hannah estava prestes a chorar de novo, mas se controlou; estudava o rosto de Theo com as pupilas dilatadas, atenta, decorando cada centímetro de sua face para quando fosse embora de novo, agora para sempre. Depois de um tempo, ela se levantou. Parecia mais triste do que preocupada, seja lá com o que fosse. Ele também ficou de pé.

— Sinto muito, não posso.

— O que?

— Não posso ser responsável por mais sofrimento. Embora tenha sido minha culpa, e só minha, preciso fazer a coisa certa dessa vez.

Theo abaixou a cabeça e observou os tênis sujos. Parecia que estava de volta aos cinco anos de idade, diante das malas da mãe; ele não sabia muito bem o que elas significavam, apenas sentia um aperto no peito, totalmente impotente diante do que estava acontecendo. Era confuso e ineficiente.

— Como pode ser tão fraca? — ele perguntou.

Os olhos de Hannah saltaram para fora, as lágrimas se transformaram em gotas de ácido.

— Fraca?

Ele assentiu.

— Você não sabe de nada, garoto! Nada! Não tem noção do quanto é difícil me manter forte com o que fiz. Olha! — Ela abriu os braços, indicando o pequeno apartamento. — Estou sozinha. Phil tinha razão quando disse que eu sofreria pela falta de amor. Não me restou nada e por isso continuo.

Phil, mais uma vez. Não havia mais nada para cavar ali. Encarando o chão, Theo degustou o amargor de ser enganado mais uma vez, depois limpou a umidade acumulada nos olhos e levantou a cabeça. Estava sorrindo.

— Ele disse que sou como você, e tinha razão, porque eu também senti falta de amor.

Ele deu um passo na direção da porta, mas Hannah entrou em seu caminho. O apartamento ficou quieto, até o barulho ouvido através das janelas cessou. Ela andou até ele e parou próxima o suficiente para tocá-lo. Theo quase se desfez em pedaços minúsculos.

Sem fazer nenhum ruído, ela pousou as mãos em seu peito. As manteve paradas por um momento, depois as deslizou pelo couro gélido da jaqueta e arrumou a gola como se ajeitasse seu terno para o casamento. Quando seus olhos voltaram a se encontrar numa mistura do mar e as areias da praia, Hannah o abraçou. Theo não recuou ao ser envolto pelos braços dela, um no pescoço e outro na cintura. Era impossível evitar que seus corações batessem um contra o outro. Ele havia esperado por isso durante anos, idealizando como seria estar com a mulher que o pusera no mundo, a emoção — visceral, e de certa forma, doentia — de finalmente senti-la foi grande demais.

Theo retribuiu o gesto. As lágrimas de Hannah molharam a pele de seu pescoço.

— Eu te amo, te amo tanto… — ela gemeu. — Você é a melhor coisa que já fiz. Meus filhos… sinto muito.

As palavras dela o acompanharam até depois de sair do apartamento. Quando ela fechou a porta e ele se viu no corredor vazio, ouvindo-a chorar do outro lado, Theo correu como se estivesse fugindo de um predador. Trombou com as paredes, tropeçou nos próprios pés. Entrou no carro com uma sensação pesada no peito e só voltou a dirigir ao recuperar o controle das mãos.

45- fim da história



“Se eu estivesse morrendo de joelhos
Você seria aquele que me salvaria
E se você estivesse afogado no mar
Eu te daria meus pulmões para que você pudesse respirar
Eu estou com você, irmão”
***Brother* - Kodaline**

— Como assim ele não tá aqui?! Ele ia trabalhar hoje, agora!

— Sim, ele mandou adiantar algumas coisas, mas não chegou ainda. — Martha levantou os ombros. — Não faço ideia.

Theo espalmou as mãos no balcão, pouco se fodendo se atraía olhares curiosos; os pacientes que transitavam pela recepção o observavam de esguelha, assustados, já os funcionários mantinham o profissionalismo. Já viram cenas como aquela… na ala psiquiátrica.

— Você está bem? — a mulher perguntou.

Ele não respondeu. Onde Phil estava? Haviam saído de casa, e com o celular caindo direto na caixa postal, seus nervos afloravam à pele.

— Ei, ele logo deve estar aí. O que houve… — Ela tentou tocar sua mão, mas ele a afastou tão rápido quanto um choque.

Martha franziu o cenho. Aquele não era mais o bebê prematuro que ela ajudou a cuidar na incubadora, nem o próprio sabia quem ele era. Estava surtando, tinha certeza, mas precisava de respostas.

Alguém tocou seu ombro, fazendo-o se virar em pânico.

— Opa, calma lá! — Mike ergueu as mãos. — Sou só eu, seu padrinho, seu tio descolado. Animado para nossa noite?

Noite que talvez não acontecesse.

— Cadê meu pai? Ele veio aqui hoje? Você falou com ele alguma vez?

Mike alternou o olhar entre ele e a enfermeira.

— Ok, vamos com calma. Está procurando o Phil?

— Sabe onde ele tá? — Ele deu um passo à frente. Suas roupas pretas tinham contraste contra a claridade impecável do jaleco do médico.

— Não, mas… já tentou ligar?

Theo riu.

— Acha que eu sou idiota? É claro que liguei!

Mais olhares chocados. Mike deu um sorriso constrangido ao público.

— Tudo bem, tudo bem. — Abaixou o tom. — Ele pediu para adiantar umas reuniões quando voltou de viagem. Se ainda não veio, logo aparece por aí.

— Perfeito, vou esperar.

— Não precisa esperar, acho melhor…

Ignorando o resto da frase, passou por Mike e seguiu para a sala de Phil.

— Você não pode entrar aí assim, precisa de autorização!

Ele é meu pai, eu tenho autorização.

Theo andou pelos corredores até parar na porta azulada, e pela primeira vez na vida, entrou sem bater.

O ambiente já parecia assustador antes, mas agora beirava ao horror. Quieto, escuro. Ele sentiu falta de algo e se lembrou de quando Vanessa e Benjamin tiveram a ideia de pintar a parede lateral da sala de estar, onde a TV ficava suspensa. Ele chegou depois do último turno no Saliere e parou diante do cômodo com aquela estranha sensação de mudança, mas sem saber ao certo o que havia de diferente. Mantiveram segredo, sua ficha só caiu no dia seguinte, quando reparou na nova tinta azul petróleo.

Era assim que estava aquela sala: com algo extra.

Sentou-se esparramado no sofá de couro marrom. Apertava os joelhos com as mãos, deixando pequenos rastros de sangue no jeans. Após alguns minutos, inquieto demais para ficar parado, passou a andar pela sala. O tempo se arrastava. Quando se sentou na cadeira atrás da mesa, já estava suando frio. Ver o mundo daquele ângulo — da cadeira onde Phil passou a maioria dos dias isolado, lutando por outras pessoas à medida que seu filho definhava — era confuso.

Theo analisou os papéis sobre a mesa: ressonâncias, termos de compromisso, fichas de pacientes. Nada interessante. Abriu o Macbook e a tela mostrou o campo de senha aberto, pelo que conhecia de Phil, a chave seria algo com quinze números e letras, o código do pentágono ou algo parecido.

— Boceta. — Fechou o aparelho.

O ar já começava a petrificar nos pulmões. Ele tirou a jaqueta de couro e a jogou no chão, só então percebendo as três gavetas no canto direito da mesa. Seu estômago embrulhou quando abriu a primeira e mexeu nos papéis sem saber exatamente o que procurava; na segunda, mais fichas inacabadas, receituários, alguns frascos de comprimidos. O que esperava encontrar? Fechou-a com um baque forte e seguiu para a terceira e última, e mesmo com um puxão firme, ficou parada.

Estava trancada.

Por que Phil teria uma gaveta trancada em sua sala? Theo se ajoelhou no chão, tateando a fechadura abaixo da madeira; próxima ao estrado, gélida e metálica, lá estava ela. Procurou por algo na mesa, uma tesoura, um clipe de papel, e acabou achando algo muito melhor. Um estilete. De volta ao chão, com as costas no piso frio, tentou soltar a tranca. Forçou diversas vezes até quebrar a primeira ponta do objeto, a gaveta continuou trancada. Tentou com a segunda até a mesma se partir novamente.

Os braços já começavam a pesar graças ao esforço excessivo.

Na terceira ponta, ele sentia o suor denso escorrer entre os fios de cabelo, na pele, grudando as roupas no corpo. De repente, com um único clique, a gaveta se abriu. Ele saiu do chão e encarou a pequena abertura de três centímetros, no mínimo. Usou o indicador para puxá-la, revelando seu interior.

Dezenas de fotos, nada mais. *Aquelas fotos.*

A maioria das fotografias era de momentos que não se lembrava, porém, havia questionado diversas vezes. Phil dissera que elas estavam na sarjeta. Mais mentiras. As fotos estavam lá, no hospital, em sua sala, na gaveta trancada. Capturas de todos os aniversários antes da partida de Hannah, o parto de Benjamin, o seu próprio nascimento, prematuro e complicado. Estava tudo ali, intacto.

Theo voltou para a cadeira com movimentos lentos, quase robóticos, atento às fotos em sua mão. Ficaria vidrado nelas por horas se seus olhos não

captassem outra coisa dentro da gaveta. Deixou as fotos sobre a mesa e pegou um envelope amarelado, gasto pela umidade e à possível exposição do ar. Ao ler o nome no canto inferior direito, entendeu por que Phil o mantivera ali por tanto tempo.

Era uma carta de Hannah.

Seus dedos quase não foram capazes de segurá-la. O papel áspero dentro do envelope se assemelhava à uma lixa contra a pele, raspando suas digitais da face da terra e cheirava como um pergaminho antigo, contendo anos de história em cada palavra. Desfez as dobras até estar diante de duas folhas A4 gastas, algumas letras — escritas com caneta preta — estavam borradas pelo que pareciam gotas. Lágrimas.

Ele riu da primeira frase, mas não de alegria.

"Querido Phill".

Procurou organizar os pensamentos, parar de tremer, ignorar a sensação de perigo. Não sendo capaz de nada disso, Theo começou a ler.

"Antes que pense em queimar essa carta, peço que leia minhas palavras, por favor.

Recebi mais uma parte do dinheiro, e se isso te servir de consolo, me sinto péssima. Se você não tivesse sido tão radical no nosso divórcio, eu não sairia de mãos atadas e não precisaria fazer isso. Mas preciso. Não estou te culpando, agora percebo como estava certo, talvez eu esteja destinada a ser ruim, a causar dor. Não vou tentar me redimir ou justificar, quero apenas tentar livrá-lo do seu sofrimento, a partir do meu".

Theo sentiu uma gota de suor escorrer pela testa. Enxugou-a com o dorso da mão, sem tirar os olhos do papel.

"Todos os dias penso naquela noite, na dor em seus olhos, no choro dos meninos. Nunca quis trair você, isso é estúpido, eu sei, mas é a verdade. A culpa disso não é sua, você foi um marido incrível. Quis te contar a verdade quando engravidei mas fui covarde, levei a história longe demais, e quando vi seu sorriso para aquele menino, o sorriso de Benjamin com o novo irmão, não tive coragem de destruí-los. Apesar das características distintas, tinha certeza que nunca me questionaria a respeito da sua paternidade".

Próxima folha. Ele deixou a primeira cair.

"Sei que podia ter partido e deixado as coisas como estavam, mas não consegui suportar o peso da culpa e por isso o condenei. Precisei

contar, me entenda. Você sabe como segredos podem ser corrosivos, agora sabe, e eu estava sendo corroída por ele a cada dia diante da sua imagem. Não há um dia em que não me arrependa de obrigá-lo a amar meu erro, mas você ama, e por isso é muito melhor do que eu.

Tenha certeza, Phil, vou carregar o peso do que estou fazendo pela eternidade."

Seja feliz, e principalmente,
faça-os felizes.
Hannah.

Silêncio.

Não havia nada que ele pudesse fazer, pensar ou falar. Isso sim, era dor.

46 - amar foi a pior coisa que ele poderia ter feito



“Algo preencheu
Meu coração com nada
Alguém me disse para não chorar
Mas agora que estou mais velho
Meu coração está mais frio
E eu posso ver que é uma mentira”
***Wake Up,* Arcade Fire**

— As coisas aconteceram rápido demais. A morte da cadela, perdas e brigas, uma questão de semanas.

— Isso desencadeou as crises?

— De certo. Foi um acúmulo de situações, a mente não aguenta tanta pressão — Lauren explicou. — Ninguém aguenta.

Phil trocou olhares com Vanessa. Ele deveria estar no hospital naquele momento, mas a ligação de Lauren — poucos minutos após a saída de Theo — o preocupou ao extremo. Não tinha cabeça para nada além de seu filho. Sentados lado a lado no sofá, diante da terapeuta, eles buscavam explicações plausíveis para os acontecimentos das últimas semanas. Talvez uma cura milagrosa que traria seu garoto de volta, porém a cada minuto com a expressão preocupada de Lauren, a esperança se esvaía.

— Ele está no limite — Vanessa comentou. — Me disse que já não aguentava mais fingir que estava bem.

— Ele disse isso? — perguntou, surpreso.

— Sim, no dia em que te liguei. — Ela se voltou para a mulher. — Nunca vi tanta dor nos olhos de uma pessoa, como vi nos dele. Foi desesperador.

Phil não conseguia imaginar a cena, mas era possível ter uma noção apenas pelo tom de voz dela. Enquanto ela conversava, gesticulando palavras

pesadas, ele observou seu perfil.

Contemplou uma Vanessa linda, delicada, gentil, com cada traço perfeitamente desenhado, e percebeu o quanto a amava; se jogaria na frente de um trem em movimento por ela. Uma pessoa qualquer duvidaria que existisse outro sorriso no mundo capaz de superar o dela, se Phil era capaz de amar alguém ainda mais. E a resposta era: sim. Phil amava seus filhos mais do que a si próprio, muito mais do que amava Vanessa. Após a morte de Benjamin, seu coração foi dilacerado, os ligamentos foram rompidos de uma maneira tão intensa que não conseguia nem descrevê-la, por um tempo, o mundo deixou de fazer sentido. Aquele sentimento — o amor, a sensação de dar ele à alguém — se tornou algo estranho, mas ficou ali, escondido, aguardando ser reposto novamente.

Agora, diante do maior sofrimento que Theo poderia vir a sentir, ele voltou para destruí-lo. O amor por eles era doloroso, mas não o trocaria por nada, e saber que havia contribuído para aquele inferno apenas o feria mais.

— Vocês notaram algum comportamento autodestrutivo nos últimos dias? Algum machucado estranho, corte? — Lauren perguntou depois de alguns minutos de conversa com Vanessa.

— Nos últimos dias, no último ano — ele disse. Havia um tom ríspido na voz. — Ele misturou comprimidos no álcool há menos de um mês. Usou drogas, dirige bêbado… posso dizer que cada passo dele causa algum tipo de dano.

Vanessa tocou suas costas para lembrá-lo de manter a calma, deixando o braço apoiado no encosto do sofá e a mão sobre a camisa amassada. Mas aquilo parecia ridículo. Agora entendia a ira de seus pacientes quando dava um diagnóstico; todos sabem que há algo errado, mas primeiro precisam ouvir o discurso de praxe.

— Perdão — pediu, expirando fundo. — É difícil saber, perguntar, conversar… Sempre foi muito difícil conversar com ele.

Difícil era no passado, agora parecia impossível. Benjamin costumava ser o mediador da família, apaziguava as discussões antes delas se tornarem brigas verdadeiras. Phil devia ter aprendido com ele ao invés de esperar sentado vendo-o cumprir *seu* papel.

A grande verdade é que Theo era a cópia exata de Hannah, e por isso o amedrontava.

Na primeira noite em que ela reapareceu — após um ano inteiro sem

sinal algum — e tentou levar Theo consigo, alegando que o garoto a pertencia, Phil acreditou que ia contrariar seu papel de médico: ao invés de salvar vidas, tiraria uma. Mataria Hannah para impedi-la de levá-lo. Mas a ideia estúpida durou milésimos de segundos, pois havia uma alternativa muito mais simples para mantê-la longe e de bico fechado. Ela não hesitou em pegar o primeiro cheque. Ele nunca acreditou na fachada de "Hannah arrependida" que o desejou um final feliz naquela carta ridícula, e todo aquele dinheiro ao longo dos anos provava como estava certo. Antes de sair pela porta, como forma de despejar a última gota de veneno, Hannah soltou a frase que ele jamais esqueceria:

"Não pense que é melhor do que eu, Phil, esse segredo te torna muito pior. Deveria contar a ele. Mas como não fará, é melhor não me esquecer, ou eu farei".

A raiva da lembrança foi suficiente para tirá-lo dos pensamentos.

— Chega dessa enrolação, por favor! — Prendeu a atenção da psicóloga, arrastando-se para a beira do sofá. — Você nos chamou aqui por algum motivo, pode ser direta agora.

Lauren tensionou os músculos do rosto magro. Ela fechou a pasta e a colocou na mesa de centro diante deles, de onde Phil pôde ter um vislumbre da foto três por quatro no canto superior, uma foto de Theo. Sorriso torto, cabelos bagunçados e, pela primeira vez, ele percebeu: olhar vazio. *Sem vida.*

— Tenho motivos para acreditar que Theo esteja com pensamentos suicidas muito concretos — ela revelou.

Seu queixo caiu, levando muito tempo para digerir a informação. Vanessa continuou paralisada. Lauren prosseguiu:

— Por isso os chamei aqui, é meu dever notificá-los para que possamos intervir de alguma forma.

— Você… Não. — Ele negou com a cabeça, incrédulo demais. — Não é possível, ele não faria uma coisa dessas.

— Ele já nos deu provas suficientes de que sim, faria. São diversos indícios.

Provas ridículas, bem debaixo do seu nariz, e que Phil ignorou. Pelo canto dos olhos percebeu que Vanessa estava com a mão na boca, as lágrimas reluzindo em seu reflexo na janela.

— O que eu devo fazer? — perguntou num misto de desespero e confusão. — Não sei como agir… ele se tornou um estranho para mim!

— Comece ouvindo o que ele tem para dizer. Se não o conhece, esteja disposto a conhecer. Mostre que você o ama.

— Ele sabe disso.

— Como pode ter certeza? — Ela fez uma pausa. — Qual foi a última vez que disse ao seu filho que o ama?

Seus lábios ficaram entreabertos, inertes. Não havia resposta.

Lauren os recomendou horas e horas de intensa terapia em família, o que, para ela, seria uma forma de intervir no problema. Problema. Phil também preferiu chamar dessa forma ao invés de usar a palavra real. Quando saíram do consultório, apesar do lindo sol radiante no céu, o tempo parecia ter se fechado em nuvens carregadas típicas de um temporal, e Vanessa estava prestes a fazer chover de verdade.

— Satisfeito, Phil?! — ela perguntou quando chegaram ao carro, interceptando o caminho para a porta do motorista. — Era mesmo preciso chegar nesse ponto?

— Não coloque a culpa em mim, acredite, já estou fazendo isso.

— O nosso filho está pensando em acabar com a própria vida. Tem noção do que é isso?!

— Você acha que eu sou o que? Um imbecil?

Ela levantou as sobrancelhas.

— Então já que é o *nosso* filho… — Ele fez uma pausa. — Onde você estava quando ele se encheu de álcool até desmaiar? Fala, mãezona!

Vanessa não respondeu. Ambos estavam uma pilha de nervos, sofrendo com o peso das próprias ações e de serem constantemente empurrados para longe de Theo. Esse movimento também machucava. Não tinham a menor ideia do que fazer.

— Não é hora para discussões — Phil aconselhou, tentando manter a respiração sob controle. — Precisamos encontrá-lo agora.

Entraram no veículo. As mãos de Phil tremiam tanto que se tornava difícil colocar a chave no buraco minúsculo, o barulho do celular de Vanessa acabou soando antes do motor. Com pressa, ela pegou o aparelho na bolsa e logo depois de analisar o número, encarou o marido.

— É o Mike.

O carro foi engolido por uma esfera de medo, ansiedade e um grande arrependimento. Ele tomou o celular das mãos dela e atendeu no mesmo instante; as ligações do amigo tinham se tornado aterrorizantes.

— Mike?!

— *Grande Phil! Finalmente, cara. Onde estava?*

— Não enrola. O que aconteceu?

— *O Theo está aqui procurando você. Não sei bem…*

— Ele está aí?!

Ele suspirou como se enfim pudesse descansar os pés calejados. Enxugou a gota de suor da testa conforme Vanessa se esparramava ainda mais no banco do carona, relaxando as feições.

— *Sim, mas está fedendo álcool* — Mike parecia hesitante. — *Está fora de si.*

— Como assim fora de si?

— *Olha, acho melhor vir logo para cá. Ele está na sua sala agora.*

Seu coração parou.

— Tire-o de lá — ordenou. — Ele não pode ficar…

— *Ele já está lá… e faz muito tempo.*

47- acerto de contas



“Você nunca precisou da ajuda de ninguém
Você me vendeu para se salvar
E eu não ouvirei a tua vergonha
Você fugiu, vocês são todos iguais
Anjos mentem para manter o controle
Se você ainda se importa, jamais deixe que eu saiba”
***Snuff*, Slipknot**

Quando Theo levantou da cama naquela manhã, não tinha certeza de nada.

Na noite anterior havia conversado com Linda até de madrugada; ela contou, empolgada, que recebeu as primeiras instruções para seu ingresso na Academia de Artes em Londres. Para que ela não o visse chorando, ele desligou o wi-fi do celular como uma desculpa de mal sinal, e a chamada de vídeo caiu. Se ela tivesse um pequeno vislumbre de suas lágrimas, saberia na mesma hora o que ele pretendia fazer. Mas nem disso estava 100% decidido.

Aquilo o lembrou do seu primeiro beijo, no playground da escola, na quarta série. O nome dela fugiu da mente, mas a imagem da garotinha com laços no cabelo loiro ainda estava bem visível; ele levantou da cama decidido a beijá-la sem nem ao menos saber direito o que era um beijo, mas quanto mais perto chegava da escola, menos certeza tinha do seu ato. No fim, Theo lhe ofereceu seu sanduíche no recreio, e quando ela foi morder o pão, ele roubou um selinho confuso. Tinha sido muito fácil.

Era como tudo parecia agora: fácil, na ponta dos dedos. Decidido ao fim.

Ainda segurava a carta quando ouviu passos apressados no corredor. Continuava sentado na cadeira, os braços apoiados sobre a mesa gélida,

apenas esperando. Sua vontade era de acabar com tudo ali mesmo, porém precisava de uma última confirmação. Os passos ficaram mais altos, do outro lado da parede se podia ouvir uma voz feminina e outra mais grave.

A porta foi escancarada, e foi como se colocassem o filme em câmera lenta. Theo acompanhou os olhos de Phil descerem do seu rosto até a carta em suas mãos, mergulhados em tantos sentimentos diferentes que era impossível descrevê-los. Ele entrou na sala, cauteloso, com Vanessa logo atrás.

A mente de Theo fervilhava, ardendo em brasas dolorosas que o impediam de formar uma frase concreta. Buscou o fio de voz que restava e fez a única pergunta possível.

— Você não é meu pai?

— Eu sou seu pai. — Phil avançou. — Sempre fui.

— Não é.

Ele se levantou e ergueu a carta na altura do rosto. Algumas partes já estavam manchadas com o sangue na palma da mão.

— Isso aqui… — Engoliu em seco. — Você não é.

— Theo, me escuta, por favor.

— É por isso que não me deixava ter contato com a minha mãe? Você dava dinheiro pra ela ficar de boca fechada?!

— Não, é claro…

Theo esboçou um sorriso cínico, que se transformou em uma risada desesperada. Triste. Seu braço caiu largado ao lado do corpo.

— Sei dos trinta mil. Ela me vendeu pra você… — Sentiu ânsia ao dizer aquilo, mas continuou: — Eu sou a porra de um acordo financeiro?! Um acordo de parcelas infinitas?! Assinaram pelo menos uma promissória?!

— Não sabe do que está falando. — O rosto de Phil estava banhado em aflição.

— Falei com a Hannah! Estive com ela há uma hora no apartamento de onde tá se mudando graças ao seu dinheiro. Sabe o que me disse?

Fizeram silêncio. Não havia nenhum movimento além dos olhos focando um ao outro. Agora Theo percebia como tinha sido inútil seu desejo de nascer com aqueles mesmos olhos azuis.

— Disse que não podia ser responsável por mais sofrimento, porque tinha me ferrado. Constatei que só você poderia me falar. Pode dizer agora.

— Filho…

— Não me chama assim.

Phil pareceu ter levado um chute no rabo. Suas irís já não pareciam mais tão lindas.

— Isso não significa nada, nunca importou. — Deu mais um passo. — Eu te amo.

— Mentira! — rugiu.

Mesmo sem forças, Theo atirou a carta no chão.

— Tudo que sai dessa sua maldita boca é mentira! Eu quero ouvir, tenho direito, você escondeu isso de mim por dezenove anos… Quanto tempo mais achou que ia conseguir fazer da minha vida uma mentira de merda?!

— Fiz por amor, Theo, a você! Quis protegê-lo…

— Por mim? Não, fez por si mesmo. Sempre foi… — Lágrimas começaram a descer pelo rosto, misturadas ao suor. — Por favor, me deixe ouvir a verdade pelo menos uma vez.

Durante toda sua vida, ele podia contar nos dedos de uma mão a quantidade de vezes que presenciou o pranto de Phil. A morte de Benjamin foi uma delas, e o fez duvidar se algum dia veria algo parecido novamente. E viu. As lágrimas descendo pelo rosto dele naquele momento não eram, nem de longe, parecidas com as daquela merda de dia, eram muito piores. Haviam chorado uma morte, mas o prêmio de consolação era saber que tudo acabava ali, não haveria nada depois daquele enterro e isso fazia o agora ser mais doloroso.

Eles não tinham a menor ideia do que aconteceria quando saíssem dali.

Depois de um século inteiro de espera, Phil levantou o rosto. Theo prendeu a respiração.

— Eu não sou seu pai — admitiu em meio a um suspiro pesaroso. — Hannah teve um caso fora do casamento e te assumi sem saber. Antes de ir embora, na mesma noite, ela me contou toda a verdade, mas já não tinha mais nada que eu pudesse fazer além de mantê-lo comigo. Fizemos um acordo de silêncio porque eu não poderia, em hipótese alguma, perder você.

Theo sentiu as pernas fracas, quase não conseguia sustentar o peso do corpo, seus ossos transformaram-se em vidro. Um fino vidro prestes a romper. Mas ficou de pé. Já não sabia distinguir o que se passava em seu rosto e muito menos no de Phil. Ele desviou o olhar embaçado para Vanessa no fundo da sala, e o choro contido dela apenas confirmou sua teoria: ela

sabia de tudo.

Ele saiu do transe quando Phil contornou a mesa para ir em sua direção, tocando seu braço. Theo o empurrou para longe e foi para o centro da sala. Uma mancha de sangue disforme marcou o azul claro de sua camisa social.

— Não encosta em mim!

— Não faz isso, por favor… se acalma. — Ele juntou as mãos como se fosse rezar. Uma ironia, já que provavelmente não iria para o céu. — Vamos conversar, posso te explicar…

— Devia ter feito isso quando eu ainda era uma criança sem consciência. Teria sido muito melhor.

— Eu te criei, dei amor, carinho…

— Você me deu uma fantasia! Fez da minha vida toda uma mentira. — Ele tocou o peito. — Fez de mim uma mentira.

— Você não é uma mentira. Você é Theo Allen Anderson, filho, irmão… — O homem avançou conforme falava, até estar de volta em sua frente. — Continua sendo…

— Cala essa boca.

Diante do tom sério e ríspido de sua voz, ele parou de falar. Theo enxugou as lágrimas e levantou o rosto queimando em fúria.

— Tem noção do que tirou de mim?

— Theo — Vanessa se fez presente na extremidade da sala. Ele pousou os olhos nela e, pela primeira vez na vida, não achou suas feições tão afetuosas —, lembra do que conversamos? Nós sempre estaremos ao seu lado. Você não perdeu nada.

— Você mentiu, Vanessa, olhando nos meus olhos. Como seu *amor de mãe* permitiu que fizesse algo cruel assim?

Ele se voltou a Phil para não vê-la chorar. Embora quisesse.

— Eu não tenho mais nada. Não tenho pai, mãe, irmão, emprego… — Sorriu. — Perdi até a merda da cachorra. Se perdi tudo o que me fazia ser alguém, quem eu sou agora?

A pergunta pairou no ar até algum deles tomar coragem para respondê-la. Lá fora, um paciente urrou de dor. Ninguém se moveu.

— Não fiz pensando no seu mal. Só queríamos protegê-lo… fizemos porque amávamos você.

Theo moveu os lábios, mas a voz ficou presa na garganta. Aos

poucos, depois de digerir suas palavras salgadas, tudo se encaixou como um quebra-cabeça.

— O Ben sabia? — perguntou, mas a resposta não veio. — Me diz!

Phil levou a mão ao rosto, pressionando os olhos com a ponta dos dedos. Parecia que não aguentava nem ao menos respirar.

— Você sabe como ele gostava de ouvir atrás da porta. Em uma das vezes que a Hannah voltou… Foi dele a decisão de jogar as fotos no lixo. Eu sinto muito, Theo.

Uma dor profunda o atingiu onde deveria estar seu coração, deveria, porque agora não restava mais nada além de uma massa dilacerada e sem vida. “Você vai ferir as pessoas que só estão tentando te proteger”. A voz de Benjamin soou clara no ambiente, obrigando-o a olhar ao redor como um lunático para procurá-lo. Mas ele não estava lá. Nunca mais estaria, por sua causa. Agora ele tinha certeza.

— Eu matei ele — sussurrou para si mesmo, quase sem fôlego. — Foi por isso… ele tentou me parar.

Sentindo que ia perder o equilíbrio, Theo apoiou as mãos na mesa. O chão abaixo de seus pés não era mais sólido, ele parecia caminhar em uma lona jogada sobre a água de uma piscina. De olhos fechados, sentiu quando Phil se aproximou e segurou sua nuca com uma mão.

— Theo, me escuta. Você não é culpado de nada, entendeu? Nada…

Ele moveu a cabeça em negação, dessa vez sem forças para afastá-lo. Àquela altura já não havia mais ninguém na sala além deles.

— Olha para mim, o que houve com o Ben…

— Você não entende! — Ele levantou o rosto, reunindo seu último sopro de ar. — Disse a ele que ia encontrar a Hannah naquele dia, ele não quis deixar. Foi por isso que brigamos… ele tentou me impedir e morreu por isso.

Uma lágrima silenciosa desceu pelo rosto de Phil.

A vida toda, apesar de ser o irmão mais novo — por alguns meses, como gostava de deixar claro — Theo o protegia de tudo, era ele quem livrava o pobre Ben dos valentões do ensino fundamental. Quando descobriu a sujeira por trás da família perfeita, Benjamin quis mudar o jogo, e pela primeira vez, proteger quem amava. E proteger do que exatamente, nem o próprio sabia, pois nenhum deles, nem Phil, sabia o que significava aquela verdade. Ele jogou as fotos no lixo, mas Theo foi atrás, assim como fez com

Hannah. Para isso não havia perdão.

Theo olhava para Phil, mas apesar dos movimentos de sua boca, não conseguia ouvir nenhuma palavra. Não demorou nem um segundo para ele perder a consciência.

48- definitivo



“Não se sinta mal por mim
Eu quero que você saiba
Que no fundo do meu coração
Eu vou me sentir tão feliz em partir”
***Asleep,* The Smiths**

A enfermaria estava em silêncio absoluto. Do lado esquerdo, uma cortina azul separava seu leito dos outros, no direito, uma garota descansava em uma maca a alguns metros da sua, com dezenas de tubos ligados ao corpo. Já havia estado ali há mais de um ano, depois de desmaiar ao ver o corpo sem vida de Benjamin.

Theo ajustou a visão e mudou o foco para a fresta entre as cortinas, de onde conseguia avistar a parede ao fundo. Phil e Vanessa pareciam discutir, um frente ao outro, enquanto Mike os assistia, parado ao lado do amigo. Mas não era nenhuma briga. De repente, Phil colocou as mãos no rosto e seus ombros chacoalharam, sendo consolado pela esposa logo em seguida. Seu pranto reverberou por todo o local, a única enfermeira cuidando dos pacientes fez um esforço absurdo para fingir que não tinha interesse no espetáculo. Mike os empurrou para dentro de uma sala e fechou a porta.

Ele não sabia dizer quanto tempo passou desacordado, mas a julgar pela fraca luz do sol entrando pelas altas janelas, constatou que era o entardecer. O dia estava no fim, literalmente.

Se sentou na maca e fechou os olhos para esperar a vertigem passar. Não tinha certeza se conseguiria colocar os pés no chão. Quando foi a última

vez que tinha comido algo? Colocou a jaqueta de couro — até então estendida na beira da cama — e após dar uma última conferida na mulher atenta aos receituários no fim da sala, deixou a enfermaria.

Caminhou pelo corredor de olho nos rostos conhecidos, mas ninguém lhe deu importância. Escapou por uma das inúmeras saídas de emergência raramente usadas e que ele conhecia como a própria casa, já fora do hospital, o sol se punha no horizonte. Theo cruzou a avenida movimentada e entrou no carro de Phil, ainda estacionado no mesmo lugar que o deixara ao chegar, horas atrás.

Avançou o sinal vermelho, descendo pela rua Sutter. Deixou os vidros fechados, o som desligado, e dirigiu a uma velocidade ridiculamente baixa pelo caminho mais calmo possível. Antes de chegar em Sea Cliff, parou o carro em uma esquina qualquer, depois encostou a cabeça no banco e fechou os olhos.

Quatro anos atrás, Phil realizou uma cirurgia de “alto grau de complexidade”, segundo ele mesmo. As chances do paciente eram quase zero, mas ele conseguiu, o homem saiu andando do hospital meses depois. Theo se lembrava do orgulho sentido no peito quando a equipe do jornal local o entrevistou, ele ligou para todos os amigos e ordenou que assistissem seu pai na TV. Foi patético, vergonhoso, e muito bom. Depois de tantas merdas, tantas perdas e dores, aquela sensação orgulhosa de pertencimento foi tudo o que restou. Pertencer à uma família. Mas agora parecia não haver mais lugar no mundo.

Sua vida foi uma falácia. Amou as pessoas erradas, viveu como um estranho. Tudo o que fez em seus dezenove anos, por um momento, deixou de fazer sentido. Para onde ele teria ido, ou para onde o caminho o teria levado se seu começo tivesse sido diferente? Tinha perdido tudo, não lhe sobrou nada além da morte e era isso o que queria. Mas pela primeira vez, Theo também desejou ser o herói de alguém, de Benjamin… Colocaria um ponto final em todas as dores que se iniciaram por sua causa. Para todos.

Ele pegou o celular no banco do carona e discou o número de Amália.

49 - amor e arrependimento



“Então, antes que você vá
Havia algo que eu poderia ter dito
Para fazer tudo parar de doer?
Me mata saber como sua mente pode fazer
você se sentir tão insuficiente…”
***Before you go,* Lewis Capaldi**

Durante todo o caminho de volta, Amália tentou não pensar na conversa com Joe. Ela esperava uma expressão desapontada, uma bronca pela sua falta de profissionalismo e comprometimento ou qualquer coisa do tipo, tudo, menos o olhar de pena com o qual ele a observou. Mas agora era oficial: ela estava fora da exposição. Sua única chance foi reduzida à tralha e jogada na lata de lixo da cozinha.

Nada de tela, nada de reconhecimento, nada de emprego.

Em casa, ela se deparou com um interior vazio, quieto e muito bom. Susan chegaria dali algumas horas e Vincent optou por pernoitar em Sacramento depois de outra longa sessão de trabalho. Apesar da distância, foi como se o casamento dos pais fosse refeito completamente, Amália nunca os vira tão feliz.

Pelo menos alguns conseguiram recolher os pedacinhos.

As estrelas acabavam de surgir no céu, entre a penumbra da noite e o cair do dia, quando ela se deitou na cama. Era cedo demais para tentar dormir. No dia seguinte, apenas para desencargo de consciência, começaria outra tela. Porém mal havia fechado os olhos quando ouviu o celular tocar.

Amália se sentou na cama e pegou o aparelho na mesa de cabeceira.

Seus punhos cerraram imediatamente.

— Não acredito nisso — grunhiu ao ver o nome de Theo no centro da tela.

Na foto de identificação, Theo estava sem camisa e com os cabelos molhados colados na testa. Amália havia tirado a foto depois de mergulharem na água congelante da Baker Beach, no dia em que assumiram seus sentimentos um para o outro.

— Vai chamar até cansar, babaca!

Ela jogou o celular de volta na mesinha, com a tela para baixo, e esperou o toque cessar e a luminosidade se apagar. Nada aconteceu. A música continuou, e com ela sua raiva. Enfurecida, acendeu a luz do abajur e atendeu a ligação.

— Já pedi pra me deixar em paz, por favor.

Nenhuma resposta, nem mesmo o ruído de sua respiração.

— Alô?!

Mais uma vez o silêncio marcou o outro lado da linha. Sem saber o motivo, ela sentiu o coração apertar.

— Theo?

— *Oi, Amália* — disse por fim.

Ela revirou os olhos com o ressentimento de volta ao corpo. E saudade também.

— O que você quer? Disse pra não me ligar mais, será que dá pra respeitar isso?

Theo arfou contra o celular.

— *Falei com a minha mãe.*

Como nos desenhos infantis, quando o personagem tem uma ideia brilhante, uma lâmpada surgiu no topo de sua cabeça. Mas não tinha luz, apenas um sinal vermelho vivo. Ela notou sua voz embargada.

— *Falei com ela. Eu não tenho mais nada, Amália. Nada, perdi tudo.*

— Como assim? — Ela se sentou ereta. — Do que tá falando?

— *Não importa, finalmente…* — Ele deu um suspiro profundo. — *Vai ficar tudo bem.*

De que jeito?

Tensa, Amália saltou da cama e ficou de pé. Sabia de que jeito.

— Theo, onde você tá?

— *No carro.*

— Certo, onde? — insistiu, tentando modular seu tom de voz para mascarar o nervosismo. — Em qual local?

— *Não importa.*

— Importa. Olha, me fala onde. Vou até aí agora e você me conta sobre a Hannah, ok?

Não houve resposta, cada segundo era assustador. Amália sentiu os olhos marejarem enquanto dava voltas pelo quarto sem rumo algum.

— Theo?

— *Eu preciso que você me ouça agora.*

— Não, vou ouvir pessoalmente. — Ela pegou a primeira calça jeans que encontrou no armário e se sentou na beira da cama. — Tô vestindo uma roupa agora, vou pegar um táxi até aí. Ou você pode vir aqui me bus…

— *Não quis machucar você.*

Ela interrompeu os movimentos. Seu coração bateu tão forte que parecia estar prestes a sair pela boca, no mesmo instante sentiu o choro acumulado na garganta.

— Por favor, não fala isso — pediu entre as lágrimas. — Me diz onde você tá.

Silêncio. *Diz… Deus, por favor, traga-o de volta pra mim.*

— *Não fui uma pessoa muito boa pra você* — ele continuou. — *Talvez tenha sido no começo, mas agora… sinto muito pelo que fiz.*

Ele começou a chorar, parecia estar colado ao telefone. Aquele som se tornou insuportável para os ouvidos dela. Vindo de Theo, era estranho; ele era tão bom em mascarar o que sentia de verdade.

— Theo, você…

— *Não precisa falar nada, tá tudo bem. Não quero fazer você sofrer de novo, só queria te dizer…*

Theo inspirou entre soluços. Junto ao seu pranto gutural, Amália ouviu a buzina de um carro. Ela o sentia tão próximo, e ao mesmo tempo, distante como nunca antes; o som de suas lágrimas provava que ela o perderia para sempre.

— Q*ueria que soubesse o quanto me fez feliz, mais do que fui a minha vida toda* — continuou, a voz já estava firme. — *Você foi o único motivo que encontrei pra ser uma pessoa boa, e agora… eu só…*

Mais choro, em ambas as linhas. Sentindo que ia despencar, ela se sentou no chão com as costas apoiadas na cama. Ouvi-lo era uma tortura, não

tê-lo em seus braços era como morrer.

— *Só não quero ir sabendo que te fiz mal, sabendo que você me odeia.*

— Eu não te odeio! — ela gritou com um fio de esperança. — Theo, não te odeio… eu perdoo você, ouviu? Tá tudo bem!

Ele não respondeu, e a dor no peito dela voltou a existir. As lágrimas desciam rasgando seu rosto.

— Não te odeio. Por favor amor, me diz onde você tá.

— *O que disse?*

Amália abriu um sorriso triste.

— Você é meu amor, Theo, o único. Eu ainda quero você.

Houve um murmúrio fraco, quase imperceptível. Ela conhecia cada gesto, o que cada tom de voz significava; mesmo sem vê-lo, sabia que ele sorria.

— *Obrigado* — ele disse.

Ela levou a mão ao peito aquecido, onde uma chama de expectativa foi acesa. É isso, vai ficar tudo bem.

— *Adeus, Amália.*

Theo encerrou a ligação sem dizer mais nada.

Amália gritou para o celular e retornou diversas vezes apenas para ouvir o bipe estático da caixa postal. O medo que sentia no corpo era inédito. Vestiu o jeans e calçou os tênis com pressa, em seguida chamou o mesmo táxi que Theo pediu quando deixou sua casa dias atrás. Enquanto esperava com os segundos se arrastando em movimentos estupidamente lentos, ela discou o número de Phil que tinha na lista desde os tempos antigos, chorando ainda mais ao perceber que a linha estava ocupada; quando o carro chegou, já não conseguia distinguir nenhuma forma através dos olhos em pranto.

Lembrando do que Theo havia dito sobre o pai, ela seguiu para o hospital.



Amália estava desesperada demais para pedir informações, por isso escolheu percorrer todos os corredores do hospital até encontrá-lo. Parecia louca, mas nada importava. Quando chegou ao andar da neurologia, percebeu que não era a única em busca de Theo.

Os que não estavam ocupados com os pacientes procuravam-no nas inúmeras salas dentro do prédio. Mike — o tio Mike, como ela o chamava quando namorava Benjamin — conversava com um policial que não parecia nem um pouco disposto a procurar por uma pessoa maior de idade e com histórico de rebeldia. Um policial. O medo dentro dela a mandou se esconder. Amália estava diante de profissionais, adultos… certamente seria a última a ter algum controle sobre a situação. Como no dia da morte de Ben, ela se sentiu inútil.

— Amália?!

Ela se virou na direção da voz feminina. Vanessa estava junto ao marido no fim do corredor, os dois grudados em seus respectivos celulares; ele mantinha o aparelho na orelha, suplicando palavras para quem quer que fosse. Amália nunca o viu tão desesperado.

Seus tênis abafados a levaram até eles. Phil desligou o telefonema assim que ela se aproximou.

— Phil… O Theo… — ela tentou balbuciar uma frase completa.

— Sabe onde ele está? — ele disparou. Lágrimas já haviam secado na pele de seu rosto.

Sem conseguir se comunicar como uma pessoa sã, ela negou.

— Não, não, não… Precisamos encontrá-lo. — Phil voltou a fuçar no celular, mas suas mãos suavam tanto que o aparelho deslizava de um lado para o outro.

— Vou tentar falar com a Linda de novo, talvez ela saiba…

— Falei com ele meia hora atrás.

Ela prendeu totalmente a atenção deles. Não sabia de onde havia tirado forças para falar — talvez fosse do sentimento incomensurável que só agora, prestes a perdê-lo, descobriu que possuía. Amália teve certeza, ela não *apenas gostava* de Theo.

— Ele me ligou, parecia tão desnorteado. Disse que tinha perdido tudo, não tinha mais nada e… — Ela soluçou, estava quase engasgada com o peso daquela situação. — Não queria ir sabendo que eu o odiava… Ele estava se despedindo de mim!

O médico fez um esforço gigantesco para manter a calma, Vanessa desabou a chorar. Num rompante, ele guardou o celular no bolso e investiu contra Amália. Ela tentou dar um passo atrás, mas ele a segurou pelos ombros. Phil Anderson sempre pareceu uma parede de tijolos, mas naquele

momento tinha sido reduzido a pedregulhos.

— Você foi a última pessoa a falar com ele, a única que ele não odeia. Pense, ele deve ter dito alguma coisa! — gritou para ela. As mãos fortes as chacoalharam conforme as palavras eram ditas. — Pensa! Por favor, estou te implorando, Amália… Não posso perdê-lo também.

O terror nos olhos dele foi o que bastou para ela se libertar da paralisia na qual se encontrava. Ele a soltou e enxugou o suor do rosto, Vanessa os assistia atentamente, segurando o celular contra o peito como se fosse um crucifixo. Todas as expectativas estavam nela.

Amália tentou. Theo a dissera tantas coisas, havia sussurrado em sua orelha, com aquela voz rouca e arrastada pela qual era maluca, uma letra mais marcante que outra. Era difícil lembrar de cada uma. Aflita, ergueu as mãos à cabeça, entrelaçando os dedos na base dos fios como se pudesse arrancar deles a informação necessária. Suava, tremia. Desejava ser tomada pelo vento da Baker Beach para não se sentir tão sufocada… *minha antiga casa.*

O hospital ao seu redor sumiu. Amália se viu no Alamo, deitada no peito de Theo, apreciando o mormaço do sol que não tinha nem metade do calor irradiando do corpo dele. Ela se lembrou de sua pergunta sobre o local onde gostaria de morrer, e como uma coincidência divina, lá estava.

— Sua antiga casa! — Os olhos de Phil brilharam. — Em Sea Cliff, ele me disse… Tenho certeza, só pode ser lá.

Em menos de um segundo, ele segurou a mão de Vanessa e juntos correram para o elevador. Amália correu atrás.

— Espera! Eu vou…

— Não. — Ele parou. — Você fica.

— Não! Quero ir com vocês…

Amália parou de se debater quando Phil a puxou para um abraço repentino. Ela já estava de saco cheio de surpresas, mas aquela a surpreendeu de uma maneira muito boa; era um gesto simples, mas que representava toda a onda de sentimentos que os invadia naquele momento.

— Muito obrigado — foi tudo o que ele disse antes de correr.

Ela ficou parada no meio do corredor, vendo-os serem engolidos pelas portas de metal. Estava sem forças para se mover, nem ao menos conseguiu chorar. Ela se arrastou para as cadeiras próximas à parede lateral e fez a única coisa possível: rezar e implorar.

Precisava haver um outro caminho.



“Você disse “você colhe apenas o que semeia”
Então me diga, onde seu jardim cresce?
Você disse que com o tempo a dor iria passar
Parece que o fim está aqui, finalmente”
***All Those Friendly People,* Funeral Suits**

A brisa leve trazia consigo o gosto do mar e tornava a saliva salgada. Se Theo aguçasse os ouvidos e focasse além do farfalhar das árvores, poderia ouvir as ondas quebrando na areia.

A casa em Sea Cliff não era tão espetacular quanto a que moravam atualmente, mas costumava ser perfeita para ele. *Costumava.* A grama do jardim frontal estava alta, algumas trepadeiras se embrenharam na pequena escadaria que levava à porta de entrada, a pintura descascada em alguns pontos. Era um modelo vitoriano que teve seus dias de glória quando as pessoas que ali residiam ainda tinham calor nos corpos.

Ele girou a chave na fechadura, pendurada junto ao chaveiro do carro, e abriu a porta; foi obrigado a empurrar a madeira pesada a pontapés, causando um rangido grave contra o piso. O interior estava frio e iluminado apenas pela luz da lua, uma poeira grossa pairava sobre os móveis cobertos com lençóis, tornando o ar denso. Theo tampou o nariz para não vomitar graças ao aroma fétido de bolor e algum animal em decomposição, mas isso não impediu seus olhos de lacrimejarem. Caminhou até a sala, e mesmo que não conseguisse mais, teve vontade de chorar.

Todos os móveis estavam intactos: sofás, mesa de jantar, prateleiras, o forno onde fez seu primeiro macarrão com queijo e até o carpete grosso no

chão. A única ausência era dos objetos pessoais. Olhando para aquele ambiente, ele só sentia raiva. Nada foi real, pelo menos não para ele, não em sua vida enganosa.

— Puta merda… Por que foi desse jeito?

Andando perdido pelos cômodos, Theo pensou em tudo.

Logo após o acidente de Benjamin, por alguns minutos, imaginou que conseguiria seguir em frente. Para ele, pessoas perdiam seus entes queridos todo dia, e por mais prematura e injusta que fosse a perda, como no caso de Ben — tão jovem e, como diziam os clichês, com a vida toda pela frente —, a dor seria semelhante à uma doença terminal. O choque da notícia o paralisou, colocando em sua frente todos os trágicos fins aos quais estava destinado a partir dali; choraria durante um tempo, mas depois, quando percebesse que não havia nada que pudesse fazer, voltaria a viver. Vez ou outra lembraria daquele fatídico "problema", mas só.

Não era uma comparação muito adequada, ele sabia, mas não importava. A doença o impediu de voltar a viver, de esquecer que poderia morrer a qualquer momento, apenas o feriu mais, segundo a segundo. E agora, se já não bastasse um, encontrou outro tumor, porém diferente do primeiro, esse sempre esteve plantado dentro dele, corroendo as beiradas de sua vida. Só foi burro demais para perceber.

Quando se deu conta, estava parado diante do quarto de Benjamin. Tomou coragem e abriu a porta.

A cama encostada na parede estava arrumada, o espelho empoeirado, a foto de Amália no mesmo lugar. Seus olhos transbordavam pelo rosto, atentos aos piores detalhes: o abajur no chão, estilhaçado em pedaços irregulares de vidro, a mochila da escola nos pés da cama e o tapete esgarçado. Ali que haviam socado um ao outro. Mais de um ano se passou e ele ainda se sentia preso numa sequência infinita de dor e autodestruição.

Adentrou o quarto, deslizando a mão pela parede áspera conforme andava; o cheiro de mofo e toda aquela repugnância era extremamente convidativa. Entrou no closet, próximo ao banheiro, e o fedor velho do restante da casa deu lugar ao aroma caseiro de naftalina, e por baixo dele, o cheiro de Benjamin. Mesmo depois de tanto tempo a suavidade floral ainda tomava conta das roupas penduradas nos cabides, novas e perfumadas, mas vazias. Seus dedos percorreram cada uma das peças, entre elas, a camisa xadrez que, depois dele tanto implorar, Theo acabou dando com uma careta

desgostosa.

Agarrou a manga da camisa — ainda sustentada pelo cabide — com as duas mãos, encostou a testa no tecido e chorou. Esperava um pranto leve, daqueles que aliviam o peito, mas cada lágrima tornava o peso dentro dele mais exaustivo e insuportável, sufocando-o aos poucos. O ar mal entrava nos pulmões e saía de novo.

— Tenho tanta saudade, Ben… Eu sinto muito, me perdoa por favor.

Ele já não sabia mais por que pedia perdão, havia cometido tantos erros; entretanto, diferente do resto de sua vida, pela primeira vez, ele não quis consertá-los. Seu grande desejo era nunca ter nascido. Não tinha tempo a perder, por isso enxugou as lágrimas e deixou o closet.

O quarto ficava próximo ao poste de iluminação da rua, e consequentemente, a claridade amarelada construía formas geométricas através da janela; toda noite Benjamin se queixava que a luz o impedia de dormir, mesmo com a cortina, pensara até em atirar uma pedra contra a lâmpada, mas nunca fez. E foi ali que Theo se sentou: junto à parede, debaixo da janela, engolido pela incandescência de fora. Desejou um último cigarro, mas não tinha forças para fazer mais nada.

Theo buscou a caixinha de lâminas de barbear no bolso direito, pegou apenas uma e deixou as outras de lado. Sempre que girava o objeto afiado com os polegares, o metal reluzia contra a luz da lua direto em seus olhos. Estava tremendo tanto que poderia acabar cortando os dedos. Tinha tantas perguntas sem resposta.

Será mesmo que Deus, com aquela tal da misericórdia, mandaria pro inferno uma alma que só tentava parar de sofrer? Ou melhor, existia um Deus? Ou tudo acabaria ali, no escuro? Iria demorar? Será que vai doer?

Inseguro, apavorado e tremendo de medo, ele tirou a jaqueta de couro.

51- sobre perdas



“Amando e lutando, acusando, negando
Não consigo imaginar um mundo em que você se foi
A alegria e o caos
Os demônios de que somos feitos
Eu estaria tão perdido se você me deixasse sozinho”
***Hold On,* Chord Overstreet**

Phil simplesmente não conseguiu pronunciar aquelas palavras. Avançou outro sinal vermelho, quase colidindo contra um Volvo vindo do sentido contrário; ouviu buzinas e xingamentos, e com todos eles, a voz da telefonista.

— *Senhor? Estou mandando uma ambulância, mas preciso saber qual é a ocorrência.*

Diga, qual é a ocorrência, Doutor Anderson?

Vanessa pegou o celular em seu colo enquanto ele mantinha a atenção presa na rua. Não faltava muito.

— Uma tentativa de suicídio! — gritou com o celular junto aos lábios. — Nosso filho, não sabemos se ele… Como… De que jeito… Sejam rápidos, por favor!

Vanessa nunca havia se mostrado tão forte, pelo menos era o que aparentava. Desde que deixaram o hospital com a certeza de onde Theo estaria, ele não a viu derramar nenhuma lágrima, mantinha-se atenta, concentrada; já ele estava a ponto de sofrer um ataque cardíaco, tinha idade para isso, afinal. Segurava o volante tão forte que os nós dos dedos ficaram brancos.

O momento de não acreditar no que estava acontecendo tinha passado, e agora estava totalmente imerso nessa nova realidade. Phil era incapaz de se imaginar, algum dia, perdendo seus filhos, mas todos os pais em alguma parte da vida já se viram pensando nesse ultraje, mesmo que por breves segundos. E em nenhuma vez durante esses pensamentos, ele chegou a cogitar um suicídio. Poderiam sofrer um acidente, adoecer, levar um tiro… mas nunca isso. E foi sempre o perigo mais próximo.

Era uma metalinguagem: Phil trabalhava com cérebros, o órgão mais complexo do corpo humano, e no fim das contas seria destruído por essas complexidades. Seu filho seria. Os perigos escondidos no lóbulo frontal, parietal, ínsula e todas as outras partes eram tão fatais quanto qualquer outra doença.

— Vá mais rápido, droga — Vanessa pediu após desligar a ligação.

Ele olhou o velocímetro no painel, estava a quase noventa quilômetros por hora. Essa velocidade pelas ruas íngremes de São Francisco e com a escuridão da noite era extremamente perigosa, tanto para si quanto para as pessoas em seu caminho, mas era irrelevante. Pisou ainda mais no acelerador.

Quando enfim cruzou a primeira esquina da rua principal de Sea Cliff, seu coração parou de bater.

Mesmo à noite foi possível ver o carro que havia emprestado a Theo totalmente mal estacionado na calçada, como se ele não tivesse tido tempo suficiente — ou apenas não se importava — para pensar nos detalhes técnicos. Eram menos de 150 metros, mas a distância pareceu eterna.

Quase não esperou as rodas do carro pararem de girar para saltar do veículo, e algo dentro de si o mandava deixá-lo ligado. Avançou na frente de Vanessa, muito mais rápido do que ela conseguia se mover, e entrou na casa, nocauteado pelo fedor amargo que evidenciava todos os meses de sol e chuva nos quais ela permaneceu trancada como uma arma biológica. Já sabia exatamente para qual cômodo deveria ir. Saiu trombando com as paredes até chegar no quarto de Benjamin, onde ele se viu mais de 365 dias de volta ao passado.

Ele estava no hospital diante da mesa com o corpo de Ben. Mike debruçava sobre o garoto, pressionando o peito sem vida numa massagem cardíaca dolorosa, mas os sinais continuavam estáticos. O amigo gritou algo para Phil, mas ele não ouviu nada. Até que foi empurrado para trás e Karen,

a médica geral de plantão naquela noite, entrou em ação. Havia deixado seu filho morrer.

Caiu de joelhos diante do corpo gelado de Theo, dentro da enorme e assustadora poça de sangue. Ele estava encostado na parede, a cabeça levemente tombada para trás como se apreciasse um lindo céu estrelado, os braços apoiados no chão transbordando o líquido grosso. Phil tocou o corte no pulso esquerdo, trêmulo… Os anos de faculdade, residência e doutorado pareceram inúteis. Pressionou dois dedos contra a artéria carótida, localizada no pescoço, e sentiu uma pulsação tão fraca que quase não existia.

Estava morrendo.

No mesmo instante ouviu o gemido sôfrego de Vanessa, logo depois ela se ajoelhou ao seu lado, quase debruçada sobre o corpo dele. Ela tocou o peito de Theo, em seguida segurou seu rosto.

— Ele está frio… Tão branco. — Ela se virou para o marido. — O que fazemos?!

O que fazer? Phil olhou para ele.

Theo já não tinha mais o rubor natural das bochechas, seus lábios — antes tão vermelhos quanto seus cabelos — estavam da mesma cor da pele: brancos como papel. Ele assistiu a vida toda passar pelos olhos, como as pessoas sempre diziam que acontecia quando estavam à beira da morte, mas não a sua vida… a dele. Theo era só um bebê na incubadora, tão frágil com seus meros um quilo e trezentas gramas; era uma criança com personalidade demais que, após assistir *A Família Adams*, passou a fazer birra se o pai fosse vesti-lo com alguma roupa colorida; passou a ser um garoto que acabava de descobrir um talento extraordinário para fritar ovos; por fim, era um jovem que havia parado no quintal diante dos pais, e em silêncio, pedido socorro. Como Phil não percebeu que ele não sorria mais da mesma forma?

Não ia deixá-lo morrer.

Cuidadoso, ele pegou o braço direito de Theo e o estendeu para Vanessa.

— Segura para cima, no alto, entendeu?!

O sangue escorreu pela mão da mulher conforme Phil tirava o cinto de sua calça e o enrolava acima do cotovelo, o mais apertado que conseguiu. Fez a mesma coisa com o outro, usando o próprio cadarço do tênis de Theo. Depois, ele correu até o closet e pegou duas peças de roupa, não importava quais, e as usou para fazer pressão em cada um dos cortes. Enquanto isso,

colocou a cabeça para funcionar.

Chamaram a ambulância menos de dois minutos antes de chegarem, levando em conta o tempo que a viatura levava para sair de lá, estariam a caminho somente naquele momento. O hospital mais próximo era o Saint Francis Memorial — a mais de dez quilômetros dali — e provavelmente era para lá que o levariam. Isso custaria quase vinte minutos. Theo sangrava além da conta e em breve sofreria uma arritmia, seguida por hipovolemia, quando o volume sanguíneo é tão baixo e, automaticamente, o corpo se desliga. Não tinham tempo.

— Arruma o carro — falou para Vanessa ao amarrar os panos ensanguentados sobre os ferimentos.

— O que? Mas e a ambulância?!

Ele parou, virando o rosto para ela. Sua face estava manchada de medo, mais do que o sangue em suas roupas e mãos.

— Não vai dar tempo.

Foi o suficiente para ela entender. Vanessa alternou o olhar entre ele e o filho e depois se apressou para fora da casa. Se vendo sozinho, Phil segurou o rosto do seu menino entre as mãos, sujando-o com o líquido escarlate.

— Você vai ficar bem. Eu prometo, estou aqui com você… Seu pai… Eu estou aqui, filho.

Ele deu um beijo rápido na testa fria de Theo e se preparou para levantá-lo. Em seus anos de faculdade havia estudado sobre a reação do corpo humano quando colocado sob um desafio de extrema pressão, o cérebro distribui centenas de estímulos aos músculos e proporciona uma força sobre-humana por alguns segundos — minutos até. Ele tinha quase a altura do pai, pesava mais de oitenta quilos, e ainda assim Phil o carregou para o carro com uma leveza entorpecida. Gotas vermelhas fizeram um rastro por todo o caminho.

Vanessa foi no banco de trás, junto dele, e Phil assumiu o volante. A coisa mais viva em Theo, naquele momento, era o sangue deixando seu corpo.

52- sobre finais



“Ninguém disse que seria fácil
É uma pena nos separarmos
Ninguém disse que seria fácil
Mas também ninguém nunca disse que seria tão difícil”
***The Scientist,* Coldplay**

Theo Allen Anderson morreu naquela noite.

Eles rezaram e imploraram, e embora dissessem o quanto eram fortes, na vida sempre haveria algo para enfraquecê-los. Uma pessoa, um medo, uma memória. Às vezes, eles mesmos. É fácil lutar com o meio, o concreto, com seres humanos com os quais lutam guerras físicas, guerras extremamente superficiais. Porém, o maior conflito de todos, travou-se contra o que não puderam ver, apenas sentir.

Um combate corpo a corpo é impossível de vencer quando estão às cegas. Acabam errando todos os socos, mas seus rostos continuarão sendo feridos, e nocaute após nocaute, a dor se torna algo material e, no fim, agarram-se a ela, silenciosos. Remoem seus ferimentos, arrancam as cascas e apreciam aquela dor que os obriga a ver a podridão do caminho em que estão, e não o destino dele. Esse destino, por ser algo novo e incerto, os assusta. E com razão. É possível que ele seja ainda mais tempestuoso do que aquele em que se encontram agora, mas também há uma possibilidade de estarem próximos ao paraíso ou à representação dele. É impossível saber.

A vida é uma corrente de imprevisibilidades, e quase sempre ela não vai seguir conforme os planos. Não importa quantos pontos finais sejam colocados, o caminho sempre continua.

Foi por isso que, ao abrir os olhos, Theo odiou que aquilo não fosse verdade.

Havia uma lâmpada no teto bem acima de sua cabeça, tão branca quanto um portal direto para a salvação, mas a dor que sentia no corpo era semelhante a ser condenado. Era o que deveria acontecer. Mas não, as paredes brancas, o silêncio acolhedor… sabia qual lugar era aquele. Lentamente abaixou o olhar para o resto do corpo e lembrou de tudo.

Seus braços estavam enfaixados, dos cotovelos à base das mãos. Sentia o pinicar da roupa do hospital, típica calça e camiseta azul que já viu médicos usando durante as cirurgias. Odiava ser perfurado, e lá estava de novo: com outra agulha na via intravenosa da mão. Seguiu o pequeno tubo tingido de vermelho até o gancho no alto da parede, onde uma bolsa de sangue O- tinha sido pendurada.

Aquilo só significava uma coisa.

Deitou a cabeça de volta na maca. Estava frustrado, irritado, com medo. Como sobreviveria à bagunça na qual sua vida se transformou? Quando saiu do hospital, não estava nos seus planos voltar acordado para ele.

— Não vou deixar você morrer, Theo.

Ele virou o rosto na direção da voz, vinda do canto esquerdo do quarto, a poucos metros dele. Sentado na poltrona de acompanhantes, Phil o observava com os olhos extremamente vermelhos, como se tivesse fumado muita maconha ou chorado por horas. Usava uma camiseta cinza por baixo da parka verde militar, a calça continuava com algumas manchas de sangue.

Theo foi tomado por uma cassetada de sentimentos arrebatadores, mas um deles falou mais alto: a raiva.

— Que merda tá fazendo aqui? — rugiu. Apoiou-se em um dos cotovelos e ergueu o corpo. A dor nos braços era grande.

Phil se levantou da poltrona.

— Some daqui.

— Theo, para — ele pediu conforme se aproximava devagar.

— Vai embora!

Ele se sentou na cama. As mãos pareciam entorpecidas, com um leve formigamento se sobressaindo à sensação.

— Some daqui, porra! Eu nunca mais quero te ver, nunca mais quero olhar pra sua cara, vai embora…

Phil o abraçou à força. Theo se viu preso contra o corpo dele, tão forte

e pesado quanto o seu, atado pelos braços robustos. Desferiu socos e tapas no peito onde sua cabeça foi obrigatoriamente encostada, mas os toques pareciam carícias de plumas. Ele o abraçou mais forte.

— Não faça isso, não vou sair daqui… Eu te amo. Te amo tanto, tanto…

Ele continuou a sussurrar aquelas palavras enquanto Theo, sem sucesso, o empurrava; a cada movimento tentando se soltar, a agulha presa em sua veia ardia. O contato era repugnante. Porém, depois de tanto lutar, entre gemidos e xingamentos, as agressões diminuíram. A mão sobre o bíceps de Phil perdeu força, e ao invés de afastá-lo, ele agarrou o tecido da blusa, sendo trazido para mais perto do corpo do pai, acalentado pela queimação vinda de dentro para fora.

— Por que fez isso comigo? — murmurou, suas lágrimas molharam a camiseta de Phil. — Por que… O que fez…

— Sinto muito, eu sinto muito, filho.

Eles agravaram o toque e ficaram quietos. Theo era espetado pela barba de Phil, mas não era nenhuma sensação incômoda. As mãos firmes do homem o seguravam como se fosse a cura para o câncer, e mesmo sentindo parte da emoção que tentava transmitir, Theo não conseguia se encontrar por completo. Carregava uma dor que não acabaria com um simples abraço.

Demorou uma eternidade, mas Phil enfim se afastou, mantendo as mãos em seu rosto. Nenhum deles se importou com as lágrimas.

— Como você está? Está bem? Com dor? Não me deixaram cuidar de você…

Theo não estava com saco para aquilo.

— Como teve coragem de fazer isso comigo? — Sua voz estava fraca, mas pareceu alta diante da calmaria do quarto. — Por que acha que tinha o direito…

— Não fala, por favor.

Ele enxugou as lágrimas paradas no rosto do filho, depois afastou-se e sentou na beirada da cama. Theo pôde reconhecer seus movimentos contidos, como se o mais simples gesto fizesse o castelo de cartas desmoronar, ao mesmo tempo, enxergava a ansiedade torturando-o para despejar tudo de uma vez.

— Preciso te contar uma história, como fazia quando era pequeno. Você e seu irmão, lembra?

Mesmo apavorado, Theo concordou. Não tinha certeza se queria lidar com a verdade. Phil limpou a garganta e continuou:

— Hannah engravidou três meses depois de dar à luz. Quando estava com seis meses, ela entrou em trabalho de parto… Nunca tive tanto medo em toda a minha vida. Não sabia se ia beijar ou enterrar meu filho de manhã. Você era tão pequeno, Theo… — Ele deu um sorriso fraco. — Cabia inteiro na minha mão.

Ele olhou para onde Phil havia se referido. Já estavam quase do mesmo tamanho, era difícil de acreditar.

— Você ficou na incubadora por uma eternidade, e durante todo esse tempo, meu mundo parou. Não trabalhei, não passei uma noite sequer em casa, dormi do seu lado todos os dias. Quando finalmente te trouxe para casa, para junto do seu irmão… — Phil inspirou fundo. — Jurei que se dependesse de mim, vocês nunca iam conhecer a dor.

Theo abaixou a cabeça e enxugou os olhos encharcados. Estremecia debaixo do cobertor, sedento por calor humano.

— Ótimo, e qual é o final da história? O que isso tem a ver?

— Quando ela me contou toda a verdade, minutos antes de ir embora, decidi cumprir minha palavra. Para mim, não importava de quem você era, eu te amava. Escolhi te proteger do erro dela, do meu erro por tê-la feito infeliz. Não fiz por mal, não ligava para o escândalo, reputação, dinheiro… só quis te dar a vida que merecia.

— Quem é ele? Meu… — Engoliu em seco. — Meu pai.

Phil arregalou os olhos, visivelmente incomodado com a pergunta que, cedo ou tarde, ambos sabiam que viria.

— Não faço ideia, Hannah nunca me contou. — Ele desviou a atenção para uma parte qualquer do quarto. — Para ser sincero, nunca procurei saber.

Não disseram mais nada.

Theo era o juiz, ouviu todas as declarações e agora precisava pensar sobre a sentença, mas como seria condenar uma mãe solteira que rouba para que os filhos possam se alimentar? Receoso, Phil tocou sua perna; mesmo com a grossa camada de tecido, Theo sentiu o ardor da pele dele. Algo dentro de si o pedia para se esquivar e continuar atrás da muralha ressentida, mas uma voz ainda maior — que ele sabia muito bem identificar — o fazia desejar sua proximidade.

Ele a ouviu e se manteve parado. Quando o homem voltou a olhá-lo, nada mais se via além da dor.

— Nunca imaginei que teriam brigado por esse motivo. Pedi que Ben o protegesse, mas não assim, não a esse ponto.

— Ele tentou me impedir de todos os jeitos possíveis. Pediu, depois implorou, me xingou… até me bateu. — Uma lágrima desceu por sua bochecha. — Só que mesmo assim eu fiz.

— Não sabia disso, não… Imaginava que a pior coisa que poderia acontecer seria você descobrir a verdade.

Phil levou a mão ao rosto, afundando os dedos nas pálpebras molhadas. Theo quis ir até ele, mas não conseguia se mover, nem os dedos sobre o colo pareciam fortes o suficiente para serem estalados.

— Era tarde demais quando notei você. Nunca pensei que fosse capaz disso, mesmo tendo gritado na minha cara tantas vezes, eu estava cego.

O lábio inferior de Theo se agitou, mesmo entre os dentes, ao reconhecer tudo o que havia por trás das palavras e do tom de voz de Phil. Ele olhou para os próprios pulsos enfaixados e para a mancha de sangue em suas roupas.

— Você me salvou?

A pergunta o pegou de surpresa.

— Não, você me salvou, Theo. Não pude cuidar do seu irmão, sei que não havia nada que eu pudesse fazer, mas devia ter sido mais forte, devia ter tentado. Não ia cometer o mesmo erro. Me desculpa por ter sido tão ruim.

Com a mão livre, Theo fez sinal para que ele se aproximasse, tentando ignorar a dor que o atingia ao mover os dedos. Após sair do transe, ele andou até o filho e ocupou o espaço ao seu lado. Àquela distância do pai, o frio que sentia já não era tão intenso.

— Você não é uma pessoa ruim — Theo começou. — Só é uma pessoa boa que tomou uma decisão ruim pensando ser a certa.

Eles esboçaram um sorriso leve. Agora ele entendia aquelas palavras.

— Não tem noção do pesadelo que foi para mim durante todos esses anos — revelou com pesar, assistindo suas lembranças a olhos não vistos. — Não tive uma noite de sono tranquila, temendo que a Hannah, ou até mesmo esse homem, seja lá quem ele for… aparecesse tentando tirar você de mim.

— Isso não vai acontecer. Só não espere que eu te perdoe.

Theo prendeu seus olhos nos dele, ambos marejados e suplicando para

que tudo acabasse logo, embora soubessem que só estava no começo.

Há muito tempo, em uma das inúmeras noites de bebida e sexo com Linda, eles desfaleciam chapados no chão frio do quarto dela, alucinados pelo sistema solar pintado no teto. Ele se lembrou nitidamente da pergunta da garota: “Por que diabos você nasceu ruivo dos olhos castanhos se toda sua família tem cabelos pretos e olhos azuis?”. Na hora ele gargalhou até se engasgar, depois transaram de novo. Agora fazia sentido.

— Preciso de tempo — disse por fim.

— Todo o tempo do mundo. Não quero que me perdoe, mas… promete que vai falar comigo? Me chama, Theo. Pode me odiar, me bater, qualquer coisa, só pelo amor de Deus, não toca em si mesmo de novo.

— Me des…

— Não — interrompeu. — Não pede.

Era melhor assim, pois nem ele sabia se conseguiria admitir o que acabara de fazer.

— Olha, se você… — Phil inspirou com dificuldade. — Se quiser conhecer seu pai verdadeiro, tudo bem. Posso ajudar …

— Eu já conheço meu pai verdadeiro.

O alívio ao dizer aquilo foi tão grande que seu coração voltou a palpitar. Fraco e sem fôlego, ele reuniu forças para uma última fala; apesar de tudo, só desejava uma coisa.

— E eu quero continuar sendo seu filho, se você ainda me quiser.

Phil gargalhou, estendendo a mão para ele.

— Acho que podemos conseguir juntos. Aceita?

Theo olhou para a mão estendida, imaginando que horas antes ela deveria estar encharcada com seu sangue. Eles trocaram um aperto leve, cuidadoso em fazer o mínimo de esforço possível, logo em seguida Phil o puxou para seus braços outra vez, mas agora ele não tentou recuar. A sensação era boa, mas estranha. Estava diante de uma nova realidade, como a da mudança imperceptível em um cômodo qualquer: distante de entendê-la, mas aos poucos ia cair na real.

Ainda acolhido pelo calor do pai, Theo foi afastado gentilmente. Sorrindo, Phil limpou seu rosto e penteou os fios escuros com os dedos.

— Se arruma, você precisa ficar bonito agora — comentou, brincalhão e em prantos. — Tem uma pessoa aí fora que está louca para te ver.



Amália entrou no quarto usando o vestido bordô que ele havia comprado e a corrente prateada no pescoço. Muito melhor do que conseguia imaginar, o caimento nivelou cada uma das curvas como se tivesse sido feito especialmente para ela; diferente da beleza do corpo, entretanto, seu rosto ocupava uma tristeza terrível. A ponta do nariz arrebitado estava vermelha, assim como as bochechas e olhos, onde as íris verdes pareciam ter perdido destaque.

Phil fechou a porta e os deixou sozinhos. Ela ficou parada, de pé, enquanto ele continuava na maca. Nenhum deles ousou desviar o olhar.

— Amália? — Sua voz saiu fraca.

— Oi, meu amor.

Amália subiu na cama e dobrou as pernas, sentada sobre os pés. Theo a assistia calado, entorpecido demais para expressar qualquer reação. Ela estava lá.

— Olha só pra você — ela tocou um dos braços enfaixados —, todo destruído e ainda parece que saiu de uma banda pop.

— Isso é bom?

— Bem, eu amava a *One Direction.*

Aquela era a hora perfeita para fazer uma piada, mas seu repertório feliz tinha zerado. Diante do silêncio tenso, ela segurou a mão que estava livre do acesso. Theo sentiu seu corpo reagir com o toque que tanto ansiou finalmente de volta, retribuindo com um aperto fraco.

Seus olhos se encontraram.

— Você assustou a gente.

— Desculpa.

— Quando te trouxeram, seu pai…

Theo viu o rosto dela empalidecer. Certamente já estava a par de tudo. Era constrangedor.

— Nós, enfim… Você ficou naquela sala por vinte minutos. Foram os piores e mais longos da minha vida.

Amália abaixou o rosto, emocionada. Após tanto sofrimento, a última coisa que ele queria era vê-la chorar novamente. Levou a mão esquerda à sua face inchada e a ergueu de volta. Seus corpos estavam tão próximos que era

possível sentirem o aroma um do outro.

— Você ia… — Ela tentou driblar os soluços e o nó na garganta. — O que ia fazer, Theo? Tem noção de como eu ficaria aqui sem você?

— Sim, por isso te liguei.

Ele afastou a mão, pousando-a de volta no colo.

— Foi a última pessoa com quem falei antes de… — Ele parou, se lembrando da angústia ao ouvir sua voz desesperada. — Você não merecia viver com a culpa disso, não ia suportar que sofresse tanto assim, dói demais.

Frustrada, ela desviou o olhar para as janelas amplas. Os rastros do sol da manhã tingiam o quarto com uma claridade singela de paz.

— Olha pra mim. Eu tô vivo, Amália.

— Isso não é suficiente.

Não era, e disso ele sabia. Theo estava de saco cheio de apenas viver sem os reais sentimentos que davam algum sentido maior à sua existência.

— Quando dormimos juntos, eu olhei pra você de madrugada e estava tão sereno, parecia em paz. E… — Ela fungou. — Pensei que era assim que você merecia ficar, depois de tudo, merecia descansar. Tô disposta a te ajudar a encontrar essa paz.

— Não acho que seja sua melhor escolha — admitiu. — Não quero te trazer pra esse inferno.

— Nós não precisamos descer ao inferno, só temos que ajudá-lo a chegar ao céu.

Aquilo era bom. Theo buscou a mão dela e assim permaneceram. Ele ainda esperava acordar daquele sonho ou, se estivesse morto, da miragem de como seria se continuasse vivo. Mas não precisava acordar, já era real.

— Sinto muito pelo que fiz com você — ele declarou.

— Theo, não…

— Cala a boca, me deixa falar. Eu preciso.

Amália suspirou. Ele sentiu a garganta falha antes mesmo de começar.

— Não tenho justificativa nenhuma. Fiz aquilo pra te esquecer e me arrependi no momento em que te encontrei na minha casa. Não contei pra que não soubesse o quanto eu era ruim.

— Você não é ruim. Não é nem um pouquinho mau.

Como se lesse sua mente, ela chegou mais perto. A vontade de Theo era puxá-la para seu colo se não estivesse tão quebrado.

— Me desculpa, por favor. A pior sensação do mundo é saber que me odeia.

Amália enlaçou seu pescoço, causando uma bagunça maior em seu estômago ao afagar seus cabelos da forma como ele gostava.

— Esse sentimento nunca existiu. Agora percebo, sempre vou querer você.

— Não quero que se arrependa de ser minha de novo.

— A única coisa da qual eu me arrependo é de quando disse que te odiaria pra sempre. Fica comigo.

Seu coração acelerou num piscar de olhos, mas não como o casual desconforto das crises de pânico, era brando. Amália estava pedindo por ele, como uma peça que finalmente se encaixava no quebra-cabeça.

Puxado por um imã, ele acariciou o rosto dela com os dedos trêmulos, decorando cada detalhe, até as minúsculas sardas das quais ela insistia em reclamar e que para ele apenas realçavam sua beleza. Tanto por dentro quanto por fora. Ele estava destruído, partido em um milhão de pedaços, ainda queria chorar, gritar e socar alguma coisa, mas estava disposto a tentar.

Theo a trouxe para si e o beijo selou, de uma vez por todas, um recomeço.

53- dois meses depois



“Nós vamos, vamos nos recompor agora mesmo
Vamos, vamos nos recompor de alguma forma
Vamos, vamos nos recompor e florescer…”
***Up&Up,* Coldplay**

— Namorando?!

Linda se jogou em alguma superfície acolchoada. Era possível ver, uns metros atrás, um cabideiro com dezenas de fantasias bizarras.

— Ele é tão lindo, te coloca pra escanteio rapidinho.

Theo se sentou na cama pois estava a ponto de cair duro no chão. A julgar pelo riso abafado da melhor amiga na tela do celular, não estava conseguindo conter o semblante enciumado.

— Quem é esse cara? Eu conheço? Qual o nome dele? — disparou.

— Não vai investigar ele, idiota. Fica tranquilo, tá? Ele me trata como uma princesa.

— Acho bom te tratar como uma rainha. Se precisar que eu dê um soco na cara dele é só me ligar e pego o primeiro avião até aí.

— Sim, papai. Mas tenho que ir agora, tá vendo? — Ela virou o celular para o ambiente, mostrando um enorme palco com baixa luminosidade e centenas de cadeiras. *— Vamos organizar uma peça, te explico depois.*

— Se cuida, eu te amo.

— Também te amo, bebê.

Um sorriso congelado foi a última coisa que Theo viu antes dela encerrar a chamada de vídeo. Sua vontade era de pular dentro da tela para abraçá-la, em breve as ligações não seriam mais suficientes para suprir a saudade, embora estivesse absurdamente feliz por ela. Linda estava a

centenas de quilômetros estudando para ser a próxima vilã da Marvel, e para variar, era a mais nova comprometida da família — depois dele. Isso bastava.

Ele se levantou e continuou a guardar as roupas na caixa de papelão sobre a cama. O armário ainda estava cheio, sem contar com os sapatos, mas aos poucos o quarto de Benjamin perdia a forma. O carpete tinha sido retirado antes da sua chegada, mas se forçasse a vista poderia ver os resquícios de sangue no piso de madeira.

Havia aprendido algo novo: não dá para fugir das lembranças quando elas estão cravadas em você. As cicatrizes nos pulsos — reduzidas em duas longas linhas finas e ligeiramente tortas — eram só uma parte minúscula delas.

Guardou todas as calças e camisetas em bom estado para a doação, até que chegou em uma especial. Levou a camisa xadrez até o rosto a fim de sentir o aroma gostoso da naftalina, que invadiu seus pulmões até a última molécula de oxigênio; lágrimas brotaram nos olhos, e por trás de tudo, o ligeiro descompasso no peito apertado.

— Theo?

Desperto pela voz, ele se virou quando Phil pousou a mão em seu ombro.

— Tudo bem? — Ele observou a caixa quase lotada. — Posso fazer isso, se quiser.

— Não, relaxa. Lauren disse que eu preciso fazer.

Eles contemplaram a pilha de roupas. Apesar da quietude do quarto, seus corações pulsavam em um ritmo frenético; ambos estavam inteiramente de preto, da cabeça aos pés, com algumas manchas de poeira no tecido e mãos.

— E o corretor? — Theo perguntou. — Qual o veredito?

Phil deu de ombros, orgulhoso.

— Melhor impossível. Só precisa de algumas reformas e consertar o encanamento. Quando acabar pode valer duas vezes mais do que vale agora.

Já era de se esperar. A localização prestigiada em Sea Cliff, combinado à trilha sonora perfeita das ondas do mar, jogava a casa para o topo das disputas imobiliárias. A decisão de finalmente vendê-la partiu de Phil, e durante uma das sessões de terapia em família, mesmo relutante, Theo aceitou.

Logo no início das sessões, depois de colocarem a outra terapeuta —

indicada por Lauren — a par da crítica situação familiar atual, ela propôs um exame de paternidade; segundo ela, precisavam trabalhar em cima de algo concreto. O resultado só comprovou o que esperavam, e foi quando Theo ficou quase duas semanas sem conseguir chamá-lo de “pai”.

— Ótimo, mais dinheiro pra conta — comentou com um sorriso no rosto, voltando a organizar as roupas. A camisa xadrez já estava dentro da caixa.

— O que acha de fazermos algo com isso?

Ele parou. Existia uma animação na voz do pai.

— Como assim?

— Vamos viajar nas próximas férias, de carro para algum lugar bem longe. Lembra quando fazíamos isso?

— Acha uma boa ideia ficarmos trancados no mesmo ambiente por quatorze horas? — duvidou, levemente sarcástico.

Phil pensou por um minuto.

— Bom, levamos a Vanessa no porta-malas por precaução.

O sorriso sereno no rosto de Phil, conjunto ao brilho nas órbitas azuis, provava que era uma proposta verídica, exceto a parte do porta-malas, era mais fácil eles serem enfiados no pequeno compartimento. Theo soltou uma risada esganiçada e o abraçou, fervoroso; ambos tinham voltado a parecer as mesmas muralhas de concreto de antes.

Um barulho grave chamou a atenção no corredor. Vanessa colocou no chão duas caixas de papelão, uma sobre a outra, e pousou as mãos na cintura.

— Uau… seria tão bom se tivessem dois homens adultos e fortes para me ajudarem a carregar isso — ironizou. — Não que eu precise de ajuda, é claro.

Sorrindo, Phil caminhou até ela e estalou um longo beijo em seus lábios. Era bom vê-los assim.

— O homem adulto e forte chegou, com licença. — Ele pegou as caixas e seguiu pelo corredor.

Vanessa entrou no quarto e parou ao lado de Theo. Seus longos cabelos castanhos estavam soltos, jogados para trás por uma bandana vermelha estilo moto clube.

— Vai doar tudo isso? — Apontou para as roupas.

— É o melhor, acho. Não ia conseguir usar nada mesmo.

— Tem certeza? Pensa bem.

Ele revirou os olhos.

— Por favor… é melhor nem começar. Você sabe que eu queria ficar com tudo. — Suspirou.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou. Mas olha o que eu achei.

Ela tirou um DVD do bolso de trás da calça, envolto por uma capa transparente. A parte superior do disco estava riscada com caneta permanente em letras quase ilegíveis, mas não para ele. “Aniversário de 18 anos do Theo”.

Benjamin era amante de coisas antigas, e o gosto pelos DVD 'S entrava nisso. Passava para eles todos os arquivos possíveis na intenção de construir um mural, disco após disco, com memórias vivas demais para serem deixadas para morrer. Sem saber, aquele foi o último aniversário que passou ao lado do irmão.

— Eu levo isso.

Vanessa fechou a caixa e saiu com ela do quarto, parando no corredor.

— Filho?

Theo se virou para ela.

— O aparelho de DVD está no porão, e ainda funciona.

Após ser deixado sozinho, ele visualizou o aparelho nas mãos sujas de poeira e, após constatar o quanto precisava daquilo, desceu ao subsolo da casa.

O cômodo destoava dos padrões de porão assustador e assombrado de filmes como Invocação do Mal. Era arejado por pequenas janelas quadrangulares que permitiam a entrada da luz do sol e frequentado com avidez graças à mesa de ping pong — agora velha e com um dos pés quebrados.

Theo puxou a cordinha que acendia a luz incandescente, iluminando tralhas guardadas em caixas amontoadas por todos os cantos. Na parede oposta, as redes puídas do pequeno gol trouxeram a memória das tardes de sábado, quando os quatro se reuniam ali naquele mesmo espaço pequeno e disputavam partidas horríveis de hóquei, sob a narração falha e atropelada de Vanessa.

O aparelho de DVD continuava no mesmo lugar, atrelado à TV de tubo da época da avó que ele nunca conheceu. Após encaixar o disco, ele se

sentou no sofá comido por traças de frente para a tela e deu sequência no vídeo. Chiados antecederam a imagem tremida de um céu estrelado, logo em seguida, o rosto ao contrário de Linda. Ela pronunciou algum xingamento e virou a câmera para outra direção.

Foi impossível não sorrir.

Benjamin estava em cima do palanque do DJ, diante da piscina lotada de amigos, conhecidos e alguns penetras. Por culpa de Theo, a festa havia tomado grandes proporções devido a sua mania de não fazer distinção entre "populares, irrelevantes e nerds", como outras pessoas costumavam fazer.

Com o microfone na mão, ele chamou o aniversariante da noite para subir no pódio que todos sempre o colocavam e ele fazia questão de ficar. Segundos depois, Theo surgiu na gravação, sem camisa e com uma lata de cerveja entre os dedos; caso não estivesse enganado, tinha enfiado aqueles dedos em alguém minutos antes.

Uma lágrima boa desceu pelo rosto dele ao se ver novamente ao lado do irmão, mesmo atrás de uma tela. No cômodo superior acima de sua cabeça, algo causou um estrondo vibrante de coisas caindo, mas foi um ruído breve comparado à voz que entrava nos ouvidos de Theo, discursando sobre o caçula da família.

Quero propor um brinde a ele, que por incrível que pareça, é meu herói. Ouviu certo, irmãozinho. Você é meu herói.

Todos fizeram silêncio durante a fala de Benjamin. Embora não fosse possível ouvir, Theo se recordava de perguntar quem havia vendido aquela maconha, pois o garoto só poderia estar drogado. Ele ignorou e virou o rosto para a multidão, propondo um brinde do tamanho da atenção que Theo recebia naquela noite: gigante.

O rugido das pessoas saiu da TV e reverberou pelo cômodo. Talvez dando pulos de alegria, Linda movia a câmera tão rápido que era impossível distinguir qualquer coisa na imagem, mas havia algo que ele tinha certeza que foi capturado.

Theo saltou do sofá, e agachado frente ao aparelho, pausou o vídeo. Voltou um *tape* de cada vez, devagar, atento em cada borrão, até que encontrou. Sem tirar os olhos marejados da imagem, ele se sentou no chão imundo e se permitiu apreciar o sonho que um dia havia sido realidade.

No fundo do vídeo, entre o rastro do corpo de Linda, Benjamin o abraçava.

Dava para sentir tudo, literalmente tudo. Theo foi abraçado com tanta força que seus membros doeram, arrebatado pelo cheiro cítrico do protetor solar que Ben passara horas antes. Algo foi sussurrado em seu ouvido pela voz do irmão que ele escutava sem dar valor algum até de fato não poder ouvi-la nunca mais. Hoje, sentado em meio àquela imundice e com uma linha de poeira no rosto, Theo não conseguia se lembrar de quais foram suas palavras, embora as ouvisse nítidas no fundo da mente. Mas não era preciso, vindo de Benjamin, qualquer coisa era como uma profecia prestes a se cumprir.

Ele levou a mão direita à tela fosca da TV, sobre os dois melhores amigos, revivendo cada minuto da noite que considerava uma das mais intensas de sua vida. Theo estava enganado, ele se lembrava muito bem do que lhe foi dito naquele momento.

Ao desligar o aparelho de vídeo para sempre, a profecia de Benjamin se concretizou. Tudo ficaria bem.

54 - amar nunca foi tão libertador



“Eu cumpri minha sentença
Mas não cometi nenhum crime
E erros graves
Eu cometi alguns
Tive minha porção de areia atirada sobre o meu rosto
Mas eu sobrevivi”
***We Are The Champions,* Queen**

— Oi Ben — falou para a lápide. — De novo.

Uma mistura de poeira e terra se concentrava em camadas grossas sobre o concreto, a grama árida e seca debaixo dos seus pés se quebrava a cada movimento do tênis. Demorou para esquentar naquele ano, mas o verão enfim havia chegado.

Theo se agachou e repetiu o mesmo ritual de sempre, mas dessa vez retirou a sujeira apenas das letras que formavam o primeiro nome do irmão.

— Sei que demorei pra vir, desculpa… Só estava tomando coragem. Lauren me disse que eu preciso encerrar um ciclo pra começar outro. — Ele fez uma careta. — Essas coisas.

“Coisas” que o tiravam do buraco um pouco a cada dia. Era a primeira vez que estava fazendo aquilo que o aconselhavam fazer, e estava orgulhoso de si mesmo como não ficava há muito tempo, principalmente porque faziam exatos dezessete dias que não colocava uma gota de álcool na boca. Ainda era cedo para dizer, mas tudo estava nos trilhos por enquanto.

— Acho que você é o último ciclo que sobrou.

O vento soprou, agitando os galhos das árvores que se chocaram em estalos desconexos. Uma resposta.

— Eu vim, mas não só pra isso, pra me despedir também. Não vou voltar aqui por um bom tempo, tenho outros compromissos agora.

Theo deu um sorriso sorrateiro.

— Mas você sabe, né?

É claro que sabe, o grande Ben sabe de tudo. Ele riu dos próprios pensamentos e ficou em silêncio, apenas contemplando o sibilo naquela parte alta do cemitério. Após um momento de quietude, olhou para o nome de Benjamin.

— Sei que já disse isso, é a última vez, prometo… Obrigado.

O alívio no peito foi imediato, como se olhasse o pôr do sol na praia. Paz e nada mais.

— Eu tô muito grato por você ter ido embora da minha cabeça, Ben. Depois de tanto tempo, um ano inteiro… porra, isso é muito bom. Nada dura, nem mesmo você. Sei que isso que tô vivendo agora também pode não durar, mas vou estar preparado se as coisas voltarem.

Pensando melhor, ele negou com a cabeça.

— Quando voltarem, quando. Vou ser forte como me pediu, tenho muita gente do meu lado pra isso.

Theo apoiou um joelho no chão para manter o equilíbrio, levou as mãos ao pescoço e retirou a corrente prateada. Ele observou os pingentes um por um, mas diferente das outras vezes diante de uma memória do passado, só havia gratidão.

Ele deixou a corrente sobre a lápide.

— Me dá um sinal, diz que você tá orgulhoso de mim — pediu.

Algo tocou seu ombro no mesmo instante e o obrigou a sorrir, o corpo ficou tão quente quanto o verão queimando no céu. Era o que precisava.

Theo segurou a mão fina que o acarinhava e se levantou. Amália sorria pelo canto dos lábios, seus cabelos soltos — agora já haviam crescido alguns centímetros e passavam dos ombros — estavam presos atrás das orelhas com a mesma leveza natural. Sempre que ele a via, parecia estar diante de uma obra de arte inédita.

— Tá tudo bem? — a garota perguntou.

— Melhor impossível. — Ele observou a pequena flor branca em sua mão. — Achou?

— Não. Acho que não é época delas florescerem, mas tem essa.

Amália ergueu a flor na altura do peito. Um botão de rosa branca em

miniatura, de pétalas pequenas e delicadas como ela.

— Parece a que você me deu semana passada — completou com um sorriso.

— Não vai querer que eu lembre, né? Já te dei tantas.

Ela riu, guardando a flor no bolso da calça jeans.

Desde que foi aceita em Berkeley, Amália passou a querer pintar todas as flores para que pudesse ter "as melhores atividades extracurriculares". Theo andava na rua vasculhando todos os cantos para encontrar alguma e ver aquele sorriso, até dos arranjos de flores enfeitando as mesas do Saliere ele furtava, mas só porque o alívio da pressão no meio de trabalho o permitia. Henry se ocupava demais com o novo estagiário, e por conta disso ele tinha mais tempo para decidir sobre se inscrever no próximo ano.

— Amor? — Amália chamou, relutante.

— Fala.

— Você acha que ele perdoou a gente?

A pergunta chamou sua atenção. Ele acariciou a mão dela e percebeu como estava suando, a pele fria e sensível. Amália mantinha o rosto erguido em sua direção, ambos diante da lápide, um de frente para o outro.

Theo se questionou com essa mesma dúvida diversas vezes. Enquanto arrumava as coisas de Benjamin, enquanto assistia ao vídeo do seu último aniversário, enquanto estava abalado demais para pensar em sexo, e por isso só voltou a fazer amor com ela um mês depois de sua tentativa de suicídio. Após muito procurar, remoendo a culpa, descobriu a verdade.

Ele segurou o rosto de Amália, roçando os polegares nas bochechas rosadas.

— Não tem o que perdoar, nunca teve. E conhecendo bem o meu irmão…

Fez uma pausa e olhou para a lápide. Apesar de não merecer, Benjamin havia lhe dado o maior presente de todos. Theo prendeu-se aos olhos verdes novamente.

— Ele tá muito feliz — completou.

— Você acha?

— Como não estaria? — Ele sorriu. — Nunca na minha vida eu amei alguém do jeito que amo você.

— Eu também te amo.

Eles trocaram um beijo suave, depois Amália se juntou a Theo, envolta por seus braços quentes. Ficaram assim por longos minutos, quietos e em paz, cada um com seus respectivos pensamentos e com a certeza de que Benjamin os ouvia. Foram embora quando o céu já estava chamuscado pelo pôr do sol.

Theo não estava feliz, ainda não. Eram poucos os momentos em que se via com uma felicidade genuína, mas finalmente parou de fingir que não enxergava o elefante na sala. Todos pararam. Ele se acostumava a conversar, a chamá-la pelo nome ao invés de dizer que estava apenas triste, ou que não queria levantar da cama naquele dia.

Não era felicidade, era… segurança. Se sentia seguro, protegido, com a certeza de que, não importasse a batalha, ele ia vencer.

E isso era muito melhor.

epílogo

“Isso pode ser o final de tudo
Então, por que nós não vamos
Para um lugar que só nós conhecemos?”
***Somewhere only we know,* Keane**

O barulho das ondas, o reflexo prateado da lua no mar e a companhia um do outro eram o melhor presente que eles poderiam se dar. Embora fosse madrugada, a noite só estava começando.

— Acho que eu mereço um prêmio — Theo comentou, chutando outro montinho de areia.

— Por que?

— Por te aguentar por um ano inteiro.

Amália parou de andar e se virou para ele de braços cruzados. Seus cabelos soltos e a barra do vestido vermelho serpenteavam na mesma sintonia.

— Ah, é? É tão ruim assim namorar comigo?

Theo puxou sua cintura, trazendo o corpo dela para si. Ela parecia mais linda a cada dia, se é que era possível, ou era apenas fruto da sensação maravilhosa de saber que ela era inteiramente sua. Faziam exatos um ano de namoro, voltavam de mais uma exposição de arte em meio a tantas que visitaram, e ele ainda se sentia o homem mais sortudo do mundo.

— Ruim, não. — Ele levantou as sobrancelhas. — Difícil? Muito. A sua sorte…

Ele levou a boca até seu pescoço e beijou cada parte dele, arrancando suspiros da garota que considerava o amor de sua vida. Quando chegou ao ouvido, abriu um sorriso travesso.

— É que eu nunca desisto de um desafio — completou.

— Então… feliz *vários anos* de namoro? — ela propôs, sorrindo até expor as gengivas.

— Feliz *vários anos*.

Suas bocas produziram um beijo digno para o cenário perfeito em que estavam. Como tudo em sua vida, Theo ressignificou Baker Beach; não era mais algo do seu passado, mas sim um cenário do momento presente, da sua nova realidade. Era a praia deles.

As costas de Amália encontraram a areia quente e o corpo de Theo cobriu o seu. Suas mãos aproveitaram as curvas que agora lhe pertenciam totalmente, afundado entre as pernas dela e contra a calcinha que estava comprometido a tirar. Entre pegadas e mãos bobas na areia, o calor que emanavam ia muito além da brisa fresca do mar.

Quando ele agarrou sua bunda por baixo do vestido, Amália quebrou o beijo.

— Espera, amor! — Ela o afastou, ofegante. — Não podemos transar na praia.

— Por que não? São umas 2 da manhã, não tem nem ninguém.

Ambos olharam a longa extensão da praia escura e vazia, exceto pelas gaivotas safadas que os assistiam das pedras. Amália o empurrou de cima do seu corpo para se sentar, seu cabelo estava carregado por toneladas de areia.

— E daí? Pode chegar alguém — ela cochichou como se realmente estivessem sendo espionados. — Ou eles podem ficar nos olhando lá de cima.

Theo se sentou ao lado dela, pousando uma mão em seu joelho nu.

— Ok, mas pensa assim: se não transarmos agora, corremos o risco de não transar nunca mais.

Ela semicerrou os olhos diante da sua fala ridícula.

— O que?

— É o Efeito Borboleta — começou, sentindo-se extremamente inteligente. — Nós podemos deixar pra transar lá em casa? Sim, mas podemos levar um tiro ali no estacionamento. Agora se ficarmos aqui na praia, transando, nosso destino vai ser diferente. Vamos sair vivos, ir pra casa e lá… você sabe.

— Transar de novo?

— Já que insiste, tudo bem. — Ele deu de ombros. — A ideia foi sua.

Amália gargalhou e Theo aproveitou para beijá-la em meio àquele sorriso lindo. Logo depois se afastaram o suficiente para conseguirem falar, mantendo as testas coladas.

— Você tem uma lábia impressionante — ela comentou.

— Então eu te convenci?

Sem quebrar o contato dos seus olhos, ela ficou de pé em sua frente. Enfiou as mãos por baixo do vestido e lentamente desceu a calcinha azul pelas pernas, atirando-a sobre ele com o pé direito. Theo levou a lingerie ao nariz, rendido pelo cheiro hipnótico.

— Convenceu.

Ele tomou impulso para se levantar.

— Mas… — ela continuou, paralisando-o. A expressão que moldou o rosto dela naquele momento era a razão dos pecados de Theo, da sua alegria, loucura e vontade de viver. — Só se você conseguir me pegar!

Amália disparou pela praia, pisando descalça nas ondas que molhavam a areia. Theo se levantou e correu atrás dela, dividido. Queria alcançá-la de uma vez e concretizar aquele amor que só eles sabiam fazer, por outro lado, queria diminuir o passo só para vê-la como um anjo iluminado na escuridão da noite, o vestido revelando partes do seu corpo sem pudor algum.

Era uma grande bagunça, mas ele gostava de viver naquele caos.



“Acreditando apaixonadamente em alguma coisa
que ainda não existe, nós a criamos”
Franz Kafka

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom de escrever essa história, por tê-la colocado em minha mente e, por oito anos, não me permitir abandoná-la. Aos meus pais, que sempre incentivaram meu hábito de leitura e escrita, reconhecendo desde cedo meu talento para mudar o mundo. A Ernandes Gomes, meu professor do ensino médio que, através de uma simples carta, me transmitiu a força necessária em todos os meus momentos de incerteza. A Pedro Henrique, meu amigo e um dos principais apreciadores da minha escrita. Agradeço também a todos os meus leitores betas e profissionais que participaram dessa jornada comigo, entre eles Rayssa Sena, Aurora D'amico, Ingrid E. Yoko e Jamille Diaz. Em especial, meus incríveis amigos Gabriela Rodrigues, Marcos Vinícius e Emily Victoria.

Por último, mas não menos importante, agradeço a todos aqueles que duvidaram da minha capacidade de ser alguém. A todos os meus algozes, que me machucaram o suficiente para que eu aprendesse a me curar de todo e qualquer ferimento, e entender que, aqueles que me jogaram no fundo do poço, na verdade sempre estiveram nele.

Finalmente, destino como mensagem final, a todos os meus leitores que sentem-se intimidados e menosprezados. Saibam que ninguém é maior que vocês mesmos. Lembrem-se: vocês podem, vão e conseguirão.